This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

SAL 9028.6

Harvard College Library

BOUGHT WITH INCOME

FROM THE BEQUEST OF

THOMAS WREN WARD

LATE TREASURER OF HARVARD COLLEGE

The sum of $5000 was received in 1858,
"the income to be annually expended
for the purchase of books."

Poetas Brasileiros

CONTEMPORANEOS

MELLO MORAES FILHO

MELLO MORAES FILHO

Poetas Brasileiros

CONTEMPORANEOS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71 — RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES — PARIS

1903

~~Port 8024.1~~
SAL9022.6

Ward fund

PREFACIO

Depois do grande movimento litterario do reinado de Elisabeth, movimento que a historia marcou por um traço de luz, nenhum outro se deu no mundo que possa ser comparado ao movimento romantico.

Presentido, entretanto, em varios paizes da Europa, foi na Allemanha e na Inglaterra onde primeiro se accentuára com intuitos differentes, porém, com igual exuberancia e floração.

Distincto do retardatario romantico francez por sua indole e suas aspirações, o romantismo allemão representou, em seu primeiro momento, não só a reacção contra o jugo estreito da fórma, porém ainda a volta ás tradições mais crystalinas do passado, justificando-se com os exemplos legados da idade média, cuja critica

não ia além do devaneiar dos poetas, e do acolhimento meigo dos nobres senhores e das formosissimas castellãs.

Passando, porém, dos cantares das épocas cavaleirescas, deixando de evocar as sombras solemnes dos seculos, que tão distantes ficaram, os poetas da nova escola, sem de todo abandonar os velhos idéaes, ardendo em patriotismo, estendem a mão aos eruditos, que os guiam em suas concepções arroubadas. E d'ahi á consciente exhumação de dynastias fabulosas, de cantos populares, de reis, cujo poderio humilhava o presente de gloriosos fastos que fizessem despertar á Allemanha cataleptica do aviltamento em que jazia amortalhada, como um repasto ás impassiveis aguias das exterminadoras tropas de Napoleão.

Aos acontecimentos politicos de 1813, entretanto, á agitação nacional que se antecipava á victoria, o romantismo em alarma associa-se decisivo, resgatando do radioso sudario das tradições mortas Frederico o *Barba-Rôxa*, e Rodolpho Habsburgo, cujas figuras historicas se antepunham colossaes á onda marulhosa do dominio estrangeiro.

E as vigilias dos ledores de traçados textos, e a philosophia de Hœgel e de Shelling, fazendo interromper o lyrismo dos sonhadores

e os contos de Musœus, crepusculados do despertar das lendas, desvendam na Grecia antiga os idéaes supremos da arte, seduzindo a natural evolução aos mais alevantados espiritos da renascente época.

Nas avançadas do alviçareiro commettimento em favor do tradicionalismo patrio destaca-se o imponente vulto de Gœthe na sua primeira phase *(Goetz de Berlichingen);* e mais tarde, como objecto da escola romantica, não a Grecia de Pericles, porém tudo quanto a sciencia, a natureza e os sentimentos humanos lhe pudessem proporcionar.

Muitos são os generos de poesia explorados pelos talentos novos, desde os poemas de segunda ordem até o lyrismo mais doce e apaixonado, em que a musa allemã, vaporosa e indecisa, crente e scismadora, dissipava-se em composições geniaes ou mediocres, para altear-se em 1813 ao enthusiasmo patriotico, ao sacrificio dos martyres.

Como symbolo desse periodo de insurreição contra as devastações napoleonicas, como perfil verdadeiramente glorioso da lugubre téla de hecatombes inuteis, isola-se pela grandeza, no travar das lutas e nas trégoas dos combates, Theodoro Kœrner, o poeta-soldado, cujos cantos alentados de patriotismo bellico levantam

phalanges para a guerra, alvoroçam a mocidade para a defesa nacional.

Directamente influenciado pelas idéas de liberdade, aprendidas nos *Salteadores* e no *D. Carlos*, de Schiller, o joven adjudante d'ordens de Lutzow, o inspirado cantor d'*A Lyra e a espada* diffunde o enthusiasmo em seus cantos de guerra, preludia acontecimentos e consagra valorosos feitos.

Mas a morte surpreonde-o nas fadigas, atirando aos quatro ventos do céo o *Canto da Espada*, um dos mais bellos pedaços de sua alma á patria allemã nas antevesperas da libertação e da victoria.

Humilhados os estandartes de Bonaparte, vencida a batalha de Leipzik, a nascente escola prosegue em sua marcha evolutiva, ao tom das correntes philosophicas hœgellianas, e da critica transcendente de Schlegel.

Precursores admiraveis de genios poeticos, isolados promontorios ás cabeceiras do seculo, interpretes de estranhas harmonias, quando a Europa, como que entorpecida, estacára ao eclipse de inteiras nacionalidades, os dous bardos, o inglez William Cooper, e o escossez Burns, preludiam alvoradas de outros sóes, cantando o que a natureza ostenta de mais surprendente, a vida campezina de mais sin-

gelo, o lar da familia de mais affectuoso e eucharistico.

Nada de contrafeito, nada de convencional, nada de fixo, para essas indoles amoldaveis ao turbilhão de impressões, metrica systematica, rythmos que não servissem para lhes fazer sobresahir a inspiração e o sentimento.

Os grilhões da fórma eram por demais pesados, e o flagello das guerras e das revoluções abalava, como um terremoto, o sólo europeu, rubro de sangue e achamalotado de exercitos.

Com a quéda da Bastilha, em 1789, o que de escolhido havia na mentalidade ingleza seguiu diversa rota, tornou-se solidario com as novas idéas.

Esquecendo por instantes velhos rancores, a poderosa Inglaterra sentiu-se dominada pelo remontado pensamento de liberdade, e já no parlamento, ja nos comicios populares, a luta se travou contra o despotismo dos fortes, contra a alliança defensiva das potencias autoritarias, que acariciavam altivas o condemnado principio de supplantar para sempre a consciencia popular.

O povo inglez especialmente, não possuindo todas as liberdades politicas que, durante mais de um seculo, combatia para conquistar, aco-

lheu a reacção de Pariz e os seus mais notaveis representantes nas duas camaras a apoiam, com a convicção aferida pela sinceridade, com as resoluções que, uma vez tomadas, fôra tarefa inutil o amordaçal-as e vencel-as.

A litteratura de então, com muita propriedade denominada — escola classica —, cingia-se na sua maior parte a cantos e contos de factos historicos de tempos immemoriaes, tendo todavia como condição, *sine qua non*, o apuro do vernaculismo, mesmo em suas fórmas as mais extravagantes, tal qual o concebera Gôngora, e que atravessou tres seculos impunemente, fasendo as delicias dos salões francezes e hespanhóes e repercutindo, se bem que pallidamente, nas arcadias lusitanas e nos cenaculos da universidade de Bolonha.

Na joven Allemanha fez-se desde logo um principio de reacção contra essa escola, sendo um dos seus maiores adversarios o poeta Wielland. Más, como a litteratura de além Rheno, então incipiente, pouco ou quasi nada influiu fóra dos limites do seu territorio, esse protesto dos novos obreiros da escola que havia de surgir dentro em pouco, ficou como que soterrado.

Devia sahir de França protesto mais forte, feito com mais convicção e coragem contra o

classiscismo estiolador e infecundo. Coube esta gloria ao maior poeta do seculo dezenove, Victor Hugo, que no prefacio ao seu drama *Cromwell*, se insurgiu desassombradamente contra os preconceitos da litteratura de salão, da arte de encommenda, executada por cortezãos sem espirito, sem talento.

E' facil de imaginar-se o escandalo que produziu semelhante bomba de dynamite no lago manso da aristocracia franceza, que se comprazia na doce torpitude de uma litteratistica barata, sem outros trabalhos intellectuaes de imaginação e saber, que o do conhecimento da lingua e da historia antiga, tantas vezes repisada em insupportaveis *in-folios*, num estylo arrevezado e excessivamente narcotico.

A reacção foi poderosa, ingente, mas o numero de proselytos que se alistaram á nova escola foi tão grande, que os classiscistas não tiveram remedio senão capitular. Pode-se dizer, sem receio algum, que o romantismo foi a escola que mais serviços prestou á litteratura dos povos occidentaes, tal a assombrosa producção de obras que surgiram então. Constitue uma verdadeira avalanche a nomenclatura dos poetas da phase romantica. De 1830 para cá, foi tal a productividade de trabalhos litterarios, que impossivel se torna, mesmo na propria

França, a indicação completa dos nomes de seus auctores.

Como era de prever, ecoou por todo o Occidente o alarido produzido pela fanfarra do prefacio de *Cromwell.*

Introduzido na Inglaterra por Tennyson, na Italia por Fioretti, na Hespanha por Zorrilla e Campoamor e em Portugal por Almeida Garrett ; o romantismo transplantou-se para as tres Americas pelo orgãos de Edgar Poë e Longfellow, nos Estados-Unidos; Juan de Dios Pesa e Manuel Flores, no Mexico; Andrés Bello, no Chile; Eduardo Calcaño, em Venezuela; Guido Spano, na Argentina; e mais expressivamente e com um valor accentuadamente indigena, Domingos de Magalhães e Gonçalves Dias, no Brasil.

Dizer o que foi o periodo romantico n'este pedaço da America portugueza, é fazer o historico completo da nossa vida litteraria. Foi esse o periodo aureo de nossas lettras, aquelle que mais accentuou e definiu a nossa caracteristica intellectual. Certamente não é este o lugar proprio para estudo tão captivante, quão escabroso e complexo. Pois, si grande parte dos nossos poetas ainda reflectem a physionomia dessa escola que encheu quasi todo o seculo desenove!

Logo após o romantismo, depois de haver elle dado tudo que poderia dar, preoccuparam os *hommes de lettres* de Pariz o requinte da fórma, a uns, a vulgarização scientifica, a outros. D'ahi o *parnasianismo*, fundado por Theophilo Gautier, e o scientificismo, creado por Mme Ackermann. Infelizmente estas escolas não conseguiram medrar no solo litterario da França, pois, em menos de um decennio, se estiolaram completamente.

Em fins do seculo passado surgiu na França uma revolta ao romantismo e ao naturalismo — que nunca passou de um romantismo as avéssas, como bem lhe chamou Sully-Proudhomme — capitaneada por artistas e escriptores do bairro latino, com uma esthetica diffusa, um estylo um tanto complicado e rebarbativo e a que denominaram de *Litteratura fim de seculo*.

A primeira impressão foi de ridiculo, de troça nas ródas dos intellectuaes de Pariz. Depois, com o apparecimento de obras reveladoras de merecimento real, começou-se a olhar para ella com mais attenção. Foi então que se dividiu a citada escola em outras tantas, conforme a concepção esthetica de seus auctores. D'ahi a denominação de *decadista*, *symbolista*, *tolstoïta*, *wagnerista*, *nephelibata*, etc.; todos

elles, porém, tendo por fito exclusivo a expressão das cousas e das emoções, por symbolos, fórmas vagas, aereas, vaporosas, pouco perceptiveis.

Esta escola angariou entre nós alguns proselytos, se bem que em quantidade minima. Todavia, é ella incluida nesta collectanea como um movimento de sympathia, uma repercussão do pensamento europeu entre os brasileiros.

No numero dos que denominamos *ultimos romanticos*, se acham poetas que, tendo recebido o influxo da escola romantica, entretanto d'ella se separam por uma fórma particular e mais nova de poeta.

A *poesia scientifica* entre nós não passou de tentativa, que aos proprios introductores desanimou. E' assim que Martins Junior abandonou-a de vez, para se alistar no regimento dos parnasianos; e Sylvio Roméro dirigiu a sua poderosa mentalidade para outros assumptos de historia patria, em todas as suas manifestações, litteraria e juridica.

Aqui vão representados alguns poetas brasileiros filiados ás diversas escolas : — *Ultimos romanticos*, *scientistas*, *parnasianos*, *symbolistas* e os de *transição*, que são aquelles que, embora sympathicos ao *parnasianismo* e ao

symbolismo, todavia não se decidiram definitivamente por um delles. Os representantes das escolas classica e romantica ja foram por nós contemplados no *Parnaso Brasileiro*, de que este livro vem a ser uma continuação, um appendice.

MELLO MORAES FILHO.

Junho, 1902.

JOSÉ BONIFACIO

Suprema visio

(AO CENTENARIO DE CAMÕES)

Quando os degraus da luz o vulto immenso
Galgou, trepando as regiões ethereas,
Que sublimes visões, na excelsa entrada,
O sol por diadema,
Estrellas aos milhões
Por divina emblema,
Surgiram, arrastando áquellas portas
Do mundo inteiro as gerações já mortas!!!

Era um sequito innumero a turba aéria
De reis, de generaes, de magistrados,
De povos mil em vagalhões revolta,
Dando aos clarins da gloria
Na hosanna sonorosa
Os mil echos da historia ;
E sobre aquelle oceano — a immensidade
Da poesia a heroica magestade !

— Eu sou Homero ; o berço disputaram-me
As cidades da Grecia e hoje o tenho
No horisonte sem fim ; escrevo agora
A Odysséa da luz ;
A Illiada dos seculos
Pendurei-a na cruz ;
Canto a familia do homem sem nação
E a patria, do universo a vastidão.

A grande patria grega em suas origens,
Seus deuses, tribus, mythos, dynastias,
Religião, governo, artes, costumes
Na Illiada narrei;
Fiz a biblia do povo,
Fui o oraculo da lei!
A Grecia é Homero, a obra era immortal,
E simples na grandeza o ideal!

Depois da patria enthusiasta e puro
Decantei a familia... oh Grecia, oh Grecia;
Quem melhor descreveu a fé sem quebra
A firmeza na dôr?
Sim, foi a Odysséa
O symbolo do amor!
Mostrei do genio grego o coração,
— Ainda no lar a varonil nação!

Fui eu, não foram, não, os seus guerreiros,
Que invisivel venci junto as Thermopilas,
Em Marathona, em Salamina, e sempre,
Inda mais que poeta,
Eu fui da minha raça
Abençoado propheta!
Dentre as ruinas minha voz augmenta,
Echo das gerações inda rebenta!

— Eu sou Virgilio — o cysne mantuano;
Grande reformador — tentei no verso
Erguer da morta Roma a Roma viva;
E nesta humanidade,
Idéa e tradição,
Velhice e mocidade,
Tudo ante mim na morte hoje se inclina,
A Eneida é o mundo — Roma é a grey latina!

Eis o Messias da cidade eterna,
[illegible]bo annunciei; meu evangelho
[illegible]s a fugida, a queda de Ilion,

As colonias troianas
No Latium abrigando-se
Sob as tendas romanas,
De Lavinia o consorcio, o amor em Dido,
E ao cabo em sonho o povo redimido!

Fui a alma de um cyclo litterario;
Destino, tradição, caracter, gloria
Da republica — Roma, e Roma — Imperio
Symbolisei cantando:
Em torno a mim gravita
Um magestoso bando,
Lucrecio, Ovidio, Horacio e quasi inteira
Da poesia a hoste alviçareira!

A Eneida é um evangelho, a christandade
Ouviu a minha voz; foi a sybilla
Que predisse o reinado messianico:
Lactancio o attesta,
Minha epopéa é um hymno
Da grandiosa festa!
Vivo ainda nos braços dessa cruz,
Onde o clarão poisou de minha luz!

Cresci no tempo; o seculo de Priamo
Já não era o de Augusto, nem a crença
Do divino Platão era a de Homero;
A Roma suzerana,
Altiva mãi dos Cesares,
Era a escrava Romana!
Apostolo novo de uma fé sagrada,
Meu canto foi um hymno de alvorada!

— Vês o esplendor da Musa de Florença
No indomito soldado; a fronte rasga-me
O fundo sulco de meu genio immenso:
Cumpri a minha sina,
Escrevi na viagem
A *Comedia Divina*,
A escada de Jacob Satan me deu,
Fui das trevas á luz, do *Inferno ao Céo!*

Em circulos de gelo e fogo e trevas,
Entre lagos de sangue e mar de lodo
Encandeei o mal, prendi o vicio.
Do portico maldicto,
Na *dôr sem esperança*
Descobri o infinito!
Tive nas sombras um escravo audaz:
Eu era o Dante, e elle o Satanaz!

Cercam-me e torvelinham réos confessos
Da comedia infernal, chamada vida;
Trocaram-se os papeis, o rico é pobre,
O grande pygmeu,
O throno — estrado,
A virtude — trophéo,
Abraça-me, o castigo principia,
Fugiu a noite e já rompeu o dia!

— Eis o Tasso — o poeta da fé viva,
Traz da cruz o estandarte, e canta amigo
Os vinte reis e os seus fieis cruzados!
Na harpa de Solima
Os hymnos de Syão,
Na voz que vem de cima,
No monte Palatino escuta ainda
E cresce a voz... e cresce... e nunca finda!

Oh! lá revoam meus celestes carmes...
Lá no monte sagrado; inda os orvalhos
Das lagrimas do Christo em jardim santo
Acordam na calada
Da noite silenciosa
Minha lyra encantada;
Da igreja inda no escuro santuario
Vê minha sombra o monge solitario.

Cantor da fé — louvei altos prodigios,
E meu amor, á noite sem aurora,
Do Tibre ao Adige e do Arno aos Alpes,

Escuridão sem luz,
Carreguei tristemente,
Como pesada cruz.
Tinha n'alma os brazões que Deus ungia,
E ella o coração sem fidalguia!

Como tu padeci; na agreste senda
Penei, soffri, cantei desalentado
Pela sombria estrada do destino!
Idéa e sentimento,
Minha alma e coração,
Astros do firmamento,
Hoje no empyrio esplendido fanal,
Illuminam-te a entrada triumphal!

— Eu sou Milton, contempla um triste cego;
Trouxe do mundo a luz á eternidade,
Meu *Paraiso* achei, perdi o *Inferno*,
Onde vil se debate
A serpente do mal,
E rosna e sempre late
O cerbéro voraz... tens outro ninho!
Eu vou cobrir de flores teu caminho!

Fez-se a nevoa clarão, alvor a treva;
Meus olhos são dois sóes; aos pés recalco
O archanjo rebelde; infinda a gloria,
Alevantou-me o throno;
Dos páramos ethereos
Milton é quasi o dono!
Olha, sagram-te rei, cantam-te os feitos,
As almas fallam-te, benzem-te os eleitos!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

. . . . . .
. . . . . .

Depois, mudez profunda... o dia eterno
Despontou sobre nuvens chammejantes;
Havia um mar de luz... ouviu-se ao longe
A voz mysteriosa;
Um como som brandinho
De viração ditosa:
Eis a immortalidade, o imperio é meu,
E' Luiz de Camões — abri-lhe o céo — !

O corneta da morte

Toca, toca, avança, avança!
São horas de combater;
São horas, ninguem descança,
Ninguem... vencer ou morrer!
Por toda a parte a peleja,
Feia, convulsa, doudeja,
Sinistro o clarão reluz!
Mais se ennovela a batalha,
Mais turvelinha, e se espalha,
Toca a corneta, Jesus!

Que terriveis estampidos?!
Estronda a fuzilaria:
Ouvem-se ao longe os bramidos
Que vomita a artilheria;
Jesus, depressa a corneta!
Tu és da morte a vedeta,
E dás o grande signal!
Em torno dessa bandeira
Tiras a luz da poeira,
Fazes do toque um phanal.

Cresce o fumo, augmenta, augmenta,
Tolda-se tudo no ar;
Retine o gladio e a tormenta
Do fogo e fumo a estrondar!
Corneta da minha terra,
Chammeja o facho da guerra,
Rebentam jorroz de luz...
Altivo berra o canhão...
Zune a bala, é sangue o chão.
Toca a investida, Jesus!

Nascido humilde, — no seio
Arde-te acceso um vulcão,
Filho do povo — no anceio
Que popular coração ! ?
Como pulsa bronzeo e invicto
Na muralha de granito,
Que a mão de Deus fabricou !
Jesus — accende-se a lucta,
Presas a morte disputa,
Jesus, teu braço voou !

Pouco importa — avante, avante !
Creoulo d'alma viril ;
Pygmeu, fazes-te gigante,
Tu és filho do Brazil !
Oh toca, toca a investida !
Sobre a hoste embravecida
Jesus, um passo, inda um passo !
Aos gritos, pragas e ais,
Sóbe o horror cada vez mais !
E lá se foi outro braço !...

Nasceste, filho do povo,
No berço da natureza !
Da raça de um mundo novo
Tu fundaste a realeza !
Teus pobres braços cortados
Por esse espaço espalhados
Mudos supplicam : — Saudade,
Leva-me ás patrias areias,
Quero quebrar as cadeias,
Patria, patria, liberdade !

Teu sangue é tinta que dura,
Que não se apaga, Jesus !
Fêl-o o Christo na amargura,
Antes de expirar na cruz !

Aquelle suor em gotas
Pelas tuas veias rotas
Talvez goteja tambem!
Tens um horto — o dos escravos,
Tens um calvario — o dos bravos...
Irás ao céo — inda bem!

Teu berço d'ouro esmaltado,
Corneta da minha terra,
Teve um grande cortinado,
— Os nevoeiros da serra!
Nas folhas da trepadeira,
Ao canto da cachoeira,
Tremia o berço no ar!
Que tropical formosura! —
— Foi tua mãe a noite escura,
Quando o sol beijava o mar!

Como são brancas, tão brancas,
As flôres do algodoeiro!
Que musgos pelas barrancas,
Que estalos no palmiteiro!
Brota o astro, e brota a planta,
Tudo sorri, tudo canta,
— Terra e mar e passarinhos!
O sol tem ondas azues,
As ondas frócos de luz,
A luz dourados arminhos!

Ao peso das bagas ruge...
Ruge... ruge... o cafesal;
Desce a tarde, o gado muge
Para as bandas do curral...
Pelas *tapéras* desertas,
Piam as aves... despertas,
Vagam as sombras... que maguas!
Chorae, saudades, nas fontes,
Pelas varzeas, pelos montes,
Na matta nos céos, nas aguas!

Morres grande entre os gigantes,
Limpo, limpo de brazões,
Pequenino como d'antes,
Ao retumbar dos canhões!...
Silencio ! ninguem responde,
Não te fizeram visconde,
Não tens titulo ou medalha ;
Mas, ainda ao som da corneta,
Dança á noite a bayoneta
Pelos campos de batalha !

Tua gloria vaga no ar,
E' quasi um sagrado mytho ;
O marmor póde quebrar,
Não dura sempre o granito.
Na solidão esquecido,
Pobre, sem tum'lo, perdido,
Sem pedra, signal ou cruz,
Tu symbolisas o povo,
Tu és quasi um Christo novo,
Tens o seu nome — Jesus !

BITTENCOURT SAMPAIO

O Canto do Pescador

Na minha ygára vogando
Por estas ondas de anil,
Sentado na pôpa, sozinho scismando,
Desliso, cantando
As glorias que alembram meu patrio Brasil.

Por vela trago esta rama
De verdes folhas que vês ;
A brisa soprando-a, de amores se inflamma,
E foge e derrama
Nos ares perfumes, mas volta outra vêz.

Sinto fome ? a rêde lanço,
Atiro a fisga e o anzol ;
São tantos os peixes que apanho n'um lanço,
Que ás vezes me canço
De estar todo o dia postado no sol.

Mas em breve a quente calma
Vou nas agoas abrandar ;
Já fresco e cantando dirijo minh'alma
A'quella que a palma
Promette de amores bem cedo me dar.

Qu'eu tenho por leito as agoas,
As estrellas por docel,
Na voz doce canto, mais doce que as magoas
Da rôla, que em fragoas
Soluça na ausencia do esposo infiel.

Ai ! si da margem se mira
A garça no azul crystal,
E o collo nas agoas mergulha e retira,
Em quanto suspira
O vento nas folhas do escuro mangal...

Eu gemo triste a cantiga,
Que mais falla ao coração !
Os echos respondem ao nome da amiga...
E n'alma se abriga
Mais pura, mais terna, mais doce paixão.

E volto a vêr a choupana,
Que o dia inteiro não vi ;
Encontro nas praias sentada a Indiana,
Que alegre ,que ufana
Ao vêr-me se apressa, correndo p'ra mi !

Abraço-a ; dá-me carinhos,
Dá-me do seio uma flor :
Beijando-a, lhe entrego doirados peixinhos ;
E ambos sozinhos
Alli nos ficamos, fallando de amor.

Mas logo corre ligeira
A vêr a mãi que a chamou ;
Então lá de longe, parando, a trigueira
Me diz feiticeira,
Sorrindo, accenando : « adeus, qu'eu me vou ! »

E eu vivo, ai ! n'esta vida
Mais feliz do que ninguem !
Minh'alma, de amores vivendo entretida,
Não busca perdida
Gozar d'esses luxos que o mundo contêm.

Que assim na ygára vogando
Por estas ondas de anil,
Deitado na pôpa, sozinho scismando,
Desliso, cantando
As glorias que alembram meu patrio Brasil.

A Lua

Imagem formosa de virgem sentida
Que vive a chorar,
A lua nos ares vagueia perdida
Sem nunca parar.

E' floco de neve
Nas azas da briza levado de leve
Aos astros do céo:
Anjinho saudoso n'um campo de flores
Correndo, cahindo, morrendo de amores,
Da noite no véo.

Espelho de prata nos ares luzindo
Que a terra seduz;
Do sol é sentelha, é astro fulgindo,
E' cirio de luz.

Rainha formosa
De estrellas cercada se assenta orgulhosa
N'um throno de azul;
Seu manto luzente lhe beija o horisonte,
E as ondas e a praia e os valles e o monte,
No norte e no sul.

Amante extremosa, do sol namorada
Desmaia de dor;
Parece açucena de noite calada,
Morrendo de amor.

E' noiva viuva,
Que ás vezes chorando seu pranto lhe turva
O rosto gentil ;
Mas logo se arreia de um brilho que esquece
A dor de um momento que já desfalece
N'um riso infantil.

E' alma perdida no espaço deserto,
Em mesta soidão ;
Luzeiro das trevas — mysterio encoberto
De lindo clarão.

Emblema da vida,
O' pallida sombra de uma alma perdida
Que vive a chorar,
Desprende teu vôo macio, n'um raio
Da terra me leva n'um doce desmaio
Os céos a habitar.

(Flôres Sylvestres.)

PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUZA

Terribilis déa

Quando ella appareceu no escuro do horisonte,
O cabello revolto... a pallidez na fronte...
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão,
Resplendente de sol, de sangue fumegante,
O raio illuminou a terra... nesse instante
Frenetica e viril ergueu-se uma nação!

Quem era? De onde vinha aquella grande imagem
Que turbara do céo a limpida miragem,
E de luto cobrira a senda do porvir?
De que abysmo sahiu?... Do tumulo?... do inferno?...
Póde o anjo do mal desafiar o Eterno,
Da fria sepultura o espectro resurgir?

Deixae que se levante a grande divindade!...
Seu templo é a terra e o mar; seu culto — a mortan-
Enche-lhe o peito largo o sopro das paixões. [dade;
E' a mulher phantasma! Uma visão do Dante...
Dos campos de batalha a horrida bacchante,
Que mergulha no sangue e ri das maldições!

A deusa do sepulchro! A pallida rainha!
A morte é sua vida. Impavida caminha
Ora grande, ora vil, nas trevas ou na luz:
A côrte que a rodêa é lugubre cohorte;
Tem gala e traja luto: é o sequito da morte,
A miseria que chora, a gloria que seduz.

Desde que o mal nasceu nasceu aquelle espectro,
raios· corôou-se! Ao peso de seu sceptro

A terra tem arfado em transes infernaes!...
Do mundo as gerações têm visto em toda edade,
Sinistra, apparecer aquella divindade
Celebrando no sangue as grandes saturnaes!

No seu olhar de fogo ha raios de loucura...
Tem cantos de prazer! tem risos de amargura!...
Muda sempre de céo, de rumo, de pharol!
Aqui — pede ao direito a voz forte e serena;
Ali — ruge feroz, feroz como uma hyena...
Assassina na treva ou mata á luz do sol!...

Levanta o gladio nú em nome da verdade,
Acorda em furia accesa á voz da liberdade...
E no punho viril derrete-se o grilhão!
Como é bella!... Depois!... sem fé, sem heroismo,
Despedaça a justiça, e atira com cynismo
A virgem liberdade aos braços da oppressão!

E'uma deusa fatal! Quer sangue... e atira flôres!
Abraça, prende, esmaga os seus adoradores,
Embriaga-os de gloria e os cerca de esplendor.
E esses loucos, depois de feitos de gigantes,
A tunica lhe beijam ardentes, delirantes,
E morrem a seus pés na febre desse amor.

Quando Attila — o monstro, — o tigre-cavalleiro,
Espumando a correr, calcava o mundo inteiro,
A deusa o acompanhava, e ria-se... a cruel!
Tinha a face vermelha, ardia de coragem,
Dava beijos de amor na fronte do selvagem,
Enterrando o aguilhão nos flancos do corcel!

Era ella que em Roma erguia-se funesta!
O idolo do povo em sempiterna festa!
O amor de Scipião, de Cesar, de Pompeu.
Vergava com seu braço o braço do destino,
Prendeu nações e reis ao monte Palatino,
E em doida bacchanal depois desfalleceu.

Foi de Carlos o Grande a excelsa companheira ;
Deu-lhe o throno de bronze, a espada aventureira,
E o globo imperial... e glorias... e trophéos ;
Quando, no escuro val, Rolando, moribundo,
Embocava a trombeta a despertar o mundo,
Erguia o collo a deusa além dos Pyrinéos !...

Seguiu Napoleão da França até ao Egypto,
Nos mares, no deserto, em busca do infinito,
Das terras do Evangelho ás terras do Koran...
Dos delirios da Europa aos sonhos do Oriente...
Teve medo afinal daquella febre ardente...
Lá no meio do mar prendeu esse Titan.

Ella estava a sorrir, serena e triumphante,
Ao pé de Farragut, o intrepido almirante,
Lá no tope do mastro, emquanto o monitor,
Em doidas convulsões, das tumidas entranhas
Vomitava metralha a derrubar montanhas...
E do mundo arrancava um grito de terror...

Ella estava também — espectro pavoroso —
Do *Amazonas* a bordo, ao lado de Barroso,
De polvora cercada, em pé sobre o convés...
Quando, á voz do valente, o monstro foi bufando,
Calados os canhões, navios esmagando,
A deusa varonil de amor cahiu-lhe aos pés !...

Salve da guerra deusa, archanjo da batalha !
Que vôas no vapor, que ruges na metralha !
Que cantas do combate aos infernaes clarões !
Quando arrancas do bronze os canticos maldictos,
O céo é fogo e aço, o ar — polvora e gritos...
E ferve e corre o sangue em quentes borbotões !...

Salve tu, que nos déste o sonho da vingança !
gladio da justiça, o raio da esperança !

E da gloria cruenta o magico esplendor !
E' para te saudar que brame a artilharia,
E que repete ao longe a voz da ventania
Das trombetas de morte o horrido clangor !...

. . . . . .
. . . . . .

Quando ella appareceu no escuro do horisonte,
O cabello revolto... a pallidez na fronte...
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão,
Resplendente de sol, de sangue fumegante,
O raio illuminou a terra... nesse instante
Frenetica e viril ergueu-se uma nação !...

LAURINDO RABELLO

Adeus ao mundo

I

Já do batel da vida
Sinto tomar-me o leme a mão da morte :
E perto avisto o porto
Immenso, nebuloso, e sempre noite,
Chamado — Eternidade !
Como é tão bello o sol ! Quantas grinaldas
Não tem de mais a aurora ! !
Como requinta o brilho a luz dos astros !
Como são rescendentes os aromas
Que se exhalam das flores ! Que harmonia
Não se desfructa no cantar das aves,
No embater do mar, e das cascatas,
No susurrar dos limpidos ribeiros,
Na natureza inteira, quando os olhos
Do moribundo, quasi extinctos, bebem
Seus ultimos encantos !

II

Quando eu guardava, ao menos na esperança,
Para o dia seguinte o sol de um dia,
De uma noite o luar para outras noites ;
Quando durar contava mais que um prado,
Mais que o mar, que a cascata, erguer meu canto,
E murmural-o n'um jardim de amores ;

Quando julgava a natureza minha,
Desdenhava os seus dons : eil-a vingada :
Cedo de vermes rojarei ludibrio,
E vida alardearão fracos arbustos
Sobre meu lar de morto ! A noite, o dia,
O inverno, o verão, a primavera,
A aurora, a tarde, as nuvens, e as estrellas,
A rir-se passarão sobre meus ossos !
Não importa : não é perder o mundo
O que me azeda os pallidos instantes
Que conto por gemidos. Meu tormento,
Minha dôr, é morrer longe da patria,
Da mãi, e dos irmãos que tanto adoro.

III

Quando da patria me ausentei, não tinha
Nada que lhes deixar, que lhes dissesse
O que eram elles dentro de minh'alma.
Mendigo, a quem cedi pequena esmola,
Deu-me quatro sementes de saudade ;
Ao meu jardim domestico levei-as,
Cavei, reguei a terra com meu pranto,
E plantei as saudades. Soluçando
Chamei alli os meus : « Aqui vos deixo
(Disse apontando á plantação) « em flôres
« Minh'alma toda inteira ; aqui vos deixo
« Um thesouro enterrado. Joias, oiro,
« Riquezas, não, não tem, porém na terra
Esteril não será. » Ondas de pranto
Afogaram-me a voz : houve silencio ;
Palpei de novo o chão ; vi que de novo
Cavado estava ! A terra se afundára,
E as sementes nadavam sobre lagrimas,
Que minha mãi e minha irmã choravam...
Replantei-as, orei, beijei a terra,
E parti... Trouxe d'alma só metade ;
E o coração ?... deixei-o n'um abraço.

IV

Certo estou de que a planta, já crescida,
Terá brotado flôr. Si ao menos dado
Me fosse colher uma... ver a terra
Pelo pranto dos meus sanctificada!
Si uma dessas saudades enfeitar-me
Viesse a minha eça, ou meu sudario,
Ou, pela mão materna transplantada,
Encravar-me as raizes no sepulchro...
E' tão pouco, meu Deus!!... Eu não vos peço
Soberbo mausoléo, estatua augusta
De tumulo de rei. Assaz desprezo
Esses gigantes de oiro
Com entranhas de pó. Mortalha escassa
De grosseiro burel, que bordem lagrimas;
Terra só quanto baste p'ra um cadaver,
E as minhas saudades, e entre ellas
Uma cruz com os braços bem abertos,
Que peça a todos preces. Terra, terra
Perto dos meus e no torrão da patria,
E' só quanto supplico.

V

A morte é dura.
Porém longe da patria é dupla a morte.
Desgraçado do misero, que expira
Longe dos seus, que molha a lingua, secca
Pelo fogo da febre, em caldo estranho;
Que vigilias de amor não tem comsigo,
Nem palavras amigas que lhe adocem
O tedio dos remedios, nem um seio,
Um seio palpitante de cuidados
Onde descance a languida cabeça!

Feliz, feliz aquelle, a quem não cercam
Nesse momento acerbo indifferentes
Olhos sem pranto ; que na mão gelada
Sente a macia dextra d'amizade
N'um aperto de dôr prender-lhe a vida !

Feliz o que no arfar da ancia extrema
De desvelada irmã piedoso lenço,
Humido de saudades vem limpar-lhe
As frias bagas dos finaes suores !

Feliz o que repete a extrema prece,
Ensinada por ella, e beijar póde
O lenho do Senhor nas mãos maternas !

Desgraçado de mim !... Talvez bem cedo
Longe de mãi, de irmãos, longe da patria
Tenha de me finar... Ramo perdido
Do tronco que o gerou, e arremessado
Por mão de Genio máo á plaga alheia,
Mirrarei esquecido! Os Céos o querem,
Os Céos são immutaveis : aos decretos
Do Senhor curvarei a fronte humilde,
Como christão que sou. Eternidade,
Recebe-me a teu bordo !... Adeus, ó mundo !

VI

Já sinto da geada dos sepulchros
O pavoroso frio enregelar-me ...
A campa vejo aberta, e lá do fundo
Um esqueleto em pé véjo a acenar-me...

Entremos. Deve haver nestes lugares
Mudança grave na mundana sorte ;
Quem sempre a morte achou no lar da vida,
Deve a vida encontrar no lar da morte.

Vamos. Adeus, ó mãi, irmãos, e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céos!...
Adeus, que vou viagem de finados...
Adeus... adeus... adeus!

Adeus, ó sol que, amigo illuminaste
Meu pobre berço com os raios teus...
Illumina-me agora a sepultura : —
Adeus, meu sol, adeus!

Flôresinhas, que quando era menino
Tanto servistes aos brinquedos meus,
Vegetai, vegetai-me sobre a campa : —
Adeus, flôres, adeus!

Vós, cujo canto tanto me encantava,
Da madrugada aligeros orpheus,
Uma nenia cantai-me ao pôr da tarde :
Passarinhos, adeus!

Vamos. Adeus ó mãi, irmãos, e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, ceos!...
Adeus : que vou viagem de finados!...
Adeus!... adeus!... adeus!

(Trovas ,

FRANKLIN DORIA

A Ilhôa

Que cabellos tão lustrosos!
Que tornozelos mimosos!
Que negligencia de andar!
Que singelinha! que ilhôa!
Como ella passeia á tôa
Pelas areias do mar!

Pelas areias de prata,
Que seu vestido arrebata
Ao sôpro da viração;
Pelas areias tão finas,
Que conchinhas purpurinas
Esmaltam como um festão.

Diante da sombra sua
A onda, que vem, recúa,
Mais carregada de anil;
E ella, de agradecida,
Da flôr no campo colhida
Pet'las lhe atira gentîl.

O sol da tarde fagueiro
Doira-lhe o rosto trigueiro,
Que nunca o pranto offendeu:
Agora vae apressada...
Ai d'ella! cahiu, coitada!
Mirando as nuvens no céo.

E se alevanta corando,
E volve o semblante, olhando
Vergonhosa em torno a si :
Ninguem lhe a quéda notara ;
Apenas de uma taquara
Grita ao longe o bem-te-vi.

Segue, ilhôa, teu caminho,
Folga e brinca, meu anjinho,
Das praias pela extensão,
Com teus perfumes de infancia,
Com tua doce ignorancia,
Co'a paz de teu coração.

Que fronte ! que fronte bella !
Como lhe assenta a capella
Da flôr do maracujá !
Que seio nú ! oh que seio !
Nem o mais leve receio
De que beijal-o alguem vá!

A onda agora se empola,
Se abate, se desenrola,
Irá molhal-a talvez !
Ella o vestido arregaça,
E despeitosa lá passa
Sobre a pontinha dos pés.

A tarde afinal desmaia :
Parte-se a ilhôa da praia.
Surge aqui, some-se além :
Chegou de sapé á choça ;
A tenra voz já lhe adoça
Um canto, que de cór tem.

Canta dos paes a amizade,
Canta a sua liberdade

E o poder de Jehovah ;
Canta saudosas lembranças
E todas as esperanças,
Que a sua Sancta lhe dá.

Canta a abrir perto á cabana
A florzinha de coirana,
Que cheira como o jasmim ;
Canta seus brandos perfumes,
E a chusma de vagalumes,
Que faiscam no capim.

Canta os murmurios da moita,
E a giboia, que pernoita
Nas tranças do cipoal ;
Na cova escondida a paca,
E a mosqueada jararaca,
Que tem veneno mortal.

Canta a canôa ligeira,
Que se embala aventureira
Entre a espuma a branquejar ;
Canta emfim a sua ilha,
Que á luz das estrellas brilha
Com seu verde kanitar.

E o pescador escutou-a,
Pela mãe-d'agua tomou-a,
Tomou-a, que bem a ouviu :
A cantiga vae morrendo,
E ella vae adormecendo ...
Sobre a viola dormiu.

Oh quem, quem podesse agora
Ver a ilhôa encantadora
Em seu formoso dormir !
Talvez baixinho cantando
A sonhar, ou suspirando
Talvez languida a sorrir.

Amanhã muito cedinho,
Aos chilros do passarinho,
Ha de serena acordar :
E de novo irá a ilhôa
Correr, passeiar á tôa
Pelas areias do mar.

(Enlevos.)

O acompanhamento [1]

Declina o quinto sol do estival janeiro.
Vivo clarão da tarde espalha-se fagueiro,
E doira a face ao mar, onde se passa agora
Scena que attrahe a vista e os crentes afervora.

Ao sôpro do nordeste, airosa uma flotilha
Veleja, demandando o littoral da ilha.
Claro e azul o céu, partiu para a viagem,
Do pôrto da Bahia. Alli vetusta imagem
Da Virgem de Loreto, esmêro d'esculptura,
Fôra encarnada ; e, já brilhante de frescura,
Retorna ao seu altar, inda, talvez, mais bella.
Em procissão maritima a trazem á capella
De que é bemdicto orago, erecta n'um recanto,
Ninho de amor e paz, mansão cheia de encanto.

O barco, portador do thesouro sagrado,
Com velas de alvo brim, e todo empavezado,
Pendente ao mastro grande o pario pavilhão,
Na frente sobresae. Nomêa-se *Tritão*.

(1) Dá-se, na Bahia, o nome de *acompanhamento* a uma procissão religiosa maritima, que é usança privativa, creio eu, da gente d'aquella terra. A scena descripta por mim, nos versos acima, representa uma procissão semelhante, em que a imagem de Nossa Senhora de Loreto, depois de restaurada na cidade do Salvador, foi d'alli trasladada para a capella erecta, com a dita invocação, a Virgen Sancta, na fazenda onde nasci, na Ilha-dos-Frades, não longe da primeira capital do Brazil.

Descanta, no convez, bizarra companhia;
Rude orchestra executa amena symphonia;
E, a trechos, augmentando o festival bulicio,
Estoira lampejante o fogo de artificio.
Seguem, após o barco, arfando magestoso,
Várias embarcações, em prestito pomposo.
Qual pleiteia com outra um parco sem respiro;
Qual pelo instavel chão descreve curto gyro,
E parece brincar; qual n'agua o bordo mette,
E, mais e mais veloz, as ondas accommette;
Qual sobranceira apara o escarceu alçado,
Oppondo-lhe de geito o rigido costado.

Porém a primazia alcança uma canoa,
Que duas velas tem, as azas com que vôa.
Chama-se *Atyaty*, bem como essa ave audaz
Que a nado cruza o mar, e a quem o mar apraz.
N'um tronco de peroba inteiro foi cavada,
A' goiva e á enxó, depois, mui bem lavrada,
E, abastecida, emfim, de aprestos de primor,
Passou do velho dono a joven successor,
Victor, para quem é, não só paterna herança,
Mas um penhor de affecto, e cofre d'esperança.

Ora, á ilha approximado,
O pio acompanhamento
Entesta co'o Porto-Grande,
O mais basto povoado,
Dos pescadores assento.
Que alegria alli se expande
Arrasta morosos passos
O ancião pela senda;
As mães acolhem nos braços
Os filhinhos innocentes;
A moça larga a almofada,
Em que tece argentea renda
Com os bilros estridentes;
A' sombra do joázeiro,
Que aos pescadores agrada,

Nenhum agora fabrica
O munzuá, onde fica
O peixe prisioneiro;
Desinquieto o menino
Bate as palmas, corre, pula,
A doudejar no terreiro;
Fé que a leda multidão,
Affluindo em torvelino,
Na alva praia se accumula,
Para ver a procissão.

Emquanto o jubilo cresce
No alvoroçado tropel,
Cada qual já reconhece
O seu querido baixel.
Mas toda a attenção merece,
Dentro em pouco *Atyaty*,
Que muito esbelta e maneira,
Se accelera na carreira
Sobre o mar, que lhe sorri.

Victor, com dextra segura,
E habilidade exemplar,
Governa a canoa rara
Que, depois de vaguear,
Pela espumante planura,
Na praia da ilha vara,
Como para descançar.
No Porto-Grande nascido,
Hoje, dos annos na flôr,
Acolá Victor é tido
Pelo melhor pescador.
Apenas galhardo enceta
A adolescencia risonha,
Na paterna companhia,
Entra a canoa dilecta,
Com que, desde muito, sonha;
Embalado pela vaga,
Dedica-se á pescaria,
Que ao pescador embriaga,

Com seus lances singulares,
Seus perigos, seus azares.

Com que vigoroso esfôrço,
Maneja elle o seu remo,
E o crava do mar no dorso,
Entre chuva de crystal!
Com que denodo supremo,
E confiança tão cega,
Do vento á forte refega,
Se pendura do brandal!
Quando ás ondas abalança
O corpo rijo e flexivel,
Como se fôra de aço,
E d'agua o resvala ao nivel,
Quem mais longe o nado alcança?
Atravez do humido espaço,
Mergulhando valoroso,
Quem mais fundo que elle desce?
Mais tempo quem permanece,
Mettido no seio undoso?

O longo tracto incessante
Co'o mar, que ninguem domina,
No coração lhe refina
O amor da liberdade,
Impetuoso e pujante.
Na solidão do oceano,
As iras da tempestade
Sereno affronta, em seu lenho;
E, n'esse combate insano,
A que bem cedo se affez,
Corresponde ao grande empenho
Sua heroica intrepidez.

Avança a procissão, com harmonia e graça,
Pela cerulea estrada. O boqueirão perpassa,
Por onde entrando, o mar cinge, nos arredores,
Ilhas gentis. Conforme usança de maiores,

O tróço dos baixeis, que a devoção colliga,
Detém aqui a marcha ante a matriz antiga;
Aos poucos recuando, em circulo bordeja,
Até que fica alli, diante de outra egreja;
Prosegue, e acolá se quêda, reunida
Em frente de uma pobre, arruinada ermida;
E logo proejando as suspirado albergue,
Acérca-se do caes onde a capella se ergue.

Transporta-se, por fim, sobre vistoso andor,
A imagem louçan da Mãe do Redemptor,
A' qual, cheios de fé, ao repicar dos sinos,
Innumeros fieis seguem, cantando hymnos.
Ei-la! no seu altar, a imagem luzente
Da Virgem de Loreto, a sancta Confidente,
A Estrella do mar, que anima e fortalece
O pescador, e lhe ouve a fervorosa prece,
Quando, na dura faina, assiduo se desvela,
Aos risos da bonança, ás furias da procella.

(*Revista Brasileira.*)

J. A. TEIXEIRA DE MELLO

Á Lua

(ESTANCIAS)

I.

Tu vens, perdida por sombras
Que desbotaram-te a côr,
Anjo das mudas ruinas
Em que não brota uma flôr,
Ler-me a página mais triste
Do livro do meu amor.

Debalde te-ergues tão cedo
Das sombras em que dormias!
Não podes, louca! não podes
Dar calor a cinzas frias!
Vae sonhar onde te-entendem;
Vae sorrir a quem sorrias!

Quantas vezes não banhei-me
No teu humilde clarão,
N'esse languido silencio
Das noites na solidão!
Eram lagrimas bemdictas
As que bebias então.

Mas hoje que é finda a crença
Meu amor passou tambem!
Os teus sorrisos agora
Só dôres fadar-me vêm,
Que o teu condão feiticeiro
Só dá ventura aos que a têm.

II

Astro do amor, da dôr e do silencio,
Tu, que aviventas emoções extinctas,
Foco de luz em derredor de trevas,
Dá-me, eu te-rogo, inspirações que sintas!

Irmã do sol, perdida ao pé das noites,
Eterna forasteira, em pós de quem?
Quaes são teus sonhos? que procuras, louca?
Abre-me a seio! Eu amo-te tambem.

Sigo teus passos toda a vez que passas,
Pallida sempre, fugidia e triste,
De que tumulo vens?, Quem é teu guia?
Quem te-ensinou a rir como te-riste?

Quando sacódes sobre a noite as azas,
Lagrimas cahem, garça que não torna —
Como o sereno que a descuido a aurora
Por sobre as flôres-toda riso-entorna!

Tu passas núa, escabellada e muda,
Levada em braços de milhões de anjinhos,
E vais, quem sabe? te-banhar nos lagos
Em que lavam-se o sol e os passarinhos.

Eu te-vejo passar, tão perto ás vezes!
No meu deserto, fugitiva embora!
Tu és o cysne que em meus cantos canta;
Tu és a amante que em meus prantos chora!

Quando vaguêas pelo só das noites,
De tanta luz innundas o caminho,
Que o triste sabiá que espera o dia,
Por pensar que és o sol, salta do ninho!

A terra escalda! as arvores não tremem!
Onde vais, Marion? Douda, que esperas?
Garça que emigras, cysne que procuras
Pos céos d'hinverno eternas primaveras!

Um dia anoiteci orphão de amores,
Poleá da existencia em solo agreste,
E voltei para ti meu pensamento,
E o consôlo das lagrimas me déste!

Eu te-bemdigo em nome dos afflictos!
Quando limpei as lagrimas tranquillo
Pensei no céo e adormeci comtigo,
Pallida irmã das virgens de Murillo.

III

Fonte de encantos novos, tu me-trocas
As lagrimas em gozo!
Eterna Marion, tens novo amante
Em cada desditoso.

Sôpro da morte esvoaçou-me entôrno!
Como tu, vivo só!
Não és tu, Marion, quem me-dê vida
Nem me tire do pó!

Porque trazes, irmã dos pyrilampos,
Teu seio semple nú?!!
Vives, como eu, de azul e poesia!
A poesia és tu!...

Tu tens na face a lividez sombria
Das intimas tristezas,
Que te invejam as flores doentias
Que crescem nas devezas!

IV

Tu sabes segredos que as flôres murmuram :
Tão longe da terra conversas com Deus !
Pois conta-me, virgem, teus castos amores,
Que eu conto-te os meus.

V

Tu vagas sem tino, sultana das noites,
Princeza do reino sem termo do mar !
E cada conchinha que rola n'areia
Te rouba um carinho, te-furta um olhar.

Nas praias desertas que marcam teu reino
Te-sentas chorando, formosa princeza !
E a cada florinha que topas nos ermos
Emprestas um raio de tua tristeza.

E em cada ruina que encontras na estrada
Descansas um pouco, cansada de andar !
Que mão te-encaminha ? que praga, que sina
Suspende-te á noite por cima do mar ?

E deixas as tranças do negro cabello,
Por cima dos hombros beijarem-te os pés.
Porque não encobres com ellas teus seios
Largados aos ventos ? Princeza não és ?

Tu sabes segredos das ondas que dormem :
Por cima dos mares conversas com Deus
Ai conta-me, virgem, teus longos amores,
Que eu conto-te os meus.

Onde és mais formosa? Nos ermos do Norte,
Nas vagas crestadas do sol do Equador,
Nas quentes areias, nas ramas immoveis
Que as brisas não beijam famintas de amor?

Nos campos immensos de eterna verdura
Que o sul acordando festeja primeiro?
Nas bastas macegas que aninham serpentes,
Que acordam raivosas á voz do pampeiro?

Ou n'estas campinas toucadas de relva
Que os mares não beijam nem viram talvez?
Oh virgem das noites, amiga dos campos,
Nas sombras que afastas, que topas, que vês?

Tu sabes segredos que os mortos te-contam.
Por cima das campas conversas com Deus!
Pois conta-me, virgem, teus tristes segredos,
Que eu conto-te os meus.

O dedo que um dia lançou-te no espaço
Como hontem, como hoje, sombria no rosto,
Lançou-me nos ermos d'um valle formoso
Na mais merencoria das noites de agosto.

Quando era criança — nas longas noitadas —
Contavam-me as outras — durante o serão,
Que as manchas que eu via-te ás faces nevadas
Era Eva dormindo nos braços de Adão.

On antes-que, emquanto fiava em seu fuso,
Caim fratricida matava-lhe Abel;
Co'a enxada paterna fazia-lhe a cova...
— Que lendas mimosas! que favos de mel!

Mais tarde... já moço, scismando dè amores,
Pensando na gloria, sedento de fé,
Amei-te os pallores! Por onde passavas
Erguias as campas co'a ponta do pé!

VI

E o pó dos sepulcros, e as vozes dos mares,
Das flôres que morrem, do triste cantor,
São hymnos que inspiras, são prantos que espalhas,
Mas hymnos de festa, mas prantos sem dôr!

JOAQUIM SERRA .

Desafio a viòla

Que ferto estroudora, na rude cabana
Do pae de Rosinha, o velho vaqueiro!
Lá geme a viola e a roda-tyranna
Ha muito que dansam no vasto terreiro!

Faz annos a linda, gentil rapariga,
Orgulho do pae, a rosa da aldeia!
Estrondam roqueiras, não cessa a cantiga,
A casa festiva de gente está cheia!

Provocam-se alegres os moços cantores,
As moças applaudem os mottes e lôas;
As trovas mais ternas, os versos de amores
Promovem sorrisos e palmas e corôas!...

Lá entra na roda a flôr da ribeira,
Retinem os pandeiros, o canto enlanguece...
E a bella Rosinha, puxando a fieira,
Na dansa campestre mais linda parece!

« Tira a cantiga, Cazuza,
Qu'eu nunca estive na escola...
Anda, puxa pela muza,
Qu'está gemendo a viola!

« Canta os olhos da Rosinha,
Esses diamantes azues!
Nunca vi, por vida minha,
Olhos que vibrem mais luz!

« Respondam, qu'eu já não posso
Com os baques do coração!...
Ai, Chico, esse anjinho vosso,
E' anjo de tentação!

Calou-se o poeta, o vate selvagem;
Aceita risonho um outro o duello...
Qual canta melhor? qual leva vantagem?
E o rude bailado prosegue mais bello!

« Menina, que me prendeste,
Eu quero seguir viagem...
Que feitiço será este
Que me atêm n'esta paragem?

« Esse teu rosto divino
Dos olhos tirou-me a luz...
Co'o caminho não atino,
Se p'ra longe me conduz!

« Dizem que teme a esmeralda
A cobra lá no Oriente,
Pois se a fita demorada
Fica cega de repente!

« Deus fundio o firmamento
N'uma noute de luar,
E sem mais outro elemento
Elle fez o teu olhar!

« Lá vem a cruel dansando...
Parece, meu Deus, que vôa!
Que talhe flexivel, brando,
Como a junça da lagôa!

« Nunca vi tanta lindeza
Entre as moças da cidade!
A mais formosa princeza
Não tem esta magestade!

« Na cidade o que me resta,
Uma vez qu'eu te não veja ?
Quero viver na floresta,
Onde vive a sertaneja ! »

As palmas soaram, o joven estudante
Recebe ovações, sorrisos e flores !
Porém lá no fundo do grupo, distante,
Uns olhos o fitam ardendo em furores !

Que dizem esses olhos de tetrico lume,
E os labios crispados do moço que fita
O joven poeta ? Acaso o ciume
Referve-lhe o sangue, o peito lhe agita ?

Quem sabe ? No emtanto começa de novo
Ao som da viola o canto e a dansa,
Um velho patusco, querido do povo,
Vem pela belleza romper uma lança :

« Aonde escondeo-se o Chico,
O noivo da rapariga ?
Ardor de zelos, meu rico,
E' peior do que de ortiga !

« Salte o noivo para frente,
Venha dansar a tyranna !...
Não 'steja assustando a gente
Com olhos de sussuarana !

« Haja verso ou haja prosa,
Ninguem furta o teu thesouro !
Libe a abelha a fresca rosa,
Deixe zumbir o bezouro !

« O' Chico, deixa-te d'isso,
Que o ciume é cousa feia...
Olha a Rosa, o teu feitiço
Como dansa e sapateia !

As vozes amigas do velho Narciso
Um pouco acalmaram do noivo os furores!
Se achega do grupo, ensaia um sorriso,
E finge cantar co'os outros cantores.

Rosinha abeirou-se do amante arrufado
E trouxe-o faceira p'ra o meio do bando.
Adeus, nuvens negras! E' tudo acabado,
Os noivos se enlaçam e fogem bailando!

E o sol escondeu-se por traz da cabana,
Lançou sobre a varzea fulgor derradeiro;
Não cessa no entanto a roda-tyranna
Que dansam os convivas no vasto terreiro!

(Quadros.)

SANTA HELENA MAGNO

A Secca no Ceará

O sol do Novo-Mundo, o sol que em resplendores
O firmamento alaga e accende em vivas côres
De opalas e rubis;
O sol, que doira a coma ás selvas viridantes,
E enchera de ambrosia os caules odorantes,
De mil flôres gentis;

Almo sorrir do Eterno, olho da Providencia,
Que no germen fecunda o mysterio existencia
Ao provido calor;
O sol, que faz vingar no campo a farta messe,
Que o fructo nos sazôna, e os membros nos aquece
E infunde-nos vigor;

O sol, que bemfazejo á festa do trabalho
Aqui preside e anima, e á noite o doce orvalho
Como benção gotteja;
Além, como um flagello, assola a terra ardente,
E, não já doce luz, mas lava incandescente,
Sobre os campos dardeja!

Olhai: — pela amplidão dos páramos desertos,
Na planura sem fim, nos serros descobertos,
Não brota a planta agreste, ou desabrocha a flôr;
Adusto o negro o chão, nem mesmo o cardo nutre;
No ar nem vôa ave: apenas negro abutre
Companheiro da morte, habita em tanto horror!

Abobada de fogo, o céo a terra esmaga;
A natureza inteira afoga-se na vaga

Que implacavel o sol lhe atira sem cessar!
Não ha sombra nem véo que tanta luz embace;
E o firmamento azul sorrindo mostra a face
Como escarneo pungente a tanto agonisar!

Na amena placidez das noites estrelladas
Não corre alli frescor das brisas perfumadas,
Nem refrigera a terra o rocio matinal;
E o vento que atrevessa a planicie tostada
E' como a exhalação da furna incendiada,
Como o simoun que varre o libico areal!

Senhor, basta de luz! das nuvens no sudario
Amortalha esse sol, o facho incendiario
De fulgores lethaes;
Descerra agora, ó Deus, do abysmo a cataracta
E applaca a sêde atroz, que os homens punge e mata
Em torrentes caudaes!

Sequioso e faminto o gado muge errante
Em busca d'agua e pasto; a nuvem doudejante
D'aves atrôa os céos;
Brutos e vegetaes, tudo que vive e sente.
Pelos labios de fenda a terra exhausta, ardente
Tudo clama por Deus!

Da montanha nas quebradas
Caminha uma turba inteira:
Basta nuvem de poeira
Nas azas leva o suão:
São todos rostos qüeimados,
Labios da sêde gretados,
Semi-nús, esfomeados,
Fugindo ao quente sertão!

Successivas caravanas
Já nas estradas transbordam;
Do valle os echos acordam

Dos tropeiros ao rumor :
Na marcha desordenada,
Na presença esgazeada,
Semelham horda accossada
Do inimigo vencedor.

Onde vão ? sinistra força
Os expellio de seus lares !
Não mais os doces cantares
Quebram da noite a mudez.
Sómente flebeis accentos
Nas azas voam dos ventos,
Dos homens e dos armentos,
Das aves, como da rez.

Como o proscripto do Eden
Levam na fronte abatida
O desespero da vida,
Do soffrimento o signal !
Como elle, de *fogo a espada*
Lhes impôz a retirada
Da triste patria abysmada
Em catastrophe fatal.

Eil-os caminho das plagas
Onde ha rios caudalosos ;
Dos ferteis valles umbrosos,
Das frescas ribas do mar :
Além, na farta cidade,
Lhes acena a caridade
Com doce affago ; — quem hade
Pão ao faminto negar ?...

Mas ai ! o deserto é longo !
No esbraseado horisonte
Oasis não ha, nem fonte

Que refocille o viajor ;
Na extensão que a vista alcança,
Onde a chusma afflicta avança,
Desmaia á muitos a esp'rança
Entre o cansaço e a dôr.

Oh Deus ! que funebres scenas
De miseria e de agonia
Teu sol formoso alumia
Nesses aridos sertões !
Alli ha homens roidos
Do abutre — fome ; incendidos
Olhos de sêde ; — gemidos
De quebrantar corações !

Nova Agar aqui no solo
Depõe semi-morto o filho,
Dos olhos extincto o brilho,
Labios seccos a estalar ;
E segue exangue sem vida,
N'um mar de angustia perdida,
Porque a alma estremecida
Recusa vel-o expirar !...

Além é um velho que morre
No desamparo da estrada,
Por leito, a terra abrasada,
O sol por mesto brandão ;
Em torno a orchestra de gritos
De esposa e filhos afflictos,
Resôa nos infinitos,
Nos echos da solidão !

Longe, além, por toda a parte,
Pela planicie pulvérea,
Do poema da miseria

Lêm-se as estrophes fataes ;
E o vento, que passa ardente
Por essa plaga inclemente,
Murmura no voz plangente
A nenia dos funeraes !...

E vós, cuja alma terna e maviosa
Ensombra o quadro deste immenso horror,
E em cuja face rola descuidosa
Lagrima doce de sincera dôr ;

Vós, á quem dadivosa Providencia
De sorrisos enflora a paz do lar,
E adoça o travo amargo da existencia
A voz da infancia e a luz de um meigo olhar ;

Abri as mãos — deixai cahir a esmola
No regaço do misero infeliz
A quem a angustia intima desola
E a fome abate a pallida cerviz !

Esses, que a fome esqualidos tornara,
E estendem, a pedir, supplices mãos,
São todos filhos desta patria cara,
Irmãos nas crenças e no sangue irmãos !

Cruel destino fel-os n'um momento
Indigentes de pão, orphãos de amor ;
Dai-lhes vós compassivo lenimento
Ao pungir do infortunio, ao fel da dôr !

Enxugue o pranto a mão da Caridade
A predilecta filha de Jesus ;
Cale-se a voz dolente da orphandade ;
Pão aos famintos e vestido aos nús !...

(Parnaso Brasileiro.)

MACHADO DE ASSIS

Uma creatura

Sei de uma creatura antiga e formidavel,
Que a si mesma devora os membros e as entranhas
Com a soffreguidão da fome insaciavel.

Habita juntamente os valles e as montanhas,
E no mar, que se rasga á maneira de abysmo,
Espreguiça-se toda em convulsões estranhas.

Traz impresso na fronte o obscuro despotismo...
Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
Parece uma expansão de amor e de egoismo.

Friamente contempla o desespero e o gozo,
Gosta do colibri, como gosta do verme,
E cinge ao coração o bello o monstruoso.

Para ella o chacal é, como a rola, inerme;
E caminha na terra impertubavel como
Sobre o rubro areal um vasto pachiderme.

Na arvore que rebenta o seu primeiro gomo
Vem a folha, que lento e lento se desdobra,
Depois a flôr, depois o suspirado pomo.

Pois essa creatura está em toda a obra:
Cresta o seio da flôr e corrompe-lhe o fructo;
E é nesse destruir que as suas forças dobra.

Ama de igual amor o polluto e o impolluto;
Começa e recomeça uma perpetua lida;
E sorrindo obedece ao divino estatuto.

Tu dirás que é a morte, eu direi que é a vida.

Circulo vicioso

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume :
« Quem me déra que fosse aquella loura estrella,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela ! »
Mas a estrella, fitando a lua, com ciume :

« Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que, da grega columna á gothica janella
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella... »
Mas a lua fitando o sol com azedume :

« Misera ! Tivesse eu aquella enorme, aquella
Claridade immortal, que toda a luz resume ! »
Mas o sol, inclinando a rútila capella :

« Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbella...
Porque não nasci eu um simples vagalume ? »

(Poesias completas.)

Leocadia

Livro de luz, em que o Senhor medita,
E ás mãos dos anjos não é dado abrir,
Onde as estrellas aprenderam juntas
Com as rosas puras a chorar e a rir;
Alma, que dá-se em alimento ás flôres,
De cuja essencia a creação trescala,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
A voz da santa, que do céo vos falla...

Vós sois na terra a incarnação brilhante
Do sacro amor que a vossos paes adita,
Rutila estrophe de um poema d'ouro,
Livro de luz em que o Senhor medita...
Lagrima d'alva, que no seio calido
Da nuvem rubra vos deixou cahir,
Pagina alvissima em que Deus escreve,
E as mãos dos anjos não é dado abrir.

Virgem serena, a cujos olhos timidos
A lua gosta de fazer perguntas,
Biblia celeste de mysterios castos,
Onde as estrellas aprenderam juntas,
Com as brisas tenues, a dizer as queixas
D'alguma dôr que só Deus póde ouvir,
Com as ondas cérulas, com as auroras pallidas,
Com as rosas puras a chorar e a rir;

Fronte em que passam d'outro mundo as scismas,
Rosto bonhado em matinaes albores,
Peito onde arquejam do infinito as vagas,
Alma, que dá-se em alimento ás flôres,

Mimo do sol, que vos attrahe os raios,
E as vossas graças pelo céo propala,
Vós sois a alvura dos eternos lyrios,
De cuja essencia a creação trescala.

E quão piedosas não serão as preces
Dos vossos labios divinaes, risonhos!
Tranças esparsas, joelhada, extatica,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
Por entre os cantos das espheras lucidas,
E os ais sentidos que o universo exhala,
E os sons mellifluos do psalterio angelico,
A voz da santa que do céo vos falla!!

(Dias e Noites.)

LUIZ JOSÉ PEREIRA DA SILVA

Riachuelo

POEMA

EXCERPTO DO CANTO III

XLIV

Pouco a pouco a distancia desparece;
Nos ares as bandeiras vão tocar-se;
Um a um, no tamanho, o vaso cresce,
Que caminha, já perto, e vem chocar-se
No costado, onde o estrondo recrudesce.
Cada bronze desperta, ao despejar-se,
Os échos simultaneos, e estridentes,
Que mil trovões imitam permanentes.

XLV

Avassalando os échos treme o ar
Cortado por mil laminas de brasa,
Vivas sempre e accesas, sem mudar;
Como de Satanaz se a rubra aza,
Dos infernos erguida alli mostrar
Viesse ao mundo quanto mais abrasa
O fogo desta guerra que o do raio
Tardio de punir o paraguayo.

XLVI

Depois se quebra a lei de natureza :
Mudado o sol em fumo se escurece,
Do dia foge a luz, foge a belleza,
E nas azas de fogo a noite desce !
Suspende o rio a viva correnteza,
Mudando em sangue a onda que enrubesce,
E treme o abysmo amedrontando as féras,
Tombando os robles das antigas éras.

XLVII

Abraçam-se em novellos ar e fumo,
Misturam e desfazem-se rolando ;
O vento sopra, eleva-los a prumo,
Cessa o vento, vão logo se apartando
Brandas nuvens, correndo, mas sem rumo.
Dissereis casco, enxarcias se abrasando
N'um incendio geral sem labaredas, ,
Laminas rubras pelas chammas tredas.

XLVIII

Luctando com a terra a canhoneira
Que de um rio brazileo se chamára
Jequitinhonha, accêsa uma caldeira,
Distante dos mais vasos se postára.
Era alli a coragem altaneira
Que os canhões da barranca desafiára ;
Era alli quasi um cento de valentes
Contra mil inimigos combatentes.

XLIX

Contra mil, porque os outros, abrigados
A sombra espessa de floresta escura,
Em punho as armas, quêdam-se abysmados
D'esse arrojo que a tanto se aventura.
Mas ai! que negra sina e negros fados
Decretáram tamanha desventura?
Sobre pedras se arrasta a forte quilha,
E o vaso se adornando desmantilha.

L

Nem vossa, Secundino, a culpa sendo,
Tambem não pesa sobre quem mandava;
A culpa foi da vaga, pois, descendo,
De manso e manso o vaso arrebatava;
Nem a falsa versão dizer pretendo
Que a terceiro tal perda se imputava,
Porque ao pratico fido cede a sorte
Primeiro que ao navio triste morte.

LI

Atravessa o costado á correnteza,
A prôa á esquadra ,mas a pôpa á terra,
Onde está toda a imiga fortaleza.
Descoberto o convés alli aferra
O contrario seus tiros com crudeza;
Nascimento no rio já se encerra,
Benedicto, Sant'Anna e Oliveiro,
O bravo Motta, Lopes e Ribeiro.

LII

Quasi o resto da gente sae ferida
Na lancha ao *Beberibe* transportada,
Chica da Palomêra conhecida
E a bôca da prôa demandada
Da *Ypiranga* ligeira na descida
Em soccoro da misera encalhada;
Alli lh'estronda dentro bomba ardente,
Que parte e rompe o contra do dormente.

(Riachuelo.)

FRANCISCO MONIZ BARRETO FILHO

Desalento

Perdida vejo a esperança
Que em teus olhos me sorriu!
Resta-me só a lembrança
De um passado, que mentiu,
E, como elle fugiu,
Perdida vejo a esperança!

No outono da minha vida,
Que sinto ja despontar,
Para que, visão querida,
Vens meus sonhos afagar?
Que posso mais esperar,
No outono da minha vida?

Bem vês: dentro de minha alma,
O desengano ceifou
A crença, viçosa palma,
Que ao teu sorriso brotou;
O que fui, o que hoje sou,
Bem vês: dentro de minha alma,

Não redobres a tortura
De meu tantalico amor!
Já que me foge a ventura,
Foge, espectro encantador!
Não rias de minha dôr,
Não redobres a tortura!

Basta que fique a saudade,
Povoando a solidão
De um peito que, por vontade,
Ja não tem mais coração;
Vae-te, angelica visão!
Basta que fique a saudade.

Confissão de um velho

(IMPROVISO)

Quando contemplo o divinal sorriso
Que brota de teus labios tentadores,
Como brotavam as primeiras flôres
No chorado terrestre paraiso ;

Quando contemplo a angelica ternura
Que transparece em teu olhar profundo,
Como benção do céo que, n'este mundo,
Viesse redimir a creatura ;

Quando enlevado, absorto nos encantos
De teu gentil e majestoso porte,
Vejo apagada a estrella de meu norte
Nos infinitos estrellados mantos ;

Quando, ou falles ou cantes, Deolinda,
Ouço de tua voz o som mavioso,
Que me enche o coração de infindo goso,
Que n'elle acorda uma saudade infinda !

Quando em teu ser contemplo resumidos
Os prodigios do Ser Omnipotente ;
Me prostro então humilde e reverente,
Chorando meus vinte annos já perdidos !

A Filha das Montanhas

(ELEGIA)

Esta viveu no meio das montanhas :
Foi seu passar um vôo de andorinha
A' flôr de lago azul, seus verdes annos
Contaram-se por flôres...
Desconheceu as sedas e os velludos,
Finas alfaias, peregrinas joias...
Talvez pensando no clarão dos astros
Zombasse dos diamantes !...
O coração pollue-se nas cidades :
Podem ser bons os homems isolados,
Mas, si o nó social n'um corpo os liga,
Meu Deus ! tornam-se atrozes !
Dobram á lei o collo, e astutos traçam
Mesmo aos olhos da lei, planos do inferno ;
Peste moral de rapido contagio
Devora-lhes as visceras !
Fazem da negra intriga uma sciencia,
Sabem mentir á sombra da verdade ;
E entre palavras de virtude incensam
O demo da calumnia !...
Feliz a virgem que repousa agora !
Feliz mil vezes, não pisou nas praças !
Misera flôr, o habito das turbas
A teria queimado !...
Inda florescem, vêde, os jasmineiros,
Inda as rosas se embalam junto á choça
Onde na sombra a triste mãi chorosa
Soluça amargamente !

As trepadeiras curvam-se á janella,
Gemem no tecto os pombos amorosos,
Suspenso á porta na prisão gorgeia
O sabiá das serras.
Tudo isto ella adorava, e ella não vive!
E ella passou ligeira como a nevoa
Que o vento da manhã varre do outeiro,
E dissipa nos ares!
Tudo isto ella adorava! Ao sol poente,
Leda e risonha, coroada a fronte
De rubras maravilhas, leve, airosa,
Vinha regar as flôres;
E em meio erguida a barra do vestido,
Saltava como a corça, ora amparando
A hastea pendida de viçosa dahlia;
Outras vezes solicita
Bravias plantas arrancando em torno
Dos pequenos craveiros, ou tranquilla
Contemplando os botões que se entre-abriam
A' frescura da tarde.
E que sentidos cantos que cantava!
Que ingenuos versos! Que singelas rimas!
Tudo era amor, saudades, esperanças,
Ventura e mocidade!
Depois a seu chamado as aves meigas
Vinham em bando lhe brincar em torno,
Ora pousando nos bem feitos hombros,
Ora nas mãos mimosas,
Colhendo os alvos grãos que lhes guardava
Sua innocente amiga, ora escondendo
As cabecinhas languidas nas ondas
De seu basto cabello!
Pobres filhos do ar! Ella está morta!
Ella está morta, a virgem das montanhas!
Chorai, chorai, os genios de além-mundo
Levaram-a consigo!
Olhai! Seu rosto como é bello ainda!
Que suave expressão nos labios calmos!
Longe de amedrontar-se, ao ver a morte
Parece que sorrira!

Alli junto á palmeira está seu leito,
Sem adornos, sem pompa e sem grandeza ;
A virgem dormirá livre do fardo
De um marmore pesado,
A virgem dormirá sem o zumbido
De torpes vates, de oradores torpes ;
Poderá descansada ouvir os canticos
Dos anjos pelo espaço !
No silencio da noite as nuvens brancas
Desceram sobre a leiva consagrada ;
O orvalho das manhãs será tão doce
Como o pranto fraterno.
Feliz a virgem morta nas mantanhas !
No ermo despertou, dorme no ermo !
O halito empestado das cidades
Não maculou-lhe a vida !
Como a limpida gotta que dos ares
Cahe no seio da flôr e aos ares volta,
Sua alma pura em santa luz banhada
Volveu para o infinito.

O canto dos sabiás

Serão de mortos anjinhos
O cantar de errantes almas,
Dos coqueiraes florescentes
A brincar nas verdes palmas,
Estas notas maviosas
Que me fazem suspirar?

São os sabiás que cantam
Nas mangueiras do pomar.

Serão os genios da tarde
Que passam sobre as campinas,
Cingindo o collo de opalas
E a cabeça de neblinas,
E fogem, nas harpas de ouro
Mansamente a dedilhar?

São os sabiás que cantam...
Não vês o sol declinar?

Ou serão talvez as preces
De algum sonhador proscripto,
Que vagueia nos desertos,
Alma cheia do infinito,
Pedindo a Deus um consolo
Que o mundo não póde dar?

São os sabiás que cantam..
Como está sereno o mar!

Ou, quem sabe? as tristes sombras
De quanto amei n'este mundo,
Que se elevam lacrimosas
De seu tumulo profundo,
E vêm os psalmos da morte
No meu desterro entoar?

São os sabiás que cantam...
Não gostas de os escutar?

Serás tu, minha saudade?
Tu, meu thesouro de amor?
Tu que ás tormentas murchaste
Da mocidade na flôr?
Serás tu? Vem, sê bemvinda,
Quero-te ainda escutar!

São os sabiás que cantam
Antes da noite baixar.

Mas ah! delirio insensato!
Não és tu, sombra adorada!
Não são canticos de anjinhos,
Nem de phalange encantada,
Passando sobre as campinas
Nas harpas a dedilhar!

São os sabiás que cantam
Nas mangueiras do pomar!

(Obras completas.)

SYLVIO ROMÉRO

A Modinha

A festa fervia !... Que voltas ligeiras
Os corpos adestros lá davam subtis !...
Que risos, que galas, que fórmas faceiras
Das jovens matutas nos lindos perfis ! ...

Gemia a viola nos seus devaneios,
No ar se perdiam das cordas os sons ..
Nos olhos quebrados, nos tremulos seios
Que graças, que sustos, que mimos, que tons !...

Na dansa em vertigem, as frontes pendidas,
Aos meigos requebros, volvia-se um par ;
Dos threnos suaves, das notas sentidas
Nas almas cahia sereno orvalhar...

E os olhos fallavam de gozos celestes —
Brotados nos seios dos sonhos em flôr : —
Cochichos, carinhos... ruidos de vestes...
Mas lá do recato sentia-se o olor.

Que doces sonidos de passos sonoros,
Que bellas miragens revolvem-se então !...
Aos bons *desafios* dos peitos canoros
A dansa redobra no seu turbilhão...

Recresce o *bahiano ;* nos seus refervidos,
Em taes rodopios um céo se desfaz...
Um céo de desejos, de sons, de gemidos,
De sonhos, de scismas que a vida nos traz...

Cançadas as notas, estanque a loquéla,
Deixadas as dansas, o par se assentou :
« Agora a *modinha !...* » « Sim, vamos a ella !... »
« Quem canta, que chegue!... » « Se querem, eu vou! »

Disse um da festa : e, pondo os dedos trepidos
No violão que geme ao seu ardor,
Dá começo, ao depois que ledo o empalma,
« As bellas por quem minh'alma
Empallidece de amor !... »

E cresce o canto alegre, suavissimo
Como puras manhãs todas em flôr...
O ruido do mundo lá se acalma
« Nas bellas por quem minh'alma
Enpallidece de amor !... »

E das notas que vibra alli dulcissimas
Sonora a voz do lucido cantor,
Do bello e da saudade cabe a palma
« As bellas por quem minh'alma
Empallidece de amor !... »

São sonhos palpitantes, amenissimos,
Que ao peito nos immergem seu candor ;
Transparece do céo a vida calma
« Nas bellas por quem minh'alma
Empallidece de amor !... »

(Ultimos Harpejos.)

ANTONIO ALVES DE CARVALHAL

Lesbia

(FRAGMENTOS)

XII

Ai! Lesbia, eu tenho saudades
D'aquelles dias risonhos,
D'aquelles dourados sonhos
Tão doces de nosso amor!
Nós viviamos sorrindo
De amor, de luz, de poesia!
Nem uma nuvem sombria!
Nem um gemido de dor!
Ai! Lesbia, eu tenho saudades
Dos sonhos de nosso amor!

Perto de ti, cada instante
Via teu rosto encantado;
Tinha teu riso engraçado,
Bebia a luz d'esse olhar;
Teu olhar, fonte preciosa
De inspiração e ternura,
Onde tua alma tão pura
Vinha minha alma banhar.
Perto de ti, cada instante
Bebia a luz d'esse olhar!

Por ti passava e baixinho
Te murmurava em segredo;
Tu me fallavas com medo,
Que doces phrases, meu Deus!
E minha alma arrebatada,

No teu halito embebida,
Ia fervente de vida
Prender-se nos labios teus.
Tu me fallavas baixinho...
Que doces phrases, meu Deus!

A' noite, tarde, já tarde,
Inda sósinha á janella,
Tu me fitavas, mais bella
Que a lua nos céos azues!
Eu nem olhava as estrellas
Lá nos páramos infindos,
Porque tu nos olhos lindos
Tinhas mais raios de luz!
Eu e tu sonhando amores...
E a lua nos céos azues!...

Mas hoje já nem te vejo!
De meus olhos afastada,
Vives chorando, coitada!
Chamam crime teu amor!
Só eu sei de teu martyrio!
Quanta dor tua alma sente!
Bebes a morte, innocente,
Sem conhecer-lhe o amargor.
Ai! bella, de mim te roubam...
Chamam crime nosso amor!

Nada no mundo nos resta!
Das nossas crenças queridas
Restam as folhas cahidas
Que se dispersam no chão!
Embalde buscas dar vida
A's flôres murchas, criança!...
Ai! as rosas da esperança
Nunca mais vida terão!...
Ai! Lesbia, nada nos resta!
Só flôres murchas na chão!...

XVI

Donzella, a triste avesinha
Vae viver no tecto amigo ;
Eu sou perdida andorinha,
Vago errante nos espaços...
Morro de frio... em teus braços
Deixa encontrar doce abrigo.

Donzella, a planta pendida
Revive á gotta do orvalho ;
Eu sou o lirio sem vida,
Tu-do orvalho a gotfa pura ;
Vem dar o viço e a frescura
A' flôr que pende no galho.

Donzella, a abelha amorosa
Vive do nectar da flôr ;
Eu sou a abelha, és a rosa ;
Deixa que em mystico enleio
A abeilha pouse em teu seio,
Quero viver d'este amor.

A mariposa contente
Busca a chamma que a seduz ;
Teu olhar é a chamma ardente.
Tu n'este fogo me abrazas ;
Deixa queimar minhas azas ;
Quero morrer n'esta luz.

(Lesbia.)

O Festim de Balthazar

Mané... Thecel... Pharés...

I

« Queimai perfumes, escravas!
Trazei-nos sandalo e flôres!
Vinho! Do vinho os vapores
Levem presagios crueis!
Por *Baal!* Senhores e donas,
Não morra o prazer da festa!
Por *Baal!* Por *Baal!* sôe a orchesta,
Tangei, tangei, menestréis! »

As luzes tremem nas salas,
Treme o ouro e a pedraria;
Das amphoras transborda a orgia
Como as espumas do mar:
— « Por *Baal!* Senhores e donas,
Repete a nobre assembléa,
Ao grande rei da *Chaldéa!*
Ao grande rei *Balthazar!*

Rompe a orchestra — e as concubinas,
Com os seios nús, palpitantes,
Entoam febris descantes,
Lasciva, ideal canção;
E em volta ao seu throno d'ouro
Nabonid, rei poderoso,
Sente alma a nadar no goso
Em que se afoga a razão...

E ferve, referve a orgia
Ao som da orchestra estridente!...
E a lua toca o occidente
Sobre a cidade immortal.
Talvez mande a peregrina,
Do monte *Ephrain* pendida,
Um raio por despedida
Do *Cedron* sobre o crystal.

II

Manda, sim, sobre ruinas
(Que ahi só resta um montão)
Mirando a gentil captiva,
Dilecta filha de *Abrahão :*
— Ai terra de Deus querida!
Ai terra da promissão!

« Terra, terra bemfadada,
Outr'ora — esposa de *Arão*,
Hoje ruinas dispersas,
Hoje o lucto e a escravidão :
— Ai terra de Deus querida!
Ai terra da promissão!

« Teus filhos gemem distantes,
Jámais aqui voltarão..:
Murchai, gardenias do prado!
Chorai, divino *Jordão :*
— Ai terra de Deus querida!
Ai terra da promissão!

« Onde as endeixas saudosas
Dos cantores de *Sião ?*
Aves do céo, vossos carmes
Não solteis mais aqui, não :
— Ai terra de Deus querida!
Ai terra da promissão!

« Lyrio pendido no valle,
Varreu-te acaso o tufão ?
Nem uma gotta de orvalho !
Isaac ! David ! Salomão !
— Ai terra de Deus querida !
Ai terra da promissão !

E pela encosta do monte
A tristesinha lá vai,
Mandando um ultimo pranto,
Um doce e sentido ai,
De um lado á immersa *Sodoma*,
Do outro ao monte *Sinai*.

III

E cresce, recresce a orgia
Nos salões de *Balthazar*,
Ondas de pura harmonia,
Ancias de impuro gosar.
— Emtanto a cidade dorme
Envolta no manto enorme
Da noite — somno fatal !
E aquelle peito gigante
Devora sede arquejante
De vicios — sede infernal !

Nas salas grato ruido,
Luzes, perfumes e amor ;
Lá fóra estranho rugido,
Surdo — ao longe — e ameaçador.
No horisonte um fumo denso
Se eleva, bem como o incenso
Nas salas e a embriaguez...
Que importa ao rei o horisonte,
Se as flôres ornam-lhe a fronte,
Se o ambar corre-lhe aos pés ? !

« Ao rei! ao rei pedoroso!
Ao reino que não tem fim!
Como o *Euphrates* caudaloso
Corra a onda do festim! »
— « Perdão : as taças, senhores.
Não podem, tão sem lavores,
A' festa de um rei convir ;
Temos os vasos sagrados,
São soberbos, cinzelados
Do ouro fino de *Ophir*.

« Trazei-nos — » já vacillante
Diz o rei : « Viva o Senhor! »
E ruge o vento distante,
Como um gemido de dôr.
Entram luzidos criados
Trazendo os vasos sagrados
Do templo de *Salomão*...
— E ruge o vento mais forte,
Lançando vascas de morte
Pelos umbraes do salão.

« Transborde o nectar, amigos!
Eis os vasos de *Jehovah!*
Nesses lavores antigos,
Vê-se a captiva *Judá*. »
E cresce o estranho rugido,
Surdo, rouco, indefinido...
« São os soluços do *Iran!* »
E ruge, ruge mais perto...
« São os ventos do deserto
Sobre as areias de *Oman!* »

Nas caçoulas fumegantes
Arde o myrto e o aloés,
Ao som das notas vibrantes
Sobe, sobe a embriaguez.
— « Por *Baal!* Por *Baal!* pelos *Médos!*
Quebrem-se as harpas nos dedos,

Trema o tecto do salão! »
Horror! ao tinir das taças,
Nuncio de eternas desgraças,
Brame na sala um tufão.

« Depressa, luzes, depressa... »
Diz o rei : « longe o terror!
Mas não... » e o vaso arremessa,
Recúa tremulo... horror!
E' que, em meio á noite brusca,
Mão, que de brilhos offusca,
Toda a sala illuminou ;
Cometa, a correr ardente,
Estranha cifra candente,
Pelas paredes traçou!

IV

« Meu collar de pedrarias
A'quelle que decifrar!
Venham magos e adivinhos,
Depressa, *Beltisasar*,
Elle, o mais sabio de todos,
Póde o mysterio explicar! »

E dorme a cidade lassa
Dos vicios na prostração,
E cresce, cresce o rugido
Qual resonar de um vulcão :
Ou é tremenda borrasca,
Ou é povo em multidão.

Entre os famosos convivas
Mais um conviva apparece,
As sandalias do proscripto
Traz — quem é que o não conhece?
Diante do rei, se inclina,
Do rei que ao vel-o estremece.

« Bemvindo sejas, captivo,
Daniel Beltisasar;
Se sabes ler no impossivel,
Tens alli, podes fallar :
Terás um manto de purpura,
Terás meu regio collar. »

De novo ante o rei se inclina
A cabeça do ancião,
Depois, elevando a fronte
Altiva, e estendendo a mão,
Busca achar da ignota cifra
A divina inspiração.

Nem do *Tibre* o velho roble,
Nem os cedros do occidente
A fronte mais alto elevam,
Mais nobre, mais imponente !
O genio é como as estrellas,
Beija os pés do Omnipotente.

« Rei ! escuta a voz do *Eterno*,
Que por meus labios te falla :
O crime mais execrando
O teu reinado assignala :
Vê, revê tua sentença
Escripta em letras de opála.

« Não ouves bramir confuso
Como o arfar da tempestade ?
São os *Persas* que se arrojam
Sobre os muros da cidade :
Perdeu-te a lascivia impura,
Rei ! perdeu-te a impiedade.

« Profanaste os vasos santos
Nas torpezas de um festim,
Teus dias foram contados
Como os da bella *Séboin !*
Agora o brinde, senhores,
— Ao reino que não tem fim ! »

V

Gesto grave, altivo, acerbo,
Assim falla o escravo hebreu,
Soletrando o ardente verbo,
Que mão de raio escreveu :
E depois, braços pendidos,
Olhos de chamma incendidos
Verberando a maldição,
Deixa a sala, onde se espalha,
Como trevosa mortalha,
O terror na escuridão.

E quando o raio primeiro
Do sol, singrando o horisonte,
Rompe o denso nevoeiro
Sobre o cabeço do monte,
Em vez da cidade altiva,
Vê — desgrenhada captiva,
A dissoluta *Babel*,
E além dos muros colossos,
D'aquelle povo os destroços,
E um homem só — Daniel !

PLINIO DE LIMA

Versos á Maria

Tu, que tens sempre nos labios
Essa ironia pungente
Como o silvo da serpente,
Como a ponta do punhal,
Me ensina á força, a coragem
De te arrancar da lembrança
E matar essa esperança
Que é meu tormento infernal.

Minha alma era um ermo escuro...
Das crenças por entre as flôres
Não vinha a ave dos amores
Cantar-me no coração.
Vi-te sorrindo, e adorei-te...
Minha alma — lyra inspirada —
Despertara apaixonada,
Ao toque dessa affeição.

Meu coração tinha fibras
Por tuas mãos só vibradas ;
Já por ti foram rasgadas
Num momento de desdem.
Que resta do affecto immenso
Que me juraste mentida ?
— Uma flôr secca e sem vida
Que não alenta ninguem.

Perdão... bem sei : foi loucura
Julgar-te minha, Maria !
Não podes tu, que és o dia,
Unir-te da noite ao véo.

Tu és um anjo que canta,
Eu, um louco que blasphema;
Cinge-te a fronte um diadema,
E a minha queima um labéo.

Uma tarde, as nuvens de oiro
Rolavam no firmamento...
Eu chorei! nesse momento
Tu eras toda rubor:
Minha mão tremula e ardente
Entre as tuas esquecida...
Minha bocca á tua unida...
E nós choramos... de amor.

Que sonhos por ti, creança!
Quanta chimera encantada
A phantasia arroubada
Vinha a meus olhos pintar!
E eu a teus pés derramando
Esse pranto abençoado,
Que o coração transportado
Sabe, sorrindo, chorar.

Menina — eu dava-te flôres,
Musa — o canto que inspiravas,
Moça — o amor que me alentavas,
Anjo — culto e adoração.
Eu prendia-te aos cabellos
As flôres da larangeira;
Tu me sorrias faceira
E me chamavas irmão.

Naquelles dias felizes
Quanto amoroso segredo
Contado, baixinho e a medo,
Ao mar, a Deus, a soidão!
Dessa existencia celeste...
Que me ficou? — a lembraça,
E o cadaver da esperança
Sepulto no coração.

Deixa que eu lembre: — minha alma
Nessa lembrança se apura;
Deixa lembrar-me a ventura
Que o teu amor já me deu.
Desses poemas rasgados
Resta uma estancia perdida,
Que ainda falla da vida
Ao triste que já morreu.

Não te maldigo na angustia,
Do teu amor não blasphemo:
Só no silencio é que gemo,
Eu sei calar-me e soffrer!
Tenho no semblante a mascara
Que não te mostra o meu pranto;
Vês em meus labios um canto,
Mas eu me sinto morrer.

Vive feliz: não te accuso,
Nem te peço o sacrificio...
Sei que é fundo o precipicio
Que se abre p'ra nos tragar!
Tem a desgraça prazeres
Que o coração comprehende;
O incendio que o amor accende
Não póde o olvido apagar.

Sub Tegmine Fagi

(A MELLO MORAES FILHO)

Amigo! O campo é o ninho do poeta...
Deus falla, quando a turba está quieta,
A's campinas em flôr.
— Noivo — Elle espera que os convivas saiam..
E n'alcova, onde as lampadas desmaiam,
Então murmura — Amor!

Vem commigo scismar, risonho e grave...
A poesia — é uma luz... a alma — uma ave...
Querem trévas e ar.
A andorinha, que é a alma — pede o campo,
A poesia quer sombra... é o pyrilampo
P'ra voar... p'ra brilhar.

Meu Deus! Quanta belleza nessas trilhas...
Que perfume nas doces maravilhas,
Onde o vento gemeu!...
Que flôres d'ouro pelas veigas bellas!
Foi um anjo co'a mão cheia de estrellas
Que na terra as perdeu.

Aqui o ether puro se adelgaça...
Não sobe esta blasphemia de fumaça
Das cidades p'ra o céo.
E a terra é como o insecto friorento
Dentro da flôr azul do firmamento,
Cujo calix pendeu!...

Qual no fluxo e refluxo, o mar em vagas
Leva a concha dourada... e traz das plagas
Coraes em turbilhão,
A mente leva a prece a Deus — por perolas,
E traz, volvendo após das praias cerulas,
— Um brilhante — o perdão!

A alma fica melhor no descampado...
O pensamento indomito, arrojado
Galopa no sertão,
Qual nos steppes o corsel fogoso
Relincha e parte turbulento, estoso,
Solta a crina ao tufão.

Vem! Nós iremos na floresta densa,
Onde na arcada gothica e suspensa
Reza o vento feral.
Enorme sombra cahe da enorme rama...
E o *pagode* fantastico de Brahma
Ou velha cathedral.

Irei comtigo pelos ermos — lento,
Scismando, ao pôr do sol, n'um pensamento
Do nosso velho Hugo.
— Mestre do mundo! Sol da eternidade!...
Para ter por planeta a humanidade,
Deus n'um *cerro* o *fixou*.

Ao longe, na quebrada da collina,
Enlaça a trepadeira purpurina
O negro mangueiral...
Como no *Dante* a pallida *Francesca*,
Mostra o sorrizo rubro e a face fresca
Na estrophe sepulchral.

O povo das formosas Amaryllis
Embala-se nas balsas, como as Willis
Que o *Norte* imaginou.
O antro-falla... o ninho s'estremece...
A Dryade entre as folhas apparece...
Pan na flauta soprou!..

Mundo estranho e bizarro da chimera,
A fantasia desvairada gera
Um paganismo aqui.
Melhor eu comprehendo então Virgilio...
E vendo os Faunos lhe dansar no idylio,
Murmura crente : — Eu vi ! —

Quando penetro na floresta triste,
Qual pela ogiva gothica o anthiste
Que procura o Senhor ;
Como bebem as aves peregrinas
Nas amphoras de orvalho das boninas,
Eu bebo crença e amor !...

E á tarde, quado o sol — condor sangrento
No occidente se aninha somnolento,
Como a abelha na flôr...
E a luz da estrella tremula se irmana
Co' a fogueira nocturna da cabana,
Que accendêra o pastor ;

A lua — traz um raio para os mares...
A abelha-traz o mel... um threno aos lares
Traz a rola a carpir...
Tambem deixa o poeta a selva escura
E traz alguma estrophe, que fulgura,
P'ra legar ao porvir !...

Vem! Do mundo leremos o problema
Nas folhas da floresta ou do poema,
Nas trévas ou na luz...
Não vês ?... Do céo a cupula azulada,
Como uma taça sobre nós voltada,
Lança a poesia á flux !...

(Espumas Fluctuantes.)

O Bandolim da desgraça

Quando de amor a Americana douda
A moda tange na febril viola,
E a mão febrenta sobre a corda fina
Nervosa, ardente, sacudida rola,

A guzla geme, s'estorcendo em ancias,
Rompem gemidos do instrumento em pranto...
Choro indizivel... comprimir de peitos...
Queixas, soluços... desvairado canto!

E mais dorida a melodia arqueja!
E mais nervosa corre a mão nas cordas!...
Ai! tem piedade das crianças louras,
Que soluçando no instrumento acordas!...

— Ai! tem piedade dos meus seios tremulos. —
Diz estalando o bandolim queixoso.
E a mão palpita-lhe apertando as fibras...
E fere, e fere em dedilhar nervoso!...

Sobre o regaço da mulher trigueira
Douda, cruel, a execução delira!
Então — co'as unhas côr de rosa, a moça,
Quebrando as cordas, o instrumento atira!...

. . . . . .

Assim, desgraça, quando tu, maldicta,
As cordas d'alma delirante vibras,
Como os teus dedos espedaçam rijos
Uma por uma do infeliz as fibras!

— Basta — murmura esse instrumento vivo.
— Basta — murmura o coração rangendo.
E tu, no entanto, n'um rasgar de arterias,
Feres lasciva em dedilhar tremendo.

Crença, esperança, mocidade e gloria,
Aos teus harpejos — gemebundas morrem!
Resta uma corda... — a dos amores puros...
E mais ardentes os teus dedos correm!...

E quando farta a cortezã cansada
A pobre guzla no tapete atira,
Que resta?... — uma alma, que não tem mais vida,
Olhos sem pranto! desmontada lyra!

(A Cachoeira de Paulo Affonso.)

MELLO MORAES FILHO

Ponte de lianas

Eis a floresta, o valle, o ermo agreste,
Em que as aves do céo passam cantando!
O rio que de estrellas se reveste
A' limpidez da noite murmurando;
A balsa plena desse odor celeste,
Qual incenso que a Deus sobe voando;
Em que nas sestas, ao páo d'arco-louro,
Canta a cigarra d'esmeralda e ouro.

Além se eleva, á fonte debruçada,
A triste piassaba em seu deserto,
Como a viuva á terra abençoada,
A' terra santa de um sepulchro aberto.
Talvez, oh sim! — quem sabe? — a malfadada
Pergunte ao echo pelo ar desperto:
— Que é da tribu que vinha aqui, responde!
E o echo repercute: aonde...? aonde...?

Eterna solidão pende dos braços
Do silencio do ermo e da campina;
Ebria de orvalho e brisas dos espaços,
Dobra a corolla a flôr adamantina;
E do vargedo aos humidos regaços,
Ao capinzal tostado que se inclina,
Junto d'um lago que desfaz-se em risos
Se escuta a cascavel soar seus guizos.

Nos grossos arvoredos seculares
Enroscam-se as lianas rescendentes:
Umas, lá trepam, vão topar com os ares,
Cahindo em chuva dos ramaes pendentes;

Outras, descendo a rocha, a novos lares
Os tectos verdes forram, quaes serpentes;
Enreda a sicopira, alastra a fresta
O polvo de lianas da floresta.

Tomando de um cipó que desamarra,
Se atira n'agua a india forasteira,
E á outra banda do riacho amarra
A corda ao tronco que lhe fica á beira;
E suspensa á liana em que se agarra,
Levando a ponta á que ficou fronteira,
Enlaça — e tem por premio a seus labores
Caminhar n'uma ponte aberta em flôres.

Suave curva aerea e caprichosa
Ella descreve em lyricos festejos;
Paira-lhe n'agua a sombra perfumosa
Que os vagalumes crivam de lampejos.
E sob um céo azul, ether de rosa,
Da natureza aos barbaros arpejos,
Passa o caboclo tardo e sem conforto
A' taba conduzindo o tapir morto.

(Cantos do Equador.)

A Morte do Sol

(LENDA DO GUANUMBY)

I

Craneo de fogo — o Sol — n'arcada côr de bronze
Das nuvens do poente, a morredoura chamma
Fantastico tremúla : assim d'um templo gothico
D'eterno candieiro a avermelhada flamma.

O céo, o ermo, a terra, e a floresta, os bosques,
— Lanterna em mãos de sec'lo, em luz infinda alaga;
E quasi a se apagar, lampejos fulgurantes
Despede e se retrahe, qual vaga após a vaga.

Qual beduino grupo, as encelladas rochas
Da cordilheira excelsa, em funebre attitude,
Esperam que o Sol morra... e os seios de granito
Lhe abrem, se afastando, ao peso do atáude.

Um pallio erguido ao céo de franjas de azinhavre
Avista-se encostado ao horizonte escuro ;
Convivas do trespasso, as vagarosas ilhas
Desdobram sobre a fronte o ethereo azul mais puro.

De Siva é um *pagode* a natureza augusta ;
Furnas de treva e opála as nuvens do arrebol ;
E afulvando a espadua ás gigantescas sombras,
Como o Christo a morrer — vae descambando o Sol!

II

Nas penumbras transparentes
Triste, triste e sem conforto,
Na rêde a cabocla brava
Embala o filhinho morto.

E cai-lhe o pranto na face
Listrada, bronzea, trigueira:
Do mar de angustias profundo
E' elle a perla primeira.

Os insectos mordedores
Com a verde rama afugenta;
E as flôres do valle espiam
A noite que desce lenta.

E canta um canto selvagem,
Canto bem tosco, infeliz,
Na crença das suas crenças,
Na lingua do seu paiz.

— O *guanumby*, que vôa e que revôa
Nas flôres do anajá,
Não veiu aqui pousar, — e por tres vezes
O sol já veiu, já!

O *guanumby*... que chupa a alma do infante
Que o corpo sem calor
Deixou — e foi dormir entre os perfumes
Na mais vizinha flôr.

O' brisas, que passais nessas montanhas,
Na montanha parai;
Emquanto eu vélo, ó échos dessas terras,
Passai longe, passai!

Ao filho do guerreiro um genio alado
Colheu no seu caminho :
Assim do gavião na garra acorda
Da selva o passarinho.

Raios do Sol, luares côr das aguas
Que ás aguas scintillais,
A leve tumba de douradas plumas
Que teceram seus paes,

Vinde encantar — suspensa aos arvoredos,
Onde a ave seduz,
Tornando as pennas do macio berço
Em grinalda de luz.

O *guanumby*, que vôa e que revôa
Nas flôres do anajá,
Virá chupar-lhe a alma antes da noite
E leval-a a Tupá

III

Longo caixão de chumbo, as alvacentas brumas,
Das serras no cabeço, enchendo o espaço informe,
Depôem, ao psalmo funebre do oceano esplendido,
Que escorre, se espojando, a espumea crina enorme.

. . . . . .

O'magica belleza!... O' meus maternos climas!...
Nautas—os montes nús—alçando o esquife aos ares,
Como o finado a bordo, aos fogaréos do occaso
Dão por sepulchro ao Sol o penetral dos mares !...

(Cantos do Equador.)

SEGUNDA PARTE

SCIENTISTAS

A Alma

Aqui da fronte é que desponta a aurora,
Aqui do peito só que o amor se exhala;
Grega sublime, Psyché formosa,
Num sonho doce quem te ouvira a falla,
O riso meigo, o harmonioso anceio
Dos teus enlevos!... Nas madeixas tuas
Ah! quem pousara de um suspiro, ao menos,
O tenue mimo... nas espaduas núas!

Mas, sonhadora, que altivez é essa?
Deixando os labios, vais beijar as flôres?
Dá que o teu seio deslumbrante e meigo
Nos mostre a vida dentro em seus fervores,
O vento fresco das manhãs saudosas,
O azul da vaga, que desperta agora,
Todo o susurro, que os jasmins ondeam,
Por tuas graças é que tudo adora.

Oh! bella imagem das ternuras brandas,
O teu perfume pelo céo foi feito,
Tu, que acordaste de uma scisma aos frocos
Envolta, e núa do sidereo leito.
Lindo o teu corpo, que as paixões desfolhas
Já de cançadas de te ver ausente,
Dize — nas dobras de teu seio — occulta
Tambem uma alma não palpita e sente?...

Como que a vida se evapora em risos,
Lá no sacrario dessa noiva santa!
As nuvens louras dos cabellos soltos,
Rosada a bocca, que as manhãs encanta,

Inda mais bella si ás estrellas falla,
Não... não e tudo... mas o puro espanto
Dos seus olhares, que reflectem mudos
A gloria e a sorte em divinal quebranto ? !

Sim, ver-lhe o corpo, na expressão de um sonho,
Tingida a neve pela côr das rosas,
Tão transparente, que a sua alma em extase
Mostra-se toda nas feições mimosas ;
Ver como um susto lhe descóra a face,
Como um anhelo lhe entumece o seio,
E' ter a fronte sepultada em brilhos
Longe os mysterios desvendando a meio. —

Sentir-lhe a vida perfumosa, em ondas
Rolando cheia, borbulhando em flôres,
E sob o collo lhe ver a alma aberta
Em seus effluvios, lá nos seus fulgores,
Bello espectaculo ! E como todo o riso
São devaneios, são caprichos vagos,
Como os desejos os ondulamentos
De alguma idéa que suspira affagos !...

O céo brilhante dessa plaga hellenica
Sopra a bafagem perfumosa e amena,
E lá dos astros desce o encanto fulgido,
A paz, a calma, a mansidão serena.
E com os enleios de sereia languida,
E com os arroubos de bacchante louca,
Todos os sonhos, palpitantes, tumidos,
Abrem as azas... A amplidão é pouca !

E' da alma a empreza. Que expansões suaves !
Assim Homéro devassara a sorte.
Platão entrava na sortida, ás vezes,
Trazendo sempre mais um raio forte.
Aqui da America na agitada arena
Cada um suspiro traz um céo no fundo,
A cada ideia não sacia um astro,
Que nós sentimos vacillar o mundo.

Sim, nós provamos que o tufão que passa
Traz-nos de longe alguma nova infinda,
Que a flôr aberta á madrugada amavel
Sabe um segredo que não disse ainda.
Voai, desejos ! aquecei-vos todos
A' luz sagrada deste sol que brilha,
Mas que parece que tamben procura
D'outras grandezas a sonhada trilha.

(Cantos do fim do Seculo.)

JOSÉ IZIDORO MARTINS JUNIOR

Synthese Scientifica

Seculo dezenove! O bronze do teu vulto
Ha de ser venerado, ha de se impor ao culto
Dos posteros, bem como impõe-se á escuridão
Um relampago, um raio, um brilho, uma explosão!

Has de ser endeusado, athleta! Has de servir
De exemplo, de phanal aos povos do porvir,
Como a estrella polar serve de rumo ás náos,
Como serve a miseria em seus esgares máos

De guia para o crime! O' seculo do labor!
As tuas creações, teus tunheis, teu vapor,
Tuás forjas, teu ar, tua electricidade,
Tua philosophia e tua heroicidade,

Tudo isso ha de formar por cima do futuro
Um pallio radiante, enorme, azul e puro,
Sobre o qual, sem o ver, eu sinto desde agora
Que hão de ir em procissão bellos como uma aurora

Todos os cidadãos deste paiz — a Sciencia;
Todo filho da luz ou toda consciencia
Lavada pelo amor — o grande agente altruista!

O' seculo immortal, ó seculo em que a conquista,
A guerra, as religiões e as velhas monarchias
Têm tombado no chão nojentas como harpias,

Tristes como o deserto! Eu curvo-me ante ti
E ponho o joelho em terra afim de orar daqui
Ao teu busto ideal, titanico, estrellado!...

No alto da nossa idade eu vejo desfraldado
Um panno colossal, vibrante aos quatro ventos
Das novas intuições, dos novos pensamentos.

E', o eterno estandarte enorme do saber,
De cujas dobras sahe o roseo amanhecer
Do dia da Justiça!
Ahi, sobre esses cimos
Onde a luz ri-se ao ar como a criança aos mimos,
Acampam-se do estudo os rijos batalhões.

Os soldados viris que têm por munições
De guerra os bisturis, as lentes, os compendios,
A analyse e a razão, e queimam-se aos incendios
Do desejo de lêr, de abrir, de observar
Tudo o que ha, desde a flôr, o seixo, o nenuphar,
Até a lei fatal da luta pela vida;
Os voluntarios da alma, os homens bons da lida
Do futuro, — ahi'stão, lá tem os seus quarteis,
Seus craneos geniaes, seus livros, seus farneis!...

Sim. No dorso do sec'lo eleva-se a montanha
Alterosa, idéal, fascinadora, estranha,
Das victorias de luz que a Sciencia nos seus pleitos
Tem até hoje ganho...
Habitam nella os peitos
Dos sabios, dos heróes, dos magos do presente,
E é ahi que se guarda a polvora estridente,
Com que se faz voar a petrea cordilheira
Do erro, pelo ar, como uma fina poeira!

. . . . . .
. . . . . .

Attentemos portanto alli, naquelles cumes
Onde estão faiscando os scintillantes lumes
De uma accumulação de humanas nebulosas.
Filemol-os com força. Eu vou bem como as rosas
Abrir, para os saudar, a corolla odorifera
D'uma canção de crente, harmonica, lucifera!

Mas antes...
Olha tu, homem moderno, escuta :
— Eu vejo te pesar uma cegueira bruta
Sobre o corpo, sobre'alma. Um sujo calabouço
Odioso como um crime, ignobil como um osso,
Desses que andam ahi roidos no monturo
Pelos cães sensuaes ; um calabouço escuro,
Ferreo, caliginoso, inquisitorio, immundo,
Eis o que me parece o abominavel mundo
Em que te vejo triste, aniquilado, exhausto !
A meus olhos estás descrente como Fausto
Sem teres entretanto aprofundado o céo
Como elle o fez primeiro, e levantando o véo
De toda cousa estranha, occulta, mysteriosa.
Não sabes como eu choro a vida tormentosa,
A turbida existencia hedionda que tu levas !
Imaginо ao te ver que moras n'umas trevas
Feitas da meia-noite escura da ignorancia
E da lama do erro ! Estás como na infancia
Apezar de já seres velho desde muito.
. . . . . .
E' que nunca lançaste ao menos um fortuito
Olhar ao novo deus, á nova providencia,
A quem a nossa idade appellidou de Sciencia !
E' que tu nunca olhaste as purpuras risonhas
Do Ideal do teu tempo ; é que ainda tu sonhas
Com o velho mundo, emquanto o mundo novo canta
Em roda do teu lar o hymno que levanta
As almas á região das grandes utopias
Louras como o verão nos seus sonoros dias !...

Tu, meu pobre burguez, deixaste-te ficar
Com a tua intelligencia ao pé do limiar
Dantesco e monachal da turva idade média.
Não quizeste applaudir a rispida comedia
Do rir voltairiano enorme e dissolvente ;
Não soubeste julgar a força omnipotente
Da vasta encyclopédia e mais de oitenta e nove ;
Continuaste a crer em Pedro, em Christo, em Jove,

Nos reis, no imperador, nos prades e no inferno,
E emfim não penetraste o portico moderno
Do seculo dezenove — a cathedral de idéa!

Dahi — esse teu ar, a catadura feia
Que eu noto agora em ti!...
Entretanto é preciso
Que tu fites além o luminoso viso
Dos montes da Verdade e do saber humano.
Has mistér de fugir do ergastulo tyranno
Chamado indifferença á que tens sido preso
E has mistér de deixar por uma vez o veso
Do passado e da fé religiosa, velha,
Que só te deixa ver a creação de esguelha!
. . . . . .
. . . . . .
Para isso é bastante esse pequeno esforço:

— Olhar para os clarões que o sec'lo tem no dorso!

O seculo tem no dorso o estado positivo

Esse estado, essa phase é como um largo crivo
Feito pela razão na consciencia humana,
Por onde agora jorra a onda soberana
Da verdade moderna.
O espirito do homem
Cançado de buscar nas brumas que se somem
A razão do seu ser e mais da natureza,
Cançado de trilhar a intermina deveza
Das hypotheses vãs, dos sonhos das chimeras,
Voluveis como o mar, franzinas como as heras,
Parou junto a esse marco erguido em seu caminho
Como um viajante pára em frente de um moinho.

Marco fecundo! Então, desde esse mesmo instante,
Elle poz-se a cavar com força triumphante
O solo do Real. Ficaram para traz
Os mysterios, o vago, as phantasias más

Que tanto haviam já desfigurado a Sciencia,
E hasteou-se a bandeira, emfim, da Experiencia
Scbre a ferrea muralha impavida do estudo!

Agora essa bandeira é que domina tudo.

Nos paços da Sciencia onde antes se sonhara,
O sabio de hoje pensa, observa, lê, compara
A materia no seus phenomenos gigantes,
Descobre-lhes as leis severas e constantes,
E afinal a poder de genio e de trabalho
Extrahe dessa jazida o rutilo cascalho
Onde está encerrado o brilhante formoso
Da verdade immortal, do Facto luminoso!

Foi de França que ergueu-se a aurora desse estado.

Augusto Comte foi o sol esbraseado
Dessa immensa manhã, dessa alvorada immensa
De que o mundo fez logo a sua nova crença.
Havia tempos já que a humanidade ouvira
(E' certo), como se ouvem as queixas d'uma lyra
Vibrando n'amplidão por uma noite antiga,
A voz de Galileu commovedora, amiga,
Unida ás de Descarte e Bacon e de Harvey,
Dizendo-lhe se estar forjando a grande lei
Da idade positiva hodierna...
Mas só Comte
Poude, estoico, escalar o alevantado monte
No pincaro do qual via-se a neve branca
Da nova concepção do mundo, recta e franca!
Deixando em baixo Kant, Simon, Burdin, Turgot,
Newton e Condorcet, e Leibnitz, — voou
Elle para as alturas magicas da gloria,
Após ter arrancado ao pelago da Historia
A vasta concha azul da Sciencia social!

Ah! Como eu sorvo a luz que vem desse phanal,

Como eu amo o clarão que vem dessa conquista!...

COSTA SENNA

Natura Mater

(FRAGMENTO)

Natureza infinita, mãi dos seres!
Quem póde contemplar-te sem vertigem,
Sempre a mesma, immutavel, magestosa,
Nos sóes do firmamento e além ainda,
Ou no atomo subtil, que não se apalpa!
Eras a mesma, que eu contemplo agora,
Na infancia da terra. — Então soberba
Te miravas nos fetus gigantescos,
Nos medonhos lagartos do oceano,
Nas aves monstros, no mamouth colosso :
Como hoje, na 'sculptura deslumbrante
Da filha da Circassia, na plumagem
Furta-côres das aves brasileiras,
Nas plantas odorosas do Oriente!...

Que cabeça mortal te abrangeria
P'ra ler em tua essencia, que se espraia
Pelo espaço sem termos, insondavel!
Vê-se a tua belleza sempiterna
No arrebol da manhã, na flôr do campo :
A tua sempre viçosa juventude,
Nas faces pudibundas da donzella,
No esquecido infusorio. — Da borrasca
Nos sombrios bulcões, lê-se o teu nome
Do fogo em caprichosos hieroglyphos ;
Tua força se presente, quando abalas
Da terra os alicerces, quando arrojas
Para longe da praia os oceanos,
E, do cimo fendido das montanhas,
Choves em lavas — mineraes candentes,
E rochas a teu sopro derretidas!...

Oh! quem póde pensar sem ter vertigens,
Que do mesmo crisol, em que se funde
O granito, a platina, o ouro, o quartzo
E o rebelde carbono crystallisa,
Sahe tambem das flôres leve pollen
E a aza multicor da borboleta!
Que fazes rebentar da vida o leite
Dos peitos da mulher, e a morte escondes
No leite, que as enphorbias alimenta!...

Vida e morte!... — Palavras sem sentido,
Que em teu seio sombrio se confundem,
E se estreitam n'um laço indissoluvel.
— Condição necessaria uma da outra —
O alento, que infundes no ser vivo,
As molas da materia cedo estraga,
E se perde de novo em sua essencia;
Emquanto que o cadaver, — o envolvente
De teu halito vital, vai de mansinho
Perfumes rescender nas açucenas,
Volitar n'um insecto sobre o lago,
Nas retortas do sabio s'inflammar!...
Do cerebro soberbo do monarcha
Fazes ossos ao rude proletario,
E dos musc'los do açor a mansa rôla!
Rainha inexoravel, que só queres
Ostentar tua essencia immoredoura
Na escala infinita da existencia!...

Como eu me sinto grande, quando penso,
Mundos perdidos na amplidão do espaço,
Seres todos da terra, que no seio
Da augusta natureza nos fundimos
N'uma estreita unidade! — Quando penso
Que são raios do sol, que se transformam

No manso compassado movimento
Deste musc'lo, que pulsa sem descanso,
ite e dia em meu peito! Quando penso

Que são as selvas do Hindostão e da Africa
Que extrahem para mim o gaz da vida,
Desse ar pesado, que ennegrece o sangue,
Mas que lhe dá á seiva alento novo!

Não me escutas, bem sei. — Inexoravel —
Morte, vida, prazer e desventura
São iguaes a teus olhos! — Mas não posso
Reter o canto ardente, que expontaneo
Me rebenta do peito acceso em febre.
Quando, tuas grandezas contemplando,
Me extasio esquecido de mim mesmo,
Natureza infinita, mãe dos seres!...

JOSÉ EDUARDO TEIXEIRA DE SOUZA

Os Dois Amphitheatros

. . . . . .
. . . . . .

Eil-a a enorme ellipse em marmore talhada!
Abobada de pé, arcada sobre arcada,
A mil symbolos d'ouro, emblemas e floreios
Em torno á columnata, a descreverem veios
Artisticos, subtis ionios, corynthios, doricos,
E em cada capitel poemas allegoricos,
Onde ainda se vê, trazendo rico espolio
De mais uma conquista ao alto Capitolio,
Se debuxar, a par do mytho olympiano,
O carro triumphal do imperador romano.
Aqui está de Marte o carrancudo busto,
Alli a fronte esbelta e bacchica de Augusto.
Abala o amphitheatro a turba em vozeria:
« Ave, Cezar! » — E o rei na excelsa galeria,
Como o cão que foreja inanimada caça,
Sorri-se prazenteiro a toda populaça.
Dá signal o pretor, e das jaulas na arena
Atira-se um leão á frente de uma hyena.
Medem-se n'um momento os rudes combatentes,
As caudas ferem o ar, rosnam por entre os dentes;
E como se um tufão roncasse nas collinas,
Lança nuvens de pó o sôpro das narinas.
Arremettem de encontro os feros animaes;
Choçam-se a lacerar aquelles dous rivaes,
E attonitos, de pé, estacam de repente
Co'a celeuma que se ergue festival, fremente
Da plebe que os receia, applaude e surprehende.
Por todo o circo, então felino olhar se estende.

Olhar que em cada uma esplendida pupilla,
D'envolta com o desprezo, a colera fuzila!
O sangue lhe rebenta em jorros das mandibulas
Que batem-se a ranger sem descansar estridulas!
E trava-se de novo a interrompida luta!
As fauces o leão a escancarar, ja nuta!
Mas volta-se de um salto, a redobrar de esforço,
E no contrario flanco e no contrario dorso
Crava de uma só vez as aguçadas garras.
Do povo o borborinho estronda em algazarras
Que ao barbaro duello os animaes açulam!
As feras rebramindo ennoveladas pulam;
Rolam ambas por terra e ambas de pé logo
Ensaiam novo ardil n'aquelle feroz jogo:
Até que um uivo surdo, extremo, vacillante,
Mostra a victima exsangue, inerme, agonisante,
Cahir no ultimo arranco, os musculos desfeitos,
Inerte o coração nos descarnados peitos!
Era um lago de sangue, a revolvida arena
E o vencedor leão rugia pela scena!
Um moço gladiador e principe que era
Ao circo se arremessa e desafia a féra.
Ao ver que luta nova estava a ser travada
Expande-se em delirio a turba enthusiasmada.
O joven soberano, o cortezão mendigo,
Que esmola uma corôa ao Cezar, seu amigo,
Arrosta do animal a rabida ameaça:
Explora lisongeiro a cobiçada graça,
E ao protector monarcha o seu valor attesta.
— Era mostrar-se o sol no céo daquella festa!
Como que adormecendo á gloria indifferente,
Ou a pensar talvez na sorte inconsequente,
O intrepido animal fôra deitar-se ao fundo,
O altivo imperador ostenta-se jocundo!
« Elle recusa o repto! » exclama a turba louca.
Anima-se o mancebo, avança até a bocca
Do vencedor feroz e o gladio seu embebe
Na espessa e crespa juba em que veloz recebe
O rapido leão o golpe sem effeito;
O prelio ia ferir-se a peito contra peito!

Dupla animalidade em um só corpo finge
Aquelle grupo em terra a semelhar esphinge!
Acaso as forças d'alma, as forças da materia,
Do espirito o sentir, o circular da arteria
Não pleiteam tambem contenda tão renhida
No ergastulo fatal do que se chama a vida?
Lutar para viver — não é esta a divisa
Que a natureza em tudo eterna symbolisa?
D'um lado a intelligencia e d'outro lado o instincto,
Quem o laurel teria em rubro sangue tinto?
De Lacoonte a furia se estorcendo em dores
Parecia o arfar dos dois batalhadores!
Jupiter o sustem! condul-o alguma Déa
Qual Hercules outr'ora aos bosques de Neméa!
Attenta á cruel pugna a multidão murmura.
A praz-se inda o leão e o prelio, então, perdura
Indeciso, tremendo, incrivel e assombroso!
Mas como sempre vem o enjôo apoz o gozo,
Aquelle que mais força e armas tem consigo
Estreitamente aperta o peito do inimigo,
Os ossos seus esmaga, as carnes dilacera...
Assim inda esta vez ganhava o pleito a féra:
A juba a sacudir que sangue e pó espalha,
Domina o animal o campo da batalha;
Rodeia então a presa e ironico a anima;
Fareja a regia fronte e assenta a pata em cima.
Applauso sobre applauso, em frenesi resôa!
Ribomba pelo circo, estronda, além echôa!
O Cezar de sua festa enthusiasmado, ufano,
Decreta ao vencedor o titulo de romano.

(A Idéa.)

AUGUSTO DE LIMA

O' Reino Mineral

Guiado pela luz tremula de uma tocha,
Desci a uma caverna e interroguei á rocha :
« Muda, esteril jazida, onde sómente medra
A hera mesquinha, foste, ó pedra, sempre pedra ?
Suffocada em carbono, em cyclos sem limite,
Choraste sempre assim prantos de stalactite ?
Não sentiste da lua o languido desmaio ?
Nunca o sol te enviou um glorioso raio ?
O ar livre, embalsamado em effuvios suaves,
O ar livre, alma da flôr, o ar livre, alma das aves,
Não poude penetrar jámais teu duro seio ?
A vida mysteriosa alguma vez não veio
Uma flôr, uma planta, uma raiz trazer-te,
Avigorando assim tua existencia inerte ?
O' pedra, sempre foste o Prometheu captivo
Da inacção, sem gosar do protoplasma vivo ? »

Mas, ao baço clarão da tocha, extincta quasi,
Estremeceu, por fim, a pedra em sua base,
E tudo começou a resurgir da morte,
Ao clarão de uma luz interior mais forte.
Um blóco de granito entumecido augmenta
E de accêsa esmeralda em arvores rebenta.
Um seixo abre-se em flôr, outro enrubece em fructo
E basta floração sáe do rochedo bruto.
E' o reino vegetal em sua plenitude,
Na robusta explosão da seiva e da saúde.

Alarga-se o horizonte, e onde quer que se estenda
A vista, um novo mundo immenso se desvenda

De arvores, de animaes, de passaros, de insectos
E de seres, emfim, de multiplos aspectos.
Monumentos, Babeis, populosas cidades,
Esquecidas no pó das pristinas edades,
Como num cosmorama ao resoar da orchesta,
Resurgem ante mim do seio da floresta!

E num desdobramento enorme, rediviva,
Eu vi desabrochar a vida primitiva.
Mas o sol apagou-se, e o archote estava extincto.
Mal pude abandonar o escuro labyrintho,
Ouvindo atraz de mim, com accento tremendo,
Uma voz do interior, que vinha me dizendo :
« Formas, viveis, morreis : sómente eu sou eterna. »

Foi assim que fallou a rocha da caverna.

Paradoxo

A' fumaça ligeira se costuma
Comparar o que é vão e fugitivo,
E não ha fogo que se não presuma
Substancioso, duradouro e vivo.

« Labareda da fé », é o velho estylo,
« Chamma sagrada, fogo do talento »,
Emquanto é fumo e é nada tudo aquillo
Que é leve e acaba em rapido momento.

Que preconceito! Extincta a chamma escassa
No obscuro combustivel, que a prendera,
Ainda sobe a tremula fumaça
Na curva azul da illimitada esphera.

E quanto menos densa, mais se espraia
Em transparencia, em extensão fecunda;
Ascende, subtilisa-se e desmaia
No vasto espaço que a amplidão circumda.

Vae-se — não se aniquilla: como d'antes,
O mesmo fumo permanence illéso,
Seus invisiveis atomos errantes
Gravitam sobre corpos de mais péso.

E elle — nuvem levissima e modesta —
Subsiste eternamente, erra e fluctua.
Quanto á chamma orgulhosa, ella só resta
Na lembrança que o fumo perpetúa.

(Symbolos.)

J. MARIANO DE OLIVEIRA

Hino a Mulher

Vergine madre, figlia del tuo figlio...
Trè cari nomi ha in te raccolti,
Sposa, Madre e Figliuola.

Virgem, si o culto humano
Tanto tempo foi cego, e sem nobreza
Deu-se para seu dano
Mesmo ás paixões, sem a menor firmeza ;
Si as primeiras idades ignorantes,
Por falta então de uma melhor ternura,
Erguião todo o amor de uma alma pura
Para deuzes distantes :
O coração, de amar não satisfeito,
Hoje atento ao reclamo deliciozo
De um amor mais perfeito ;
Atento á voz dos intimos conselhos,
Põe-te sobre o altar religiozo,
Adora-te de joelhos.

Bem viu o belo tempo medievo
O cruzado valente
Teu santo e nobre culto reverente
Anunciar com fervorozo enlevo.
— Cavaleiro da espada, a ardente chama
Que o a entava na paz ou no perigo
Era sempre a sua dama...
Nele tinhas escravo e um terno amigo ;
Era ele que assim substituia,
Ante o altar da amante que ideara,
A tua adoração piedoza e cara
A uma fé que morria.

Era ele que enchia nesse instante
O Occidente romano transformado,
De teu culto de amor mais elevado
Que de um Deus que se achava agonisante.
Tempo segrado e piedozo aquele
Que a mente agradecida já não esquece,
Em que ao ser mais imbele
Principiava-se a invocar na prece!...
E' que se via que a maior grandeza
Não está na fortaleza
De um braço armado, poderoso e rude;
Presentia- se então a Humanidade:
Em vez da guerra, a fraternal piedade,
Em vez do odio, a angelica virtude.

Virgem, a alma grosseira
Do homem te admira e te respeita...
Tu és tão precioza e tão perfeita
Que ele hoje sente que a te amar não basta
A sua vida inteira;
E tua natureza é tão excellente
E tão modificavel,
Que ora tu pódes, sendo pura e casta,
Fecundar-te sozinha finalmente...
O' milagre de amor incomparavel,
Poder moral tão grande e prodigiozo
E de tão altos brilhos,
Que, filhos de teu ventre admiravel,
O' Mãe, seremos para um santo gozo
Ainda mais teus filhos.

Ah! quanto deve a Especie alevantar-se
Quando o intenso amor indefinivel,
Movendo-se em tua alma incorruptivel,
Teu ser da rude condição antiga
Em breve libertar-se!...
Maior então na graça, na pureza
Que em tua alma se abriga,

Te mostrarás tão bela á Humanidade,
Que terás com surpreza
Realisado o idéal que se escolhera
E os corações ocidentais enchera
Na medieva idade.

Então, a tanto amor, os vis ciumes
Das classes serão findos de improviso ;
Terminarão as lutas e os queixumes,
E uma casta sem ter progenitores,
Para a ação e o conselho soberanos,
Dará o chefe precioso.
Então sómente a teu amor confiada
A humana prole, os corações humanos
Tornar-se-ão melhores.
A Especie ver-se-á ainda alevantada.
Será teu seio como um cofre puro
Onde, doce reliquia improfanada,
Protegerão os maternais ardores
O germen do futuro.

Do egoismo humano as suggestões dominas,
E, ó santa e milagroza maravilha!
Ao mesmo tempo esposa, madre e filha,
Brandos pensares de alto amor subido
A' mente nos ensinas.
Sem mais fraqueza de paixões terrenas,
Nosso passo já piza conduzido
Por teu amor apenas.
Por nosso bem piedoza te disvelas,
E ao coração mais rude e impenitente
Tu falas, tu revelas
Que de real no mundo ha amor sómente.

Virgem, quanta emoção, quantas venturas
Teu doce olhar desperta!
Que fôra das humanas creaturas
Si de teu santo amor que nos aclara
Fosse a Terra deserta ?
Rude egoismo então nos separara,

Enchera o tedio as horas da existencia,
E na mortal dolencia
Cada um de nós por fim desesperara!
O' moce, ó pura, ó santa Providencia,
O' terno efluvio e cara luz divina
Que humildes veneramos,
Só teu amor nossas paixões domina,
Só de te amar jámais nos fatigamos,

Que harmoniosos canticos sublimes
A Terra hoje te entoa de louvores!
Tudo por ti resveste-se de luzes,
E onde teu pé maravilhoso imprimes,
Dezabrochão as flôres!
Entre beijos e olor tu nos conduzes...
Mal sahimos do berço, carinhosa,
De amor e graças plena,
Nos dás a mão piedoza.
No caminho do bem sorrindo incitas
Aquelle negligente a quem retarda
Alguma inutil pena;
E tuas azas sobre nós agitas
Como um anjo da guarda.

De santo olor suavissimo recendes;
O nardo fresco te embalsama a face;
De luz, de clara luz sagrada esplendes,
De luz limpida e eterna
E não de luz fugace.
E' assim que os corações teu amor governa:
E' assim que os dons a tua mão derrama;
E' não poupando as divinais caricias
Que redimir os corações emprehendes...
O' deusa tutelar
Por quem nossa alma timida se inflama.
Da vida humana as unicas delicias
Achamos todas no teu santo olhar.

Cheio de amor o Sacro-santo Nume,
No Grande-Meio um dia se movendo,
Escolheu para si as fórmas suaves
Que as mais sublimes graças envolvendo
Teu belo ser resume.
Que outras feições mais candidas e graves
Pudera achar esse Fator divino
Para, encantando nosso olhar indino,
Encher nossa alma como um santo lume ?...
Que idéal mais correto
O Organismo Supremo revestira
Que tão intimamente seduzira
Nosso estremado afeto ?

Jámais, jamáis os canticos do homen
Poderão te louvar quanto mereces...
Ante o minimo bem que lhe ofereces,
As mais subidas e altas homenagens
Humilhadas se somem...
Jámais, jámais as nossas vassalagens
Poderão te pagar neste exercicio
De agradecidas preces
O teu menor e fraco beneficio.
O' quanto és bela e sublimada em tudo !
Como para alcançar os teus carinhos
Nós somos tão mesquinhos
E o nosso labio é friamente mudo !

TERCEIRA PARTE

PARNASIANOS

LUIZ DELFINO

As Trez Irmans

I

A mais moça das trez, a mais ardente e viva,
Aquella que mais brilha,
Quando, sorrindo, aos seus encantos nos captiva,
Eu amo, como filha.

A segunda, que tem da pallida açucena,
Aberta de manhan,
A côr, o cheiro, a fórma, a languidez serena,
Eu amo, como irman.

A outra é a mulher, que me enleia e fascina,
E' a mulher que eu chamo
Entre todas gentil, é a mulher divina,
E' a mulher que eu amo.

II

A mais moça das trez, é linda borboleta;
Entra, abre as azas, sahe,
Não comprehende bem, nem nega, nem regeita
O meu amor de pae.

A segunda é uma flôr de fórma melindrosa,
De rara perfeição;
Não sei se ella desdenha, ou comprehende, e gosa
O meu amor de irmão.

A terceira é a mulher: anjo, monstro, hydra, esphinge,
Encanto, seducção :
Amo-a : não a conheço ; é verdadeira, ou finge ?
Não a conheço, não.

III

Se a primeira casasse, oh ! que alegria a minha !
Eu lhe diria : vae !
Veria nella um anjo, um astro, uma rainha,
O meu amor de pae.

Se a segunda casasse, eu mesmo iria á egreja,
Leva-la pela mão :
Dir-lhe-hia : o céo azul virar-te aos pés deseja
O meu amor de irmão.

Se a terceira casasse, oh ! minha infelicidade !
A mais velha das trez,
No horror da escuridão fôra uma eternidade
A minha viuvez.

IV

Se a primeira morresse, oh ! como eu choraria
A minha desventura !
Com lagrimas de dôr lavara noite e dia
A sua sepultura.

Se a segunda morresse, oh ! transe amargurado !
Eu choraria tanto,
Que ella iria nadando, em seu caixão doirado,
Nas aguas do meu pranto.

Se a terceira morresse, em seu caixão deitada,
Sem que eu chorasse, iria ;
rque n'outro caixão, ó minha morta amada,
Alguem te seguiria...

Jesus ao collo de Magdalena

Jesus expira, o humilde e grande obreiro !...
Sobem já pela cruz acima escadas ;
E nos cravos varados no madeiro
Os malhos batem, cruzam-se as pancadas.

Ouve-se o chôro em torno. — As mãos primeiro
Inertes cahem no ar dependuradas ;
A fronte oscilla ; arqueia o tronco inteiro
Nos braços das mulheres desgrenhadas.

Soltam-se os pés — Augmenta o pranto e a queixa.
Só Magdalena ao oiro da madeixa
Limpa-lhe a face, que de manso inclina.

E no meio da lagrima mais linda,
Com o dedo erguendo a palpebra divina,
Busca ver si Elle a vê... beijando-o ainda !...

Cadaver de Virgem

Estava no caixão, como n'um leito,
Pallidamente fria e adormecida ;
As mãos cruzadas sobre o casto peito,
E em cada olhar sem luz um sol sem vida.

Pés atados com fita em nó perfeito,
De roupas alvas de setim vestida ;
O tronco duro, rigido, direito,
A face calma, languida, dorida...

O diadema das virgens sobre a testa,
Niveo lyrio entre as mãos, toda enfeitada,
Mas, como noiva, que cançou da festa.

Por seis cavallos brancos arrancada...
Onde vais tu passar a longa sesta
Na molle cama, em que te vi deitada? !...

LUIZ MURAT

O Meu Palacio de Ouro

(SOBRE A LAPIDE DE UM CORAÇÃO)

Meu beijo para te beijar, formosa,
Sobre os teus labios tremulos se ajoelha,
E, zumbe e as azas bole como a abelha,
No perfumado calice da rosa.

A aragem matutina em terno chalra...
As invisiveis pennas meche e freme...
Nella tambem uma saudade geme,
Nella tambem uma esperança palra.

Quando das cêpas rubro insecto rompe,
Lembra um sól microscopico e irritante,
Que da liquida opala do Levante
Entre frouxeis e purpuras irrompe...

Tambem teu busto branco e romanesco
Rompe desta saudade que não finda,
Porque me envolve a tua imagem linda
Neste quadro do AMOR pintado a fresco.

A tua bocca levemente arqueada,
Tem o mesmo rubor e o mesmo riso
Entrefechado como um paraizo
Que ainda guarda Eva intacta e immaculada.

Póde tudo peccar, sujar-se tudo;
Podem tornar-se as pombas malfazejas,
Não, de certo, esses olhos de velludo
De onde os raios mais rutilos dardejas.

Esses, formosa, hão-de sêr sempre aquellas
Duas estrellas que me acompanharam,
E que um cofre de sonhos vigiaram,
Como um therouso, duas sentinellas.

Correm ainda « Sara » o véo de brumas
Que o sol aos meus desejos occultava,
E ergueram sobre um chão, que o mar banhava,
Um palacio de conchas e de espumas.

Foi n'esse glauco a excentrico palacio
No qual tecendo a minha poesia,
Ouvi como uma vaga melodia
As canções remotissimas de Lacio.

Foi ali, que de alegres crenças cheio,
Provei do amor o doce e amargo favo;
Foi ali que a volupia, travo a travo,
Queimou-me as mãos e corroeu-me o seio.

Foi ali, nessa aureola diffusa,
Onde sonhava o olôr da tua trança,
Onde o beijo rulava uma esperança
Que ensinei a cantar a minha musa.

A's vezes, uma vaga, escura, em baixo
Do parapeito da janella estava
A vêr se pela astucia arrebatava
Do teu cabello precioso cacho.

Eu, que os seus movimentos não perdia,
Punha-me em guarda, rindo-me da empreza:
E quando a vaga ia tocar a presa
Fechava-lhe na cara a gelozia.

A luz da Madrugada e a luz do Occaso
Corriam doidas para esse retiro;
E, quando o luar voltava de seu giro
Beijava a flôr, mas sem tocar no vaso.

O mais sublime e ardente dos cantores
Naquelle esconso e lubrico remanso
Rendia-se das brisas ao balanço.
Com os seus queixumes, com os seus amores...

Uma só borbolêta perlustrava
Prados, sorrindo no mais lindo sonho;
E após n'um quarto, de um rumor tristonho,
Em lêdo surto borboleteava...

. . . . . .

Emtanto, o meu palacio de ouro, agora,
Vive esquecido; — é como um templo em ruinas,
— Enche-no a sombra immensa das collinas,
E a dor que o mar acerbamente chora.

LUIZ GUIMARÃES

O Beijo da Morta

Cresce a invernosa noite, um frio intenso
Morde-me as carnes : — livido, gelado,
No leito me ergo... e escuto o desolado
Uivo do inverno, atroz, convulso, immenso...

Tento dormir. Em vão ! Escuto e penso.
Penso na eterna Ausente... Ah ! si a meu lado
Ella estivesse ! Um beijo perfumado !
Um só ! me fora ardente e idéal incenso...

Abre-se então de leve a minha porta :
E' Ella ! Entrou. Na pallidez da morta
Uma aurora de beijos irradia :

Caminha... chega e diz-me n'um segredo :
« Une teu rosto ao meu; não tenhas medo :
« Venho aquecer-te : — a noite está tão fria ! »

(Sonetos e Rimas.)

A voz das arvores

Emquanto os meus olhares fluctuavam,
Seguindo os vôos da erradia mente,
Sob a odorosa cupola fremente
Dos bosques — onde os ventos sussurravam,

Ouvi fallar. As arvores fallavam :
A secular mangueira fielmente
Repetia-me a rir o idylio ardente
Que dois noivos, á tarde, lhe contavam ;

A palmeira narrava-me a innocencia
De um brando e mutuo amor, — sonho que veste
Dos loiros annos a feliz demencia ;

Ouvi o cedro, — o coqueiral agreste,
Mas excedia a todos a eloquencia
D'uma que não fallava : — era o cypreste.

(Sonetos e Rimas.)

JOSÉ IZIDORO MARTINS JUNIOR

Fim de Jornada

. . . . . .

Bem. Eu descanço aqui. Tiro as sandalias. Jogo
O meu bordão á relva e reflicto, E' de fogo
O poente — o travesseiro onde o sol vae deitando
A cabeça sangrenta. O ar está cantando.
Vim subindo, subindo anciosamente a escarpa.
Desejava galgar esta eminencia. A farpa
Da ambição me ferroava o peito pela estrada.
Eu queria subir, ascender á inflammada
Culminação do monte em que moram as pompas
Da luz, do céo, do azul ; queria ouvir as trompas
Da floresta vibrando ao sôpro crú dos ventos
Nesta vertiginosa altura, aos luzimentos
Do astro que morre além, como um heróe ferido,
Rubro, soberbo, nú, phantastico, incendido !
Cheguei. Quero estender o olhar pelo caminho
Andado. Eil-o : é tão longo e teve tanho espinho,
Que eu nem sei como pude effectuar a viagem.
Esta cota de matha alvissima — a coragem,
O escudo — Enthusiasmo, a lança — Inspiração,
Esta viseira — a Idéa, este punhal — Canção,
O estofo azul do verso, a armadura da Prosa,
As hallucinações do Ideial, a gloriosa
Febre da propaganda, o odio ao Erro, o amor
A' Humanidade, á sciencia — arvore sempre em flôr,
— Tudo eu joguei, lancei por essa estrada fora,
Como um joven nababo esturdio que não chora
Os milhões, o ouro em pó, as fulvas pedrarias,
Alfaias e coraes, perlas, tapeçarias...

Vou repousar agora. Esta eminencia tem
Astros, fulgurações, seiva, perfumes. Vem
Medroso, abrindo a aza, este passaro — a noite,
E eu quero procurar um canto onde me acoite,
Entre as vegetações cheias de insectos mansos,
Sobre o chão, sob o céo, aos dourados avanços
Do luar, que alli surge, e que espiando mudo
Por detraz do alcantil, magnetisa tudo!

Hotel

(A MUCIO TEIXEIRA)

Este meu coração é vasto hotel,
Onde é gratis o pasto e o aluguel.
Vivem vida melhor os inquilinos,
Pesar que todos lá são femeninos...
E' caso decidido : os d'outro sexo
Não têm, não podem ter na casa ingresso!
O logar d'honra, a sala, ha muito occupa
(Nem consinto que outra a sala entupa),
Aquella a quem mais serio amor consagro,
E que soube fazer de um gordo um magro.
Que saia quem quizer ; o que me importa?
Mas tu? Não saias, não... fecho-te a porta.
Na saleta pernoita a Dorothea ;
Esboço o seu retrato : faça idea
O leitor, si quizer ; si não, não faça ;
Mais vaporosa que subtil fumaça,
Mais bella que a leitora, si for feia ;
Rapariga de truz ou de mão cheia ;
Tem pequenina a mão ; mas o seu pé
Cabe dentro da caixa de rapé
Que um bom palmo medir (si não chegar,
Que lhe fique de fora o calcanhar).
No quarto atraz da sala a Genoveva
Em ciumadas d'amor o dia leva ;
Si em tres dias, porém, não se comporta,
Ponho-a n'olho da rua e fecho a porta.
Atraz desta mulher mora uma tola.
Socegada que é! mesmo uma rola!
E jámais se queixou! Pobre menina!
Julga ser ella a unica inquilina
Desse vasto edificio, onde as confundo,
E tem medo das almas do outro mundo...

No corredor logar onde pernoite
Achou certa senhora, que uma noite,
Dos labios meus ouviu (foi no theatro,
Diz ella; eu não me lembro!) : Ai! te idolatro!
A sala de jantar, que é mui comprida,
Está n'um dormitorio convertida.
Não presumas, leitor, si tu presumes,
Que as, que para alli stão, tenham ciumes;
Esteve uma franceza alli morando,
(Oh! namoro feliz e memorando);
Como viu que era hotel meu coração,
Fez cortiço do seu! Teve razão...
Mas eu que me escamei... Ora, não ha!
Bati-lhe um dia o pé e... *Bonsoir.*
Esteve uma franceza alli morando,
A quem ouvi cantar a barcarola
De certa zarzuela. Inflexivel
Era o seu coração. Porém sensivel
A' lógica de um mimo : dei-lhe um broche...
Um dia se zangou e — *Buena noche.*
Uma ingleza tambem! Que amolladora!
Eu tinha medo de mandal-a embora :
Podia vir um *box.* Um bello dia
Ella estava de *spleen*, eu — nostalgia,
Bradei-lhe, aborrecido : Vai-te! vai-te!
Ella, gelada, suspirou : *Good night.*
Além d'estes, ha mais outros logares :
A casa é um casão : tem dois andares;
As alcovas estão todas tomadas...
Meninas, todavia, endiabradas
Querem o muro escalar para o quintal!
Mas não posso aceitar mais pessoal!
E' ser, tornar a ser muito exigente!
Como eu hei de cuidar em tanta gente?
Até tenho uma negra na cosinha,
O que confesso p'ra vergonha minha!

A leitora, si vem por bom caminho,
Talvez possa arranjar um logarsinho...

AS Estatuas

No dia em que na terra te sumiram,
Eu fui ver-te defunta sobre a eça,
Fechados para sempre — ó sorte avessa ! —
Aquelles olhos que me seduziram.

A' luz do sol uma janella abriram,
E o jardim avistei, onde, ó condessa,
Uma noite perdemos a cabeça,
E as estatuas de marmore sorriram...

Sahiste por aquella mesma porta
Onde outr'ora os teus beijos me esperavam,
Cheios de amor que ainda me conforta.

Quando o jardim saudoso atravessavam
Seis homens com o esquife em que ias morta,
As estatuas de marmore choravam !

B. LOPES

Flòr de Primavera

Vieram comtigo, flôr de primavera,
Na brilhante explosão de aureas phalenas
E andorinhas gazis, abrindo as pennas,
O sonho azul, a fulgida chimera...

Entre os lauréis de ramos de hera,
Myrthos floridos e humidas verbenas,
Rindo, talvez, ás doces cantilenas,
Abrem-se os ninhos, meigamente, á espera

Da aza primeira e do primeiro beijo...
E este aroma de rosas, este harpejo,
O sonho azul, a fulgida chimera,

Ferindo a luz do amor, a luz querida,
Que esta alma aquece e me illumina a vida,
Vieram comtigo, flôr de primavera!

Soneto

Nessas manhãs alegres, perfumadas,
De ether sadio e claro firmamento,
Acariciando o mesmo pensamento
Percorremos o parque de mãos dadas.

Aves trinando em cima das ramadas,
Alvos patos e um cysne a 'nado lento
Sobre as aguas do lago, num momento
Pela braza do sol ensanguentadas...

Brilha o sereno tremulo nas pontas
Do vistoso gramal, como se fosse
Solto rosario de opalinas contas...

Emquanto uns casos rusticos de aldeia
Eu vou narrando-lhe, em linguagem doce,
Escuto a queixa de seus pés na areia!

(Brazões.)

OLAVO BILAC

Via-Lactea

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
Sahi, ancioso por te vêr : Corria...
E tudo ao ver-me tão depressa andando,
Soube logo o logar para onde eu ia.

E tudo me fallou, tudo ! Escutando
Meus passos, atravez da ramaria
Dos despertados passaros o bando :
« — Vai mais depressa ! Parabens — », dizia.

Disse o luar « — Espera ! que eu te sigo :
Quero tambem beijar ás faces della ! — »
E disse o aroma : « — Vai, que eu vou comtigo ! — »

Cheguei : e, ao chegar, disse uma estrella :
« — Como és feliz ! como és feliz, amigo,
Que de tão perto vais ouvi-la e vê-la ! — »

Ouvir estrellas

— Ora (direis) ouvir estrellas! Certo
Perdeste o senso! — E eu vos direi, no emtanto,
Que, para ouvil-as, muita vez desperto
E abro a janella, pallido de espanto...

E conversamos toda a noite, emquanto
A via lactea, como um pallio aberto,
Scintilla. E, ao vir o sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora : — Tresloucado amigo!
Que conversas com ellas? Que sentido,
Tem o que dizem, quando estão comtigo?

E eu vos direi : — Amae para entendel-as,
Pois só quem ama póde ter ouvido,
Capaz de ouvir e de entender estrellas.

(*Poesias.*)

O Camarim de Lucia

Um leito gracioso,
— Antes concha de perola —
Mais do que se mostrando — adivinhado
Atravéz a indiscreta transparencia
De um niveo cortinado...

Gentil, mysterioso,
— Antes ninho de passaro, —
De pequenino e alvo, e tão catita!
Mais visão idéal que asylo e alcaçar
De uma moça bonita...

Escondendo-se quasi
Na frouxa claridade da penumbra;
Antes fróco de nevoa,
De tão mimoso e fragil; — mais aerio,
Mais irreal que o afigura a idéa,
Menos realidade que mysterio...

Feito de scismas, de pureza e gaze,
De candura e innocencia
E, — como a gaze rumoreja a medo
Quando a brisa a balouça,
Trahindo phrases de uns sonhares lubricos,
Pagina aberta no mimoso enredo
De um romance de moça...

Alvo como a caçoula
De magnolia pallida,
Macio mais que o arminho alvinitente
De um berço de pellucia ;
De mais que o berço — uns longes de volupia,
De mais que a flôr — o callido bafejo
Do halito de Lucia...

Um toucador singelo ;
— Antes brinco da infancia ;
Mimo de confusão, capricho artistico,
Templo do estudo e altar da faceirice,
(Denunciando o espelho irreflectido
A feminea ledice...)

Um *Heine* meio aberto a espreguiçar-se
Sobre o pallido marmor ;
A brisa a despertal-o da indolencia
E, ao voltear das folhas, dispersando
As deslembradas petalas
De uma fanada flôr, — timido symbolo
D'intima confidencia...

. . . . . .

Dissereis a gentil miniatura
De um elegante cahos :
— As mil futilidades da costura,
— Caprichos femînis, frascos de essencia,
E — ao lado desses nadas — a brochura
De um livro de sciencia ! !

Vesper

Do seu fastigio azul, serena e fria,
Desce a noite outomnal, augusta e bella;
Vesper fulgura além... Vesper! Só ella
Todo o céo, doce e pallida, allumia.

De um mosteiro na cupóla irradia
Com frouxa luz... Em sua humilde cella,
Contemplativa e languida á janella,
Triste freira, fitando-a, se extasia...

Vesper envolta em deslumbrante alvura,
Oh nuvens que ides pelo espaço afóra!
A quem tão longo olhar volve da altura?

Que olhar irmão do seu procura agora
Na terra o astro de amor? O olhar procura
Da solitaria freira que o namora.

As pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... emfim, dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada...

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruflando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como vôam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

(Symphonias.)

VALENTIM MAGALHÃES

Prenuncio de aurora

Aos redactores de « A Evolução »

Entre nuvens de pó, das ruas nas calçadas
Movem-se as multidões, activas, apressadas.

Da Industria e do Commercio os robustos pulmões
Enchem o ar de viris e festivas canções.

Passam confusamente, em turbilhão espesso,
As manifestações soberbas do Progresso.

Fumam as chaminés. Ouvem-se os arsenaes
Cantando herculeamente as odes immortaes,
As epopéias de aço em nova lyra — o malho.
E' nobre a inspiração e chama-se Trabalho.
E a Musa, a grande Musa, austera e sacrosanta,
Que para o céu azul os olhos alevanta,
Banhados no fulgor virgineo da Justiça,
Que prega aos corações a lei da Nova Missa,
Cheia de robustez, de amor, de honestidade,
Essa Musa idéal chama-se Liberdade.
Thuribulo gigante : uma cidade inteira!
Por incenso sagrado o fumo das fornalhas.
Ferem-se na officina as rigidas batalhas
Da Vida contra a Morte, a velha traiçoeira ;
E cada som que sólta o malho na bigorna,
Que o negro muda em rubro e o ferro em brasa torna,
Cada som que elle tange é o som d'uma passada
Da invencivel legião, da cohorte sagrada
Das almas demandando a Promissão, a Luz.
O magestoso sol, dos velhos céus azues,

Beija serenamente a fronte dos obreiros.
Na bronzeada tez dos rostos dos ferreiros
Esbate-se o luar sanguineo dos carvões ;
E, sob o labutar dos musculosos braços,
O ferro serpenteia em rubras contorsões,
Colerico espargindo accesos estilhaços.
Um d'esses homens tem na fronte clara e larga
Esse *quid* que accende a electrica descarga
Que illumina o porvir e se chama Talento :
Forte como o oceano e livre como o vento.
Nos seus olhos leaes, mansos porém valentes,
Reflecte-se o fulgor dos ideaes candentes,
A serena altivez dos sonhos impollutos.
Ha naquelle operario a mansa robustez
Que dos poltrões distingue os homens resolutos.

Subito, um som agudo ao longe ouvir se fez.
Era um som de clarim, intermittente e forte.
Logo após toda a rua encheu-se dos abalos
Do estrepido de um carro e patas de cavallos.
Era o coche do rei, seguido da alta côrte.
Assim que o divisava, o povo humildemente
Tirava o seu chapéu com ares de indigente ;
E o rei comprimentava os seus fieis vassallos,
Talvez por não poder, de um golpe, degolal-os.
Quando o coche real passou pela officina,
Banhada no clarão da chamma purpurina,
O monarcha saudou, risonho, venturoso,
O audaz trabalhador robusto e talentoso.

(*Rimario.*)

AFFONSO CELSO

Na Fazenda

Dorme a fazenda. Uniformes,
Com seu inclinado tecto,
Tem as senzallas o aspecto
De um bando d'aves enormes.

Os cães, no pateo encoberto,
Repousam de orelha erguida;
São como oasis de vida
Da escuridão no deserto.

De vagos tons uma enfiada
Com o torpor lucta e vence-o;
E' no burel do silencio
Franja sonora bordada.

A's vezes, da porta estreita
Sae um chorar de creança,
Chamando a mãe que descança
Morta do afan da colheita.

Talvez no infantil assombro
Já se lhe antolhe mais tarde:
— O eito, emquanto o sol arde,
E o peso da enxada ao hombro.

Os cães levantam-se a meio,
Geme a creança um momento
E, a pouco e pouco, em lamento
Succumbe o isolado anceio.

Longe, na sombra perdido,
Ha no perfil de um outeiro
Algo de estranho guerreiro
Da cota de armas vestido.

Ao lado reluz a linha
De extensa e alvacenta estrada,
Como a lamina da espada
Que lhe saltou da bainha.

E o disco da lua nova
No lar azul das esphéras,
De nuveus, que lembram féras,
Como um reptil sae da cova.

Ondula no espaço o fumo
De algum incendio invisivel;
Chóra a creança. Impassivel,
Prosegue a noite em seu rumo.

(Rimas de outr'ora.)

THEOPHILO DIAS

A VOZ

Vibra na tua voz, de um perfido attractivo,
Um rythmo fatal, dissolvente, impressivo,
Que me acceléra o impulso ao sangue impetuoso,
E docil ao seu timbre electrico, expressivo,
Meu ouvido o reflecte ,em fremito nervoso.

No som dominador, na imperiosa ternura,
Exhala sensações funestas ; — a loucura,
A vertigem, a febre ; e — estranha phantasia !
A embriaguez cruel, que affaga, e que tortura,
Um philtro musical, um vinho de harmonia.

Exerce sobre mim um brando despotismo,
Que me orgulha, e me abate;—e ha nesse magnetismo
Uma força tamanha, uma electricidade,
Que me fascina e prende ás bordas de um abysmo,
Sem que eu tente fugir, — inerte, sem vontade.

Assim como o pendor, facil, accidentado,
De rocha de crystal, que a lympha tem cavado,
Presta á onda, que o mina, o voluptuoso dorso,
Por onde ella espreguiça o corpo perfumado,
Indolente, a rolar, sem o minimo esforço ;

Não de outro modo, assim, ao som de tua falla,
Ha um declive doce, extatico, que embala,
No fundo de minha alma, a tua voz tremente,
Que em meandros subtis, invisiveis, resvala
E penetra-lhe o abysmo harmoniosamente.

O rio e o vento

Muitas vezes se vê, sobre os rios do Norte,
Na quadra em que o calor abafa mais ardente,
Horrisono tufão rugir, sanhudo e forte,
Em direcção contraria á indomita corrente.

Freneticos pegões, com impavidos roncos,
Arrancados com furia ás validas entranhas,
No impetuoso correr lascam os velhos troncos,
E fazem desabar as pedras das montanhas,

De encontro ás aguas rúe a turbida descarga,
E em brusco assalto ferve, e remoinha e brama :
— Sem cólera, encrespando a superficie larga,
Atravéz da floresta o rio se derrama.

Como um athleta, o vento, em porfiado esforço,
Cava a humida arena ; — o rio, que se empóla,
Sob a affronta, erriçando o magestoso dorso,
Com lento passo egual a rude massa róla.

Apenas, nesse dorso herculeo, que fumega,
Brincam da espuma errante os fervidos matizes,
E elle vae fecundando as regiões que rega,
Nutrindo e avigorando as soffregas raizes.

Idéal ! idéal ! tu és como esse rio !
— Sem ouvir o clamor dos sceptros, das thiáras,
Com grave placidez, imperturbavel, frio,
Vaes rolando em triumpho as tuas ondas claras.

Embalde sobre ti a bava dos insultos
O preconceito cospe, e golpheja a insolencia :
— Vaes nutrindo de amor os corações incultos,
Fecundando o dever em cada consciencia.

Fatigando ao passado a resistencia, a furia,
Marchas para o futuro inalteravelmente ;
Não te póde sustar a força, nem a injuria :
— O tufão não suspende aos rios a corrente !

ADELINO FONTOURA

Beatriz

Beatriz! Beatriz! sombra querida,
Branca visão que em toda parte vejo,
E's a ventura unica que almejo,
Que outra igual me não fôra concedida

Meu amor, minha crença e minha vida,
Todo bem com que sonho e que antevejo,
Tudo que aspiro e tudo que desejo,
A ti te devo, ó alma commovida!

Do meu amor não saibas, todavia,
Pois que se igual amor te não mereço,
Antes quero cuidar que o merecia.

Succumbirei á dôr de que padeço;
Se tal fraqueza chamam cobardia,
Eu serei um cobarde por tal preço!

Rastro de amor

Vasos d'oiro, tapetes, luzes, flôres,
Porcellanas, espelhos de Veneza,
Essencias, pedrarias, de mil côres,
— Tudo resplende aos brilhos da riqueza.

Mas de repente, archanjo de pureza,
Ao tom da festa, em meio dos fulgores,
Tu surges no salão, e a singeleza
Do teu vulto é o maior dos esplendores!

Passas sorrindo, timida innocente,
E eu te acompanho o passo enamorado
Com longo olhar, apaixonadamente.

Depois desappareces; mas, calado,
Meu espirito segue inconsciente
O teu sonoro rastro perfumado...

LUCIO DE MENDONÇA

Consorcio maldicto

Elle é um rude sujeito honrado e generoso,
Forte e trabalhador. Ella é toda franzina ;
E' de antiga nobreza ; e é da raça felina
O seu mavioso gesto electrico e nervoso.

Jura-lhe amor, e tem-lhe um odio rancoroso,
Sobre o peito do athleta o regio busto inclina,
E mette-lhe no bolso a mão fidalga e fina
E despoja-o. E elle, o bom e cégo esposo,

Deixa-se despojar, e trabalha. calado.
Ella com uns padres vis anda de mancebia,
E fartos, riem d'elle, o enorme desgraçado.

Ella é a Messalina, a barregã sombria,
Elle, um trabalhador estupido e enganado :
— Elle chama se — Povo, e ella — Monarchia.

(*Murmurios e Clamores.*)

OZORIO DUQUE-ESTRADA

Soneto

Lyrios aqui... vejamos : a morada
Que sob estes cyprestes acha abrigo,
Não é, por certo, a tenda illuminada
Que tu sonhavas habitar commigo !...

O' alma sem piedade maltratada !
— Porque, após expiar o teu castigo,
Vieste, em leito de seda amortalhada,
Buscar a eterna paz deste jazigo ?

No marmore gelado da saudade,
Por mitigar a magoa que não finda,
Ajoelho ; e, emfim, olhando com piedade

A pedra que te guarda, ó joia linda,
Venho aquecer, na sua frialdade,
Meus idéaes... mais gelidos ainda !

Thezouros

De um rei contaram-me um dia
Que em seu thezouro guardou
Tanta luz de pedraria
Que os proprios olhos cegou.

A mim, não me fez cegar,
Mas pôz a minh'alma louca
A luz que vive a brilhar
No escrinio da tua bocca.

Longe

Depois de passados dias
De ventura, esta alma escrava
Punha bençãos e agonias
No beijo que te deixava!

Depois, rolei como um morto
Pelo alto mar: nem o céo
Dava-me mais o conforto
Que o teu sorriso me deu...

Mas não supponhas que, acaso,
De ti me aparte um momento:
O sol afunda no Occaso,
Mas redoira o firmamento.

Da melhor das creaturas
Nem me podem afastar
Estas tremendas e escuras
Trezentas legoas de mar!

Aspiro ainda a fragrancia
Com que o teu labio me anima:
Quanto maior é a distancia,
Tanto mais nos approxima!

Prefiro ao sol (crê si queres)
A luz com que o mundo espantas:
E's a mais santa entre as santas
E a mais pura entre as mulheres.

O sol mergulha no lôdo,
A estrella beija o paúl...
— Não troco pelo céo todo
Este pedaço de azul!

F. A. DE CARVALHO JUNIOR

Soneto

I

Quando, pela manhã, contemplo-te abatida,
Amortecido o olhar e a face descorada,
Immersa em languidez profunda, indefinida,
O labio resequido e a palpebra azulada,

Relembro as impressões da noite consumida
Na lubrica expansão, na febre allucinada,
Do gozo sensual, phrenetico, homicida,
Como lamina aguda e fria de uma espada.

E ao vêr em derredor o grande desalinho
Das roupas pelo chão, dos móveis no caminho,
E o *boudoir*, emfim, do cahos um fiel plagio.

Supponho-me um heróe da velha antiguidade,
Um marinheiro audaz após a tempestade,
Tendo por pedestal os restos d'um naufragio!

EMILIO DE MENEZES

Os tres olhares de Maria

I

A ANNUNCIAÇÃO

Entre gente modesta, e existencia prosaica,
Longe do grande luxo e vivendo distante
Do fausto babylonio e da pompa chaldaica,
Sem nada a lhe turvar o angelico semblante;

Diz uma tradição de santa lenda archaica
— Cuja veracidade a Escriptura garante —
Floresce a melhor flôr da familia judaica
Como um lotus ideal de aroma penetrante.

Vive calma e feliz. Todo o seu bem resume
Em ter pelo seu Deus e seu supremo guia
Tudo o que a dôr lhe acalme e os sonhos lhe perfume.

« Mãe do Senhor serás » — o archanjo lhe annuncia.
E Ella accende no olhar do espanto o estranho lume!
— Era o primeiro olhar dos olhos de Maria!... —

II

A PAIXÃO

Messias annunciado, e do Céo predilecto!
Tu que és Filho de Deus, e Rei do mundo todo,
— Filho da minha crença e meu primeiro affecto,
Soffres dos maús, assim, o repellente apôdo?

Tens o Teu coração de bondade repleto
De perdões e de fé, de audacias e denodo;
E eu vejo assim na terra, o Teu divino aspecto
Maculado de sangue e coberto de lodo!...

Será possivel, Deus! Pae da suprema graça!
Que assim deixes passar pela dura agonia,
Porque Meu Filho, o Teu, por entre os homens passa!?

E n'isto a Virgem-Mãe, cujo olhar irradia,
Tem nos olhos a dôr e a duvida a traspassa!...
— Era o segundo olhar dos olhos de Maria!... —

III

A ASCENSÃO

Sinto-te, emfim, Senhor! Sei quem és Tu, meu Filho
Que de Teu Pae frouxeste aos algozes da terra,
O roteiro que mostra o verdadeiro trilho
Que vae de bosque em bosque e vae de serra em [serra.]

Agora sinto, emfim, que todo o estranho brilho
Que nos meus olhos vês e nos Teus olhos erra,
No humano coração não encontra empecilho,
Todo o rancor acalma e acalma toda a guerra!

E'assim que a Virgem-Mãe entre preces murmura
Vendo, entre nuvens de ouro e rara pedraria,
A ascenção de Jesus para a infinita altura!...

Que era o filho de Deus, tudo ali lhe dizia...
E em seus olhos brilhava a suprema ventura!...
— Era o terceiro olhar dos olhos de Maria!...

(Poemas da morte.)

QUARTE PARTE

POETAS DE TRANSIÇÃO

O exame de Hercilia

(INEDITO)

(A Mello Moraes Filho.)

Em casa da bôa Hercilia
Já de ha muito dorme toda
A familia,
Toda, até mesmo um bichano,
Que, hirto o pêllo, se accommoda
Sobre o piano.

Onze horas lentas, onze horas,
Num timbre estridente e agudo,
Deu sonoras
O relogio. Espesso e enorme
Silencio amortalha tudo...
Tudo dorme.

Só Hercilia, o olhar esperto,
Febril, nervosa, açordada,
Alli perto,
Insomne róla no leito
Com a coberta repuxada
Sobre o peito.

E' que viva, pobre criança,
Traz desse dia tão breve
A lembrança,
E inda uns echos de alegria
Lhe vêm do prazer que teve
Nesse dia.

Fez exame. Foi julgada
Pela commissão de exame
Approvada!
Difficeis provas aquellas,
E nem temor, nem vexame
Deante dellas!

Não tendo lettra bonita,
O seu continuo receio
Era a escripta...
Mas: « A lettra pouco importa;
Se... eja clara, embora meio...
Meio torta...

O que se quer é certeza
Na... as palavras. » Gaguejara,
Junto á mesa,
Um dos examinadores,
Da jarra, ao pé, alta e clara,
Vendo as flôres.

Quando se fez a chamada:
— « Dona Hercilia de Azevedo! »
Apressada,
— Presente! — disse, tão calma,
Que, bem se viu, nenhum medo
Lhe ia n'alma.

Na prova oral mais de um'hora
Levaram á interrogal-a...
Sim, senhora!
Estavam alli, da villa,
Muitas pessoas na sala
Para ouvil-a.

Fallou alto e forte. Prompta,
Ora na pedra fazia
Uma conta,
Ora, voltando-se para
O audictorio, discorria
Com voz clara.

Das fracções, as ordinarias
E decimaes, aos complexos,
Questões várias
Resolveu. Levava o espanto
A todos, alli perplexos,
Saber tanto.

Em geographia, a victoria
Era certa. Tinha a sciencia
De memoria.
Disse toda a Europa, disse
(Que expressão e que eloquencia!
Quem a ouvisse!)

A Asia toda, a Africa em parte,
Que o tempo entre outras alumnas
Se reparte.
Esmiuçou dos continentes
Rios, lagos e lagunas
E torrentes.

Subiu ao Altas, de um salto,
E ao Kilimandjaro; logo,
De tão alto,
Ao Barh-al-Abiah, de agua clara,
Desceu, e ao saibro de fogo
Do Sahara.

O Klutcheveskoi, medonho
Volcão, o Koriaskaia,
Como em sonho,
Fez chammejar, igueo e rudo...
Mares, cabos, praia a praia,
Disse tudo.

Só não soube em sciencia tanta,
A escapar-lhe, como um fio,
Da garganta,
No mappa mural fronteiro
Mostrar o Estado do Rio
De Janeiro.

Da grammatica na prova
Revellou, profunda e artistica,
Vista nova;
Bateu o antigo processo,
Fazendo ver da linguistica
O progresso.

Discorreu sobre os oxytonos,
(Citando exemplos da pratica)
E os barytonos;
Passou á analyse logica,
Kampenomica, syntactica,
Morphologica.

Condemnou a metaphysica
Em moral; com o mundo atomico
Entra em physica;
Historia o fluido electrico;
Vae de um problema economico
A um geometrico.

Já pelo azul super-theorico
Adejava, num tresmalho
Metaphorico,
Quando a mestra, dessa altura
A puxou para o trabalho
De costura.

Toda a sala, que alli estava,
De admiração quasi louca,
A escutava;
Nem sciencia tanta e tão fina
Sahiu jámais de uma bocca
De menina!

Foi um não findar de abraços,
Quando ella acabou. Anciosa,
Nos seus braços
A professora tomou-a...
Que mestra que é a dona Rosa!
Como é bôa!

E ante Hercilia, lenta, lenta,
Da mestra a velha figura
Se apresenta...
Dão-lhe graça essa verruga
E esses oculos de escura
Tartaruga.

E por trás da mestra, em bando,
Vê com a multidão que chega,
Vir entrando
Arabella, Dulce, Estella...
Foi sua melhor collega
Arabella.

E Hercilia, a pensar na amiga,
Dorme-não-dorme, olha á porta
Uma antiga
Aberta por onde a lua,
Num raio que a sombra corta,
Se insinúa.

E — illusão, talvez, pareça,
Vistosa c'rôa, aurea e bella,
Lhe adereça
A luz. Várias, multicôres,
Grandes gemmas brotam della,
Como flôres.

—Ah! que é isto! Um mimo régio!
Mandou-m'o, talvez, a mestra
Do collegio! »
Brada Hercilia. E ergue-se, vôa,
Péga o mimo, e, alçando a dextra,
Cinge a c'rôa.

E vê-se ao espelho. Farto,
O luar, de um raio que era,
Enche o quarto.
O espelho á luz irradia,
Como em céu de primavera
Claro dia.

Vê-se. E moça, moça vê-se!
De moça o seio nevado
Lhe apparece;
De moça a fórma, alva e lisa,
Se adivinha entre o rendado
Da camisa.

Moça! e c'roada! e rainha!
— « Mas — diz ella, e o espelho encara :
Será minha
C'rôa, assim, que a todas vence
Em fulgor? C'rôa tão rara
Me pertence? »

E uma voz — baixa do tecto?
Do chão lhe sóbe? produl-a
Cada objecto?
Vem do luar? Não sabe de onde,
Uma voz no ar que se azúla
Lhe responde :

— « Sim, é tua a c'rôa, é tua!
Mas não vem, como imaginas,
Nem da lua,
Nem da escola; porque, emfim,
Não ha lá, para meninas,
Premio assim...

Vem da tua mocidade,
Que estás moça, e é esse o estemma
Dessa edade!
A luz, em que o vês arder,
E' a da graça que diadema
A mulher.

E' a luz da belleza. E és bella!
Ciuge a c'rôa, e, triumphante,
Vae com ella.
Sobre tens sonhos em flôr
Rutile cada brilhante
Um esplendor.

Cada illusão que alimentes
Espalme, iriantes, as azas
Refulgentes
De ouro e chrysolitas... Ris?
Cante em teu riso a alma em brasas
Dos rubis!

Exulta, folga, ave agora
Emplumada! Flôreo calix,
Abre á aurora!
Phalena, a que o sol seduz,
Sáe a gyrar pelos valles,
Vae com a luz!

Estás moça! Esse pesado,
Vão saber, que crês houveste,
Põe de lado;
Em nada te hade valer
Tanta cousa que soubeste...
Sem saber.

Grande e sábia, a Natureza,
Mais te ensina, e com verdade
E clareza,
Que a escola que te approvou
E tanta banalidade
Te ensinou.

As entre-cruzadas teias
Do aranhol, em que, perdida,
Tu te enleias,
Espedaça, ó alma! e, a voar,
Vem, mais livre, ao sol a vida
Ver e amar!

Bella é a vida, e és bella! E ah! quanto
Será mais intenso e vasto
Seu encanto
Se ao teu dever a razão
Servir sempre, e ao bem teu casto
Coração!

Vem ser bôa, e meiga, e pura!
Bella não só, mas querida,
Por ventura,
De todos, Hercilia! E, mais:
Vem ser o orgulho, a alma, a vida
De teus pais! »

A visão da torre

Descamba o sol. Scisma a isolada torre.
Scisma. E, alongando o olhar de pedra fria,
Parece ver desse final de dia
No raio extremo a antiga fé que morre.

Menos que aquelle fumo que arrebata
Lá embaixo o vento, e vae traçando o rumo
Do céo na espira, viu durar o fumo
Dos sagrados thuribulos de prata.

Como na areia, ao tempo, a tenda erguida
Que o abrigára das chuvas, o viajante
Esquece e vae buscar um pouso adeante :
Os corações deixaram-n'a esquecida.

Não vibra mais ! Seja manhan de inverno
Ou verão, brilhe ardente o sol a pino
Ou caia o sol — jaz-lhe pendido o sino,
Com a corolla de bronze, em somno eterno.

E — tempo extincto ! delle ouviu sonoras
Noutra quadra melhor — como de um calix
Sáe um bando de abelhas pelos valles —
Sair cantando pelo espaço as horas.

E agora muda, abandonada ao vento !
Muda ! entregue ao deserto arido, infindo !
Como pésa, meu Deus, mesmo caindo
Sobre uns hombros de pedra, o esquecimento !

Estar só ! viver só ! trance tremendo !
Só ! e inutil sentir passar a vida !
Só, com uma sombra aos pés !... Torre esquecida,
Entendo-te a alma, tua dor entendo.

Só ! que angustia indizivel ! Só ! que magua !
— De quando em quando uma andorinha apenas
A busca e beber vem, ricando as pennas,
Na rôta claraboia um pingo d'agua.

Alma dos homens, não vos move á inveja
A ave do céo que, erguendo-se á procura
De um pouco d'agua á sêde que a tortura,
A terra deixa e vem buscar a igreja ?

Tendes em que matar a sêde vossa,
Alma dos homens ! A « serena fonte »
Já não é necessario vol-a aponte
Torre brutal de cantaria grossa.

Crença, culto, dever, tudo esquecestes !
Varra agora, passando, a ventania
Dos vidros d'esta cupola sombria
O pó das azas das visões celestes.

Varra, leve-lhe tudo !... — A torre scisma.
Como um phantasma na planicie pôsto,
Alta, de pé, bate-lhe o sol no rosto,
E ella no sol o olhar de pedra abysma.

E olha, alonga-se, espia... e lhe parece
Ver de costas além — sombra apagada
Quasi de todo — lá no fim da estrada
O ultimo crente que desapparece.

NESTOR VICTOR

Filha morta

Crocitando. n'um vento de loucura,
Veiu a desgraça me bater á porta !
Ao berço immovel de uma sepultura
Mandei agora minha filha morta.

Não sabe um pae o que é ser pae emquanto
Os tem aos braços, descuidado e crente ;
Sabe o que é amal-os, pallido de espanto,
Quem vê que é pae para os chorar sómente.

Exanimes, cahirem-nos na estrada !
Do céo em vão pedirmos a clemencia !
E' de luto cobrir toda a jornada,
E' transformal-a n'uma penitencia.

Porque um pae, quando entrega um filho á Morte
Faz-se um homem — cypreste. Mata os passos.
Aonde quer que o destino nos transporte,
Vamos levando o seu caixão nos braços !

Os filhos são para nos pôr ao peito
Piedosamente as duas mãos cançadas,
Para, fechando-se o caixão estreito,
Alguem sentir as palebras molhadas.

Não é irem tão pallidos sorrindo,
Como tu foste, minha filha ha pouco,
E um pae ficar o prestito seguindo,
N'este sorriso tragico de louco !

Elles então ás vezes vêm sómente
Espreitar quando estamos descuidados
Para ás mãos nos fugirem de repente,
Apavorando uns pobres desgraçados ? !

Não vale ter um coração piedoso,
Em nossos filhos adorar o Céo,
Esse amor, tão humilde, é máo, é odioso,
Como o crime nivela-nos a um réo.

Eu sei que o Soffrimento é a unica escada
Que entre os astros do Céo e a Terra oscilla
Que a Dôr é que nos ergue, abençoada,
Fazendo um homem de uma pobre argila.

Mas a angustia não lessemôs na face
D'estes seres angelicos, ao menos.
Nos seus hombros a Dôr não balançasse,
Elles sendo tão frageis, tão pequenos !

No tragico silencio em que padecem
Olham á gente com tão grande espanto !
Interrogar-nos como que parecem
Qual o motivo por que soffrem tanto.

E fica um pae, com o pisar de um lobo,
Vagando inutil em redor do leito,
Sorrindo á tôa, como um triste bobo,
Quasi a arrancar o coração do peito !

Ai esta dôr ! Não póde haver no mundo
Coração que a receba resignado !
Ella revolta o proprio Céo profundo !
— E' a dôr horrivel do ludibriado !

Irrisorios simulacros inuteis
De protecção, — vê-se afinal — nós somos !
Contra aquelle martyrio vãos e futeis
São todo pranto ou todos os assomos !

Estes seres — que não nos cause assombro —
Uma missão já tinham confiada...
Elles vêm para a mão pôr-nos ao hombro...
Mas justamente quando está gelada!

Vem acordar-nos para o negro trilho
Com seu funebre e tacito carinho.
— E' só depois de se perder um filho,
Que a selva escura vemos do caminho!

E' preciso, no entanto, ter coragem,
Olhar para si proprio resoluto,
Aceitar o bordão, sacco e roupagem,
E não tremer-se, vendo o céo de luto...

A partida

Do alto, volvendo o olhar á extensão da campina,
Que a estrada, aberta ao sol, corta como uma veia,
Palmo a palmo eu gravava essa milha de areia,
E a aurora aos céos corria a trevosa cortina...

Com que doida avidez, com que amor, na retina
Palmo a palmo eu gravava essa milha de areia,
Do alto, volvendo o olhar á extensão da campina,
Que a estrada, aberta, ao sol, corta como uma veia.

E caminhos além, de collina em collina,
Engolphado no tedio, a alma de pranto cheia,
Eu que a sentia em mim, que a trazia na ideia,
Eu suppunha ainda vel- a — apparição divina —
Do alto, volvendo o olhar á extensão da campina.

FONTOURA XAVIER

Flôr da decadencia

Sou como o guardião dos tempos do mosteiro!
Na tumular mudez d'um povo que descança,
As creações do Sonho, os fetos da Esperança
Repousam no meu seio o somno derradeiro.

De quando em vez eu ouço os dobres do sineiro...
E' mais uma illusão, um féretro que avança...
Dizem-me — Deus... Jesus... outra palavra mansa
Depois um som cavado — a enxada do coveiro!

Minh'alma, como o monge á sombra das clausuras,
Passa na solidão do pó das sepulturas
A desfiar a dôr no pranto da demencia.

— E é de cogitar insano n'essas cousas,
E' da suppuração medonha d'essas lousas
Que medra em nós o tedio — a flôr da decadencia!

(Opalas,)

A minha dôr

Silencio, ó minha Dôr, que alguem te não aviste
As lagrimas fataes.
A' noite iremos sós colher um riso triste
A' diversão dos mais.

Como ao prazer, ha pouco, eu dar-te-ei o braço
E iremos como os bons
Ao circo hoje assistir á estréa de um palhaço
E não sei quantos *clowns*.

E como importas muito, ou viva, ou morta, ou salva,
Aos pezames gentis,
Irás vestida á moda, a pasta á Marialva
E á *boutonnière* um liz.

Que tu és sempre má! laceras cruelmente
Uns pobres corações,
E ficas a pensar que vai chorar-te a gente
A rir dos histriões!...

Depois ao *restaurant!* E como és nova e féra
E eu não te sagro amor,
Lá poderás lançar o pomo de Cythéra...
Eu te conheço, Dôr!

Esperam-te talvez as seducções do vicio,
Os tremedaes do mal,
Eu sei, tu prézas muito a vida entre o bulicio
Ao choque do crystal.

Embora um ideal completo em ti não sonhe,
O' Dôr, tu podes vir...
Em frente a uns seios nús e um calix de Bourgogne
Tu saberás sorrir.

Já não és mais a vil que conduzia á morte
Os cerebros *blazès*,
E's um acinte ao tom, e como a moda o córte,
Eu mudo-te, bem vês.

(Opalas.)

MAGALHÃES DE AZEREDO

A' Grecia

Abra-se a tumba ha seculos fechada
Pela manopla ferrea do Islamita,
Nas cinzas a alma dos heróes se agita ;
Soam na Héllade toques de alvorada ;
O' Grecia, resuscita !

Toma a égide e a panoplia de Minerva,
E os raios de teu Jupiter empunha ;
Investe a raça barbara e proterva !
Do que has soffrido o mundo é testemunha !

Tornem os dias imperecedouros
De Athenas elegante e Sparta rude ;
Colha outra vez a tua juventude,
Com os louros da arte e da destreza, os louros
Da civica virtude !

O sol dos fortes no levante assoma,
Chamando-te á palestra dos athletas ;
E no teu nobre e classico idioma
Vibram os cantos dos antigos poetas !

Não recordes idyllios voluptuosos,
Desses que, á sombra do olival no monte,
Ainda conta ao narciso e ao trevo a fonte,
Que os aprendeu, em dias ociosos,
Do velho Anacreonte

Recorda os carmes de Tyrten e Homéro,
Achilles, Rheso, Ajax, Heitor desperta;
E, de Eschylo acabando o drama austero,
O acorrentado Prometheu liberta !

Lembra-te Byron, que a belleza pura,
A lyra de ouro e o estro peregrino
De Apollo herdara, por favor divino,
— E que por ti, em épica aventura,
Foi tentar o Destino ?

Sem o gozo supremo da victoria,
Elle caiu em face do inimigo;
Mas neste albor da tua nova Historia,
Seu grande espirito estará comtigo !

Quanto no mundo oppressos e oppressores
Raivosamente lutam peito a peito
Não has de defender, no acerbo pleito,
Quem firma, padecendo santas dôres,
O imperio do Direito ?

Deixarás tu que do deserto a areia
Sem fruto absorva, ha quasi dois mil annos,
O sangue derramado na Judéa
Pelo maior dos martyres humanos ?

Soffrerás que a christãos seu jugo imponha
O Musulmano, embrigado de ira ?
Que com impuro alfange abata e fira
Irmãos da nossa Fé, para vergonha
Do seculo que expira ?

Não vês que o odio fatal raizes lança
Nos corações que ulcera o vilipendio ?
Não vês que ao proprio céu pedem vingança
Saques, torturas, exterminio ou incendio ?

Vai ! Soccorre os teus filhos de Candia !
Soccorre-os ! Fartos de uma iniqua sorte,
Elles clamam, com voz altiva e forte :
Basta de assolamento e tyrannia !
Ou liberdade, ou morte !

Não querem resignar-se ao dolo e á affronta,
Quaes vis eunucos que em senil marasmo
Dormem, e que a odalisca rindo aponta
Do Gran-Senhor ao imperial sarcasmo!

Canhões reboam — estremece a terra.
Contra quem os navios vêm armados?
Contra o Sultão e seus crueis soldados?
Não; contra ti. E os que te fazem guerra
São netos de Cruzados!

Alça o pendão nos mastros da flotilha,
Desafia as esquadras frente a frente,
E com teu acto generoso humilha
A inepta covardia do Occidente!

Quantas nações te ameaçam, só por medo
Da sua mesma universal cobiça!...
Vem tu, com o gladio de Alexandre, á liça,
E as malhas romperás do torpe enredo
Em nome da justiça!

Impelle avante o teu heroico Povo!
Embora frema a Europa e o Turco brade,
Tu vencerás emfim, tu que és de novo,
O' Grecia, a mestra e a mãe da humanidade!

(Revista Brazileira.)

Eu, peccador...

Nas tuas horas de arrependimento,
Pensando em mim, o proprio amor maldizes,
E, revolvendo o peito nas raizes,
Fallas até nas grades de um convento.

Do gozo tiras o maior tormento,
Das dôres tiras as mais negras crises,
Pois nos dias que somos mais felizes,
Eu leio tudo no teu pensamento.

Tu vês o inferno, quando eu vejo a aurora,
E nos teus olhos, onde a dôr se imprime,
Deus me acena, formosa peccadora.

Bradas ao céu de medo, aos céus eu brado ;
Tu, pedindo perdão para o teu crime,
Eu, pedindo que augmente o teu peccado.

(Horas mortas.)

•

Numero avulso

Um dia, num alfarrabio,
Eu li que um louco vivia
Toda a noite e todo o dia
Uma estatua a namorar ;

Olhavam todos o misero,
Riam a tanta loucura,
E o pobre, em frente a esculptura,
Devorava-a com o olhar.

A's vezes, se erguendo tremulo,
Cobria a estatua de beijos ;
Dos seus olhos os lampejos
Emprestavam doce luz

Aos olhos mudos e pallidos
Da mulher de pedra, e logo
O louco abrazado em fogo,
Abrindo os braços em cruz,

Cantava a belleza angelica
Do rosto que nunca rira,
Do corpo que nunca vira
Nem alma, nem coração.

E de novo, macambuzio,
Em frente á estatua jazia
Toda a noite e todo o dia
Na mais firme adoração.

Eu sei que ris desse ingenuo...
Mas elle tinha a certeza
De que a dona da belleza
Que o não amava, tambem.

Jamais neste mundo vario,
Um só minuto, um momento,
Teve noutro o pensamento,
E nunca amara ninguem.

Minha alma paira na duvida.
Invejo, filha, esse louco...
Quem me déra, dentro em pouco,
Ver-te de pedra ficar!

Eu, louco, amara-te, estatua!
Teu amor nunca teria...
Mas ninguem te possuiria,
Nunca podias amar.

(Versos de um simples.)

LUIZ PISTARINI

Balladilha

Eu vivo triste, meditando
Na tua negra ingratidão...
E sei que tu, — vives cantando,
A torturar-me o coração!
Mas, si por tanta dôr passando
Me vês, e atreves-te, a cantar,
Porque heide eu só viver chorando,
Sempre fiel, smpre a te amar ?!

Bem sei, não sentes me lembrando,
Nem a menor satisfação...
E dás, após, em me olvidando,
A's gargalhadas expansão!
No emtanto eu, triste, vegetando
Longe de ti, sempre a penar,
Vivo esta magua supportando,
Porque não deixo de te amar!

Não me procuras... e, zombando
Deste amor, desta paixão,
Si, acaso, eu busco-te, o olhar, brando,
Volves, ingrata! para o chão!
E eu, tristemente, em não fitando,
O céo azul do teu olhar,
Quasi endoudeço blasphemando
Contra mim proprio por te amar!...

E as mãos aos céos, alevantando,
Cheio de dôr e de pezar,
A morte, a Deus, vivo implorando,
Mulher de bronze, — por te amar!

(Bandolim.)

Mão primorosa

Aquella mão... Meu Deus ! quando a primeira
Vez, apertei na minha mão tremente,
— Como um lyrio nevado, aberto á beira
De um val florido, intemerato e olente :

Achei-a fria e tremula... Mais fria
E mais tremula, em summa do que a minha...
Tremia tanto ! Mas, porque tremia
Aquella mão de fada ou de rainha ?

Não sei ! talvez que a sua joven dona,
N'esse instante (criança !), suppozésse,
Que eu, dos meus labios, a levasse á tona,
Para beijal-a como bem merece...

Mas não tinha razões p'ra tremer tanto
Na minha mão aquella mão tão pura :
— Amo-a, idolatro-a, com amor ! portanto,
Não lhe manchára a immaculada alvura.

E essa mão de que fallo, — perfumosa
E branca flôr de lys, —
E' do Universo, a mão mais primorosa
E calça... lettra X !

(Bandolim.)

Noiva perdida

(Fragmento)

(INEDITO.)

Os meus versos de amor todos rasguei-os...
Tanto minh'alma tinha n'elles posto,
Tanto elles 'stavam de amargura cheios,
Que, num dia de cólera e desgosto,
Quiz atiral-os ao esquecimento.

Ah! como elles se foram, tão de leve,
Borboleteando ao deslisar do vento,
Tambem podesse, n'um momento breve,
Ir todo assim meu louco soffrimento!

Uns — os que eu fiz na noite amaldiçoada,
Na horrivel noite do teu casamento —
Lembro-os ainda. A'svezes a magoada
Cadencia d'elles sobe, dolorosa,
Sobe, a cantar-me tristemente na alma
Versos crueis...

A treva silenciosa,
A doce mãe dos corações feridos,
Toda no espaço se alastrava calma...
Noite profunda, noite escura e fria...
No socego infinito, em sons perdidos,
Um queixume do mar, longe, carpia...

Eu andava sem rumo, ia cançado,
Pensando em ti... E immenso, e louco, e extranho,
Um soffrimento, gêmeo das loucuras,
Como jámais poude existir tamanho,
Trazia ao meu olhar allucinado
A nitidez das scênas mais impuras...

Via-te ao leito do noivado, núa,
Núa... apenas o branco da camisa,
Mal sobre a tua pelle rósea e lisa,
Cobrindo a grega formosura tua...
Tinhas deixado o véo; tinhas desfeito
As largas ondas do cabello escuro
E palpitára de emoção no peito
Teu meigo e nobre coração tão puro,
Quando afinal viste cahir despido,
Entre os ramos de flôr de larangeira,
Teu deslumbrante e esplendido vestido...

Era de sêda branca (lembro-o ainda!)
De uma sêda *moirée*, que, á mais ligeira
Ondulação, vibrava á luz brilhando.
Tinha a belleza seductora e linda,
Que dás a tudo. Apenas, enfeitando
A barra em tôrno, um fio delicado
De botões o cingia. E, quasi ao solo,
Solto á direita, um ramo pequenino
Parecia cahir abandonado.

Nem pela noite trágica e sombria
Da cabelleira real, nem pelo collo,
Nem pelo pulso delicado e fino,
Nem por todo o vestido — esplandecia
Uma joia qualquer...

E docemente
Tudo te foi despindo...
O alvo corpinho,
Cahiu tambem... E então, morno e tremente,
Livre afinal do perfumoso ninho
Das rendas da camisa, o róseo seio
Tremeu, medroso e sôlto...

E tudo... e tudo...
Tudo isto eu via apparecer, no meio
De uma allucinação desordenada,
P'ra que a meu ciume doloroso e mudo
D'esse tormento não faltasse nada!

Vi-te no leito após. Senti teu beijo
Cantar, sonóro e doce, a meus ouvidos
E pareceu-me vêr, rubro de pejo,
O teu rosto gentil..

Não sei que vento
De maldição cruel, entre gemidos,
Trouxe-me então o arranco derradeiro,
O — ai! — supremo de extranho soffrimento
Da tua morta virgindade...

E' inteiro,
Todo esse quadro de volupia ardente,
Na perversão da minha ideia louca
Desenhou-se na treva claramente...

Oh! borbulham ainda em minha bôcca
Os versos que então fiz, versos de lava,
Versos de lava e fel... Tremula e rouca,
Minha voz pela noite os declamava...

Fanto minh'alma tinha n'elles posto,
Tanto elles 'stavam de amargura cheios,
Que, n'um dia de cólera e desgoto,
Os meus versos de amor todos, rasguei-os...

Te deum laudamus...

(INEDITO.)

A ti, Deusa do Amor e da Belleza,
A ti, Senhora,
Louva, em arroubos de fervôr accesa,
Minh'alma, que te adora!

No leve rasto de teus leves passos,
Sóbe, sonora e forte, a vibração
De minha voz, semeando nos espaços
Os victoriosos hymnos da Paixão!

Ninhos de águias de luz são os teus vivos
Olhos brilhantes...
Delles, ferindo os corações esquivos,
Ellas vem, triumphantes!

Bemdita sejas! Sem um só lamento,
Sob as garras torcendo-me, febril,
Creio, vindo de ti, que o Soffrimento
E' melhor que a delicia mais subtil!

Ciborio sensual — teu labio quente
Mostra aos desejos
A hostia rubra da Luxuria ardente
Que a alma communga em beijos!

Teus nobres seios — da Canção do Goso
Marcam, pulsando, o compassado tom...
Vibra por todo o teu perfil glorioso
Do Hymno da Forma o incomparavel som!

Das tuas mãos o mais pequeno gesto
— Gesto sublime —
Póde atirar um coração honesto
A's gehennas do Crime!

« Mata! » dirás... E um tigre em cada peito
Ha-de rugir, indomito e feroz...
Honra e Brio e Valor : — tudo, desfeito,
Cáe, ao rumor da tua doce voz!

Barbas brancas de velhos — a teu mando,
Rojando a lama,
Jazeriam, contentes, si, brilhando,
Vissem-te o olhar em chamma!

Bemdita sejas! Para os que te adoram
E's o supremo e mais divino idéal :
Tudo o que outros homens inda imploram
Ao pé de tua sombra nada val!

Como o orvalho e o calôr são para a alfombra
Quasi cahida
Tu — teu passo, teu rasto, tua sombra —
E's toda a minha vida!

Eu te desejo, como os condemnados
Podem do inferno desejar a Deus,
Sempre sedentos e desenganados,
Tendo a certeza de não vêr os céos!

Sê, pois, bemdita, Deusa da Belleza!
A ti, Senhora,
Louva em arroubos de fervôr accesa
Minh'alma que te adora!

Elisabeth

Na doce quietação do constellado ninho,
Angustiosa, febril, na camara tristonha,
Entre os alvos lençóes do perfumoso linho,
Belsa, no almo languor dos heliantos, sonha...

Uma idéa de amor, traidora como o vinho...
Sonha que alguem a vê descomposta e bisonha,
E se aproxima, e pede a esmola de um carinho...
Um sonho máo... Desperta... Eil-a outra vez risonha!

Orgulhosa Vestal indifferente e fria,
Santa do Desamor, ninguem, ninguem te via,
Santa de alma de pedra e sorrisos de gelo!

A aza dos sonhos de Arte aos páramos se libra;
Não mereço, porém, as honras do teu zelo:
Amo sómente em ti o marmore que vibra!

Longe

Arvore núa, dibe, onde cahiram
As tuas folhas bastas, verde-escuras?
Onde aquellas florinhas roseas, puras,
Que em loiras alvoradas te sorriram?

Que fructos amarellos, côr de gemmas,
Pendiam-te da rama onde cantava
A' tarde o sabiá, que me lembrava
Doces, agrestes e immortaes poemas!

Bem sei que não morreste; só precisas
De outro sol, de outro orvalho e de outras brisas
Que façam recobrares o vigor!

Hoje, minh'alma, como tu, supporta
Essa mesma nudez: parece morta,
Vivendo longe de seu casto amor.

(Accôrdes.)

LEOPOLDO BRIGIDO

Fra Angelico da Fiesole

(SECULO XV.)

Erram, fogem os tons da tarde extincta
Na veneranda abbacial capella...
Solitario, *il Beato*, alma singela,
Alma pura, ajoelhado, orando, pinta.

De um Christo morto a face heroica e bella
Avulta já na lividez da tinta,
E Angelico trabalha, sem que sinta
A prostração que o seu pallôr revela.

A' porta que se entreabre, o olhar o espreita
Dos velhos monges, pasmos, silenciosos,
Sentindo a radiação dessa alma eleita...

Santamente, esquecendo o fugidio
Tempo, elle pinta, — e os olhos dolorosos
Vertem divinas lagrimas a fio...

ERNESTO SENNA

Soneto

O passado esqueci. Tristes lembranças
Da memoria apaguei... Sigo outro norte,
Irei comtigo onde quizér a sorte
De crenças cheio e cheio de esperanças.

Quem a roubar-te ao meu amplexo forte
Se atreveria? As longas negras tranças
Esparze como um lago de bonanças
E deixa-me sonhor até a morte.

Sonhar, sonhar... Que importa o mais? Amar-te?
Ver-te, sentir-te em tudo, e em toda parte.
Venha amanhã a morte impenitente...

Doce ha-de ser a morte horrendo e fera
No teu regaço; cavarei contente
O meu sepulchro em plena primavera!

VITAL FONTENELLE

Visao da Morte

I

Que quer essa mulher á minha porta,
Magra, espectral, de negro ? Inda é tão cedo !
A lua inda não vai de todo morta...
Augmenta o frio. A neve é tanta agora !

Veste toda de negro essa senhora ;
E' alta, grave, e, quando ri, faz medo !
Vem só. Ninguem a vê. Só eu a vejo.
— Louca ?... medito. — Qual o seu almejo ?
Infunde-me pavor !
Parece-me um agouro !
E mais me attrae. Tento fugir-lhe. Horror !
Grito, estremeço em convulsivo choro,
E não lhe entendo uma palavra, um gesto !
Céos, que fazer ? Toda a attenção lhe presto.
Que me desejas ? Dize. Uma ironia
Mostra no riso, horrivelmente fria.

E a neve cae em flocos neste inverno.
Dizem os velhos que jámais se viu
Passar um Junho assim, de gelo. Inferno !
Por que tão cedo te finaste, abril !

II

Fala-me agora :
« Venho visitar-te.
Queres saber? Pois bem. Venho buscar-te.

O meu dominio é grande, eterno e forte ;
Eu sou, de carne embora, a propria Morte.
Quantos erros que tens, quanta maldade !
Mas has de tu soffrer maior saudade
Do mundo a que te arranco ! E' teu castigo.

Por que negaste tanta vez abrigo
Ao pobre e lhe não déste — ó desgraçado !
Uma esmola ? Soberbo do teu fado,
Satisfizeste sempre o teu capricho,
Soffresse embora alguem, penasse alguem.
Do teu palacio — um caprichoso nicho
De tudo quanto é rico e nobre e raro —
Vedaste á plebe a entrada e foste avaro
Do teu ouro ! Pois vaes soffrer tambem
Por quanto foste má.
Teu castigo é fatal. »

Sinto que desfalleço. O meu tormento
Cresce, que tudo quanto ouvi é falso.
Falta-me a luz — acerbo soffrimento —
Para correr dessa mulher ao encalço.
Ella me deixa assim, desfallecido,
E vae — negra visão — sem ter-me ouvido,
E fóge ao meu appello e desparece.

Senhor ! ouve-me a voz !
Attende á minha prece
Tu, que velas por nós !

Pobre, nunca deixei sem pão o pobre
Que me procura ; abrigo-o sob o tecto,
O mesmo tecto humilde que me cobre.
Tu, que sondas a todos o secreto
Sentimento, julgar podes se é puro
O que te digo, puro e verdadeiro ;
E aos mais, se mandas, eu, de prompto, juro.

III

Fito o céo; uma estrella tão sómente
Alto refulge. Que belleza a sua!
E', de certo, a mais linda, a matutina
Estrella. E é quasi morta a branca lua...
Dentro em pouco um clarão aurifulgente
Ha de vir do levante, e a passarada
Estridulando em limpida risada,
Ha de saudar a aurora. Hosanna! Hosanna!
. . . . . .

IV

Pleno dia, afinal.
Que luta insana
A minha, — considero — a repellir aquella
Negra visão da Morte, a sós com ella,
Magra, espectral, de negro, á minha porta,
E minh'alma a fingir-se soberana,
Mas fria, fria, algente, quasi morta!

Horrorisa-me ver o meu retrato.
Senhor, como isto foi? O meu semblante
— Olha — que pallidez baça e mortal
Revela! E mais: Qu'insomnia tão profunda
O meu olhar completamente inunda!
Dize-me tu, Senhor, lá, bem distante
Que sejas, lá do céo, com teu poder,
Que caso singular, que horrendo facto
Foi este que me põe todo a tremer!
Vos outros, que me ouvis: Onde a visão
Medonha, que gelou meu coração?

Minha casa é soturna
Depois que recebeu
A Morte, que a encheu
De treva, a tenebrosa
Visão mysteriosa,
Que a fez com uma furna.

E ninguem me responde. Olho e estremeço :
Eu de negro, espectral, todo o cabello
Branco !...
Tudo é de certo um pesadelo
Ou a Morte sou eu !
Assim dizendo,
— Que luta enorme e que soffrer horrendo ! —
De novo, já sem forças, desfalleço.

. . . . . .

NESTOR VICTOR

Morte posthuma

D'esses nós vemos : lá se vão na vida,
Olhos vagos, somnanbulos, callados ;
O passo é a inconsciencia repetida,
E os sons que tem são como que emprestados.

— Dia de luz. — Respiração contida,
Para encontral-os despreoccupados,
Ahi vem a Morte, estupida e bandida,
Rangendo em secco os dentes descarnados.

Mas embalde ella chega, embalde os chama :
Ali não acha nem de longe aquelles
Grandes assombros que aonde vae derrama !

E abre espantada os cavos olhos tortos :
Vê que elles tem os olhos vitreos, que elles...
Elles já estão ha muito tempo mortos !

(Pallium.)

CUNHA MENDES

Paisagem d'alma

Verás dentro em minh'alma esta negra paisagem :
— Um cypreste, ao bramir da forte ventania,
Em saudade profunda e em profunda agonia,
Move sentidamente a funebre folhagem...

Sobre a pedra de grande e merencorea lagem,
Uma flôr se debruça, uma flôr murcha e fria ;
Ah ! que vasta amargura, ah ! que melancolia
Cobre, por dia e noute, a lugubre paragem....

Paira no ar o pavor de estranhos desconfortos
E, por entre os montões de meus desejos mortos,
Desce um raio de luar nostalgico e tristonho.

E, lá baixo, mais longe, em funereo recanto,
Inda tendo na face as gottas de meu pranto,
Morre crucificado um derradeiro Sonho... —

(Pallium.)

EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO

Pethion de Villar.

A suprema epopéa

(REFLEXOS DE HUGO)

Esplendida visão! Tempos futuros!
Divino Sonho emfim crystallisado;
Das bastilhas por terra os negros muros,
O lobrego deserto atravessado!
Depois dos areiaes — a veiga em flôr,
Depois da Escuridão, depois do Horror,
O Sol, o riso bom da Primavera,
A Paz que os corações todos estreita!
Parece a Terra a noiva que se enfeita
E o Homem o desposado que ella espera!

Não mentiram as velhas prophecias:
Além, nas brumas do horisonte, avisto
A realisação das Utopias
Que entresonhara o coração de Christo!
O Povo ha muito espedaçou os ferros,
Ha muito o Verbo, jugulando os Erros,
O estandarte plantou da Liberdade
Na apotheose enorme de um Thabor!
Não ha escravos, já não ha Senhor...
Venceu a Luz! Venceu a Humanidade!

A jaula escura, o ergastulo profundo
Da antiga Lei, do velho Preconceito,
Em cuja gorja, em cujo barro immundo,
O Despotismo, em nome do Direito,
Prendêra as consciencias indomadas,

Os corpos das Nações crucificadas,
As almas todas, limpidas, severas,
Todos os grandes homens generosos,
Escondendo-os do Sol como leprosos,
Amordaçando-os como bestas-féras.

A porta d'esse barathro de horror,
O sello atroz d'essas prisões supremas,
Abriu, de um golpe, um braço vingador,
Quebrando ferros e quebrando algemas !...
E logo, todos os suppliciados,
Erguendo os tristes olhos assombrados,
Vibrando a fronte cheia de esplendores,
Azas bateram pelo céo em fóra,
Livres voaram procurando a aurora,
Como uma revoada de condores !...

Sublime paz, tranquillidade santa !...
Risonha exulta a Natureza em festa !
Tudo sorri, tudo trabalha e canta :
O passarinho — á sombra da floresta,
A Humanidade — á sombra da justiça !
Soberbo, o Povo que venceu na Liça
Segue, o Progresso — o grande palinuro —
Ao cicio da penna, á voz do malho,
Cantando a symphonia do Trabalho,
Cantando a Marselheza do Futuro !...

Ninguem se lembra mais dos Bonapartes ;
Torres, canhões, leviathans de guerra,
Fortalezas, torpedos, baluartes,
Tudo ruiu, tudo rolou por terra !
Ja não ha tropas, já não ha fronteiras,
Alheias terras, plagas estrangeiras,
— Livres os portos, as cidades francas ! —...
Sobre as Nações, emfim emancipadas,
No azul de um céo primaveril, paradas,
Arqueia a paz as grandes azas brancas ! !

A ferrugem roeu as espingardas,
Roeu a traça a purpura dos reis ;
Das colossaes, flammivomas bombardas,
A cujos raios se escreviam leis,
D'esses sinistros masthodontes de aço,
Não resta, generaes ! nem um pedaço,
Na relva esmeraldina dos caminhos,
Nos altos montes, 'no areial da lande.
Um pedaço sequer, bastante grande,
Para servir de taça aos passarinhos !...

Norteia do alto o Verbo que irradia !
A Liberdade já não é um crime...
E' gladio — a Penna, o Livro — a artilheria,
Os Idéaes — o exercito sublime
Dos grandiosos prelios incruentos,
Das batalhas de luz dos Pensamentos !...
Deus, enfeixando essas soberbas armas,
Para amarrar esse trophéo divino,
Tomou a corda que tangia o sino,
O velho sino escuro dos alarmas !

Olhae, irmãos ! na profundez do céo,
Além, aquella esfrella paquenina
Que vem rasgando, pouco, e pouco o véo
Da escuridão com sua luz divina...
Olhae !... ella annuncia, alviçareira,
A fraternisação da terra inteira !...
O' Republica ! ó Patria universal !
Hoje — visão, remota claridade,
Utopia... amanhã realidade,
Divino Sol, eterno e triumphal !...

. . . . . .
. . . . . .

Esplendida visão ! Tempos futuros !
Divino Sonho emfim crystallisado ;
Das bastilhas por terra os negros muros,
O lobrego deserto atravessado !...

Depois dos areiaes — a veiga em flôr,
Depois da Escuridão, depois do Horror,
O sol, o riso bom da Primavera,
A Paz que os corações todos estreita!
Parece a Terra a noiva que se enfeita
E o Homem o desposado que ella espera!...

(A Suprema Epopéa.)

ADHERBAL DE CARVALHO

Ideal

Venus, deusa pagã de altiva realeza,
Cujo corpo ideal, cujo cabeça airosa,
E redondos quatris, são a mais primorosa
E gentil perfeição da plastica belleza ;

Venus, mytho sublime e cheio de grandeza,
Quando surgiu do mar como um botão de rosa,
Não tinha a tua voz suave e harmoniosa,
E não possuia alfim teus olhos de princeza !

E's a Venus christã de um templo mais moderno,
Mais cheio de paixões nevrosthenicas de arte,
Em que a carne solfeja a Volupia do inferno!!!

E's o lótus budhista, o rubi do Oriente,
E's..., eu já não sei mesmo a que eu hei de egualar-te,
Quando louco contemplo o teu seio fremente !

Flôr de marmore

Na pallidez da tua face, n'esse
Cabello louro scintillando airoso,
Fico extatico, tremulo, medroso,
Qual se um iman meu corpo percorresse.

E' que tomo por ti tanto interesse,
E' que este meu amor, demais fogoso,
Quando te vê tem extasis de goso!...
E tu, como se nada acontecesse!

No entretanto (apezar d'esta frieza),
Ainda te adoro, ó pequenina louca,
Ainda te quero, ó flôr do meu desejo!

E, para dissipar esta tristeza :
— Por castigo dar-me-has a tua bocca,
Para que n'ella eu deposite um beijo!

O amor

(*A Carlos Colin.*)

Decantado elle foi nos poemas de Homero,
Da *Iliada* idéal á *Odysséa* encantada.
Em Andromacha, ao vêr Heitor morto por féro
Imigo, e na mulher de Ulysses, na chorada
Ausencia d'esse heróe que nunca esqueceria!

Teve a concentração profunda de um estudo,
No grande Shakespeare, esse colosso humano!
E na loucura atroz do D. Quixote ossudo,
A grandeza assumiu de um hysterismo insano,
E a frialdade mortal de uma grande ironia!

Que lamentem em vão nossos Werthers modernos,
Todas as Lauras e — todas as Dorothéas!
Que os novos Dantes têm outra especie de infernos,
E os poetas milhões de bellas Dulcinéas,
Que alimentam os seus voluptuosos amores!

D'esse numero eu sou tambem, minha querida!
O meu intenso amor é como a luz do sol
Que as aves em canção julgam que seja a vida!
O amor é como o bello : — um fulgido crysol,
Cheio de rouxinoes, de primavera e flôres!

(*Ephemeras.*)

FIGUEIREDO PIMENTEL

Olhos mysteriosos

Enygma vivo ! esphynge indecifravel !
Quem poderá, acaso, desvendar
Os arcanos que existem no insondavel
Fundo d'aquelle olhar ? !...

Olhar que lembra o Fogo-fátuo, errante,
De cova em cova, rapido, a fugir ;
Olhar d'aço — ora morto, ora brilhante,
Exquisito, a fulgir...

Olhar immenso, olhar caliginoso,
Do Infinito espelhando a vastidão,
Que terrivel segredo mysterioso
Reflecte o teu clarão ?

Olhar que falla... Mas, que lingua estranha,
Que idioma de barbaro paiz,
Fallam taes olhos, cuja luz me banha,
Fazendo-me infeliz ? !...

Que paizagem fantastica de Sonho
Esse olhar nebuloso reproduz
— Logar triste, deserto, ermo, tristonho,
Sem trevas e sem luz ;

Onde uma côr funerea, indefinida,
(Uma côr, que não é bem uma côr)
Paira como uma luz amortecida,
Um livido pallor ?

Enygma vivo! esphynge indecifravel!
Quem poderá, acaso, desvendar
Os arcanos que existem no insondavel
Fundo d'aquelle olhar?

Olhar trevoso, olhar que nos aponta
Incognoscivel *Região d'Além* :
Quem é que sabe o que esse olhar nos conta?!..
Ninguem!... ninguem!... ninguem!...

Morta !

Tinha quinze annos só. Seus olhos grandes, cheios
De uma suave luz, de um mysticismo doce,
Eram dois céos azues, mas n'elles eclypsou-se
O sol que convidava est'alma aos devaneios !...

A bocca — uma caçoula oriental — vermelha
Como a sanguinea côr das madrugadas claras,
Pyra accesa, a queimar essencias as mais raras,
E onde ardia do goso a rúbida scentelha

Que as carnes incendeia e o sangue precipita ;
Amphora que guardava o nectar dos divinos
Moradores do Olympo ; ámbula que os mais finos
Licores encerrava... agora, sem a fita

Rubra que déra vida aos labios, desmaiada,
Muda, sem risos, fria e exsangue, mas ainda
De mil perfumes cheia... a sua bocca linda
Fez-se calix de flôr immácula e nevada !...

Os cabellos, meu Deus ! a cabellêira, loura
Como os louros trigaes de outubro, — flavo manto
De ouro que lhe cahia aos hombros —, essa, entanto,
Embora esteja morta, inda lhe os hombros doura !...

E n'essa trança farta, — um turbilhão de fios
Sedosos e subtis, dourados, tentadôres —
Minha dextra espalhou as pétalas das flôres
 se abrem ao calôr fecundo dos estios !

Morta, com as mãos em cruz sobre os dois seios pul-
[chros,
Desbotoados ao sol da puberdade, quando
Fito o seu morto olhar, vejo n'elle, boiando,
Luz semelhante á luz que se ergue dos sepulchros!...

Então, parece viva... e o meu olhar perscruta
Dos seus olhos no fundo o que o seu peito encerra,
Peito em que irá bater talvez, dentro da terra,
O mudo coração que esta minh'alma escuta!...

Fico só, a pensar horas inteiras, triste,
N'essa creança morta em plena mocidade,
Buscando em seu olhar a meiga claridade
Que me banhava o ser e eu penso que inda existe!...

Mas... pobre coração! a realidade é esta :
Viveu... é morta agora, exsangue, emmudecida!...
— E não se me vai nunca esta enfadonha vida,
Esta vida sem fim, estupida e funesta!

(Estrophes.)

JOÃO RIBEIRO

Lux et umbra

Sahiste e para sempre! e vi na escada
Mollemente rolar os ondulosos
Folhos do teu vestido róseo e a cada
Ondear, senti uns fremitos nervosos.

Poderia correr todo este mundo,
Ir-te buscar insano e desvairado,
Porque bebe-me o sangue esse profundo
Amor tão grande quanto desgraçado.

Poderia seguir-te na carreira
E cahir como a sombra tenebrosa,
Que se debruça aos pés d'uma palmeira,

Até que o sol acima e o dia em meio,
A sombra pouco a pouco sequiosa
Viesse confundir-se no teu seio.

Paisagem sergipana

Scintilla o sol nas pedras lutulentas
E' mei-dia talvez... os boiadeiros
Pelas rubras estradas poeirentas
Passam cantando. Os longiquos oiteiros

Vem deformar-se á tona da lagôa...
Sobre o aquoso brejo humido e molhado
Uma esguia e solitaria canôa
Fluctúa presa a um tronco abandonado.

Ao longe na montanha semelhante
A' parasita que abre-se a mei-dia,
Enflora a alegre solidão distante
Uma choupana alegre e luzidia.

Esquece!

Fujo a mim mesmo pallido de espanto
Para que a Cruz sobre este amor — delicto
Que nos condemna e que nos une tanto —
Não abra os braços de algido granito.

Si extincta fosse esta affeição infinda,
Talvez então sentisse, o peito gasto,
Calor e luz! Ha tanta virgem linda,
E como o teu ha tanto seio casto!

Porém, o coração, sempre luctando
Contra os punhaes acerbos da agonia,
Vae, gotta a gotta, o sangue espadanando
Dos sonhos mortos sobre a lagem fria.

E passam annos! E, comtudo, sinto
Tristeza tanta e magoa tão profunda,
Que ao ler os versos meos, dirão que minto,
Rindo da estoica dôr que me circumda.

Porém, o seio teu que foi vendido
Perante os homens e perante altares,
Sei que, em silencio, agonico e ferido,
Sente na lyra minha os meus pezares.

Mas, ai, querida! A ti que flagellada
O seio tens na mesma Treva immerso;
A ti que, afflicta, em lagrimas banhada,
Soffres ouvindo o grito de meu verso;

Mais uma angustia te prepara a Vida...
— Talvez com teu olhar tranquillo e triste
Nunca mais possas ver, minha querida,
Quem te prefere a tudo quanto existe!

Então, te peço, olvida este martyrio
Que ha tanto inutilmente nos tortura...
Tudo termina, immaculado lyrio;
Terminará tambem a desventura.

Longe de mim encontrarás conforto,
Terás allivio á dôr que te descora!...
Longe de ti, embora quasi morto,
Quero sonhar como sonhava outr'ora!...

(*Cenaculo.*)

PAULO DE ARRUDA

Ave, Maria!

Bemdita seja essa visão serena
Que hoje aos meus sonhos, soberana, desce,
Esse perfil hebreo que resplandece
Como o da santa Virgem Nazarena.

Bemdita seja a candida açucena
Que entre os lyrios do céo, casta, floresce,
E que por mim, piedosa, o céo esquece,
E a agonia dos sonhos me asserena.

Clamem, radiando, os astros que supplantas,
E as estrellas e o luar, clame o infinito :
« Gloria na Altura á Santa entre as mais santas ! »

« Amen » digam-te os anjos noite e dia,
Que eu dentro d'alma, trémulo, repito :
Bemdita sejas tu, doce Maria ! »

No exilio

Só, na escarpada rocha onde esfusia
Do mar da Vida a colera espumante,
Eu fito ao longe sob um céo distante
Minha patria ideial da Phantasia.

Lembro o tempo feliz em que eu vivia
Cantando o Amor, sonhando a cada instante,
E essa lembrança torna mais cruciante
O immenso horror de minha nostalgia!

E lá, bem longe, em plena immensidade,
Vejo-as passar, tristonhas e serenas,
As soluçantes aves da Saudade!

De azas pendidas, mortas de cansaço,
Passam deixando um leve rastro apenas
De plumas soltas pelo azul do espaço!

FROTA PESSÔA

Rouxinol

Passas cantando, rouxinol de tranças,
Essa eterna alegria gargalhando...
Canta. Tempo virá, que só lambranças
Do passado feliz irás cantando.

Esses que vivem magoas soluçando
E que jámais cantaram de esperanças,
Esses talvez que se aborreçam, quando
Passas cantando, rouxinol de tranças.

Mas eu, que tive os risos da ventura,
E cantei as cantigas que a ternura
Costuma por na bocca das creanças,

Quero-le bem por toda essa alegria
Que, com teus risos cheios de harmonia,
Passas cantando, rouxinol de tranças.

Crûel perfume

Tu és a flôr sinistra e tenebrosa,
Que no jardim do vicio te formaste...
Vi-te ao passar ; parei... Alta e formosa,
Com teu perfume atroz me embriagaste.

Quiz te fugir, tu me prendeste. Airosa,
N'um balouço gentil te debruçaste ;
E estremeci, tulipa venenosa,
A's fortes emoções que me inspiraste.

Era livre e tornei-me teu escravo ;
Algemado vivi, triste e submisso,
Era livre e tornei-me teu escravo ;

E a pompa, a força, o peregrino viço
Fugiu ao coração rigido e bravo
E foi só teu perfume que fez isso...

LEONCIO CORREIA

Alma de Artista

Sob o azul melancolico e dolente
Das noites de luar, — a alma saudosa
Do Artista se abre, palpitante e quente,
Como oloroso calice de rosa :

E todo o effluvio do luar dormente
Aspira, sorve e com volupia gosa :
Que desse luar toda a tristeza sente,
E toda a nostalgia luminosa ;

Pois nessa concha, victoriosa e fraca,
Onde do Mal seccaram as raizes,
E do Odio torvo o temporal se applaca,

Passam, gemendo, em longas desfiladas,
A proscripção das raças infelizes,
E os sorrisos das gentes desgraçadas...

Pela Africa

Ha o calor, que suffoca. A areia, a argila,
As broncas pedras asperas dos montes
Abrasam. A agua espuma, e ferve... Oscilla
O mar. Curvam-se em fogo, os horisontes.

Queda-se a matta, esplendida e tranquilla;
Repoisa, aos céos erguendo as atras frontes,
A monotona, tarda e longa fila
Dos crocodilos e rhinocerontes...

Paira pela pesada natureza,
— Como um luar nostalgico e perenne, —
O genio do Infortunio e da Tristeza;

E, como que ainda se ouve, ás suas portas,
O dolorido anciar da alma solemne
E veneravel das idades mortas...

CARLOS COELHO

Canção dos tropicos

A cigarra estridúla, e, supplice, cicia,
Occulta no silvedo ; iriantes borboletas,
Amarellas, azues, avermelhadas, pretas,
E outras brancas, da côr da espuma fugidia

Das aguas em cachões, adejam ; violetas
Espargem o perfume, ameno, que inebria ;
Ouve-se, muito além, ao descambar do dia,
O pesado rodar das rusticas carretas.

O sol desapparece atraz de alta montanha ;
O crepusculo empresta á tarde, vagaroso,
Suave claridade empallecida, estranha ;

E perturba o silencio horrifero das mattas,
Sob o limpido céo tranquillo e màgestoso,
O rouco despenhar das querulas cascatas.

Harmonia selvagem

A lua vem rompendo atraz de uma collina...
O gavião corta o ar com seu vôo altaneiro ;
Pelas moitas em flôr o limpido ribeiro
Espreguiça-se e corre ao longo da campina.

Os pyrilampos de aza irradiante e fina
Tremeluzem por entre as touças de espinheiro;
A cigarra chilreia ; o zephyro fagueiro,
Que, timido, perpassa em quérula surdina,

As lianas agita e brandamente inclina
Do ipê florido a cópa ; e, junto de um coqueiro,
A onça, deitada sobre a relva esmeraldina,

Alonga pela estrada em que o bosque termina
O pavoroso olhar, vivo como um brazeiro...
A lua vem rompendo atraz de uma collina.

(Psychoses.)

JARBAS LORETI

Noites

Quanto vos quero, ó noites estrelladas,
Tão cheias de um silencio deleitoso,
E unicamente feitas para o gôso,
Para o enlevo completo das amadas!

Quer se escôe o luar pelas ramadas,
Quer brama o lemporal, atro e raivoso,
Escurecendo o céo esplendôroso,
E inundando as montanhas escalvadas,

E' sob o vosso manto sempiterno, —
Que se esquecem torturas lá do inferno,
Nas delicias de um somno confortante...

Só vos não ama, ó noites mysteriosas,
Quem não gosta dos lyrios nem das rosas,
Quem nunca adormeceu junto da amante...

Fórmas aerias

Quando vos vejo, ó nuvens esgarçadas,
Neste profundo e concavo céo manso,
Me vêm á mente, num tristonho avanço,
Umas minhas antigas namoradas...

Nas suas fórmas roseas ou nevadas,
O de poeta meu olhar descanço,
Como si achasse divinal remanso,
Feito de arminho e flôrés nacaradas...

Opala e borboleta, — a phantasia
Cresce-me então como si fôra infinda,
E vive do que outr'ora ella vivia;

E doura os vultos, onde os olhos ponho,
De Esther, Maria, Alice, Laura e Arminda,
— Cysnes mortos no lago de meu Sonho...

LUIZ GUIMARAES FILHO

Emquanto reina o silencio

Pela estreita janella côr de rosa
Do pavilhão cercado de verdura,
A Princeza Gentil sente a frescura
Da noite luminosa...

As aves dormem sobre os ramos frescos,
Na perfumada sombra do pomar...
E no tecto dos templos gigantescos
Reflecte-se o luar...

A Princeza Gentil tem nas espiras
Da sua trança de ébano, enrolada,
Uma longa serpente recamada
De esplendidas saphyras...

A cegonha que desce da montanha
E vae pousar no lago, entre os salgueiros,
E' mais alva que as aguas dos ribeiros
Onde a Lua se banha...

A Princeza Gentil fita o horizonte,
E agita o leque em sandalo esculpido...
Emquanto a voz do pombo adormecido
Chóra de monte em monte...

E um desmaiado raio de luar,
Indo cahir na refulgente veste,
Faz sobre a sêda pallida brilhar
Uma enorme turqueza azul-celeste...

A flôr da laranjeira e a saudade

Diz a primeira — num perfume inquieto
Mais doce que os terrestres idiomas —
Abrindo o seio ao luminoso insecto,
E derramando musicas de aromas :

— Eu visto o campo azul de mocidade !
Cubro de neve os laranjaes enxutos !
Sou o emblema immortal da virgindade,
E o berço branco dos dourados fructos !

Cerco de amor a fronte das esposas !
Aromatiso a virginal manhã
Do transparente manto dos noivados...

Mas tu que fazes, triste flôr das lousas ?
E a saudade responde á altiva irmã :
— Eu perfumo o caixão dos engeitados !

(Ave-Maria.)

XAVIER MARQUES

Seductora

Pallida, esguia em formas, delicada,
De um talhe fino, porte esvelto e airoso;
Lançando o olhar olympico, orgulhoso,
Qual soberba rainha enthronisada;

Cabellos em ondas, como flamma airada,
Collo-virgineo lago bonançoso
A entremostrar a perola do goso,
Para supplicio d'almas, engolfada.

Se o puro esmalte de seus dentes brancos
Aiveja ás vezes em sorrisos francos,
Palpita a flôr sanguinea do desejo...

Como seria bom beijar-lhe o riso
Na propria bocca, fosse até preciso
O coração pagar por esse beijo!...

Amor proprio

Arfa-lhe o seio, o coração lhe bate,
Ferve-lhe o peito num desejo ardente...
Ella, comtudo, finge estar contente,
Velando a custo o intimo combate.

Que se estortegue em ancias, que se mate
De aceradas paixões interiormente...
Forçoso é rir, como a lagrima latente,
Luctar com a tentação que n'alma embate.

Querem fallar os labios, mas não fallam;
Querem gritar as dores, mas se calam,
De austera voz ao mando soberano

Padeça o amor sublime de ternuras;
Qu'esse amor-proprio, origem de torturas,
Barbaro sendo, infelizmente é humano.

Vae victis

(« IN EXTREMIS »)

Et videti si est dolor
sicut dolor meus.
(*Lamentationes Geremiae.*)

Não visse eu perto a legendaria, a feia,
A parca fouce a reluzir no gume;
E o nosso amor que tanto hoje me enleia
E me enche tanto de paixão e ciume

Certo trouxera a minha alma cheia
De Luz, de Sons, de beijos, de perfume...
Mas já não posso ! esta infeliz ideia,
Cada vez mais, vulto maior assume.

A Morte! A Morte! E em toda parte, em tudo
Este phantasma acocorado e mudo
Sempre acenando, sempre me acenando...

Estranha idéa ! idéa estranha e louca !
Quando me beija tua propria bôcca,
Parece a morte que me está beijando !

LUIZ EDMUNDO

Mystica

I

Alma! quem te formou assim tão bem formada?
(E nasceste talvez para viver commigo.)
Santa! quem te desceu do immaculado abrigo
Onde a ventura móra e tens tua morada?

Homens vis! Homens crueis! De alma no amor chagada;
Que esta vida affrontaes como um cruel castigo!
Ah! sentisseis a luz de seu olhar amigo
E o tacto de sua mão pequena e avelludada.

Quem te mandou a mim? Como soubeste, Pura,
Que aspirando viver na maxima ventura
Desejei teu amor e desejei a vida?

De onde vens a trazer aos intimos refolhos
De minh'alma o clarão que eu vejo nos teus olhos,
Sonho feito mulher! Oh, fórma estremecida!

II

Deixa que eu possa ler o idyllico poema
Dos teus olhos de luz cheios de castidade,
Que este sonho que me ergue aclara-me a verdade
De um bem que eu vejo como uma ventura extrema.

Oh! casta apparição! Immaculado emblema
De pureza sem fim, de extranha claridade!
Eu já sinto o poder que acorda a virgindade
Dos nossos corações dentro da mesma algema.

Vem! amor que esperava, em placido momento!
Santa! trazes a luz toda do firmamento,
Toda a firmeza e toda a placidez do luar.

Tu que as dôres do mal nos corações estancas,
Abre por sobre mim as tuas azas brancas
Para eu poder viver! Para eu poder sonhar!

A galera fatal

Na superficie azul dos teus olhos parados,
Mar que mostra a agua mansa e que guarda no fundo
Em torvas convulsões hydras, feras e um mundo
De severos tritões e golfinhos ousados;

Na payzagem, na luz de que me aqueço e inundo,
Luz que nasce do ardor de enormes sóes doirados,
Vejo que traça o mar, num risco alvo e profundo
A galera fatal dos tristes condemnados.

Vão ao eterno paiz da Magoa e da Tortura,
E o mar é calmo e o céo é brando e o vento é leve.
Tudo é propicio ao Mal quando o Mal se procura...

E eu que os vejo, e eu que sei a sorte que os espera
Não temo por saber que hei de seguil-os breve,
Que hei de viajar á Dôr nessa fatal galera!

DALTRO SANTOS

Taça cheia

O coração humano é uma taça exquisita :
— Ora no rendilhado e fino bojo ostenta
Delicioso licor que o pezar afugenta
E á gloria, ao goso, á luz a nossa vida incita ;

Ora o concavo guarda uma escura e maldita
Mistura de veneno e de fel que arrebenta
Os labios ; ora, emfim, nossa bocca sedenta
Enche de sangue, e o travo a raiva nos excita.

Sempre cheia ! Jámais emborcamos a taça !
Quer nos trága o Prazer, quer nos traga a Desgraça,
A alma bébe, impellida, subjugada e ductil.

E quando a Morte vem, sorrateira e silente,
A taça, emfim, quebramos, rindo heroicamente :
— Imprestavel p'ra sempre, eternamente inutil !

(Obelisco.)

OSCAR PADERNEIRAS

Ausencia

Desponta a aurora e nasce o claro dia
Que corre... e corre... e corre lentamente,
E desce logo apoz, silentemente,
A noite, a triste noite, humida e fria!

E eu, a clara luz, que se irradia
Do sol, o grande sol vermelho e ardente,
No silencio da noite a alma erradia
Vôa p'ra ti mulher, que estás ausente.

Vejo-os tambem, não passa um só momento
Sem que elles dois estejam revoando
Doces imagens! no meu pensamento!

No entanto tu me escreves duvidando
De que esta ausencia é o unico tormento
Que vae meu peito aos poucos lacerando.

Luz e Trevas

Era hontem já bem tarde. Eu fui ao cemiterio.
Partia-se-me a alma em vagalhões de dôr
Ao concerto funereo
Do cyprestal bravio e da saudade em flôr.

Cavava o bom coveiro alli, n'aquelle imperio
Do pranto e da tristeza, o bom trabalhador.
Em frente ao eremiterio,
Cantarolava a rir uns canticos de Amor!

Eu fui ajoelhar-me aos pés da cruz erguida
A' ultima esperança, á luz da minha vida
Ao meu amor primeiro.

Emquanto eu soluçava a prece dolorida,
Vinha ferir-me a alma em trevas embutida
O canto do coveiro!

Luz e sombra

Um para o outro nós vivemos como
A luz e a sombra vivem para a flôr,
Vamos á terra santa da Esperança
Colher os beijos do mais santo amor.

Ahi mais que ditosos nós seremos
Como noivos amantes suspirando,
E vendo as nossas supplicas unidas,
Calmas, serenas para o céo voando!

Eu creio nos teus olhos pensativos,
Tu nos meus pensativos olhos crês,
E nos espera o thalamo de rosas
Que para nós e os passaros se fez!

Choras? não chores! cahe-me o pranto n'alma
E minh'alma tambem comtigo chora...
Dentro em meu peito as lagrimas fremulam,
Como no espaço as lagrimas da aurora!

E dizes-me: que importa o soffrimento
Si eu te vejo tambem por mim soffrer?
Mas eu não tenho o coração de arminho
Para tão finas perolas conter.

Vê como o céo é calmo e a noute é bella
Florejada de estrellas e de sonhos!
E porque choras pallida, envolvida
Em scismares lethargicos, tristonhos?

Enxuga o pranto! A fé nos abre o vôo,
Vejo o mesmo crepusculo que vês,
Mas eu creio em teus olhos pensativos
E nos meus pensativos olhos crês...

(Ortivos.)

JAYME GUIMARÃES

Sonhos

Na bemdicta estação da mocidade
Enchem-nos a alma as grandes utopias ;
E' um sonho a vida : — amores, alegrias,
Que um dia recordamos com saudade.

Depois vêm da existencia as ironias,
Depois vem, a seguir, a austeridade ;
Os sonhos mudam, porque nessa edade
Nós somos presas de outras phantasias !

Sonhamos sempre. O espirito risonho
Não pára nunca e é sempre a mesma cousa :
E' despertar e recahir no sonho...

Chega a velhice... Nessa quadra incerta
As almas vão sonhar na fria lousa...
Mas deste sonho ninguem mais desperta !

Madrugada

Salve, olhar do nascente, orgia idéal das côres,
Longinquo e aureo balcão, de onde, a face num véo,
Aurora canta á vida e enfeitada de flôres
Assiste todo o dia ao carnaval do céo.

O sonho, o pesadelo, a tortura de réo [horrores,]
Que enche o sommo de crime e a alma inunda de
Fogem quando ella surge envolta de esplendores,
Assim como um bandido ante um regio trophéo.

A treva e a luz são dois gladiadores na arena.
Um amphitheatro — o espaço, e a fantastica scena
Domina, a terra inteira é um formidavel côro...

Salve, aurora triumphal, gloria da natureza!
Tu que trazes no sol tua eterna riqueza, [ouro!]
No amplo cofre que se abre enchendo o mundo de

LYCIO DE CARVALHO

Lyra

Cantei na terna lyra os amorosos
Instantes de alegria e soffrimento,
De fadas mil sorrisos primorosos
E as estrellas no azul do firmamento.

Passarinhos gentis e venturosos
Tambem cantaram dulçurosamente;
Ouvi os seus poemas maviosos,
E meu passado me voltou á mente.

Tambem cantei, formosa, a sorridente
Alma querida, que a illusão inflora
Da primavera na estação ridente.

Senti, então, um pranto de saudade
Rolar-me pelas faces, como agora,
Rompendo o véo de minha soledade.

(Peregrinas.)

Perseverando

Flôr de minha, alma, escuta! — Eu não lamento
A cruel sorte que me rouba a vida...
Gemidos de meu peito e meu tormento
Não revelo a ninguem, — minha querida.

Não roube o tempo teo celeste encanto,
Seja tua vida florescer divino ;
Enxuga de teus olhos triste pranto !...
Que lucte eu só e só contra o Destino !...

Porém, se o corpo meu, — pomba innocente,
Cançado de soffrer buscar a morte,
Envia ao desditoso, docemente,
A luz de teu olhar que me conforte.

(Peregrinas.)

HENRIQUE CASTRICIANO

Noiva Ideial

I

A minha noiva no oceano habita,
Mora no pego azul dos vastos mares...
Orna-lhe o manto, a pallidez bemdita
De uma cinta de conchas estrellares.

Do crepusculo na tunica divina,
Eu vejo—a sempre quando a noite desce,
Sonhando, ás vezes, perto de um'ondina,
Envolta, ás vezes, n'um luar de prece.

Seguem meus olhos essa moça ignota,
Essa visão serenamente doce ;
E o coração transforma-se em gaivota,
Si, por brinquedo — em vaga — ella mudou-se.

Doudo me chamam... dizem : pela praia
Vagueia o louco n'um delirio insano,
Emtanto, o seu vestido de cambraia
A minha noiva tece no oceano...

II

Tingio-se o mar, um dia, de vermelho...
— Elle padece — todos murmuravam ;
E as camponezas, tristes, de joelho
O firmamento mudo interrogavam.

Raiava o dia branco e aljofarado,
Como quem desce de longiquas plagas
Principe loiro, loiro e delicado,.
Vinha beijar as tunicas das vagas.

Do largo céo no descampado immenso,
Morria a estrella d'Alva immaculada;
Pingo de leite, tremulo, suspenso
Das pomas ideiaes de alguma fada.

E a moça me apontando o vasto,
O vasto abysmo cerulo a chorar,
« Senhor », — me disse n'um queixume casto, —
Alguem ferio o coração do mar?

Ingenua e branca, a virgem não sabia
Que a minha noiva enternecida e langue,
Pallida chorava, e que seu pranto ia
Mudando o abysmo n'um luar de sangue.

E quando revelei-lhe o meu segredo,
Terna fitou-me compassiva e mansa...
Depois, fugindo como quem tem medo,
Ella teve sorriso de creança.

« Como chamai-vos? — Perguntai á esphera ».
« E a vossa noiva...? » — Para que saberdes?
E' uma pequenina primavera,
De olhos azues e de cabellos verdes!

Rio-se de novo a camponeza. Emtanto,
Eu via, sempre n'um delirio insano,
Que minha noiva desfazendo o pranto,
Tecia o seu vestido no oceano!

(Ruinas.)

No Bosque

Eu e tu, caminhando passo a passo,
Sob a virente cupola dos ramos,
Docemente sorrindo, alegres, vamos
Tendo o teu braço preso no meu braço.

Por fim, depois de muito andar, paramos
Ambos mortos de amor e de cansaço;
Só se escuta vibrar de espaço a espaço
O dolente cantar dos gaturamos...

Vendo inscripções nas arvores, murmúras:
Si os nossos nomes tu tambem gravasses
Para lembrança em epocas futuras...

— Para lembrança no futuro, louca,
Eu sentirei teu beijo em minhas faces,
Tu sentirás meu beijo em tua bocca!

Morta

Da brancura dos alvos nenuphares,
Ella — formosa e timida creança,
Partiu sorrindo em busca da bonança,
Em busca dos edenicos pomares.

Tinha no olhar o brilho dos luares,
Das noites sem luares tinha a trança,
E nos finos setins côr da Esperança
Dormia qual um lyrio á flôr dos mares.

Hoje, sorrindo, em meio aos esplendores,
Vive no Empyreo, no paiz das flôres,
No paiz dos harmonicos cantares.

Mas, na miragem rutila do sonho,
Inda contemplo o seu perfil risonho,
Da brancura dos alvos nenuphares!

(Amphoras.)

CARLOS GOES

Ironia do vento

Lá fóra a grande noite constellada,
O espaço silencioso, ermo e vasio...
Na altura que resplende marchetada
Os velhos astros chocam-se de frio!

Da noite immota ao tremulo arrepio
Ouço uma nota turgida e magoada,
Um prolongado e vago murmurio
— Brando rumôr da noite na calada...

Ergo-me e escuto... A mais e mais distante
O mesmo som dorido vai rolando
N'uma expressão sarcastica e irritante!

A noite ausculto... Céos! E' uma ironia
Do vento que no espaço reboando
Ri-se da dôr que a alma me crucia!

Amor e scepticismo

Oh! que dourada quadra enflorada de beijos
Essa, que o nosso amor architectou fremente!
Nós iamos a rir n'uma alegria ingente
Atirando ao azul os musicos harpejos

De uma canção sanguinea, esplendorosa e quente!
E dos nossos febris e calidos desejos
A flammula vermelha, ondulosa e tremente,
Do vento desfraldada aos tremulos bafejos

Desferia no espaço uma caricia enorme...
Sondei do febro amor os intimos arcanos
E desci d'esse abysmo ao barathro profundo!

Hoje esse ovante amor — féra enjaulada — dorme.
Vivo apathico e só e, no verdor dos annos
Punge-me o scepticismo e descreio do mundo...

(Crotalos.)

JULIO DE FREITAS JUNIOR

Magna dolor

Cantava outr'ora o coração ridente,
A melodia idéal da f'licidade.
A vida em gozos, na risonha idade
Das primaveras, do sonhar ardente,

Era um perenne chilrear contente,
A fantasia na realidade.
Mas eis que, subito, a infelicidade
Tudo transforma dolorosamente.

Hoje, em ruinas é minh'alma o asylo,
Onde se acoita, co'o maior sigillo,
A dôr mais negra que aos mortaes é dada.

E vós, que tendes coração e amor,
Quereis saber porque eu abrigo a dor?
Pois bem : 'stá longe a minha noiva amada!

(*Embryonarias.*)

A vela

Pingo a pingo se vae gastando a vela,
A minha boa amiga,
Que com o vento que sopra-a da janella,
N'uma lucta constante choramiga.

Não tive inda o prazer de contemplal-a
Socegada um momento;
Doudo insecto vem logo atormental-a,
Se acaso de affligil-a deixa o vento.

A' custo sua luz tremula espalha
Pelas quatro paredes alvacentas,
Uma phalena a chamma lhe amortalha
Nas azas pardacentas.

Tristonha me fitando, pede, afflicta,
Que o insecto noctivago afugente,
E que a janella feche a esta maldicta
Rajada impertinente.

« Deixa que eu durma um pouco. De descanso
Preciso. Como vês, chego a dobrar
Sobre o livro a cabeça. Eu te affianço
Vir d'aqui a uma hora alliviar ».

. . . . . .

Quando acordei em plena escuridão
Achei-me, maldizendo aquelle somno,
Por deixal-a morrer, que ingratidão!
Em completo abandono.

Apenas, qual vestigio bem sinistro,
Da perda lamentavel,
Que com justo remorso aqui registro,
Doida a consciencia inconsolavel,

Da pobresinha achei uma enfiada
De lagrimas, compridas, numerosas,
Que pela face sua descorada
Tinham corrido tão silenciosas...

. . . . . .

Se, tu ao desamparo te apagaste
Nesta noite fatal, vela querida,
Não se apaga a saudade, que deixaste
Accesa no meu peito toda a vida...

Em um album

(DEPOIS DE INSTANTES PEDIDOS)

Se pela Medicina a Musa, um dia,
Eu não deixasse por causar-me atraso,
Em vosso rico Album deporia
Uma estrophe, qual flôr em fino vaso.

Desde a data em que entrei p'ra Academia
Foi-me vedado o ingresso na Parnaso,
Como filho de Hypocrates devia
Do pulchro Apollo não fazer mais caso.

A lyra, então, troquei pelo escalpello,
Não mais cantei o grandioso, o bello
Vi ser materia tudo o que figura...

Já que roubou-me a sciencia o estro, a rima,
Que o alto apreço em que vos tenha, exprima
Em vosso album a minha assignatura.

ULYSSES SARMENTO

Almas amantes

Essas que vão a rir pela existencia afóra,
Almas boas e sans, sublimes e enlaçadas,
Que vagam desde a noite ao despontar da aurora
A sacudir o pó das illusões doiradas,

Sem reverem do mal que os corações devóra
O peso, e o dissabor das horas torturadas,
Lá vão ellas a rir, ora entre beijos, ora
Entre o doce volver das illusões passadas.

Almas boas e sans, almas ingenuas, almas
Que não viram na vida as sensações defuntas,
E se vão pela vida esperançosas, calmas,

Levadas pelo amor e pelo amor crescidas,
Vivas — vagam na terra e se contemplam juntas,
Quem sabe se com a morte hão de viver unidas?...

(Torturas do idéal.)

No banho

Vae para o banho mal rompendo o dia
Vem, e ao vel-a na praia, carinhosa,
O loiro sol que no seu rosto espia,
Morde-lhe a carne lubrica e nervosa.

Ella estremece, e a cabelleira fria
Desnatura, mas tão tenue e receiosa
Que ao vêl-a n'essa timidez sombria,
Toda a minh'alma curva-se medrosa.

Nua, de pé, cruzando lenta os braços,
Curva a cabeça, só fitando a areia,
Onde imprimira levemente os passos;

Ella, livre afinal de extranha magua,
Levando a carne de volupia cheia,
Vae se arrojando aos poucos dentro d'agua...

(Clamydes.)

O sonho de Marco Antonio

Rompe o luar purissimo, doirando
O céo do Egypto. E' noite. Um murmurío
De vozes, vae aligero passando,
Estremecendo os palmeiraes e o rio.

Sonha o guerreiro. Tremulo e sombrio
Bate-lhe o seio puro, que o domando
Viera outr'ora, n'um luar de estio,
O amor feliz, esperançoso e brando.

Sonha que vê Cleopatra no leito
Estendendo-lhe a mão nervosa e fina
Sobre o formoso e enamorado peito.

Sonha ; mas n'alma ferem-n'o os desejos
E mesmo em sonho morde-lhe a divina
Face, ao ranger frenético dos beijos !...

(Clamydes.)

HERMETO DE LIMA

Palacio vasio

Transpuz primeiro a grande escadaria
Desse palacio outr'ora resplendente,
E receioso e tremulo e descrente
Os corredores todos percorria.

Em tudo a mesma solidão sombria,
Por toda parte essa mudez ingente,
Quanta tristeza nos salões, sómente
Dantes abertos para a fidalguia.

. . . . . .

Como o palacio solitario, antigo,
Quanta gente no mundo traz comsigo
O coração tambem ermo e vasio,

E que guarda, comtudo, até agora,
O segredo das galas de que outr'ora
O mesmo coração já se cobrio!

(Estalagmites.)

Atravez de passado

O que é feito de vós, gentis morenas,
Que tanto idolatrei ? Onde occultaes
As vossas frontes puras, divinaes,
O minhas juritys, minhas phalenas ?

Maria, onde é que estás ? Onde as serenas
Manhãs de Abril, manhãs orientaes,
Em que nós dous, por entre os matagaes,
Iamos, rindo, em busca de açucenas ?

E tu Cordelia meiga, e tu Dolores,
E tu casta Eleonor ?... sim, meus amores
Todos se foram pelos céos afóra !

Mas ah ! nos sonhos meus, em longo bando,
Destaco, vagarosas, caminhando,
Essas que foram minha vida outr'ora.

(Estalagmites.)

ELYSIO DE CARVALHO

Olhos verdes

Estes teus olhos, criança,
Verdes, verdes como o mar,
Em calmaria, em bonança,
Têm mais brilho que o luar.

E quando me fitas, quando
Lanças os olhos em mim,
Eu penso que está me olhando
Lá dos Céos um Seraphim.

Mesmo porque nelles vejo,
Em teus olhos côr do mar,
Um Anjo, em rapido adejo,
Com a mãosinha a me acenar...

E vou... Mas assim, formosa,
Que me approximo de ti,
Foges, vôas, pressurosa,
Para bem longe de mi...

Si foges, pr'a que me acenas?
P'ra que me fazes penar?
Porque é que assim me envenenas,
Com teus olhos côr do mar?

ANTONIO SALLES

O Carro de Bois

Chove, e os fios de chuva, como espinhos
Crivam da terra o palpitante seio,
Envolto, embora, no frouxel das folhas,
E a agua, tinta do barro dos caminhos,
Dos morros flue num escarlate veio,
Em purpurinas e trementes bolhas.

Torce-se a terra ao barbaro castigo,
Crispa-se ao vento sacudindo a coma
Verde, sorante de seu pranto amargo...
E eu, tiritante e allucinado, sigo,
Preso d'esse terror que não se doma,
Sobre o corcel, que avança a trote largo.

Gemidos cavos, afflictivos gritos,
Doridos ais, soluços estridentes,
Mysterioso gaguejar de vozes,
Ouço a resoar com timbres exquisitos
Nos recolhidos penetraes dormentes,
Sem um ruflar de remiges velozes.

Do glauco abysmo das cavadas grotas,
A cujo fundo o olhar não chega nunca,
Se eleva a melopéa obsedante
De litanias funebres ignotas,
E a palma de um bambú, tremula e adunca,
Perfida, acena ao misero viandante ;

O sudario da bruma envolve os montes
E os fólhos brancos pela encosta estende,
— Avalanche intangivel, que não rola
Sobre mim, mas me veda os horizontes,
De incertezas num cingulo me prende
E da paizagem de em redor me isola.

Um tom falso de noite prematura,
Porém mais triste do que a noite, agora
Tisna os ares... oh, pavidos negrumes
Que me obumbraes o sol em plena altura!
Vós sois a alma da Parca que devora
Virgens, moços, botões, e aves implumes!

E a lamentosa musica redobra :
Gemidos, gritos, estertores, vascas,
N'um *dies iræ* elevam-se frementes ;
O rio ao lado, numa fulva dobra,
Subito assoma entre graniteas lascas,
— Lingua enorme a surdir de enormes dentes.

Redobra a horrenda musica... Transponho
A curva alfim da colleante estrada :
Fulge um raio de sol nesse momento,
E, eu, despertando do meu tredo sonho,
Vejo um carro de bois, cuja toada
Produzia esse estranho encantamento.

Cessara a chuva ; a luz em mil estilhas
Fulgura ; foge a treva em debandada,
Tudo palpita num incendio louro :
São fitas d'ouro as inundadas trilhas
Que as rodas deixam na vermelha estrada
E o rio é como um basilisco d'ouro.

Meu pesadello dissipou-se... O carro
Aos solavancos vai sulcando o solo,
No seu gemer nostalgico e profundo ;
E, livre emfim do mal estar bizarro
Que me empolgava, eu rio num consolo
De quem se vê restituido ao mundo.

Jovialmente exclamo : boa tarde !
Aos carreiros, e, lesto, passo adiante,
— Olhos no azul profundo e fugidio ;
O sol por entre os altos cirrhus arde,
Uma ave ensaia um limpido descante,
Sonoro e largo, vai cantando o rio...

EMILIO KEMP

Mez de Maria

Como está bella, meiga e serena,
Nossa Senhora no seu altar.
Que luz tão doce! Que luz amena
Creio estar vendo no seu olhar!

Tanta meiguice, tanta doçura,
Faz-nos contrictos ajoelhar.
E a Virgem Santa, divina e pura,
A vóz dos crentes põe-se a escutar.

« Oh! Virgem Casta! Nossa Senhora,
Dá-me o conforto do teu olhar!
Que são tão máus os homens d'agora
Que me abandonam sem pão, sem lar!...

Tremo de frio! Dá-me o teu seio,
Nossa Senhora, p'ra me abrigar;
Eu este mundo perverso e feio
Pelo teu reino quero deixar! »

Humilde, em lagrimas, dizendo isto
Um pobrezinho põe-se a rezar
Com os olhos fitos na mãe de Christo.

« Santa Maria! Senhora Nossa,
Que tudo podes com teu olhar!
Olha meu filho p'ra que elle possa
Dos nossos dias o pão ganhar.

Conserva-o sempre robusto e forte
P'ra que não deixe de trabalhar.
Ah! se o perdesse, que triste sorte!
Quem é que havia de me amparar? »

Humilde, tremula, dizendo isto
Uma velhinha põe-se a rezar
Com os olhos fitos na mãe de Christo.

« Oh ! Mãe divina que por teu filho
Soffreste tanto sem te queixar !
Vela meu filho com todo o brilho
Da luz amiga do teu olhar.

Dá-lhe a doçura, toda a piedade
Que Jesus tinha p'ra perdoar...
Que as azas negras da atra maldade
Passe por elle sem lhe tocar. »

Humilde e supplice dizendo isto
Joven senhora põe-se a rezar
Com os olhos fitos na mãe de Christo.

« Maria ! ó gloria de nós mulheres !
Por Deus eleita Mãe sem peccar !
Tu que a teu lado tens e preferes
As virgens mortas antes de amar,

Não me abandones por ir em breve
Pelo amor delle me desgarrar
Do teu rebanho branco de neve...
Dá-nos a bençam do teu olhar ! »

Humilde e pallida dizendo isto
Formosa virgem põe-se a rezar
Com os olhos fitos na mãe de Christo.

E a virgem Santa, meiga e serena,
Do nicho branco do seu altar,
Conforta a todos com a luz amena
Do seu divino, piedoso olhar.

(Poesia.)

MARCOS DE CASTRO (ALBERTO RAMOS)

Mathilde

(Fragmentos.)

Como nos campos desabrocham flores,
As margaridas e os jasmins, dispersos
Das minhas dores e dos meus amores
Nascem os versos.

A' namorada manda o namorado
Flores ; sorri-se ella, e nas tranças pretas
As rosas prende com benigno agrado,
E as violetas.

Mas o poeta, o sonhador, tranquilla
Sombra prefere ; e nos silencios graves
Para o seu bem versos de amor burila,
Rimas suaves ;

Versos louvando as graças de Mathilde,
Rimas ardendo de paixão discreta ;
Benignamente ella os acolhe, humilde
Dom de poeta

Quem anda aqui ? Chamou-me
Uma voz pelo nome...
Tão pura !
Pareceu-me ouvir passos...
Meus pobres olhos lassos,
Loucura!

Ah ! foi como si um beijo
Me despertasse ! Eu vejo
Passares...
E o sol morre ao poente,
Morre tranquillamente
Nos mares.

Revive a velha historia
Cara á nossa memoria
Incerta ;
E o velho amado sonho
No coração tristonho
Desperta

Como um som mal extincto,
Como o aroma indistincto
De flores ;
Como espectros amigos
Ou memorias de antigos
Amores,

Tu nos meus braços, nos meus beijos,
Só viste a carne appetecida ;
Hoje, acabaram-se os desejos
E nem te dóe a despedida.

Triste é a noite de inverno ; grave
O nosso adeus ; desesperado,
Beijo a tua bocca suave,
Tremendo como um namorado.

Nunca mais gosaremos juntos
Na terra vil glorias discretas ;
Mas, filha, eu creio nos defuntos
E na promessa dos prophetas.

A carne impura desce á cova,
Mas o Espirito, o Espirito eterno,
Renasce para a vida nova.

Marco-te um rendez-vous no inferno.

Maria

Quando tu fores uma velhinha,
Tarde, assentada ao lume deserto,
Como nos tempos em que eras minha
Tremerás, ouvindo passos perto.

Abre, sou eu, abre a tua porta,
E o doce espectro do tempo antigo,
Toda a tua mocidade morta
Discretamente bate ao postigo.

Então, querida, do teu poeta
Só resterá um velho velhinho;
Tu sorrirás, velhinha discreta,
Alva na tua coifa de linho.

Conversaremos em confidencia
E, sendo velhos, seremos francos;
Vóvó, que póde a maledicencia
Quando a gente tem cabellos brancos!

Deixa-me (a noite estava tão fria!)
Nichar-me perto do teu pescoço,
Era o refugio que eu preferia
Quando eras moça, que eu era um moço.

Dormia assim — era o meu costume —
Soffregamente unido ao teu peito,
Quando cravaste o terrivel gume...
Mariazinha, vê, que mal feito!

Ah, quando penso nisto, pergunto,
Ah, nem sei mesmo por que motivo
Não sou agora um pobre defunto...
Não chores, vê, bem vês que estou vivo ;

Que vido ainda e sou desgraçado,
Não chores, póde que alguem nos ouça ;
Pois quem se lembra mais do passado
Que já passou... Loucuras de moça...

Agora tudo passou ; descança
O coração, da tremenda prova,
E eu venho a ti como uma criança
De alma refeita, esplendente e nova.

Deixa-me estar assim nos teus braços
Idolatrados ! Eu não te disse
Que havia de seguir os teus passos
E reflorir a tua velhice ?

(Versos prohibidos.

Peregrinação

Quando eu sahi da Minha Pobre Tenda
Tão branca, como as preces do Luar,
Trouxe a Esperança pela Escura Senda,

Por onde incauto eu ia transitar.

A' sombra d'um Carinho, suave e calma,
O Philtro dos Amores fui beber :
E, nunca mais socego tive n'alma,

Desde então comecei para o Soffrer...

Longo tempo perdido pela Estrada...
Sem, ao menos, saber me dirigir ;
Nunca mais vi romper uma alvorada

Que me guiasse ás Terras do Porvir.

Somente eu encontrei pelos caminhos,
Uma velhinda enregelada — a Dôr —
Ella tirou-me as urses é os espinhos,

E' minha amiga, e eu lhe tenho amôr...

Hoje... vejo chegar, erma e sombria,
A Velha Morte, como um triste augur..
Ah, que Saudade Branca : a Nostalgia

Da Minha Pobre Tenda ! o Meu Tibur..

RODOLPHO PAIXÃO

Ridente lyra

Eu não lamento imaginarias dores,
Nem choro pena que não foi soffrida ;
Marchando da razão aos esplendores,
A vida hei de acabar, amando a vida.

Goso das salas a alegria extreme,
Adoro o enlevo que me offerta o lar ;
A minha lyra exulta, e ás vezes geme,
Mas a chimera nunca a fez cantar.

Fala, porém, ao divinal encanto
Que a natureza aglera dia e noute :
A minha lyra soará emquanto
Da morte eu não cahir ao duro açoute.

Rompendo as trevas que a verdade somem,
Vôa e revôa o pensamento aos céos ;
E, quando volve á terra, diz o homem :
« Acolhe o mimo que te envia Deus ! »

Tambem me abrazo no fulgor de idéas
Que o genio vae colher á celsa arena ;
E assim decanto da sciencia as deas
Que mais rebrilham na mundana scena.

(Trinos e Cantos.)

MUCIO TEIXEIRA

O sonho dos sonhos

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais sinto ter passado, distrahido,
Por tanto bem, tão mal correspondido,
Por tanto mal, tão bem recompensado!

Em vão relanço o meu olhar cançado
Pelo sombrio espaço percorrido:
Andei tanto, em tão pouco; e assim perdido
Vejo tudo o que vi, sem ter olhado...

Assim prosigo, sempre para diante,
Vendo, o que mais procuro, mais distante,
Sem ter nada de tudo que já tive.

Quanto mais lanço as vistas ao passado
Mais julgo a vida um sonho, mal sonhado,
De quem nem sonha que a sonhar se vive!

O amor

Vive nas côrtes e nas aldeias,
Encontra Fadas, ouve Sereias...

Dorme em palacios, sonha em cabanas,
Abraça Infantas... beija serranas.

Faz mil loucuras... e faz poemas!
Tem afogado tantas Moemas...

Aos seus olhares ardeu Lindoya;
E em labaredas crepitou Troya!...

Tem os espelhos incandescentes
Com que Archymedes pasmava as gentes

Quando incendiava com arrogancia
As naus da frota surta á distancia.

Fluctua em ondas de magnetismo,
Voando em fundo somnambulismo...

Agita um facho que inflamma as almas,
E faz mais verdes florirem palmas.

Quando em seus labios se enfloram risos,
Abrem-se portas de paraisos!

Das mais formosas não sai de perto,
Vivendo sempre num céo aberto!...

Tem, nas viagens maravilhosas,
Galeras d'ouro num mar de rosas...

E abrindo as velas ás tempestades
Provoca as furias das Divindades.

Em noites frias, nos Pampas, *upa!*
Vôa em cavallos — que dão garupa...

Tem, em Veneza, gôndolas — onde
O seu thesouro discreto esconde.

E dos palacios, á luz da lua,
Trémula a sombra n'agua fluctua...

Faz diabruras: desenha olheiras
Nas maceradas faces das freiras.

Faz sacrilegios: em nichos santos
Rasga ás Madonas os longos mantos...

Subjuga as forças da natureza,
Como a poetisa Santa Theresa.

Senhor despótico, humilde escravo,
Domina, e cede... covarde e bravo!

... Em serenatas, por horas mortas,
Gemem guitarras e rangem portas...

Mulheres novas, ardentes, bellas,
Correm afflictas para as janellas:

E nas sombrias, desertas ruas,
Lampejam folhas de espadas nuas!

Brancas Ophelias boiam sombrias,
Engrinaladas, nas aguas frias...

Romeus e Faustos, de braços dados,
Seguem Hamletos allucinados...

E estas palavras repete o vento:
« Vai p'ra o convento... para o convento! »

Frescos pomares, grutas floridas,
Ai ! Julietas e Margaridas !

Paulo e Francisca, sempre abraçados
Num vôo eterno de condemnados,

Rasto de sangue deixam nos ares...
Mas levam n'alma sóes e luares !

Noute de batalha

A Paulo Margueritte.

Tanta gente morreu, mas de que vale,
Na peleja dos tropas carniçadas
Ha sob corpos ás pilhas quem exale
O ai das boccas convulsas e cerradas.

Mas ha quem para sempre alli se cale.
A' dôr humana alheias, socegadas,
Descem sombras da tarde ao meigo valle
Em finas, doces tintas esfumadas.

Lindo, sobre sangueira de tal monta,
No céo o plenilunio d'ouro aponta
— Vigilia funeral da vã batalha —

Derrama-se o luar pela paizagem
E os linhos da celeste, branda imagem,
Aos cadaveres servem de mortalha...

A Valla commum

A Jayme de Seguier.

Na collina do vasto cemiterio,
Açoutada, varrida pelos ventos,
Stá a valla commum, cujo mysterio
Exóra o céo a todos os momentos.

Do céo apenas chega o refrigerio
A's covas baixas, limpas de ornamentos.
Lenindo a rude sorte ao duro imperio,
Ha quem compense os negros tratamentos.

Na verdade que importa alveje a pompa
Do marmor, se dos tumulos tão rasos
Queixa não haverá que triste irrompa ;

Pois a elles natureza póde dar,
Logo após os damascos dos occasos,
Os finos setins brancos do luar.

QUINTA PARTE

SYMBOLISTAS

Recorda!

Quando a onda dos desejos inquietantes,
Que do peito transbórda,
Morrer, emfim, nas amplidões distantes,
Recórda-te, recórda...

Revive dessa musica já finda
Que nas estrellas dórme.
Volta-te ao mundo seductor ainda
Da Illusão multiforme!

Vólta, recórda eternamente, vólta
Aos pharóes da Esperança,
Do Sonho estranho as grandes azas sólta
A' celeste Bonança.

Recórda mágoas, lagrimas e risos
E soluços e anceios...
Revive dos nevoeiros indecisos
E dos vãos devaneios.

Revive! Gósa! Desolado, embóra,
Sorrindo e soluçando,
Erguendo os véos de já passada aurora,
Recordando e sonhando...

Cada alma tem seu intimo recato
N'uma estrella perdida
E cada coração intemerato
Tem na estrella uma vida.

Applica o ouvido á correnteza fria
Dos golphões da materia
E recórda de que lama sombria
E' composta a miséria.

Recórda! Sonha! Nas estrellas érra,
Beduino do Espaço.
Aos sonhos brancos, que não são da Terra,
Dá, sorrindo, o teu braço...

Dá o teu braço, pelos céus sorrindo
E recordando parte
E has de entender os claros céus, sentindo
Que andas a recordar-te.

Bate á porta dos Astros solitarios
Dos eternos Fulgôres,
Em busca desses mortos visionarios,
Almas de sonhadores.

Ah! vólta á infancia dos primeiros beijos,
Dos momentos sidereos,
Volta á sêde dos ultimos desejos,
Dos primeiros mysterios!

Ah! volta aos desenganos primitivos,
Volta á essencia dos annos,
Volta aos espectros tristemente vivos,
Ah! volta aos desenganos!

Volta aos serenos, floridos oásis,
Volta aos hymnos profundos,
Volta ás efflorescencias dos Lilazes,
Volta, volta a esses mundos!

Fique na Sombra e no Silencio d'alma
Todo o teu ser dolente,
Para tranquillo, com ternura e calma,
Recordar docemente...

Na sombra então e no Silencio denso,
Como em mágicas plagas,
Faz accender o alampadario immenso
Das Recordações vagas...

Pousa a cabeça, meigamente pousa
Nesse augusto Quebranto
E nem da Terra a mais ligeira cousa
Te despérte do Encanto.

Para o Amôr, para a Dôr e para o Sonho
Nas Esphéras transbórda...
E entre um soluço e um segredo risonho
Recórda-te, recórda...

(*Pharoes.*)

O Assignalado

Tu és o louco da immortal loucura,
O louco da loucura mais suprêma.
A Terra é sempre a tua negra algêma,
Prende-te n'ella a extrema Desventura.

Mas essa mesma algêma de amargura,
Mas essa mesma Desventura extrema
Faz que tu'alma supplicante gêma
E rebente em estrellas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assignalado
Que povôas o mundo despovoado,
De bellezas eternas, pouco a pouco...

Na Natureza prodigiosa e rica,
Toda a audacia dos nêrvos justifica
Os teus espasmos immortaes de louco!

(Ultimos sonetos

Odio sagrado

O' meu odio, meu odio magestoso,
Meu odio santo e puro e bemfazejo,
Unge-me a fronte com teu grande beijo,
Torna-me humilde e torna-me orgulhoso.

Humilde, com os humildes generoso,
Orgulhoso com os seres sem Desejo,
Sem Bondade, sem Fé e sem lampejo,
De sol fecundador e carinhoso.

O' meu odio, meu lábaro bemdito,
Da minh'alma agitado ho infinito,
Atravez de outros lábaros sagrados.

Odio são, odio bom! sê meu escudo
Contra os vilões do Amor, que infamam tudo,
Das sete torres dos mortaes Peccados!

(Ultimos sonetos.)

EMILIANO PERNETTA

Azar

A Silveira Netto.

A galope, a galope, o Cavalleiro chega :

— Rey, ó meu bom Senhor ! com tua filha cega.

— Hoje, teu advinho assim traçou no ar :
A fróta d'El-Rey perdeu-se no alto mar !

— Eu, ao descer a noite, ouvi cantar o gallo :
Foi a Rainha que fugiu com um teu vassallo.

— Teus exercitos, oh ! as bronzeas legiões,
Morreram nos areaes da Lybia como leões !

— Nos teus dominios sopra o vento Noroeste :
A mangra, o gafanhoto, a secca, a alforra, a peste.

— Uivam ! Lobos ? o Mar ? o Vento ? o Temporal ?
Não. E' a plebe que arrasta o teu manto real.

— Lá vêm as trez, ó Rey, lá vêm as trez Donzellas. .
Tende piedade, meus irmãos, orai por ellas !

— Vem tão brancas dizer que as noras sensuaes
D'El-Rey mataram seus maridos com punhaes.

— Tuas pratas, teu oiro, e mais ricas alfayas,
ubam do teu palacio os famulos e as aias.

— Teu diadema, o sceptro, as plumas e os broqueis,
Em poeira, e sangue, e sob a pata dos corseis!

— O povo reza, que doçura! E' bom que reze!
Pela tua alma... já são horas... Quantas?... Treze!

— Maldito seja quem Throno nem Reyno tem!
Maldito seja o Rey! Maldito seja! Amen!

— No vinho que te dão, e no teu melhor pomo,
No manjar mais custoso onde entre o cinamomo,

— Na lympha clara, vê, no leito eburneo, sei,
Nas palavras, no ar, dão-te veneno, Rey!

— Ouvem os Arlequins missa, todos de tochas,
E estão vestidos de sobrepelizes roxas.

Resmumgam baixo teu nome as Velhas, e assim
Queimam em casa, cruz! palma benta e alecrim.

— Estão rezando por ti muitos padre-nossos,
Mas os cães estão a espera dos teus ossos.

— O' ventos! ó corvos! que estaes grasnando no ar!
Eis o cadaver do bom Rey de Balthazar!

— Dlom! dlem! dlom! dlem! — Ouve, bom Rey, de serro a serro,
Os sinos dobram, ai! dobram por teu enterro.

— O' ventos! ó corvos! que estaes grasnando no ar!
Eis o cadaver do bom Rey de Balthazar!

— Ventos! ó funeraes! ventos! lamentos roucos!
O' ventos roucos, ó redomoinhos loucos!

— Dlom! dlem! dlem! dlem! — Bom Rey, teus ossos não são teus!
Nem o teu Throno é teu! houvado seja Deus!

— Nem a tua alma é tua, ó Rey, depois de morto,
Pois demonios estão dançando n'um pé torto!

Maldito seja quem Throno nem Reyno tem!
Maldito seja o Rey! Maldito seja! Amen!

E a galope, a galope, o Cavalleiro esguio
Vai pregar a outro Reyno: a Doença, a Noite, o **Frio**!

(Pallium.)

A uns olhos tristes

Olhos doridos, olhos maguados,
Plenos das sombras de vãos martyrios,
Viveis rezando pelos finados ;
— Almas de aroma dos roxos lirios.

Olhos doridos, olhos maguados,
Para os finados só bastam cirios.

Julguei teus olhos mago castello
Do sonho erguido por sobre o mar ;
E a fantasia fel-o tão bello
Como os castellos erguidos no ar.

Julguei teus olhos mago castello
Onde os meus beijos iam pousar.

Meu Deus, as sombras de intensa magua
Lhes dão, no emtanto, vagos clarões,
Vejo os teus olhos tão cheios d'agua...
Chorando a morte das illusões ?

Meu Deus, as sombras de intensa magua
Vivem nos olhos e corações.

A nostalgia cobre-os, Rainha,
De uma tristeza crepuscular...
Parecem olhos de uma andorinha
Que se resolve, triste, a emigrar.

A nostalgia cobre-os, Rainha,
De uma saudade que faz penar.

. . . . . .

Recorda!

Quando a onda dos desejos inquietantes,
Que do peito transbórda,
Morrer, emfim, nas amplidões distantes,
Recórda-te, recórda...

Revive dessa música já finda
Que nas estrellas dórme.
Volta-te ao mundo seductor ainda
Da Illusão multiforme!

Vólta, recórda eternamente, vólta
Aos pharóes da Esperança,
Do Sonho estranho as grandes azas sólta
A' celeste Bonança.

Recórda mágoas, lagrimas e risos
E soluços e anceios...
Revive dos nevoeiros indecisos
E dos vãos devaneios.

Revive! Gósa! Desolado, embóra,
Sorrindo e soluçando,
Erguendo os véos de já passada aurora,
Recordando e sonhando...

Cada alma tem seu intimo recato
N'uma estrella perdida
E cada coração intemerato
Tem na estrella uma vida.

ISMAEL MARTINS

Acerba viagem

Vou. Em torno ninguem... A aridez é completa...
O dezerto é tão longo e eu estou tão cançado !
Não quizéra soffrer ; mas como ? sou um poeta
E o poeta sempre foi (Piedade !) um desgraçado !

A minha alma não sei porque tanto se inquieta...
A ama que me criou e não me tem deixado
E' a mesma : ferem sempre as suas garras de setta !
Oh ! não queiram jamais suas caricias... Cuidádo !

Um dia, começava esta acerba viagem,
Alem, Senhor ! hem sei... talvez seja a miragem...
Quero-a... Ahasverus feliz, q'delicia, q'cheiro !...

Hoje perdi a fé... sem fé nînguem resiste...
E o dezerto é tão grande e a amplidão é tão triste...
E o simun ?... Que demora ! Onde vai o coveiro ?...

THIAGO PEIXOTO

Medieval

I

Dona Rozalba, minha senhora
Fenecem flôres nos teus jardins,
O inverno avança — sinistra auróra, —
Despetelando brancos jasmins

Lyrios e cravos jazem tristonhos,
Noctambulando com o luar!...
Dona Rozalba, voam os sonhos
Que o branco inverno vem a chorar!...

II

Partio c'o inverno seu namorado
O pagem louro do seu solar,
Plumas, ao vento, seda e brocado,
Louro, sorrindo para o luar!

III

Dona Rozalba vê com saudade,
Neve cahindo no seu balcão!
Quanta tristeza na sua herdade,
— Tumulo aberto para a amplidão! —

IV

A primavera voltou de novo
Cheia de sonhos e madrigaes,
E foi florindo de povo em povo...
. . . . . .
Mas o seu pagem não voltou mais.

GUSTAVA SANTIAGO

O Cavalleiro do luar

Eu sou como o formôso Cavalleiro,
Que á branda luz adormeceu do luar,
E nunca mais, formôso Cavalleiro,
E nunca mais tornou a despertar!

Sonhos que a mente lhe affagáram,
Risos, quiméras, lucidas visões...
Tudo se-foi e todas se-apagáram
A' dôr de não sentidos corações.

Elle tinha o cabello louro
E era um principe encantado,
Veiu a Vida, roubou-lhe o ouro,
O cabello fez-se prateado.

Com as suas honras, glorias e riquezas,
O Mundo um dia o deslumbrou;
Logo o encanto se-lhe quebrou:
Honras e glorias... lamas accêsas!

Fechado então no seu castello,
Pôz-se a scismar, pôz-se a sonhar...
Scismas de amôr... que sonho bello!
Um anjo ácena-lhe lá do luar!

Não se conteve de enamorado
Que o louco intento não praticasse...
(Quanta tristeza por vezes nasce
De um bem apenas imaginado!)

Valles e montes, eil-o a correr,
Olhos Lá-em-Cima, a fascinação!
Na alma sereno a florescer
O lirio branco da Redempção!

Valles e montes, bosques, florestas...
Quem o-vencêra no seu fadário?
Ai! Cavalleiro! que tão funestas
Ai! Cavalleiro! que itinerario!

Céos côr de cinza, céos côr de chumbo.
Longes paizes atravessando...
Como seduz, á tona boiando
Do Lago Azul, a flôr do nelumbo!

Bárbaras gentes,
Tribus e povos;
Na dôr dos velhos continentes
A dor que o-sendo inda são novos.

Manhãs radiosas
De puro sol;
Noites... vigilias velludosas
De um Heróe...

Nem mais escuta a Voz que lhe-diz
Dos horrôres e perigos a passar:
Tão surdo caminha! feliz
Do anjo ácenar-lhe lá do luar!

Embevecido, que a doce Chyméra
Já o-sustenta nas suas azas,
Arvores, aguas, largas e rasas
Campinas verdes em primavera,

Tudo deixando, sem o-sentir,
Lá vae aligero, a tudo alheio,
Olhos Lá-em-Cima... o Anjo a sorrir
De tudo em meio!

Abysmos lhe-surgem apavorantes,
Negros, profundos, tremendos,
Abysmos cujos fundos hôrridos horrendos
Monstros habitam horripilantes!

São pestilentes aguas estagnadas,
Rios verdes; lagôas amarellas,
Mares de ondas putridas, paradas,
Oceanos feitos de erisypélas.

São as serpentes lúbricas da Tréva,
Os esfaimados tigres do Silencio,
Pantheras, Hyenas, Leões... Mas nada vence-o:
Tão surdo!, tão cégo! no anjo se-enleva!

Por toda parte, sanguinolentas,
Rebentam guerras devastadôras,
Rompem os ares, atroadôras,
Nunca entrevistas, feias tormentas.

Entram agora a encher os espaços
De ancias, gemidos, gritos e ais!,
As multidões dos hospitaes,
Carnes em chagas, cahindo aos pedaços.

Pelos caminhos
Ha creanças esquartejadas,
E mães terriveis, hallucinadas,
Que com punhaes golpeiam ninhos.

Soltam-se rábidos, sanguisedentos,
Ladrões, Falsários e Assassinos,
Todos Aquelles cujos destinos
Já os-marcáram os nascimentos...

Tem pesadêlos o hálito aceiro
Da Terra...
— Quem o-salvasse, ao Cavalleiro!
Imagem da Alma que ahi erra!

Mas, campos em-fóra, sempre a sorrir-lhe
O anjo do luar,
Lá segue, lá some, sempre a fugir-lhe
O anjo do luar!

Até que, uma noite, cançado, vencido,
Parou a cobrar o alento perdido.

Era em vasto areal, perto um rio em derivo,
Na calma azul do céo o luar suggestivo...

(Eu sou como o formôso Cavalleiro
Que á branda luz adormeceu do luar,
E nuncá mais formôso Cavalleiro,
E nunca mais tornou a despertar!)

EUCLIDES BANDEIRA

Eolia

A's vezes, quando estou muito alegre, escancaro
Plenamente a alma ao Sol, ás Emoções, á Rima,
E os Sonhos n'ella, então, vêm-se aninhar n'um raro
E doce revoar de aves pela vindima.

Entram fazendo um ruido, extranhamente raro,
De plumas a ruflar pizzicatos de prima,
Piano dolce... crecendo... apoz *forte*, e reparo
Afinal no rumor que estronda lá por cima!...

Uma babel, ó Deus! e que grata algazarra
De arrulhos e de arruto e de espanejamentos,
A dos sonhos ideaes-bellos pombos torcazes!...

Ah! mas não mais escuto essa orchestra bizarra:
Allucina-me e vejo, em meos deslumbramentos,
Viva Aquella que dorme á sombra dos lilazes...

FRANCISCO MANGABEIRA

Santa!

(Fragmento.)

Não conto a historia da minha vida,
Porque ella é triste demais, Senhora...
Acaso a rosa desfallecida
Relata suas magoas — á aurora?

Não conto a causa deste quebranto,
Nem o que soffro por este amor...
Acaso a aurora, que brilha tanto,
Escuta as queixas da pobre flôr?

Nem tambem rogo doce guarida
Na luz dos Vossos Olhos, Senhora...
Acaso a rosa de olor despida
Supplica aromas á luz da aurora?

Não Vos declaro porque não canto,
Nem porque vivo louco de amor...
Acaso a aurora que tem no manto
Luz — manda luzes á morta flôr?

Não saibais nunca da insana lida,
Em que me agito por Vós, Senhora...
Acaso a triste rosa pendida
Conta os martyrios que tem — á aurora?

Ai! Eu não quero chorar, emquanto
Sentir no peito chammas de amor...
Pois vendo a aurora, do céo o encantó,
Será possivel que chore a flôr?

Não direi mesmo que está perdida
Toda a minh'alma sem fé, Senhora,
Acaso a rosa, da haste partida,
Vae pedir seivas á fulva aurora?

Não tenho crenças e até me espanto
Dos Olhos Tristes do meu amor,
Unica aurora que enche de pranto,
Em vez de orvalhos, a murcha flôr.

(Hostiario.)

Dona Leonor

(Fragmento.)

Não ha no espaço noite mais negra
Do que a da Sua Trança, no entanto
Enche de luzes e mesmo alegra
As sepulturas d'um Campo-Santo.

Não ha nos prados flor mais formosa
Do que Essa Pura Face Risonha :
Ao vel-A —o verme palpita e gosa,
Ao vel-A — o mocho gorgeia e sonha.

Não ha estrellas de luz tão mansa
Como Esses Olhos — meu evangelho ;
Fazem um velho tornar-se criança,
Uma criança tornar-se um velho.

Não houve mimos no paraiso
Como Esses Labios Provocadores :
Todas as flores mostram num riso...
E enchem de risos todas as flores.

Não tem mais brilhos a madrugada,
Não têm as aves mais garrulice :
Chorando... a lua fica magoada,
Sorrindo... o proprio cypreste ri-se

Não ha nos nichos santa mais santa,
Não ha nos thronos rei mais altivo :
Ao vel-A se ergue, sorrindo, a planta,
E o sol se ajoelha, como um captivo.

Não ha no mundo vinho mais forte
Do que Esse Riso, que a amar convida :
Faz um ditoso buscar a morte,
Um desgraçado buscar a vida.

O Seu Sorriso só não acalma
A dor que dentro de mim se estende...
— E' que ella nunca leu na minh'alma,
E só minh'alma no mundo A entende.

(*Hostiario.*)

DOMINGOS NASCIMENTO

Ronda sinistra

Dentro do coração eu sinto uma patrulha,
Que ronda noite e dia, ininterruptamente.
E o bando de espiões a fazer tanta bulha,
Tanta algazarra em torno ao coração doente!

Esta ronda sinistra, esta ronda maldita
Não permitte que eu durma o derradeira somno
E o grilheta que suba os degráos desse throno
Onde a paz reina, e donde a guerra foi proscripta!

Torva ronda que espreita o coração enfermo!
Se elle adormece, presto, a ronda grita : alerta.
E busque o condemnado á lucta por um termo,
Se a prisão nunca teve uma janella aberta?...

Ah, como illude a vida! Ah, como illude o mundo!
E eu julgava, sorvendo o hydromel da ventura,
Que nos dias fataes, nos estos da tortura,
Consentissem dormir o pobre moribundo!...

E eu julgava que apóz a tempestade austera
Da Dôr, que a minha fronte em firmes tons registra,
Exhausto o coração, a patrulha sinistra
Me offertasse da paz a eterna primavera!

Mas, não. Ha tanto já esta alma doentia
No seo tredo covil soluça enclausurada.
Se geme, a ronda corre, e attenta, e escuta, e espia...
— E esta alma infeliz sempre sobresaltada!

Vós todos que soffreis, ó victimas do amor!
Almas castas que andaes por este mundo errantes,
Vetustos corações, dizei-me vós, se d'antes
Era tão bruta e vil a patrulha da Dôr!

Tenho odio de ti, como te odeio, ó guarda!
Guarda rubra, infernal, vigia da desgraça!
Porque cércar assim a misera mansarda,
Como' exercito, audaz sitiando uma praça?

Quero ser livre, quero a paz, quero o descanço.
Quero morrer cantando uma doce canção.
Ronda, não faças bulha, o velho coração
Expira lento e lento, e canta manso e manso:

— Porque tanto penar, porque tanto soffrer?
Dona Morte, bom dia, ó minha velha amiga!
Quero teo seio, quero em teos braços morrer
Numa explosão de amor á guisa de arte antiga!

Quero beijar-te, quero, insinuante carcassa,
Sentir, soffrer teu beijo esplendido e mortal!
Bemdita sejas tu, livra-me deste mal,
Esta ronda tenaz que minh'alma devassa!

Mesmo assim dentro em mim, rasteja uma patrulha
Que ronda noite e dia ininterruptamente.
E o bando de espiões a fazer tanta bulha,
Tanta algazarra em torno ao coração doente!...

ALFONSUS DE GUIMARAES

Trio romanesco

A ti, Archangelus, meu irmão.

Uma aldean que passa cantando :

O coração humano é como os jasmineiros :
Tem mais perfume quando as noites são de luar...
Que lua ha de florir os meus sonhos primeiros,
Mais brancos que os jasmins das terras de além-mar!

Um velho sentado á beira da estrada :

O coração humano é como as sepulturas :
Póde conter a morte e ser como um jardim...
Fechadas para sempre estão as azas puras
Das esperanças que adejaram sobre mim !

Um poeta que segue a aldean :

O coração humano é como as larangeiras :
Floresce um mez e espera outro setembro em flôr...
Ah ! quando voltarão as illusões primeiras
Para outra vez florir o meu finado amor !

(Da *Pastoral aos Descrentes do Amor.*)

ARISTIDES FRANÇA

Dolencia astral

Ha por todo o infinito uma magoa infinita,
Qual se fluidos de dôr corressem pelo espaço...
Astros ! vós que cantaes, por vossa bocca d'aço,
Um selvagem hymnario audaz — forte e exquisita

Harmonia que fére o Azul como um fracasso...
Rompei co'o alfange cruel de vossa luz bemdicta,
Essa desolação que se espalha e gravita
Para a terra, seguindo em torturado traço...

Azul ! Velario azul, brilhante e estrellejado !
Oh ! que immensa tristura exhala-se empolgante,
Desse véo e o Universo punge e vibra e agita...

Paira, no pallio azul por sobre nás arqueado,
A dolencia augural de Outomno desolante...
— Ha por todo o infinito uma magoa infinita !

JULIO PERNETTA

Cavalleiro da Morte

A' dama triste dos meus sonhos
que alegra a minha existencia.

« Minha alma a tua alma em vel-a
« Invocá sonhos d'outr'ora :
« Do teu olhar — uma estrella,
« Do teu sorriso — uma aurora.

« Sonhos de amôr, plumas de ouro,
« Plumas de ouro a fluctuar ;
« Cavalleiro fino e louro,
« Pára no teu galopar.

« Tenho o corvo da agonia
« Na minh'alma a crocitar
« Do teu perfil se irradia
« Um perfume de matar. »

Fallava assim D. Helena
Na mór tristeza sem par,
Que vel-a causava pena
No seu longo soluçar.

E o Cavalleiro da Morte
Se um instante se voltar,
De funambulesca cohorte
Se fazia acompanhar.

Em ligeira desfilada
— Nuvens de pó pelo ar,
Ao sol fuzila uma espada
Que a morte a outro vae dar.

D. Helena estende os braços,
Soluçando a supplicar,
Silencio polos espaços,
Nuvens de pó pelo ar.

RICARDO DE LEMOS

Pergunta louca

« Teus pés, disse eu, perpassam por espinhos,
Como um casal de colibris perpassa
Pelas flores, á beira dos caminhos...

Sabes que ha monstros soltos pela praça ;
Que ha bandos de orphãos orphãos de carinhos,
Na bôca um hymno, o hymno da Desgraça !

Mas como sabes?... Pela voz materna,
Dizendo : Filha, ao nosso Pai Celeste
Pede por esses, cuja vida agreste
Dos maus o proprio coração consterna ! »

E ella... (ó innocencia, de que céos vieste !...)
Ouço-lhe ainda a voz tão meiga e terna,
— Aquella voz que é como a voz fraterna,
A me dizer : « E tu... como soubeste ? »

JULIO CAMISÃO

Barcarola

Singra estas aguas, batel ligeiro,
Qual leve pluma por sobre o mar!
As auras cantam hymno fagueiro
Ao sempiterno, doce luar.

Vôa, barquinha, vôa serena,
Como as gaivotas no céo azul!
A voz do vento — vibrante avena —
Traz melodias á lyra exul!

Brilham estrellas no firmamento
Fulgem caricias no coração;
Batél mimoso, qual pensamento,
Vae, pois, seguindo n'esta amplidão!

Sonhos de fadas, beijos de flôres,
Vozes de archanjos, luz do luar...
Graças, carinhos, mil esplendores
Agora temos no vasto mar...

Corre nas aguas, fragil barquinho
Por essa esteira que forma a luz!
Se tens nas vagas roseo caminho,
Sinto delicias tambem a flux!

Pelo horisonte — calma e bonança,
Nem uma nuvem. Quanto esplendor!
Aqui fruimos tanta esperança!
N'alma gozamos fluidos de amor!

Sinto a sereia dos meus scismares
Vir inspirar-me, docil, gentil...
Brotam os risos, fogem pezares...
Conduz-me ao longe, barco gracil!

Sonhos de fadas, beijos de flôres,
Vozes de archanjos, luz do luar...
Graças, carinhos, mil esplendores
Agora temos! Ao mar! Ao mar!

RICARDO DE ALBUQUERQUE

Canção de Aljofares

I

Foi em Setembro, foi em Setembro
Que soffrimento, que funda magua!
Tua affeição confente afago-a!
Com que saudade de ti me lembro.

Mez de martyrio, mez de agonia,
No dia quinze, marca minh'alma :
— Tristeza infinda que sempre psalma
A noite eterna, triste e sombria.

Somente sinto, somente vejo
Na luz tristonha d'alvos luares,
Os doces brilhos tão singulares
Do teu sagrado, divino beijo.

Sobre mim tenho — luz sempiterna —
A via lactea do teu sorriso
Por onde alegre — santa — diviso
A tua benção que me governa.

Iris sagrado, d'alma alliança
O teu carinho meigo scintilla
Qual a candura d'uma pupilla
D'uns olhos d'ave, serena e mansa.

Morte és a vida que desvendamos
No velludoso manto siderio
Berço de luzes inda em mysterio
Cypreste cheio de gaturamos.

II

No dia d'hoje quanta alegria,
Dava a meu estro dulcido encanto ;
Inda a meus olhos magico e santo
O teu affecto fulge e me guia.

Recordo aquella santa velhinha,
Avó sublime, que sempre pude
Idolatrando sua virtude,
Ver que su'alma dos céus provinha.

Tinhamos flôres, festa divina
No lar querido ; tudo parece
Que tinha um casto fulgor de prece
— O ensinamento de uma doutrina.

Na tua benção, no teu afago
Quanta ternura ! Quanta meiguice !
Então sentia, como sentisse,
Notas de um canto celeste e mago

Sempre esse dia me foi dilecto,
Das datas todas a mais querida.
— A Santa Aurora da tua vida —
— Eterno Dia do meu affecto —

A tua morte, traduz apenas —
Noite contendo tons d'alvorada —
Astros occultos, na delicada
Sombra cheirosa das açucenas

(Sacrario.)

Balada .spleen

La douleur est le fond de la vie huma
LAMENNAIS.

Astros, sois templos do Ether no Infinito,
Eu sou na terra o templo da Tristeza.
E' um doido o celebrante ; ouvi-lhe a reza
Na symphonia trágica do Grito.

O sorriso é um lyrio errante,
Que saudades meu amor!
Ha um sino dobrando a mortos
No meu coração em flôr...

E' um doido que soluça em minha nave,
Sob a livida estamenha de um asceta.
Oh! sol de Maio! oh! loiros cantos de ave!
E' o coração de um Poéta...

Ha um sino dobrando a mortos
No meu coração em flôr...

Que profunda tristeza, olhos brancos do Azul,
Ha no corpo que encerra
Esse doido avatar das neblinas do Sul,
Esse pária da Terra.

Olhos ardentes o amaram,
Que saudades, meu amor!

Veio commigo ao mundo, pobre d'elle...
Viu a dor de um mendigo das estradas.
Se a desgraça désse o Genio e a Gloria, elle
Vibraria a maior das lyras desgraçadas.

No seu berço de finados
Baptisaste-o, minha dor...

Como Byron, correu climas diversos,
De aziágas lembranças perseguido,
Até que eu desse a ermida dos meus versos
Ao seu pranto dolorido.

Ninguem mais o amou na terra,
Que saudades, meu amor!

O Universo — o leão da floresta dos Seculos —
Viu-o como um propheta annunciando o amor.
— E a Carne reprimia o seu cortejo de éculos ;
— E um vago luar de lenda embalsamava a dor.

Vae-se o tempo, vão-se os beijos,
Não te foste, oh, minha dor!

Viu-o á beira da estrada aos Espaços rezando,
Com o arrulho na bocca á espera de outra bocca ;
Mas a reza quedou-se, envolta a um nome echoando,
No triste sonho de uma freira louca.

Porque a dor dobra a finados
Num coração ainda em flôr?

Sonhára o amor como a Sarça Ardente da vida,
E amou com esse amor que a loucura traduz ;
Mas fel-o uma ambula partida
A dor de Magdala ao expirar Jesus.

Foi-se-lhe tudo, e a desgraça
Esqueceu-te, oh, minha dor!

Delirou como Arvers no azul da rima,
E a solidão esqueletou-lhe a face ;
E a contar percorreu mundos de baixo a cima,
Até que o angelus chegassse.

Ave Maria... desce a noite...
Que saudades, meu amor!

Ave Maria !.. o sino, em seu longo quebranto,
Que scismas de ouro lhe accendeu...
Oh ! meu casto perfil de antigo encanto
Com seu olhar volfado para o céo !

Ave Maria !... céos viuvos...
Chorando ao Poente o seu amor.

Avatar do Mysterio, Evocador profundo,
Quiz para a saudade um templo roxo e espalto,
De onde clamar pudesse á sua patria do Alto
Que, iniqua o abandonou ha Siberia do mundo.

Ah ! o Sonho é lyrio ardente,
Que saudades, meu amor!

Argamassa a Paixão e o Calafrio,
E a Noite surge : é o templo do delirio.
O pórtico é um longo poente sombrio
De tons sangrentos de martyrio.

Ha tanto finou-se o dia
E não te vaes, minha dor...

Para erguer o zimborio
Estrellado do templo, a alma distende e arqueia.
E a Saudade — seu unico oratorio —
Para ser hostia gela-se na Lua Cheia.

Anda a noite em horas mortas
Que saudades, meu amor!

Mas é tanto soffrer, seu martyrio é tamanho,
Que esse templo sómente a funeraes supporta.
Então, elle gravou sobre o pórtico extranho :
Porque a Cova não foi minha primeira porta ?

Alem da Cova, do outro lado,
Quem nos dirá, meu amor,
Que a dor não dobra a finado
Num coração ainda em flôr ?

(Luar de Hinverno.)

NESTOR VICTOR

Dueto de Sombras

— Ah! descuidosa Ophelia, é o irresistivel que me
[está chamando,]
Mas não te deixarei abandonada...
A corôa de rosas? Desfolhando,
Não pela doida correnteza,
— Mãos esguias, de cera enregelada —
Irás, mas docemente, aos meus dois braços presa,
Teu olhar, a sorrir, no meu olhar fitando.

— Mas como é frio este caminho!
— Abriga-te em meu manto de loucura!
— Estás tão alto! Não alcanço o teu carinho ...
Eu era mais feliz com a paz que ha na planura...

— Sobe! — Subirei, que te amo!
— Sobe, soffrendo embora! Leva para o alto a fé!
Lá em cima de uma arvore nova pende um ramo
(Palma? loureiro? — aureo e viride) que não se sabe
[para quem é.]

O Constructor

Moureja, moureja, moureja,
Ora á torre subindo,
Para ver não se sabe o que seja,
Ora descendo ás entranhas da terra, ouvindo
Não sei que voz que o chama.
Coberto de aureo pó, — como que estrella e lama, —
Quando vem a noite elle descança ;
Tão exhausto, porém, que ao vêl-o, não se sabe
Si o titulo de edoso mago é o que lhe cabe
(Mas que ar mesquinho que elle tem !) ou o nome de
[creança.]

CUNHA MENDES

Ave Maria

I

A noute desce,
Desce de brando :
O sol parece
Uma rosa de fogo aos céus illuminando...
A ave Maria
Chora nos ares :
Ah, nostalgia
Dos que estão a scismar bem longe de seus lares !

II

O som do sino
Expira em dores :
Lembra o destino
Das crianças sem pais, das almas sem amores. .
Lyrios fanados,
Tombai nos ermos ;
Sois comparados
A alguns sonhos tombando em corações enfermos !

III

Ah, que saudade
Na paz sentida
Da soledade
Em que tudo parece haver perdido a vida.

A grande calma
Envolve o mundo;
Ha em noss'alma
A saudade de quem se abraça a um moribundo!

IV

A luz saudosa
Descora e expira;
Triste e queixosa,
Uma canção de amor na solidão suspira
E, vagamente,
Deixa nos ares
A ancia dolente
Das tristezas crueis e dos crueis pesares.

V

E o sol que morre
No espaço rubro!
A chamma escorre
Sanguinolentamente em largos céus d'outubro!
Cheia de vaga
Ancia silente
A alma naufraga
Nesses mares de sangue avermelhando o poente...

VI

Visões, nascidas
Por entre dores,
Sombras perdidas
Que inspirastes outrora os mais castos amores;
Passai, amadas
Visões sombrias!
Sombras maguadas,
São nossos corações as catacumbas frias!

VII

E a ave-Maria
Morre nos ares...
Ah, nostalgia
Dos que vão sem amor, como os orphãos sem lares...
Vós, almas puras,
Cobri de flores
As sepulturas
Em que, tristes, guardais os ultimos amores!

(Turris Eburnea.)

DARIO VELLOZO

Alma penitente

CANTO VII

To be, or not to be
Shaakspeare. *Hamlet.*

Poeta que te vaes para a Illusão Suprema,
Ciliciado como um penitente,
Porque encerrar no esquife de um poema
O cyrio azul de uma paixão latente ?

Abre ao luar da Noite a alma deserta
Como um tugurio abandonado,
Rompe o cilicio que te aperta
O coração de asceta flagellado.

Reza a oração do anachoreta
Que se desprende da existencia
E parte os elos da calceta
Dos flibusteiros da Innocencia...

Volve ao caule aromal de tua estrella branca,
— Olhar de luz de anjo que chora, —
E de tua alma o dardo arranca :
— O Céo te escuta e as magoas te deplora.

A Terra é o carcere do Sonho ...
O Amor é o philtro da Ilusão...
O amor humano mais risonho
Não vale uma hostia da Amplidão !...

Somente o Céo distilla o aroma
Das affeições immorredouras...
— A hostia do Azul nos labios toma,
Anachoreta das saudades louras !...

Por toda parte a que te leves
Encontrarás soluços e gemidos,
Echos feraes das alegrias breves,
Estertores de symbolos partidos...

A caravana lugubre da Terra
Tropeça e cae como o Judeo maldicto...
E a dor humana entre sepulchros erra,
Espectro que se abysma no Infinito.

A dor humana é uma eclosão do Riso...
Nasceu num seio de donzella casta...
E' como um fulvo e funerario aviso
Que a Morte vibra e na existencia arrasta...

E' como o echo das angustias mortas,
Repetido por bocca de esqueleto...
Subio do Abysmo ás fulgidas retortas
Em que o Treva gotteja a alma de Hamleto.

Hamleto !... Um peregrino da Loucura...
Um torturado, — um fiagellado, — um morto!...
Eil-o que passa, — a triste creatura ! —
Sem o lyrio de um beijo ou de um conforto.

I

[um psalmo]
— A Vida é um sonho... A Morte é um Sonho... A Luz é
Com que a Esperança enflora as almas dos Vencidos...
A Treva envolve sempre os Symbolos partidos
Quando as azas do Amor nos tumulos espalmo...

Sou o espectro feral das Duvidas Supremas...
Sempre que me projecto em cima de uma lousa,
Freme a Angustia e desperta a ossada que repousa,
Para a roxa eclosão dos lugubres poemas...

A ephialta da Crença é uma abantesma loura...
— Que astro da Sepultura os maosoleos redoura
Quando a Recordação minhas scismas desperta?

Que Anjo pallido e triste o coração me cinge,
Se interrogo a Amplidão com meus olhos de esphynge,
Se osculo o sitial de uma estrophe deserta?...

II

Acompanha-me a sombra, a sombra de uma sancta,
— Luz da Aurora, que importa o cariz do Poente?
Luz da Aurora, que importa este luar silente
Que os sepulchros conversa e nos cyprestes canta?

Luar da Paz... Luar da Morte... Astro innocente
Que desenrola, á noite, os brancos véos de monja...
Não medra em coração de asceta penitente
A promessa do Beijo e o psalmo da Lisonja...

Ouço a alma do Luar nas folhas do salgueiro...
Sinto o acerbo pungir de um pezar sempre occulto...
Sou da Crença e da Morte o severo coveiro...
Abro as covas do Amor nas ruinas do Culto,
Enterro em cada cova um sonho derradeiro,
Em cada coração um coração sepulto.

III

Desperta, coração!... Meu coração é morto!...
Envolve-o longamante alva mortalha branca...
Gelo, talvez!... Neve, talvez, que o Flagello me arranca
Quando á Sombra supplico o punhal de um conforto.

Atormentado heroe !... nobre heroe invencivel,
Indomito e leal como um guerreiro ousado !...
Atravessou-te outrora o gladio envenenado
De uma injuria cruel, deshumana e terrivel.

Succumbiste, afinal !... Descança, peregrino !...
Ninguem pode vencer a dextra do Destino,
Contra a morte do Amor ninguem pode luctar.

Ophelia, — eu seguirei o rastro de teus passos,
Eu me irei sepultar na pyra de teus braços,
Monje que se ajoelha ante a effigie de altar.

— Como doe!... como esmaga esta tortura immensa!...
Não podel-a amplexar, como a amplexava outrora,
E sentil-a gemer do meu amor suspensa,
— Lyra presa ao salgueiro, ao despontar da Aurora.

Lyra do bardo do deserto,
Junto ao salgueiro do Infortunio
Eu te osculo, chorando, e nos braços te aperto,
Ao vago olhar do Plenilunio.

Eu te osculo, chorando, as fibras gemedoras,
Eu, chorando, te aperto a meu peito de monge...
Na tua alma perpassa a alma das Leonoras,
E os psalterios do Céo, tão distante e tão longe.

Ophelia, — uma alma de creança
Harmoniosa como um som de lyra ;
Luar da Estrella da Esperança,
Engastada num trevo de saphyra.

Desventurada amiga !
Candida e bella, vaporosa e pura ;
Parecia dormir na sepultura,
Emmoldurada numa tela antiga.

Hoje vejo-a passar nas minhas scismas
Como um silente raio de luar,
Na celagem feerica dos prismas

Desbotoando um carinhoso olhar...
Hóje, sinto-a pousar junto a meu lado,
Nos ternos olhos um carinho doce,
Illuminando todo meu passado,
Como se a estrella dos sepulchros fosse.

— Bemdicta seja esse tortura mansa
Que te approxima a encantadora amiga,
E dá-te a meiga e pallida creança
Emmoldurada numa tela antiga!...

Hamleto, a minha angustia é mais austera,
A minha desventura é mais profunda :
Nunca mais um luar de primavera
Virá dourar-me esta prisão immunda.

Nunca mais!... Nunca mais o luar de seu rosto
Se virá projectar no espelho de minha alma!...
O mysterio da Morte azas de luto espalma
No sombrio cariz do primeiro desgosto...

Nunca mais!... Nunca mais o psalterio de um beijo
Ciciará na estròphe as suas preces mansas ;
Nem medrará jamais o lyrio de um desejo
No alvo horto angelical das louras esperanças.

A ephialta da Angustia arrasta o sambenito
Das torturas do Alem, dor nirvanas da Rima...
E eu me sinto morrer, sacrilego e maldicto,
Sem as consolações do Carinho e da Estima.

Só... dobrando a cerviz ao guante da Loucura,
Amarrado ao grilhão de uma paixão sem termo...
Cavando — eu mesmo — o leito á minha sepultura,
Amortalhando — eu mesmo — o coração enfermo.

Só... abrindo á Saudade o fulgido hostiario
Das lagrimas feraes de uma illusão perdida ;
Aos cyprestes rezando um triste breviario
E o acerbo ritual de toda minha vida.

Entretanto, Poeta, a negra sombra esqualida
Dessa angustia, que eu sinto amortalhar meos dias,
Não reflecte o perfil na sua face pallida,
Nem suspende a eclosão de suas alegrias.

A grinalda que cinge os seus cabellos de ouro
Se purpurejará nas tintas de um poente...
E sequer saberá que perdera um thezouro,
Ao delicado alvor de uma emoção latente !...

Nunca mais !... Nunca mais !... Seja maldicto o verme
Que no corpo lhe abrir uma rubra ecchymose,
E a essas carnes que amei e a essa branca epiderme
Rasgar, — nas convulsões de esvairada nevrose !...

Ao intimo luar de seus olhos amados,
Nunca mais !... nunca mais palestrará commigo !...
E eu terei na minha alma o espectro de um jazigo
E o cilicio brutal dos monges torturados.

— Poeta, a Dor é toxico funesto,
Tresvaria a razão das almas ternas.....
Oh ! não exhortes o aleivoso incesto
E o torpe aviltamento das tabernas.

Não profanes o immaculo sacrario
Das tuas preces a das tuas dores ;
Só o Céo nos aponta o itinerario
De nossos mais reconditos amores.

Expia as tuas faltas de precito
Com resignada mansidão de crente,
Cinja-te, embora, o negro sambenito
Da angustia mais acerba e mais pungente.

Aguarda o julgamento derradeiro,
Alma voltada para a Desventura,
E o lyrio branco do perdão primeiro
Florescerá na tua sepultura.

— Hoje, vejo-a passar nas minhas scismas,
Como um silente raio de luar,
Na celagem feerica dos prismas
Desbotoando um carinhoso olhar.....
Hoje, sinto-a pousar junto a meu lado,
Nos ternos olhos um carinho doce,
Illuminando todo meu passado,
Como se a estrella dos sepulchros fosse.

(O Cenaculo.)

NOTAS BIOGRAPHICAS

AFFONSO CELSO. — Nasceu na cidade de Ouro-Preto, Estado de Minas Geraes, em 1860. Accentuado e distincto perfil de homem de lettras, jornalista politico, prosador facil e poeta de inspiração, a vida d'esse moço illustre se tem constituido um verdadeiro hymno á patria, ao trabalho e ás lettras. São d'elle : *Preludios*, *Devaneios*, *Télas sonantes*, *Poemetos*, *Camões*, *Vultos e factos*, *Minha filha*, *O Imperador no exilio*, *Lupe*, *Rimas de outr'ora*, *Notas e ficções*, *Um invejado*, *Guerrilhas*, *Giovanina*, *Contradictas monarchicas* e a *Imitação de Christo*. Pertence á Academia de Lettras. E' filho do Visconde de Ouro Preto.

OLAVO BILAC. — Nasceu em 1865, no Rio de Janeiro, este magnifico poeta, uma das maiores figuras do nosso parnaso contemporaneo. Jornalista e prosador fluente e correcto, tem sido collaborador effectivo da *Gazeta de Noticias* e de outras folhas diarias ; dando-nos, como autor de obras, as apreciaveis *Chronicas e Novellas*, um volume de *Poesias* (Panoplias, Via Lactea e Sarças de Fogo), collectanea de seus primororas versos até então divulgados em

revistas e jornaes. Pertence á Academia Brasileira de Lettras.

MEDEIRAS DE ALBUQUERQUE. — Nasceu no Recife, Estado de Pernambuco, a 4 de junho de 1867. Tem exercido funcções públicas no magisterio e na alta administração, foi deputado ao Congresso Federal, na legislatura de 1894 a 1896, representando o seu Estado natal. Publicista, litterato, critico, orador e poeta, a esse illustre brasileiro bem se póde dar o qualificativo de talento excepcional. O *Figaro*, o *Tempo*, a *Republica*, a *Noticia*, a *Tribuna*, o *Paiz*, o *Estado de S. Paulo*, e outras orgãos de publicidade refulgiram e ainda refulgem dos brilhos de sua vigorosa penna. Como poeta, até 1900, contam-se d'este autor : *Canções da decadencia*, o *Remorso* (Pamphleto politico em verso), e *Peccados;* como contista, *Um homem pratico*, e *Mãe Tapuya*. E' da Academia de Lettras.

XAVIER MARQUES. — E' moço ainda este eminente romancista, poeta e jornalista, que teve por bêrço a heroica Bahia. Redactor por varias vezes das principaes folhas diarias de sua terra natal, a sua nutrida intelligencia se tem verdadeiramente manifestado no romance de costumes, de que é elle hoje o mais significativo e genuino representante : *Janna e Joel*, a *Familia bahiana*, o *Holocausto*, *Boto G. C.ª*, etc., justificam o nosso conceito. Na poesia, seu nome com vantagem se recommenda nos *Themas e Variações*, e nas *Insulares*.

MARCOS DE CASTRO *(Alberto Ramos)*. — Nasceu em Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, a 14 de novembro de 1871. Redigio varios jornaes, publicou *Poemas do Mar do Norte*, vertidos do allemão, de H. Heine, e uma pequena collecção de encantadoras poesias originaes, sob o titulo *Versos prohibidos*.

OSCAR PEDERNEIRAS. — Nasceu no Rio de Janeiro a 12 de junho de 1860, e falleceu a 26 de agosto

de 1889. Estudou no collegio de Pedro II, não tendo completado o curso, e bacharelou-se em Direito, na Faculdade de S. Paulo, onde publicou a *Historiophobia* e a *Côrte em ceroulas*, e no Rio de Janeiro, além de traducções de diversas peças, taes como o *Perfume* e o *Chapeu alto*, escreveu as revistas theatraes *Rio de Janeiro*, *Zé Caipora*, etc. Era tambem folhetinista e agradavel poeta.

LUIZ EDMUNDO. — Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1878. Estreou com os *Nimbos*, e publicou no anno seguinte os *Thuribulos*. Fundou, em 1899, a *Revista Contemporanea*, e tem em preparo um terceiro livro de versos.

SEBASTIAO GUIMARAES PASSOS. — Nasceu a 22 de março de 1867 nas Alagôas, e veio para o Rio de Janeiro em 1888. Estreou na *Gazeta da Tarde*, fundou a *Vida Moderna*, revista litteraria, com Luiz Murat, Arthur Azevedo, Coelho Netto e outros; e a *Bruxa*, com Olavo Bilac, illustrada por Julião Machado. Tem collaborado em quasi todos os jornaes fluminenses, e actualmente escreve na *Gazeta de Noticias*. Seus livros de versos — *Horas mortas*, ultimamente publicado, e *Versos de um simples*, fôram com applauso acceitos pela critica.

JOAQUIM OSORIO DUQUE-ESTRADA. — Nasceu no Municipio de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro, em 29 de abril de 1870. Em 1886, publicou um livro de versos, a que deu o titulo de *Alveolos*, prefaciado pelo eminente critico Sylvio Roméro.

Collaborando activamente em jornaes d'esta capital e dos Estados, dedica-se no momento actual a estudos philologicos.

CRUZ e SOUZA. — Nasceu a 24 de novembro de 1863, na cidade de Desterro, em Santa Catharina. Veiu para o Rio de Janeiro em 1891, e em 1893 publicou os *Broquéis* (poesias). Falleceu a 18 de março de 1898,

deixando ineditos : *Evocações* (prosa), mais tarde publicadas por amigos intimos ; *Pharoes* (versos), publicados por uma commissão de homens de lettras ; *Ultimas sonetos*, volume ainda inedito ; e um outro livro, em que se acham reunidos diversos trabalhos em prosa e verso, que tambem não veiu a lume. O *Missal* (1893) é de sua lavra.

FONTOURA XAVIER. — Nasceu no Rio Grande do Sul, em 1858. Este bello poeta, o rei do *triolet* na phrase de Sylvio Roméro, é o autor das *Opalas* e do *Régio Saltimbanco*.

VALENTIM MAGALHAES. — Nasceu no Rio de Janeiro, em 1859. Foi redactor-director d'*A Semana*, é jornalista de merito, critico, romancista, *conteur*, e foi collaborador, em differentes épocas, d'*O Paiz*, da *Gazeta de Noticias* e de outros jornaes.

Publicou *Cantos e lutas*, *Vinte contos*, *Quadros* e *Contos*, *Bric-à-Brac*, *Flôr de sangue*, e ultimamente o *Rimario*, delicadissima collectanea de seus apreciados versos.

LUIZ GUIMARAES JUNIOR. — Nasceu no Rio de Janeiro a 17 de fevereiro de 1845 e falleceu em Lisbôa a 19 de maio de 1897. Folhetinista de escôlha, estylista facil, e lyrista de remontado valor, o notavel fluminense avolumou a nossa litteratura com trabalhos de brilhante relêvo. São d'este numero *Nocturnos*, *Curvas* e *Zig-zagues*, *Historias para gente alegre*, *Corymbos*, sendo o seu ultimo livro *Versos e Rimas*, triumphantemente acolhido pela critica nacional e portugueza.

THEOPHILO DIAS. — Nasceu em Caxias, no Maranhão, em 1857. Formou-se em direito na Faculdade de S. Paulo, tendo por contemporaneos Augusto de Lima, Valentim Magalhães, Reymundo Corrêa, Lucio de Mendonça e Affonso Celso J^{or}, poetas que começavam a illustrar tão distincta geração. Foi col-

laborador de jornaes politicos e revistas litterarias; e têmos desse formoso talento *Lyra dos verdes annos*, as *Fanfarras*, os *Cantos tropicaes* e a *Comedia dos deuses*. Falleceu a 29 de março de 1889, em S. Paulo. Affonso Celso, seu companheiro e admirador, incumbio-se de escrever-lhe a biographia, publicada no *Almanach Popular Brasileiro*.

ARTHUR AZEVEDO. — Nasceu este festejado, escolhido e popular escriptor, a 7 de julho de 1855, na provincia do Maranhão, e veio para o Rio de Janeiro, ao que suppômos, em 1877. Jornalista, poeta e comediographo, a obra d'esse distincto homem de lettras é abundante e duradoura, pois são innumeras as suas producções entornadas por quasi toda a imprensa d'esta capital, e por varios orgãos dos Estados; destacando-se em volumes, artisticamente elaborados, *Contos possiveis*, *Contos ephemeros* e *Contos fóra da moda*. Publicou em folheto a satyra *O dia de Finados*, e uma collecção de sonetos sob o titulo *Horas de humor*. Sem podermos precisar o numero de suas producções theatraes, conhecemos do comediographo a *Vespera de Reis*, *O amôr por annexins*, a *Joia*, a *Filha de Madama Angú*, e por ultimo o *Badejo*, comedia em verso, habilmente architectada e com elegancia escripta. Suas affinidades litterarias com o autor do *Noviço* e do *Juiz de paz da roça* merecidamente o collocaram na cadeira de que é patrono Martins Penna, na nossa Academia de Lettras.

Dor TEIXEIRA DE SOUZA. — Nasceu no Maranhão a 13 de outubro de 1852. E' médico illustrado, talento de primeiro lavor, e poeta que, com Sylvio Roméro, Martins Jor, Costa Serma e Augusto de Lima, representa o *movimento scientista* da poesia brasileira. Os *Dous Amphitheatros*, que reproduzimos, dão a medida de seu alto valor na nossa lyrica contemporanea.

FROTA PESSÔA. — Nasceu a 2 de novembro de 1875, em Sobral, Estado de Ceará. Collaborador de jornaes

e revistas n'esta capital, em 1898 appareceu o seu primeiro livro de versos, intitulado *Psalmos*.

LEONCIO CORREIA. — Este conhecido escriptor, natural do Estado do Paraná, publicou seu primeiro livro de versos — *Flôres agrestes*, em 1882 ; e as — *Volatas* — em 1887. Tem a imprimir — *Litanias*, *Valla commum*, e *Tiradentes*, este ultimo, poema nacional, e os dous primeiros de poesias geraes.

LEOPOLDO BRIGIDO. — Nasceu no Ceará, em 1875. Tem collaborado em varios jornaes, e reune presentemente suas poesias para publical-as em livro.

SILVEIRA NETTO. — E' moço ainda, e nasceu em Morrêtes, Estado do Paraná.

Um dos vultos de mais altura da poesia symbolista no Brasil, o nosso poeta faz parte d'esse grupo de cantores paranáenses a que estão confiados os destinos dessa recente seita, da qual o seu livro *Luar d'hinverno* concentra, no fundo e na fórma, o mais bello dos principios doutrinarios.

Silveira Netto, poeta e artista, vale um nome e uma fama.

LUIZ MURAT. — Nasceu em Itaguahy, Estado do Rio de Janeiro, em 1861.

Jornalista e poeta de alteroso vôo, o autor das *Ondas* é um dos typos mais significativos na poesia actual, salientando-se com aprofundados sulcos nas poesias amorosas, philosophicas e de vibrante imaginação.

A seu respeito, nada têmos a adeantar ao que magistralmente acentuou Sylvio Roméro em seus *Novos estudos de litterarura contemporanea*, na valorosa critica consagrada ao magestoso cantor da *Sanie Universal*.

ALBERTO DE OLIVEIRA. — Nasceu em Saquarema, Estado do Rio de Janeiro, a 28 de abril de 1859.

Poeta de soberana inspiração, as suas *Poesias* o collocam como figura de primeiro plano nas mais remontadas regiões do Parnaso Nacional, onde, n'estes dous ultimos decennios, as palmas de todas as criticas o victoriam, o incenso de todos os louvores o consagram.

O exame de Hercilia, que damos n'este volume, faz parte de uma serie de poesias do mesmo autor, que em breve virão a lume, ainda mais avigorando o cabedal poetico que tão largamente exorna o frontão da patria brasileira.

MUCIO TEIXEIRA. — Nasceu este luminoso homen de lettras a 13 de outubro de 1858, em Porto-Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Poeta e polygrapho, a sua obra em verso é abundantissima e de valôr, comparavel ás vezes, já pela imaginativa, já pela extensão, á de Luiz Delfino, um dos poetas de maior envergadura que tem possuido esta parte da America.

D'entre muitos de seus livros nos recordamos de — *Fausto e Margarida*, poema ; *Cerebro e Coração*, *Fausto*, *O gaúcho*, *Os Inconfidentes ; O filho do banqueiro*, drama ; *Novos idéaes*, versos.

E' presentemente o critico dos *Poetas e prosadores*, folhetim semanal do *Jornal do Brasil*.

NESTOR VICTOR. — Nasceu a 12 de abril de 1868, no Estado do Paraná. Este laborioso autor, illustrado e de verdadeiro talento, tem publicado as seguintes obras : *Signos*, livro de contos ; *Cruz e Souza*, monographia ; *A Cruz e Souza*, poemeto ; e um romance intitulado *Amigos*.

Seu ultimo livro — *A Hora*, destinado á critica, é superiormente trabalhado, brilhantemente escripto, destacando-se em paginas admiraveis o estudo sobre Ibsen, que nos dá exacta conta dos meritos litterarios do joven analysta.

Como poeta, pertence ao radioso cenaculo dos *symbolistas* paranaenses.

ELZEARIO PINTO. — Nasceu em Sergipe, em 1842. Esteve na Bahia em 1867, fazendo parte nesta data do grupo de poetas constituido por Antonio Alves de Carvalhal, Castro Alves, Mello Moraes Filho, Francisco Moniz Barreto Filho e Plinio de Lima, em contraposição ao do velho repentista Francisco Moniz Barreto, que contava, como sectarios de escola, A. de Mendonça, D. Adelia Josephina do Castro Fonseca, Domingos Jaoquim da Fonseca, Antonio Lopes Cardozo e João de Brito.

Mais tarde, passando-se para o Rio de Janeiro, seguio pouco depois para Minas-Geraes, onde falleceu.

Na Bahia, escreveu o notavel poeta sergipano — *O Festim de Balthazar*, composição freneticamente consagrada pelos seus pares, e hoje tornada celebre na lyrica nacional.

D'elle existe inedito o poema — *Serygipe*, e não consta que, por emquanto, se achem reunidas suas poesias avulsas.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

ULTIMOS ROMANTICOS

José Bonifacio.
Suprema vizio 3
O corneta da morte 9
Bittencourt Sampaio.
O Canto do pescador 13
A Lua 16
Pedro Luiz Pereira de Souza.
Terriblis dea 18
Laurindo Rabello.
Adeus ao mundo 22
Franklin Doria.
A Ilhôa 27
O acompanhamento 31
J. A. Teixeira de Mello.
A' Lua 36
Joaquim Serra.
Desafio á viola 42
Santa Helena Magno.
A Secca no Ceará 46
Machado de Assis.
Uma creatura 51
Circulo vicioso 52
Tobias Barreto.
Leocadia 53
Luiz José Pereira da Silva.
Riachuelo 55

Francisco Moniz Barreto, Filho.
Desalento 59
Confissão de um velho 61
Fagundes Varella.
A Filha das Montanhas 62
O canto dos sabiás 65
Sylvio Roméro.
A modinha 67
Antonio Alves de Carvalhal.
Lesbia (fragmento) 69
Elzeario Pinto.
O festim de Balthazar 72
Plinio de Lima.
Versos á Maria 79
Castro Alves.
Sub tegmine fagi 82
O Bandolim da desgraça 85
Mello Moraes Filho.
Ponte de lianas 87
A morte do Sol 89

SEGUNDA PARTE

SCIENTISTAS

Sylvio Roméro.
A Alma 95
José Izidoro Martins Junior.
Synthese Scientifica 98
Costa Senna.
Natura Mater 103
José Eduardo Teixeira de Souza.
Os dois Amphitheatros 106
Augusto de Lima.
O Reino Mineral 109
Paradoxo 111
J. Mariano de Oliveira.
Hino á Mulher 112

TERCEIRA PARTE

PARNASIANOS

Luiz Delfino.
As tres Irmans. 119
Jesus ao collo de Magdalena. 121
Cadaver de Virgem. 122

Luiz Murat.
O Meu palacio de ouro. 123

Luiz Guimarães.
O beijo da Morta. 126
A voz das arvoros. 127

José Izidoro Martins Junior.
Fim de jornada. 128

Arthur Azevedo.
Hotel. 130
As Estatuas. 132

B. Lopes.
Flor de Primavera. 133
Soneto. 134

Olavo Bilac.
Via-Lactea. 135
Ouvir estrellas. 136

Ezequiel Freire.
O Camarim de Lucia. 137

Raymundo Corrêa.
Vesper. 139
As pombas 140

Valentim Magalhães.
Prenuncio de aurora. 141

Affonso Celso.
Na Fazenda. 143

Theophilo Dias.
A voz. 145
Orio e o vento 146

Adelino Fontoura.
Beatriz. 148
Rastro de amor. 149

Lucio de Mendonça.
Consorcio maldicto. 150
Ozorio Duque-Estrada.
Soneto. 151
Thezouros. 152
Longe. 153
F. A. de Carvalho Junior.
Soneto. 155
Emilio de Menezes.
Os tres olhares de Maria. 156

QUARTA PARTE

POETAS DE TRANSIÇÃO

Alberto de Oliveira.
O exame de Hercilia. 161
A visão da torre 169
Nestor Victor.
Filha morta. 171
Silvestre de Lima.
A partida. 174
Fontoura Xavier.
Flor da decadencia. 175
A minha dor 176
Magalhães de Azeredo.
A Grecia. 178
Guimarães Passos.
Eu, peccador. 181
Numero avulso. 182
Luiz Pistarini.
Balladilha. 184
Mão primorosa. 175
Medeiros e Albuquerque.
Noiva perdida 186
Te deum laudamus. 189
Felix Pacheco.
Elisabeth. 191
Longe 192

Leopoldo Brigido.
Fra Angelico da Ficsolo. 193
Ernesto Senna.
Soneto. 194
Vital Fontenelle.
Visão da morte. 195
Nestor Victor.
Morte posthuma. 199
Cunha Mendes.
Paisagem d'alma. 200
Dr. Egas Moniz Barreto de Aragão.
A suprema Epopéa. 201
Adherbal de Carvalho.
Ideal. 205
Flor de marmore. 206
O amor. 207
Figueiredo Pimentel.
Olhos mysteriosos. 208
Freitas Guimarães.
Morta. 210
João Ribeiro.
Lux et umbra. 212
Paisagem sergipana. 213
Antonio Braga.
Esquece. 214
Paulo de Arruda.
Ave, Maria. 216
No exilio 217
Frota Pessôa.
Rouxinol. 218
Cruel perfume. 219
Leoncio Correia.
Alma de Artista. 220
Pela Africa. 221
Carlas Coelho.
Canção dos tropicos. 222
Harmonia selvagem. 223
Jarbas Loreti.
Noites. 224
Fórmas aerias . . . . . .

Luiz Guimarães (Filho).
Emquanto reina o silencio. 226
A flor da larangeira e a saudade. 227
Xavier Marques.
Seductora. 228
Amor proprio. 229
Pereira da Silva.
Vae-victis. 230
Luiz Edmuddo.
Mystica. 231
A galera fatal. 233
Daltro Santos.
Taça cheia. 234
Oscar Pederneiras.
Ausencia. 235
Luz e Trevas. 236
Demosthenes de Olinda.
Luz e sombra. 237
Jayme Guinarães.
Sonhos. 239
Madrugada. 240
Lycio de Carvalho.
Lyra. 241
Perseverando. 242
Henrique Castriciano.
Noiva Ideial 243
Jonas da Silva.
No Bosque. 245
Morta. 246
Carlos Góes.
Ironia do vento. 247
Amor e scepticismo. 248
Julio de Freitas Junior.
Magna dolor. 249
Alves Guimarães.
A vela. 250
Em um album. 252
Ulysses Sarmento.
Almas amantes 253
No banho 254
O sonho de Marco Antonio 255

Hermeto de Lima.
Palacio vasio 256
Atravez do passado 257
Elysio de Carvalho.
Olhos verdes 258
Antonio Salles.
O Carro de Bois 259
Emilio Kemp.
Mez de Maria 262
Marcos de Castro (Alberto Ramos).
Mathilde 264
Maria 266
Deodato Maia.
Peregrinação 268
Rodolpho Paixão.
Ridente lyra 269
Mucio Teixeira.
O sonho dos sonhos 270
O amor 271
Escragnolle Doria.
Noute de batalha 274
A Valla commum 275

QUINTA PARTE

SYMBOLISTAS

Cruz e Souza.
Recorda 279
O Assignalado 282
Odio sagrado 283
Emiliano Pernetta.
Azar 284
Carvalho Aranha.
A uns olhos tristes 287
Vivaldy Coaracy.
Violante 289
Ismael Martins.
Acerba viagem 290

Thiago Peixoto.
Medieval. 291

Gustava Santiago.
O Cavalleiro do luar. 293

Euclides Bandeira.
Eolia. 297

Francisco Mangabeira.
Santa (fragmento) 298
Dona Leonor (fragmento). 300

Domingos Nascimento.
Ronda Sinistra. 302

Alfonsus de Guimarães.
Trio romanesco. 304

Aristides França.
Dolencia astral. 305

Julio Pernetta.
Cavalleiro da morte. 306

Ricardo de Lemos.
Pergunta louca. 308

Julio Camisão.
Barcarola. 309

Ricardo de Albuquerque.
Canção de Afjofares. 311

Silveira Netto.
Ballada spleen. 313

Nestor Victor.
Dueto de sombras. 317
O Constructor. 318

Cunha Mendes.
Ave Maria. 319

Dario Vellozo.
Alma penitente. 322

Paris. — Tip. Garnier, irmãos.

PROSADORES BRASILEIROS

CONTEMPORANEOS

MELLO MORAES FILHO

MELLO MORAES FILHO

PROSADORES BRASILEIROS

CONTEMPORANEOS

(TRECHOS ESCOLHIDOS)

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES
PARIS

Ao escolhido prosador e amigo Laudelino Freire.

MELLO MORAES FILHO

PREFACIO

Quando, em 1870, publicámos o nosso Curso de Litteratura Brasileira, *o pensamento que regeu essa anthologia, na quarta edição successivamente melhorada, foi nella reunirmos a maioria dos nossos prosadores desde os tempos coloniaes até então, sendo conscientemente postos á margem conhecidos e illustres escriptores contemporaneos.*

Assim procedendo, deprehende-se que os intuitos da obra eram dar ao paiz, e com especialidade ás escolas, uma noção generalisadora da litteratura nacional, na prosa desde as annuas e chronicas dos missionarios Jesuitas, e na poesia desde os esfalfados versos de Bento Teixeira Pinto.

Tão alto nos remontando, as correntes litterarias desdobravam-se naturalmente, deixando a descoberto em cada seculo, em cada época, abruptas eminencias á admiração dos posteros.

Secundando-nos nesse objectivo, distinctos autores divulgaram publicações congeneres, varia

na preferencia dos trechos : uns, mais ou menos, cingiram-se ás classificações que estabelecemos ; outros, á sequencia chronologica, ou não adoptaram classificação alguma.

As edições esgotadas do Curso de Litteratura, *entretanto, provam que esse livro preencheu uma lacuna, e satisfez uma exigencia do nosso meio reconhecidamente culto ; não ficando, porém, completos os seus fins, porque a nossa evolução intellectual continuou intensa, permanecendo sem entrada em nosso trabalho talentos de primeira escolha, que estreiaram no ultimo periodo por elle abrangido.*

E não só estes, como tambem outros de apurado relêvo deixaram de ser contemplados, levando-nos isso a conceber a idéa da presente selecta, a que démos o titulo de Prosadores Brazileiros Contemporaneos (*).

Sem abrirmos mão do plano por nós uma vez acolhido, sem systhematicamente excluirmos autores outr'ora lembrados, este livro apresenta-se ao publico com uma feição completamente nova, por isso que fragmentos das mais recentes publicações litterarias, excerptos laborados por habilissimos representantes da moderna geração, ahi são resguardados como versiculos do Koran na mesquita de Djadad, á reverencia dos perigrinos do estudo que, bem como as caravanas de Méca, encontrarão nessas estancias da palavra escripta, uma palmeira ás fadigas do deserto, um oasis ao confôrto da esperança.

(*) Alguns autores aqui não incluidos, já o foram no *Cursod eLitteratura.*

Afastando-nos das demais collectaneas, e no proposito de proporcionar aos leitores um criterio menos vacillante, uma caracteristica mais acentuada de cada escriptor, e do genero de cada producção, para aqui trasladamos rapidas paginas na integra, excerptos não mutilados, que deixam transparecer a indole litteraria deste ou daquelle; figurando ás vezes em mais de uma das referidas classes o mesmo nome, não só porque tivemos empenho em assignalar complexidades intellectuaes, mas ainda para não debilitarmos divisões aceitas.

Acreditando nesse resultado, com proveito dos autores e dos generos litterarios em que se acha discriminado o volume, resta-nos a satisfação de havermos contribuido com o nosso desvaloroso contingente para maior fama de tantos prosadores contemporaneos, alguns dos quaes avultam como radiosos promontorios, projectando relampagos, clarões, nos longes indecisos do futuro.

MELLO MORAES FILHO.

1902.

QUADROS E DESCRIPÇÕES

A festa de N. S. dos Remedios.

O povo, sem distincção de classes e condições, affue logo ao anoitecer de todos os pontos da cidade, e occupa promiscuamente o largo dos Remedios, uns de pé, outros sentados em bancos e cadeiras, uns parados, outros passeando, aquelles fumando, estes devorando doces, est'outros simplesmente conversando, e alguns até engolphados em silenciosa e gososa meditação. Cada um vestido segundo o seu capricho. E a todos a lua illumina, o vento refresca e a poeira incommoda soffrivelmente. Reina por toda parte o prazer e a cordialidade, e é quasi geral a effusão dos bons sentimentos.

Pelo que toca á manducação, ha annos a esta parte têm os costumes soffrido uma bem sensivel alteração. Dantes se improvisavam no largo doze ou mais barracas, com toldos de lona, em que os amigos da alimentação succolenta e abundante iam abarrotar-se de costelletas, lombos de porco, tortas de camarão, escabeches, guisados de peixes, e outras comidas desta feição; este anno, no largo,

só deparamos com uma barraca triste e solitaria.

Ha mais outra, a do Sr. Valença, a qual de envergonhada, foi encantoar-se lá para os fundos da igreja. Nesta ha cavallinhos de pau em que certa laia de amadores da equitação tem dado formidaveis corridas, e quédas estrepitosas e victoriadas. A nossa progressiva e refinada civilisação vae banindo esses focos de indigestões e borracheiras, e não soffre mais do que doces leves e delicados, as queijadas, os bolinhos de amor, os pães de ló de macaxeira, canudinhos, capellinhas, rebuçados, melindres, e suspiros, a que todo mundo se atira, e que todo o mundo apenas rega com agua pura do Apicum, salvas sempre as honrosas excepções dos fieis cultores da antiga lei, que continuam a concorrer ás solitarias e envergonhadas barracas.

Para aviar a enorme massa dos consumidores de massas, uma extensa fila de doceiras circula o largo em todas as suas direcções, sentadas em cadeiras, costas ao mar, a face para a multidão, e adiante de si, sobre pequenas bancas, os taboleiros atulhados de doces de toda a especie, quartinhas d'agua, e a competente lanterna accesa. Estas cem a duzentas lanternas produzem uma maneira de illuminação quasi a flôr da terra, que não é dos espectaculos menos curiosos que ali se offerecem. Não ouso sondar o abysmo do consumo e devoração a cada noite: o espirito recúa salteado de horror diante do calculo; basta dizer-se os que têm a imprudencia de passear o largo, á luz do dia immediato, o encontram alastrado e sordido dos papeis de todas as côres que involviam os extinctos canudos e rebuçados, tão deliciosamente chuchurrubiados na vespera. Seria conveniente

que os directores futuros fizessem remover os despojos destas pacificas batalhas nocturnas, cuja vista é bem desagradavel, sobretudo ao amanhecer do dia da festa. As doceiras de taboleiro podem considerar-se as tropas ligeiras d'esta guerra gastronomica: mas além disso os particulares que moram pela visinhança, ou que para ali se mudam n'esta quadra feliz, fazem enormes encommendas de grossa e pesada munição para os seus bailes e chás; e nas lojas do palacete do commendador Fernando está assentado o quartel general d'esta dulcissima industria. Refiro-me á confeitaria do immortal Condeixa, de que dentro em pouco me tornarei a occupar.

Em outras lojas do mesmo palacete embetesgouse o cosmorama do Sr. Gregorio; os guinchos de um estropeado realejo forcejam por attrahir os curiosos, que ali, por via de regra, não costumam ser de tão bôa companhia, como no palacete da rua da Paz. A entrada custa meia pataca.

No antigo alpendre de N. Senhora, e n'uma barraca erguida á poucos passos de distancia, tocam alternadamente a musica dos Educandos, e a banda das cornetas do Corpo Fixo. — Nem escolha nas peças; nem esmero na sua execução; os instrumentos parecem velhos e rachados, e estão certamente desafinados. Será prudente applicar o ouvido e a attenção a outros objectos. Ah! o balão! Já me ia esquecendo que o balão é tambem um ingrediente indispensavel nestas festas; e o que subio aos ares na noite de domingo, 5 de Outubro do anno da graça de 1851, foi com antecipação annunciado em todos os grandes jornaes d'esta nossa babylonia, como obra d

uma associação de artistas, e producto de uma subscripção nacional, ou provincial.... bem se vê que a coisa se torna seria, e toma todas as proporções gigantescas de uma empreza industrial artistica, e scientifica. Era logo depois da novena; e mal que desatado das importunas prisões o engenhoso e sublime artefacto arrancou altivo e magestoso para as ethereas regiões, mil basbaques, a um tempo, e por um só movimento concertado ergueram ao ar os olhos e narizes, e os queixos estupefactos, e manifestaram de bocca aberta a gloria e o prazer que os possuia, por alguns minutos de estatica admiração, de confuso murmorinho e zumbido universal. Era para ver e admirar como na volta vinham praticando sabios e profanos sobre o memoravel acontecimento! — Qual notava que d'esta feita não tocou como das outras na torre da egrejinha, antes foi direito o seu caminho; qual as centelhas que despedia, as guinadas que dava, e o rumo que tomou; qual emfim que era todo de papel branco, como bordado de verde bem no centro. A verdade é que a este importante assumpto dos balões, digno das mais sizudas reflexões dos philosophos e estadistas, não se tem entre nós prestado toda a devida attenção; a ponto tal que a policia ainda não deu parte se este de que fallam ardeu nos ares, cahiu em terra, ou abysmou-se no oceano, como aliás era mistér, para completa satisfação e conhecimento de um publico tão judicioso como esclarecido.

De mim confesso que não sabendo tractar com irreverencia objectos tão serios e nobres, apesar de asseverar-me pessoa de cuja veracidade faço o mais elevado conceito, no bojo da graciosa ma-

china não iam novos nem velhos Gamas, por não ser do estylo da terra; não obstante, digo, tocado da geral e intelligente admiração, e não tendo cabedal proprio, recolhido em meu conceito, estive a ruminar os seguintes versos do finado Filinto Elysio, que offereço ao respeitavel, e espero mereçam a indulgencia e o *passe* dos nossos modernos romanticos . . . . . .

JOÃO FRANCISCO LISBÔA. — *Obras.*

O pampa.

Como são melancholicas e solemnes, ao pino do sol, as vastas campinas que cingem as margens do Uruguay e seus affluentes!

A savana se desfralda a perder de vista, ondulando pelas sangas e cochilas, que figuram as fluctuações das vagas nesse verde oceano.

Mais profunda parece aqui a solidão e mais pavorosa do que na immensidade dos mares. É o mesmo ermo, porém sellado pela immobilidade, e como que estupefacto ante a magestade do firmamento.

Raro corta o espaço, cheio de luz, um passaro erradio, demandando a sombra, longe, na restinga do mato, que borda as orlas de algum arroio. A trecho passa o poldro bravio, desgarrado do magote; eil-o que se vae retouçando alegremente babujar a grama do proximo banhado.

No seio das ondas o nauta sente-se isolado: é atomo envolto n'uma dobra do infinito. A ambula immensa tem só duas faces convexas: — o mar e o céu.

Mas em ambas a scena é vivaz e palpitante. As ondas se agitam em constante fluctuação: têm umà voz, murmuram. No firmamento as nuvens cambiam a cada instante ao sopro do vento: ha n'ellas uma physionomia, um gesto.

A tela oceanica, sempre magestosa e esplendida, resumbra possante vitalidade. O mesmo pégo, insondavel abysmo, exhubera de força creadora: myriadas de animaes o povoam, que surgem á flôr d'agua.

O pampa, ao contrario, é o pasmo, o torpôr da natureza.

O viandante, perdido na immensa planicie, fica mais que isolado, fica oppresso. Em torno d'elle faz-se o vacuo: subita paralysia invade o espaço, que peza sobre o homem, como lívida mortalha.

Lavor de jaspe, embutido na lamina azul do céo — é a nuvem. O chão semelha a vasta lapida musgosa de extenso pavimento. Por toda a parte a immutabilidade. Nem um bafo, para que esta natureza palpite; nem um rumor que simule o balbuciar do deserto.

Pasmosa inanição da vida no seio de um alluvio de luz!

O pampa é a patria do tufão. Ahi, nas estepes nuas, impéra o rei dos ventos. Para as furias dos elementos inventou o Creador as rijezas cadavericas da natureza. Diante da vaga impetuosa collocou o rochedo; como leito do furacão estendeu pela terra as infindas savanas da America e os ardentes areaes da Africa.

Arroja-se o furacão pelas vastas planicies; espoja-se nellas como o potro indomito; convolve a erra e o céu em espesso turbilhão: afinal a natu-

reza entra em repouso; serena a tempestade; queda-se o deserto, como dantes, placido e inalteravel. E a mesma face impassivel; não ha alli sorriso, nem ruga. Passou a borrasca, mas não ficaram vestigios. A savana permanece, como foi hontem, como ha de ser amanhã, até o dia em que o verme homem corroer essa crosta secular do deserto.

Ao pôr do sol perde o pampa os toques ardentes da luz meridional. As grandes sombras, que não interceptam montes nem selvas, desdobram-se lentamente pelo campo fóra. E' então que assenta perfeitamente na immensa planicie o nome castelhano. A savana figura realmente um vasto lençol desfraldado por sobre a terra e velando a virgem natureza americana.

Esta physionomia crepuscular do deserto é suave nos primeiros momentos, mas logo após resumbra tão funda tristeza, que estringe a alma.

Parece que o vasto e immenso orbe cerra-se e vae minguando a ponto de espremer o coração.

Cada região da terra tem uma alma sua, raio creador que lhe imprime o cunho da originalidade. A natureza infiltra em todos os seres que ella gera e nutre aquella seiva propria; e fórma assim uma familia na grande sociedade universal.

Quantos seres habitam as estepes americanas, sejam homem, animal ou planta, inspiram n'ellas uma alma pampa. Tem grandes virtudes esta alma. A coragem, a sobriedade, a rapidez, são indigenas da savana. No seio desta profunda solidão, onde não ha guarida para defesa, nem sombra para abrigo, é preciso affrontar o deserto com intrepidez, soffrer as privações com pacie

cia, e supprimir as distancias pela velocidade.

Até a arvore solitaria que se ergue no meio dos pampas é typo destas virtudes. Seu aspecto tem o que quer que seja de arrojado e destemido; n'aquelle tronco derreado, n'aquelles galhos convulsos, na folhagem desgrenhada, ha uma attitude athletica. Logo se conhece que a arvore já luctou com o pampeiro e o venceu. Uma terra secca e poucos orvalhos bastam á sua nutrição. A arvore é sobria e feita ás inclemencias do sol abrasador. Veio de longe a semente, trouxe-a, o tufão nas azas e atirou-a alli, onde medrou. É uma planta emigrante. Como a arvore são a ema, o touro, o corsel, todos os filhos bravios da savana.

Nenhum ente, porém, inspira mais energicamente a alma pampa do que o homem, — o gaúcho.

De cada ser que povôa o deserto toma elle o melhor: tem a velocidade da ema ou da corsa, os brios do corsel, e a vehemencia do touro.

O coração, fel-o a natureza franco e descortinado como a vasta cochilha; a paixão que o agita lembra os impetos do furacão: o mesmo bramido, a mesma pujança.

A esse turbilhão de sentimentos, era indispensavel uma amplitude de coração immensa como a savana.

Tal é o pampa.

Esta palavra, originaria da lingua kechua, significa simplesmente — o plaino; mas, sob a fria expressão do vocabulo, está viva e palpitante a idéa.

Pronunciae o nome como o povo que o inventou. Não vêdes no som cheio de voz que rebôa e

se vae propagando expirar no vago, a imagem fiel da savana a dilatar-se por horizontes infindos? Não ouvis n'essa magestosa onomatopeia repercutir a surdina profunda e merencoria da vasta solidão?

Nas margens do Uruguay, onde a civilisação já babujou a virgindade primitiva dessas regiões, perdeu o pampa o seu bello nome americano.

O gaúcho, habitante da savana, dá-lhe o nome de — campanha.

J. DE ALENCAR. — *O Gaúcho.*

A derrubada.

A mata era imponente. Erguia-se na grota uma sucupira de trinta palmos de circumferencia; mais abaixo uma gamelleira, menos gigante, quasi emparelhava sua rama com a rama do colosso.

Os mais possantes africanos, cujos braços de ferro manejavam o machado como um brinco de criança, desfilaram junto á magestosa arvore á semelhança de formigas.

Um a um paravam para medi-la de alto a baixo, mas nenhum teve a coragem de derruba-la. A todos a sucupira olhava com desprezo, farfalhando orgulhosamente sobre a solida base.

Primeiro passou um cabinda, parou embasbacado, e foi-se muscando, receioso de ser-lhe confiada a empreitada.

— Cruz! Hoje é hoje. Com esse páo ninguem póde. Tem serviço para uma semana.

Passou depois um cassange, o qual, arqueando-

se de flanco á guisa de bodoque, pasmou assombrado a mirar-lhe a copa.

— Huá! Maravilha do mundo! Vou-me embora; não sou pimpão para esse bicho, não.

Em seguida passou um inhambane, que, tropeçando na grossa raiz, escarrapachou em regra, de braços abertos e focinho no chão. Ergueu-se o derrubador, e, cuspindo terra, desceu a biboca no meio de pragas e exclamações comicas.

— Uê-ê-ê-ê! Já está mostrando o que ha de ser. Puah! Judêo do inferno.

Afinal approximou-se um moçambique que, arrimando-se ao cabo do machado, alli ficou estatelado, de pernas abertas, a grunhir uma lengalenga indecifravel.

Nessa occasião despontou Fernando no aceiro superior e vibrou a vista, dominando o serviço de um golpe. Elle era o derrubador mais famoso daquelle sertão, que nesse tempo os contava de mão cheia.

Não havia pontaria mais certeira. Quando elle lançava o olhar calculista aos galhos de uma arvore, estivesse esta no prumo, marcava a direcção de sua quéda, e não errava o tiro.

Quando o fazendeiro soltou do largo peito o berro que enchia o valle, e despertava o eito, a floresta tremeu de medo até á raiz. Acabava de chegar o raio que devia fulmina-la.

Ao avistar na grota a gigantesca sucupira, em pé, atirando aos derrubadores o formidavel desafio, que ninguem ousava aceitar, o fazendeiro ficou contente; era com esses colossos altaneiros que elle gostava de se medir. Censurou energicamente os escravos por haverem fugido covarde-

mente da arvore, desceu á grota, e gritou por Chico Congo.

Acudiu um africano herculeo. Era o seu braço direito; não havia em todo o Brasil machado mais valente, nem mais vigoroso tapyr. O fazendeiro escolheu mais dous derrubadores para contrapeso ao negro, e distribuiu-os em torno da sucupira. Ao Congo sósinho coube a tarefa de entalhar a barriga do páo até o amago, mas apezar de ardua a tarefa, andassem ligeiro os seus malungos, pois não tardaria em deixa-los atráz.

Fernando marcou a pontaria para a forquilha da gàmelleira, e ordenou que não cortassem esta. Conforme seus calculos, o peso da sucupira, alliado ao choque, seria bastante para deitar abaixo sua grossa vizinha, de fibra menos rija; os dous colossos unidos no abraço da morte, cahindo juntos sobre a floresta golpeada, arrasariam a grota até á varzea.

Ponderou o congo que se a gamelleira resistisse, como seria certo, a sucupira enganchada na sua forquilha, formaria um perigoso mundéo. Os seus companheiros apoiaram esse parecer, achando prudente entalhar a gamelleira, embora se consumisse mais tempo. O lavrador, confiado no seu plano temerario, persistio; então o trabalho começou.

O congo, fincando um pé atráz, arremessou o machado que foi encravar-se no rijo lombo do gigante. O aço cantou, e o cabo solto brandiu como a cauda da jararaca retrahida para o bote.

O negro cuspiu entre as mãos, esfregou as palmas uma na outra, e arrancou a arma terrivel.

Os golpes succederam-se. A cada golpe voava um estilhaço de páo, zunindo. Os outros derrubadores porfiavam em imitar o congo, mas faltava-lhes a força e destreza do pulso. Tambem o africano gostava de provoca-los, alardeando seu vigor. Sempre que o seu machado retinia no cirne, elle bradava aos parceiros em tom de chacota :

— Acocha, malungo.

— Hoje quebro-te a prôa, respondia o mais encafifado.

— Vamos ver.

E os golpes redobravam, echoando além; e os cavacos zuniam no espaço como a bala do arcabuz.

Passava de meio-dia, quando a sucupira deu o primeiro gemido.

Os derrubadores soltaram uma interjeição unisona de enthusiasmo; o eito em côro respondeu com outro. Mas faltava ainda muito para o colosso cahir.

O congo malhava sempre, emquanto os parceiros fatigados deixavam as vezes pender os braços frouxamente. Mas tambem recomeçavam logo. A cada vaivem do machado, entoava o congo uma breve cantiga, a que respondiam os parceiros em côro, quando vibravam os golpes simultaneos.

— Acocha, malungo.

— Batecum gererê.

— Acocha com força.

— Batecum gererê.

— O gavião é quem governa.

— Batecum gererê.

Essas phrases e outras, acompanhadas do estribilho, marcavam o compasso regular das macha-

dadas. O fazendeiro dirigia o serviço com o olhar vigilante no gavião da arvore, donde dependia a certeza da pontaria. Ora mandava cortar mais á direita, ora mais á esquerda, conforme a necessidade.

A attenção do eito convergia para esse ponto : não se fallava noutra cousa ; sustentavam alguns que a gamelleira não cahiria, apostavam outros que ella não resistiria ao choque. Só Pai Bento não fallava. Trazia os olhos arregalados no espaço, como se estivesse vendo uma visão sinistra.

A's onze horas pararam para tomar a refeição. Pai Bento não comeu.

O trabalho recomeçou com mais enthusiasmo. Emfim ás duas da tarde o colosso vegetal estalou no amago, e os tres algozes soltaram o grito de aviso.

— Foge, gente.

Então os trabalhadores, que andavam por alli perto, escafederam-se á pressa.

A sucupira estava equilibrada sobre a aresta de um prisma. Apenas os derrubadores disseminados pela floresta puzeram-se longe do perigo, o congo atirou mais alguns golpes.

De repente rangêram as fibras do tronco, e a cabeça enorme do rei daquelles valles, descrevendo um arco de circulo sobre um raio de cento e vinte palmos, e acompanhado pelo côro selvagem dos derrubadores, abateu-se na forquilha da gamelleira, desgrenhada a coma, e estremecendo o deserto com seu rugido de moribundo.

Ao peso do colosso a gamelleira vergou violentamente, semelhante a um arco ao despedir a

setta, porém suas fibras elasticas, reagindo logo, suspendêram de novo o decepado gigante.

Fernando empallideceu. O silencio estendeu-se no eito; cincoenta olhos cheios de emoção, de espanto e anciedade assistiam á scena pavorosa. Só Pae Bento nada via.

Como dous athletas engalfinhados na luta se despedaçam, rangendo os dentes, ferindo-se com as unhas, e procurando com terriveis solavancos abater um ao outro, assim a sucupira, ferrada á nuca da gamelleira, a envergava para baixo, sempre que ella tentava erigir-se na magestade primitiva.

Os dous gigantes oscillavam nesse vaivem formidavel, a rasgarem-se as carnes, a dilacerarem-se as vestes, a arrancarem-se as barbas, arrochados sempre pelos musculos de aço.

— A gamelleira está duvidando, disse o congo.

— Temos mundéo, accrescentou outro.

— Veremos ainda.

Esta observação partira do fazendeiro, que esperava o desfecho do combate com o interesse do amor proprio compromettido.

Offendido em sua vaidade, elle, o derrubador de fama, julgar-se-hia deshonrado, se o calculo falhasse desastradamente.

Nesse interim, quebrou-se um galho, e a sucupira girando projectou-se á esquerda, e calcou desesperadamente o adversario.

— E' agora! bradou Fernando.

Ouvio-se um estalo, em seguida um estertor, e outro, e outro.

De repente vibrou um estampido, e a gamelleira,

lascada pela base, cedeu emfim á força que a subjugava.

Então os dous titans, abraçados ao rolarem na arena, rugindo como um bando de pantheras, tombaram sobre a floresta, e esmagando de uma em uma as arvores seculares varrêram a grota.

As pessoas que habitavam longe as bibocas da serra, foram sorprendidas por um trovão medonho, que passou esbarrando por aquellas encostas, e attonitas interrogaram o espaço.

Não havia uma nuvem no céo.

AMERICO WERNECK. — *Graciema.*

Inundação.

Tudo era agua e céo.

A inundação tinha coberto as margens do rio até onde a vista podia alcançar; as grandes massas d'agua que o temporal, durante uma noite inteira vertera, sobre as cabeceiras dos confluentes do Parahyba, desceram das serranias e, de torrente em torrente, haviam formado essa tromba gigantesca que se abatera sobre a varzea.

A tempestade continuava ainda ao longo de toda a cordilheira, que apparecia coberta por um nevoeiro escuro; mas o céo, azul e limpido, sorria mirando-se no espelho das aguas.

A inundação crescia sempre; o leito do rio elevava-se gradualmente; as arvores pequenas desapareciam, e a folhagem dos soberbos jacarandás sobrenadava já, como grandes moitas de arbustos.

A cupola da palmeira, em que se achavam Pery e Cecilia, parecia uma ilha de verdura, banhando-

se nas aguas da corrente; as palmas que se abriam formavam no centro um berço mimoso, onde os dois amigos, estreitando-se, pediam ao céo para ambos uma só morte, pois uma só era a sua vida.

Cecilia esperava o seu ultimo momento com a sublime resignação evangelica, que só dá a religião do Christo: morria feliz; Pery tinha confundido as suas almas na derradeira prece que expirara de seus labios.

— Podemos morrer, meu amigo! disse ella com uma expressão sublime.

Pery estremeceu; ainda nessa hora suprema seu espirito revoltava-se contra aquella idéa, e não podia conceber que a vida de sua senhora tivesse de perecer como a de um simples mortal.

— Não! exclamou elle. Tu não pódes morrer. A menina sorrio docemente.

— Olha! disse ella com a sua voz maviosa, a agua sobe, sobe...

— Que importa! Pery vencerá a agua, como venceu todos os teus inimigos.

— Se fosse um inimigo, tu o vencerias, Pery. Mas é Deus... E' o seu poder infinito!

— Tu não sabes? disse o indio como inspirado pelo seu amor ardente: o Senhor do céo manda ás vezes áquelles a quem ama um bom pensamento!

E o indio ergueu os olhos com uma expressão ineffavel de reconhecimento.

Fallou com um tom solemne:

« Foi longe, bem longe dos tempos de agora. As aguas cahiram e começaram a cobrir toda a terra. Os homens subiram ao alto dos montes; um só ficou na varzea com sua esposa.

« Era Tamandaré; forte entre os fortes; sabio mais que todos.

« O Senhor fallava-lhe de noite; e de dia elle ensinava aos filhos da tribu o que aprendia do céo.

« Quando todos subiram aos montes, elle disse:

— « Ficae commigo; fazei como eu, e deixae que venha a agua. »

« Os outros não o escutaram e foram para o alto; deixaram elle só na varzea com sua companheira, que não o abandonou.

« Tamandaré tomou sua mulher nos braços e subiu com ella ao olho da palmeira; ahi esperou que a agua viesse e passasse; a palmeira dava fructos que os alimentavam.

« A agua veio, subiu e cresceu; o sol mergulhou e surgiu uma, duas e tres vezes. A terra desappareceu, a arvore desappareceu, a montanha desappareceu.

« A agua tocou o céo, e o Senhor mandou então que parasse. O sol, olhando, só viu céo e agua, e entre a agua e o céo, a palmeira, que boiava, levando Tamandaré e sua companheira.

« A corrente cavou a terra; cavando a terra, arrancou a palmeira; arrancando a palmeira, subiu com ella; subiu acima do valle, acima da arvore, acima da montanha.

« Todos morreram; a agua tocou o céo tres soes com tres noites; depois baixou, baixou até que descobriu a terra.

« Quando veio o dia, Tamandaré viu que a palmeira estava plantada no meio da varzea, e ouvio a avezinha do céo, o guanumby, que batia as azas.

« Desceu com sua companheira, e povoou a terra. »

Pery tinha fallado com o tom inspirado que dão as crenças profundas, com o enthusiasmo das almas ricas de poesia e sentimento.

Cecilia o ouvia sorrindo, e bebia uma a uma as suas palavras, como se fossem as particulas do ar que respirava; parecia-lhe que a alma do seu amigo, essa alma nobre e bella, se desprendia do seu corpo em cada uma das phrases solemnes, e vinha embeber-se no seu coração, que se abria para recebel-a.

A agua, subindo, molhou as pontas das largas folhas da palmeira, e uma gotta, resvalando pelo leque, foi embeber-se na alva cambraia das roupas de Cecilia.

A menina, por um movimento instinctivo de terror, conchegou-se ao seu amigo; e nesse momento supremo, em que a inundação abria a fauce enorme para tragal-os, murmurou docemente:

— Meu Deus!... Pery!...

Então passou-se sobre este vasto deserto d'agua e céo uma scena estupenda, heroica, sobrehumana, um espectaculo grandioso, uma sublime loucura.

Pery, allucinado, suspendeu-se aos cipós que se entrelaçavam pelos ramos das arvores já cobertas de agua, e com um esforço desesperado, cingindo o tronco da palmeira nos seus braços hirtos, abalou-o até ás raizes.

Tres vezes os seus musculos de aço, estorcendo-se, inclinaram a haste robusta; e tres vezes o seu corpo vergou, cedendo á retracção violenta da arvore, que voltava ao logar que a natureza lhe

havia marcado. Luta terrivel, espantosa, louca, esvairada; luta da vida contra a materia; luta do homem contra a terra; luta da força contra a immobilidade.

Houve um momento de repouso, em que o homem, concentrando todo o seu poder, estorceu-se de novo contra a arvore; o impeto foi terrivel, e pareceu que o corpo ia despedaçar-se nessa distensão horrivel. Ambos, arvore e homem, embalançaram-se no seio das aguas; a haste oscillou; as raizes desprenderam-se da terra, já minada profundamente pela torrente. A cupola da palmeira, embalançando-se graciosamente, resvalou pela flôr d'agua, como um ninho de garças, ou alguma ilha fluctuante, formada pelas vegetações aquaticas.

Pery estava de novo sentado junto de sua senhora quasi inanimada; e, tomando-a nos braços, disse-lhe, com um accento de ventura suprema:

— Tu viverás!...

Cecilia abriu os olhos e, vendo seu amigo junto della, ouvindo ainda suas palavras, sentiu o enlevo que deve ser o gozo da vida eterna.

— Sim?... murmurou ella; viveremos!... lá no céo, no seio de Deus, junto daquelles que amamos!... O anjo espanejava-se para remontar ao berço.

— Sobre aquelle azul que tu vês, continuou ella, Deus mora no seu throno, rodeado dos que o adoram. Nós iremos lá, Pery! Tu viverás com tua irmã, sempre!

Ella embebeu os olhos nos olhos do seu amigo, e languida reclinou a loura fronte.

O halito ardente de Pery bafejou-lhe a face.

Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e limpidos sorrisos; os labios abriram-se como as azas purpureas de um beijo, soltando o vôo.

E a palmeira, arrastada pela torrente impetuosa, fugia...

E sumiu-se no horizonte.

J. DE ALENCAR. — *O Guarany.*

Visita de Escobar.

Em casa, tinham já mentido, dizendo a minha mãe que eu voltára e estava mudando de roupa.

« A missa das oito já ha de ter acabado... Bentinho devia estar de volta... Teria acontecido alguma cousa, mano Cosme?... Mandem ver... » Assim fallava ella, de minuto a minuto, mas eu entrei e commigo a tranquillidade.

Era o dia das boas sensações. Escobar foi visitar-me e saber da saúde de minha mãe. Nunca me visitára até alli, nem as nossas relações estavam já tão estreitas, como vieram a ser depois; mas sabendo a razão da minha sahida, tres dias antes, aproveitou o domingo para ir ter commigo e perguntar se continuava o perigo ou não. Quando lhe disse que não, respirou.

— Tive receio, disse elle.

— Os outros souberam?

— Parece que sim : alguns souberam.

Tio Cosme e José Dias gostaram do moço; o aggregado disse-lhe que vira uma vez o pae no Rio de Janeiro. Escobar era muito polido; e, comanto fallasse mais do que veiu a fallar depois,

ainda assim não era tanto como os rapazes da nossa idade ; naquelle dia achei-o um pouco mais expansivo que de costume. Tio Cosme quiz que jantasse comnosco. Escobar reflectiu um instante e acabou dizendo que o correspondente do pae esperava por elle. Eu, lembrando-me das palavras do Gurgel, repeti-as :

— Manda-se lá um preto dizer que o senhor janta aqui, e irá depois.

— Tanto incommodo!

— Incommodo nenhum, interveiu tio Cosme.

Escobar acceitou, e jantou. Notei que os movimentos rapidos que tinha e dominava na aula tambem os dominava agora, na sala como na mesa. A hora que passou commigo foi de franca amizade. Mostrei-lhe os poucos livros que possuia Gostou muito do retrato de meu pae ; depois de alguns instantes de contemplação, virou-se e disse-me :

— Vê-se que era um coração puro!

Os olhos de Escobar, claros como já disse, eram dulcissimos ; assim os definiu José Dias, depois que elle sahiu, e mantenho esta palavra, apesar dos quarenta annos que traz em cima de si. Nisto não houve exageração do aggregado. A cara rapada mostrava uma pelle alva e lisa. A testa é que era um pouco baixa, vindo a risca do cabello quasi em cima da sobrancelha esquerda ; mas tinha sempre a altura necessaria para não affrontar as outras feições, nem diminuir a graça dellas. Realmente, era interessante de rosto, a bocca fina e chocarreira, o nariz curvo e delgado. Tinha o séstro de sacudir o hombro direito, de quando em quando, e veiu a perdel-o, desde que um de nós lh'o notou

um dia no seminario ; primeiro exemplo que vi de que um homem póde corrigir-se muito bem dos defeitos miudos.

Nunca deixei de sentir tal ou qual desvanecimento em que os meus amigos agradassem a todos. Em casa, ficaram querendo bem a Escobar ; a mesma prima Justina achou que era um moço muito apreciavel, apesar... Apesar de que? perguntou-lhe José Dias, vendo que ella não acabava a phrase. Não teve resposta, nem podia tel-a ; prima Justina provavelmente não viu defeito claro ou importante no nosso hospede ; o *apesar* era uma especie de resalva para algum que lhe viesse a descobrir um dia; ou então foi obra de uso velho, que a levou a restringir, onde não achára restricção.

Escobar despediu-se logo depois de jantar ; fui leval-o á porta, onde esperámos a passagem de um omnibus. Disse-me que o armazem do correspondente era na rua dos Pescadores, e ficava aberto até ás nove horas : elle é que se não queria demorar fóra. Separámo-nos com muito affecto : elle, de dentro do omnibus, ainda me disse adeus, com a mão. Conservei-me á porta, a ver se, ao longe, ainda olharia para traz, mas não olhou.

— Que amigo é esse tamanho? perguntou alguem de uma janella ao pé.

Não é preciso dizer que era Capitú. São cousas que se adivinham na vida, como nos livros, sejam romances, sejam historias verdadeiras. Era Capitú, que nos espreitára desde algum tempo, por dentro da veneziana, e agora abrira inteiramente a janella, e apparecera. Viu as nossas despedidas tão rasgadas e affectuosas, e quiz saber quem era que me merecia tanto.

— É o Escobar, disse eu, indo pôr-me embaixo da janella, a olhar para cima.

MACHADO DE ASSIS. — *D. Casmurro.*

Um typo nacional.

Anselmo Guedes Guerra, amigo de Ramos Soares desde tempos do collegio, e companheiro seu indefectivel em todos os trámites da vida, testemunha até do casamento, figurára, para assim dizer, no legado universal tão a proposito deixado á bella Lucinda pelo finado marido. Havia sido, annos e annos, amigo da casa e della frequentador diario; ficou sendo amigo da casa e seu frequentador diario, e para tanto contribuiam predicados especiaes em quem disso fizéra inalteravel norma de existencia.

Solteirão, tristonho, se não de todo merencorio, magro, esguio, de aspecto, porém, não desageitado e displicente, tinha para cima de 50 annos, dando-lhe alguns com manifesta generosidade mais de 60; o que, entretanto, era de todo o ponto impossivel tirar a limpo com os habitos de rigorosa reserva, e até sigillo de quem os possuia, uma dezena mais, uma dezena menos.

Constituira-se uma das suas caracteristicas, o mysterio. Nada, nada se sabia, ao certo, do que lhe era attinente, caso não fosse a uniformidade do seu viver uma das razões, para que tanto se fechasse elle aos olhos da curiosidade e bisbilhotice.

Empregado da secretaria dos estrangeiros, tornára-se, desde amanuense, um modelo de pon-

tualidade, por todos citado. Entrava para a repartição ao bater preciso das 9 horas da manhã e de lá não arredava pé senão ás 3 da tarde exactas; isso por lustros inteiros, sem a menor discrepancia, sem uma falha, uma doença, uma simples dôr de cabeça. Ninguem o vencia na assiduidade do trabalho official, mas só dentro do que restrictamente lhe competia fazer, sem calor nem desejo de distinguir-se ou galgar promoções, tudo com muita pausa, pronunciada frieza até. Chegára a chefe de secção a poder da antiguidade, não se queixando jamais das muitas preterições de que fôra victima, na apparencia, impassivel. Quando algum companheiro, pugnando por direitos conculcados, buscava chamal-o a si, sacudil-o, appellando para a necessidade de, pelo menos, protestar contra flagrantes injustiças, costumava responder: « Para quê? O mundo é assim mesmo. O senhor não sabe o proverbio: Quem não tem padrinho, morre pagão? »

E, imperturbavel, continua no ingrato labor de prestar serviços á Nação, por alguns centos de mil réis mensalmente.

Pouco inclinado a familiaridades, nada communicativo, dias havia em que não dava uma só palavra aos collegas de trabalho, que, apezar dos seus modos esquivos, lhe queriam bem e, sem maldade ou intenção de offendel-o, tradicionalmente lhe chamavam o *Guégué*, pela approximação e assonancia do Guedes ao Guerra.

VISCONDE DE TAUNAY. — *No declinio.*

delirio.

Que me conste, ainda ninguem relatou o seu proprio delirio; faço-o eu, e a sciencia m'o agradecerá. Se o leitor não é dado á contemplação d'estes phenomenos mentaes, póde saltar o capitulo; vá direito á narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos.

Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinez, bojudo, déstro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos: caprichos de mandarim.

Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Thomaz, impressa n'um volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; idéa esta que me deu ao corpo a mais completa immobilidade; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as eu sobre o ventre, alguem as descruzava (Virgilia de certo), porque a attitude lhe dava a imagem de um defunto.

Ultimamente, restituido á fórma humana, vi chegar um hippopotamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogal-o, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino.

— Engana-se, replicou o animal, nós vamos á origem dos seculos.

Insinuei que deveria ser muitissimo longe; mas o hippopotamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que não fingiu uma d'essas cousas; e, perguntando-lhe, visto que elle fallava, se era descendente do cavallo de Achilles ou da asna de Balaão, retorquiu-me com um gesto peculiar a estes dous quadrupedes: abanou as orelhas. Pela minha parte fechei os olhos e deixei-me ir á ventura. Já agora não se me dá de confessar que sentia umas taes ou quaes cocegas de curiosidade, por saber onde ficava a origem dos seculos, se era tão mysteriosa como a origem do Nilo, e sobretudo se valia alguma cousa mais ou menos do que a consummação dos mesmos seculos: reflexões de cerebro enfermo. Como ia de olhos fechados, não via o caminho; lembra-me só que a sensação de frio augmentava com a jornada, e que chegou uma occasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. Com effeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava n'uma planicie branca de neve, com uma ou outra montanha de neve, vegetação de neve, e varios animaes grandes e de neve. Tudo neve; chegava a gelar-nos um sol de neve. Tentei fallar, mas apenas pude grunhir esta pergunta anciosa:

— Onde estamos?

— Já passámos o Eden.

— Bem; paremos na tenda de Abrahão.

— Mas se nós caminhamos para traz! redarguiu motejando a minha cavalgadura.

Fiquei vexado e aturdido. A jornada entrou a parecer-me enfadonha e extravagante, o frio incommodo, a conducção violenta, e o resultado impalpavel. E depois — cogitações de enfermo —

dado que chegassemos ao fim indicado, não era impossivel que os seculos, irritados com lhes devassarem a origem, me esmagassem entre as unhas, que deviam ser tão seculares como elles. Em quanto assim pensava, iamos devorando caminho, e a planicie voava debaixo dos nossos pés, até que o animal estacou, e pude olhar mais tranquillamente em torno de mim. Olhar sómente; nada vi, além da immensa brancura da neve, que d'esta vez invadira o proprio céo, até alli azul. Talvez, a espaços, me apparecia uma ou outra planta, enorme, brutesca, meneando ao vento as suas largas folhas. O silencio d'aquella região era egual ao do sepulchro: dissera-se que a vida das cousas ficára estupida deante do homem.

Cahiu do ar? destacou-se da terra? não sei; sei que um vulto immenso, uma figura de mulher me appareceu então, fitando-me uns olhos rutilantes como o sol. Tudo n'essa figura tinha a vastidão das fórmas selvaticas, e tudo escapava á comprehensão do olhar humano, porque os contornos se perdiam no ambiente, e o que parecia espesso era muita vez diaphano. Estupefacto, não disse nada, não cheguei sequer a soltar um grito; mas, ao cabo de algum tempo, que foi breve, perguntei quem era e como se chamava: curiosidade de delirio.

— Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga.

Ao ouvir esta ultima palavra, recuei um pouco, tomado de susto. A figura soltou uma gargalhada, que produziu em torno de nós o effeito de um tufão; as plantas torceram-se e um longo gemi- quebrou a mudez das cousas externas.

— Não te assustes, disse ella, minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se affirma. Vives: não quero outro flagello.

— Vivo? perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar-me da existencia.

— Sim, verme, tu vives. Não receies perder esse andrajo que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dôr e o vinho da miseria. Vives: agora mesmo que ensandeceste, vives; e se a tua consciencia rehouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.

Dizendo isto, a visão estendeu o braço, segurou-me pelos cabellos e levantou-me ao ar, como se fôra uma pluma. Só então pude ver-lhe de perto o rosto, que era enorme. Nada mais quieto; nenhuma contorsão violenta, nenhuma expressão de odio ou ferocidade; a feição unica, geral, completa, era a da impassibilidade egoista, a da eterna surdez, a da vontade immovel. Raivas, se as tinha, ficavam encerradas no coração. Ao mesmo tempo, n'esse rosto de expressão glacial, havia um ar de juventude, mescla de força e viço, deante do qual me sentia eu o mais debil e decrepito dos seres.

— Entendeste-me? disse ella, no fim de algum tempo de mutua contemplação.

— Não, respondi; nem quero entender-te; tu és absurda, tu és uma fabula. Estou sonhando, de certo, ou, se é verdade que enlouqueci, tu não passas de uma concepção de alienado, isto é, uma cousa vã, que a razão ausente não póde reger nem palpar. Natureza, tu? a Natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida um flagello, nem, como tu, traz esse rosto indifferente,

mo o sepulchro. E porque Pandora?

— Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens. Tremes?

— Sim; o teu olhar fascina-me.

— Creio; eu não sou sómente a vida; sou tambem a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada.

Quando esta palavra echoou, como um trovão, n'aquelle immenso valle, afigurou-se-me que era o ultimo som que chegava a meus ouvidos; pareceu-me sentir a decomposição subita de mim mesmo. Então, encarei-a com olhos supplices, e pedi mais alguns annos.

— Pobre minuto! exclamou. Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espectaculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos afflictivo: o alvor do dia, a melancholia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o somno, emfim, o maior beneficio das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota?

— Viver sómente, não te peço mais nada. Quem me poz no coração este amor da vida, se não tu? e, se eu amo a vida, porque te has de golpear a ti mesma, matando-me?

— Porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jocundo, suppõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tempo subsiste. Egoismo, dizes tu? Sim, egoismo, não tenho outra lei. Egoismo, conservação. A onça mata o novilho por-

que o raciocinio da onça é que ella deve viver, e se o novilho é tenro tanto melhor : eis o estatuto universal. Sobe e olha.

Isto dizendo, arrebatou-me ao alto de uma montanha. Inclinei os olhos a uma das vertentes, e contemplei, durante um tempo largo, ao longe, atravez de um nevoeiro, uma cousa unica. Imagina tu, leitor, uma reducção dos seculos, e um desfilar de todos elles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos imperios, a guerra dos appetites e dos odios, a destruição reciproca dos seres e das cousas. Tal era o espectaculo, acerbo e curioso espectaculo. A historia do homem e da terra tinha assim uma intensidade que lhe não podiam dar nem a imaginação nem a sciencia, porque a sciencia é mais lenta e a imaginação mais vaga, emquanto que o que eu alli via era a condensação viva de todos os tempos. Para descrevel-a seria preciso fixar o relampago. Os seculos desfilavam n'um turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delirio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim, — flagellos e delicias, — desde essa cousa que se chama gloria até essa outra que se chama miseria, e via o amor multiplicando a miseria, e via a miseria aggravando a debilidade. Ahi vinham a cobiça que devora, a colera que inflamma, a inveja que baba, e a enxada e a penna, humidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancholia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruil-o, como um farrapo. Eram as fórmas varias de um mal, que ora mordia a viscera, ora mordia o pensamento, e passeiava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor

da especie humana. A dôr cedia alguma vez, mas cedia á indifferença, que era um somno sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dôr bastarda. Então o homem, flagellado e rebelde, corria deante da fatalidade das cousas, atraz de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpavel, outro de improvavel, outro de invisivel, cosidos todos a ponto precario, com a agulha da imaginação; e essa figura, — nada menos que a chimera da felicidade, — ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ella ria, como um escarneo, e sumia-se, como uma illusão.

Ao contemplar tanta calamidade, não pude reter um grito de angustia, que Natureza ou Pandora escutou sem protestar nem rir; e não sei por que lei de transtorno cerebral, fui eu que me puz a rir, — de um riso descompassado e idiota.

— Tens razão, disse eu, a cousa é divertida e vale a pena, — talvez monotona — mas vale a pena. Quando Job amaldiçoava o dia em que fôra concebido, é porque lhe davam ganas de ver cá de cima o espectaculo. Vamos lá, Pandora, abre o ventre, e digere-me; a cousa é divertida, mas digere-me.

A resposta foi compellir-me fortemente a olhar para baixo, e a ver os seculos que continuavam a passar, velozes e turbulentos, as gerações que se superpunham ás gerações, umas tristes, como os Hebreus do captiveiro, outras alegres, como os devassos de Commodo, e todas ellas pontuaes na sepultura. Quiz fugir, mas uma força mysteriosa me retinha os pés; então disse commigo: — « Bem

os seculos vão passando, chegará o meu, e passará tambem, até o ultimo, que me dará a decifração da eternidade. » E fixei os olhos, e continuei a ver as edades, que vinham chegando e passando, já então tranquillo e resoluto, não sei até se alegre. Talvez alegre. Cada seculo trazia a sua porção de sombra e de luz, de apathia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de systemas, de idéas novas, de novas illusões ; em cada um d'elles rebentavam as verduras de uma primavera, e amarelleciam depois, para remoçar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendario, fazia-se a historia e a civilisação, e o homem, nú e desarmado, armava-se e vestia-se, construia o tugurio e o palacio, a rude aldêa e Thebas de cem portas, creava a sciencia, que perscruta, e a arte que enleva, fazia-se orador, mecanico, philosopho, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia á esphera das nuvens, collaborando assim na obra mysteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancholia do desamparo. Meu olhar, enfarado e distrahido, viu emfim chegar o seculo presente, e atraz d'elle os futuros. Aquelle vinha agil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco diffuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miseravel como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e egual monotonia. Redobrei de attenção ; fitei a vista ; ia emfim ver o ultimo, — o ultimo ! mas então já a rapidez da marcha era tal, que escapava a toda a comprehensão ; ao pé d'ella o relampago seria um seculo. Talvez por isso entraram os objectos a trocarem-se ; uns cresceram, outros minguaram, outros

perderam-se no ambiente; um nevoeiro cobriu tudo, — menos o hippopotamo que ali me trouxera, e que aliás começou a diminuir, a diminuir, a diminuir, até ficar do tamanho de um gato. Era effectivamente um gato. Encarei-o bem; era o meu gato *Sultão*, que brincava á porta da alcova, com uma bola de papel...

MACHADO DE ASSIS. — *Memorias posthumas de Braz Cubas.*

Partidas de ciganos.

Nos sertões e florestas virgens do Brazil os ciganos viajam em caravanas, em grossos bandos, temerosos como flagellos, impersistentes como nevoeiros que se dissipam.

Affeitos á voz soturna dos ventos nos arvoredos excelsos, ao écho das cachoeiras que se espadanam em alaridos, ao passo da féra e do gentio nas profundezas barbaras, lá seguem elles contornando cidades e povoados, conservando seus costumes e sua gyria, praticando as suas superstições e seu banditismo tradicional.

Obedecendo aos mesmos instinctos, presididos pelos mesmos fados, os ciganos erram incessantes, formando bandos de dez a duzentos, a cavallo ou a pé.

E vem o crepusculo e os surprehende de archotes accesos no tôpo das serras, como ladrões que quizessem roubar da noite o diadema de estrellas... e vem a alvorada e os encontra á beira dos rios e dos lagos, illustrando de vultos o tapete mosqueado de luz do labyrintho das selvas.

Elles viajam ao acaso, constituidos em cabildas, congregados em tropas, destacando-se com relevos proprios e costumes singulares.

Ao vel-os, o sertanejo pára nas estradas, os destacamentos em marcha evitam-lhes o contacto, espalhando-se a noticia da approximação das hordas pelas villas e logarejos, cujas autoridades se põem de sobreaviso para impedir-lhes a entrada.

E, porque tanta prevenção, tamanho receio desses homens que pedem aos rios o roteiro de sua jornada, ao obscuro das mattas um panno de sua sombra?....

E' que essas tropilhas, eternamente vagabundas, sem familia e sem lar, hospedes de todos os perigos e de todas as solidões, ameaçam as propriedades com os assaltos e a pilhagem, a boa fé campesina com escamoteações e embustes.

A's vezes, quando as flôres se despedem do somno da noite e transpõem perfumadas o amanhecer das selvas, elles já se acham acampados, como grandes manchas negras, debaixo das arvores gigantescas, de cujos braços as lianas pendem nodosas á semelhança de grosseiros rosarios de monges penitentes.

Ao sabel-o, como dissemos, as autoridades civis e militares das localidades enviam-lhes intimação para que se retirem, para que, sob pena de prisão, estanciem a uma legua dos arraiaes, não pernoitando no logar.

Esta medida, sem reluctancia aceita, não impede as costumadas espertezas, os furtos e os roubos, especialmente nas fazendas.

O modo de viajar das partidas é curioso de ver; não ha quem tenha perlustrado o interior do

Brazil que não conte havel-as deparado em transito, a pé ou em cavalgadas.

Perfazendo grupos bizarros, os bandos que caminham a pé são precedidos dos chefes, que montam lindos cavallos, alongando-se após o sequito de homens e mulheres, de crianças e de alguns cães. Em quasi todos ha rapazes que toeam viola e raparigas que cantam quadras de sentir profundo e de toada monotona.

E elles seguem a aventura... Matronas e moças, descalças ou de alpercatas, carregam a tira-collo trouxas de roupa, levando á cabeça bahús e utensilios diversos; outras, aquellas que são mães, trazem amarrados nas costas, ao hombro, ou escanchados ao pescoço, os filhos pequenos, morenos como bronzes antigos, núa e espertos como vermes que pulam.

Os homens, geralmente mal vestidos, conduzem objectos de cobre, peças de fazendas e bugigangas variadas, com que negociam nas bergantas, illudem os incautos. De permeio atropelam-se os meninos, os arautos da quadrilha, os exploradores do terreno.

Acampados á vasta cópa de seculares ramas, os ciganos sentam-se ou deitam-se em couros que estendem, em redes que armam, descendo os chefes e os mais validos do bando as facas e as pistolas que trazem á cinta.

As mulheres preparam o fogo, tratam da caça, servem a refeição, depois da qual os ciganinhos debandam, ficando mais tarde o acampamento quasi despovoado.

Aqui e além, mulheres trigueiras e formosas, de olhos rasgados e fascinantes, adornadas de

ouro e de pedrarias falsas, de patuás, moedas e veronicas, perambulam na redondeza, salientando-se pelas saias de côres vivissimas, pelos lenços de ramagens, encarnados e amarellos, que lhes toucam os cabellos.

As velhas lá ficam attrahindo os moradores do termo e os passantes que lhes compram miudezas e santinhos, trocam, com volta em dinheiro, objectos de latão que impingem por ouro, rezam de quebranto, de bucho virado, de espinhela cahida...

Deitando cartas, perscrutando o destino, as horrendas feiticeiras fazem tregeitos, acercando-se dellas os tabaréos com os filhinhos, para que lhes leiam a sina na mão aberta e pequena.

Alguns da tropa mendigam, espionam os engenhos, berganham objectos furtados, entregando-se instinctivamente á espertezas, á rapina.

Industriados os pequenos ciganos em negar os furtos e os roubos, quando qualquer victima se apresenta reclamando, uma das ciganas chama pelo filho, affirmando préviamente : — Olhe, *ganjão*, nós somos muito pobres, porém meu filho não rouba.

E subito um longo assobio fere os ares e, em seguida, escuta-se :

— Pedro! nega!...

Ao que um rapazinho, tisnado e de cabellos crespos, de rosto redondo e olhar obliquo, avulta á distancia, bradando-lhe de novo a cigana, de mão á cintura e com gesto indignado :

— Pedro! nega!...

— O que é, mãe dos diabos?!...

— Tu roubaste a este *ganjão?*

— Raios te partam pelas costas, de semelhante aleive !

— Vê, *ganjão?* este meu filho é tão bom que eu vou rogar-lhe uma praga : filho, que rios de ouro te corram pelas mãos !...

Nos ranchos comem no chão, em couros ou esteiras que desdobram ; não usam de talheres, mas dos dedos.

Sentados em roda, com as pernas cruzadas, devoram o que encontram, sendo-lhes prato predilecto a carne de porco, geralmente encontrada em suas mesas.

Proximo ao entardecer, depois das refeições nos acampamentos e depredações do estylo, o bando acondiciona as bagagens, o chefe monta a cavallo, o prestito avia-se, collocando-se na frente os guias com velas de rebentos de carnaúba, com pavios resinosos e archotes que accendem, para esclarecer-lhes a tréva dos caminhos.

E, quando cahe a noite, um cordão de fogo listra a grimpa dos serros e o interior das florestas, escutando-se ao longe uns tinidos de viola e umas cantilenas magoadas e suavissimas :

Como o galé deixa os ferros
Quando vai livre viver,
Assim deixarei meus dias
Quando tiver de morrer.

A morte, por ser desgraça,
Não deixa de ser ventura,
Pois corta pelas raizes
Males que a vida não cura...

E' a partida de ciganos que viaja na escuridão ; são os menestreis e as Ruths bohemias que carpem

as nostalgias d'alma nas solidões ignoradas de suas tristezas que não findam !...

Emquanto esta cabilda desapparece, como andorinhas de outro verão, nas estradas o trotar de cavallos desperta os échos da noite.

Aos archotes que alagam de luz as barrancas e os despenhadeiros, as aves esbarram tontas nas columnas vegetaes da floresta, os tropeis se alentam e perdem nas horas mortas, até que as estrellas desmaiam fatigadas da vigilia e o crepusculo da manhã levanta os horizontes pallidos.

E a partida de ciganos a cavallo demanda a villa que dista de poucas leguas, passando quasi ao pino do sol na primeira fazenda.

Como estructura, como fórma, esse povo é de uma belleza admiravel. As ciganas, quando moças, são de formosura soberana : rosto oval, cabellos negros e corredios, côr bronzeada e fina, labios rubros, olhos que brilham como estrellas polares do amor. A média na estatura é-lhes a regra : são esbeltas e graciosas como as palmeiras da Asia ; a voz lhes plange na garganta como uma cavatina nos desertos.

Quando, porém, as flores dos verdes annos se passam, a féaldade reflecte-lhes velhice prematura, a pelle se lhes enruga, os olhares perdem as fascinações ardentes, transformando-se ellas em mumias, mas sem o lençol de perfumes e as faixas dos embalsamentos.

Os homens, altos e tisnados, de cabellos cacheados e barba pontuda, volvem olhos scintillantes, sempre desconfiados e afoutos nas luctas do imprevisto.

E o bando a cavallo assoma vagaroso, cami-

nhando a passo, a dois e tres de fundo; tomando a dianteira, o chefe supremo refreia fogoso ginete ajaezado de prata, estala o rebenque guarnecido de ouro, luzindo-lhe custosas chilenas nos largos tacões das botas de viagem.

Trajados mais ou menos como os nossos fazendeiros e tropeiros, os ciganos em marcha constituem grandes grupos de cavalleiros, acompanhados de mulheres e crianças, terminando o cortejo por notavel quantidade de animaes de carga, levando em canastras, cestas, cassuás, etc., as bagagens e mercadorias necessarias ao bando.

Nessa vida equestre, as ciganas, adornadas as orelhas de pingentes de ouro e de prata, tendo ao pescoço e nos braços ricos collares e pulseiras, vestidas de cássa e de chita de côres espantadas, bordam viajando, cosem, fazem rendas em almofadas e marcam.

Armados de clavinotes e punhaes, de pistolas e facas de ponta, os ciganos percorrem os sertões, acontecendo darem-se entre elles e forças estranhas verdadeiros combates, consideraveis morticinios.

De ordinario as partidas, quando acampam, permanecem a duas leguas das povoações, indo um ou outro da turma explorar o theatro da acção.

As crianças de collo ficam com as mães nos acampamentos, sendo aquellas quasi todas do sexo masculino, porquanto o infanticidio das do outro sexo é quasi normal entre essas tribus nomadas.

Uma vez arranchados, os animaes ficam soltos no pasto, as berganhas e o furto estabelecem-se, e os cavallos roubados augmentam a tropa para o commercio em estranhas paragens.

Excellentes peões, habilissimos em corrigir momentaneamente defeitos e simular andaduras, os ciganos cavalleiros enganam nas trocas os conhecedores mais sagazes, que levantam depois do logro infernal grita contra elles, que por muitos mezes não tornam a apparecer.

Lêr a sina, mendigar, illudir e pilhar, eis a senha desses pariás vagabundos, que completam, de fachos accesos no meio da noite, as magnificencias decorativas da floresta e da natureza.

MELLO MORAES FILHO. — *Quadros e Chronicas.*

Um jornalista.

Foi João Lisboa o primeiro dos jornalistas do Maranhão, e não vemos razão para deixar de dizer que, em todo o Brasil, nenhum outro se lhe avantaja no primor da fórma, na erudição e substancia dos escriptos...

Tinha a eloquencia e o saber de Salles Torres Homem, o atticismo e a amenidade de Francisco Octaviano. Era uma poderosa organisação jornalistica.

João Lisboa fez as suas primeiras armas no *Brasileiro*, periodico por elle fundado em 1832. João Lisboa tinha então vinte annos e, embora inexperiente, distinguiu-se immediatamente pela originalidade de suas idéas e coragem no modo de enuncial-as.

Sem filiação a partido algum, o *Brasileiro* era uma folha independente e justa. Foi liberal e adversario dos « moderados » ; reconhecia a bondade relativa daquelles, e a systematica exageração dos

exaltados. Stigmatisava os portuguezes por causa das lutas inflammadas que seguiram á independencia, mas isso era desculpavel á vista das provocações do tempo.

Num tom sempre vibrante de patriotismo, João Lisboa nunca alimentou questões por antipathias, não procurava influir nas massas populares, com desproveito da ordem e tranquillidade publica.

O *Brasileiro* preferiu ser de um liberalismo doutrinario; e lá no extremo norte do Imperio, discutia negocios geraes e muitos internacionaes com grande proficiencia e vigor de principios.

Quando o *Brasileiro* surgiu, encontrou o regimen das devassas, e por isso protestou contra taes violencias, tendo a seu lado a parte sã da provincia.

JOAQUIM SERRA. — *Trinta annos de jornalismo*.

Mattosinhos.

Dahi a meio kilometro, está a praça de Mattosinhos, onde se acha a igreja, não pequena e quasi sempre fechada, isolamento de que se compensa nas festas do Espirito-Santo, quando para lá se dirigem alegres romarias.

No meio da praça, o cruzeiro tradicional, uma grande cruz de madeira preta, com o seu sudario e outros symbolos do maximo drama da nossa Redempção.

Em torno, casas de pobre apparencia e longos muros que cercam vastos pomares. Pastam na relva alguns bois mansos, em cujos gran

olhos pensativos se espelha a tranquilla imagem do local.

Não vemos outros transeuntes e, não obstante a solidão da paragem, temos o sentimento da vida que palpita nas vizinhanças — uma vida calma, serena, cujas mais vivas paixões não desafinam da nota bucolica, e cujas aspirações supremas tomam naturalmente o caminho do céo, apontado pela cruz do templo campesino.

Um dos attractivos de Mattosinhos está nas suas jaboticabas. O leitor fluminense enganar-se-hia redondamente si por essa palavra entendesse as fructinhas agridoces produzidas pelas jaboticabeiras de sua chacara. Em Minas, a arvore dá espheras roxo-negras que crescem, crescem até competir em tamanho com graúdos limões azedos. Dentro está uma polpa refrigerante e deliciosamente assucarada. Guardadas as devidas cautelas, podem ser impunemente chupadas quantidades incriveis dessa mucilagem. Em varias lutas que travámos, a vêr quem mais ingeria, fomos sempre vencidos pelos naturaes da terra, apezar de todo o vigor com que porfiámos por desbancal-os. A arvore, sem espinhos e dando a fructa pegada ao caule, parece offerecel-a aos gulosos.

Demais, esgalha-se quasi junto do solo, como que convidando a subir. Verdadeira tentação, de que se póde sahir indigesto, mas não arrependido!

CARLOS DE LAET. — *Em Minas.*

A chicara de café.

O meu plano foi esperar o café, dissolver nelle a droga e ingeril-a. Até lá, não tendo esquecido de

todo a minha historia romana, lembrou-me que Catão, antes de se matar, leu e releu um livro de Platão. Não tinha Platão commigo; mas um tomo truncado de Plutarcho, em que era narrada a vida do celebre romano, bastou-me a occupar aquelle pouco tempo, e, para em tudo imital-o, estirei-me no canapé. Nem era só imital-o nisso; tinha necessidade de incutir em mim a coragem delle, assim como elle precisára dos sentimentos do philosopho, para intrepidamente morrer. Um dos males da ignorancia é não ter este remedio á ultima hora. Ha muita gente que se mata sem elle e nobremente expira; mas estou que muita mais gente poria termo aos seus dias, se pudesse achar essa especie de cocaina moral dos bons livros. Entretanto, querendo fugir a qualquer suspeita de imitação, lembra-me bem que, para não ser encontrado ao pé de mim o livro de Plutarcho, nem ser dada a noticia nas gazetas com a da côr das calças que eu então vestia, assentei de pôl-o novamente no seu logar, antes de beber o veneno.

O copeiro trouxe o café. Ergui-me, guardei o livro, e fui para a mesa onde ficára a chicara. Já a casa estava em rumores; era tempo de acabar commigo. A mão tremeu-me ao abrir o papel em que trazia a droga embrulhada. Ainda assim tive animo de despejar a substancia na chicara, e comecei a mexer o café, os olhos vagos, a memoria em Desdemona innocente; o espectaculo da vespera vinha intrometter-se na realidade da manhã. Mas a photographia de Escobar deu-me o animo que me ia faltando; lá estava elle, com a mão nas costas da cadeira, a olhar ao longe...

— Acabemos com isto, pensei.

Quando ia a beber, cogitei se não seria melhor esperar que Capitú e o filho saissem para a missa; beberia depois; era melhor. Assim disposto, entrei a passear no gabinete. Ouvi a voz de Ezequiel no corredor, vi-o entrar e correr a mim bradando:

— Papae! papae!

Leitor, houve aqui um gesto que eu não descrevo por havel-o inteiramente esquecido, mas crê que foi bello e tragico. Effectivamente, a figura do pequeno fez-me recuar até dar de costas na estante. Ezequiel abraçou-me os joelhos, esticou-se na ponta dos pés, como querendo subir e dar-me o beijo do costume; e repetia, puxando-me:

— Papae! papae!

MACHADO DE ASSIS. — *D. Casmurro.*

A rua do Ouvidor.

A rua do Ouvidor varia de aspecto e de aroma conforme a hora, conforme a gente.

A's quatro da manhã, com as ultimas estrellas, descem por este esophago que vae dar ao estomago do Rio, que é a Praia do Peixe, grandes carroças atulhadas de verduras e de fructas, a lenha, os ovos, o pão e, algumas vezes, não raros, rebanhos. Uma manhã tive de refugiar-me em um vão de porta para evitar a furia de um garrote que tresmalhara. Passam carrocinhas levando pilhas de jornaes — é o pão da curiosidade que se vae espalhar pelo interior socegado, levando á simpleza e á ingenuidade das cidades pacatas a bilis dos articulistas salvadores da Patria. Cheira a curraes e a hortas, a pão quente e a artigos de

fundo. A's seis começa a vida do mercado — bandos de cozinheiros passam chalrando, com samburás empanturrados; cestos carregados de viveres, carros de mão cheios de legumes — tudo quanto sacia a fome fluminense, desde o ramo tenro de salsa até o quarto de vacca sangrento que vae bambo, flacido e gottejante, á cabeça dos carregadores. Cheira acremente a matadouro e a salsugem. Mais tarde, tresanda a lixo, quando começam a asseiar as casas e a sujar as ruas os grandes carroções da limpeza. A's seis e meia começam os pregões dos jornaes e apparecem as primeiras caras femininas — *menagères* economicas que vêm ao mercado, costureiras que vão a caminho das officinas e as desgrenhadas e pallidas anemicas, que vêm das aguas do mar, exhaustas da caminhada, queixando-se das ondas que lhes maceraram os corpos delicados: passam tristes, somnolentas e molles, com uma cestinha, os cabellos soltos espalhados por cima de uma toalha que trazem forrando as costas para resguardal-as da friagem perfida da agua salgada. Ha um cheiro estranho de maresia, de sabonete Windsor e de bocejos.

Começa a descer o commercio: caixeiros apressados, em grupos, commentando as bambochatas da vespera, com grandes ares... O primitivo cheiro vae desapparecendo, e espalha-se um appetitoso aroma de acepipes, um almiscar suave de molhos... A's dez, os patrões, pesados do almoço, arrotando, impanzinados e fartos, descem... em seguida os capitalistas e as dyspepsias melancolicas... Vem subindo o cheiro caracteristico, o cheiro « meridies », como já alguem o chamou —

mixto de fumo, de essencias e de guarda-roupa, sedas novas e camphora.

Ao meio dia, a primeira vaga polychromica, desde a elegante impaciente, que vem estreiar um chapéo, até um mendigo que surge lentamente, com um realejo ao peito, gemendo palavras de piedade por si e pelos filhos, em nome do Senhor.

Começa o rumor e o cheiro mixto vae subindo... As portas ficam entulhadas, vão-se formando grupos, e o commentario principia até gerar o primeiro boato, que corre rapido, augmentando sempre, de porta em porta, de circulo em circulo, como outróra passavam nos campos gaulezes, as noticias de guerra, de trigal em trigal, de leira em leira. Das tres ás cinco, é a *defilée* — a elegancia, o espirito, o trabalho, o vicio, a miseria — o Rio manda a sua embaixada diurna, que passa numa promiscuidade fantastica de roda concentrica de lanterna magica, baralhando-se, confundindo-se... E' nessa onda que passa lento e cabisbaixo, admirando a lealdade dos sapatos que vão resistindo á marcha sem destino, o bohemio dessa familia eterna de Gringoire, com a alma cheia de sonhos, os labios borbulhantes de rimas, relembrando enternecidamente uns olhos azues que o fitaram na vespera, casta e santamente, mas estacando de subito para reflectir na miseravel condição da materia que não vive, como o espirito, da contemplação do ideal, mas sordidamente, gulosamente — do bife. A's cinco essa onda vae desapparecendo...

COELHO NETTO. — *Capital Federal*.

Exames de preparatorios.

A estréa do primeiro exame foi de fazer febre. Tres dias antes pulavam-me as palpitações; o appetite desappareceu; o somno depois do appetite; na manhã do acto, as noções mais elementares da materia com o appetite e com o somno. Memoria *in albis*. . . . . .

. . . . . .

Entrava-se pela rua da Assembléa, para o salão ladrilhado.

Alli estive não sei que tempo, como um condemnado em oratorio. Em redor de mim, morriam de pallidez outros infelizes, esperando a chamada.

Um, o mais velho de todos, cadaverico, ar de Christo, tinha a barba rente, pretissima, como um queixo de ebano adaptado a uma cara de marfim velho.

De repente abre-se uma porta. De dentro, do escuro, sahia uma voz, uma lista de nomes: um, outro, outro... ainda não era o meu...

Afinal! Não houve nem tempo para um desmaio. Empurraram-me; a porta fechou-se; sem consciencia dos passos, achei-me numa sala grande, silente, sombria, de tecto baixo, de vigas pintadas, que faziam dobrar-se a cabeça instinctivamente.

Uma parede vidraçada em toda a altura, de vidros opacos de fumaça, côr de pergaminho, coava para o interior um crepusculo fatigado, amarellento, que pregava mascaras de ictericia ás physionomias.

Entre as vidraças e os lugares que eram destinados aos examinandos, ficava a mesa examinadora : á direita um velho calvo, baixinho, de alouradas cans, rodeando a calva em franja de dragonas, barba da côr dos cabellos, reclinava-se ao espaldar da poltrona e lia um pequeno volume com o esforço dos myopes, esfregando as paginas ao rosto. A' esquerda, um homem de trinta annos, barba rareada por toda a face, palpebras inclusive, oculos escuros, cabello secco, caracolando. A claridade, batendo pelas costas, denegria-lhe confusamente as feições.

O terceiro, presidente da commissão, não se via bem, encoberto pela urna verde de frisos amarellos.

Distribuiu-se o papel rubricado. Um dos examinadores levantou-se, apanhou com um movimento circular um punhado de *pontos* e lançou-os á urna. A urna de folha cantava ironica sob o cahir dos numeros, sonoramente.

Tirou-se o ponto ; momento de angustia ainda...

Depois : estrophes dos Luziadas! Estavamos livres da espectativa. Não me preoccupou mais a difficuldade do ponto.

Depois do ditado, como em relaxamento de cansaço do espirito, esqueci o inventario natural dos conhecimentos que a prova reclamava. Puz-me a pensar nas primeiras leituras de Camões, no Sanches, nos banhos de natação, na maneira de rir de Angela, no criado assassinado, no processo do assassino, que fora julgado havia pouco... Tres pancadinhas que senti no calcanhar, chamaram-me das distracções.

Voltei-me : era o meu visinho da mesa de

traz, o queixo de ébano que pedia soccorro. « Valha-me que estou perdido, não atino com a ordem directa! »

O ruido desta phrase balbuciada, sibilou bem forte para attrahir a attenção da mesa. Atirei-lhe a oração principal, mas tive medo de acudir inteiramente. Além disso, precisava cuidar do proprio interesse. Deixei o pobre Christo de marfim entregue ao desespero de uma lauda deserta. De vez em quando, o infeliz espetava-me as costas com a caneta.

RAUL POMPÉA. — *O Atheneu.*

O Gaúcho.

O typo mais caracteristico dos oriundos do Rio Grande do Sul é o *Gaúcho dos Pampas.* Eil-o, tal como o encontrámos numa das saudosas viajens que fizemos pela campanha da nossa terra natal:

Robusto, apto para afrontar a fúria do *Minuano* (1), póde-se dizer que elle vive no dorso do seu cavallo, o *pingo* (2) ou *bagual* (3), no seu originalissimo e bizarro dialecto popular.

Tudo nelle é caracteristico: o *pala* (4) de verão

(1) Vento leste, frio e sêcco, que sopra com violencia durante tres dias consecutivos, nos mezes de maio a agosto.

(2) *Pingo* é um cavallo excellente.

(3) *Bagual* é o cavallo indômito, que vive independente de qualquer sujeição: um *bagual*, ou um cavallo *bagual*. — *Etym.* Vocábulo da América hespanhola, oriundo das Antilhas.

(4) Especie de poncho, feito de uma fazenda mais fina. — *Etym.* Do *palio*, ou balandráu hespanhol.

e o *poncho* (5) de inverno; a *goaiáca* (6) á cintura, de onde pende o facão e o trabuco; o *chiripá* franjado, de lã, ou as *bombachas* (7) de sêda fina, que cáem até á joelheira das botas *rossilhonas* (8); o *rebenque* (9) de *açoiteira* (10) de *guasca* (11) *retovada* (12), e *cancha* (13) prateada; as grandes esporas (*chilenas*), de rosetas ponteagudas e rangedoras; não esquecendo o chapéu de feltro (*sombrero*, como em castelhano), de grandes abas moles e *barbicacho* (14), suspenso, além do cigarro sempre atraz da orelha.

O Gaúcho entrega-se de preferencia á criação do gado cavallar e vaccum; tem um méthodo especial para amansar os cavallos selvagens domar os *potros* (15) e é de uma agilidade assombrosa e de uma certeza admiravel quando atira o *laço* ou as *bolas* (16).

(5) Vestidura de lã, quadrada, com uma abertura no centro, por onde se enfia a cabeça, como a manta hespanhola. O general GARIBALDI levou um *poncho* rio-grandense para a Italia, onde o usava nas guerras e com o qual figura em muitos retratos e até na sua estatua.

(6) Cinturão de couro, com bolso interior.

(7) Calças franjadas.

(8) De couro crú.

(9) Vergasta de umbigo de boi.

(10) A parte inferior do rebenque.

(11) Tira fina de couro crú. *Retovar* é forrar de couro qualquer coisa, principalmente as *bolas*. — *Etym.* Vocábulo hespano-americano.

(12) Trançada de couro crú.

(13) A parte superior do rebenque.

(14) Borla presa a passamanes.

(15) *Potrancos*, ou poldros.

(16) O *laço* e as *bolas* são armas de apprehensão de que se serve o Gaúcho para deter o cavallo e o boi que foge a correr.

A sua alimentação é simples e frugal; elle contenta-se com o que lhe offerece a pródiga natureza dos seus *pagos*(17), não dispensando um só dia o tradicional *churrasco*, que é um pedaço de carne de vacca (ás vezes com couro) passada ligeiramente sobre as brazas; e o agradavel *matte* (18), uma hygienica beberagem de folhas sêccas em infusão, á maneira do chá, mas tomada em *cuias* (19) especiaes (*porôngos*), ou cabaças, preparadas para esse mistér, com a competente *bomba*, que é um apropriado tubo de prata, terminando num bôjo crivado de orificios.

Dá-se tambem ao matte o designativo de *chimarrão* (20), quando é tomado sem assucar, o que é preferido pelo Gaúcho.

(17) Os lares penates, a habitação de cada um. — *Etym.* Do latim *pagus*, aldeia, logar pequeno.

(18) O Dr Gubler classifica o *matte* entre os primeiros agentes physiológicos, que denomina « ceynamôphoros, para indicar que repara as forças, não os tecidos ». O chimico Syasson, no relatorio apresentado á Academia de Sciencias de Pariz, demonstra o valor dynámico do *matte*, que permitte aos soldados paraguayos e argentinos, bem como aos gaúchos, passarem sem alimentação sólida durante um ou muitos dias, apesar das fadigas da caça em corridas nas vastas planicies da savana dos Pampas.

(19) A cuia é a casca do fructo da cuieira, semelhante ao da familia das cucurbitaceas, a qual tem aproximadamente a figura de uma pera, ou a de um 8, cujos dois bojos são mais ou menos desiguaes e separados por um collo mais ou menos estreito. Depois de sêcca, e de se lhe extrahir o miolo, serve tambem para varios utensilios, como pratos, farinheiras, pôcaros, etc.

(20) Dá-se tambem o nome de *chimarrão* ao gado bovino que foge para os mattos e nelles vive fóra de toda a sujeição (emquanto que aos cavallos, em condições idênticas, se dá o designativo de *teatinos*). — *Etym.* Corrupteli

Elle póde ser encontrado sem uma *onça* (21), ou mesmo um *patacão* (22) na goaiáca; a sua viola, porém, sempre tem um bordão e uma prima de sobrecellente, e o seu cavallo anda dia e noite *aperado* (23) de prataria, tanto no cabeço do *lombilho* (24) como nos bocaes, estribos, rédeas, cabeçal, peitoral e rabicho.

Elle faz da *carona* (25), do *baixero* (26) e dos *pellegos* (27) a sua cama: o serigote, enfronhado na *badana* (28), serve-lhe de travesseiro; e é de

cimarrón, vocábulo da América hespanhola, applicado aos homens e animaes indômitos, e ás plantas sylvestres. Nas colonias francezas diz-se *marron* em relação ao escravo ou ao animal doméstico.

(21) Moeda hespanhola, de ouro, que corresponde ao valor de 16 duros.

(22) Moeda de prata, do tempo do Imperio do Brasil, cujo valor era então de 2,000 réis.

(23) Adornado.

(24) Serigote (selim) pequeno. Os ricos usam o lombilho com os cabeços adornados de grandes chapas de prata lavrada.

(25) Peça dos arreios feita de um couro quadrado, dividido em duas partes iguaes cosidas entre si, que fica sob o lombilho. — *Etym.* Vocábulo castelhano, que os hespanhóes applicam á parte interior da albarda e ao lombo da cavalgadura.

(26) Ou *suadouro*, é o que se colloca sobre o lombo do animal, por baixo dos arreios.

(27) Pelles de carneiro, quadradas e com lã, com as quaes os pobres substituem o *coxinilho*. — *Etym.* Do castelhano pellejo. — O *coxinilho* é um tecido de lã, tinto de preto, que se põe sobre os arreios, para commodo do cavalleiro. — *Etym.* Do castelhano *cojinillo*, diminuitivo de *cojin*, almofada que se põe no assento da sella.

(28) Pelle macia e lavrada, que se colloca sobre o *coxi*— *Etym.* Vocábulo tanto portuguez como caste-o nosso idioma significa ovelha magra e velha,

guampa (29) tanto o seu *isqueiro* (30) como o seu copo.

Errando o dia inteiro pelas *coxilhas* (31) e *canhadas* (32), recolhe-se ao pôr do sol ao seu rancho de palhas, onde, ao anoitecer, a familia reunida no terreiro, á roda da fogueira crepitante, sentado no cepo, canta ao som da viola umas quadrinhas, que vai improvisando, com uma cadencia e originalidade sorprendentes, ao rythmo da *Chimarrita*, a canção popular do sul.

A familia é o seu apostolado ; a hospitalidade é para elle uma religião. A' sua mesa, sem toalha, ha sempre um prato para o *andante*, que não resiste ao suggestivo « *apeie-se e abanque-se* ». E tanto o hóspede com os seus *peões* (33) podem logo atar os seus cavallos á soga, como dar-lhes em seguida o *embornal* (34) que está sempre com a precisa ração de milho.

carne delgada, e carneira para capa de livros; em castelhano significa a pelle curtida de carneiro ou de ovelha.

(29) Chifre ; copo de chifre que os viajantes trazem comsigo para beber agua em viagem.

(30) Chifre pequeno, onde se encerra a materia combustivel em que se recebem as faiscas que o fuzil tira da pederneira, e que depois de inflammada serve para communicar o fogo ao cigarro (sempre de palha).

(31) Extensas e prolongadas lombas, com ligeiras ondulações, cuja vegetação consiste em hervas de pastagem.

(32) Valles, ou planura estreita entre duas montanhas. — *Etym.* Do castelhano *cañada*.

(33) Os nossos escriptores modernos, autorisados pelos clássicos, escrevem *peões*. MORAES, no seu *Diccionario*, dá *peões* e *peães*. Escrevo de conformidade com a preferencia dos meus patricios.

(34) Corruptela de *bornal*. Não é precisamento o sacco de panno, que se traz a tiracollo com provisões ; o *embornal*

Nas épocas festivas, nos dias de natalicios e núpcias, ou quando a *bandeira do Divino* é desfraldada á porta do Gaúcho, o homem laborioso desapparece, sendo então substituido pelo *folião*.

Quando, porém, o seu braço musculoso e nú maneja o machado, as árvores mais altas e de mais virente fronde cáhem-lhe aos pés com estrondo.

Se o estrangeiro ousa insultar o pavilhão nacional, então é que elle se mostra de uma heroicidade selvagem: enrista a lança legendaria de seus antepassados, afia a lámina scintillante da espada nos *lageados*(35) do Pampa, corre á liça...

... E só volta ao lar, trazendo cicatrizes por condecorações, depois de ter praticado façanhas que lhe permittam dizer aos seus patricios que podem escrever na historia mais um nome como estes: Bento Gonçalves, Neto, David Canabarro, Andrade Neves, os Mena Barretos, o Conde de Porto Alegre, Osorio.

Mucio Teixeira. — *Hist. da Revolução Rio Grandense.*

A doente.

Desde a noite do saráu a casa nobre conserva a fachada erma, com as tres filas de janellas em arco cerradas, a porta principal como um sello

do Gaúcho é de couro, com cabeçal, que se prende á cabeça do animal.

(35) Não é o pavimento coberto de lágeas; mas sim a propria pedreira, o pedregal, a rocha.

de bronze interdizendo-o ás folias do mundanismo.

— É triste como um claustro, disse Vanique a um dos academicos, na primeira visita que lhe fizeram, dias depois.

Apenas a uma janella do muro lateral, que olhava para o nascente, viram assomar a cabeça loura da governante.

Eram 8 horas da manhã. O portão de ferro estava aberto. Os dous moços pararam, espreitando a escada em semi-circulo, coberta por um docel guarnecido a lambrequins, a escada que conduzia aos aposentos do andar terreo. O mesmo silencio, lá dentro.

De repente viram no topo da escada um grupo de moças. Eram tres; no meio a enferma. Descia muito de vagar, pelos braços de Esther e Helena, com o collo envolvido numa leve manta de seda azul. Elles hesitaram, disfarçaram-se, com escrupulos, detraz dos ramos de um jasmineiro. A doente fez uma breve pausa, embaixo, voltou lentamente o rosto para o portão, e seguiu, entrando pelas sombras dos flamboyants, cujas ramas de um verde gaio se cruzavam sobre larga avenida alastrada de areia.

Desfigurada, os olhos cheios de melancolia, aos cantos da bocca uma crispação de amargura, não era mais Clarita, a açucena odorante que floria no salão; não era mais aquelle passaro de plumagem rosea, cuja garganta se desatara nas melodias do madrigal. Que pena parecia causar ás suas duas amigas e companheiras! — Pobre Clarita!

Os dous rapazes deixaram passar a creada, q

levava uma cadeirinha de bambú. Ao centro do tunnel de verdura viram sentar-se a enferma, olhando para os massiços de arbustos, roseiras, beijos de frade, graxas, outros jasmineiros, por entre os quaes volitavam colibris de fogo e se desdobravam alcatifas de grama de um tom lilaz muito suave. Acabavam de ver um fantasma; não Clara, mas a alma de Clara, na estranha apparição d'aquelle rosto que já presentia o frio do sudario.

Sob essa impressão entraram e logo reconheceram a inconveniencia da sua visita, quando encontraram Villarim a passear de um lado para outro, como que alheio de si. Poucas palavras de cumprimento, e sentados, em silencio, ouviram, sentiram a irritabilidade penosa com que aquelle pae acompanhava os soffrimentos da filha.

O barão não se conformava com a força cega e maligna que sem explicação, para elle, aggredira e atirava para cima do leito a um dos seres mais queridos que existiam na terra. Não podia resignar-se, vendo a filha alquebrada, ferida no intimo do peito por uma púa mysteriosa que lhe arrancava o sangue precioso. Naquella face angelica onde não pousava um argueiro que elle descobrisse, porque fazia cessar incontinenti a profanação; naquella cabeça de criança que os seus osculos ameigaram desde o berço, ardia agora o fogo de uma febre pertinaz, devoradora, ameaçando consumir toda aquella belleza para elle sagrada. E continha exclamações, espedaçava-as na garganta:

— Doença... oh!... terrivel... doença!

Xavier Marques. — *O Holocausto.*

O Centenario.

Era um jequitibá formidavel, o mais velho da selva, sem galhos. sem folhas, o tronco apenas avultava entre as arvores frondosas como um mastro colossal. Junto á raiz uma broca profunda debruada a musgos, em volta samambaias caprichosas, e cipoaes contorcidos onde rôlas e gaturamos penduravam ninhos. O machado dos lenhadores respeitava-o : era o patriarcha venerando da selva, encanecido e minado pelo tempo. Procuravam-no apenas os maribondos que colavam os seus alveolos ao vetusto tronco ou os bemtevis que, empoleirados na grimpa, cantavam ao nascer do sol e ao cahir da tarde.

Todas as arvores contemporaneas tombaram, elle, sosinho, resistia marcando, como um deus termo, a fronteira selvagem. Davam-lhe seculos e, um matteiro disse, certo dia :

— Esse é do tempo dos caboclos. Já nem casca tem mais, coitado ! E' poeira que está de pé, sabe Deus como.

Resistia, emtanto, ás soalheiras fortes e ás desabridas borrascas mas, debalde a primavera passava por elle, misero macrobio ! as folhas não brotavam mais.

Uma noite — o luar clareava limpidamente a montanha — estavamos na varanda da casa quando ouvimos um baque fragoroso como se uma barreira houvesse alluido cavada pelas enxurradas. As moças tremeram apavoradas, os cães avançaram ladrando e todos os olhos voltaram-se na direcção do fremito. O matto farfalhava como se o agitasse

a furia de um vendaval, estalos rispidos vinham da selva copada, fronteira á casa. O pasmo crescia quando um antigo escravo, resoluto e atrevido, offereceu-se para ir á collina. Subiu alumiado pelo luar e já o haviamos perdido de vista, quando ouvimos sua voz retumbando no silencio da noite:

— Foi o jequitibá que morreu!

Na manhã seguinte fomos, em romaria, ver o cadaver do gigante. Lá estava com as raizes, arrancadas da terra, tombado sobre as outras arvores como Jesus no collo das mulheres.

O tronco fôra ferido pelo caruncho que é a larva destruidora dos vegetaes, só a casca resistira formando um grande tubo negro, atravez do qual via-se o céo. Vasio, inteiramente vasio, o centenario tombara impellido pela brisa, elle que lutara com os cyclones no tempo verde da sua mocidade viçosa, ou, quem sabe se não se deixou cair exhausto de illusões e de forças? Encarquilhado — porque já não possuia a resistencia intima — tinha apenas a fórma externa dum tronco, a apparencia duma arvore: por dentro era a triste immensidade do vacuo.

Assim somos nós, disse um velho que o contemplava. Assim somos nós, disse com desalento. A's vezes um carinho mata-nos porque, vasios como estamos, nem força temos para resistir á alegria. Esse... foi o luar que o matou, foi o afago que o feriu de morte. Assim somos nós, tristes corações vasios. Sem a força interior, minado pelos desenganos, quem ha que resista aos embates da vida? Bem certo que é melhor morrer.

COELHO NETTO. — *Romanceiro.*

A vida catharinense.

A vida intima na capital, como em todo o Estado, é simples e sóbria, affectuosa até ás ingenuidades dos mais doces carinhos. Quem entra pela primeira vez em uma casa de familia (isto da mais modesta á mais rica), seja brasileiro ou estrangeiro, é recebido com tal bondade e franqueza, com tal doçura e sympathia, que, á segunda ou terceira visita — salvo raras excepções — é tratado como intimo. A hospedagem ao forasteiro póde dizer-se que é alli primitiva e biblica. O catharinense, geralmente, pela sua alma expansiva e boa, depois de algumas palavras com um extranho qualquer, faz-se logo seu amigo, e, habitualmente imprevidente e despreviuido, condul-o para o lar, apresentado-o á familia e dando-lhe ás vezes cama e mesa, como a um velho amigo. Na roça, então, esses factos são mais communs e continuos.

A convivencia social no Desterro é, pela sua affabilidade, um desdobramento da vida em familia. N'um baile, em clubs ou em casas particulares, como no theatro, em representações publicas e outras, ha sempre a mesma affectuosidade e lhaneza das assembléas intimas. Quanto a trajes e ostentações, em poucos lugares do Brazil haverá maior simplicidade e modestia, sem deixar de existir comtudo graciosidade e chiquismo, o que é facil de comprehender em uma terra de moças bonitas.

E' verdade que uma ou outra familia opulenta procura exhibir-se em passeios e festas com sedas

e joias (o que é natural nos ricos); porém essas, como é intuitivo, são ahi rarissimas.

Por todas essas qualidades e pelo bem-estar, conforto e facilidade de vida, é a capital catharinense um dos pontos mais habitaveis e preciosos da União, o que a torna, com o bello clima que possue, um verdadeiro PARAISO TERREAL DO BRASIL, como disse Pompêo na sua estimada *Geographia*.

VIRGILIO VARZEA. — *Santa Catharina*.

A tempestade.

De madrugada um vento frio e urrante emboccou pelo poço, despertando em alarma os embarcadiços e pescadores. Não era trovoada, mas tormenta peor. Aquella serrania vaporosa de espigões rosados, que ao pôr do sol, na vespera, se alteava ao sul, era ella que vinha se desmoronando, se desfazendo num vendaval furioso por cima de outras serras, — das montanhas d'agua do canal, cujo embate ensurdecia e gelava o sangue aos maritimos da ilha.

— Vento sul !... Mãe de Deus ! bradou Anselmo, entreabrindo a porta, com um gibão aos hombros, para sahir.

Os filhos saltaram da cama, palpando os seus fatos de marinheiros, vestindo-os á pressa e pondo os chapéos de palha servidos de barbicacho. Quasi ao mesmo tempo esbarrava junto ao barqueiro, no copiar, afflicto, forrado de baetas, o terceiro moço da equipagem.

— Joel, és tú ? Vê que tempo ! E agora, vamos

a baixo... Anda, avia-te, Cosme! O barco ficou bem seguro, Joel?

— 'Stou que sim, mestre.

Toda a familia espertara, em desassocego. — *Tritão* corria perigo? Era esse o pesadelo de todos, e ainda mais do marinheiro, que respondia pela amarração.

No altibaixos da costa gritavam, correndo ao porto, pescadores invisiveis, que iam, como Anselmo, acudir ás suas embarcações. Mas o temporal bramia, rebentava na praia e na restinga em explosões horriveis, e varrendo as fraldas da montanha dir-se-ia galgal-a. Parecia que as aguas do canal vinham crescendo, empolando-se, para submergil-a.

Ouviam-se a cada instante vozes fortemente aspiradas: « Eh! », « hoi! », « hoi hom' » girando no torvelim aereo, pelas margens batidas a refegões, ora d'alli para a costa, ora de cima das barracas e dos casebres, como gritos de soccorro ou brados de avançar para impedir depressa o esgarre de um barco, a fuga de uma canôa desamarrada no escoar da resaca.

O mestre e a equipagem desgalgaram-se aos trancos, pelo escuro, soffrendo as rabanadas do sul que os açoitava de frente. — Que iria acontecer? pensava o barqueiro, procurando no ar vibrante, sem restea de luz, os mastros de *Tritão*.

Julgou vel-os, emfim, como as cordas de uma gangorra, vacillando no poço fervente, em oscillação convulsa. Todo o seu receio era que o barco garrasse e désse no baixio pedregoso, naquelle porto franco ao vento sul, onde se espedaçara, mezes antes, a lancha de outro ilhéo.

Havia homens afoitos, dominados pelo terror do sinistro, recebendo vagas no peito, rolando nos cylindros d'agua para alcançar canôas que a mareta arrebatara de cima dos carriteis, onde enxugavam. Mais felizes que o barqueiro, podiam com seus pulsos trazer as leves embarcações para longe da voragem e voltar ao somno tranquillos. Os outros, não; deviam luctar quanto tempo durasse a tormenta.

Anselmo abaixando-se na vasa, quando o enxurro descia, notou que o barco mudara de logar, vindo mais á terra. Salteou-o então o sentimento do perigo e deitou a bradar pelos pescadores, para que viessem dar-lhe auxilio. — Mas que auxilio era possivel, com aquelle marulho?

Joel atreveu-se a entrar n'agua, e recuou logo, molhado até á cabeça por um vagalhão. Cosme aventurou-se, e cahiu resupino com uma pancada nos peitos. — E que iam lá fazer, quando mesmo lograssem chegar a nado até o costado da embarcação? Guindar-se pelas amarras? metter a vara ao peito e varejar para o caes? Impossivel! Impossivel!...

— A levadia, Joel!... o vento pela prôa!... Se elle arrasta o ferro... Olha a restinga alli perto, bem perto...

Só se houvesse mais ferros. Não havia... Nem cordas... Então?!

— Vem á costa... vae bater. O' Mãe de Deus!

O barco dançava, estremecia, tombando como um ebrio, e vinha se approximando pouco a pouco, sem resistencia, com lentidão sinistra, para o choque mortal nas pontas do recife. Tinha um bordo voltado para alli, o gurupés lançado na

prôa arrufada ia descrevendo uma curva de oeste a norte ; pelo outro bordo soffria o repellão continuo da marulhada. « E áquella hora ! Ainda se fosse com a luz do dia... Quando esta alumiasse era tarde, a desgraça estava feita. »

E já um maritimo do porto, o velho João Guaiuba, fazia lastima, atormentando os camaradas, porque o seu saveiro acabava de pular no cabeço de uma vaga monstro e desapparecia no lusco-fusco, ao largo.

— Lá vae ! lá vae !... gritava o lamentoso velho, gesticulando á toa.

Anselmo começava a cahir numa crise de desespero. Que valia o damno d'aquelle, comparado com o seu? *Tritão* era a embarcação de mais porte e valor que surgia nas aguas da ilha. Pensou na velha Theó. Se ella resasse, lá em cima... Sim, se ella pedisse, pedisse com fervor á sua Mãe Santissima, á Senhora de Guadelupe, guia dos navegantes...

Mas um estalo subito, sobre as ondas, fel-o correr mais para o mar. Novo estalo. Escancarou os olhos. O mastro grande, o mastro de vela do barco vinha se lascando e bambeava por sobre a tolda. Fôra o primeiro embate da quilha no cascalho e nas lages da restinga.

A tripulação arrojou-se para aquelle ponto. E bem depressa ouviu-se a voz de Joel, consternado, exclamando :

— Bateu ! Bateu !...

Desde então a marejada recrudesceu no casco, num ataque sem treguas, empurrando-o a golpes d'agua, acuando-o, como se intentasse subvertel-a pela cascalheira dentro. Em breve, o barco, sacu-

dido para um lado e outro, offereceu o bojo ás pedras e entrou a bater, vibrante e repetidamente, com gemidos e estouros pavorosos.

Os filhos de Anselmo cruzaram os braços, ouvindo, cabisbaixos. O misero Joel, sem pae nem mãe, sentia-se abysmar num sorvedouro profundo, num desamparo irremediavel, ainda mais que o barqueiro. Não era elle, porventura, um filho de *Tritão*, um filho adoptivo, que o barco de ganho sustentava com o dinheiro dos fretes?... Demais, tomara-se de tal affeição áquelle casco, áquellas velas e áquelles cabos que só nas suas mãos laboravam a contento!... E agora que havia de ser delle, tres vezes orphão?

Quando a penumbra tragica dessa manhã clareou todo o céo em volta e o olhar dos maritimos pôde ver o mar bravo atroando, a espumar nos pedrouços do baixo, o barco de Anselmo era um esqueleto nú, desarticulado, espatifado, entregando a cada vaga monstruosa, que o lambia e se retirava, um pedaço de prancha, uma cambota, uma caverna.

A tolda boiava longe, aos sacões, enrolada em maroiços; uma banda do tejupar acabara de subir com o jogo da saca e foi quebrar-se em cima de pedras; tamboretes e cavilhas, o leme, a barra do leme, fragmentos da sobrequilha, o cadaste, era tudo esparso, levado ás rebatinhas, apparecendo e sumindo-se em migalhas nos rolos e vallas d'agua, que pareciam seres infernaes, irosamente sofregos de acabar.

O barqueiro havia corrido cem vezes, no sacco do poço, a baixo e a cima, em desespero, aos gritos reloucado. Os tres moços da equipagem ainda

se puzeram a salvar algumas varas e taboas, destroços do barco. Mas elle repelliu esses sobejos, e ordenou, rancoroso:

— Zune fóra, tudo, tudo !...

Ficasse tudo nas guelas d'aquelle mar scelerado, que ao seu espirito embrutecido pela dôr assumia instinctos vorazes, formas estranhas de nunca sonhada esphinge.

XAVIER MARQUES. — *Janna e Joel.*

Mãe tapuia.

Iamos subindo o rio. Passavamos nesse momento uma garganta estreitissima, quando um tronco de arvore nos fechou o caminho. A corrente era naquelle logar pouco profunda; via-se a areia do leito a tão pequena distancia da superficie, que dalli até ás nascentes era facil ir a váo. O tronco, era impossivel arredal-o. Mettemo-nos resolutamente na agua, tomámos em mãos a pequenissima canôa de fundo chato, carregámo-la por terra até além do empecilho e continuámos a subir.

As margens eram de matta densa e virgem. Distinguiam-se apenas os dous renques de arvores e mal entre elles divisavam-se outras e outras indefinidamente. Raizes nodosas e informes serpenteavam dentro do rio, cheias de curvas e cotovellos, assustando ás vezes quando a trepidação da agua parecia fazel-as mover-se como enormes cobras. As ramarias de um e outro lado encontravam-se formando sobre nós um docel de folhagem, que o sol rasgava a custo aqui e alli, abrindo na agua clara poças douradas.

Parasitas vermelhas e azues pendiam desatadas em festões ; cipós, de caule em caule, teciam rêdes intrincadas ; longas *barbas de velho* escorriam dos galhos altos, dando-lhes um ar triste de melancolia e vetustez. Vinha de todos os pontos ao mesmo tempo um chilrear confuso de passaros : e, si uns, de quando em quando, cortavam o espaço deante de nós, outros, abrindo vôo atravez dos ramos mais elevados, rasgavam a cupola e perdiam-se no ceu azul, adivinhado apenas dalli onde nós estavamos. Borboletas iam e vinham, subiam e desciam, na azafama multicor das azas leves, agitando-se e pousando em perpetuo afan. E passaros ou borboletas, ao passarem sobre o rio, desdobravam-se pelo reflexo, voando dentro da agua, nadando no ar sereno...

Chegámos emfim. Meus dous companheiros, Pedro e Thiago, eram dous caboclos amazonenses de sangue cruzado, dous curibocas escuros, quasi bronzeados, filhos de paes portuguezes e mães indias. Eram tão graves e serios, que nem mesmo sabiam rir, fechados como viviam em um mutismo indolente e inerte, indifferentes a tudo...

Atámos a canôa — a *montaria*, como lá lhe chamam no Amazonas — e trilhámos emfim terra firme : um atalho da floresta. Tinhamos ainda uma boa legua para andar e mettemo-nos a caminho decididamente : o Pedro na frente, eu no centro e o Thiago fechando a marcha. Não se dizia palavra. Ouvia-se sómente o pisar de folhas seccas e, do caboclo que ia adeante, o quebrar dos galhos, que por acaso bracejavam para a estrada estorvando-a.

Tinhamos andado cerca de meia hora, quando

o Pedro, voltando-se, apontou á esquerda e disse ao irmão :

— *Parésque* é alli a tapéra da *véia*...

E seguiu, emquanto o outro se virava com interesse. Olhei tambem. Vi um casebre miseravel, feito de troncos de arvores e coberto de sapê. Grandes ramos sobre o tecto impediam que a herva secca fosse levada pelo vento. Do abandono e ruina em que jazia, davam evidendes provas a porta desmantelada, quasi a cahir, e a herva, em torno, crescendo alta e abundante, invadindo tudo, sem uma trilha qualquer calcada de pés humanos.

Mas o que havia de notavel era na frente uma cruz enorme feita de dous immensos galhos, atados um ao outro com embiras fortissimas. O ramo vertical estava fundamente enterrado no chão, e em volta do sopé, para garantir melhor a estabilidade, pedras pesadas erguiam-se em monticulo.

Iamos depressa ; passámos rapidamente. Ficou-me, porém, a curiosidade e indaguei do Thiago de quem fôra aquella maloca, hoje abandonada. O curiboca contou singelamente.

Morava alli uma tapuia velha com dous netinhos. Morrera-lhe a filha, deixando apenas á sua solicitude aquellas duas crianças : uma dellas — um pequerrucho — com alguns mezes sómente e a outra, uma menina, com 10 annos. A velha, que mal podia comsigo, acolheu-os, entretanto ; e mezes correram de perfeita paz. Uma noite, porém, a tapuia, picada de jararáca, entrou em casa arrastando-se. Matára a cobra, mas fôra mordida em uma das pernas, que lhe doia horrivelmente.

Mandou depressa a menima ao sitio do coronel

Carvalho — sitio vizinho, para onde nós iamos — buscar remedio contra a mordedura. O remedio era uma *pussanga* infallivel que ella mesmo preparára e de que, todavia, não tinha em casa nesse momento. Mas a pequena — era já quasi noite — perdeu-se no caminho e só no outro dia chegou ao seu destino, guiada por um *regatão* que a encontrou. Quando, pois, ella veiu, acompanhada de mais gente, já era tarde.

Encontrou a velha espichada no chão, meio núa, inchada, com o rosto contorcido de dôr, as orbitas reviradas e sangrentas, por entre os dentes brancos uma espuma vermelha e negra... As mãos crispadas enterravam-se no chão; os pés estavam torcidos em uma contractura horrorosa... Os seios magros, flacidos, pelhanquentos, appareciam hediondos e descobertos... O pequenino, pelo habito de illudir o appetite mamando aquellas têtas estereis de velha, tinha ainda uma dellas entre os labios.

Farto de chupal-a, querendo talvez accordar a mãe-tapuia, cravára os dentinhos; o sangue máu e envenenado contaminára-o. Estava morto tambem, tambem inchado...

O curiboca contou tudo isso em meia duzia de palavras rudes e simples. Voltámos ao silencio. Ouvia-se sómente o pisar de folhas seccas, e do caboclo que ia adeante o quebrar dos galhos que por acaso bracejavam para a estrada, estorvando-a...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE. — *Mãe Tapuia.*

A farinhada.

Em maio começam a emigrar para os engenhos as primeiras familias dos lavradores proprietarios, quando estes não possuem rêdes, pois os que as têm só podem entrar em *farinhada* ao fim da quadra mais activa da pesca, lá para outubro ou novembro ; e só o fazem antes, nos annos em que a farinha está em « alta » e tem grande consumo nos Estados do norte, como por occasião de seccas e outras. Em taes épocas então dividem o pessoal do trabalho entre os engenhos e as rêdes, e elles proprios, numa prodigiosa actividade, galopando a cavallo do sitio para a praia e vice-versa, desde o romper do dia até á noite, ora assistem aos lanços das ultimas, ora aos trabalhos dos primeiros. Mas geralmente em maio já muitos engenhos trabalham pelos arraiaes e freguezias da ilha catharinense.

Assistamos á mudança de uma dessas familias para o seu engenho e acompanhemos uma *farinhada* do primeiro ao ultimo dia, apanhando-a em seus principaes detalhes e scenas.

Na vespera, o carro ou os carros — porque os proprietarios as vezes dispõem de dous ou de tres, conforme suas posses e haveres — occupam-se exclusivamente na conducção da criação, pequena mobilia e utensilios caseiros indispensaveis ao conforto, á lida propriamente domestica e a do engenho, carregando igualmente os mantimentos necessarios á familia para uma estadia de um a dous mezes. Semanas antes, esses mesmos vehiculos têm acarretado do campo, em carradas se-

guidas, a lenha que terão de consumir o fogão e o forno durante esse tempo, a qual é disposta em montões, ao fundo do terreiro, sob os cafeeiros e laranjeiras. Por esse tempo, já o edificio do engenho que, como de costume quando não está em serviço, serve de celleiro ao café, ao feijão, ao milho, ao amendoim e ao arrôz, se acha completamente desempedido e arrumado, com todo o apparelho e accessorios promptos para a faina da mandioca, bem como a parte onde assentam as salas e demais commodos reservados á familia. Ahi tambem, já os tipitis, amarrados uns aos outros em molhadura de dias para adquirirem flexibilidade, coalham, como estranhas ilhotas rendadas, as grandes fontes ou pequenos braços de rios que recortam as terras em volta; e o caminho geral do engenho e os estreitos atalhos apparecem limpos das hervagens e grama que os invadiram durante o anno, numa total roçadura e capina, de que se vêm ainda contra os sebes as tonceiras resequidas estrumando os espinheiros.

No dia marcado para a partida, ao primeiro cantar do gallo, a turma de filhos e aggregados do lavrador que não pernoitou no engenho, põe-se de pé e sahe para os pastos ou curraes a pegar os bois, que são cangados ao carro no terreiro da habitação, sob a larga parreira, onde este ficara, já de sébe nos fueiros, para a conducção da familia. A esse tempo, a dona da casa ergue-se e vai de quarto em quarto acordar as meninas, uma das quaes — a mais velha — se dirige logo para a cozinha a fazer o fogo e a cuidar do « aparado ». A velha mãe e as outras filhas vão ver as trouxas e mais uma e outra cousa que fôra deixada para

a ultima hora, como acontece sempre nos lares latinos, emquanto o marido, fumando um longo cigarro de palha ou mascando, sella, á cocheira, um dos seus cavallos de montaria, dando ordens continuas aos rapazes que se agitam no terreiro a embarcar os tarécos, numa matinada alegrissima.

Tudo isto se faz ainda escuro, com as estrellas a piscarem do alto do azul-ferrete do céo no seu crivo de ouro vivo. A sombra sepulta ainda os vegetaes, que mal ramalham pelas frondes, á primeira aragem fria da alvorada. E a lufa-lufa femenil cresce dentro de casa, onde as raparigas esvoaçam atrapalhadamente, incertas e estremunhadas, de candeia ou vela de sebo na mão, a vestirem-se e a procurarem as cousas, sob os ralhos esganiçados da velha, que as aguilhôa no seu lidar expedito...

Por fim, tudo prompto, todos se vão acocorar á cozinha e, bebido o « aparado », postas a lata do assucar, e as colheres, e as chicaras, em um samburá de aza, que um dos rapazes immediatamente arrebata ao braço, o velho roceiro toca o « povo » para o terreiro e fecha a porta da cozinha.

A velha e as moças sóbem então para carro, já totalmente despertas e a rirem-se; e o vehiculo, os cocões afrouxados nas cunhas para não chiar, entra a rolar lentamente pelo caminho, no ranger das guascas da canga, no plak-plak das patas dos animaes e no rumor secco das rodas, solavancando ás asperezas do terreno, em meio as emanações deliciosas das plantas e ao trillar festivo dos passaros, á primeira claridade suave que vem dourando o nascente...

VIRGILIO VARZEA. — *Santa Catharina.*

Sobre as ondas.

Com um gesto subito, um gesto vago, de extase, Janna fel-o calar.

— Escuta...

— Que é?

Inclinou-se para o mar, apurando o ouvido. Debruçou-se mais, attenta ao fio de som que lhe parecia zinir á flor d'agua.

— São ellas...

— Quem?

— As corvinas.

— Qual, Janna! Isto é o vento.

— Espera...

Estirou-se dentro da canôa, teimando sempre. Collou a cabeça, de perfil, á taboa do fundo, e disse, acenando com a mão, em voz tenue:

— Agora, Joel, escuta...

Joel resvalou junto d'ella ao comprido e poz tambem o ouvido á espreita; mas ao contacto da amiga perturbou-se todo...

Vinha espertando um vento brisa que fazia a canôa oscillar, como um berço, ao rythmo das pequenas ondas que lhe borrifavam os bordos. Pouco a pouco esse embalo foi-se alargando, nas pedras da restinga começaram a estalar os beijos da quebrança, um murmulhar confuso, misto de sonoridades liquidas e aereas, cercava o batel esguio e como que abandonado no fundeadouro, ao jogo das aguas revezas.

Talvez, soavam muito embaixo, no crystal do leito marinho, aquellas harpas tinintes, vozes do peixe musico, vibração das estrellas ou illusão

dos sentidos... Soavam, de certo; no mar, no firmamento, na alma, fosse onde fosse, ellas retiniam, multiplicando circulos sonoros pelo espaço e pela noite, até que um rumor soberano, cheio de palpitações, as foi abafando e amortecendo numa surdina cada vez mais imperceptivel. O mar, em ancias, ia trocando seus accentos cariciosos e finos por uma especie de rugido animal, uma trepidação tempestuosa em que nada se distinguia e tudo, ao redor, se confundia...

XAVIER MARQUES. — *Janna e Joel.*

Embarque de recrutas.

Começou logo o embarque dos recrutas.

Eram vinte rapazes tapuyos os que a autoridade obrigava a representar a comedia do voluntariado. Vi-os sahir da cadeia, entre duas filas de guardas nacionaes, e encaminharem-se para o porto, seguidos dos parentes, dos amigos e de simples curiosos.

Iam cabisbaixos, uns corridos de vergonha como criminosos obrigados a percorrer as ruas da cidade nas garras da justiça; outros resignados e imbecis como bois caminhando para o matadouro; outros ainda procurando encobrir sob uma jovialidade triste as amarguras intimas; todos marchando machinalmente, alheios ao que se passava e dizia em redor de si, e offerecendo um aspecto de apathia covarde e idiota. Vestiam calça e camisa de algodão riscado, a mesma roupa com que uma semana antes harpoavam pirarucús ou plantavam mandioca nas roças da beira do rio. Alguns,

aquelles de quem se desconfiava, por mais valentes e ageis, traziam algemas.

As portas e as janellas das ruas por onde passava a nova leva de recrutas, estavam apinhadas de gente. As mulheres e as crianças corriam a velos de perto, conservando-se, porem, a uma distancia respeitavel dos guardas nacionaes, que marchavam pesadamente, acanhados, vestidos na sua jaqueta de velho panno azul, quasi vermelho, e vexados com a comprida bayoneta collocada muito atraz, a bater-lhes os rins n'um compasso irregular, conforme com os accidentes das ruas mal calçadas. O povo commentava o caso, analysava a physionomia dos novos soldados, d'aquelles heroicos defensores da Patria, carneiros levados em récua para o açougue.

As exclamações cruzavam-se, as pilherias atravessavam a rua e cahiam duras como pedras sobre as cabeças impassiveis dos guardas nacionaes, pobres operarios, honrados roceiros, arrancados á officina ou á lavoura para guarnecerem a cidade e fazerem o serviço da policia ausente. Outras vezes eram lamentações e condolencias da sorte d'aquelles pobres diabos que nem sabiam n'aquelle momento se voltariam a ver a terra adorada do Amazonas.

Os corominis annunciavam os recrutas á medida que se approximavam :

— Os voluntarios ! Os voluntarios !

— Voluntarios de páu e corda ! disse causticamente o vigario padre Pereira, fumando cigarros á porta d'uma loja.

Já mais adiante os corominis repetiam n'uma ironia inconsciente:

— Os voluntarios, olha os voluntarios !

Os recrutas caminhavam sob um sol ardente, seguidos das mães, das irmãs e das noivas, que soluçavam alto, n'uma prantina desordenada, chamando a attenção do povo. Os homens iam silenciosos como se acompanhassem um enterro. Ninguem se atrevia a levantar a voz contra a autoridade. Se a fuga fosse possivel, nenhum d'aquelles homens deixaria de facilital-a. Mas como fugir em pleno dia, no meio de tantos guardas nacionaes armados e prevenidos? Nada, mais valia resignar-se e sofrer callado, que sempre se lucrava alguma cousa.

Chegaram ao porto e avistaram o vapor que fumegava prestes a partir. As canôas que os deviam conduzir para o paquete estavam promptas. Começou o embarque em boa ordem. Nenhum dos recrutas abraçou amigos e parentes; os adeuses trocaram-se com os olhos e com as mãos, de longe.

Quando as canôas largaram da praia, as mulheres romperam n'um clamor; e os tapuyos, acocorados ao fundo da igarité que os separava da ribanceira, seguiam com a vista a terra que recuava, fugindo d'elles. Tinham os olhos seccos, mas amortecidos. Um deixava n'aquella saudosa praia a mãe doente e entrevada, arrastada até alli para soluçar a ultima despedida ao filho que partia para a guerra. E o voluntario, resignado á morte com que contava nos sertões do sul, tinha o coração apertado, pensando na miseria em que deixava a velhinha, obrigada d'alli em diante a viver de esmolas. Outro pensava na sua roça nova, aberta pelo S. João, havia seis mezes apenas, com tanto

amor e trabalho, e que seria dentro em breve pasto de capivaras damninhas e de macacos gulosos; ou na montaria de pesca, abandonada no porto, para presa do primeiro ladrão que passasse. Este sonhava com as longas horas de immobilidade anciosa, nas brumas da antemanhã, de pé na canôa, esperando o primeiro respirar do pirarucú possante; aquelle com a gentil namorada, tanto tempo cobiçada e quasi noiva, que não teria paciencia para esperar-lhe a volta incerta. E todos pallidos, desesperados, sombrios, sentiam no supremo momento da separação, que tudo estava perdido, e a morte, uma morte terrivel e mysteriosa, os esperava lá nas terras em que dominava o monstro do Paraguay, devorador de carne humana.

INGLEZ DE SOUZA. — *Contos Amazonicos.*

Maria Sem Tempo.

Era magra, pequena, escura. Tinha a extrema humildade dos que vivem longos annos sob o céu destruidor, sem pensar ao menos em resistir á sorte, com a passividade inerte da folha que o vento róla pelos caminhos. Era assim mirrada, secca e sombria, como se tivesse perdido a seiva ao ardor dos estios, como se guardasse das noites sem estrellas o negrume cada vez mais denso.

Era louca, porque só tinha uma idéa, e a creatura humana póde não ter idéas, mas não póde ter só uma. A sua era o angustioso desasocego das maternidades mallogradas. Perdera um filho e o procurava. Andava pelos caminhos para buscal-o

e só levantava a voz para chamal-o, anciosamente, carinhosamente : « Luciano ! Meu filho !... » E escutava longo tempo por traz das cêrcas, no aceiro dos mattos, á entrada dos terreiros das fazendas, nos desertos e nos povoados, onde quer que a levasse a sua dolorosa esperança. Aquella figura miseravel, toda feita n'um gesto indagador, com a mão abrigando os olhos, á espreita, ou levantando o chale que lhe encobria a cabeça de cabellos hirtos, para ouvir melhor a resposta ideal, aquella encarnação de um desejo sempre illudido enturvava o esplendor do mais radioso meio dia.

Gente compassiva, donas de casa a quem se apertava o coração ouvindo echoar pelas estradas o seu reclamo desolador, quizeram retêl-a, dar-lhe amparo e agazalho : « Aonde vae, Sinhá Maria ? Fique com a gente, mulher ! Por estes sóes que matam, assim ao desabrigo do tempo, o que faz uma creatura de Deus ? Descance uns dias e vá então... » Mas a louca se escusava resolutamente : « Não tenho tempo, minha senhora. Vou ao encontro do meu Luciano, que me disse que havia de voltar. Como não tenho mais casa, preciso de estar no caminho. Não vá elle passar emquanto aqui estou... » E se precipitava para fóra exhalando o seu grito : « Luciano ! Meu filho Luciano !... »

E Maria Sem Tempo não era uma lição, nem um castigo, nem um exemplo. Se alguma coisa ella provava, era que ha soffrimentos que nada provam e que nada justifica, que *são*, pela razão obscura d'aquillo que tem de ser. A sua miseria nem mesmo era tragica, porque não exclamava,

não luctava, não indagava. O céu rigoroso era-lhe como um senhor cruel, que a pobre escrava não entendia e sob cujos golpes se encolhia apenas. Vivera para ser mãe : soffria d'isso, como d'isso outras jubilam.

Quem a encontrava pelos desertos, longe de todo o amparo, ás horas tristes do dia, pensava logo com piedade na solidão da sua alma. Mas se iam falar-lhe, ella se não mostrava agradecida á sociedade que lhe queriam dar : recahia logo no seu silencio absorto, tão occupado pelo seu sentimento.

O meu Luciano ! dizer estas palavras era para ella o mesmo que sentir-se viva. Dizia-as alto, gritando, clamando, enchendo as grotas e os recantos das florestas com o seu alarido de araponga louca; dizia-as baixinho, suspirando, fundindo o coração n' um ajoelhamento de prece, na prostração suprema do supremo amor. E ás vezes, caminhando horas ao longo da praia, com os cabellos sacudidos pelo vento do largo, vacillando sobre a areia branca e infirme que entontece, ella cantava ao mar em furia a canção monotonamente sublime da sua pena sem fim.

DOMICIO DA GAMA. — *Historias curtas.*

O tisico.

O tisico do n.º 7 ha dias esperava o seu momento de morrer, estendido na cama, os olhos cravados no ar, a boca muito aberta, porque já lhe ia faltando o follego.

Não tossia ; apenas, de quando em quando, o

esforço convulsivo para arrevessar os pulmões desfeitos sacudia-lhe todo o corpo e arrancava-lhe da garganta uma ronqueira lugubre, que lembrava o arrulhar ominoso dos pombos.

Contavam que expirasse a todo o instante. Amancio cedêra o seu moleque para lhe fazer companhia, e dos brancos de casa era o unico que lhe apparecia lá uma vez por outra.

Não é que o espectaculo d'aquelle anniquilamento lhe tocasse o coração, mas porque lhe mordiscava a curiosidade com esse frivolo interesse de pavor, que nos espiritos romanticos provocam os loucos e os defuntos.

Uma noite, seriam duas horas da madrugada, o tisico gemeu com tal insistencia que acordou o estudante. Amancio levantou-se, tomou uma véla e foi até ao quarto d'elle.

Ficou impressionado. O homem estava muito afflicto, debatendo-se contra os lençóes, no desespero da sua orthopnéa. A cabeça vergada para traz, o magro pescoço estirado em curva, a barba teza, pyramidal, apontando para o tecto; sentiam-se-lhe por detraz da pelle empobrecida do rosto os angulos da caveira; accusavam-se-lhe os ossos por todo o corpo; os olhos, extremamente vivos e esbugalhados, de uma fixidez inconsciente, pareciam saltar das orbitas, e, pelo esvasamento da boca toda aberta, via-se-lhe a lingua dura e secca, de papagaio, e divisavam-se-lhe as duas filas da dentadura.

Não podia socegar. O seu corpo, chupado lentamente pela tisica, nú e esqueletico, virava-se de uma para outra banda, entre manchas escrementicias, a porejar um suor gorduroso e frio, que

humedecia as roupas da cama e dava-lhe á pelle, côr de osso velho, um brilho repugnante.

Faltava-lhe o ar e, todavia, pela janella aberta para o nascente, os ventos frescos da noite entravam impregnados da musica de um baile distante, e punham no triste abandono d'aquelle quarto uma melancolia dura, um aspero sentimento de egoismo; alguma coisa da indifferença dos que vivem pelos que se vão metter silenciosamente dentro da terra.

O medico recommendára que lhe dessem todo o ar possivel e lhe fizessem beber de espaço a espaço uma porção do calmante que receitára. Uma lamparina de azeite fazia tremer a sua miseravel chamma e cuspia o oleo quente. Havia um cheiro enjoativo de molestia e desasseio.

Sabino dormia a somno solto no corredor. Amancio acordou-o com o pé.

— E d'essa fórma que vélas pelo homem? perguntou.

O moleque ergueu-se estremunhado e deu alguns passos, esbarrando pelas paredes, sem cahir em si.

— Vamos! Desperta por uma vez e dá-lhe o remedio! Elle parece que tem sêde!

O tisico, ao ouvir a voz de Amancio, principiou a agitar os braços, como si o chamasse, grogolejando sons roucos e inintelligiveis.

O estudante não quiz attender, mas o doente insistia com tamanho desespero, que elle, afinal, vencendo a repugnancia, se approximou, a conchear a mão contra a lingua tremula da véla.

Apezar de seus fracos estudos de medicina, fazia-lhe mal aos nervos aquella figura descarnada, que se exinania na impudencia aterradora da

morte; faziam-lhe mal aquelles membros despojados em vida, aquelle esqueleto animado, que, na sua dysthanasia, parecia convidal-o para um passeio ao cemiterio.

E o hectico rouquejava sempre, agitando os braços.

O moleque, ao lado, derramava-lhe colheradas de remedio na boca; mas o liquido voltava em fios pelo canto dos labios do moribunbo e escorria-lhe ao comprido do pescoço e pela aridez escalavrada do peito.

Amancio tomou-lhe um dos pulsos. O contacto pegajoso e humido fez-lhe retirar logo a mão com um arrepio.

— Creio que não deita esta noite! disse ao moleque, affectando tranquillidade, mas com a voz sumida e alterada.

— Qual, nhô, elle está assim a um 'rôr de dias! Leva n'isto e não decide!...

— Não! Creio que agora está morrendo...

E olhou para o doente.

Este espichou a cabeça e respondeu que não, com um movimento demorado.

— Elle ouvio?... perguntou Amancio, impressionado com a intervenção inesperada do moribundo.

A caveira tornou a agitar-se nos travesseiros para dizer que sim.

— Olha!... fez o estudante arregalando os olhos. E approximou-se da porta, recommendando ao Sabino que se não descuidasse da pobre creatura; que se não puzesse a dormir como ainda ha pouco!

O tisico, que havia serenado alguma coisa com a presença do rapaz, principiou de novo e espoli-

nhar-se, rilhando os dentes e agitando os braços e as pernas.

Amancio, porém, não attendeu d'esta vez e sahio. O tisico rosnou com mais ancia, procurando lançar-se fóra do leito, n'uma afflicção crescente.

— Fica quieto! gritou Sabino, obrigando-o a deitar-se.

ALUIZIO AZEVEDO. — *Casa de pensão.*

O furto de diamantes.

Contra os pretos e escravos fugidos as ordens eram do mais deshumano rigor.

Já anteriormente havia sido creada a instituição dos *capitães do matto* e estabelecida a tarifa da captura ou morte de um escravo fugido, conforme a distancia e os perigos da empreza.

E agora, para aquelles que fossem apanhados em *quilombos*, mandou o alvará de 3 de Março de 1741, que se lhes « puzesse com ferro em braza uma marca em uma espadua com a letra — F —, que para este effeito haverá nas Camaras: e, se quando se for executar esta pena, fôr achado já com a mesma marca, se lhe cortará uma orelha, tudo por simples mandado do Juiz de Fóra ou ordinario da terra ou do Ouvidor da Comarca, sem processo algum e só pela notoriedade do facto, logo que do quilombo for trazido, antes de entrar para a cadêa ».

Apezar disso, além de que os escravos fugidos engrossavam continuamente os bamdos de garimpeiros, os proprios escravos, mesmo em sua occupação normal, sob a esperta vigilancia dos fiscaes

do serviço, muitas pedras desviavam do mealheiro do contractador.

Com o aperfeiçoamento dos meios e apparelhos de faiscar diamantes, todo o serviço era agora feito fóra do leito dos rios e guipiaras proximas. Conduzia-se o cascalho para longos galpões de sapê, onde se o depositava em pequenos tanques oblongos de madeira, em que agua constantemente corria.

Em cada tanque trabalhava um escravo e cada grupo de quatro escravos tinha um vigia fiscalizando o trabalho, sentado em um alto banco de madeira, sem braços nem encosto, para que estivesse sempre disperto.

Os escravos trabalhavam de pé, com a cabeça voltada para o vigia, sómente vestidos de umas calças ou apenas circumdados de uma pequena tanga de baeta, e esse trabalho, que os obrigava a estar sempre curvados e em movimento, tanto para mexer o cascalho, como para lançar fóra as pedras inuteis e escolher os diamantes, era tão penoso e os obrigava a uma postura forçada, tão violenta e cansativa, que era preciso, de espaço a espaço, se lhes dar um pouco de descanço.

Aquelles que não eram dotados da natural robustez commum dos africanos, em pouco tempo definhavam e morriam, e os que, ainda crianças, não tinham attingido ao pleno desenvolvimento physico do corpo, não raro ficavam aleijados e corcundas.

Logo que descobria e apanhava um diamante, o escravo devia erguer o corpo, bater com as palmas das mãos, para chamar a attenção do vigia, e apresentar a pedrinha que era recolhida a uma amela pendurada do tecto do galpão.

Ainda assim, entretanto, elles achavam sempre meios e modos de, subtrahindo-se á continua vigilancia dos inspectores, munidos sempre de uma comprida vergasta, desviar e apanhar furtivamente todos os diamantes que lhes appareciam de maneira opportuna para a escamoteação.

Para evitar um pouco que essa fraude se désse, os vigias costumavam, de vez em quando, fazer os escravos permutarem as canôas em que estavam trabalhando, de modo a fazel-os perder a pista de alguma pedra grande, que tivessem cautelosamente prendido a um canto para depois, fóra de horas ou em momento opportuno, tomal-a e guardal-a.

Isso, porém, apenas conseguia prejudicar um ou outro plano engendrado, mas de forma alguma diminuia o furto que era frequente e abundante.

Diversos e variados aspectos tomavam os artificios empregados pelos escravos para a occultação dos diamantes e, para dar a medida da variedade destes artificios, passo para aqui, guardando a orthographia, uma pagina de velho manuscripto :

« He incrivel a propensão e a destresa que tem adquirido todos os Negros para furtarem os Diamantes. Este vicio está entre elles tão araigado e universal que apenas chegam alguns Moleques de novo ao serviço, o primeiro cuidado que tem os mais antigos e experimentados he o ensinarem aos Moleques toda a manobra e a cujo fim os exercitão com feijões e grãos de milho os quaes atirão de longe para a bocca e deste modo se habituão a os receberem nella para os engulirem. Tambem os mettem na bocca havendo-os primeiro palmado ou escondido entre os dedos; e, logo que disto se

póde ter alguma desconfiança, se lhes saccam do ventre á força de cristéres de pimenta malagueta.

« Os Negros, se podem amassar o Diamante com barro ou pissárra, lançam fora marcando a paragem onde cahiu para depois o virem buscar e extrahirem a pedra. Quando não podem furtar o Diamante pela vigilancia do Feitor, o encostão á cabeceira da canôa e o cobrem de esmeril para tentarem de noite o vir tiral-o.

« Como todos os Negros andam nús durante o serviço das lavagens, onde só se lhes permitte o estarem cobertos com a sua tanga, que é um pedaço de baeta envolta á roda da cintura, nesta baeta cozem elles um bocadinho de outra que visto parece um remendo, mas lhes serve de bolso para metterem o Diamante quando acham qualquer occasião de furtal-o. Tambem para isso apegam á mesma tanga hum bocadito de cera da terra que he molle, na qual enterram o Diamante depois de havel-o palmado e para o fazerem mais seguramente fingem nessa occasião alguma necessidade corporal. Depois de palmado o Diamante, o que elles fazem tão destramente como qualquer curioso de peloticas ; algumas vezes os introduzem no nariz no acto de tomarem tabaco e o sorvem até lhes vir ter á bocca para o engulirem.

« Os Negros palmam o Diamante até com os dedos do pé, onde os conservam algumas vezes horas inteiras, e os levam nelles para as senzallas e, posto que nas sahidas das lavagens são examinados em todo o seu corpo, assim mesmo acontece não serem descobertos.

« Outros mettem um bocadito de cera pret

molle atraz das orelhas e fingindo que as cossam, depois de palmado o Diamante, o mettem na dita cera, da qual se servem igualmente pondo-a nos cabos e olhos do almocafre e palmado o Diamante o introduzem nella para o buscarem alli no fim de trabalho.

« Quando o cascalho sahe do lugar molhado em forma que por esta causa pousão luzir os Diamantes na condução que delle fazem para o Payol, marcão logo a paragem onde o descobrirão. Então fazem a deligencia para furtar numa bateya aquelle cascalho no qual esperam incontrar o Diamante. Tambem deixam crescer as unhas das mãos para com ellas fisgarem os Diamantes pequenos os quaes envolvem muitas vezes na carapinha que para isso deixam crescer até bastante altura. »

—

E assim, por estas e por muitas outras formas, que a phantasia cubiçosa ia engendrando, os povos do Tejuco, livres e escravos, procuravam tirar desforra ao rigor que os opprimia, buscando alguma compensação para a dura existencia a que eram condemnados.

Rodrigo Octavio. — *Felisberto Caldeira*, Chronica dos tempos coloniaes.

Superstições caipiras.

(Costumes paranaenses.)

Os gallos, empoleirados, annunciavam a approximação triumphal do dia com os seus festivos —

tatá... tatá... có... có... có... ó... alegres e prolongados, e o dia avançava destruindo a indecisão das ultimas sombras de uma noite que desapparece.

O' madrugadas esplendidas, brancas e voluptuosas, pareceis feitas de risos de creanças e beijos de bocca soberbamente amada!

—

Tio Chico chuchurreava os ultimos goles do *chimarrão*, batendo com a mão espalmada na *cuia* grogrolejante, n'um desconsolo de vasia.

— « Vamos indo, nho Zéca... Felisberto, você fica? »

— « Nhor não, vou até a villa. »

— « Então, *vamo* indo que eu ainda quero voltar cedo. »

E poseram-se a caminho. Os animaes mastigavam o freio, alegres, espichando o pescoço, dilatando as narinas, arregaçando uns beiços grossos para aurirem o ar fresco e sadio da madrugada. Quando entraram na Restinga Grande, que fica antes da villa, tio Chico apeou-se para apanhar umas folhas esguias e espinhosas de juhá do matto, que, ha muito, procurava para preparar uma *mensinha*.

— « Isto é muito bom, é um remedio santo para dôres de cabeça e caimbras de sangue » disse tio Chico mostrando aos seus companheiros as folhas esguias de juhá do matto.

E continuaram a marcha. Não demorariam muito para chegar á villa; era só o tempo de *pitar* um cigarro.

— « Home, vocês não tomam tabaco? » disse tio Chico exabrupto aos companheiros, como pen-

sando surprehender n'elles um grande desejo insatisfeito ; e, apresentando a caixinha de rapé :

— « Olhe que este é bom ; veio de Coritiba. »

— « Nhor não ; isso faz a gente espirrar muito. Um cigarrinho é *mior* », disse o Zéca Duarte com approvação do Felisberto, que sacudiu a cabeça automaticamente.

E continuaram a prosa. Tio Chico apresentava as vantagens do tabaco sobre o cigarro e os prejuizos d'este para as *molestias* do peito ; até que a villa appareceu branca na sua esplendida collina, de repente, por entre as ultimas ramagens falhas da Restinga, como uma payzagem phantastica, vista atravez do cosmorama de um sonho.

— « Agora, Felisberto, nós *se apartemo* aqui, e se você poder va sexta-feira lá em casa. »

— « Nhor sim. »

— « Então, até sexta-feira, se Deus quizer. »

— « Deus lhe acompanhe. »

Tio Chico seguiu com o Zéca Duarte para a casa do velho Vadô, que os esperava n'uma anciedade de duvida, no portão da *mangueira*.

— « Bons dias, seo Vadô, *voncê* como vae e toda a sua familia ? » disse o tio Chico apeando-se do lubuno, unico animal que lhe restava de uma tropilha que comprara no Sul.

— « Nos vamos indo como Deus é servido e a Virgem Santissima. Va entrando, tio Chico ; deixe o animal que o compadre Zéca manda pôr na *soga* e *manear*. »

Uma vez sentados na cosinha, o velho Vadô começou de explicar a tio Chico os phenomenos espiritas que o punham em alvoroço.

- « Ultimamente se tem reproduzido mais

vezes. Quasi todas as noites ha barulho, principalmente no quarto grande onde morreu uma tia velha que foi de meu fallecido pae. Quebram a louça, derrubam bancos, e, quando se vae ver, no forro da casa dão uma gargalhada medonha, como se fosse uma suindara que estivesse alli. Não se póde viver mais n'esta casa; está mal assombrada. Eu tenho ficado mais velho que realmente sou. A Josepha, coitada! vive sempre chorando, agarrada aos netos; tem medo que sejam bruchas e que levem alguns d'elles. Então, o compadre Zéca lembrou que tio Chico... podia nos livrar d'isto; tem viajado muito, ha de saber alguma cousa que possa acabar com esta penitencia. »

Tio Chico, de pernas traçadas, o queixo apoiado a uma das mãos, escutava com a gravidade que a revelação phantasmagorica exigia.

A's vezes, como se comprehendesse a causa d'aquillo tudo, como se tivesse certeza do bom exito da empreza, deixava escorregar por entre a espessura florestal das barbas brancas um brando sorriso de triumpho; depois, destraçando as pernas, aprumando o busto, distendendo os braços seccos, n'um espreguiçamento de lombeira, ergue-se.

— « Não ha de ser nada, não ha de ser nada; eu vou fazer um *serviço*, para depois ver se as almas do outro mundo ainda fazem barulho. Fé em Deus Nosso Senhor Jesus Christo que tudo se faz. *Voncê* mande pedir a *seu vigario* um pouco de agua benta, e uma vela que haja servido na missa de Nossa Senhora, um pouco de inçenso, e um raminho de alecrim e arruda. »

O velho Vadô, com a esperança de que a paz

voltasse de novo aos seus lares, foi em pessoa falar com *seo vigario* para obter tudo que tio Chico precisava; e, com pouca demora, voltou com as disposições do velho feiticeiro todas cumpridas.

Iam dar começo ao exorcismo. Tio Chico, com a solemnidade de um padre *recommendando* um defunto, aspergia agua benta por todos os cantos da casa, monosyllabando palavras, ora calmo, ora energico, como um CUMPRA-SE de repartição publica.

O velho Vadô, cabisbaixo, acompanhava-o com um *caco* de telha, onde ardiam incenso e arruda, defumando os logares benzidos pelo feiticeiro.

A familia do velho Vadô, que assistia a ceremonia de satanismo, estava tremula, pállida de pavor.

Depois de percorrerem toda a casa, tio Chico, escarrando a um canto, pronunciou a sentença deffinitiva:

— « Almas, voltae para o céo; espiritos máos, ide para as profundezas. »

E mandou cavar um buraco junto á porta do quintal para enterrar o resto de agua benta e incenso.

Depois, benzeu o velho Vadô e a familia, bebeu meio quartilho de vinho branco, por causa de uma especie de *delirium tremens* que ataca o exorcimista depois de taes operações; porque todo o maleficio que estiver no corpo da pessoa benzida passa para o do benzedor.

Ainda palestraram por muito tempo. Quando o dia começava de fechar a grande palpebra cançada de luz, tio Chico seguio para casa pela solitaria estrada da Restinga Grande, vergado sobre o lombo

do *lubuno*, modulando, á meia voz, um canto enternecido, cheio de saudade :

Ae, minha vida d'outrora,
Ae, meus queridos amores,
Tudo, tudo foi-se embora,
Só me ficaram as dôres.
Ae, minha vida d'outrora,
Ae, meus queridos amores !...

A's vezes interrompia o canto e quedava-se n'uma lucta interna de recordações, que não procuraremos indagar, porque ha dôres intimas que não se revelam.

JULIO PERNETTA. — *Amor Bucolico.*

Ah ! como é triste a velhice !

— ... Passa tudo com o tempo ! Ah ! como é triste a velhice ! murchou-se-me a carne dos braços, meus braços de marmore ! Cahiram-me os dentes, minhas fieiras de perolas ! O rosto, retalharam-m'o as rugas, meus cabellos de ouro fizeram-se neve... Que frio ! Chove neve lá fóra. Ah ! como é triste a velhice !

E, alternando com ella a alma do marido philosophava tambem :

— Tudo acabado ! tudo perdido ! Triste cousa ser velho ! Chegar a esta idade para ter a gente umas pernas que mal se arrastam, um corpo que já não se apruma, umas mãos que se engelham, uma bocca que já não ri, uns olhos que choram sempre. E o sangue gelado, e as noites sem somno, e a vida sem um goso, sem uma delicia !

Deixando correr uma lagrima, o Domingos olhou dessa vez fixamente, muito fixamente, para a mulher e sobre aquella cabeça branca, como sobre si mesmo, cahiu a compaixão de sua alma:

Pobre Maria Felicia! velhinha como eu! Ahi onde estás, quem dirá que és a mesma que estes olhos, que os meus olhos antigos não se cançavam de ver! Nada mais da formosa mulher que uma noite no Catimbáo me enfeitára o espelho de rosas! Nada mais daquellas compridas tranças de ouro que beijei tantas vezes! Que mimoso talho de letra tinha essa mão que agora mesmo alli esta ageitando o chale! As cartas que me escreveu!

— ... Como é triste a velhice! que frio! era tudo o que, a tiritar, dizia a outra alma.

. . . . . .

. . . . . .

E com os labios naquelle fio, comprido e brilhante, como a trança a que pertencera, a alma do Domingos seguiu por elle até ao passado. Avivaram-se as scenas extinctas, acordaram os sonhos mortos, resurgiram as illusões sepultadas. O Catimbáo appareceu á distancia, appareceu a cancella do campo, appareceu a casa com as paredes caiadas, o engenho com a chaminé golfando um rolo de fumo, a escravatura, os escravos todos que chegavam de enxadas ao hombro, a varanda com as suas columnas, dois ou tres molequinhos retintos aos quaes distribuia moedas de cobre, e á janella — á janella do mesmo quarto onde dormiu naquella noite de rosas — Maria Felicia scismava, com um pente á mão, correndo os longos cabellos soltos...

Era um extasi: mas a velhinha, — a outra Maria

Felicia, que alli estava por detraz delle — teve um sobresalto, estremeceu, cochilava talvez, repetindo o estrebilho :

— Que triste a velhice !

E o Domingos voltou-se. A luz do lampeão batia de chapa sobre a cabeça da velha — um montão de neve ! mas, entre aquella neve, entre aquelles fios longos e brancos, pareceu ao Domingos que brilhava um fio de ouro, uma especie de raio de sol.

ALBERTO DE OLIVEIRA. — *Fio de ouro.*

S. João do Ouro Fino.

Por um dia quente, de sol vivo, reverberando sobre o verde das montanhas, galgo a encosta abrupta das pedreiras das Lages. Pela estrada ingreme, tropeçando nas pedras, sóbe o cavallo a passo, penosamente. E, de um lado e de outro, nesta parte hoje abandonada da veneranda Villa Rica, amontoam-se ruinas disformes, cavam-se furnas de minas esgotadas, rasgam-se despenhadeiros, abysmos talhados a pique nas rochas.

Quanto mais se sóbe, mais ruinas apparecem : palacios de entrada larga, portas immensas, cujos pilares trabalhados em um só blóco de pedra furam ainda o céo, isolados, negros, destacando-se do fundo de esmeralda do morro, ou, mais altos, do fundo de turqueza do céo ; casas mais pobres, já sem tecto, cujas paredes toscas se equilibram ainda ; muros esphacelados, dispostos em cêrca, dentro de cujo ambito deviam os mineiros cultivar a terra ou deixar ao abrigo da rapina os animaes.

Sobre algumas das ruinas, aproveitando os al-

cerces inabalaveis, gente nova levantou casebres frageis, de paredes de bambú e barro, de tecto de palha trançada: e, por baixo do reboco ligeiro, a pedra ferrugenta da construcção primitiva apparece, denunciando a velhice das bases em que assentam as casinhas modernas. E ha qualquer cousa que commove nesse espectaculo: o trabalho dos operarios mortos ha duzentos annos, facilitando e auxiliando a vida dos seus irmãos de hoje, acurvados ás mesmas fadigas, á canga da mesma pobreza e da mesma obrigação de ganhar o pão com o suor do rosto e o sangue das mãos...

Quando chego á egreja de S. João, a primeira edificada em Ouro Preto, — o sol irradia sobre a extensão infinita da paizagem, quebrando os seus dardos de fogo de encontro ás rochas, faiscando sobre a alvura das casas, dando um tom de prata nova á agua de um rio que se arrasta, em baixo, serpenteando, caprichoso, no sulco de juncção de duas encostas.

Estou no adro da mais velha egreja da cidade: pequenina e humilde, era a ella que corriam os primeiros povoadores de Villa Rica, a pedir amparo e mineração feliz ao Deus que escondera no seio da terra o metal que enriquece. E, ao lado da capella, pendente de uma grossa trave de madeira de lei, está ainda o velho sino, cuja voz saturna, pela primeira vez, ha duzentos annos, soou no silencio das serras invias, povoando de echos longos as quebradas adormecidas. Aqui está elle ainda, de voz tão fresca como quando sahiu das mãos do seu fundidor, — testemunha bi-centenaria das luctas, das alegrias, dos triumphos, das amarguras, do tumultuar de todas as paixões que se agi-

taram na sua presença, desde a época em que, attrahidos pela fulguração do ouro das serras, transpondo rios e montes, mattas cerradas e vallados profundos, sem relogio, sem bussola, sem conhecimentos de astronomia, luctando com a fome, com os selvagens, com as féras, guiados apenas pela sua vontade de ferro e pela sua ambição febril, — os primeiros trabalhadores assentaram aqui o seu acampamento, de onde tinha de nascer Ouro Preto.

Quasi totalmente arruinada ha pouco tempo, a egreja de S. João do Ouro Fino está hoje restaurada. Ladrilhado de novo, pavimentado, pintado por dentro e por fóra, o formoso e singelo templo está salvo da destruição: o sino, ha tanto tempo calado, vibra de novo, aos domingos, e no altar-mór, nos velhos castiçaes de madeira trabalhada a faca, ardem de novo as velas diante do mais bello Christo que jamais viram meus olhos.

Esse Christo é uma obra prima, uma preciosidade inestimavel, um thesouro, — talvez o thesouro mais valioso existente em todas as egrejas da cidade. É de marfim e mede um palmo de altura. Nada póde dar idéa da perfeição suprema, da arte inexcedivel, da quasi sobrehumana delicadeza com que foi talhado esse pequeno pedaço de marfim. Em todo o corpo, um conhecimento profundo de todos os detalhes anatomicos se revela; não falta uma saliencia de articulação, uma indicação de musculo, uma corda de tendão ou de veia. E nunca vi, em esculptura alguma, a expressão estupenda, maravilhosa, que o artista soube dar á face do crucificado, torcida pela angustia, de fronte lacerada pelos espinhos, labios repuxa-

dos pelo soffrimento, olhos amarguradamente cerrados pela dôr...

Circula o sopé do altar-mór um painel dividido em doze quadros, em que estão representados os doze apostolos.

A pintura desses quadros foi sacrilegamente e desastradamente restaurada ha pouco. Os santos apparecem com os labios violentamente pintados a vermelhão como labios de *cocotte*, pestanas enormes e grossas como arames, cabellos horriveis, roupagens hediondas. Pacientemente, a pinceladas habeis de aguaraz, Emilio Rouede conseguiu destruir em um dos quadros a camada profanadora das tintas novas e a pintura primitiva appareceu, deliciosa, finissima, de incomparavel precisão de colorido e irreprehensivel correcção de desenho.

Tambem, é tudo quanto ha de arte na egreja. Simples o côro, simples toda a decoração, sem afeites, sem arrebiques pretenciosos. Mas basta, no altar-mór, a presença daquelle extraordinario Christo de marfim, para prender dentro da capella, esquecida por horas e horas, a alma enamorada de um artista.

Quando sáio, o occaso arde. Declina a tarde: e já, em baixo, os concavos dos valles se vão enchendo de sombras. Mais negras, com a ausencia do sol, parecendo mais proximas, as montanhas se recortam duramente no fundo do céo, como se fossem de bronze; e uma quietação melancolica, um silencio doce pesam sobre tudo. Antes de montar a cavallo para descer a escarpa, quero ouvir a voz do sino que chamava á oração os mineiros de ha dous seculos; faço vibrar o seu bojo,

com uma pancada secca. Um grito claro, estridente irrompe do metal, sóbe, canta no ar, derrama-se por toda a natureza, e morre, como um gemido triste, no recolhimento do crepusculo que desce...

OLAVO BILAC. — *Chronicas e Novellas.*

A primeira communhão.

A' frente, o niveo estandarte de Sion, com a cerulea figura da Santa. Empunha-o uma menina, das grandes, inteiramente de branco. Pendem do estandarte fitas brancas, nas quaes seguram as mais pequeninas discipulas do collegio, vestidas de anjo. Agora as commungantes : duas a duas, comprida roupagem branca, larga facha branca á cintura, grinalda de rosas brancas na fronte, longo veu branco na cabeça e nas espadoas, branco cirio na mão. Acercam-se do altar sérias, graves, as feições espiritualizadas, pallidas, frementes. Fazem uma reverencia á Virgem. Ajoelham. Começa a missa. Oh ! nunca as praticas do culto tiveram tanta poesia, tanta significação, tanta magestade ! Ha effluvios divinos no espaço. As almas se embebem do celeste mysterio.

Rezam baixinho as commungantes, mas as companheiras, em distancia, cantam psalmos, ao som do orgão, de uma maneira velada, cheia de infinita melodia.

Choram muitos dos circumstantes. A santa do altar resplandece ; augmenta a bondade de seu sorriso, emquanto as vélas despedem clarões mais fortes, o perfume do incenso se mistura ao aroma sylvestre trazido pela aragem e a voz do sacerdote

vai proferindo em surdina as frases do **ritual**. Com que reverencia todos se inclinam quando **elle** abençôa !...

Já elevou pela segunda vez a hostia e o **calix**, **já** partiu o sagrado emblema.

— *Agnus Dei... Agnus Dei...* Cessaram os canticos e a musica. E' intenso o silencio, indizivel a commoção. Chegou-se ao momento supremo da solemnidade.

— *Dominus non sum dignus... Dominus non sum dignus...*

Ha um repique compassado de campainhas. Volta-se o sacerdote e profere breves e eloquentes palavras sobre a grandeza do acto que vai começar. Dois dos pequenos anjos desdobram diante do sacerdote alva toalha de rendas, conservando-a estendida, á guiza de mesa. Erguem-se duas a duas as commungantes, prosternam-se junto á toalha, recebem a sacrosanta particula e voltam para os seus lugares, solemnes, hirtas, mais pallidas ainda, as mãos postas, os olhos baixos, banhadas de mysticismo. O silencio é augusto. Como que se escutam bater os corações. Tudo rapido, tudo simples, mas produzindo impressão imperecivel que abala suavemente o mais intimo do ser.

AFFONSO CELSO. — *Revista Brasileira.*

O pantano.

Foi aqui um jardim formosissimo cheio de flôres extranhas e raras ; foi um deslumbramento de corollas multicôres, a viçarem por toda a parte, luxuriantes de seiva, vibrantes de perfumes.

E as rosas diziam a côr das auroras, a côr da face das donzellas, quando labios de amantes as beijam, a côr rubra da vida dos guerreiros, escapando-se pelas feridas: sangue indifferente do céu, sangue do pudor palpitante e timido, sangue feroz de colera e odio... E os lyrios brancos e as brancas magnolias diziam a côr dos sonhos castos, a pureza das almas impollutas, a alvura alabastrina do seio das virgens mortas — das que passaram pela vida, sem que a vida lhes houvesse dito o mysterioso segredo da paixão e do goso...

Foi aqui um jardim formosissimo...

E as campanulas azues — e azues tambem os myosotis pequeninos — diziam a côr serena dos céus de primavera, a côr dos lagos calmos, onde os cysnes arrufam as plumas de neve, a côr que deviam ter os primeiros devaneios dos adolescentes languidos, já scismando de incertas e mal definidas volupias...

E as flôres da Saudade, as saudades roxas e negras, as violetas balsamicas e tristes, diziam tambem a amargura dos *adeuses*, o outomno dos corações, a viuvez melancolica das almas...

Foi aqui um jardim formosissimo, cheio de flôres extranhas e raras...

E para exprimir o segredo das almas delicadas e frageis, que o menor desengano descolora e murcha, havia a nitidez lactescente das camelias... Para lembrar as almas complicadas e extranhas, torturadas pela inquisição da analyse intima, cheia de sentimentos bizarros e extravagantes, havia a legião de orchidéas preciosas, maculadas de todas as côres, semelhando pelles de tigres e de serpentes, affectando formas insolitas, recortadas,

caprichosas... E figurando as almas prostitutas, que attrahem as outras para envenenal-as e polluil-as, em segredos de não sabidas luxurias, havia, effluindo no ar, o aroma perfido e venenoso de tuberosas esplendidas...

Foi aqui um jardim formosissimo, cheio de flôres extranhas e raras, foi um deslumbramento de corollas multicôres...

E por sobre todas ellas, dois renques de palmeiras faziam tremer no ar as grandes palmas verdes, onde o vento sussurrava, com um murmurio religioso e vago, com um tom de queixa e de prece... Os estipes verdes apontavam para o azul. Vinha d'aquella voz perdida no espaço, d'aquelle monotono rumorejar de folhas lá tão no alto, um sentimento mystico e suave, que elevava os olhos e os corações, arracando-os da attenção da terra para attrahil-os ao céu...

E, assim, houve aqui tudo o que faz viver: houve os sonhos mais castos e os sonhos mais luxuriosos e impudicos, os anhelos altivos de gloria e de amor, os sonhos crepusculares e mansos da saudade, a elevação suprema das almas para Deus, para o Céu, para os intangiveis mysterios com que as religiões acalentam as nossas máguas...

Foi aqui um jardim formosissimo, cheio de flôres extranhas e raras, foi um deslumbramento de corollas multicôres, a viçarem por toda a parte, luxuriantes de seiva, vibrantes de perfumes ..

Hoje é um pantano de aguas estagnadas e verdes... As flôres, não houve quem cuidasse d'ellas. Foram-se as rosas ; foram-se os lyrios e as magnolias côr de neve ; foram-se as campanulas e os

myosotis azues — e as saudades tambem — e tambem as violetas... Morreu a brancura immaculada das camelias finas, a flora exotica das orchidéas, a effloreſcencia capitosa e envenenadora das tuberosas magnificas... Tudo morreu!

A agua das chuvas diluiu os canteiros, empoçou, fez-se lago, fez-se pantano...

Havia perfumes... Ha agora miasmas...

D'antes os passaros vinham cantar nos ramos verdes dos arbustos; os beija-flôres, de cális em cális, andavam a provocar a garridice namoradeira das corollas viçosas. Hoje, no paúl verde e sombrio, por toda orchestra, coaxam os sapos á noite...

Das palmeiras de outr'ora só resta uma. As outras, roidas no sopé pela vasa impura, apodreceram e cahiram... Da que ficou as palmas todas já se desprenderam e, seccas, boiam meio enterradas no lôdo, sobre o marvel... Apenas o estipe verde aponta ainda para o azul, para o eterno azul indifferente... — Mas esse mesmo ha de cahir!

O pantano será então como as almas, que já tiveram fé e crenças e illusões, mas hoje distillam os miasmas do Desengano, molestando os corações que se approximam d'ellas; será como as almas onde só as saudades e os remorsos coaxam lugubremente e que até a crença em Deus — estipe verde de palmeira a erguer-se para os céus — até essa já perderam...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE. — *Mãe Tapuia.*

O que elles disseram.

CAPITULO DE UM ROMANCE, PARA QUEM O QUEIRA ESCREVER

Talvez não ouvissem; porém, elles falaram.

De cada vez que a enxada batia no sólo, rasgando o seio das vallas funebres, o echo sepulchral repercutia soturnamente.

Era como se o Anjo da Justiça Eterna estivesse a rufar em um tambor sinistro, chamando a capitulo os corpos sem vida para o julgamento dos vivos sem consciencia.

Póde-se imaginar a confusão que reinava na mescla informe dos cadaveres empilhados.

Uns estavam vestidos, outros nús, idade e sexo confundidos : uns ainda inteiros, outros já carcomidos; uns velhos, outros moços e alguns (ai ! delles, os mais felizes !) ostentando os lineamentos incompletos da fórma humana fetos abortados que só viveram a vida plastica alentada pelas pulsações da viscera materna !

A confusão da morte era comtudo menos impressionadora do que a confusão que reinava no espirito dos circumstantes — uns attrahidos pela curiosidade do mysterio tenebroso; outros enfiados pelo pavor do sacrilegio, tendo estampada nas frontes a pallidez da consciencia aterrada.

Cada face livida que emergia da sombra do sepulchro para tornar a encarar, mas com os olhos vidrados, o azul do céo e a luz do sol, trazia no marmoreo semblante a expressão de um sentimento diverso.

A face deformada e confrangida de um — dizia indignação; de outro, os olhos lançados fóra das orbitas — diziam sorpresa; e em todos o pavido semblante exprimia o assombro diante da audacia impia, que não hesitou em descer até á profundeza dos sepulchros para arrancar um pedaço de sombra com que velasse a sua propria dissimulação.

A morte, affrontada por essa evocação sacrilega, ostentando o que ella encerra de mais sinistro, de mais hediondo, de mais repugnante, parecia exprimir nos esgares de cada face e na dentadura descoberta pelos labios corroidos, um sorriso de escarneo para aquelles que a contemplavam.

Os cadaveres profanados sabem revelar tambem a sua indignação — não cospem a injuria, mas cospem a podridão.

Os mortos, despertados por aquelle estranho ruido, na sua linguagem muda mas eloquente, pareciam perguntar aos seus profanadores:

Se acreditais ser os representantes da justiça humana, o que quereis de nós, que já pertencemos á justiça divina?

Se sois a mentira que se agita, o que quereis comnosco, que já somos a verdade que se não contesta?

Se sois a dissimulação mascarando a perversidade, o que quereis de nós que já somos a representação da serenidade da consciencia?

No fatal congresso convocado, todos compareceram; todos os que não eram chamados; todos os que não eram os procurados.

Na triste igualdade da morte *os pobres diabos* enterrados na valla commum surgiam fóra della para, como testemunhas, deporem no processo infando.

Obedeceram; e falaram...

A cada chamada comparecia um, e depois mais um, e depois mais outro.

Só o cadaver de Malta não apparecia.

Na faina monstruosa e sacrilega, naquelle insano revolver de sepulturas e de corpos apodrecidos, toda a vasta superficie do cemiterio pareceu agitar-se em uma convulsão sinistra.

Cada morto no fundo da sua cova parecia sentir o calafrio do terror, conchegando ao corpo, com as mãos hirtas, o panno da sua mortalha, para defesa do seu pudor.

Os coveiros é que estavam apavorando os mortos.

Os vivos é que lhes incutiam terror.

Já não era a visão da eternidade que lhes incutia medo; era a visão da maldade dos homens que os espantava.

O espectaculo não podia ser nem mais commovente, nem mais solemne.

Só o valor intemerato da impudencia humana podia justificar o arrojo dos profanadores.

O gancho do coveiro suspendeu o cadaver de um velho.

Não era o cadaver de Malta, porque este era ainda moço.

E elle disse : « eu sou a velhice insultada; ainda aqui no sepulchro represento a tradição das gerações que vos antecederam; havia ainda no meu tempo para a humanidade o ideal da religião e da justiça : se é em nome da lei que arrancais do coração dos homens esse ideal conspurcando a vossa consciencia, ide-vos, que vos não conheço e não turbeis o meu repouso que devera ser eterno. »

O cadaver foi atirado á fossa e o gancho fatidico suspendeu outro.

Ainda não era o de Malta : era o de uma mulher.

E o cadaver disse : « eu sou a maternidade ultrajada : viestes desvelar-me no meu sepulchro, affrontando o meu pudor ainda depois da morte; podeis ver as minhas entranhas dilaceradas, que o guzano corroeu; mas abençôo a morte, que estancou no meu seio a fonte da vida humana, porque não se poderia ser mãe em uma terra onde á justiça pervertida dos homens fosse licito supprimir os filhos, assassinando os paes pela suffocação da dôr »

O cadaver foi lançado á fossa; e o gancho fatidico suspendeu outro.

Ainda não era o de Malta, embora fosse o de um moço.

E elle disse : « eu sou a mocidade affrontada; tambem fui um pobre diabo; artista e operario;

trabalhei e soffri : na luta pela vida, affrontando as vicissitudes da sorte, cheguei a amar a pobreza, porque morava em meu peito a esperança : tive illusões e sonhei com a ventura ; batalhei com esforço, porque tinha fé no futuro e crença no poder da justiça: pensei que a liberdade, como um dom divino, era o unico bem que a malvadeza dos homens não podia extorquir ; vejo agora que me enganei ; se á mocidade que vós representais conseguistes endurecer as fibras do coração ao ponto de se não commover ante a iniquidade do attentado que estais praticando, abençoada seja a morte que me fez forte e livre para poder desprezar-vos. »

O cadaver foi lançado á fossa e o gancho fatidico suspendeu outro.

Ainda não era o de Malta; era o de um soldado com o seu uniforme, ainda com o seu bonet, spectro sinistro da disciplina e da abnegação, como que fazendo sentinella ao sepulchro.

E elle disse : « eu sou a Patria vilipendiada ; na linha do dever fui até o sacrificio ; foram propriedade vossa o meu tempo, o meu trabalho, o meu sangue, a minha vida : garantia da defesa nacional durante a guerra : trabalhando, soffrendo ou pelejando, era o ideal de uma Patria livre, prospera e grande a que affagava o meu espirito ; uma Patria onde reinassem juntas a Liberdade e a Justiça : o espectaculo que me offereceis degrada a honra e degrada a lei ; só é superior o que é respeitavel ; a vós, que sois a imagem da Patria aviltada, eu não posso fazer continencia. »

E mais este foi lançado á fossa e mais outro foi colhido pelo gancho sinistro.

Ainda não era o de Malta; era o troço de um feto.

E o feto tambem fallou e disse : « eu sou a semente abortada que vim germinar no sepulchro para florescer na eternidade : sahi do ergastulo materno para inundar-me na luz do infinito : da terra não conheci mais do que a senda escura por onde cheguei até esta fossa ; os meus olhos não se abriram senão quando foram feridos pela claridade serena do céo sem nuvens ; por que quereis forçar-me a penetrar com elles na escuridão tenebrosa das vossas consciencias? Ah! deixai-me ; que se a semente do futuro que ainda lá fóra póde germinar não produzir melhores fructos do que vós — que essa semente se esterilise e que só a morte reine na vossa mansão sombria. »

Tambem o feto foi lançado á fossa e a faina continuou.

A enxada lavrou a terra da morte em todas as direcções; o gancho dos coveiros, como um anzol sinistro, naquelle oceano de podridão, debalde mergulhou muitas vezes.

Cada cadaver apanhado era uma desillusão, era um protesto, era um spectro de reprovação fulminando a ignominia dos vivos.

. . . . . .

. . . . . .

E o cadaver de Malta não appareceu!

QUINTINO BOCAYUVA. — *O Paiz.*

Vendida.

Emquanto Flavio observava, não era possivel exprimir a variedade de sensações que transpareciam no seu rosto. Rapidas succediam-se idéas contrarias, a ponto de não sellar-se claramente a côr de uma impressão ou a physionomia de um pensamento. Traduzia-se no geral o esforço da imaginação em deslindar um mysterio, que o acabrunhava.

O que logo á primeira vista se modelava, ressumbrando na belleza selvagem da estampa, era um arrojo capaz das maiores imprudencias, era a coragem a projectar-se da pupilla brilhante, que barafustava aqui e ali pelos claros da ramagem.

Ao divisar o menino, espectador da conversa, tranquillisou-se o mestiço.

— Posso respirar. Jaty me contará.

De tempo em tempo, seu olhar inquieto, porém firme, fitava-se na janella do oitão, em cujo interior divisava umas fórmas vagas de mulher. Sem duvida, era esse o centro, em torno do qual as idéas traçavam a curva de sua orbita.

Quando Gabriel ferrou a manopla no cangote do arreador, uma alegria luminosa esparramou no semblante de Flavio.

— As cascaveis estão brigando, murmurou.

Momentos depois, elle distinguiu um movimento no quarto de Morena, viu entrar o collosso, e escutou o resom de uma altercação bramida.

A mão lésta levou a espingarda á altura da

pontaria, mas a essa attitude aggressiva, que n'um momento lhe asselvajou os traços, succederam-se o desanimo e uma extorsão de angustia. Então, as selvas viram com espanto a mão do guerreiro indigena, essa mão, que mil vezes vibrára a morte, comprimir no peito largo a primeira dôr que o pungiu.

— Morena não quer que eu mate o jaguar. Mas ella bem sabe que o jaguar, quando vem assustar a corsa no seu refugio, finca suas garras em meu coração. Ah! Morena, Morena; si teu páe é féra, porque me prohibes de caçal-a no seu covil?

Imperceptivel rumor atravessava a espessura. O bugre assomou alerta; e em breve conheceu o passo veloz de Jaty.

O que havia occorrido?

Gabriel, açulado pela raiva, precipitára-se como torrente para o quarto de Morena.

A mocinha, sentada á cabeceira de sua cama, tendo as pernas cruzadas e a mão esquerda descansada no travesseiro, fitava a matta.

Erão suas fórmas vagas que o indio via, immersas no crepusculo, através das grades da janella. Nesse momento, affigurava-se uma flôr que inane sempre bella, na tarde do seu explendor, sem todavia perder o esmalte meigo. Um pouco de orvalho, e ella inda reviçaria em plena pompa e vida.

O suave matiz da floresta, n'essa hora em que o sol no declinio acariciava, tangenciando, a verdura das collinas por entre as abertas de um céo brusco, não tinha a poesia assetinada de sua cutis.

Pallida até a luz dos olhos, Morena cingia-se de

uma tristeza vaporosa, penumbra que vestia suas fórmas de tal modo que ella parecia antes uma alma scismadora.

Adivinha-se, entretanto, a pujança do sentimento encerrado na urna de seus quinze annos, e, sobretudo, naquelles labios terriveis de belleza, onde o beijo, a raiva, o sensualismo, a magestade, o luxo e toda a legião explosiva das paixões concorreram com os seus traços de fogo para darl-hes uma eloquencia formidavel e sobrehumana.

Que meditação era a sua, que librando-se nos raios do olhar immovel, pairava sobre a cupola da floresta?.

Pensaria no mestiço, nas consolações que este lhe trouxéra, no affecto ardente que lhe inspirára e no soccorro de seu braço para libertar-se emfim do supplicio? Ou estaria relembrando as agonias inflingidas pela maldade de Gabriel, o dilaceramento de seu pudor e a perspectiva de uma existencia desolada pelas orgias, cuja voragem escancara-se-lhe antolhava abjecta e sem os encantos que o amor recente varrera de sua imaginação desregrada?

E bem tristes deviam ser seus pensamentos, a julgar-se pela dôr sombria, que lhe communicava á jambea tez a escuridão de um rio profundo.

Uma lagrima pendurou-se nos cilios da moça; mas ao mesmo tempo, como si afflorasse no seu espirito um grupo de idéas amenas, Morena, embriagada de tanto enlevo, esqueceu-se de tudo para adorar exclusivamente um sonho brilhante. Então nos labios, d'antes arregaçados pela dôr, borbulhou, espraiando-se, a torrente da bonança.

O olhar que suspenso discorria, beijando o céo,

á semelhança da aguia descendo ao ninho, deixou-se cahir de novo na ramagem da floresta.

Podia-se admirar agora na attitude vivaz, no brilho da cutis, na vehemencia, que sublevara a curvatura das fórmas em realce, e em toda a sua pessôa os fulminantes attractivos de que a natureza enriquecera essa mocidade infeliz.

Durou isto bem pouco.

A dôr de emboscada veio abatel-a do cimo de sua alegria ephemera. Ouvindo no interior o passo de Gabriel, que estremecia o pavimento, Morena, impellida pela consciencia do perigo, ergueu-se para fugir; mas vendo-se entre quatro paredes e a janella gradeada por balaustres de madeira, voltou a cabeça desgrenhada, e cravou o olhar aterrado na porta, cujos batentes, separando-se violentamente, vomitaram o monstro furioso.

— Eu te esgano, menina: berrou elle, encostando na face da moça o punho cerrado.

Abre os olhos, porque um dia te esborracho com esta mão, que espicha com um murro o garrote no campo. Que eu te pilhe de tractos com algum namorado. Ouviste? Que eu te pilhe! Tu me prejudicas, mas eu racho-te a caveira.

Soffreu a martyr a brutal offensa com angelica paciencia.

— Que lhe fiz, meu pae?

— Ainda perguntas? Não me deitas cinza nos olhos, não; fica sabendo.

— Quem me accusou de rebelde á sua vontade, meu pae? Si alguem me accusou, mentiu.

— Quem te accusou? Quem te accusou? Faam por ahi. Toda essa campanha sabe que não passas

de uma sonsa, e que pretendes me lograr de um dia para outro. Desafôro ! Até já me rogam pragas ! Cae nessa !

Já vistes alguma vez o raio, colleando veloce como serpe de fogo, mergulhar na massa plumbea do céo, troar além como o rodar do canhão sobre as pedras, surgir depois para sumir-se de novo, retroceder, espalhar pela noite o clarão fulvo de seu riso, circular esse horrendo passeio em torno de uma palmeira na serra antes de fulminal-a emfim ?

Quem viu esse horror, imagine Gabriel a revoar sinistro em torno de Morena. A timida pomba, prestes a ser esmagada entre as garras do gavião, não offerece um contraste mais doloroso !

Além de respeito, a moça tinha medo. Conhecia-o bastante para temer algum excesso de sua parte, si demorasse a defesa.

— Oh ! Não acredite, meu pae. São intrigas de gente que me quer mal.

— Intrigas ? bradou Gabriel, parando de chofre. Porque intrigas ?

— Porque não quero fugir, como me aconselharam. Então sabendo que vossa irritação me infunde terror, inventam essas calumnias para me forçarem á rendição.

Acalmou-se o aventureiro, não arrependido, pois remorso não tinha elle, mas contente e descançado nas boas disposições da pequena.

Gabriel envolveu-a n'um voluptuoso olhar de paixão. Sua respiração ardente chegava até Morena, que sentia fisgar-lhe o seio a fixidez daquelle olhar intruso e libertino.

Contemplação agonisante !

Arripiou-se o monstro, resfolegando como um touro cançado ; e conseguindo furtar-se á obsessão que o escravisava, arfou como o cyclone que se arremessa pela campina.

— A minha ambição é teu escudo, mulher.

Embargou-lhe a retirada um homem que entrava.

— Oh ! Telles. Por aqui ?

— E' verdade. O bom filho á casa torna. Olá, Morena ! Então ? Saudades de mim ?

A moça voltou o semblante com ar de nojo.

O recem-vindo, fazendeiro da visinhança, approximou-se familiarmente.

— Nada de enfados, meu anjo. Que ha de ser este o teu maridinho, não tem duvida. O sol, que tem as estrellas por amantes, ha de morrer de inveja por mim. Não é verdade, Gabriel ?

— Depende só daquelle negocio. Si quer !...

— Fica decidido. Leva tudo o diabo, porque vale a pena.

— Nesse caso é tua mulher.

O mancebo adiantou-se para Morena que, estupefacta, pregava-se ao pavimento.

— Então, pequena ? Não te disse ?

— Veremos, rugiu ella surdamente.

— Não te zangues.

E volvendo-se para Gabriel :

— Quando m'a entrega ?

— Por estes quinze dias, depois de concluida a transacção.

— Está dito. Na proxima semana dou sal ao gado, e então...

— Interrompeu-se Telles, fazendo menção de um recado que o feriu de improviso.

— Não sabes de uma, Gabriel ?

— Saberei agora si me contares.

— Temos bugre na terra.

Morena empallideceu.

— Não será o primeiro. Donde veio esse bicho brabo?

— Não sei. Só lhe posso affirmar que é um rapagão alto, moreno, agil e quasi imberbe. Falla bem o portuguez; e segundo as informações de um campeiro, sabe ler e escrever, mostrando as apparencias de um homem educado no meio dos brancos. Ainda hontem esteve no teu rancho a conversar com os tropeiros. Cuidado, Gabriel. Bugres tenho eu visto muitos, mas é bom não fiar. Daqui a pouco principiam a morrer no campo as rezes pesteadas pelo maldito.

— Ora! Isso tambem é muito exagero. Anda por ahi tanto indio e mestiço, e nunca me constou mal delles.

— Homem, arrote você a valentia que quizer. Cá por mim, confesso: prefiro ter dez onças na frente a ver a sombra do demo. Sempre é gente que atira uma flexa ás nuvens, e ella vem na volta espetar-se na cabeça de um christão.

— Como se chama o tal bicho?

— Flavio.

Morena escutava com sonsa indifferença; mas dentro em si resplendia o jubilo.

O vulto do selvagem, aureolado pelo assombro, erguia-se gigante em seu espirito, e ella sentia-se ufana de seu amor.

Soaram pisadas no corredor.

— E' o andar de Gertrudes, observou Gabriel. — Vamos novidade.

Pouco depois sua mulher entrava á marche-marche.

— Vem, Gabriel. Depressa.

— O que temos?

— Acaba de chegar a cavallo um homem doente. Está muito mal. Creio que morre.

O estalajadeiro, acudindo á novidade, sahiu appressadamente com a mulher e o hospede.

Morena ouviu o som dos seus passos perder-se no corredor, trancou a porta, e disse com um entono tragico:

— Talvez me deshonrem; não tenho forças para lutar; mas a minha deshonra ha de custar bem caro, porque o veneno, o punhal e toda a sorte de horrores hão de amedrontar a população da campanha.

Cahiu sobre o leito com o rosto entre as mãos.

— Oh! Flavio.

Quando levantou os olhos, era noite; o bugre estava em face della.

AMERICO WERNECK. — *Morena.*

A velha Bahia.

Durante esse inolvidavel periodo, o portentoso engenho do repentista Moniz Barreto alcançou triumphos esplendidos, produzindo mais effeito e deixando melhor vestigio do que os outeiros de Bocage. Em suas extravagancias de bohemio e na cegueira do orgulho, Elmano improvisava *coram populo*, a pretexto de nugas, para servir a caprichos de peraltas, para ganhar doces dos conventos nas festas da abbadessa, quando se lhe não depa-

ravam Castalias e Hypocrenes no interior de botequins e tavernas, ao gosto de admiradores desenvoltos e cynicos, mais amigos da libertinagem no prégador da *Pavorosa illusão da Eternidade*, do que tributarios do maior talento poetico de Portugal no autor da *Saudade materna*, da *Medéa*, do *Tritão*, de *Leandro e Hero* e do incomparavel soneto *Meu ser evaporei na lida insana*.

Eram bem outros os torneios litterarios da Bahia, engrinaldados por senhoras duplamente bellas, emparaisados de harmonias, luzes e flores, em sociabilidade morigeradora, irresistivel á creatura mais excentrica; em confortaveis lares; em pittorescos arrabaldes; no alto do Bomfim; na ponta de Montserrat; nas povoações da Barra e do Rio Vermelho; em noites quaes as da vespera de Natal, de Reis, de Paschoa e de S. João; em convivios até romper a madrugada; em dias estivos á sombra das mangueiras; em calorosas palestras, á beira mar, ao sol posto; entre cantilenas de anjos da terra, em longos embevecimentos, ao clarão do plenilunio, que prateava os areiaes da praia requestada pelos soluços do oceano.

Onde melhores fontes de inspiração, quando a alma do poeta era divino instrumento, vibrado por todos os effluvios da natureza?

Bellos tempos que não voltam!

Galeava a Bahia, a trasbordar de jubilo, em pompas de riqueza ganha pela sua principal industria, hoje decahida.

A capital, primitiva então Athenas Brasileira, sustentava os seus fóros n'uma assembléa provincial, constituida por intelligencias do quilate de Wanderley, Fernandes da Cunha, Tiberio, Bar-

bosa de Almeida, João Barbosa, Victor de Oliveira, Saraiva, Landulpho, Junqueira, Dantas e outros.

O magisterio na Faculdade de Medicina fulgurava em Ataliba, Jonathas, Eduardo França, Malaquias dos Santos, Cabral, Queiroz e outros, cuja proficiencia teve a fortuna de transmittir-se a discipulos honrosissimos em Faria, Rodrigues, Alvares da Silva, Virgilio Damasio e Jeronymo Sodré.

Que lustroso corpo academico, viveiro de poetas e prosadores!

Que victorias de ensino secundario, em collegios de miraculosa emulação, qual a do *Gymnasio Bahiano*, dirigido pelo Dr. Abilio, e donde sahiram para os cursos superiores, para a politica, para a administração e para a gloria Satyro Dias, Ruy Barbosa, Araujo Pinho, Benicio de Abreu, Carvalhal, Rodolpho Dantas e Castro Alves!

Que gosto esthetico em toda parte!

Que eloquencia natural em cada estudante ou artista bohemio! Que paixão pela musica! Que poesia lyrica, subjectiva e objectiva, até no *capadocio* a desfazer-se em trovas, alta noite ao luar, e só acompanhado pelo choroso violão, em frente á occlusa janella de seu querido bem!

E' ainda desses tempos a grata recordação do illustre senador fluminense, Francisco Octaviano, quando se exprime assim:

« Desde o salão do fidalgo até o pardieiro do operario, a cidade de S. Salvador é um concerto geral, sobretudo na vigilia do sabbado, a deshoras, em noites de luar. Quantas vezes, depois de ouvir as harmonias italianas ao piano de alguma se-

nhora da alta sociedade, eu parava extasiado junto da rotula de algum pobre mercenario, para decorar a letra improvisada, mas sempre terna, de uma modinha brasileira! »

No theatro, verdadeiro sanctuario das musas, que chuveiros de applausos, que alluvião de flôres, que effusões de enthusiasmo até ás lagrimas, que justas litterarias na estréa de João Caetano, no beneficio da Tassini, na desforra da Bocomini, á passagem meteorica de Arthur Napoleão, nos concertos de Croner, de Reichert, de Esmeralda Cervantes, nas representações dos dramas e comedias de Agrario, ante a nova escola artistica em Furtado Coelho, á chegada do tenor Palmieri, á partida do chorado Taborda!

Que ardentissimas porfias no culto do bello! Que extremadas opiniões, quando a rivalidade, natural ou ficticia, da *contralto* com a *soprano* chegava a atear o facho da discordia entre as familias mais unidas pela amizade ou pelos vinculos do sangue!

— « Isto já não é theatro! é um jardim botanico! » Attingido por alguns ramilhetes que erravam o alvo, assim dizia, com ares de amuado, o venerando marechal Luiz da França, espectador infallivel e neutro naquelles incruentos campos de batalha onde, por mais que perdessem os contendores, lucrava sempre o objecto das contendas.

Havia homens especiaes, insubstituiveis, para exaltar o gosto até o delirio dos folguedos, nos salões e nas ruas. Poder-se-hiam admittir festas religiosas sem foguetes, sem zabumba, sem procissão; era inadmissivel, porém, um prestito fes-

tivo de encher os olhos, sem que estivesse á sua frente o capitão Fausto, pilha electrica ambulante em fórma de homem. O sympathico Portella, cavalheiro de fina educação, animava os saráos com a galhardia da sua presença e a jovialidade da sua palavra.

Em certas occasiões, taes como ao chegar alguma companhia lyrica, era difficilimo obter despachos da secretaria do governo, porque o seu chefe, Dr. Luiz Maria, ficava dividido entre a obrigação e a devoção, quando o não arrebatava de todo o ensaio da opera, esse duende erguido inesperadamente na caixa do theatro. E não havia remedio senão conformarem-se as partes com a razão de força maior.

Até a imminencia de conflictos entre a plebe e a tropa de linha assumia proporções grandiosas, que attestavam o ardor varonil do caracter bahiano, como, por exemplo, quando o impavido capitão Alves, em pleno theatro, guardado pelos fuzileiros do bravo Argollo, n'um lance de civismo; atirou-se da platéa ao proscenio, com a resolução de rasgar o panno de boca, em cuja pintura se divisava offensa aos brios nacionaes. Retirado o panno, restabelecida a ordem e preso o intrepido agitador, foi elle visitado na prisão e restituido a seu domicilio por milhares de concidadãos de todas as classes.

Em quadra mais recente e ainda reflexo desses bellos tempos, sirva tambem de exemplo o embate do povo com o batalhão de infanteria commandado pelo coronel Frias Villar, que, em temerario impeto e por occasião da grande parada no dia 2 de Julho, mandou carregar baioneta sobre a gente

inerme. O sangue de algumas victimas quasi produziu uma revolução. O acontecimento complicou-se de tal modo que o batalhão teve de embarcar precipitadamente e sahir barra fóra, por ordem telegraphica do ministro da Guerra, Duque de Caxias.

O arrojado commandante viu-se em serios embaraços para subtrahir-se ao furor da turba e não perder, com a vida, todas as honras adquiridas na campanha do Paraguay.

Tempos venturosos de exemplarissimo ensinamento!

ROZENDO MONIZ. — *Moniz Barreto, o repentista.*

O mascara.

Por certo dia de Carnaval, estava eu isolado a uma mesa de café, soffrendo commigo o meu tédio, quando um homem elegante, de uma linha ingleza perfeitamente correcta, chegou-se e apertou-me muito effusivo as duas mãos.

Olhei-o fixamente. De onde vinha este homem? Quem era, para dirigir-se sem preambulos, n'aquella affabilidade tão franca?

— Mas, cavalheiro, eu disse, creio que não tenho o prazer de conhecel-o...

— Estou certo d'isso. Outro tanto acontece commigo, respondeu-me o homem, mas sem alterar a affectuosidade da expressão.

— E então?!...

— Então, como?

Eu fixei-o novamente. Seria alguma velha rela-

ção feita por terras distantes, que não me occorresse agora de prompto? Ou, quem sabe, um petulante, que me tomasse por imbecil e pretendesse collocar-me em situação ridicula? Mas nem vaga recordação me vinha d'aquelles traços. Por outro lado, eu não achava no olhar do desconhecido nenhuma d'esta ironia que ás vezes têm os tolos, quando nos julgam abatidos sob o espirito d'elles. Comtudo, accentuei :

— Parece que a não querermos passar por idiota ou fazer uma provocação, não devemos proceder por esse modo, meu amigo.

— Mas, perdão! Que significa isso, senhor.

E mostrava-se haver chocado muito com a minha frase!

Eu mudei de tom. Conclui que decididamente elle me conhecia.

— Palavra de cavalheiro, voltou o anonymo; mas por que vem isto ao caso, no dia de hoje?

Eu continuei em tom de gracejo :

— O senhor não me foi apresentado .. não manifesta estar querendo approximar-se para pilhar-me a carteira... E decidi : com certeza nos conhecemos!

— Ah! tudo isso é por falta de uma apresentação? perguntou. Devia explicar-se mais cedo! Eu não trouxe outro companheiro. Mas supponha o meu caro amigo que tenho o dom de multiplicar-me. Agora supponha que eu sou eu e mais outro. Pois bem, este outro vae preencher a formalidade E' elle quem fala : « Cavalheiro, tenho o prazer de apresentar-lhe... (Como direi? Supponhamos :) o Dr. Mancio Carvalho. Está satisfeito?

Um verdadeiro patife, aquelle! Mas eu, não sei

por que, já não me irritava com elle. Tinha uns ares tão inoffensivamente brincalhões que me ia tirando o tédio e ia communicando-me uma animação jovial.

— Eu estaria satisfeito, respondi, si por sua vez o apresentante não me fosse um desconhecido.

— E' exigir muito! E' quasi que exigir o impossivel!

— O impossivel, é boa!

— Quasi o impossivel, sim. Si o meu caro amigo sempre fizesse essa reclamação em casos identicos, bem poucas apresentações teria. Na maior parte das vezes as novas relações que fazemos nos são proporcionadas por terceiros que em ultima analyse não passam de uns desconhecidos, não é verdade? Diga-me, n'este café a quantos dos presentes conhece?

Eu apontei na multidão uns cinco ou seis.

— Mas sabe perfeitamente, interrogou-me de novo, o valor intimo e real de cada um d'esses seus conhecidos?

Eu fui comprehendendo o alcance sophistico do pensamento que tinha o meu anonymo. Mas não lhe quiz roubar o prazer de por si proprio chegar aonde queria. Respondi-lhe que não.

— Bem! Mas estes o senhor acha habilitados a apresentarem-lhe um terceiro. Não seriam n'este caso uns desconhecidos apresentando um outro? Confesse, seriam. Porque então não me ha de aceitar? Aceite, e continuemos o nosso cavaco, que a mim, pelo menos, me está divertindo.

Embora não fosse perfeito o raciocinio d'aquelle companheiro, eu não quiz atacal-o positivamente. Apenas respondi :

— Isso é verdade; mas ao menos d'esses outros eu sei o bastante para regular minhas relações com cada um d'elles.

— Perdôe-me. O que é que sabe de cada um? Informações pessimas ou contraditorias, a maior parte das vezes. Dizem-lhe que este, muito amavel, muito cavalheiro, é um desbriado, que convem evitar. Outro, correcto nas suas relações superficiaes, um gatuno de casaca, vivendo *au jour le jour* de expedientes vergonhosos. Mas a verdade é que o amigo os cumprimenta a todos, evitando-os ao mesmo tempo, e que elles correspondem cavalheirosamente, de longe, ás suas gentilezas banaes. Eu não o condemno; faz muito bem. Mas só quero que faça o mesmo commigo. Supponha que já me viu anteriormente e supponha ainda mais que teve horrendas informações a meu respeito. Porém não é verdade que nós agora estamos procurando ser agradaveis um ao outro mutuamente? Pois é o bastante. Não acha?

— O que eu acho é que o senhor tem espirito, disse eu, animando-o. Mas crê que nada mais devemos exigir dos outros do que a simples boa apparencia?

— Acho que nos devemos resignar a aceital-a, quando não ha melhor.

— E não existe cousa melhor?

— Na sociedade, não, affirmou cathegoricamente. Só os neophytos podem desconhecer isto; mas logo o aprendem, e, ou aceitam e se assimilam, ou fogem, e são os vencidos.

Olhei ao meu homem. Elle dizia estas cousas com seu ar sempre risonho, conservando a fina linha ingleza, que o distinguia sympathicamen-

— Uma cousa adoravel tudo isto, continuou. Eu aceito tudo com muita bonhomia, e é por isso que sou dos mais felizes do meu tempo. A apparencia, assentemos n'isto, é hoje em dia a unica realidade. Um individuo parece fino, parece nobre? Está preparado; aceitemol-o. Si houver outros tempos em que o preparo consista em ser nobre e em ser fino na realidade, melhor para quem vier, não é exacto? Lembremo-nos de que já houve tempos peiores, os da selvageria virginal, os do ricto feroz, em que, realidade e apparencia, ambas eram pessimas. Hypocritisar é pelo menos ter concepção do que se apparenta; o hypocrita, quando elle vem do máo, representa um passo de transição para o melhor.

— Oh meu amigo, exclamei, o senhor me está sahindo um philosopho!

— Estou? Pois não pareço um *dandy* deliciosamente banal? Então fujo!... E' difficil sustentar-se bem um papel.

— Que quer dizer? perguntei.

— Não queria dizer nada, meu carissimo amigo!

N'isto levantou-se, estendeu-me a mão effectuosamente, e despedindo-se:

— Estou ao inteiro dispôr do cavalheiro...

— Mas que é isso? interrompi. O senhor quer ser para mim um enigma ambulante? Decifre-se primeiro!

— Hoje me é permittido ser mascara, tornou. E fazendo um gesto de forte contrariedade: De mais, não insista, que eu perdi toda a verve! E' uma pena, não é verdade? Eu estava representando o meu papel menos mal...

— Que papel?

— Pois o senhor não percebeu que eu era um *gentleman*, um aceita tudo, um *comme il faut?* Mas o que me perde é isto! Eu estrago tudo no fim!

Chegando a este ponto deixou-me, caminhando largo, com ares de epileptico, e só de longe, accenando-me convulsivamente, é que eu lhe ouvi dizer :

— Adeus!

Eu fiquei sósinho, diante de um calix de *cognac*, que mandei vir depois d'isto, e aos poucos me fui mergulhando no meu tédio, de novo, pensando commigo que aquelle pobre diabo, com taes preoccupações, com certeza não passava de um triste poeta.

NESTOR VICTOR. — *Signos.*

Descripçao e sorpreza

— João Gonçalo era o que se chama um homem calado. Morreu com o segredo. Ah! se não fosse isso, nem todos os carros desta redondeza davam para carriar toda aquella riqueza! Acabava a pobreza; acabava mesmo, a daqui e dessas beiradas. Da porta delle, ninguem sahia mal satisfeito. Coitadinho! lá se foi! o que é bom não dura! Tanto cousa — ruim aqui ficou, fóra outros que por aqui andam e daqui não saem! As almas de Deus é que se vão cedo embora!

Não me lembro bem, mas deviam ser mais ou menos essas as palavras.

Era no lançante de um morro. Marchavamos com difficuldade, reparando bem onde pisavamos. O terreno, coberto de pedras soltas e roliças, por entre as quaes crescia uma vegetação enfezada, escondia traiçõeiramente fendas de abysmos, betas escuras, cujo fundo ninguem sabia o que era e donde rompiam, aos surtos, bandos estonteados de morcegos e casaes chilreantes de andorinhões.

— De vagar! de vagarinho! repare bem no chão! Buraco é muito! o lançante é forte e, lá embaixo, é o ribeirão do Inferno! — disse-me o velha capitão de mina, moreno, curto, de barba rala e grisalha, com a cabeça habitualmente — era um séstro — meio pendida sobre o hombro, os olhos sempre baixos, estriados de sangue, acostumados que eram a devassar, em luctas tremendas de iniciativa audaz ou de paciente observação, os segredos da terra avara. Abençõados e solidos 78 annos os desse velho caçador de ouro!

E fomos descendo, em direcção a um ponto que elle mostrava.

— Olhe! olhe bem! não está vendo o barranco? Não vê os pegõges de pedra?

— Sim! estou vendo!

Pois por alli passava obicame e, abaixo, uns dez passos... Ah! olhe agora... Está apparecendo, de trás daquelle páu-santo com fruita... Repare bem.

— Estou vendo!

Mas não ouvia mais nada. Perto, o boqueirão' em cujo fundo roncava o gemia o ribeirão sinistro.

Senti que me-pegavam pela abaxo casaco. Era

o capitão, que me gritava ao ouvido : — Não se chegue!

Estavam ahi as ruinas da velha ponte de pedra. Os barrancos do ribeiro, nesse passo augusto, eram duas paredes negras, altissimas, cortadas á pique na rocha viva pela accão millenaria das aguas.

Não sei que som extranho, confuso, ora magoado, ora ameaçador, murmurio e ribombo, rugido e queixume, surdia do canal escuro, cujos barrancos se inclinavam um para o outro, como por occultarem e defenderem o leito precioso do riacho. E aquelle rasgão se prolongava a perder de vista, trazendo pelo bojo afóra, com um halito frio, a confusão terrifica de sons, onde se descobriam por fim vozes humanas — dialogos, ordens breves, imprecações.

Junto da ruina da ponte, bifurcavam-se antigas estradas. A grande pedreira do barranco tinha ainda a escama lisa ás pegadas dos viandantes. Eram tão velhas as estradas, que ninguem dava mais noticia dellas; e se vestigios restavam ainda, é porque a vegetação nunca mais poude medrar naquelle terreno fragoso. Pelo boquenão abaixo, seguindo o curso do ribeiro, o aspecto era o mesmo : um tracto asperrimo, atormentado e carrasquenho, abaixando-se para o leito do riacho, até fender-se no boqueirão; ao fundo, porém, o verde-amarallento da vegetação rachitica, mosqueado pelo pardo escuro dos penhascos, cedia a um verde novo, macio, viçoso, de grupos de arvores e plantações, junto das quaes a vista percebia o umo e o telhado dos casaes.

Lá, só lá, estavam a vida e a esperança.

Mas, antes de vingar a distancia que o separava de pontozinho verde ao longe, o viandante despercebido teria tombado nos velhos sarilhos de mineração, nos fundos tanques de outros tempos, nas roturas que espiavam por toda a parte a victima, como armadilhas demoniacas adrede preparadas. E, antes de tentar alguns passos, só de permanecer alli, comprehenderia o viandante aquelles sons extranhos e terriveis, que o boqueirão canalisava e as aguas acachoadas do ribeirão do Inferno perpetuavam no seu eterno fragor; eram os gemidos de toda uma geração que penara e morrera, suppliciada pela febre do ouro, allucinada pela visão dos filões opulentos.

O velho caçador de ouro não dizia palavra. Recostado ao pegão em ruinas, de cabeça descoberta, seus olhos vermelhos, com um mixto de saudades, de terrores, de esperanças, de ameaças até escrutavam o leito do ribeirão do Inferno. Os labios moviam-se-lhe. Seria uma prece?

O olhar só deixou o fundo de ribeira para seguir tristonho pela velha estranha montante, que desapparecia, do outro lado do ribeiro, no alto, colleando por um bosque de macahubas, cujas frondes, e largas palmas ondulantes, tremulavam ao vento.

Foi alli, foi alli mesmo, por alli. Mas onde, ao certo, qual o ponto justo? Ninguem o sabia. Quem o descobriu, levou para o cova o segredo.

A imaginação do velho povoava-se de quadros de outras éras. Tragicos, sombrios, ditosos? Só elle os via bem, pelos seus olhos agora tinham uma transparencia de mocidade e triumpho.

O boqueirão profundo trazia os sons cada vez

mais claros e distinctos: era a canção tristonha de milhares de cavouqueiros negros, era o rangido do almacafre a lascar as podras, era o tropel dos lavadores, eram o som baço das bateias, o precipitar dos rochedos, alluidos penosamente, entre gemidos abafados e imprecações, a pontas de alavancas; era o passado e fragoroso desmoronar das camadas que, ao tombarem, se desfaziam em terra fina, derramando-se até ao longo como um vagalhão quebrado na praia.

Os olhos do capitão de mina dilatavam-se como por abserverem avidamente aquella resurreição das scenas do passado. Os sons, cada vez mais fortes, avolamavam-se ainda, repercutidos nos barrancos de pedra e nas paredes dos morros. Extendia-se por todo a parte o estridor da lucta; os caçadores de ouro, encarniçados, ululantes, exventravam a terra. Nas ondas da luz, nos bafejos do vento, no tremor das folhas, sentia-se uma crepitação de batalha.

Subito, o velho bracejou violentamente. Erguendo na dextra o largo chapéo de palha, como se commandasse uma investida, acenou para o espaço deserto e, cuvando-se para a boccarra negra do rasgão, gritou com vez estrangulada:

— Chega, gente! é alli! é alli mesmo! avança, rapaziada! Olha a bocca do filão! Que de ouro! que de ouro!

Affonso Arinos. — *Curo! Ouro!* Novella dos tempos da murmuração.

NARRAÇÕES

NARRAÇÕES

O pacto.

Montenegro e Velloso formaram-se no mesmo dia, na Faculdade de Direito de São Paulo. Depois da cerimonia da collação do grau, foram ambos enterrar a vida academica num restaurante, em companhia de outros collegas, e era noite fechada quando se recolheram ao quarto que, havia dois annos, occupavam juntos em casa de umas velhotas, na rua de S. José. Ahi se entregaram á recordação da sua vida escolastica, e enterneceram-se defronte um do outro, vendo aproximar-se a hora em que deviam separar-se, talvez para sempre. Montenegro era de Santa Catharina e Velloso do Rio de Janeiro; no dia seguinte aquelle partiria para Santos e este para a capital do Imperio. As malas estavam feitas.

— Talvez ainda nos encontremos, disse Montenegro. O mundo dá tantas voltas!

— Não creio, respondeu Velloso. Vais para a tua provincia, casas-te e era uma vez o Montenegro!

— Caso-me?! Ahi vens tu! Bem conheces as

minhas ideias a respeito do casamento, ideias que são, aliás, as mesmas que tu professas. Afianço-te que hei de morrer solteiro!

— Isso dizem todos...

— Velloso, tu conheces-me ha muito tempo; já deves estar farto de saber que eu quando digo, digo.

— Pois, sim, mas ha de ser difficil que em Santa Catharina te possas livrar do *conjungo vobis*. Na provincia ninguem toma a serio um advogado solteiro.

— Enganas-te. Os medicos, sim; os medicos é que devem ser casados.

— Não me engano tal. Na provincia o homem solteiro, seja qual for a posição que occupe, só é bem recebido nas casas em que haja moças casadeiras.

— Quem te metteu essa caraminhola na cabeça?

— Si fosses, como eu, para a Côrte, acredito que nunca te casasses, mas vais para o Desterro: estás aqui estás com uma ninhada de filhos! Queres fazer uma aposta?

— Como assim?

— O primeiro de nós que se casar pagará ao outro... Quanto?

— Vê tu lá.

— Deve ser uma quantia gorda!

— Um conto de réis!

— Upa! Um conto de réis não é dinheiro! E' preciso que a aposta seja de vinte contos pelos menos!

— O' Velloso, tu estás doido? Onde vamos nós arranjar vinte contos de réis?

— O diabo nos leve si aquelles canudos não nos enriquecerem!

— Está dito! Aceito! Mas olha que é serio!

— Muito serio. Vai preparando papel e tinta emquanto vou comprar duas estampilhas.

— Estampilhas?

— Sim, senhor! Eu quero o preto no branco! Ha-de ser uma obrigação reciproca, passada com todos os éfes e érres!

Velloso sahiu e logo voltou com as estampilhas.

— Senta-te, e escreve o que te vou ditar.

Montenegro sentou-se, tomou a penna, mergulhou-a no tinteiro, e disse:

— Prompto.

Eis o que o outro ditou e elle escreveu:

« Devo ao bacharel Jayme Velloso a quantia de vinte contos de réis, que lhe pagarei no dia do meu casamento, offerecendo como garantia desse pagamento, além da presente declaração, a minha palavra de honra. »

— Bom! disse Velloso sentando-se, agora eu:

« Devo ao bacharel Gustavo Montenegro a quantia de vinte contos de réis... etc. »

As declarações foram estampilhadas, datadas e assignadas, ficando cada um com a sua.

No dia seguinte Montenegro embarcava em Santos e seguia para o Sul, emquanto Velloso, arrebatado pelo trem de ferro, se approximava da Côrte.

ARTHUR AZEVEDO. — « A Divida », *Revista Brazileira.*

O Vidigal.

O som daquella voz que dissera « Abra a porta » lançára entre elles, como dissemos, o espanto e o

medo. E não foi sem razão; era ella o annuncio de um grande aperto, de que por certo não poderiam escapar. Nesse tempo ainda não estava organisada a policia da cidade, ou antes estava-o de um modo em harmonia com as tendencias e idéas da época. O major Vidigal era o rei absoluto, o arbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuia a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua immensa alçada não haviam testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; elle resumia tudo em si; a sua *justiça* era infallivel; não havia appellação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguem lhe tomava contas. Exercia emfim uma especie de inquisição policial. Entretanto, façamos-lhe justiça, dados os descontos necessarios ás idéas do tempo, em verdade não abusava elle muito de seu poder, e o empregava em certos casos muito bem empregado.

Era o Vidigal um homem alto, não muito gordo, com ares de moleirão; tinha o olhar sempre baixo, os movimentos lentos, e voz descansada e adocicada. Apezar deste aspecto de mansidão, não se encontraria por certo homem mais apto para o seu cargo, exercido pelo modo que acabamos de indicar.

Uma companhia ordinariamente de granadeiros, ás vezes de outros soldados que elle escolhia nos corpos que havia na cidade, armados todos de grossas chibatas, commandada pelo major Vidigal, fazia toda a ronda da cidade, de noite, e toda mais policia de dia. Não havia becco nem travessa, rua nem praça, onde não se tivesse pas-

sado uma façanha do Sr. major para pilhar um maroto ou dar caça a um vagabundo. A sua sagacidade era proverbial, e por isso só o seu nome incutia grande terror em todos os que não tinham a consciencia muito pura a respeito de falcatruas.

Se no meio da algazarra de um fado rigoroso, em que a decencia e os ouvidos dos vizinhos não eram muito respeitados, ouvia-se dizer « está ahi o Vidigal », mudavam-se repentinamente as scenas; serenava tudo em um momento, e a festa tomava logo um aspecto serio. Quando algum dos *patuscos* daquelle tempo (que não gozava de grande reputação de activo e trabalhador) era sorprendido de noite de capote sobre os hombros e viola a tiracolo, caminhando em busca de sucia, por uma voz branda que lhe dizia simplesmente « venha cá : onde vai? » o unico remedio que tinha era fugir, se pudesse, porque com certeza não escapava por outro meio de alguns dias de cadêa, ou pelo menos da *casa da guarda na Sé;* quando não vinha o *covado e meio as costas*, como consequencia nescessaria.

Foi por isso que os nossos magicos e a sua infeliz victima puzeram-se em debandada, mal conhecêram pela voz quem se achava com elles. Quizeram escapar-se pelos fundos da casa, porém ella estava cercada de granadeiros, em cujas mãos se viam a arma de que acima fallámos. A porta abriu-se sem resistencia, e o major Vidigal, porque era com effeito elle com os seus granadeiros, achou-os em flagrante delicto de nigromancia : estava ainda accesa a fogueira, e os mais objectos que serviam ao sacrificio.

— Oh! disse elle, por aqui dá-se fortuna...

— Sr. major, pelo amor de Deus...

— Eu tinha desejos de ver como era isso; continuem... sem ceremonia, vamos.

Os infelizes hesitaram um pouco, porém vendo que resistir seria inutil, começáram de novo as ceremonias, de que os soldados seriam, antevendo talvez qual seria o resultado. O Leonardo estava corrido de vergonha, tanto mais porque o conhecia, e procurava cobrir-se do melhor modo com a sua immunda capa. Ajoelhou-se quasi arrastado outra vez no mesmo logar; e recomeçou a dansa, a que o major assistia de braços cruzados e com ar pachorrento. Quando os sacrificadores, julgando que já tinham dansado sufficientemente, tentaram parar, o major disse brandamente:

— Continuem.

Depois de muito tempo quizeram parar de novo.

— Continuem, disse outra vez o major.

Continuáram por mais meia hora; passado esse tempo, já muito cançados, tentáram dar fim.

— Ainda não; continuem.

Continuáram por tempos esquecidos, já estavam que não podiam de estafados; o nosso Leonardo, ajoelhado ao pé da fogueira, quasi que se desfazia em suor. Afinal o major deu-se por satisfeito, mandou que parassem, e sem se alterar disse para os soldados, com a sua voz doce e pausada:

— Toca, granadeiros.

A esta voz todas as chibatas erguêram-se, e cahiram de rijo sobre as costas daquella *honesta* gente, fizeram-n'a dansar, e sem querer, ainda por algum tempo.

— Pára, disse o major depois de um bom quarto de hora.

Começou então a fazer a cada um um sermão, em que se mostrava muito sentido por têr sido obrigado a chegar áquelle excesso e que terminava sempre por esta pergunta :

— Então você em que se occupa?

Nenhum delles respondia. O major sorria-se e accrescentava com riso sardonico :

— Está bom!

Chegou a vez do Leonardo.

Pois homem você, um official de justiça, que devia dar o exemplo...

— Sr. major, respondeu elle acabrunhado, é o diabo daquella rapariga que me obriga a tudo isto : já não sei de que meios use. .

— Você ha de ficar curado! Vamos para a casa da guarda.

Com esta ultima decisão o Leonardo desesperou. Perdoaria de bom grado as chibatadas que levára, comtanto que ellas ficassem em segredo; mas ir para a casa da guarda, e della talvez para a cadêa... isso é que elle não podia tolerar. Rogou ao major que o poupasse; o major foi inflexivel. Desfez então a vergonha em pragas á maldicta cigana que tanto o fazia soffrer.

A casa da guarda era no largo da Sé; era uma especie de deposito onde se guardavam os presso que se faziam de noite, para se lhes dar depois conveniente destino. Já se sabe que os amigos de novidades iam por alli de manhã e sabiam com facilidade tudo que se tinha passado na noite antecedente.

Ahi esteve o Leonardo o resto da noite e grande parte da manhã, exposto á vistoria dos curiosos. Por infelicidade sua passou por acaso um collega,

e vendo-o entrou para fallar-lhe, isto quer dizer que dahi a pouco toda a illustre corporação dos meirinhos da cidade sabia do occorrido com o Leonardo, e já se preparava para dar-lhe uma solemne pateada quando o negocio mudou de aspecto e o Leonardo foi mandado para a cadêa.

Apparentemente os companheiros mostráram-se sentidos, porém secretamente não deixaram de estimar o contratempo porque o Leonardo era muito afreguezado, e em quanto estava elle preso as partes os procuravam.

MANOEL DE ALMEIDA. — *Memorias de um sargento de Milicias.*

A dansa dos ossos.

Um dia, ha de haver cousa de dez annos, eu tinha ido no campo, em casa de um meu compadre que mora d'aqui a tres leguas.

Era uma sexta-feira, ainda me lembro, como se fosse hoje.

Quando montei no meu burro para vir-me embora, já o sol estava baixinho; quando cheguei na matta, já estava escuro; fazia um luar manhoso, que ainda atrapalhava mais a vista da gente.

Já eu ia entrando na matta, quando me lembrei que era sexta-feira. Meu coração deu uma pancada e a modo que estava me pedindo que não fosse para diante Mas fiquei com vergonha de voltar. Pois um homem, já de idade como eu, que desde criança estou acostumado a varar por esses mattos a toda hora do dia ou da noite, hei-de agora ter medo? de que?

Encommendei-me de todo o coração á Nossa Senhora da Abbadia, tomei um bom trago na guampa que trazia sortida na garupa, joguei uma masca de fumo na boca, e toquei o burro para diante. Fui andando, mas sempre cismado; todas as historias que eu tinha ouvido contar da cova de Joaquim Paulista, estavam-se me representando na idéa : e ainda, por meus peccados, o diabo do burro não sei o que tinha nas tripas, que estava a refugar e a passarinhar n'uma toada.

Mas, a poder de esporas, sempre vim varando. A' proporção que ia chegando perto do logar onde está a sepultura, meu coração ia ficando pequenino. Tomei mais um trago, rezei o creio em Deus Padre, e toquei para diante. No momento mesmo em que eu ia passar pela sepultura, que eu queria passar de galope e voando se fôsse possivel, ahi é que o diabo do burro dos meus peccados empaca de uma vez, que não houve força de esporas que o fizesse mover.

Eu já estava decidido a me apear, largar no meio do caminho burro com sella e tudo, e correr para a casa; mas não tive tempo. O que eu vi, talvez Vm. não acredite; mas eu vi, como estou vendo este fogo : vi com estes olhos, que a terra ha-de comer, como comeu os do pobre Joaquim Paulista... mas os delle nem foi a terra que comeu, coitado! forão os urubús, e os bichos do matto. Dessa feita acabei de acreditar que ninguem morre de medo; se morresse, eu lá estaria até hoje fazendo companhia ao Joaquim Paulista. Cruz!... Ave-Maria!...

Aqui o velho fincou os cotovelos nos joelhos, escondeu a cabeça entre as mãos e pareceu-me

que resmungou uma Ave-Maria. Depois acendeu o cachimbo, e continuou:

— Vm. se reparasse, havia de vêr que ahi o matto faz uma pequena aberta da banda, em que está a sepultura do Joaquim Paulista.

A lua batia de chapa na areia branca do meio da estrada. Emquanto eu estou esporeando com toda a força a barriga do burro, salta lá, no meio do caminho, uma cambada de ossinhos brancos, pulando, esbarrando uns nos outros, e estalando n'uma toada certa, como gente que está dansando ao toque de viola. Depois, de todos os lados, vieram vindo outros ossos maiores, saltando e dansando da mesma maneira.

Por fim de contas, veiu vindo lá, de dentro da sepultura, uma caveira branca como papel, e com os olhos de fogo; e dando pulos como sapo, foi-se chegando para o meio da roda. D'ahi começam aquelles ossos todos a dansar em roda da caveira, que estava quieta no meio, dando de vez em quando, pulos no ar, e cahindo no mesmo logar, emquanto os ossos giravam n'um corrupio, estalando uns nos outros, como fogo da queimada, quando pega forte n'um sapezal.

Eu bem queria fugir, mas não podia; meu corpo estava como estatua, meus olhos estavam pregados naquella dansa dos ossos, como sapo quando encherga cobra; meu cabello, enroscado como Vm. está vendo, ficou em pé como espetos.

D'ahi a pouco os ossinhos mais miudos, dansando, dansando sempre e batendo uns nos outros, foram-se ajuntando e formando dous pés de defunto.

Esses pés não ficam quietos, não; e começam a

sapatear com os outros ossos n'uma roda viva. Agora são os ossos das canelas, que lá vem saltando atrás dos pés, e de um pulo, traz!... se encaixam em cima dos pés. D'ahi a um nada vem os ossos das coixas, dansando em roda das canelas, até que, tambem de um pulo, foram-se encaixar direitinho nas juntas dos joelhos. Toca agora as duas pernas que já estão promptas a dansar com os outros ossos.

Os ossos dos quadris, as costellas, os braços, todos esses ossos que ainda agora saltavam espalhados no caminho, a dansar, a dansar, foram pouco a pouco se ajuntando e embutindo uns nos outros, até que o esqueleto se apresentou inteiro, faltando só a cabeça. Pensei que nada mais teria que vêr; mas ainda me faltava o mais feio. O esqueleto pega na caveira e começa a fazel-a rolar pela estrada, e a fazer mil artes e piroetas; depois entra a jogar peteca com ella, e a atiral-a pelos ares mais alto, mais alto, até o ponto de fazel-a sumir-se lá pelas nuvens; a caveira gemia zunindo pelos ares, e vinha estalar nos ossos da mão do esqueleto, como uma espoleta que rebenta. Afinal o esqueleto escanchou as pernas e os braços, tomando toda a largura do caminho, e esperou a cabeça, que veiu cahir direito no meio dos hombros, como uma cabaça ouca que se rebenta em uma pedra, e olhando para mim com os olhos de fogo!...

A! meu amo!... eu não sei o que era feito de mim!... eu estava sem folego, com a boca aberta, querendo gritar e sem poder, com os cabellos espetados; meu coração não batia, meus olhos não pestanejavam. O meu burro mesmo estava a tre-

mer e encolhia-se todo, como quem queria sumir-se debaixo da terra. Oh! se eu pudesse fugir naquella hora, eu fugia ainda que tivesse de entrar pela goela de um succury a dentro.

Mas ainda não contei tudo. O maldito esqueleto do inferno — Deus me perdõe! — não tendo mais nem um ossinho com quem dansar, assentou de divertir-se commigo, que ali estava sem pinga de sangue, e mais morto do que vivo, e começa a dansar defronte de mim, como essas figurinhas de papelão que as crianças, com uma cordinha, fazem dar de mão e de pernas; vae-se chegando cada vez mais para perto, dá trez voltas em roda de mim, dansando e estalando as ossadas, e por fim de contas, de um pulo, encaixa-se na minha garupa...

Eu não vi mais nada depois; fiquei atordoado. Pareceu-me que o burro sahiu commigo e com o maldito phantasma, zunindo pelos ares, e nos arrebatava por cima das mais altas arvores.

Valha-me Nossa Senhora da Abbadia e todos os santos da côrte celeste! gritava eu dentro do coração, porque a boca essa nem podia piar. Era atôa; desacorçoei, e pensando que ia por esses ares nas unhas de Satanaz, esperava a cada instante ir estourar nos infernos. Meus olhos se cobriram de uma nuvem de fogo, minha cabeça começou a andar a roda, e não sei mais o que foi feito de mim.

Quando dei accordo de mim, foi no outro dia, na minha cama a sol alto.

Quando a minha velha, de manhã cedo, foi abrir a porta, me encontrou no terreiro, estendido no chão, desacordado, e o burro sellado perto de mim.

A porteira da manga estava fechada; como é que esse burro pôde entrar commigo para dentro, é que não sei. Portanto ninguem me tira da cabeça que o burro veiu commigo pelos ares.

Acordei com o corpo todo moido, e com os miolos me pesando como se fossem de chumbo, e sempre com aquelle maldito estalar de ossos nos ouvidos, que me perseguiu por mais de um mez.

Mandei dizer duas missas pela alma de Joaquim Paulista, e jurei que nunca mais havia de pôr meus pés fóra de casa em dia de sexta-feira.

BERNARDO GUIMARÃES. — *Lendas e Romances.*

Velhos sem dono.

Sempre que os encontro, isolados, silentes, meditabundos, entra commigo uma grande tristeza, sempre que os encontro, — os pobres velhos sem dono.

Pallidos, pallidos, a barba mal tratada, polluida a brancura sagrada pelo baforar do fumo ou pela immundicie do rapé, a alma a boiar-lhes morta nos olhos, como um cadaver que a onda marinha recalcitra em lançar á praia, e na face devastada essa tristesa morna, produzida pela ausencia do beijo.

Sinto o coração tiritante de frio sempre que encontro um d'esses velhos.

—

Ora é num banco perdido de jardim publico. Passam casaes arrulhantes de noivos, mal tocando a terra com os pés aligeros, mãos nas mãos, olhos nos olhos, alma na alma; passam bandos

garrulos e frescos de crianças, todas de branco, as roupinhas perfumadas de rosas, as faces perfumadas de amor; passam velhos casaes pacificos, acompanhando os ranchos buliçosos dos filhos; passa o operario que volta da officina para o lar, em que o espera a sopa gorda e quente, feita pela mulher, que os filhos atrapalham com suas travessuras; passam todos deante os olhos baços e frios do coitado — olhos em que a alma lhe boia morta, morta!

E elle, que não tem mulher, nem filhos, cujo habitaculo é frio e silencioso como um tumulo, demora-se na pedra do banco, esquece até o cansado corpo e vae matando o tempo a arabescar na areia as suas scismas solitarias com a ponteira da bengala, ou a chupar o cigarro.

Depois, quando a noite vae adeantada, os lampeões toscanejam como olhos amarellos de mochos, e o jardim vae ficando ermo, levanta-se, e, tardo, pesado, vae arrastando o corpo, sem força, sem vontade e sem destino.

Outras vezes é na porta de uma venda, de um botequim, de um antro qualquer. Elle está encostado ao humbral, a velha roupa rafada e cebosa, o chapéo deformado, as mãos vadias, o olhar incerto. De quando em quando entra e engorgita um cópinho de alcool.

Da vida, que borbota e róla rumorejante em ondas de povo aos seus olhos, da vida nada o interessa. São rebanhos de homens que trotam tumultuosamente para os seus destinos implacaveis. Fórmas que passam; mais nada. Não vae ali ninguem que o ame, que tenha o seu sangue, que alguma cousa lhe seja.

Que passem, que se exterminem, que vivam ou que morram; tudo é o mesmo para o velho, para o pobre velho sem dono.

Não são de ninguem, esses desgraçados. Ah! sempre que os vejo, um frio me vara o coração como um punhal de lamina gelada.

Sinto uma impressão indefinivel de piedade e de horror.

Chegar ao termo extremo da vida e não ter um affecto! Viver sósinho num quarto de estalagem, numas aguas furtadas, entre quatro paredes frias, sem um beijo de filho sobre a face lavrada pelos desgostos e pelos annos, sem uma palavra risonha e consolante de companheira, sem um chalrar de netos trepados ás pernas, batendo com as mãosinhas nas faces do *vovó;* sentir-se só — só! no meio de milhares de pessoas, naufrago sem salvação, votado á morte lugubre do afundamento silencioso e longo no pélago... Que horrivel, que miserando fim!

—

Que se passará nas almas d'esses desventurados?

Fatigados de viver, sem mais o engodo balsamico da esperança — que esperariam, no occaso da vida? — achacados e combatidos por todos os males da velhice, sem forças, nem animo, nem vontade para sahir ainda mundo em fóra á caça da felicidade, suas almas precisam do calor macio de um affecto puro, do apoio robusto de um braço, em que sintam pulsar o seu sangue, do affago de uma voz amiga...

E nada têm de tudo isso que a sua velhice exige e reclama.

Estão sós no mundo. Sós !

São restos de homens, destroços ultimos de familias extinctas, disseminados aos ventos da sorte ou perdidos no oceano intermino da vida.

Para que viveram tanto? Que lhes resta, senão morrer ?

Quando se chega a velho, a essa segunda infancia do homem, só se vive de amor, como a criança de leite.

Precisam de uma atmosphera de carinho as almas velhas, para não morrerem de frio.

—

A mim consterna-me o horrorisa-me esse espectaculo de velhos sem lar e sem familia, a vagar como fantasmas pelas ruas, prostituindo a sua venerabilidade nos logares publicos, a horas intimas, em que cantam os corações ; e é quando os contemplo assim que vejo claro a cruesa brutal e fria da sorte, como uma vingança mysteriosa de Deus irado.

São como cães sem dono, vadios e famintos ; e famintos são, e da peior das fomes — a de amor.

Vão de esquina a esquina, de porta em porta, esmolando um carinho com os olhos tristissimos, que nem chorar já sabem ; e por elles passam esposas, mães, filhos, netos... e ninguem lhes dá esmola, ninguem !

Oh ! miseros, miseros !

Um dia, emfim, a doce e piedosa morte os extingue no seu isolamento sinistro, sobre um catre de hospital ou de mansarda, sem ouvirem choro, nem preces, esquecidos e sós, na medonha paz do absoluto abandono.

E no dia seguinte vão sósinhos para a cova, — sósinhos sempre! — sem deixarem uma saudade na terra!

—

Oh! velhinhos sem dono, quando vos vejo as cãs desveneradas pela indifferença de todos, quando vos vejo vagando sem destino, arrastando os trapos de carne e de alma, que vos deixaram o tempo e a dôr, pelo pó das calçadas, pela abjecção das tavernas, nas horas intimas e doces em que os filhos affagam as barbas brancas dos paes e os netos trepam aos joelhos tremulos dos avós, tenho tanta pena de vós, o meu olhar é tão terno e tão commovido, que é impossivel não recebaes nelle um fugaz lampejo d'esse olhar de que precisa a vossa vida para não se extinguir injuriada pelo desamor dos homens!

VALENTIM MAGALHÃES. — *Bric-a-brac.*

Em palestra.

No correr do jantar, em que, desde principio, pairou certo constrangimento, máu grado a loquela de D. Helena, tocou Eduardo Glerk mui discretamente nas suas viagens e, com mais desafogo, nas ultimas novidades da Europa, a guerra greco-turca, o processo Dreyfus e o possivel, senão imminente então, rompimento entre a Hespanha e os Estados-Unidos.

Todos os seus votos eram por aquella valorosa nação, forçada a tão desegual lucta pela arrogancia *yankee*, que calculava levar tudo de vencida, logo ao primeiro arranco.

Tal, porém, não havia de succeder, tinha por certo; pois devia-se contar com o indomavel valor de um povo, cujas tradições, em todos os sentidos e campos da acção humana, o cercavam dos raios da gloria.

Ainda uma vez, a Hespanha não mentiria ao seu passado, travado sem duvida de erros e até crimes, mas tambem de immensos soffrimentos e estrondosos triumphos; podia ser vencida, provavelmente o seria, mas só esmagada, sem mais recurso possivel de resistencia, cederia, dando mais uma nobre lição á humanidade.

E para o Brazil, como para todos os paizes americanos, via elle gravissimo perigo na victoria dos Estados-Unidos, que se affirmaria pelo pan-americanismo a alastrar por todo o novo continente, do Mexico para baixo, isto é a subserviencia da America inteira e a sua nullificação ante o colosso do norte. Não sobreviessem inesperados incidentes, que ninguem póde contar sempre com a logica, e essa consequencia era deducção natural das premissas estabelecidas.

— E que ouvira de novo, de muito novo, em musica? perguntou Lucinda, deslocando a direcção da conversa.

Grande preponderancia do wagnerismo, ainda que já provocando forte reacção. Não gostára das producções de Bruneau, em que havia, comtudo, muito talento. Wagner, porém, no seu entender e fraco, porquanto não passava de simples amador, não era dos que formam escola. Parecia-se nisso com Emilio Zola. Muitos tentavam seguir-lhe as pisadas, mas, por fim, naufragavam. Nessas duas mentalidades, em espheras tão diversas, achava

exageradas asperezas e violenta exuberancia, que só podiam ser resgatadas por uma possança de creação assombrosa.

VISCONDE DE TAUNAY. — *No Declinio.*

Attracção do mundo.

Nesses annos de mocidade a que me estou referindo, a politica era, de certo, para mim uma forte excitação; em qualquer scena do mundo o lance politico interessava-me, prendia-me, agitava-me; por isso mesmo, eu não era, nunca fui, o que se chama verdadeiramente um politico, um espirito capaz de viver na pequena politica e de dar ahi o que tem de melhor. Em minha vida vivi muito da Politica, com P grande, isto é, da politica que é historia, e ainda hoje vivo, é certo que muito menos. Mas para a politica propriamente dita, que é a local, a do paiz, a dos partidos, tenho esta dupla incapacidade: não só um mundo de coisas me parece superior a ella, como tambem minha curiosidade, o meu interesse, vae sempre para o ponto onde a acção do drama contemporaneo universal é mais complicada ou mais intensa.

Sou antes um espectador do meu seculo do que do meu paiz; a peça é para mim a civilisação, e se está representando em todos os theatros da humanidade, ligados hoje pelo telegrapho. Uma affeição maior, um interesse mais proximo, uma ligação mais intima, faz com que a scena, quando se passa no Brasil, tenha para mim importancia especial, mas isto não se confunde com a pura emoção intellectual; é um prazer ou uma dôr, por

assim dizer domestica, que interessa o coração; não é um grande espectaculo, que prende e domina a intelligencia. A abolição no Brasil me interessou mais do que todos os outros factos ou séries de factos de que fui contemporaneo; a expulsão do Imperador me abalou mais profundamente do que todas as quedas de thronos ou catastrophes nacionaes que acompanhei de longe; por ultimo, não experimentei nenhuma sensação tão cheia, tão prolongada, tão viva, durante mezes ininterrompidos, como durante a ultima revolta, quando se ouvia o canhão da guerra civil no mar e o silencio ainda peior do terror em terra. Em tudo isto, porém, ha muito pouca politica; nesses tres quadros, por exemplo, a politica suspende-se; o que ha é o drama humano universal de que fallei, transportado para nossa terra. Não se poderia dizer isto da lucta dos partidos, nem do que, exclusivamente, é considerado *politica* pelo profissionaes. Esta é uma absorpção como a de qualquer habito, circumscreve a curiosidade a um campo visual restricto: é uma especie de occlusão das palpebras. Esse gozo especial do politico na lucta dos partidos não o conheci; procurei na politica o lado moral, imaginei-a uma especie de cavallaria moderna, a cavallaria andante dos principios e das reformas; tive nella emoções de tribuna, por vezes de popularidade, mas não passei d'ahi: do limiar; nunca o officialismo me tentou, nunca a sua deleitação me foi revelada; nunca renunciei a imaginação, a curiosidade, o dilettantismo, para prestar siquer os primeiros votos de obediencia; só vi de muito longe o véo jacintho e purpura do Sanctum Sanctorum, — (tão de longe, que me pa-

receu um velho reposteiro verde e amarello), — por traz do qual o Presidente do Conselho contemplava sósinho face a face a magestade do poder moderador.

Isto quer dizer que a minha ambição foi toda em politica de ordem puramente intellectual, como a do orador, do poeta, do escriptor, do reformador. Não ha, sem duvida, ambição mais alta do que a do estadista, e eu não pensaria em reduzir os homens eminentes que merecem aquelle nome em nossa politica ao papel de politicos de profissão; mas para ser um homem de governo é indispensavel fixar, limitar, encerrar a imaginação nas coisas do paiz e ser capaz de partilhar, si não das paixões, de certo dos preconceitos dos partidos, ter com elles a mais perfeita communhão de vida, *individuæ vitæ consuetuoinem*. Assim, quando eu tivesse, que não tive, as qualidades precisas, estava impedido para a politica pela incompressibilidade do meu interesse humano. Politicamente, receio ter nascido cosmopolita. Não me seria possivel reduzir as minhas faculdades ao serviço de uma religião local, renunciar a qualidade que ellas têm de voltar-se espontaneamente para fóra.

JOAQUIM NABUCO. — *A minha formação.*

A vindicta.

Francisco aproximou-se do rapaz, bateu-lhe no hombro e perguntou-lhe a causa do seu enleio.

— Vosmecê não viu suspenso na gamelleira do caminho o cabra que matou o porco de sinhá Joaquina? tornou elle.

— Vi, sim. Sabes quem era? Leonardo, sobrinho de Gonçalo Ferreira. Quem foi que lhe fez aquella crueldade? Coitado! Por um pouquinho não morreu.

— Pois eu estava agora mesmo pensando em ir acabar de matar aquelle ladrão, aquelle assassino.

— Quem? Tu, Lourenço?

— Eu mesmo, sim senhor.

— Não digas isto. Estás já um homem e deves pensar melhor. Até onde quererás levar o teu máo natural?

— Mas então eu não devia ter feito o que fiz? O ladrão não botou portas abaixo, não poz fogo nos cannaviaes e nas casas dos outros, não tirou o que não era seu?

— Fez tudo isso, mas tu não és juiz, não és Deus para julgar os homens.

— Eu pensei — replicou o rapaz com ironia — que qualquer homem podia por suas mãos vingar-se de um malfazejo, matar um malvado que tivesse tirado a vida a muita gente.

— Estás enganado. Nem eu te quero para palmatoria ou espada do mundo. Sabes o que fiz quando vi o pobre gemendo e esperneando pendurado sem saber o que fazer para soltar-se? Subime ao páo, cortei as cordas e disse a Leonardo que corresse, que fugisse para não cahir no poder dos soldados do ajudante-de-tenente. Foge dessas maldades, Lourenço, foge dellas. Deus não hade permittir, por esta hora, em que estou falando, que pratiques ainda acções como essa. Olha. Eu te quero para bom, e não para máo. Quero-te para servires de arrimo aos teus na velhice. Quero-te

para casares com esta pobre menina, que hoje mais do que nunca precisa de quem olhe por ella, e que está morrendo de te querer bem.

E indicou a filha de Victorino.

Lourenço que tivera os olhos postos no chão durante todo o tempo em que Francisco discorria com tão boa moral, levou-os á cova, a Marianinha, ao Crucificado, ao templo — morada de Deus, seja o templo catholico, judaico, chinez ou arabe — e não disse nada.

Marianinha cruzou os della, ainda rasos de lagrimas, com os do rapaz, e enrubeceu.

Mais córada não se mostra fresca rosa de maio, aljofrada pelo orvalho da madrugada.

FRANKLIN TAVORA. — *O Matuto.*

Cabeça e Coração (1).

(ESBOÇO PSYCHOLOGICO)

I

— Repare, Bettina, na pungente differença de idade que se interpõe entre nós e dolorosamente nos separa um do outro. Nada de illusões de ambos os lados. Eu poderia ser, não já seu pae, mas até seu avô. Veja como a mão do tempo me pesou sobre a pensadora cabeça, o contraste dos meus cabellos brancos com a sua cabelleira negra, exu-

(1) Foi este conto resposta á carta de um amigo já fallecido que, aos 60 annos, pediu a minha opinião sobre um casamento desproporcionado, que afinal realisou. (*Nota do Autor.*)

berante de explendor e seiva, verdadeiro diadema da mocidade. Como querer unir as sofregas impaciencias dos primeiros anhelos da primavera á meditada calma dos ultimos dias do outono? O presente não responde pelo futuro. Mil cousas imprevistas nos esperão nos muitos meandros da existencia. Por mais que a razão prepondere, por mais que busque guiar-nos e conduzir com segurança, cumpre contar sempre com as surpresas do destino. A vida é rio mysterioso em que não ha piloto, por mais prudente e experimentado que seja, capaz de prever todos os perigos e fataes correntezas, para lá da breve curva que o olhar alcança... E quer Você que eu me constitua a causa da perda de muitas illusões suas, preciosas, repassadas de encanto e sonhos, quando o viver se abre ante os seus passos tão cheio de esperanças, promessas e alegrias? De orgulho se entumesce, de certo, o meu peito por conhecer hoje, tão de perto, a intensidade do affecto que a sua generosidade me dedica; mas urge que eu saiba resistir ao seu arrastamento... e ao meu, tambem. Eu desposal-a? Um velho, para assim dizer, chegado quasi aos sessenta annos! Prendel-a a mim, formosa, cobiçada por tantos, rica, seductora? Fôra loucura de ambos... E que diria o mundo?

— Que me importa o mundo? replicou arrebatada a bella e nevrotica donzella após curto silencio. Não lhe incumbe, a elle, preparar-me a felicidade que a sorte complascente me indica e que devo alcançar por mim mesma. Muito tenho pensado, muito perscrutado nos recessos mais intimos da minha alma e no fim acho que, de todas as homenagens, reaes ou fingidas, prestadas pelos homens

só me fica a lembrança viva, suave, profunda, da sua superioridade, Antenor, sobre todos. Conheci-o sempre tão differente dos mais! Sinto que a minha vida, sem a sua presença, o seu contacto, o seu apoio terno e varonil, de infinda e vibrante meiguice, se me tornará tão vazia, tãoôca, esteril e pesada que só essa possibilidade me incute lethal tristeza, desalento enorme até ao fundo do coração. Que sentimento senão o da verdade me leva a falar-lhe assim? Bem sabe, comsigo não guardo segredos. Não poucos ambicionam a minha mão, desde aquelles que só têm por si a banalidade da juventude, até aos que buscam deslumbrar-me com as posições e honras conseguidas. Todos me têm falado de amor; só o Sr. conservou a originalidade do silencio, embóra ha muito reconhecesse eu que, no intimo, não era, não podia ser-lhe indifferente...

VISCONDE DE TAUNAY. — *Ao Entardecer.*

O Zambi.

O Zambi estava, como de costume, recostado no seu giráo, coberto até a cintura com uma colcha grosseira de algodão, tomando uma tigella de caldo de mão de vacca misturado com vinho do Porto, para conciliar o somno. Nessa occasião, porém, em vez dos dous ajudantes, estava assentada a seus pés uma preta curta e gorda, com a figura de um odre, já não muito nova, de olhos graúdos e esbugalhados, e por entre cujos beiços

trombudos e revirados, sempre entre-abertos, alvejavam dentes agudos e salientes como os do cão. Esta hedionda figura era a companheira fiel, a sultana favorita do illustre e poderoso chefe Joaquim Cassange, cujo gosto neste particular parece que não era dos mais apurados.

Emquanto o Zambi tomava caldo, a okaia favorita caximbava e cochilava. Estavam nesta interessante situação quando chegou Matheos, tendo a um lado Anselmo e ao outro Florinda, os quaes segurava pelo braço, e escoltado por mais dous companheiros.

— Licença, Zambi!...

— Entra, malungo, com Deus e Nossa Senhora do Rosario.

Matheos avançou com seus dous prisioneiros, e inclinou-se profundamente diante do Zambi.

— Então, que diabo é isto, rapaz? gritou este. Que gente é essa, que você vem trazendo?... é branco?...

— Não, Zambi; é mulato. Esta é minha mulher que eu venho apresentar a Zambi, e pedir licença para ficar commigo no quilombo.

— Huuum! resmungou Cassange; está direito; e esse outro quem é?...

— Este, Zambi, não é mais do que pescoço para corda, carne para urubú.

— Olha bem, paizinho! queira Deus isso tudo não seja corda para teu pescoço. Você não está principiando bem sua vida aqui, não, pae. Ora pois! eu gosto que minha gente me traga carne, toucinho, farinha, sal, vinho, tudo que se come e que se bebe, e ouro, muito ouro; está entendendo, pae Matheos?... e você em vez de trazer cousa que

se jogue na boca, traz boca para comer? isso assim não vai bem.

— Perdão, Zambi; este mulato nós o agarramos aqui perto; vinha espiando nós para achar nosso quilombo, e ir dar parte ao Manganga de Villa-Rica.

— Deveras, capixaba?... você teve atrevimento assim? Pois olha, ali em baixo tem um buraco, onde você ha de ver a onda de mais de vinte, que como tu tiveram o desaforo de querer tomar a altura de nossa moradia. Mas como você quer, amanhã hei de te mostrar tudo, mas tambem você não ha de ter mais olho para ver, nem lingua para falar mais nada.

BERNARDO GUIMARÃES. — *Lendas e Romances.*

O assassino.

Tinhamos acabado do jantar e corria como sempre a recreação, que precedia a hora da gymnastica.

Das bandas da copa, ordinariamente socegada, chegou-nos um rumor de algazarra. Era estranho. O alarido cresceu; uma altercação violenta; depois fragor de lucta, o estrondo de uma mesa tombando. Depois gritos de soccorro; mais gritos; a voz de Aristarcho aguda, dando ordens como em combate. Estavamos attonitos.

De repente vimos assomar á porta que dominava o pateo sobre a escada de portaria, um homem, coberto de sangue. Um grito de horror escapou a todos. O homem precipitou-se em dois pulos par

o recreio. Trazia um ferro na mão gottejando vermelho, faca de lamina estreita ou punhal.

« Matou! matou! gritavam da copa; pega o assassino! »

Sobre os passos do fugitivo vinham diversas pessoas. João Nunes, gordinho, livido e tremulo, ao descer a escada, rolou, partindo os oculos na pedra.

Aristarcho, a uma janella, bem certo da inviolabilidade pessoal, ao peitoril, desenvolvia uma energia sem limites, mandando pegar o homem da faca. Os inspectores do recreio tinham azulado. Os rapazes berravam como loucos.

Inesperadamente, reapparece o Sylvino, muito branco, com as soiças mais pretas, pelo contraste do medo :

« Esperem! esperem! » dizia convulso, como quem traz na algibeira um expediente salvador. Esperem. Exactamente no meio do pateo abriu as immensas pernas de Rhodes (1) magro, e levou á bocca um apito.

Infelizmente, com a força do sopro, engasgou-se o assobio, depois de dois chilros falhos.

Cercado pelos criados que o perseguiam com trancas e cacetes, o homem da faca, cuja intenção era escapulir para o jardim, encostou-se a uma parede. « Deixem-me passar, que mato mais um », rosnava, com a physionomia faiscante. « Caminho

(1) Havia, antigamente, na ilha de Rhodes (Mediterraneo), povoada pelos antigos gregos, uma estatua colossal, de Apollo, a qual servia de pharol á entrada do porto. Era uma das sete maravilhas do mundo; e tão grande era, que os navios entravam no porto passando-lhe por baixo das pernas.

para mim! » repetia agitando o ferro num fremito de cascaveis.

Alguns moços destemidos tinham-se avisinhado e completavam o imprudente cerco.

« Abre! » rugiu praguejando o criminoso acuado. E, de um salto de féra, arremessou-se contra os sitiantes, brandindo a faca.

Com a milagrosa destreza do instincto de conservação, cada um safou-se como pôde; o perseguido passou como um tiro. « Fugiu! » clamavam de todos os lados.

Quando o vimos cahir de bruços.

Era Bento Alves!... Com uma das mãos, o bravo collega opprimia a cara do sujeito contra o solo, ralando-o na areia, com a outra, por um prodigio de vigor, immobilisava-lhe o braço armado. Com o esquerdo livre, o criminoso firmava tentando erguer-se. Esmagava-o a pressão de um monolitho.

Quando foram em auxilio, já o Bento Alves desarmara o adversario, coagido por meio da tenaz dos dedos com que lhe ferrava o congote.

De toda parte, acclamavam-no heroe. A' janella, de longe, Aristarcho, enthusiasmado, esquecia o divino aprumo e bracejava como um moinho de vento, sem conseguir dar voz á emoção.

RAUL POMPÉA. — *O Atheneu.*

Aquelle mulatinho!

— A estatua de Gonçalves dias foi feita por meio de uma subscripção popular, aberta na provincia por iniciativa de um amigo intimo do poeta.

— Bem sei.

— Quando ficou prompta a estatua, não havia mais dinheiro, e era ainda preciso algum, não pouco, para as despezas complementares de transporte, collocação, etc.

— Nessas occasiões as despezas excedem sempre os orçamentos.

— Nessas e em todas as outras. Nem os orçamentos se fizeram para outra coisa senão para serem excedidos.

— Vamos adiante.

— Felizmente um velho e honrado capitalista, que morava no largo dos Remedios — o largo em que devia ser collocada a estatua — offereceu a somma que faltava.

— Capitalista providencial!

— O largo dos Remedios acha-se numa pequena eminencia, ás margens do poetico Anil. De um lado é bordado por uma fileira de predios — entre estes o do nosso capitalista — e do outro por uma muralha que dá para o rio, ou antes, para o mar, pois o Anil vai desaguar no Oceano.

— Mas onde está o caso engraçado?

— O caso engraçado consiste em que o capitalista ficou furioso quando soube que a figura do poeta ia ser collocada de frente para o mar. — Que! bradou elle; pois eu dou tantos contos de réis para a estatua, e a estatua volta-me as costas!

— Ora essa!

— Tentaram convencel-o de que assim é que estava direito: o poeta devia olhar para o grande elemento que cantára em versos magnificos, e no qual tivera um tumulo digno da sua estatura moral...

— Mas o capitalista aposto que não se convenceu.

— Qual convenceu qual nada! — O Gonçalves Dias, vociferava elle, deve olhar para a terra que tem palmeiras onde canta o sabiá e não para o Oceano que traiçoeiramente o tragou! — E o grande caso é que essa consideração calou no espirito da commissão respectiva, e organizou-se uma especie de plebiscito. Toda a gente era convidada a dizer se o poeta devia ficar voltado para o mar ou para a terra.

— Com effeito!

— Um individuo aprestou muito a serio a idéa de se applicar á estatua um rodizio, como nos pharóes. É o meio, dizia elle, de contentar a toda a gente.

— Essa idéa do rodizio seria aproveitavel na estatua de um politico, não na de um poeta... observou a minha espirituosa amiga com a sua graça habitual; e perguntou em seguida:

— Mas em que ficaram? Gonçalves Dias para que lado olha?

— Gonçalves Dias olha para o mar, minha senhora. O capitalista foi vencido.

— Coitado!

— Mas elle vingava-se descompondo o poeta. A' tardinha, quando ia para a janela gozar as doces brizas do Anil, olhava para a estatua, arregaçava os labios num sorriso escarninho, sacudia a cabeça e dizia entre dentes: — Dar-me as costas aquelle mulatinho, a mim, que o conheci deste tamanho, quando o pae o mandou para Coimbra!

ARTHUR AZEVEDO. — *Contos Ephemeros.*

Um noivo.

Meu Deus, como eu, que aliás ainda não tinha então descoberto a terrivel lei da incompatibilidade do amor physico com o amor moral, me sentia já anciosa e apprehensiva, pensando no casamento de Palmyra! Aquelle rapaz, mesmo rigorosamente dirigido por mim, faria com effeito a felicidade de minha filha?... Amal-a-ia devéras? Seria elle com effeito um bom moço, ou teria conseguido enganar-nos, com os seus gestos de joven athleta civilisado e com os seus claros sorrisos de mocidade olympica? Oh! tambem só nisto punha eu todo o meu empenho — em que elle não nos illudisse; pois, quanto ao facto da sua pobreza e da sua modesta procedencia, longe de fazer-lhe carga, dava-lhe até boas vantagens ao meu ver. Minha filha e eu eramos bastante ricas, para não precisarmos perturbar o plano da felicidade della, e minha, com mais esses frios interesses de dinheiro.

Que era elle um bello exemplar de homem, isso é o que ninguem poria em duvida, e isso valia bem pelo dote pecuniario de Palmyra; pelo outro, ainda mais bonito que ella trazia em pureza, innocencia e formosura, valeria a boa vontade com que o noivo acceitasse as estreitas e rigorosas condições, que eu lhe ia impôr ao casamento. E nesta ultima parte estava o ponto mais delicado da questão; para realizal-a, sem futuros prejuizos dos meus planos de absoluto dominio sobre elles, dispunha-me a empregar todo o esforço e toda a

astucia de que eu fosse capaz; pois, em consciencia, a verdade era que outro homem já não queria eu, nem já me convinha, para cavalheiro de minha filha ou para gerador de meus netos, porque outro com certeza não descobriria eu em condições naturaes tão boas e perfeitas como Leandro. Até a sua propria mediocridade de intelligencia se me afigurava o bello complemento da sua perfeição de animal humano: — o talento elevado a certo gráo é sempre, no amor, uma anormalidade perigosa. Achava-o cada vez melhor e mais proprio para bom marido; achava-o, além d'isso, muito sympathico e attrahente; achava graça naquelle seu typo moreno pallido, de olhos muito azues e cabellos muito pretos; até mesmo o crespo sutaque inglez, que a principio lhe estranhei e me fazia torcer o nariz, agora achava eu que lhe ia bem com o sonoro metal da sua voz masculina e forte.

Entretanto, não me convinha de modo algum que elle alcançase com facilidade a certeza da posse de minha filha. Affastava-os intencionalmente; começava a representar, entre elles dous, o terrivel papel de linha divisoria, de linha sanitaria, estabelecida em guerra contra os traiçoeiros inimigos das suas illusões de amor. Ah! quanto me custava, e quanto me aprazia ao mesmo tempo, esse altruista e odioso mister de dedicada perseguição! Quanto eu me sentia ir ficando sogra! Mas estava disposta a não me arredar um passo do meu programma, ainda mesmo tendo mais tarde de entestar, como já esperava, com a colera de meu genro e com as lagrimas de minha filha.

Seria muito preferivel, em todo o caso, que ella chorasse dessas lagrimas de illusão, a ter mais tarde de amargar as lagrimas de desengano que chorei.

ALUIZIO AZEVEDO. — *Livro de uma sogra.*

O Brasil.

Pintei a nossa incomparavel natureza, com o seu aspecto nivelado e calmo, desprovida de culminancias e abysmos ameaçadores, sem cratéras (1) activas, a amena variedade dos sens climas, a ausencia total de cataclysmos, terremotos, seccas prolongadas, inundações; o nosso systema hydrographico completo, o estupendo numero de lagos, regatos e rios navegaveis entre os quaes o gigante Amazonas, soberano fluvial do mundo, com cerca de seis mil kilometros de curso, contando uma caterva de affluentes, tambem colossaes; o nosso littoral dilatadissimo, destituido de nevoeiros, cachopos (2), ou quaesquer perigos, abrangendo dezenas de magnificos portos, sempre abertos, e a bahia do Guanabara, a mais bella, ampla e segura do universo, a exuberancia indescriptivel do nosso sólo, a sua prodigiosa flóra, fecundo ao mesmo tempo, na phrase de um viajante, em cedros sobranceiros aos do Libano, em flores enormes — como a Victoria-Regia, que fluctúa sobre o men-

(1) Aberturas de vulcão. A cratéra tem a fórma de uma taça. E' uma palavra grega, e é por essa palavra que os gregos designavam os seus copos.

(2) Pedras submersas, perigosas á navegação.

cionado Amazonas, a maior até hoje conhecida, igual em dimensões a uma canôa, com folhas redondas, capaz cada qual de suster um menino; — em orchidéas (1) fantasticas, obras primas de rendilhadas fórmas, matizes e olores, em plantas ornamentaes, alimenticias e medicinaes de infinitas especies, em fructas de imprevistas conformações artisticas, satisfazendo as mais requintadas exigencias do paladar, e em florestas de preciosas arvores, tão densas que se lhes poderia andar firmemente por cima das copas entrelaçadas; a nossa fauna (2) opulenta, apresentando inestimaveis especimens, desde o jaguar, mosqueado de azeviche e fulvo, até o celere veado, as borboletas polychromas, os radiantes colibris, fragmentos animados de arco-iris; e mil outros passaros encantadores, verdadeiras joias volantes, portadoras de aereas harmonias; a nossa magnificencia geologica (3), jazidas incommensuraveis de ferro, cobre, cristaes, amethystas, topazios amarellos e roseos, turmalinas, marmòres brancos e verdes, de delicadissimos matizes, montanhas revestidas de talco e mica, fulgindo como si fossem de ouro, veios deste metal e depositos de diamantes, profusos ao ponto de haver, conforme observação de um sabio, uma

(1) São essas plantas commummente chamadas *parasitas*, que vivem sobre os troncos e as galhos das arvores. Por isso são consideradas parasitas; mas, de facto, não o são. Vivem sobre outras plantas, mas não se alimentam dos seus succos, vivem sobre ellas como vivem sobre pedras, ou sobre troncos mortos e seccos.

(2) Conjuncto de animaes que se encontram em uma certa zona.

(3) Referente á terra.

região, mais extensa do que a França, chamada Minas-Geraes, e cidades denominadas — Ouro-Branco, Ouro-Preto, Ouro-Fino, Diamantina ; o nosso firmamento, emfim, perpetuamente risonho, transbordante durante o dia de gloriosa claridade, coalhado, á noite, de astros fascinadores, — relicario sublime de um cruzeiro formado de estrellas...

Demonstrei que eramos a primeira nação latina do Novo-Mundo, dispondo de recursos inexgotaveis, em pleno progresso commercial, industrial e agricola, fabricas surdindo activamente, fios telegraphicos e estradas de ferro annullando cada hora as distancias, a instrucção se expandindo numa ascenção rapida e estavel, a riqueza publica augmentando, a immigração estrangeira affluindo em escala assombrosa, o credito nacional cotado a par do dos mais prosperos Estados, o governo e os proprietarios libertando os escravos remanescentes no meio de festas, elevando-os desde logo ao nivel de cidadãos, sem preconceitos de raça, aristocracias de sangue ou dinheiro, nem distincções de côr.

Referi-me ás particularidades da nossa zona, aos seringaes, á baunilha, ás selvas de cacau e café, aos peixes electricos (1), ás palmeiras alevantadas e iguaes, como columnas de fina architectura, — aos cursos de agua doce que luctam com o oceano e penetram indomaveis por elle a dentro (2), ás cachoeiras rivaes do Niagara, ás grutas encantadas com decorações inimitaveis de stalac-

(1) Especie de arraia, cujo contacto dá a impressão de um choque electrico.

(2) Refere-se ao Amazonas e ao phenomeno da *pororóca*.

tites estalagmites, ás fontes thermaes extensamente espalhadas, á primavera perpetua da vegetação, ás lianas textis, ao cipó do caçador que fornece um liquido edulcorado e fresco, ás madeiras de construcção mais resistentes que o bronze, á terra roxa de uberdade pasmosa, á arvore do pão (1), aos pampas, ás mattas virgens...

Recordei o juizo manifestado por excursionitas illustres sobre o Brazil: — Saint-Hilaire (2) declarando que a Minas seria licito segregar-se do resto do mundo, pois encontraria em si propria tudo quanto pudesse necessitar; Agassiz (3) commemorando em phrases enlevadas a sua missão scientifica ao imperio sul-americano. Darwin (4) qualificando-o de glorioso; Humboldt (5) presagiando

(1) Essa é originaria da Oceania.

(2) Celebre naturalista francez. Visitou o Brazil. Morreu ha muitos annos já.

(3) Sabio naturalista suisso. Defensor das ideias atrazadas em Historia Natural. Morreu em 1873.

(4) Celebre inglez, fundador da theoria da evolução dos seres organisados, theoria que por isso se chama darwinismo. Esteve no Brazil no começo de sua carreira scientifica, quando fazia a sua celebre viagem de cinco annos, a bordo de um navio da marinha real britannica, — a *Beagle*. Foi isso em 1830. Foi durante essa viagem, nas observações que então fez, que o sabio inglez concebeu a sua theoria.

As florestas virgens daqui, diz elle, formam o espectaculo mais sublime que tem visto. Na sua correspondencia publicada, ha uma carta, escripta da Bahia em 1830, carta em que diz os seus sentimentos a respeito da escravidão, e que é uma prova da generosidade e grandeza do seu coração.

(5) Sabio naturalista prussiano, irmão de um outro philologo e politico. Visitou o Brazil, principalmente o Amazonas.

que residiria nelle o nucleo da civilisação futura ; Martius pedindo que sobre seu tumulo se collocassem folhas de palmaceas brasileiras.

Enumerei os costumes singelos e bons do povo, a sua perfeita tranquillidade, espirito hospitaleiro, habitos patriarchaes, tolerancia absoluta para com qualquer crença ou opinião, tendencias humanitarias, ausencia de separações sociaes, facilidade de accesso aos mais altos cargos, disposições para o progresso, amor ao bello, desconhecimentos de exageros patrioticos e exclusivismos bairristas, inteira segurança, independencia e liberdade, faculdades estheticas (1), revelada na arte plumaria dos autochtones, em geniaes artistas incultos, como o Aleijadinho, no geral apreço da melodia, nas verdadeiras notabilidades produzidas, a despeito de influencias depressoras e falta de educação conveniente, em litteratura, pintura, esculptura e musica.

AFFONSO CELSO. — *Lupe.*

As mãos.

Nasceram gemeas, cresceram ao lado uma da outra, na communhão do calor do mesmo berço e do mesmo collo e das mesmas caricias maternas.

A mão direita revelou-se desde cedo *irmão* da esquerda : do par, é o homem ; já nos primeiros mezes, era quem premia, com sua pressão, o seio que nutria o corpinho fragil e, pois, tambem a

(1) Referentes á artes, no culto do bello.

pequenina irmã menos habil, que em taes momentos descançava inerte.

Demais, foi sempre mais forte, mais activa, mais emprehendedora, mais industriosa, mais rapida e mais energica; o principal e o mais rude do trabalho, a iniciativa em todas as occasiões, pertenceu-lhe sempre; é quem escreve, quem segura o livro e o folheia, quem maneja o pincel e o escôpro, quem applica o bisturi, quem ergue o martello e a picareta, quem torce a verruma, quem desembainha e vibra a espada, quem desfecha a arma de fogo, quem sustem e arranca o anzol do pescador, quem aguilhôa os bois, quem fustiga ou refreia os animaes do tiro, quem dirige a enxada e a foice, quem mais forte ao remo impelle o barco; é quem manipula, quem corta, quem rasga, quem rega, quem semeia, quem colhe; ella é que nega, que intima, que impõe, que subjuga, que arrebata, e que restitue, que contém e que repelle, que salva e que precipita, que esbofetêa e que afaga, que assassina e que abençôa.

Entretanto, a mão esquerda, a *irmã*, a visinha do coração, mais fraca, mais timida e recatada, apenas observa e, quando muito, auxilia, coopera, intervem secundariamente, no seu destino de mulher.

E' verdade que ás vezes —nos ambidextros e nos canhotos— a esquerda exerce as funcções da companheira; mas a excepção corresponde ás mulheres-homens, que por ahi ha, na historia e na vida domestica, e ainda confirma a justeza da analogia.

Por isso, e por merecida compensação, cabem

mão direita as precedencias : na etiqueta, indica a posição mais nobre ; na linguagem tropologica, exprime a distincção, a primazia, a força, o poder, a personalidade inteira.

E' pela mão que começa para o amor a deliciosa tomada de posse, a não ser que comece pelo pé, nos mysterios de debaixo da mesa, como se vê entre Mario e Coseta.

Mas esta ultima fórma é excepção, a que eu chamaria portugueza, se não tivesse em memoria o suave exemplo pariziense ; a regra é a outra fórma — *la main dans la main*, como nos versos lyricos.

Assim o classico olhar entre os namorados, olhar essencialmente comprido, é bem uma *longa manus*, como na ficção de direito.

E quando de simples namorado se tem de passar a mais grave posição de noivo, ahi vem a graciosa synedoche : pede-se a mão da bem amada, para dizer que se quer a dona da mão.

Da soberania da mão dá testemunho a pratica nas feiticeiras que dizem a *buenadicha ;* e lêm nella e não na face, a despeito da sua maior nobreza, nem nos olhos, com toda a sua reputação de *espelho da alma.*

A mão é para a alma melhor cousa do que essa patetice de espelho : é o agente de sua immediata confiança, é o chefe do poder que executa o que o cerebro legisla.

Braço e cabeça, costuma dizer-se ; mas braço por causa da mão : braço sem mão, que vale ?

Nas linhas da mão sabia tambem lêr o feiticeiro que se chamava Theophilo Gautier. Ha nos *Esmaltes e Camapheus* um admiravel *estudo de*

mãos : o divino bruxo vê cousas estranhas nas linhas de uma palma de mão moldada em gesso, palma que é *livro branco onde Venus traçou signaes que o amor só póde lêr tremendo ;* e na mão cortada de Lacenaire vê que *todos os vicios traçaram com as garras, nas linhas daquella pelle, medonhos hyeroglyphos que o carrasco leu correntemente.*

O apêrto de mão, ainda que hoje tão trivialisado, que bella affirmação de cordealidade ! que eloquente modo de exprimir a affeição !

A luva, que recata a nobreza da mão, que a isola da vulgaridade do contacto de outras, é um preito da civilisação a esta privilegiada parte do corpo humano. É o pergaminho desta aristocracia.

Eterna symbolisação da força e da graça, a mão direita e a mão esquerda vêm junctas, achegadas, desde as trevas da vida... intima ; depois, na perigrinação da existencia, reunem-se nos momentos das profundas e das apaixonadas emoções, na supplica, na oração, no enthusiasmo e no desespero ; e por fim, no dia solemne em que a figura humana restitue ao vasto laboratorio da terra os atomos emprestados, lá estão, frias sobre o peito do morto, approximadas como se formaram, enlaçadas como irmãs, que são, as extremosas gemeas.

LUCIO DE MENDONÇA. — *Horas do bom tempo.*

CARACTERES E QUESTÕES

SOCIAES E POLITICAS

CARACTERES E QUESTÕES

SOCIAES E POLITICAS

Administração e riqueza.

Quando me recordo, meu venerando amigo, do passado do Brasil, e o confronto com os tempos que vamos atravessando, de certa época para cá, vejo que, apezar da má entendida politica da metropole portugueza, em relação ao Brasil, eram mandados homens experimentados para o governo das nossas capitanias; e hoje são mandados crianças, sahidos das escolas de direito, sem conhecimentos e nem experiencias, para anarchisar as provincias do Imperio.

E' tão grande o cynismo de certos individuos, que, embora reconheçam o que são, e o nada que valem, atiram-se a tudo, ainda compromettendo a sua propria dignidade. Depois da fundação do Imperio, o Sr. marquez de Olinda, apezar de ter representado o Brasil no congresso de Lisboa em 1822, a na constituinte brasileira de 1823, sendo chamado para o ministerio, por ser ainda muito moço, recusou a pasta, allegando não se achar com as habilitações precisas para um encargo de tanta responsabilidade; e hoje qualquer insignifi-

cancia juridica, ou mesmo qualquer vagabundo, se julga diplomata, financeiro e um grande politico!

Nos tempos coloniaes não se mandavam para o governo do Brasil senão homens já traquejados no governo civil e politico do Estado. Mato-Grosso, embora a mais central das capitanias do Brasil, era olhado, por sua posição e riquezas, com muito carinho pelo governo portugez, que só para alli mandava homens de muita importancia e engenheiros, como o famoso Franco de Almeida, que, depois de muitos annos, alli falleceu; e hoje só se sabe que é provincia do Brasil em tempo de eleições. Tinhamos um commercio nacional, e hoje apenas temos de nacional o nome.

Nos tempos coloniaes as casas de moeda, que haviam nas diversas capitanias, cunhavam tanto dinheiro, que abasteciáo a circulação mercantil, e mesmo aos particulares para enthesourar; e hoje, possuindo a capital do Imperio um magnifico edificio, e com habilissimos artistas, até se manda cunhar no estrangeiro moedas de cobre, sellos de cartas e estampilhas! Quantas questões futuras não appareceráõ motivadas pela falta de sellos nos documentos que os deveriam ter!

Tinhamos agricultura que abastecia com os seus productos a Europa, a Africa e mesmo as possessões portuguezas da Asia; e hoje a que temos está tão definhada, que até recebemos do estrangeiro—milho, feijão, arroz, e, o que é mais, leite de vacca, ovos de gallinhas, vassouras de varrer casa, colheres de páo, cabos de enxada e de machado, e côcos de tirar agua!

Oh! como este estado será doloroso para V. Ex

e para os filhos do Brasil, que, conhecendo o seu passado de prosperidades, o vêem assim reduzido, pela falsa politica dirigida pelo governo da mentira, que funda todo o seu prestigio no engano dos homens, na cabala, anarchisando o paiz com a corrupção, e esbanjando a fortuna publica com commissões desastradas e com um corpo diplomatico de ostentação, derramado por todo o mundo, com a colonisação de vagabundos, com o encampamento de companhias creadas por especuladores, e até, Deus Eterno! com um francez, de perna de páo, que, sendo espião de Solano Lopes, foi engajado no Rio de Janeiro, para armar balões que descobrissem o acampamento paraguayo!

Tudo isto, meu venerando amigo Sr. conselheiro Drummond, que a falsa politica e a mentira tem posto em pratica entre nós, tem um fim, que é posição official, chocalhos para o peito e os proventos que tiram dos cofres publicos os architectos da ruina da nação.

Tinhamos riquezas e tinhamos tudo, e me recordo ter lido em memorias antigas, que possuo que antes do dia 9 de maio de 1624, na Bahia, e do dia 16 de fevereiro de 1630, em Pernambuco, da invasão hollandeza, já eram tão grandes as fortunas em Pernambuco e na Bahia, que as senhoras, mesmo da classe média, se vestiam de sedas e telas, e ornavam as cabeças de tantas pedras preciosas, que deslumbravam a vista com o brilho dellas; e para corroborar o que digo a V. Ex., porque tenho os documentos em meu poder, affirmo que foi com o dinheiro do Brasil que se reedificou a cidade de Lisboa, abatida em quasi sua totalidade pelo terremoto do 1º de no-

vembro de 1755, sem falar na enorme somma de 63,417 arrobas de ouro, que foram, durante um seculo, para Portugal, extrahido das nossas minas.

No thesouro publico havia tantos diamantes do Brasil, que em 31 de julho de 1809 se determinou a Domingos Antonio de Souza Coutinho, ministro em Londres, que annualmente vendesse 20,000 quilates delles para o pagamento dos juros e amortização da divida publica.

Havia tanto dinheiro de ouro na circulação mercantil, que para o vendelhão (taberneiro) troca lo por cobre, não o fazia sem que lh'o dessem com abatimento.

Dr Mello Moraes. — *O que fomos e o que somos.*

Thomas Carlyle.

Um dos grandes inglezes, cujos escriptos eu menos manuséara, era Thomas Carlyle. Os tristes lazeres do desterro familiarizaram-me com elles. Tinha-me acontecido a miudo estender a vista curiosamente por esse vasto e accidentado pedaço de terra virgem, onde os tropicos luxuriantes alternam com o norte agreste. Mas o accesso me parecia aspero e temeroso. As veigas sorriam-me alli detráz de rochedos abruptos, como bellezas de difficil conquista. E a curiosidade, affagada por outras brisas, levava-me a plagas mais faceis.

Desta vez, como passageiro lançado á costa pelo naufragio, depois de ouvir gemer o mar tempes-

tuoso, já não me assustaram recifes. Estas margens escarpadas são como que as defesas severas de um mundo zeloso dos seus thesoiros. Se vos approximardes, vereis como a poesia mana destas rochas. Não é a poesia dos favos do Hymmeto. Sente-se mais nella o acre das viraçães saturadas do oceano. Não é uma poesia, que fale aos sentidos inferiores, como a doçura do mel. E' antes a da abobada estrellada, com os seus espaços sombrios, onde o azul se esbate nas trevas, e as suas vagas nebulosas, as suas longas vias lácteas, caminho indeciso do ideal.

Não quer isto dizer que a indole da obra de Carlyle seja contempladora e scismativa. A sua inflexivel sinceridade, o ingreme dos seus contrastes, o bravio das imagens que lhe povoam o estylo, a lucta continua da sua originalidade com os preconceitos e as convenções sociaes, o seu enthusiasmo pelas expressões heroicas da individualidade humana, o fragor das suas apostrophes, as mutações indefiniveis do seu humorismo, melancolico e ridente, austero e escarninho, eloquente e brutal, a propria monotonia de certas correntes do seu pensamento, iterativas e periodicas como certos ventos em certos quadrantes do céo, dão a lembrar um panorama de penhascos escalvados á borda das aguas azues, como o crystal das ondas franjando-se em espuma branca, a muralhada rebramindo contra os promontorios silenciosos, o vôo solitario das aves marinhas, e por cima nas treguas da procella, quando as faiscas não esfusiam pelas arestas atrevidas, a eterna calma do firmamento : a força, o conflicto, a pureza, a eloquencia, a immortalidade.

A acção, porém, não o devaneio, era a nota caracteristica dessa estranha personalidade. O seu talento não decompunha as impressões do mundo exterior, como a phantasia dos sonhadores: accentuava-as como um poderoso reflector. Naquelle cerebro os orgãos da visão e da palavra tinham as proporções inauditas, que celebrizaram Victor Hugo. A sua mestria no idioma britannico e a opulencia da sua linguagem não têm rival senão além-Mancha, no phenomeno singular do grande poeta francez. Dizia Schérer que a optica do auctor das *Contemplações*, o seu dom de primeira vista era quasi phantastico, sobrehumano, por assim dizer. Em Carlyle era semelhante a intensidade do poder visual. Os seus bellos trechos descriptivos não encontram competencia, entre inglezes, senão nas mais esmeradas passagens de Ruskin, um dos magicos da prosa, em cujas mãos a penna tem litteralmente as propriedades do pincel. As suas viagens á Allemanha, para estudar o campo das guerras de Frederico II, foram rapidas como distracções de um curioso, a *Yankee scamper trips*. Sua retina tinha entretanto, uma tal propriedade de apprehender e fixar instantaneamente as scenas mais vastas e variadas, que os technicos de coisas militares na Allemanha, diz Froude, vão estudar as batalhas de Frederico o Grande nas paginas do historiador inglez, um paisano, um litterato, que da sciencia das armas possuia apenas as noções perfunctorias bebidas na occasião em Jomini, em Preuss e nas memorias do famoso monarcha a que elle erigiu o monumento do seu livro.

Cada uma das suas tres grandes obras historicas

bastaria, por si só, para levantar a celebridade de um classico, e fundar a gloria de uma litteratura. O seu *Cromwell* é a evocação viva de uma entidade gigantesca, desfigurada pelos erros de uma longa tradição falsa. A sacrilega vingança dos Stuarts exhumára o corpo do grande protector do sarcóphago real em Westminster, enforcára-lhe o cadaver em Tyburn, e expuzera-lhe a cabeça num poste ás intemperies de vinte invernos. Sobre essa profanação passáram quasi dois seculos de injustiça, até que a desforra veiu pelo genio de Carlyle. Nunca um livro fez mais pela verdade contra uma accumulação de prevenções inveteradas. Salvo ligeiras reservas, o *Cromwell* de Carlyle fixou definitivamente o juizo a admiração e o reconhecimento dos inglezes em relação ao grande Protector. E a divida ingleza, neste ponto, não está longe de ser a do genero humano; porque é principalmente desse manancial que as nações modernas bebêram a liberdade civil e religiosa, preservada, com a constituição britannica, no seculo dezesete, pelo paradoxo daquella dictadura singular. Entretanto, esse livro encerra apenas os materiaes da biographia, que o autor não chegou a escrever: as cartas annotadas do heróe. Mas bastou o primeiro sopro do artista, para reviver a figura soterrada entre os depositos alluviaes do tempo. Ao simples contacto do estatuario a imagem ergeu-se viva do bloco mal desbastado.

RUY BARBOSA. — *Cartas de Inglaterra.*

A nossa Constituição.

O vicio capital da nossa Constituição, a fonte dos nossos grandes males, consiste no ter ella esquecido o principio da unidade da nacionalidade brasileira, que a federação, levada ás ultimas consequencias, veiu golpear profundamente. Sem falar na unidade politica, perdemos a unidade de commercio, perdemos a unidade da justiça.

Da quebra da unidade do commercio nasceram as luctas de tarifas, ás barreiras inter-estadoaes e ás vezes até inter-municipaes, que fazem com que as mercadorias variem de preço, de estado para estado e até de municipio para municipio, ao sabor dos interesses ou dos caprichos locaes.

Da quebra da unidade da justiça, nasceu essa magistratura estadoal, desprotegida, sem independencia, aviltada a cada passo pelos governadores de estado, que fazem dos magistrados instrumentos de seus caprichos. Num paiz em que a magistratura não é livre, prestigiada e independente, não póde haver justiça. Onde não ha justiça, não ha liberdade, nem direito.

A sorte dos magistrados estadoaes é desoladora e commovente: não lhes pagam os ordenados, não lhes respeitam a vitaliciedade, são demittidos, aposentados, ao arbitrio dos governadores.

Por que quebrar a unidade do commercio, a unidade da justiça?

Os copistas brasileiros esqueceram-se que a Constituição norte-americana foi feita para se ·star a um povo formado de raças, costumes,

crenças e tradições differentes, ao passo que no povo brasileiro existe a mais perfeita unidade de raça, tradições, crenças e costumes.

Ora, desde que a nossa Constituição republicana não foi modelada pelos elementos vivos do nosso caracter e de nossas tradições, a que ella se devia adaptar, era inevitavel o seu esphacelamento. E este não ha ninguem que ponha em duvida. A Constituição entre nós é coisa morta. A prova disso nos dá a propria eleição presidencial.

O legislador constituinte, no tocante á eleição presidencial, abandonou a constituição americana: adoptou o suffragio universal.

Mas a fraude implantou entre nós o regimen americano, corrompido. Como é sabido, na America do Norte, cada Estado dá um certo numero de eleitores especiaes e estes elegem o presidente da Republica. Entre nós supprimiu-se o povo e o suffragio directo: são os governadores dos Estados que escolhem e elegem o presidente da Republica. Mas como estes governadores, em realidade, não têm nenhuma independencia ou autonomia, são meros caudatarios do presidente da Republica: — segue-se que é o presidente em exercicio que escolhe e elege o seu successor.

Onde está, pois, a verdade dessa Constituição, em que republicanos apaixonados, sinceros e intelligentes, não querem que se toque?

Este falseamento da Constituição, este divorcio della, em que os governos vivem, é que tem gerado o descredito crescente do regimen republicano.

EDMUNDO BITTENCOURT. — *Correio da Manhã.*

Tobias Barreto.

O poeta era um impressionista de alma ardente, cujo sensorio vibrava ao mais leve attricto, enxergando sempre o objecto da excitação através de um poderoso vidro de augmento. A linguagem com que traduzia sua emoção esthetica era sempre imaginosa, ora ungida por um lyrismo suave e delicado, como na poesia *O beija-flor*, ora tocada por uns certos tons bruscos e inesperados que traiam no pensar de Sylvio Roméro, a ardente natureza de mestiço, que era Tobias como Gonçalves Dias e tantos outros insignes brasileiros. A fórma poetica que melhor se adaptava com a modalidade de seu sentir era a hugoana, a que elle deu realce, depois de José Bonifacio, ao lado de Castro Alves e Palhares, sendo acompanhados esses corypheus da poesia condoreira por Castro Rebello, Joaquim de Souza e outros.

As exaltações e os exageros do grande vate francez assim como a doçura magica de sua lyrica cheia de vivacidade e brilho amoldavam-se á alma poetica do preclaro sergipano como uma tunica talhada sobre ella.

Sómente no orador se poderiam descobrir as mesmas qualidades em proeminencia. A palavra era facil, energica e vibrante, saindo-lhe dos grossos labios de mestiço, como que aos jactos, bruscamente, por entre uma gesticulação descompassada mas expressiva, originalissima, gesticulação que parecia traduzir, da maneira mais adequada e fiel, a idéa, dando vida á palavra e fórma plastica

ao pensamento. O que, porém, mais feria a vista de quem o contemplava na cathedra escolar, e, principalmente na tribuna popular, eram a mobilidade extrema da physionomia, o modo extranho porque lhe giravam os olhos nas orbitas e as varias contorsões em que se lhe contraiam os musculos faciaes emquanto orava.

Contam que Laurindo Rabello tinha as mesmas demasias de mimica, os mesmos tregeitos irrequietos, o mesmo habito de retorcer nervosamente o espesso bigode, quando queria infudir, no animo dos que o cercavam, uma idéa que se lhe havia apoderado da mente. Nunca vi o celebre repentista, mas a impressão que me causou Tobias, quando pela primeira vez o observei na tribuna, foi profunda, alguma coisa como a extranheza de mistura com a admiração.

O polemista, o critico, o philosopho e o jurista em Tobias tiveram outro modo de ver e outro modo de falar. Como polemista, era desapiedado, aceitando o combate em todas as liças, esgrimindo com todas as armas que um homem póde erguer sem corar, as da dialectica como as da sciencia, as da zombaria mais cruel, do ridiculo mais pungente, como as das phrases cruas que provocavam escandalo e das chocarrices que faziam chirriar gargalhadas. Como critico, em litteratura ou em philosophia, era um terrivel demolidor cuja picareta desabava sobre qualquer producção brilhante que fosse, sobre qualquer individualidade poderosa a que lhe parecesse que se erguiam descabidos ou exagerados encomios. Neste impulso era, não raro, levado a commetter injustiças, desconhecendo o merito real dos individuos, sómente

preoccupado em apontar-lhes as jaças e demonstrar a ignorancia dos thuriferarios. O philosopho emergiu do critico no momento em que o terreno se affigurou sufficientemente desbravado para receber construcções, e em que o espirito sentiu necessidade de dar expansão a suas faculdades creadoras que se não haviam esgotado com as producções estheticas. Como philosopho foi um ensaista dos mais attraentes pelo capitoso do estylo como pela segurança e originalidade dos conceitos. Faz lembrar Waldo Emmerson, *the great American essayist*, cuja influencia sobre o estylo e o pensamento de um consideravel grupo de escriptores foi manifesta durante um longo periodo, segundo attestam historiadores de literatura norte-americana. E são manifestas as sympathias de Tobias Barreto pelo pensador americano, sympathias que bem claro denunciam uma affinidade espiritual mais ou menos conscientemente reconhecida.

Clovis Bevilaqua. — *Tobias Barreto como jurista.*

O jornalismo brasileiro.

O jornalismo brasileiro, inimizado e dividido consagra o mais triste desprezo as suas glorias e as suas tradições. Os jornalistas preferem a obscuridade commoda do anonymato em que vivem mergulhados. O publico ignora a maioria dos nomes dos nossos homens de imprensa.

Porque tudo isso? Por ventura a profissão deshonra e avilta? Será um crime ser jornalista? A sociedade verá com máos olhos os que se con-

sagram a tal carreira? O grande Cavour, ao qual a Italia deve o mesmo que ao Rei Galante e ao impetuoso Garibaldi, isto é, a grande obra da unificação dos Estados da peninsula, Cavour lembrava sempre com orgulho o tempo em que militára no jornalismo. Guindado ás alturas, viu bem que, se não fôra jornalista, lá não houvera chegado, talvez. Tambem o restaurador da arte christã, o glorioso autor dos *Martyres*, Chateaubriand, não se pejava de ser jornalista e dava mais valor a este titulo do que ás honrarias officiaes que lhe foram concedidas.

Armand Carrel e Prévost Paradol consideraram sempre o qualificativo de jornalistas como a conquista mais presada e mais honrosa. Como estes, outros muitos nomes poderiamos citar ainda, se não receiassemos fatigar a attenção do leitor.

E' lamentavel que a imprensa brasileira tenha deixado cahir no olvido o nome daquelles que, no inicio de nossa existencia politica, tanto souberam honrar e dignificar a instituição.

E' tempo de reparar a injustiça e a ingratidão de tantos annos. O nosso passado não nos envergonha; pelo contrario, nos eleva e nos ennobrece. A Imprensa brasileira póde com orgulho revêr a sua historia, que nella encontrará novos alentos e novas energias. Bem sabemos que, como disse o grande Alighieri — *nessun maggior dolore che ricordarsi del tempo felice nella miseria...* Ha dôres que deliciam, e a evocação do passado, a lembrança piedosa dos que se foram, punge, mas encanta. Oxalá possa e queira a nossa imprensa pagar a grande divida, erguendo a Evaristo e a Hyppolito os monumentos que merecem.

Sejam elles os nossos patronos.

Hyppolito, com o Correio Brasiliense e Evaristo, com A Aurora Fluminense, o primeiro no Exterior, em Londres, e o segundo no Interior, no Rio de Janeiro, um concorrendo para a obra grandiosa de 7 de setembro e outro fazendo o 7 de abril, foram realmente os precursores dessa imprensa, que, a despeito de seus erros e de seus vicios, pugnou sempre pelas causas mais alevantadas e justas, e conseguiu, quasi que por si só, levar a effeito a obra generosa de libertação de uma raça, humana como as outras, como todas capaz e digna, raça infeliz e proscripta, que vivia, ha seculos, jungida ao tronco, gemendo sob o azorrague impiedoso do feitor, lançando sobre a nossa civilisação uma nodoa aviltante e constituindo a causa primordial de todos os nossos males, a começar pela dissolução do nosso caracter.

O centenario que hoje commemoramos é verdadeiramente o centenario da imprensa brasileira.

Juntando o nome de Hyppolito ao de Evaristo e glorificando-os, teremos provado, embora tarde, que nos orgulhamos do nosso passado e sabemos honrar a memoria dos que nos precederam neste posto de honra e de sacrificios.

Dissemos em 17 de maio do anno corrente :

— Para aquelles que labutam nessa afanosa e ingrata vida do jornalismo e que vivem immersos na grande noite do anonymato, empenhados com ardor numa cruzada nobilissima em que as glorias não compensam nunca os sacrificios, o nome de Evaristo Ferreira da Veiga deve constituir um emplo a imitar, um modelo a seguir, porque

ninguem antes delle e ninguem melhor do que elle soube, no Brasil, comprehender a elevada missão da Imprensa.

Evaristo desempenhou no Brasil, nas lutas que se travaram no periodo tumultuoso da Abdicação, o mesmo papel altamente nobilitante e patriotico que o glorioso Hippolyto José da Costa Pereira representou no Exterior, propagando, de lá, as idéas de separação e de independencia nacional.

O Correio Brasiliense, que viu a luz do outro lado do Atlantico, nessa Inglaterra liberal e culta, onde os direitos não se conculcam nunca e onde as liberdades publicas se impõem com a força e o caracter indiscutiveis de um dogma, inviolaveis e sagradas, o Correio Brasiliense, em cujas columnas Hippolyto com tanta galhardia batalhou pela proclamação da Independencia; e A Aurora Fluminense, tribuna augusta e nobre, de onde Evaristo doutrinou, com inexcedivel elevação de vistas, durante os tempos da violenta agitação partidaria que acompanhou os primeiros passos do Brasil na phase do seu desenvolvimento autonomico, no inicio de sua existencia politica, são dous marcos luminosos e refulgentes na historia do jornalismo patrio.

Arrancar estes dous nomes do esquecimento em que jazem, graças ao abastardamento civico do nosso povo, é um dever que se impõe a nós outros, que fazemos do jornal o vehiculo das nossas idéas e transformamos em pulpito, consumindo os annos nessa predica diaria, infecunda muitas vezes, porque não raro nos recusam justiça nos julgamentos, mas sempre elevada e nobre para aquelles que têm consciencia de que não polluem os altares, isto é,

de que só se servem da imprensa com honestidade e civismo, nunca como instrumento de suas paixões ou de seus interesses.

FELIX PACHECO. — *Um publicista da Regencia.*

Fr. Camillo de Monteserrate.

Não falta quem attribúa aos caprichos da sorte os insuccessos da vida, e até certo ponto é justo dizer-se que accidentes extranhos a nossa vontade podem influir poderosamente sobre a carreira dos homens. Mas o que temos por incontestavel é que, sinão em todos, pelo menos na maioria dos casos, é do nosso proprio caracter que depende o bom exito dos commettimentos na vida publica. Não ha caprichos da sorte. A vida humana é um desenvolvimento logico de nossas faculdades ; si ao lado do talento e das virtudes figuram a energia e a firmeza de caracter, não ha obstaculos que nos detenham o passo. O homem bem dotado desta grande força é como o rio caudaloso ; suas aguas abatem as reprezas, transbordam e inundam os valles.

Ora, si mil predicados estimaveis possuia, faltava este ao illustre e bom Camillo Cléau : a firmeza.

A imaginação viva era o seu maior inimigo ; não sabia esperar, nem persistir.

Menino de 15 annos resolvia problemas archeologicos, e tinha uma erudição notabilissima para tão verdes annos. Festejado pelos sabios, e sonhando com a gloria litteraria, arrastado por

uma grande paixão ao estudo da antiguidade classica, e animado nessa paixão, figurou-se com razão destinado a um futuro brilhante, que tanto mais ambicionava quanto pretendia castigar com o brilho dessa posição os maus tractos de quem abandonára no limiar do mundo. Mas as grandes conquistas raramente se fazem a maneira de Cesar : *veni*, *vidi*, *vici*. E como a ambicionada posição tardasse, e como não quizesse esperar paciente a opportunidade feliz, ei-lo a desesperar de tudo, e a procurar nas aventuras de uma digressão longiqua o confôrto e o balsamo, que seus desgostos particulares reclamavam.

De volta á patria, e já aos 21 annos, poderia ainda começar a vida publica ; muitos a iniciaram mais tarde. Mas a irritação produzida pelo mallogro das primeiras tentativas persiste, a inconstancia do caracter obriga-o a mudar frequentemente de planos e de posição : ora em Corbeil, ora em Gonesse, ora em Fontenay, ora em Ménars — em parte alguma vê realizado o seu sonho, e por isso tudo abandona em procura da sombra fugitiva.

Neste lidar agitado, em que se consumia a sua natureza debil, e em que o coração lhe sangrava de continuo, encontrou sempre amigos bons e prestimosos, além de sua irmã que o amava extremosamente. Mas Camillo, que tinha tão preciosos dotes moraes para captar amigos, e que tanto sabia estremecel-os, raramente os conservou. Com sua ropria irmã teve em algum tempo correspondencias em tom acerbo ; de Gustavo Radou, o commandante que o levára a Nova Zelandia, veiu mais tarde a separar-se ; finalmente com o

D.r Lefebvre, esse cavalheiro que tão efficazmente o protegeu em conjuncturas difficeis, e sob cujo tecto viveu na mais doce intimidade, com Lefebvre a quem devéras dedicou sempre a maior estima e o mais sincero reconhecimento, veiu a estremecer relações sem outra causa mais que susceptibilidades e supposições provavelmente infundadas.

Donde este procedimento estranho? Não era a ingratidão, offerecem disso prova os seus papeis particulares, e ainda bem, porque lhe não perdoaríamos esta macula; era no mundo intimo e pequeno das affeições a mesma falta de firmeza, a mesma inconstancia, a mesma susceptibilidade quasi doentia, que tanto o prejudicou na vida publica até esta data.

Fôra mais feliz si, obediente ás imposições do velho Cléau, se sujeitasse ao papel humilde de escrevente de cartorio? Não queremos dizel-o; mas em um emprego somenos, na posição de simples professor de algum lyceu, ainda que não fosse o de Louis le Grand, o de Henri IV ou o de Condorcet, poderia ter esperado a enxança de uma collocação mais vantajosa aos seus interesses materiaes e aos seus estudos.

O grande Walter Scott ganhava o pão como escrevente de um tabellionato, e todavia preparava nas horas de descanso as immortaes obras, que elevaram mais tarde o auctor de Waverley á primeira fila dos escriptores de Inglaterra. Quantos exemplos desta natureza se puderam apontar?

Camillo portanto, realmente infeliz, o foi sobretudo por não se haver resignado a esperar; querendo precipitar os acontecimentos, correu atraz

de uma nuvem, — e essa lhe fugiu constantemente até os 26 annos de edade, como acabanos de vêr.

RAMIZ GALVÃO. — *Biographia de Fr. Camillo de Monteserrate.*

Moniz Barreto.

Moniz Barreto foi a figura propria do seu meio social.

A Bahia de ha 30 ou 40 annos passados, — mixto das tradições patrioticas do Pirajá e da vida patriarchal dos nossos maiores ; a Bahia — berço de aguias e de cantores, com a sua natureza esplendida e as suas festas ruidosas, com as romarias alegres do Bomfim, os passeios deliciosos a doce claridade de um luar de prata, o enthusiasmo innato em seus filhos, a gentil garrulice de suas damas, o encanto de seus saráus despretenciosos ; — a Bahia daquelles tempos era o scenario apropriado á expansão de uma natureza de poeta sensivel aos éstos da flamma patriotica e aos doces gozos das festas de familia. Moniz Barreto foi sobretudo uma e outra cousa : a mulher e a patria constituiram o thema quasi constante, ainda que sempre novo, de seus versos mais estimados.

Dava-se, porém, em Moniz um curiosissimo phenomeno psychologico, que não passou despercebido ao biographo.

Estas mesmas fontes de inspiração parece que o deixavam, não direi frio, mas doce e calmo na meia luz do gabinete. Outro era o homem ao calor

do improviso, em lucta com as difficuldades da occasião, deante dos auditorios presos aos seus labios, no bulicio dos salões e dos theatros, á luz do dia perante as massas irrequietas de povo.

O que aos homens vulgares atemoriza e retrahe, para o famoso repentista era a mais poderosa excitação de seu genio singular.

Diz-se de alguns grandes capitães que, incapazes de conceber vasto plano de operações e de conduzir um poderoso exercito á victoria pela sabia combinação de movimentos estrategicos, são todavia leões indomitos no campo da batalha, e prodigios de agudeza e percepção clara, quando no mais duro da refrega os inflamma o clangor das trombetas e o fumo dos canhões.

Moniz se me afigura um heróe desta natureza. Seus mais arrebatadores triumphos obteve-os no improviso, quando o estro superexcitado pela grandeza da lucta rompia em scentelhas divinas. Dir-se-ia que naquelles momentos supremos as forças vivas do espirito se recolhiam todas ao mais intimo do intellecto, e faziam do homem um semideus.

Como a materia que pelo attrito se electriza, como o metal que se aquece ao bater do martello, o espirito do poeta carecia da grande luz, das pompas da natureza, das apparatosas scenas da vida publica ou particular, das dôres pungentes e dos grandes embaraços. Era então que surgiam os profundos conceitos, que desferia os accentos mais inflammados de patriotismo, que encontrava as imagens mais altivas para falar ao coração das turbas, qúe achava a nota mais doce e graciosa para render preito á belleza.

O oceano é assim; si encontra a praia arenosa e lisa, despeja suas aguas com o desdem de soberano. Levantae-lhe, porém, um dique ás vagas atormentadas pelo furacão do Sul; o gigante em furia embravesce e trôa, não reconhece força bastante poderosa para conter-lhe os impetos, e accêso pela lucta, entre estampidos de raiva e uivos de féra investe e recúa, redobra de violencia e de fragor, desmorona, espanada, alaga e vence.

Estas victorias sobrehumanas do repentista viuas a Bahia com espanto, e dellas guardou sempre grata memoria.

RAMIZ GALVÃO. — *Moniz Barreto, o repentista.*

Laurindo Rabello.

Nas boas salas desta capital, um rapaz alto e moreno, magro e de hombro levantado, sempre fazendo tregeitos e retorcendo o espêsso bigode negro, dominava em noites de saráos a onda dos convivas, fascinando pelos repentes e pela palavra as moças mais gentis e bellas, governando a seu capricho, em saúdes de mesa, o enthusiasmo e as palmas, os risos ou mesmo as lagrimas.

Esse rapaz, cigano de origem, correcto em seus modos, regular ou perfeitamente trajado, chamava-se — Laurindo Rabello.

Personagem quasi obrigado a amplo circulo de festas intimas, frequentador infallivel de determinadas casas, o nosso poeta era o desejado de todas as reuniões, das quaes se tornava um verdadeiro astro a desprender chispas, fulgores.

Falseado no seu caracter pelos nossos criticos, á excepção de Sylvio Roméro, o mestre dos mestres, Laurindo Rabello tem passado por mendigo, ingrato, importuno, tocador de violão por dinheiro, e quanta inverdade mais seja possivel inventar no sentido de aguçar a curiosidade e a compaixão.

Nelle tem feito a critica funccionar como talento as qualidades más que lhe empresta, sendo isto uma mentira, uma calumnia. Esquivo e errante por peccado ethnographico, orgulhoso e altivo como um arabe, o cantor das *Trovas* estava sempre em luta com a sociedade em que vivia, reservando para bem poucos os affectos de sua grande alma. A confusão da indole poetica de Laurindo — um elegiaco — com um infeliz, um desclassificado, é tamanho erro no estudo de sua individualidade que importa o desconhecimento completo de suas satyras, d'*O Estudante e a Lavadeira*, do *Namorado sem dinheiro*, da *Romã*, etc., que, unidos aos *Dous impossiveis*, ao *Adeus ao mundo*, ao *Meu segredo*, e a outras poesias, demonstram á saciedade as multiplas variantes do seu genio, excluindo em absoluto a estranha maneira por que o desfiguram.

Caminhador, pilherico, divertido, comendo muito bem, Laurindo Rabello, que tocava piano e melhor ainda violão, que cantava modinhas e lundús, na maioria postos em musica por seu inseparavel amigo João Cunha, constituia-se o rei das festas, a figura principal da época, em torno da qual por cêrca de vinte annos girou o movimento harmonioso das nossas canções.

Abordavel a seu modo, improvisador facil, era depois de adeantada hora da noite que as mais

calorosas palmas e gostosas gargalhadas lhe victoriavam a sahida nos lundús especiaes só ouvidos por homens, a um canto das mesas de jantar, aos accelerados e vibrantes arpejos de seus floreados acompanhamentos.

Dentre esses lundús em voz baixa, do repertorio secreto e inedito dos trovadores de profissão, tornaram-se inexcediveis os de Laurindo, pelos trocadilhos chistosos, pelo sentido equivoco das palavras. Modulados por elle, feiarrão, gesticulador, batendo na prima, tocando no bordão, dispensa a descripção do agrupamento de ouvintes, do exito maravilhoso do autor dos versos, com expressiva musica de seu companheiro João Cunha, um dos mais populares cantadores e compositores de modinhas que então existiam no Rio de Janeiro.

MELLO MORAES FILHO. — *Cantares Brasileiros.*

Sobre o ensino obrigatorio.

Tão legitimo, como é legitimo o patrio poder, o qual não involve certamente o direito deshumano de roubar ao filho o alimento do espirito, — o ensino obrigatorio é ás vezes o unico meio de mover pais e tutores remissos ao cumprimento de um dever sagrado. Nas cidades, por exemplo, onde haja escolas sufficientes, como não os sujeitar a multas, ou a trabalhos e prisão no caso de reincidencia? Entretanto, com razão adverte o Sr. Laboullaye, melhor fôra evitar esta triste necessidade; antes se abram, por toda a parte como nos Esta-

dos-Unidos, escolas dignas deste nome : sua força de attracção é sempre irresistivel.

O principio do ensino obrigatorio deixou, porém, de ser novidade. Não se póde desconhecer, ponderava o Sr. Forster á camara dos communs, quanto ultimamente se tem propagado a doutrina do ensino obrigatorio, a qual esse ministro se dizia um recente converso. Recalcitrante o adepto recente, tão bem se confessava, na mesma noite, Sir John Packington, um dos chefes da opposição conservadora. Consagrando o principio da obrigação, sob pena de multa contra os pais negligentes, naquelles logares onde as juntas de educação o entendessem util e necessario, a lei proposta ao parlamento inglez encontrou, por esse lado, a censura dos que preferem uma regra geral e inflexivel. Tal é, em Inglaterra, a opinião até de illustres conservadores. Como todas as grandes idéas, essa faz o seu gyro á roda do mundo : pertence-lhe o futuro?

TAVARES BASTOS. — *A Provincia.*

Os Salesianos.

(A INSTITUIÇÃO DE D. BOSCO)

Dentre tantos apostolos que tanto teem amado a pobreza e glorificado Jesus Christo no pobre, ninguem o glorificou mais do que esse homem extraordinario, estupendo, cujo amor predilecto parece ter sido justamente o amor da pobreza; ninguem o glorificou mais do que D. Bosco, ninguem mais

do que D. Bosco comprehendeu o que é o pobre.

D. Bosco não forneceu sómente a nossa epocha uma das mais bellas soluções do problema social nas suas multiplas phases — educação, ensino, trabalho, moralidade. D. Bosco não deu sómente a nossa epocha, ao nosso seculo, á sociedade moderna modelos admiraveis, na officina, na fabrica, nas industrias, nas profissões e artes liberaes; D. Bosco não provou sómente com a eloquencia dos factos como é pueril, estreito, ridiculo esse preconceito, aliás de homens de lettras, de homens politicos e de governantes, de estadistas, que já Montesquieu combatia no *Espirito das Leis*, de que a religião catholica diz apenas respeito aos interesses supra-sensiveis do homem, as suas esperanças de immortalidade, desprezando completamente os interesses da terra. D. Bosco não provou sómente com a eloquencia dos factos como o rico e o pobre se podem entrelaçar, realizando o pensamento da Escriptura — *dives et pauper obviaverunt sibi*. D. Bosco não foi sómente um dos grandes pacificadores da revolução que agita o mundo moderno... D. Bosco entendeu o que é o pobre; reconstruiu o papel evangelico de pobre; fez com que o pobre reassumisse a sua dignidade na Egreja. D. Bosco comprehendeu o que é o pobre, comprehendendo a grandeza sobrenatural de pobre, o seu destino providencial, transformou o pobre em protector do rico. Comprehendeis bem, meus amigos, o meu pensamento? Apprehendeis perfeitamente esta bella e admiravel obra de D. Bosco?!

Muitos teem decantado a obra social do apostolo; outros muitos teem enumerado os multiplos beneficios da instituição salesiana. Eu quero, porém

posto que o primeiro, saudar a belleza theologica da obra de D. Bosco. Essa obra não foi um tractado, um compendio, um livro. Foi mais, muito mais, incomparavelmente mais do que isso: foi a restauração na Egreja do plano de Deus, que a fundou sobre a pobreza, fazendo do pobre, não só o previlegiado de Deus, não só o hierarcha do rico, mas o protector do rico. Eis a grande obra theologica de D. Bosco.

No seio da sociedade moderna, onde tantos odios, tantas paixões e tantas ambições inconfessaveis assaltam a propriedade e ameaçam a riqueza, elle creou uma protecção para o rico, mais poderosa do que os governos, mais efficaz do que os exercitos, mais solicita e previdente do que a politica. Comprehendeis a belleza de sua obra? Mais do que a infancia desamparada, os ricos devem venerar D. Bosco! Saudemos, pois, saudemos na sua obra gloriosa o grande restaurador.

PADRE JULIO MARIA. — *Livro do Centenario.*

Saldanha Marinho.

As pessoas que penetravam no Senado, organisado segundo a Constituição de 24 de fevereiro, percorriam com a vista o antigo recinto onde trovejára a voz autorisada de Antonio Carlos; onde retumbára a palavra potente e vasta de Jequitinhonha; onde fulgira o espirito fecundo de Bernardo de Vasconcellos; onde se ostentara a solemnidade do marquez de Olinda; onde se escutáram as vibrações argentinas de Abrantes; onde se viram

as fórmas opulentas do estylo de Inhomerim, as graças peregrinas do atticismo de Octaviano, as scintillações do talento de Cotegipe, de Euzebio de Queiroz, do barão de Uruguayana, de Zacharias de Góes, de Candido Mendes; onde se admirára a eloquencia viril e radiante de José Bonifacio e Fernandes da Cunha; onde, emfim, passára uma dynastia gloriosa de ministros responsaveis, — concentravam attenção em um velho senador, repoltreado em uma das antigas curues.

Alquebrado pela doença, cingindo em roda do pescoço um eterno *cache-nez*, alvejando-lhe no queixo uma espessa pêra, que se diria um jorro de neve — Saldanha Marinho contemplava a scena legislativa, em que elle mesmo se considerava antes um espectador, do que actor interessado no desempenho do drama politico.

Representava o eleitorado da capital, cuja confiança mereceu diversas vezes, durante o antigo regimen.

Parecia uma sombra, que vinha, naquelle theatro de esplendidas glorias, attestar unicamente as lutas da liberdade e da intelligencia, da sabedoria e do patriotismo. Incarnava em si uma longa tradição parlamentar. Era uma reliquia como que sagrada do passado. Como o antiste supremo da *Athalie* de Racine, estendia as mãos e não encontrava as paredes do templo. Volvia-se para o altar e o via deserto. Chamava pelos companheiros d'outr'ora e sentia esvair-se o eco, sem acordar aquelles do precipicio e montanha do valle das lamentações. Na mente se lhe revivia todo o passado do paiz, no qual o governo parlamentar o cingiu das palmas virentes da fama, creou-lhe os presti-

gios da popularidade, e nobilitou-o na estima da opinião nacional.

Não se lhe deparava aberta a arena dos combates da palavra, inspirada pelas emoções impetuosas e inopinadas do momento. O orador não travava, corpo a corpo, a luta. Não enfrenta o adversario. A eloquencia, que era o esplendor, o raio das grandes assembléas deliberantes, no regimen presidencial é apenas um espectro, uma perfeita inutilidade.

Saldanha Marinho, velho e proficiente parlamentar, confrangido ante o espectaculo do presente, refluia aos dias da sua edade viril, quando pleiteava a causa liberal, desde os comicios populares até a tribuna ardorosa das assembléas politicas.

Uma intensa tristeza magoava-lhe o espirito, comparando o gráo do progresso entre o passado e o presente. Então murmurava — ah! não era esse o ideal que me illuminou a melhor parte da minha vida. Eu queria a liberdade com todas as preeminencias da grandeza, que honra e nobilita a intelligencia...

O veterano da liberdade tinha razão. Sentia-se asphyxiar no ambiente da camara, que não tinha senão um valor decorativo, como os antigos ESTADOS GERAES das velhas monarchias, puramente administrativas; como o Senado da Russia, cujo voto é apenas consultivo, um começo de deliberação.

Saldanha Marinho, advogado, jurisconsulto e jornalista, desde moço habituou-se ao exercicio do raciocinio e da palavra escripta e improvisada. Elle conhecia e apreciava o valor desse instrumento, que é a arma poderosa nas discussões da imprensa

e nas lutas da tribuna. Pela pelavra, a civilisação se tem transformado; as tyrannias têm sido anniquiladas; os povos se têm emancipado; o baptismo de luz, de verdade e de justiça se tem derramado com a instrucção sobre a fronte da humanidade.

A palavra, comparada ao gladio de fogo, segundo a expressão do apostolo, regenerou o homem moderno.

Saldanha Marinho aprendeu a servir a liberdade no tempo em que o segundo reinado fazia da carta constitucional o paladio de todos os brazileiros.

Eunapio Deiró. — *Folhetim do* Jornal do Brasil.

Crise politica

A crise constitucional de 30 de julho de 1832 foi um erro politico. Não confiando nos recursos legaes, o governo quiz ser arbitrario, e tentou um meio que assustou aos verdadeiros amigos do regimen constitucional. Os homens da lei descreram da lei, julgando que só podiam vencer seus adversarios com as mesmas armas com que estes os acommettiam, e sem attenderem que lhes estava confiada a sorte da patria, bem como a grandeza e integridade do Imperio, prepararam um acontecimento que podia destruir a ordem publica. Felizmente no momento decisivo cada deputado esqueceu suas convicções politicas, interesses de partido, e ambições, e só ouvindo a voz da patria porque era a da razão e da legalidade, levantou valente brado contra o acto do governo; nenhum ousou afastar

se do terreno da legalidade, nenhum ousou tocar a arca santa das instituições patrias.

Referindo-se a este acontecimento, diz o doutor barão Homem de Mello :

« Cada deputado, seguindo o pendor de suas idéas, só considerou na gravidade do golpe ; diante de seus olhos estava a imagem da patria, não o interesse do partido. Nessa conjectura não houve maioria nem minoria. Arrastado por uma inspiração subita e espontanea, o maior numero repelliu o golpe. Os chefes do plano recuaram em face desse susto. A tentativa havia falhado » (1).

A camara dos deputados ouviu as representações que lhe dirigiram e os juizes de paz, das freguezias da côrte e a guarda nacional, pedindo-lhe energicas providencias para o bem do paiz ; mas conservou-se em attitude honrosa, constituiu um unico partido, o do senso publico, o da ordem, e desse modo conseguiu terminar em paz e com jubilo publico essa revolução parlamentar. Mencionando este dia da historia patria diz o *Constitucional*, periodico publicado em 1862 :

« O imperio, prestes a descambar, foi sustido como por um milagre á borda do abysmo. Dia nenhum assomou tão iracundo nos horizontes do paiz, e terminou cercado de tão vividos explendores como o dia 30 de julho de 1832. »

Tratando deste acontecimento, Evaristo Ferreira da Veiga escreve na *Aurora Fluminense* o seguinte :

« O dia 30 de julho, esse thema eterno das declarações da opposição, imprudente como foi, e

(1) V. *Escriptos Historicos e Litterarios* de F. I. M. Homem de Mello — O dia 30 de julho.

quanto a nós pernicioso, será, não obstante, algum dia apreciado no seu devido valor, e o Brasil, conhecendo a pureza dos motivos que determinaram alguns patriotas a assentirem ás idéas que então appareceram, e á perfidia com que se tem convertido seus pensamentos e designios, far-lhes-á toda a justiça que merecem. Verá, se erraram, que ao menos a sua intenção estava despida de considerações de interesse pessoal, que o seu fim era salvar a patria, cujos perigos pareciam formidaveis, e ainda hoje não são pequenos. Cinco mezes apenas têm decorrido, e já muitos daquelles, que se procurou intimidar com os receios da republica, estão persuadidos de que a sua boa fé fôra então sorprendida por espertos intrigantes ; deixemos passar mais alguns mezes e então falaremos friamente ácerca do 30 de julho, do qual comtudo estamos longe de ser partidista. »

Semelhante juizo corrobora nosso asserto quando nos referimos ao distincto publicista, mencionando seu modo de pensar sobre este facto da historia patria.

A guarda nacional da côrte se postára em armas, emquanto a camara dos deputados permaneceu em sessão permanente ; mas não foi preciso manobrar, porque o povo não teve um insulto, nem uma ameaça para affrontar qualquer cidadão ; comprehendendo que ninguem tratava de atraiçoar a patria, porém salval-a dos perigos, que pareciam formidaveis, como diz Evaristo, conservou-se quieto, calmo, nobre no meio das ameaças e intrigas politicas ; guiado pelo instincto do dever e da ordem, ensinou ao governo que se deviam acatar sempre as constituições patrias, e consagrar

profundo respeito á instituição do Estado ; assim o bom senso popular foi nesse dia sublime razão.

MOREIRA DE AZEVEDO. — *Memoria lida em sessão do Instituto Historico*..

O Pessimismo nas escolas.

Não basta, porém, que á escola se tenha tirado esse caracter repulsivo de carcere privado e de matadouro antigo. No estado actual da nossa civilisação, dada a insinceridade dos pedagogos, nos proprios jardins da infancia e nas escolas, em que o ensino corre parelhas com as mais bellas festas, senão espectaculos da intelligencia, sob a apparencia dessas flôres e desses ruidos festivos, muita vez se estão apparelhando escravidões intellectuaes, ergastulos moraes, muito peores do que os que nos fabricavam os mestres-régios dos tempos antigos. Eu me refiro ao pessimismo propinado nas escolas por meio de uma educação civica, na qual directa ou indirectamente se reflecte o desalento de certos espiritos e a desorientação de naturezas, para as quaes não existe uma faculdade chamada *enthusiasmo*, susceptivel de ser cultivada como qualquer outra.

De que serve alimentar a energia individual do alumno, illuminar-lhe a imaginação, enchendo a sua intelligencia de aspirações scientificas e artisticas, si tudo isso tem de esbarrar diante da convicção de que o circulo em que elle vive não o animará, nem correspondendo a seus esforços nem comprehendendo os seus intuitos ?

Pois bem, é esse o grande vicio que se nota, com raras excepções, na pratica de todos os dias. O pessimismo e o máo humor filtram a todo instante, passando dos labios do mestre e das paginas dos livros, através do coração ingenuo das crianças ; e quando menos se pensa, em vez de se ter apparelhado um homem, sadio no corpo e na alma, alegre e contente de si mesmo, e cheio de coragem para entrar na lucta da vida, o que se encontra é um desalentado, um vencido, cuja unica aspiração está no repouso, cuja unica actividade se reduz a uma critica esteril do circulo social em que as circumstancias o collocaram. E tudo isso, esse mediocre sentimento de resignação, essa repugnancia invencivel ao esforço, essa perenne maledicencia contra o paiz e contra os seus homens, não é sinão o resultado inconsciente do pessimismo que tem invadido sorrateiramente o nosso meio intellectual, e que, de um modo insensivel, vai carcomendo, a começar da escola, uma das mais bellas qualidades do homem — a coragem.

Como é possivel que de nossas academias saiam doutores dispostos a concorrer para o engrandecimento desta Patria, si desde os bancos de primeiras letras só se faz plantar em seu espirito a ideia da inferioridade do caracter nacional, da impotencia da raça a que pertencemos, da inutilidade do esforço num meio social condemnado pelas leis fataes da historia a ser mero campo de exploração de industrias de outras nações?

ARARIPE JUNIOR.

A autocracia de Rosas

Como todas as autocracias de origem democratica, a de Rosas sentiu necessidade de apoiar-se no povo. Ao seu amparo, desde os primeiros dias da sua governança, « a plebe principiava a se levantar armada contra a sociedade culta. » Os homens de fortuna, com os expellidos da administração e as familias dos proscriptos, formavam um dos dois lados, que compunham a sociedade argentina, dividida entre elles e os asseclas do dictator: estes entonados e omnipotentes; aquelles indefessos e aterrados. A multidão, desaçaimada nos seus instinctos mais violentos, representava « a restauração das leis », e, em nome della, exercia sobre Buenos-Aires a soberania do punhal e do tagante. O primeiro penetrou até a sala dos representantes, e traspassou o coração do dr. Maza, debil, creatura, antigo joguete do dictador, a cujo assassinio succedeu a execução do filho, transportado um e outro para a cova na tumba da policia, unicas honras funebres tributadas ao presidente da legislatura. O outro açoitava matronas e meninas, pelo crime de possuirem loiça azul, côr nefaria, prohibida, em que os inimigos da patria rendiam culto á bandeira das tradições liberaes de maio.

Ruy Barbosa. — *Cartas de Inglaterra.*

Unidade da Magistratura.

Um dos pontos em que nos parece que o programma do partido, que acaba de se organizar em S. Paulo, ficou muito áquem das necessidades palpitantes do momento, e dos reclamos geraes, foi no tocante á unidade do processo, sem unidade da magistratura.

O novo partido inscreveu no seu programma, como reforma necessaria a competencia privativa do Congresso Nacional para legislar sobre o processo civil, commercial e criminal da Republica, o que presentemente é da attribuição dos Estados. Na verdade é uma reforma que se recommenda, e que a unidade do direito nacional exige. Nada justifica ter o legislador constituinte conferido aos Estados o poder de legislar sobre o direito processual, ao passo que adoptou a unidade do direito material. Mas por si só não corresponde aos intuitos do novo partido, si, no empenho de reconstituir a Republica, elle quer dotal-a de uma boa justiça. Com este desideratum é preciso ir além.

Que a situação da maioria dos Estados, com referencia á administração da justiça, é das peiores, sinão de todo pessima e desesperada, é coisa que não póde soffrer duvida e contestação, a não ser por parte daquelles aos quaes interessa uma magistratura servil e submissa, como instrumento de dominio. Mas não será da simples unidade do processo que ha de vir o remedio. E' mis-

ter libertar a magistratura da acção da politica estadoal, muito mais desembaraçada de escrupulos, porque sobre ella muito menos se faz sentir o influxo salutar da opinião.

Contra a independencia da magistratura federal não se têm dado ainda os indecorosos abusos de que tem sido victima a magistratura dos Estados, como, por exemplo, em Sergipe, Paraná e Rio Grande do Norte, onde se fizeram reformas constitucionaes, no interesse da politicagem, e com o intuito exclusivo de aposentar e demittir magistrados que as respectivas constituições proclamavam vitalicios; ou, o que é peior ainda, como no Ceará, em que a impudencia chegou ao ponto do simples Congresso ordinario reformar a propria Constituição do Estado, para conseguir os mesmos fins partidarios, ao que fez illustre mestre de direito, em livro destinado ao ensino da mocidade, este curto, mas incisivo commentario: « a gente acredita, porque está escripto ».

Si a dependencia em que vive a magistratura dos Estados, das olygarchias que os exploram e os dominam, com sacrificio da garantia de todos os direitos, mesmo os de ordem individual, já é bastante para convencer que se deve entregar a administração da justiça em toda a Republica á União, outra razão, tambem valiosa, aconselha essa reforma: a falta de recursos de muitos Estados para remunerar convenientemente os seus magistrados. Com os magistrados federaes ainda não se deu o caso que já tem acontecido com os dos Estados, entre outros com os do Rio de Janeiro, que aliás é dos mais importantes da União, de levarem mezes e mezes a viver do credito, por lhes

faltar o Estado com o pagamento em dia dos seus vencimentos.

O nosso legislador constituinte, estabelecendo a dualidade da magistratura, copiou servilmente a Constituição Norte Americana, sem perceber que ali a instituição obedeceu a razões historicas, para respeitar um estado de coisas preexistente á Constituição, emquanto, entre nós, as razões daquella natureza deviam actuar justamente para a unidade, visto que eramos um povo unico, com unidade de instituições judiciarias e com unidade e uniformidade do direito.

Argumentou-se no Congresso Constituinte com a Federação, invocando-se o principio da soberania dos Estados, principio falso, porquanto a soberania só pertence á União. Mas ali mesmo, não obstante vir afinal a prevalecer a dualidade, ficou cabalmente demonstrada não só a sua inconveniencia, mas, principalmente, que a unidade da justiça nacional, a par da unidade do direito, é o que mais convinha á Federação Brasileira.

Entre os constituintes que mais se distinguiram, sustentando a boa doutrina, estava o illustrado dr. José Hygino, que poz em evidencia que a justiça é um interesse nacional, como os negocios externos, o exercito, as finanças federaes, e outras que pedem uma regulamentação uniforme a bem da conservação da communhão, ou como condição do commercio social.

« A justiça, disse o eminente jurisconsulto, affecta todas as relações da vida civil. Mas ainda nos Estados modernos, cujos governos devem ser conformes ás leis, exercitando a sua actividade dentro dos limites da ordem juridica, a justiça

tambem affecta as relações da vida publica, e, por consequencia, é um ramo de administração que interessa em geral ás relações dos cidadãos entre si, e não sómente ás dos cidadãos de uma provincia ou de um municipio. »

LEÃO VELLOSO FILHO. — *Correio da Manhã*.

A festa do trabalho.

No grande drama da historia, como num quadro mutilado, tem sempre andado ausente a principal personagem. Atraz dos bastidores sente-se estuar o gigante, como um mar atroante, procelloso, batendo em vão nas faldas da montanha. E' o povo, no seu immenso anonymato, na sua desassignalada grandeza, na sua força descuidosa e inferma.

Magos e prophetas, reis e senhores, por uma especie de procuração em causa propria, ás mais das vezes irrita e fraudulenta, incumbiram-se de falar por elle.

E, nessa tremenda tragédia de dez mil annos, talharam para si os papeis de protagonistas, tomaram as vestes da festa, montaram os corceis da gloria, e eil-os partidos aos quatro ventos, apregoando esforços e triumphos... E o descuidado anonymo esquecido no velipendio, pupillo eterno da historia !

Magos e prophetas, reis e senhores, despertos pela estrella da manhã dos tempos, encheram de suas pretendidas maravilhas as terras adustas do

Oriente. Nasceram, medraram, sumiram-se imperios a seu acceno ; os annuaes das nações enthezouraram, em seu nome, prodigios e assombros.

No sólo da Europa produziram-se as mesmas scenas.

Republicas aristocraticas, imperios cezarianos, theocracias byzantinas, prorahiram por seculos e seculos a dança mirabolante dos magnatas, e conservaram na meninice o generoso gigante de mil braços, a quem Roma caduca atirava pão e divertimentos, e a edade media, mais generosa, mais idealista, convidava a orar á sombra das cathedraes, ao som mavioso do orgão e das litanias sagradas.

Mas a força não tinha de morrer, e a consciencia não tinha de apagar-se dos fastos da humanidade. O menor tornou-se adolescente. Os officiosos procuradores, reis e nobres, ensurdecidos no meio das galas, embriagados de vaidade, allucinados do proprio fausto, não se aperceberam das alterações do scenario, e viu-se o pupillo, num movimento de impaciencia, atirar pelos ares o throno secular do Capetos.

Tinha-se mudado a decoração da tragedia; mas a personagem principal teria de ficar ainda por annos e annos relegada para o escuro do quadro. Veiu o genio de nosso seculo e iniciou a obra das reinvidicações.

A operação ficou em meio caminho. Ao povo, á massa, á multidão, á raça humana, tomada no seu harmonioso conjuncto, foi reconhecida a autoria de suas proprias creações, de seus mythos, de suas linguas, de suas legislações, de suas doutrinas moraes e até de seus proprios deuses. Era

só isto ; neste mesmo trabalho tinha, porém, de manifestar-se pelos orgãos de seus *homens representativos*. O heróe, o chefe, o genio, o mestre, o senhor, era o factor obrigado da evolução lenta do anonymato; porem era sempre o heróe, o chefe, o guia, o mestre, o senhor...

E' esse o resultado da critica dos Grimms, dos Strauss, dos Taines, dos Renans.

A procuração deixava de ser em causa propria : mas era ainda obrigada e indispensavel.

Era o mais que podia obter o povo, a multidão, na orbita intellectual. Obreiro do seu proprio genio, na esphera politica, tinha de ficar em perpetua tutela, como as mulheres da primitiva legislação romana.

Foi quando appareceu o protesto do socialismo, atirando os instrumentos do trabalho no meio da contenda : Basta de menoridade e de tutela ; é já demais que muitos milhões de famintos consumam a vida para alimentar os ocios de uma minoria de privilegiados !

E travou-se a lucta do quarto estado, a peleja do operariato.

A sciencia com suas luzes, a religião com suas consolações, a politica com seus systemas e seus expedientes, a economia com seus conselhos, tudo e todos têm chegado com sua palavra de paz ou de guerra.

E o pleito continua de pé e não é dado ainda prever plenamente se a solução trará a calma e o contentamento. O dia de hoje symbolisa festivo uma das victorias do socialismo bem inspirado, a regulamentação das horas do trabalho, do descanço e da instrucção para os operarios.

Em os seus triumphos futuros sejam assim pacificos e promissores de concordia.

Somos obreiros da paz e sabemos honrar todas as conquistas generosas.

Em nossa Republica, que ainda não sahiu do periodo fetichista dos *nomes proprios;* que ainda não comprehende amplamente que um homem não se prenda a grupos para poder ser justo com todos e independente com todos; que não quer por emquanto admittir que se possa falar bem de Benjamim Constant sem. que seja indispensavel dizer mal de Deodoro da Fonseca; que se possa reconhecer em Floriano Peixoto a virtude da resistencia sem que por isso tenha-se a obrigação de desconhecer os grandes erros do seu governo; que se admittam as virtudes pessoaes de Prudente de Moraes, seu grande desejo de acertar, sem que se fique na obrigação de esconder as vacilações e incertezas da sua politica; em nossa Republica, que já deve ir pensando em afastar-se da idolatria do *heróe*, ou *supposto* tal, é cedo ainda para pensarmos em reinvindicações socialistas. Temos, porém, obrigação de applaudir, desde já, as victorias do povo no Velho Mundo e de estudar os problemas que, mais cedo ou mais tarde, nos hão de bater á porta.

Neste sentido saúdo o grande dia dos operarios (1895).

Sylvio Romêro. — *Novos Estudos de Litteratura Contemporanea.*

Diversidade dos municipios

Respeitar a diversidade de circumstancias entre as pequenas sociedades locaes que constituem uma mesma nacionalidade, tal deve ser a regra suprema das leis *internas* de cada Estado. Neste sentido, a variedade sob o systema federativo leva decidida vantagem á uniformidade administrativa, quer da monarchia centralisada, quer da republica uma e indivisivel.

Supponha-se uma lei municipal vasada no molde mais perfeito de um liberalismo consummado supponha-se a mais larga em suas bases e nos seus meios de acção: talvez não seja essa a melhor para o Brasil inteiro, talvez redunde em grande decepção. Por ventura, o municipio do Brasil, ou em outra parte qualquer do mundo, offerece um typo commum, que se regular possa por lei uniforme do parlamento nacional? Onde está, dizei-nos, esse typo commum, identico, em Inglaterra e nos Estados-Unidos, cujas parochias e municipios são aliás cousas reaes, não entes de razão?

Sabemos que escriptores descrevem, compondo-o de traços particulares de municipios distinctos, o que elles chamam o *systema municipal* dos Estados-Unidos, da Inglaterra, da Allemanha: mas isto é uma generalisação do escriptor, é creação do publicista. As leis não conhecem municipios tão uniformes e perfeitos; as leis os organisaram differentemente sob a lenta acção do tempo, ao influxo de necessidades e interesses que variam, variando as leis. « Como a familia, existe

a communa antes do estado, dizia Royer Collard ; a lei politica a encontra, mas não a crêa. »

A uniformidade nos mata. Não! não é de lei uniforme, por mais liberal que seja e mais previdente, que depende resuscitar o municipio ; depende isto de leis promulgadas por cada provincia, conforme as condições peculiares de cada municipio.

Leite de Procusto, a legislação symetrica é um sonho enganoso : effeito da paixão niveladora, ella só gera decepções.

TAVARES BASTOS. — *A Provincia.*

Fallecimento de Canning. Sua individualidade.

O prematuro desapparecimento de Canning, em agosto de 1827, poupou-lhe amargas decepções, porque, das nações latino-americanas por elle introduzidas na vida politica, nenhuma, com excepção do Brazil, se mostrou immediatamente digna da honra que lhes fora dispensada.

Nem commercialmente a America Latina, e ahi não se exceptua o Brazil, tornou-se fertilissimo campo de actividade, exploração e lucro que Canning devaneava, de harmonia com a maioria dos seus compatriotas.

Tambem ás novas nações foi muito sensivel a falta de Canning, porque n'elle perderam um conselheiro interessado, zeloso e seguro, que lhes não furtaria animação, assim como lhes não regatearia admoestações, segundo póde deprehender-se do seguinte periodo de uma carta sua a Granville :

« Rejubilou-me erguer esses povos á condição de Estados, mas não os deixarei imaginarem-se muita cousa (fancy themselves too fine tellows), como certamente aconteceria si não fossem tratados d'alto quando o merecem (as they would be apt to do if not snubled when deserve it). »

Não foi menos sensivel a sua falta á Grã-Bretanha, cuja evolução no sentido democratico, poderosa ainda que indirectamente orientava n'esse sentido pelo espirito aberto e progressivo de Canning, não poude ficar suspensa pelos esforços do duque de Wellington e dos high tories, durante o curto ministerio que serviu de transição para o gabinete reformista de lord Grey.

Canning, si tivesse vivido, teria precedido Gladstone na sua famosa passagem do campo conservador para o campo liberal : teria certamente sido o organisador da nova Inglaterra, creada pela Reforma de 1832. Um escriptor do valor de sir George Lewis, o auctor do classico livro sobre as administrações inglezas de 1783 a 1830, e intelligencia cuja sagaz observação é realçada por um profundo conhecimento dos factos de que se occupa, não vacilla em affimar que nenhum estadista britannico dos tempos modernos deixou no continente da Europa um nome tão identificado com uma politica larga e generosa.

Canning foi nada menos do que o agente dissolvente da Santa Alliança dos Reis contra os Povos, ou melhor, o energico reagente que produzio o precipitado de corôas absolutas, depositadas para sempre como sedimento no liquido purificado da corrente popular.

A Independencia do Novo Mundo latino-ameri-

cano, elle a consummou contra a opposição da Europa Continental, ainda mais adversa, si possivel, ao engrandecimento commercial e moral da Grã-Bretanha do que ao alastramento das idéas republicanas.

E para pôr um remate adequado a tão nobre vida, contribuiu mais do que ninguem, mais mesmo do que os Czares russos, empenhados de corpo e alma na absorpção a Turquia, para a final libertação da Grecia, a parte das artes e da philosophia, a sua patria intellectual, porque elle foi um apaixonado da Forma, ou da expressão real, e um cultor das Idéas, ou do fundamento abstracto.

O seu estylo plastico — vibrante de ironia e de affeição nas cartas intimas, tumido de originalidade e de força pratica nos papeis officiaes, directo, incisivo e ao mesmo tempo cheio de dignidade nas orações parlamentares — era a expressão de uma intellectualidade facetada e luminosa como um diamante. De qualquer lado que a encaremos, para qualquer lado que a voltemos, ella sempre esparge luz e chama a nossa vista.

Canning, fallecido aos 57 annos e tendo tido que dominar condições e circumstancias contrarias, não poude chegar ao zenith da sua influencia politica, mas a sua attracção tanto sobre as massas como sobre a classe directora, e n'aquelle momento ainda obstante os dissidentes amigos da reacção, verdadeiramente magnetica. O *Times*, o jornal que n'este seculo melhor ha traduzido a media do pensamentos inglez, e cuja independencia de linguagem foi sempre tão completa que, no dia immediato ao da morte de Jorge IV, pronunciou com absoluta franqueza no seu editorial que « nunca

existira um individuo menos lamentado pelos homens do que o defuncto Rei », escrevia á 7 de agosto de 1827, quando Canning agonisava em Chiswick, que nunca a solicitude na Inglaterra fôra mais intensa ou universal pela vida de um homem publico. Esta homenagem da opinião é tão espontanea e foi tão singelamente manifestada, que nenhum outro elogio a poderia encarecer.

OLIVEIRA LIMA. — *O reconhecimento do Imperio.*

A questão territorial.

A republica brasileira, em sua demorada phase de organisação por que está passando, muito ainda tem a fazer. As grandes questões politicas realmente não se resolvem de momento. Ellas requisitam o conhecimento de principios e doutrinas que se achem de commum accôrdo com as forças vitaes da nação e requerem o estudo aprofundado do estado social e das suas tendencias, afim de que se opére harmonicamente a determinação da marcha do progresso com a ordem. Sem isso as sociedades fluctuam em um como mar encapellado de agitação continua, de fórma que tendem naturalmente, sob o impulso de aspirações injustas, para um estado de completa desorientação.

Attento o gráo de complexidade de que se revestem questões dessa natureza, não se póde negar aos estadistas estréantes da Republica a somma de esforços que despenderam nesse sentido.

Muitos problemas politicos e problemas que em

outras sociedades tiveram longo tempo de gestação, foram resolvidos no inicio da existencia republicana, sem o menor abalo. Mas, si a solução de muitos delles se impunha, em nome dos principios da civilisação hodierna, á deliberação das classes dirigentes, reclamando a mais rapida adopção, forçoso é confessar que alguns deveriam exigir menos precipitação e um estudo mais demorado para a sua resolução.

Ha uma outra ordem de questões, porém, que, pela sua propria natureza, pela difficuldade que apresenta na execução pratica, exigem solução prompta em certo e determinado momento historico. Nesta ordem pensamos estar incluida a questão territorial, que poderia ter sido resolvida no periodo dictatorial do governo provisorio, do mesmo modo que o foram outras questões.

Quando no periodo de colonisação se deu a divisão do territorio, nenhum principio intelligente existiu que tivesse presidido com criterio á sua distribuição em circumscripções administrativas.

Attendendo-se ás circumstancias de momento, aos attritos naturaes de ambições e desejos de todos aquelles que maior vantagem queriam levar na obra da colonisação, poder-se-á admittir essa primitiva divisão dos tempos coloniaes.

Injustificativel, porém, foi o erro do Imperio em conservar essa mesma distribuição na divisão posterior do vasto territorio em provincias. Estas quasi em geral não traziam historicamente nenhuma demarcação em definitivo, de maneira que se estabeleciam essas lutas de jurisdicção que profundamente preoccupavam os governos e perturbavam a paz que, como condição indispensavel á

prosperidade, deveria unifical-as e engrandecel-as. Esse engrandecimento não se podia realisar, emquanto se achassem sempre as provincias em questões de litigios.

Esse erro grave e funesto, alimentado e conservado pelos estadistas da monarchia, trouxe os mais profundos prejuizos ao desenvolvimento do paiz.

E, si não vejamos.

De um lado era a parte absorvente constituida pelas extensas provincias, como S. Paulo, Bahia, Minas, etc., auferindo incondicionalmente dessa supremacia iniqua a totalidade dos favores emanados da Corôa. Tuto obtinham ellas, vivendo sempre á sombra do mais absoluto proteccionismo official. De outro lado ficava o fraco nucleo das pequenas provincias, como Sergipe, Rio Grande do Norte, Parahyba, inteiramente absorvidas por aquellas e de todo arredadas das graças do governo central. Dos auxilios e favores do Imperio eram privadas.

As differenças numericas, altamente salientes da representação no seio do parlamento, faziam com que as grandes e opulentas provincias se impuzessem á direcção dos destinos politicos, ao passo que as menores nenhuma contribuição levavam á realisação das deliberações dos conselhos supremos e da Corôa. Em face desse desequilibrio entre as grandes e pequenas provincias era impraticavel o desenvolvimento das forças propulsoras da nação.

Occorre-nos a lembrança de que a determinação dos limites entre algumas provincias do Brasil, foi por alguns illustres politicos do regimen de-

cahido considerada uma questão de importancia que deveria preoccupar seriamente a attenção do corpo legislativo. Entre outros lembramo-nos do illustrado Barão Homem de Mello que, como ministro do Imperio, em o seu importante relatorio, apresentado em 1880 á Assembléa Geral legislativa, consagrou ao momentoso assumpto algumas linhas.

Na monarchia apenas não passou despercebida a questão, permanecendo a antiga divisão territorial.

No actual regimen continuam a subsistir os mesmos inconvenientes. Para a solução das magnas questões politicas, para a confecção de leis que possam affectar os interesses dos Estados, é quasi nulla a densidade de intervenção e influencia com que entram as pequenas representações. Que poderão conseguir as deputações do Amazonas, Espirito-Santo, Goyaz, Matto-Grosso, Paraná, Piauhy, Rio Grande do Norte, Santa Catharina, Sergipe ou Parahyba, si por ventura não contarem com a boa vontade ou a acquiescencia das representações numerosas, si se dá o facto de, sommadas as representações de todos esses Estados, ainda ser essa somma numericamente inferior á representação de um unico Estado, como o de Minas?

Ora, é bom que o digamos, si, por uma circumstancia occasional, acontecer que as deputações de Minas, Bahia, S. Paulo e Pernambuco ou do Rio de Janeiro, se colliguem e entre si resolvam negar apoio a toda e qualquer medida de interesse para outro qualquer dos Estados, é claro que essa superioridade numerica iniqua e politicamente absurda vem subordinar os demais Estados ao unico

arbitrio daquelles, privando-os, unicamente pela força do numero, de defender os interesses e direitos daquelles que representam. D'ahi o germen de futuras discordias e, consequentemente um perigo constante, um enfraquecimento perenne á estabilidade da federação.

Os estadistas da Republica não deveriam ter deixado passar o momento mais propicio, o mais opportuno para dar aos Estados uma outra divisão territorial que obedecesse aos mais altos principios de justiça.

As graves questões que já se têm suscitado, as desavenças e reclamações entre as autoridades que ficam nas divisas, e ainda mais os esclarecimentos que vão surgindo de documentos historicos que garantem mais a um Estado que a outro o direito de posse sobre certa zona territorial, bem claro deixam ver que a questão de limites entre os Estados da União é uma questão controversa, de gravidade não apparente, mas real e que reclama o mais fino criterio e maior moderação para uma solução pacifica sobretudo calcada sobre os principios da justiça e da equidade.

LAUDELINO FREIRE. — *Escriptos diversos.*

Logar da politica no quadro da sciencia social.

O sentimento presta-se egualmente a uma coordernação systematica de importantes phenomenos sociaes. A nossa sociabilidade percorre tambem tres graus distinctos de manifestação: *a principio domestica e depois civica, torna-se finalmente universal.*

Familia, Patria e Humanidade, taes são os tres objectos supremos, as tres encarnações poderosas, as tres formas permanentes que, na sua evolução progressiva, assumem as nossas faculdades affectivas. O amor á familia vem em primeiro logar, como ponto da partida necessario de toda a nossa educação moral, onde se iniciam os nossos instinctos puramente sociaes e tem começo o processo lento e regular de aperfeiçoamento de nossos affectos. Logo depois que se acha mais ou menos concluida essa melindrosa iniciação, apparece o amor da patria, como uma nova expansão dos nossos affectos, como uma generalisação superior e mais comprehensiva dos nossos sentimentos, verdadeiro laço de solidariedade que estreita no seio da communhão nacional, pelos vinculos do parentesco e pelas affinidades de raça, um numero de familias distinctas. Finalmente vem o amor da humanidade, como a expressão viva do maior grau de universalidade dos nossos affectos, sem confraternisar as nações, unindo-as todas em uma só e vasta communhão, da mesma fórma que o amor da patria já havia vinculado estreita e indissoluvelmente as familias. E' o termo final, o coronamento supremo da nossa evolução moral. E' aos influxos das nossas faculdades affectivas que se organisam a familia, a cidade e a nação, recebendo cada uma d'estas instituições uma fórma especial e dando origem a um regimen differente de governo. São orgão differentes da vida social, cuja estructura peculiar e cujas funcções constituem um grupo novo e separado de factos sociaes. Ao estudo d'este grupo é que se destinam a moral, o direito e a

politica, tres ramos connexos de nossos conhecimentos, que se confundem e se misturam muitas vezes, e que se completam por fim. Baldado será o intento de divorciar a moral do direito ou o direito da politica; são tres disciplinas cujos limites se cortam como tres circumferencias que se intercecptam mutuamente.

Eis ahi determinado, na minha opinião, o logar da politica no quadro geral da sciencia social. É um capitulo separado da sciencia geral, com seu objecto proprio e com seu methodo e limites bem traçados. É no grupo geral das creações e instituições determinadas pelas nossas faculdades affectivas que ella vae buscar o objecto especial do seu estudo, deixando a cada uma de suas outras auxiliares, a moral e o direito, os residuos que lhes pertencem examinar e explorar. Não posso, pois, acompanhar a opinião de Littré, quando affirma que uma das noções fundamentaes da philosophia é « a divisão da politica em dous ramos connexos, mas entretanto differentes, e que são a politica abstracta e a politica concreta, a sciencia e a pratica, a historia e o governo, a *sociologia* e a arte politica ». Não ha duvida que de algumas sciencias puramente abstractas nascem certas profissões artisticas. Ahi temos o caso bem conhecido da biologia e da medecina. Neste sentido admitte-se sem difficuldade que da sciencia politica se deduza uma arte politica, a arte de governar; mas affirmar que a parte abstracta ou a sciencia da politica corresponde a historia ou a *sociologia*, parece-me inadmissivel, como um verdadeiro erro philosophico e scientifico. A politica não é a sociologia, assim como a sociologia não é a historia.

A politica é um ramo especialisado, um simples capitulo particular da sciencia geral, em quanto que a historia nada mais é do que uma fórma especial do methodo descriptivo, um simples artificio logico do espirito. A politica, como um ramo da sciencia social, é sempre abstracta e tem como objecto de estudo unicamente a face estatica de uma certa cathegoria de phenomenos, cuja feição dinamica é deixada as investigações do direito. É por isso que o direito e a politica se completam. Um estuda a funcção e a outra o orgão. Neste estudo, porém, a politica não se confunde nem com a historia, nem com a sociologia. Recorre sem duvida ao methodo historico e aproveita-se mesmo da descripção para o estudo e estabelecimento de leis e theorias, assim como utilisa-se de todos os instrumentos de analyse e verificação que lhe fornece a sociologia; mas conserva sempre o campo particular como um mero capitulo da sciencia social. Eis o ponto a que queria chegar, instituindo este inventario summarissimo, e em muitos pontos incompleto, do nosso peculio scientifico sobre os phenomenos sociaes. Foi uma razão de methodo que me levou ás generalisações aqui formuladas; pois, tendo de expôr os principios da politica, outra cousa não me cumpria fazer, para bem limitar o objecto dos meus estudos, senão indicar primeiro o logar que lhe compete no quadro da sciencia social. Esse logar já o mostrei; a politica é um capitulo da sociologia que investiga as leis estaticas de uma ordem particular de creações sociaes que tem os fundamentos nas nossas faculdades affectivas.

ALBERTO SALLES. — *Sciencia politica.*

O nosso americanismo

A politica industrial, que gerou o protecionismo nos Estados Unidos, alimenta hoje o imperialismo, como uma necessidade para ampliar o numero de consumidores da enorme producção americana.

Abrindo o canal de Nicaragua vae a America do Norte disputar o commercio em toda a bacia do Pacifico, isto é a 800 milhões de habitantes, em condições muito mais vantajosas do que os paizes da Europa; estes povos, porém, a não ser os da costa americana, têm todos a sua industria organizada e baratissima, como o Japão e a China, de sorte que ainda hão de ser as regiõs sul-americanas as mais appetecidas. A Allemanha tem egualmente para a America do Sul as suas vistas voltadas: não é nos paizes da Europa que elle poderá conquistar mercados; a França e a Belgica invadiram a Russia; a Italia ou consome a sua industria ou importa da Suissa e da França; a Hespanha e Portugal ou usam do que é seu ou importam da Inglaterra.

As expansões coloniaes ainda não constituem mercados feitos como os da America do Sul, onde os habitos de civilisação e de conforto já crearam necessidades que só possuem os povos cultos. As regiões conquistadas na Asia ou na Africa ou possuem os seus costumes locaes que vivem da propria industria ou entretêm um consumo muito parco de mercadorias europeas.

Tudo isso demonstra como devemos ser reques-

tados, nós, os americanos do sul. Da habilidade dos nossos governos depende o resultado desse torneio commercial. Emquanto elle se mantiver nesse terreno nenhum obstaculo lhe devemos oppor. Allemães e americanos devem merecer as nossas sympathias e acolhimento emquanto se conservarem dentro dessa linha cortez e affectuosa das boas relações commerciaes e politicas. Da cultura e do tracto dos dois povos temos tudo a lucrar, estreitando as nossas ligações, permutando os nossos productos, desenvolvendo as nossas riquezas. Preferencias só teremos a estabelecer si a experiencia nos provar que ha, em qualquer delles, intuitos menos innocentes do que os de desenvolver o seu commercio. Nesse dia, então, o paiz fementido terá não sómente a nossa repulsa commercial, como a nossa resistencia armada, desde o litoral até o mais remoto dos nossos sertões. Somos latinos, ficaremos latinos. O nosso americanismo identifica-se com as conquistas que a liberdade, o direito, o trabalho fizeram no novo mundo : saúda na grande nação do norte o genio moderno que dia a dia multiplica os louros da sciencia e alarga os horisontes da humanidade, mas não renega nem desconhece a sua origem e filiação, nem descrê dos destinos e grandezas da sua raça. Sessenta e sete annos resistimos nós á brilhante e fascinadora seducção do ideal republicano com que a União Americana nos attrahia e animava ; mais de uma decada se escoou e ainda não assimilamos a fórma presidencial ; ha, pois, em nós alguma cousa de individual, de caracteristico, de peculiar, que resiste e resistirá ás imitações e ás conquistas. Si ainda

não somos uma nação bem defenida, somos entretanto um povo que fala uma só lingua, que tem uma só fé, e que resistirá como um só homem, si lhe quizerem arrancar a independencia e o solo.

Eis o nosso americanismo.

MANOEL VICTOR NO.

HISTORIA PATRIA

HISTORIA PATRIA

Descobrimento do Brazil.

Pequeno espaço occupava Portugal entre os Estados da Europa antes da tomada de Ceuta, em Africa, por D. João, primeiro do nome e decimo rei de Portugal, e proseguindo seu filho, o infante D. Henrique, em seus projectos do descobrimentos e emprezas maritimas, a que já em 1412 havia dado principio em idade de dezoito annos, mandou dobrar o cabo Bojador para o Sul, insistindo neste empenho obra de doze annos, até que effectivamente foi franqueado por Gil Eannes, natural de Lagos, pelos annos de 1429 ou 1430, continuando nessa empreza emquanto viveu, que foi até 1460, em que morreu a 13 de novembro.

Não cessárão os descobrimentos no reinado de el-rei D. Alfonso V, supposto que não com tanta efficacia; porém D. João, segundo de nome e decimo-terceiro rei, comprehendendo a extensão e grandeza das idéas do illustre infante seu tio, no mesmo anno em que subiu ao throno, por fallecimento de seu augusto pai, em 1481, as seguiu: e em 1486 mandou ao descobrimento do grande cabo, que termina a Africa ao Sul, uma expedição confiada a Bartholomeu Dias, que, sahindo do

Tejo no fim de agosto desse anno de 1486, o dobrou sem o ver, e chegou ao rio a que se deu o nome de rio do Infante; mas no retrocesso o avistou e o denominou — cabo das Tormentas; — entrando em Portugal em dezembro de 1487, depois de dezeseis mezes e dezesete dias de viagem. El-rei o chamou — cabo da Boa Eesperança, — nome que ainda conserva.

Não estava porém destinado para esse magnanimo principe o descobrimento da India, alvo de tantas, tão assiduas e tão prolongadas fadigas.

Coube essa ventura a seu primo co-irmão e successor de el-rei D. Manuel, o qual encarregando dessa empresa a Vasco da Gama, sahiu este do Tejo em 8 de julho de 1497, e, dobrando o cabo e vencidos os mais obstaculos, surgiu á vista de Calecut (destino da sua navegação) em 20 de maio de 1498; e dahi partiu de volta para o reino em 29 de agosto desse mesmo anno, e entrou no Tejo a 29 de julho ou agosto de 1499, tendo antes delle chegado Nicolao Coelho, em 10 do mesmo mez de julho e anno.

No anno seguinte determinou el-rei (D. Manoel) mandar em segunda expedição uma armada á India, a qual compunha-se de treze velas, entregando-a a Pedralves Cabral, fidalgo de sua casa, filho de Fernando Cabral, senhor de Azurara, governador da provincia da Beira e alcaide-mór de Belmonte, e o nomeou capitão-mór della; e, tendo o ousado navegante recebido no dia 8 de março (1500), da mão do mesmo rei, o estandarte ou bandeira da CRUZ e ordem de Christo, depois de benzida em Rastello, na ermida de Nossa Senhora de Belém, fundada pelo mesmo infante D. Hen-

rique, onde hoje existe o mosteiro de S. Jeronymo levantado pelo sobredito rei, desancorou e seguia viagem em 9 do dito mez.

Navegando felizmente até ás ilhas de Cabo Verde, ahi dando por falta de um dos vasos da armada, andou pairando por espaço de dous dias fazendo diligencia para descobri-lo, o que não o conseguiu; e, para evitar as calmarias de Guiné, viu-se forçado a seguir o rumo de Oéste, e apparecendo no dia 21 de abril, terça-feira do oitavario da Pascoa, signaes de proximidade de terra, foi esta com effeito avistada no dia seguinte, ás horas da vespera; surgindo a seis leguas de distancia dellas. Depois de fazer observar a costa, e praias, ancorou aos 23 dias, na paragem a que deu o nome de — *Porto Seguro*, — por lhe offerecer favoravel abrigo, do escapar ás tormentas e perigos ameaçadores de maior naufragio.

Ahi, no domingo de Pascoela, 26 de abril, fez Pedro Alvares dizer uma missa com prégação, e no 1º de maio plantou uma CRUZ, com as armas e divisas de el-rei, ficando á região descoberta o nome de — VERA CRUZ, — que depois passou ao de — SANTA CRUZ, — e ultimamente ao de — BRASIL — que subsiste; e seguiu viagem ao seu destino.

DR. MELLO MOARES. — *Chorographia do Brazil.*

Degradados-Colonos.

Sem duvidarmos da existencia de muitos crimes reaes, e de grandes criminosos em Portugal no primeiro seculo da colonisação do Brasil, pode-

remos todavia achar outra explicação mais plausivel a um numero de condemnados tão extraordinario que, sahindo do seio de seu paiz aliás pouco populoso, bastavam a povoar colonias inteiras na Africa e na America. Essa explicação encontrar-se-á sem difficuldade nas leis criminaes, ou se attenda á classificação antes invenção dos delictos, ou á desproporção, exorbitancia, e rigor da penalidade, ou finalmente a sua applicação desordenada e iniqua. Abramos ao acaso a terrivel ordenação do livro quinto; a sodomia, a bestialidade, a alcovitice, a molicie, o abraçar e beijar, dar casa para se usar mal dos corpos, vender qualquer homem ou moço alfeloas e obrêas que era officio proprio de mulheres, advinhar, lançando sortes ou vendo em agua, espelho, crystal ou espada para achar thesouro, finalmente fazer ou usar feiticeria para querer bem ou mal, eis os crimes terriveis que se puniam com o fogo, a forca, os açoutes com baraço e pregão, e sobretudo com degredos.

E com effeito não menos de duzentos e cincoenta casos de degredo contém o citado livro quinto; e se a isto ajuntarmos a espantosa penalidade esparsa na parte civel das ordenações, e a collecção immensa das leis ditas extravagantes, o que nos deve a justo titulo admirar é que a nação inteira não fosse degradada em massa, estimulado como devia ser o zelo feroz dos juizes pelas denuncias que estas mesmas leis provocavam, e multiplicadas as occasiões que tinham de exercel-o, pelas devassas geraes abertas em Janeiro de cada anno sobre a maior parte dos referidos crimes.

Fossem porém esses crimes reaes, ou em grande

parte puramente fieticios e filhos de uma legislação monstruosa e cruel, parece que a transportação melhorava os criminosos, cujas paixões naturalmente se applacavam pela possibilidade de satisfazerem mais facil e licitamente nas colonias as necessidades, que na patria as estimulavam. Sem querer dar-lhe mais alcance do que é razoavel, é todavia facto constante que por um desses cegos e inexplicaveis caprichos do acaso, ou porque nunca foram grandes criminosos, os mais desses degradados remettidos individualmente conseguiram rehabilitar-se, e alguns até fundaram casas e familias que hoje andam com razão em fôro de honradas e distinctas.

Qualquer porém que seja a verdade ácerca deste primitivo elemento de colonisação, o certo é que os brasileiros actuaes de todos os matizes e origens não têm mais vicios nem menos virtudes que os habitantes da antiga metropole.

João Francisco Lisboa. — *Jornal de Timon.*

A Independencia.

No dia 13 de maio de 1822, D. Pedro acceitava o titulo de *Defensor Perpetuo do Brasil* e logo a 3 de julho convocava, a instancia dos povos, uma assembléa geral constituinte. Que mais faltava? Sem as velleidades dos politicos das côrtes portuguezas, onde os representantes do Brasil soffriam até injuriosos ataques, talvez não se fizesse tão cedo a independencia.

Como na de Minas, acintes e dissenções de partidos na capital de S. Paulo aconselharam o prin-

cipe a partir para alli em Agosto (14 de 1822). A sua presença fez logo o congraçamento geral dos paulistas. Da capital seguiu D. Pedro até Santos, e de volta no dia 7 de setembro de 1822, ao entrar em S. Paulo, recebe, por um official, diversos despachos de Lisbôa, pelos quaes rompiam as côrtes abertamente contra a regencia do Brasil.

Alli mesmo, junto do riacho do Ipiranga, D. Pedro leu a celebre correspondencia, e ao cabo de alguns momentos de meditação, commovidissimo arranca do chapéo o laço portuguez e levanta o grito que se tornou a patriotica e famosa legenda daquella geração : *Independencia ou morte !*

O enthusiasmo dos paulistas tocou ás raias do delirio. E quando, dois dias depois, D. Pedro se poz em viagem, de volta para o Rio de Janeiro, marchou como um triumphador, desde a partida até a chegada da capital debaixo de uma ovação continua. No dia 12 de outubro seguinte, celebrava-se no campo de Sant' Anna a cerimonia da acclamação do principe como Imperador constitucional do Brasil. O primeiro ou um dos primeiros actos do joven monarcha foi dirigir uma proclamação aos brasileiros pedindo-lhes união e firmeza, e um manifesto ao governo portuguez, no qual fazia sentir com o desejo de continuar a antiga amisade, no caso em que fosse respeitado o facto que se consumara, o proposito de declarar aos portuguezes a mais violenta guerra, se não fosse retiradas dentro de quatro mezes as tropas que as côrtes ainda conservavam em alguns pontos do Brasil.

Mas passou-se o prazo assignado e as forças portuguezas continuavam a occupar o Pará, Ma-

ranhão e a Bahia; e o governo imperial teve de concentrar os seus esforços no empenho de as expulsar. Expedindo-se para o norte uma divisão ás ordens do general Labatut e logo depois uma esquadrilha sob o commando do almirante Cochrane. Apezar dos soccorros que lhe vieram de Portugal, teve o general Madeira de abandonar a Bahia (a 2 de julho de 1823) e logo depois corriam o Pará e o Maranhão em poder das forças brasileiras, rendendo-se em seguida ou dissolvendo-se algumas partidas despersas de portuguezes que ainda haviam ficado no norte em 1824. Estava o Brasil completamente livre e constituido em nação soberana.

ROCHA POMBO. — *Compendio da Historia da America.*

Progresso de Coritiba.

Coritiba cresce incessantemente. A construcção de predios augmenta dia a dia; e se continuar assim, d'aqui a pouco tempo será um dos mais bellos e attrahentes centros de população do Sul do Brasil. E' uma cidade moderna, de aspecto alegre e pittoresco. As suas principaes ruas estão já calçadas a parallelipipedos, continuando o Governo Municipal a dispender grande parte de suas rendas com este e outros melhoramentos importantes.

Possue uma Bibliotheca e um Archivo Publico, pertencentes ao Estado, sob a guarda do *Instituto Historico e Geographico Paranaense*, installado em 24 de maio de 1900.

Em 25 de setembro de 1876 foi inaugurado aqui

o *Museu Paranaense*, graças aos esforços do illustre e venerando Desembargador Agostinho Ermelino de Leão. Deste util estabelecimento recreativo e scientifico resultam grandes vantagens para o estudo das sciencias naturaes. Nelle estão expostos inestimaveis e raros objectos artisticos e industriaes.

Coritiba tambem já se impõe sob o ponto de vista litterario e artistico. Ha alguns annos nota-se aqui uma expansão intellectual verdadeiramente brilhante. Uma pleiade de moços de talento se esforça por erguer bem alto a litteratura paranaense, conforme provam muitos livros já impressos e fidalgas revistas.

A Imprensa periodica tem contado numerosos orgãos, alguns brilhantemente redigidos.

O distinto sabio Saint-Hilaire, em sua preciosa obra intitulada *Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et Sainte-Catherine*, diz que em 1820 Coritiba continha apenas 220 casas, quasi todas terreas. Tinha 3 egrejas e ruas mal calçadas.

Diz mais, que o milho se vendia então a 160 reis o alqueire, o arroz a duas patacas e o feijão a um cruzado.

Em 1900, existiam em Coritiba 3,100 predios, afóra os dos arrabaldes, 5 egrejas catholicas e 2 templos acatholicos, sendo um presbyteriano, situada á rua Commendador Araujo, e outro lutherano, á rua America, aquelle dos nacionaes e este exclusivo da colonia allemã.

Em maio começa aqui o frio, que se prolonga até agosto e ás vezes até fins de setembro, como succedeu em 1898, epocha em que cahiram geadas

'o meado de outubro!

Na chacara do Barão de Capanema ha um interessante observatorio, servido por um apparelho automatico de Theorel que funcciona regularmente desde dezembro de 1888, mantido pelo Governo Nacional.

SEBASTIÃO PARANÁ. — *Chorographia do Paraná.*

A execução de Tiradentes.

Soavam onze horas, quando chegou o padecente ao campo e entrou com as pessoas, que acompanhavam o prestito, o recinto do triangulo, que figuravam os tres regimentos. Subiu ligeiramente os degráus do throno que a escarnecedora sorte lhe destinara, como seu desprotegido. Sem levantar os olhos, que tinha pregados na imagem do Divino Martyr, sem estremecimento algum que lhe trahisse a coragem, deu logar ao algoz para o fatal preparo, pedindo unicamente por todo o favor que abreviasse a execução, no que ainda insistiu por duas vezes. Era essa a ultima graça que solicitava, e nem assim lhe foi concedida. Subindo alguns dos degráus do patibulo, improvisou Fr. José de Jesus Maria do Desterro, guardião do convento de Santo Antonio, uma practica, prolongando assim, em nome da religião, as angustias do triste padecente.

Rezou depois o mesmo religioso o credo dos apostolos. No meio do mais sepulchral silencio ouvia-se a voz de Tiradentes, que já vinha da eternidade, repetindo uma por uma as palavras da oração. Descia o frade os degráus, á proporção que

ia terminando, até que se sumiu a sua voz. Então impelliu o algoz a sua victima, que cahiu despenhando-se no espaço... Retida pelo baraço, girou vertiginosamente e estorceu-se em convulsões por um momento, até ser cavalgada pelo executor...

Viu-se por algum tempo o homem-machina e o homem-cadaver nessa luta ignominiosa do complemento do assassinato judiciario.

Um grito immenso, ou antes, um gemido surdo, rouquenho e prolongado, irrompeu da multidão, e foi abafado pelo ruto dos tambores...

Morrera o Tiradentes, não como um grande patriota, com os olhos cravados no povo, tendo nos labios os sagrados nomes da patria e da liberdade, e na alma o orgulho com que o homem politico encara a morte como um triumpho, convertendo a ignominia em apotheose, mas como um christão, preparado ha muito pelos sacerdotes, com a coragem do contricto e a convicção de ter offendido os direitos da realeza, e quando muito consolado com a esperança da salvação eterna.

JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA E SILVA. — *Historia da Conjuração Mineira.*

A hora no Rio de Janeiro.

Os actos religiosos acabavam cedo; pois era expressamente prohibido estar o Sacramento exposto depois do occaso do sol.

Não havia carros, nem bonds, nem coupés, mas as *celebres cadeirinhas*, das quaes existem ainda alguns especimens em uma casa da rua da Imperatriz.

Houve neste tempo tres relogios afamados — o do Castello, o qual quando hoje toca parece um tacho rachado, o de S. Bento muito apreciado pelos maritimos e o de Santo Antonio, que regulava perfeitamente até ha bem pouco tempo. Mais tarde vieram o primeiro de S. Francisco de Paula, o de Carmo ou Capella Real. O senado da camara tinha a sua sineta para convocar os *homes bons do povo* para decidir dos *importantes negocios da Republica*, como se dizia então. Por esses relogios regulavam-se as horas das refeições. O almoço era ás sete horas, o jantar ao meio-dia e a ceia ás seis horas.

Do meio-dia as duas fazia-se a sésta e muita gente dormia para fazer o *chylo*. Em compensação os sinos das egrejas trabalhavam todo o dia. O Rio de Janeiro podia ser chamado a cidade das badaladas, como hoje o é dos pianos — tocavam para matinas, para missas de defuntos nos dias uteis e para as missas conventuaes nos dias de preceito; tocavam para baptisados, casamentos, enterros e até quando as senhoras estavam de parto dava-se o signal da Sé.

Se *havia bom successo*, quando o pimpolho recemnascido era do sexo feio, davam-se nove badaladas; quando do sexo amavel, apenas sete. As *comadres* se incumbiam do aviso, recebendo os sacristas uma pequena gorgeta — *quatro* ou *seis vintens!* E tal era a inferneira na vespera de finados que, por occasião da primeira epidemia da febre amarella, a policia acabou com tanto repica-sino. Os nossos antigos moleques e capadocios eram insignes nesses concertos de instrumento *de corda*. Hoje só fazem excepção á regra os sineiros do Carmo ou de S. Francisco. Quando ha festas nes-

s as igrejas — façam-me o favor! — é um supplicio para os moradores das vizinhanças! E o celebre carrilhão de S. José, que móe e remóe a Maria Caxuxa, o Vem cá Bitú e por excepção a Dalila, o hymno de D. Luiz e o Nacional? Quando havia incendio, tocavam a rebate todas as igrejas e andavam os *quadrilheiros* a gritar para que se puzessem luminarias, afim de facilitar o serviço das carroças ou pipas d'agua. Isso foi uma ordem dada por Luiz de Vasconcellos em 1788 e, a proposito, se querem ficar sabendo como se fazia o serviço de extincção de incendios, vão a igreja do Parto e peçam ao Sampaio para mostrar os quadros do incendio do Recolhimento, que estão a espera de um Driendl, para os restaurar.

Tempos depois, appareceram no Rio de Janeiro os relogios de parede. Os mais antigos que conheço são os das sacristias dos conventos de S. Bento e Santo Antonio, o que até ha pouco funccionou na Camara dos Deputados (e que, segundo diz o Horacio Reis, pertenceu ao antigo senado da camara), o do Senado e o da Misericordia.

Com o *progredir da civilisação*, modificou-se a hora do Rio de Janeiro, os costumes mudaram; concorreram para isso a inauguração do Passeio Publico, a abertura da rua das Bellas Noites, a cidade elevada a residencia do vice-rei, a chegada da familia real, a coroação do rei D. João VI, o casamento do principe D. Pedro, a Independencia, etc., etc. Agora é o que vemos. Não ha horas certas; cada qual tem a sua e a que mais lhe convém. Hoje no Rio de Janeiro quasi se póde dizer que se troca a noite pelo dia. Antes de terminar — e já é tempo — lembrarei o toque do Ara-

gão, muito sabido de todos nós, convindo apenas aqui mencionar por extenso o nome do intendente de policia que em 1825 ordenou esse signal de recolher : foi o desembargador Francisco Alberto Teixeira de Aragão. Quando davam dez horas e o Aragão começava a tocar, era um fecha-fecha em toda a cidade, pois, para os caixeiros que estavam promptos á primeira badalada, o sino de S. Francisco era como o *maná que chovia no deserto*.

Vinte minutos antes do Aragão tocava tambem um fanhoso sino de Santa Thereza. Perguntando ás freiras porque o relogio dellas andava sempre adiantado, respondiam : fazemos de proposito para que os pretinhos tenham tempo de correr para as casas de seus senhores e não sejam pilhados pelos pedestres. Ainda hoje, apezar do 13 de maio, essas religiosas conservam esse toque, que serve de hora fixa e certa para os moradores das vizinhanças do convento de Santa Thereza.

Basta de tanta hora. Já não sôa o relogio da Cathedral, parado desde o dia 15 de novembro : já não se escuta o do arsenal de guerra.

Temos ainda, além dos mencionados, o da estrada de ferro, o da Conceição, o das barcas, o da Candelaria, o da rua do Senador Dantas, o novo de S. Francisco de Paula, inaugurado este anno, o da Pendula Fluminense, o do Roskell, na rua Primeiro de Março, reputado infallivel, o da escola de São José, no largo da Mãe de Bispo, sempre parado, apezar de marcar as phases da lua, e o do Gaz, com a celebre inscripção *ex fumo darem lucem*. Tive uma collega que embirrava solemnemente com esse verso, creio que da arte poetica de Horacio e dizia-me sempre que só na

casa do Diabo se podia escrever *fumo* e *lucem* com *v!*

Se quereis ter um bom relogio, ficae no meio da rua do Ouvidor, que tem o seu fluxo e refluxo como as marés da nossa bahia — o primeiro das 8 1/2 á 11 e 20, e o segundo das 3 ás 5 horas da tarde. Se, como diziam os jesuitas, os ponteiros de um relogio symbolisam a vida — *ut curpis sic de flut vitam* — estes não se atrazem nem se adiantem

In medio tutissemus ibis. Desconfie-se porém no primeiro caso dos relogios das padarias e no segundo caso do de certas corporações (e isto digo ao ouvido) em cujas actas se fala em meio-dia, quando em toda a parte é 1 hora da tarde. E' o que se póde chamar um cumulo.

VIEIRA FAZENDA. — *Archivo do Districto Federal.*

Modalidades de littoral.

Desde o Rio Grande do Sul até a Bahia mais ou menos notará que a terra firme se descortina em animado quadro de montanhas e morros, de differente altura e variadas fórmas, embora a do cône mais ou menos estirada seja o feitio predilecto. Acha a sua expressão typica sobretudo no trecho entre Rio de Janeiro e Espirito Sancto. Devido a sua côr roxeada, tincta neutra, estes mammillos graniticos á distancia de algumas milhas assumem certo ar sombrio, grave, quasi oppressor por assim dizer; o navegante, ao passar, por exemplo,

pelo cabo Frio, não conseguirá facilmente libertar-se desta impressão. Neste sentido ha um que de parecido com a physionomia de certos grupos de ilhas, solteiras no vasto oceano (Canarias, Cabo-Verde). Mas, ao passo que nestas ultimas, ao approximarem-se, com o seu colorido de sepia retincta, tão caracteristico dos funis vulcanicos e plutonicos, o sentimento tende a augmentar, — reconcilia e anima o aspecto das serranias do littoral do Brasil meridional vistas de perto. Viçosa e exuberante vegetação arborea envolve com sympathico tapete de um verde sadio e benefico o cimo, bem como aquelles lados do manto, que não se precipitam com face por demais escarpada e ingreme ás profundezas sub-marinas. D'entre as arvores dicotyledones são diversas Canellas que em certa predilecção escolhem taes culminancias, e diversas elegantes Palmeiras regularmente porfiam tambem por um logar nestes elevados miradouros. Mas mesmo nos paredões quasi verticaes o olhar difficilmente percebe ainda fenda, greta, saliencia, onde não se postasse, com audaz galhardia, pelo menos algum ramilhete de Bromelias ou de Orchideas. Nisto vai um palpavel contraste com o caracter physionomico das supra-mencionadas ilhas vulcanicas, que com algumas parcas Gramineas, Cactos, Tamariscos arbustivos, etc., em vão luctam para entremear com algum salpico verde a monotonia e a nudez de sua roupagem torrida.

CAPISTRANO DE ABREU. — *Livro do Centenario.*

O evolucionismo historico.

Nas civilisações primitivas, a acção do meio é directa, porque ellas são mais o resultado de um bom sólo, de um bom clima, do que dos esforços humanos.

Nas civilisações historicas, em que a humanidade se acha em pontos adiantados de integração, differenciação e especialisação, em vista da acção do meio e da reacção ethnica, a influencia physica torna-se mediata e indirecta no desenvolvimento historico, por meio do homem e dos seus orgãos sociaes.

As civilisações serão a expressão desse equilibrio.

Se prepondera a força ethnica, como quer o Dr. Sylvio, rompe-se esse equilibrio que julgamos imprescindivel para o desenvolvimento, para a normalidade dos phenomenos.

Parecem-nos legitimas e verdadeiras as seguintes conclusões:

O elemento ethnico e o meio são as duas forças que dirigem a civilisação humana, obram em virtude da adaptação e da herança. Para vencer as tendencias divergentes do segundo factor, oppõe-se a força antagonica do primeiro, uma unidade no fundo do caracter;

Em vista disto estabelece-se um equilibrio entre as duas forças, do qual resulta o desenvolvimento historico, que se tornará negativo, si uma dellas preponderar sobre a outra;

As differenças entre as civilisações primitivas e historicas não consistem na preponderancia de uma das forças sobre a outra, e sim nas differenças do processo de acção;

Da acção e reacção é que resulta o equilibrio das duas forças, não sendo nenhuma um factor preponderante, pois, desappareceria a normalidade da phenomenação, desappareceria o equilibrio;

A cada uma das integrações, pela acção reflexa entre as duas forças, corresponde uma feição especial de meio social, que por sua vez leva o seu contingente, na incidencia sobre o elemento ethnico;

Sendo o *mestiço* o ponto intermedio entre o meio social e o meio physico, transforma aquelle, pela sua cultura, a proporção que se integra pela acção deste.

E' elle o orgão da funcção historica.

FELISBELLO FREIRE. — *Historia de Sergipe.*

O mais antigo livreiro.

Aquella casa n. 113, á rua do Ouvidor, ainda do lado esquerdo, acanhada, estreita, mas de tres pavimentos, cujo letreiro chamador de freguezes annuncia o *Café de Londres*, e excellente *Restaurant*, foi levantada no logar onde se mostrava a antiga e pequena casa terrea de duas portas, que ainda em 1838 era loja de livros do *Albino Jordão*.

Lembro-me sempre delle! lembro-me da sua modesta loja de livros novos e velhos, de obras

encadernadas ou em brochura, que se vendiam alli a barato preço. Em meu tempo de estudante fui freguez do Albino Jordão, e entre outras obras, comprei-lhe as *Memorias Historicas* de Pizarro, e as *Memorias para servir á historia do Reino do Brasil*, do padre Luiz Gonçales dos Santos, por alcunha o — *Perereca* —, as quaes de tanto soccorro me têm sido em estudos, como este que estou fazendo.

O Albino Jordão era, quando o conheci, homem já velho, vestindo sempre jaqueta, e desde muito *cégo e surdo*. Contra a cegueira não tinha recurso, que não fossem a memoria sorprendente e o tacto explicavelmente aprimorado; contra a surdez, que não era completa ou absoluta, soccorria-se de famosa e tradicional *buzina*, que o fazia ouvir o que os freguezes da loja procuravam.

Albino Jordão tinha dous ajudantes, meninos ou rapazes de quatorze a dezeseis annos, de instrucção nulla e de pouco zelo: quando elles, porém, não serviam de prompto a algum freguez, e demoravam-se, procurando o livro pedido, o *cégo* levantava-se da sua cadeira, punha a *buzina* ao ouvido, e sciente do que se pedia, hia sempre certeiro e sem nunca enganar-se, tomar o livro na estante e no logar onde estava, ainda mesmo quando lhe era necessario subir por pequena escada portatil para ir buscal-o.

Eram na verdade admiraveis a memoria, o tacto, e o tino que a cegueira apurava naquelle velho cego; mas para que podesse tanto, era só e exclusivamente elle o ordenador, e collocador dos livros nas estantes da sua loja.

Albino Jordão foi, como livreiro, contempora-

neo dos notaveis e celebres *livreiros* Saturnino, João Pedro da Veiga e Evaristo Ferreira da Veiga, filhos do primeiro; mais em sua loja, que não podia rivalisar com a daquelles, vendia em geral obras já usadas, livros em *segunda mão*, e portanto baratissimos, e se por isso deve ser tido em conta do primeiro *alfarrabista* da cidade do Rio de Janeiro, foi de tanto proveito para o publico, e de tão sã consciencia na sua industria, que nunca lhe caberia o *nome feio* que os estudantes do Imperial collegio de Pedro II deram ao vil *belchior* de livros velhos estabelecido na vizinhança daquelle collegio da rua de S. Joaquim, nome um pouco obsceno que a principio se estendeu a todos os chamados hoje *alfarrabistas*.

A *rua do Ouvidor* deve perpetuamente lembrar o seu *Albino Jordão*, o primeiro livreiro que teve, o percursor, ou antecessor dos Srs. Laemmert, Garnier, e ainda outros, o Albino Jordão, emfim, cuja *buzina* foi tão famosa, como a thesoura de Mme. Josephine, e muito mais util do que ella, se as minhas Exmas. leitoras permittem que eu assim o pense.

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. — *Memorias da rua do Ouvidor.*

A debandada.

EPISODIO DA REVOLUÇÃO DE PERNAMBUCO DE 1817.

Voam as noticias desagradaveis, souberam bem depressa os patriotas o que não desejavam saber, a voluntaria cessão das fortaleza, e as mais cir-

cumtancias, que haviam occorrido. Um raio cahido de improviso aos pés do solitario viajante não o deixa mais attonito, do que ficáram os miseros, que escutáram o relatorio daquelle caso. Em todo o campo não se sentiu o alvoroço, que a realisação inexperada de grande infortunio naturalmente suscita; chefe, officiaes e soldados, sem proferirem palavra, entraram nos seus alojamentos.

Domingos Teotonio, e outros officiaes mais compromettidos perceberam todo o horror da situação em que se achavam; aquelle ultimo procedimento das guarnições do Recife veiu acrescer-lhes muito mais a desconfiança. Ajuntaram-se em conselho, e nada poderam combinar, a agitação do animo intorpece a faculdade intellectual. Para qualquer lado que giravam os olhos, não viam senão perigo difficil de superar-se, concordavam na suspeita que os soldados, que ora os rodeavam, não tardariam a abandonal-os, e que talvez para justificarem-se, não duvidariam garroteal-os, e entregal-os nas mãos dos delegados do Rei. E' o que acontece ao homem, a quem a constante adversidade persegue: tudo vê em negras côres, considera que já não existe sobre a terra um ente, que da sua sorte se condôa.

Desta idéa fixa deduziam que o unico meio de salvação era a occulta e immediata fugida: mas ponderáram que este mesmo meio apresentava grande embaraço; unidos não podiam caminhar, porque mais facil seria a descoberta, e nulla a defesa em razão do pequeno numero comparado com aquelle que os perseguiria; divididos, havia alguma probabilidade de poder senão todos ao

menos um ou outro evitar a perseguição. A probabilidade antolha-se como certeza nos casos desesperados. Elles portanto resolveram subtrahir-se quanto antes á presença dos soldados, e cada um em trajes desconhecidos seguir a verêda, que mais adoptada parecesse.

O Padre João Ribeiro assistia essa impertubavel sessão procurando inspirar a aquelles amigos a calma da sua alma bem formada. Abandonando a Cidade com a tropa, não foi sua intenção evitar a crueldade dos Realistas; vinha tomar parte nos perigos, a que via expostos tantos Cidadãos beneméritos, e no mesmo tempo confortal-os. Quando ouvia a resolução da fugida vergonhosa, e certificou-se que era abraçada; perdido o resto de esperança, que té então nutria de vêr mais tarde a republica triumphante, enfastiado dos homens, desgostoso da existencia, determinou finalisal-a. Comsigo trazia uma porção de veneno; a este recorreu sem effeito: parece que a Providencia comprasia-se em manter tão preciosa vida, e que fôra compellida a ceder na luta do homem renitente; elle lançou mão de uma corda, e ligando-a ao pescoço expirou.

Em quanto o mais sincero dos republicanos furtava-se de tal modo ao medonho porvir, que justamente havia concebido em respeito á dilaceração da Patria, os outros no ardor da salvação individual aproveitavam as trevas da noite para escaparem sem serem presentidos. Domingos Teotonio, José de Barros Luisa, Pedroso, Antonio Henrique, e o Padre Tenorio, deixaram juntos a Casa do engenho Paulista, e pouco depois separaram-se.

Na manhã seguinte descoberta a fuga, rompeu

o tumulto : os soldados quebravam as armas, destruiam as munições de guerra, e iam arrenbentar os cofres e apoderar-se do dinheiro Nacional, que os fugitivos escropulosamente haviam respeitado, se o Capitão Manoel de Azevedo não lhes fizesse sentir o opprobio indelevel, que recahiria sobre os Pernambucanos, se semelhante attentado fosse posto em execução. Debandaram-se todos juntamente com a officialidade, e sómente alguns doceis ao conselho daquelle Capitão escoltaram os mesmos cofres ao Recife, onde entrando os depositáram intactos nas mãos da competente autoridade.

FRANCISCO MUNIZ TAVARES. — *Historia da revolução de Pernambuco em 1817.*

O padre Roma.

EPISODIO DA REVOLUÇÃO DE 1817

Por entre as revoluções de Pernambuco, de 1817 e 1824, passa arruidoso e soberbo o carro da Liberdade; e, aos clarões de fogo do archote erguido na mão da deusa, facil fôra antever o Brasil de hoje, como a resurreição de um pensamento morto das gerações igualmente mortas do passado.

, que a historia de cada povo tem cyclos que se enlaçam, representando uma cadeia cujos élos se prendem fatalmente aos tectos dos solares antigos das grandes idéas nacionaes.

Fatigados das injustiças dos dominadores portuguezes, revoltados pelas parcialidades absurdas de governadores tyrannos, os filhos de Pernambuco

soffriam como escravos affrontas ineditas de um despotismo feroz, em nome de um rei que se tornava cumplice de suas autoridades, de principios que outras aspirações repelliam.

Independentes os Estados Unidos, combatendo sem tregoas as colonias hespanholas na esperança de libertar-se, o Brasil sentiu que nova força lhe animava os musculos para a pugna que ia bem perto travar-se.

E a sementeira de odios crescia, e com ella a seara vingadora das populações do norte.

Inaugurada por taes motivos a revolução de 1817, lugubremente preludiada pela sedição de 1810, encontrou ella a seu lado os espiritos mais illustres da altiva provincia, caracteres dos mais fortes que teve o paiz naquelle periodo tempestuoso de nossa existencia politica, em que a palavra falada ou escripta dos patriotas se reflectia como uma mancha de sangue nos muros negros dos carceres ou nos degráos infamantes do patibulo.

E a Liberdade, suspendendo os braços por entre os quaes se espadanava o rio de ouro dos cabellos, seguia veloz em seu carro, aos alaridos de *Ave Libertas!* daquelles que morriam.

Desse commettimento incontestavelmente arrojado e brilhante, em que a alma da Patria remontava a alturas incommensuraveis, um dos vultos de superior grandeza foi o padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, por antonomasia — o padre Roma.

Depois de sanguinolentos recontros e temerosas aventuras, constituido o governo provisorio da revolução de 6 de Março, representado por João Ribeiro Pessôa de Mello Montenegro, capitão Domin-

gos Tenorio, Jorge Martins Pessôa, José Luiz de Mendonça, coronel Manoel Corrêa de Araujo e Domingos José Martins, esses patriotas espalharam proclamações, e o sôpro da revolta estendeu-se á Parahyba e Rio Grande do Norte, que, ardendo em civismo, adherem ao movimento do Recife e cream por sua vez governos provisorios.

As sessões secretas do nucleo pernambucano repetiam-se agitadissimas, sendo o ideal supremo da revolta levantar sobre os destroços do throno que nos humilhava, uma republica democratica em todo o Brasil.

Para a realisação desse largo plano, sérias medidas acodem ao governo revolucionario pôr em pratica, dependendo o seu exito da coragem e decidida vontade dos cidadãos incumbidos de leval-as a effeito.

E o padre Roma, que fôra um dos eleitores do governo provisorio; que acompanhara o exercito ao forte do Brum; que tinha após si um nome e tradições, é escolhido para missionario secreto do movimento na Bahia, do mesmo modo que o padre Alencar, com identicos fins, enviado para o Ceará.

Os insuccessos deste, não obstante triumphos ephemeros, foi como que um prenuncio da sorte fatal reservada ao padre Roma, encarregado especial, por suas aptidões, de missão mais arriscada e difficil.

Individualidade politica de primeiro merito, ousado e enthusiasta nas cruzadas do renome, o mensageiro da nascente republica personalisava o arauto robustecido na fé dos partidos, o sacerdote do povo para os emprehendimentos dos livres.

Recebendo desde logo cartas e manifestos destinados aos bahianos e devendo sem demora chegar á Bahia, o padre Roma retardou a viagem, tomando a pé, com seu filho menor, caminho de Alagôas. Levando a essas paragens aviso da insurreição victoriosa, arregimentou adeptos á causa da republica, diffundiu proclamações, e até na igreja de Sirinhaen a sua palavra, do alto do pulpito, tornou-se uma clava de Hercules arremessada contra a monarchia e o rei.

Quando isso alli se dava, já emigrados portuguezes do Recife haviam aportado á Bahia: e a noticia dos acontecimentos de Pernambuco alarmava os compromettidos na revolução, de que houvera immediata sciencia o Conde dos Arcos, então governador da provincia.

Desde esse instante a quadrilha torpe dos espiões infestava a cidade á cata do imprevisto, navios mercantes aprestavam-se para o bloqueio da séde revolucionaria, varias rondas distribuiam-se pelo littoral no encalço dos rebeldes e do padre Roma, denunciado ao governador por um dos fugitivos.

Radiante de sua jornada feliz em Alagôas, mas descuidoso de que essa delonga podesse prejudicar o objectivo de sua missão, volta a Maceió, onde havia estado, reune cartas de recommendação e manifestos de que era portador, e dirigiu-se numa jangada ao porto do seu destino.

Conhecedor dos planos da revolução, porém procurando inutilisar influencias internas, o astuto governador ameaça de prisão e de morte os conspiradores, que timidos se retrahem.

Nesse estado afflictivo, dominada pelo terror, a Bahia, com a mão na face, alongava um olhar

de espanto, como que presentindo na côr turva dos horizontes o ar sombrio da desgraça imminente.

E uma vela se desenha á distancia na manhã de 26 de março, como um pedaço de nuvem cahido nos mares...

Activa como se achava a policia, vigilante ao mais leve rumor, os cidadãos suspeitos eram cautelosamente seguidos, traiçoeiramente espreitados.

Por toda a parte rumores indiscretos sobresaltavam os animos, gerando a desconfiança mutua em que se apoiam as tyrannias.

Alerta na curva das praias, a soldadesca aguardava os foragidos, não lhe escapando á perspicacia o mais longinquo signal dos navios que entravam.

Em Itapoan, aquella vela, açoutada dos ventos, fluctuava bordejante... Conhecida pela fórma ser de balsa pernambucana, ao approximar-se de terra as rondas impacientam-se, não a perdendo um momento de vista.

Depois uns papeis voam nas ondas, a jangada atraca de manso, e os soldados, saltando a bordo, nella aprisionam os navegantes e com elles o padre Roma.

Confiando ao mar o segredo da correspondencia criminosa, o doutrinador dos livres, conduzido pela escolta, penetra desassombrado no immundo recinto da cadeia.

A justiça do Conde dos Arcos, informada do occorrido, respira amplamente, e a commissão militar por elle presidida funccionaria em breve, implacavel e absoluta, afim de apresentar ao povo

o barbaro espectaculo de um crime commettido para salvar a realeza.

Organisado o pavoroso tribunal tres dias mais tarde, a victima compareceu ao julgamento, impassivel e sublime no interrogatorio, indifferente ás accusações de um dos emigrados que lhe exhibira a assignatura na lista dos eleitores do governo revolucionario.

E o padre Róma fulminava com o desprezo seus algozes, guardando comsigo o mysterio da mallograda correspondencia e de sua missão.

Mas no quadrante do tempo ia soar para elle a hora da eternidade. Condemnado á morte pela commissão militar, a sentença não tardaria a executar-se.

A noite do carcere tem, para os condemnados á pena ultima, risos diabolicos, agonias peniveis, ou então luares piedosos e encantados, visões supremas e consoladoras. Para o padre Roma era da tréva do tumulo que amanheceria a liberdade.

E esse sonho alentava-o na hora extrema, quando o gallo dos sepulchros já lhe cantava a aurora do derradeiro dia.

Retirado do oratorio com o confessor que lhe velára a insomnia, ladeado de soldados e seguido da turba, o martyr pernambucano encaminhava-se para o campo da Polvora, onde as multidões e a tropa o aguardavam inquietas.

Aos brados do pregoeiro da justiça de el-rei, por entre alas consternadas, aos rufos dos tambores, a figura imponente do padre Roma avultava divinisada, arrastando a alva dos condemnados que lhe era vestidura de neve, apertando contra o seio a imagem sacrosanta do Crucificado, que lhe

reflectia na fronte a corôa de espinhos de que estava adornada.

E o prestito funebre se adianta revoltante, pesado como uma lousa, sinistro como o céu da meia-noite.

De instante a instante, o padecente ao lado do confessor e como que já amparando a pedra da campa, entoava rouco os psalmos do Evangelho, sobranceiro sempre ás perversidades da tyrannia que o roubavam á liberdade e á patria.

E uma atmosphera de tristeza e de soluços abafados prolongava-se em seu trajecto, até que o quadrado da tropa se formou para a horripilante scena do fuzilamento.

Reconciliado com Deus e rendendo-lhe graças por ser condemnado pela sua cumplicidade na revolução de Pernambuco, o padre Roma, isolado no logar do supplicio, exclama, dirigindo-se aos arcabuzeiros do Conde dos Arcos : — « Camaradas, eu vos perdôo a minha morte; lembrai-vos na pontaria que o coração é a fonte da vida; atirai!!... »

E rapido o seu cadaver rolou por terra, sendo pelos grilhetas transportado ao cemiterio, em que foi sepultado.

. . . . . .

Tempo virá em que as gerações que surgirem lhe auscultarão o peito para sentir bater o coração da Patria.

Da revolução de Pernambuco de 1817 o symbolo popular é o padre Roma.

Mello Moraes Filho. — *Quadros e Chronicas.*

A freguezia do Engenho Novo.

A antiga e importante fazenda do Engenho Novo foi de exclusiva propriedade dos padres do collegio do Rio de Janeiro, da companhia de Jesus, desde os primeiros annos do seculo xviii até 14 de março de 1760, data em que se retiraram aquelles religiosos, em cumprimento ao alvará de 3 de setembro de 1759, referendado pelo marquez de Pombal, que os mandou expulsar de Portugal e seus dominios.

Eram possuidores os jesuitas na fazenda do Engenho Novo de uma grande fabrica de assucar, proxima de Inhaúma. Para differençar de outra que existia conhecida pelo nome de Engenho Velho, perto de Mata-Porcos (hoje Estacio de sá), deram os padres jesuitas ao estabelecimento que montaram o nome de — Engenho Novo, pelo qual ficou depois conhecida a grande fazenda, que teve posteriormente como proprietarios Manuel de Araujo Gomes, Manuel Joaquim de Silva Castro e Manuel Theodoro, além de outros possuidores de terras do logar e chacaras, dos quaes trata o auto de demarcação e limites do Engenho Novo. de 8 de maio de 1762.

A. Noronha Santos. — *Apontamentos para o Indicador da Capital Federal.*

Consequencias do 7 de Abril.

Depois da revolução de 7 de Abril de 1831 entrou o paiz em uma situação anomala: surgiram desordens nas provincias; no Pará é deposto o presidente; a comarca do Rio Negro revolta-se e separa-se daquella provincia; no Maranhão os rebeldes guiados por Antonio João Damasceno commettem depredações; no Ceará ha a revolta de Joaquim Pinto Madeira; em Pernambuco as sedições de 14 de setembro e 15 de novembro de 1831, e 14 de abril de 1832; a provincia das Alagoas é assolada e despovoada pela guerra civil de Panellas; na Bahia proclama-se a ephemera republica de São Felix em fevereiro de 1832, e na propria capital do Imperio, em presença do governo geral, subleva se a força militar em julho de 1831, ha o motim do theatro em setembro, a sedição da guarnição da ilha das Cobras em outubro do mesmo anno, os motins de 3 e 17 de abril de 1832, e todas as horas, todos os dias levantam-se novas ameaças, novas desordens, temores, preoccupações e perigos.

Desde julho de 1831 occupava o padre Diogo Antonio Feijó o cargo de ministro da Justiça, incumbido de velar na segurança publica, na tranquillidade do Imperio.

Homem de vontade energica e acção prompta, expedito, resoluto, infatigavel no trabalho, severo em suas medidas, impassivel ás queixas dos descontentes, forte e ousado, conseguira Diogo Feijó suffocar a insurreição da ilha das Cobras, dissolvêra os regimentos indisciplinados, creára na côrte o

corpo de municipaes permanentes para manter a ordem publica, subjugára os rebeldes de 3 e 17 de abril de 1832 e propuzéra a suspensão do tutor do Imperador, como medida conveniente para abater as facções; mas cahindo esta proposta no senado por um voto, retirou-se do ministerio em 27 de julho de 1832.

O estado de agitação em que estava o Imperio, o futuro triste e nebuloso que se vaticinava, os males proximos que se previam e a marcha progressiva do espirito revolucionario, assustaram a muitos patriotas, que, exaltados em seus sentimentos, opinaram empregasse o partido dominante medidas violentas, remedios fortes e promptos para salvar a patria, e ousaram affirmar que não seriam superadas as difficuldades, afastados os obstaculos, sem um golpe de Estado.

Reunidos em casa do padre José Custodio Dias, na chacara da Floresta, á rua da Ajuda, propuzeram, de accordo com os regentes, que estes e o ministerio se demittiriam, a regencia enviaria sua exoneração á camara dos deputados, que, levada pelas urgencias da situação, se converteria em assembléa nacional, decretando nova constituição que seria votada por acclamação.

Para isso já havia sido elaborado um projecto de constituição, fazendo amplas concessões ao principio liberal para tirar aos partidos contrarios o pretexto da luta. Essa nova constituição fôra impressa em Pouso Alegre, na typographia do *Prégoeiro Constitucional*, fundada pelo senador padre José Bento Ferreira de Mello sob o seguinte titulo:

« *Constituição politica do Imperio do Brasil*

reformada segundo os votos e necessidade da nação. »

Nas reuniões nocturnas do club revolucionario presentou Honorio Hermeto Carneiro Leão, mais tarde visconde e marquez de Paraná, opinião franca e decidida contra o arriscado e terrivel p'ano, e combateu a opinião daquelles que, como Saint-Just, diziam : — « Vós nada tendes que transigir com os inimigos da nova ordem de cousas. »

Evaristo Ferreira da Veiga tambem declarou-se contra esse acto imprudente e pernicioso ; porém, decidida a questão pela maioria de seu partido, mostrou-se coherente a seus principios politicos, sujeitou-se, e na camara votou a favor do golpe de Estado.

Tudo estava preparado pelos espiritos exaltados do partido dominante.

Esses mesmos homens que, sentados outr'ora entre os sustentadores da tranquillidade publica, calmos e impavidos, haviam affrontado as tormentas, as revoltas, os perigos, e tinham sido sentinellas firmes e dedicadas da Constituição, das instituições sociaes, levados agora pelas proprias idéas que queriam subjugar, talvez habituados ás lutas que haviam combatido, pensavam em revolucionar o paiz, em instituir uma dictadura ; queriam ser anarchistas para debellar os anarchistas, e, esquecidos da Constituição e da liberdade, não comprehendiam que podiam levar a nação á ruina em vez de salval-a.

Espalham-se pela cidade noticias aterradoras: propalam uns que o partido restaurador, não vendo quem se lhe opponha, vai apparecer ; outros

que uma facção tenciona exigir a reintegração do ministerio, e sob a pressão desses boatos abre-se em 30 de julho a sessão da camara dos deputados. Immediatamente recebe o presidente o officio da regencia da mesma data, communicando a retirada do ministerio e dando-se igualmente por demittida. Remette-se o officio a uma commissão especial, composta dos representantes Gabriel Mendes dos Santos, Manoel Odorico Mendes, Gervasio Pires Ferreira, Candido Baptista de Oliveira e Francisco de Paula Araujo e Almeida, e declara-se a camara em sessão permanente por proposta de Paula Araujo.

O mesmo faz o senado á espera das deliberações da assembléa temporaria.

Na tarde do mesmo dia a commissão especial apresenta seu parecer, concluindo nestes termos:

« Que esta augusta camara se converta em assembléa nacional para então tomar as resoluções que requer a crise actual, e que isto mesmo se participe ao senado. »

Requereu o deputado Ferreira de Mello para ser votado sem discussão o parecer; porém o deputado Antonio Pereira Rebouças conseguiu, após um discurso vehemente e politico, que o autor do requerimento o retirasse; a camara votou, e quando Rebouças sentou-se já a opposição estava em maioria.

Encetada a discussão do parecer da commissão especial, atacaram-n'o vigorosamente Martim Francisco, Ernesto Ferreira França, Miguel Calmon, ulteriormente visconde e marquez de Abrantes, Montezuma, depois visconde de Jequitinhonha.

Evaristo, José Bento, Costa Ferreira, Paula Araujo e Candido Baptista defenderam a moção.

Honorio Hermeto offereceu uma emenda para que se dirigisse uma mensagem á regencia, convidando-a a conservar-se no posto a que fôra elevada legalmente pelos votos da assembléa geral, assegurando-lhe que esta passava a tomar medidas aptas e conducentes a salvar a patria da crise actual; que se convidasse ao senado por uma outra mensagem a que se declarasse em sessão permanente, e ajudasse a camara dos deputados a tomar com brevidade medidas aptas a manter a segurança publica. Propôz tambem que a commissão já nomeada apresentasse emendas ao codigo criminal, formulasse um codigo de processo, e todas as mais leis que parecessem convenientes para manter a liberdade e a segurança publica, as quaes, adoptadas immediatamente, seriam remettidas ao senado com recommendação de urgencia; e ao senado se pedisse a remessa das emendas por elle feitas ao projecto de reformas constitucionaes.

Propôz Hollanda Cavalcanti que se respondesse á mensagem da regencia por uma deputação da camara, em que se lhe assegurasse que essa assembléa fará todos os esforços para coadjuval-a no alto desempenho das attribuições de que se achava a mesma regencia revestida, na fórma da Constituição.

Formularam Martim Francisco e Rebouças uma emenda em que se declarasse á regencia que a camara dos deputados, fiel á Constituição, não podia aceitar a demissão offerecida, e para assim ie significar, se lhe dirigisse uma deputação.

Prolongou-se a discussão até as onze horas da noite, em que se interrompeu para continuar na manhã seguinte.

MOREIRA DE AZEVEDO. — *Memoria lida em sessão do Instituto Historico.*

Fortificações em Paranaguá.

Por motivo de desintelligencia na delimitação dos respectivos limites coloniaes na America, deu-se em 1771 rompimento entre Portugal e Hespanha.

Uma esquadrilha hespanhola, organizada em Cadiz, partiu no dia 2 de fevereiro de 1772 com destino ao Brasil, ao mando de D. Pedro Cevallos. Esta expedição naval devia apoderar-se de diversos pontos da costa Brasileira, e para esse fim trazia os recursos indispensaveis a tentativas de tal natureza.

Completamente indefeza a costa meridional do Brasil, foi facil o D. Cevallos desobrigar-se das terminantes instrucções recebidas do seu governo, e apoderou-se sem resistencia da ilha da Santa Catharina. Os habitantes desse local fizeram-se de rumo para o continente, afim de escaparem ás depredações do inimigo.

A expedição preparava-se para avançar sobre o norte, quando, avisado o governo de S. Paulo, dispuzeram-se os elementos de resistencia.

Esses aprestos de defeza foram uteis a Paranaguá.

A villa decahia assombrosamente. De sua antiga riqueza, do seu primitivo fausto e agitação, apenas existiam exauridas minas abandonadas e restos de indigenas escravisados.

Amortecia alli o espirito de iniciativa, de ordem e estabilidade. Tudo contramarchava para o seu primitivo estado, desproporcianadamento, sem que se procurasse impedir tão desastroso retrocesso.

Com a esperada guerra luso-hespanhola, novos horizontes esboçaram-se para a villa de Paranaguá. Em o vasto plano de fortificação da costa meridional do Brasil estava ella comprehendida, e dos seus arraiaes surgiu um forte centro de resistencia.

De S. Paulo « o Governador mandou, a toda a pressa, e com a maior brevidade, se fortificassem todas as villas, e portos da marinha, para impedir o ingrésso daquelles invazôres, si por ventura intentásem continuar suas conquistas nas Villas da marinha situadas ao nôrte da mesma Ilha; e como a de Paranaguá era hum dos portos immediátos; tratou-se com energia de suas fortificações: — esta Villa em breve surgiu da innação e mostrou em breve tempo hum aspecto marciál imitando a hua praça de guerra. Em derredôr délla, desde a ribanceira do Estaleiro, té ao Campo Grande e beira-mar delle, se fizéram entrincheiramentos de grossas arvôres, madeiras entrelaçadas huas com outras, para impedirem qualquer assálto; estas trincheiras eram fechádas com dois portões; pelo lado de fóra dellas abriram-se largos fôssos. No

- da ribanceira, proximo á barranca do Estafronteiro á Ilha da Contiga e entrada do

rio, levantou-se hûm Fortim de pedra e Cal com varios lanços de muros e onde se collocáram doze peças de artelharia e um mastro de içar a bandeira nacional. Fronteiro ao pôrto do Estaleiro se encruzaram sobre o rio Taguaré (1) grossas amarras, ao ingresso de Embarcações inimigas que quizésem entrar; mandáram-se pôr no môrro da Fortaleza outras peças e na barra do Sul alguas requeiras para fazerem signal d'algua Embarcação de vélla que viésse demandár a barra, ou se pelas praias de Guaratuba, viésse entrando algum trôsso de tropa inimiga; mandou-se collocár outra peça de artelharia no Cubatão para servir de signal de rebate e os povos acudirem aos pontos que lhe fôssem destinados. Nestas fortificações consta que se trabalháram nellas mais de dois annos, com muita gente, tanto das Ordenánças como de Auxiliares, que effectivamente estavam destacados; nomeá-am um Almoxarife e o mandáram ao Cubatão de Morretes, comprar farinhas e mantimentos para o fornecimento da gente que na Villa estava destacada; nos Barreiro havia hum armazém, que servia de depozito para reçeber estes mantimentos, e d'onde se transportávam á Paranaguá, em hua pequena Lanxinha, de José Carneiro dos Santos; e se hia descarregár no Collegio, onde era o depozito geral » (2).

Em 30 de Julho de 1778 os hespanhóes evacuavam a ilha de Santa Catharina, em vista do tratado de Santo Ildefonso, de 1 de outubro de 1777. Assim terminava o apparato bellico e a vida agitada da costa meridional brasileira.

(1) *Itiberé?*
(2) Antonio Vieira dos Santos — *Obra citada.*

Mas Paranaguá, affeita já á actividade e á lucta, continuou a ser um centro forte e laborioso. Deixando as armas, por tanto tempo ao serviço da defeza da integridade da Patria, os paranaguenses tiveram outros misteres onde occupar a sua rara e provada actividade.

A causa sacratissima da independencia do Brasil, que então ja agitava fortemente o espirito patriotico de seus valorosos filhos, precizava de ter em terras do Paraná um apoio forte, uma palavra vibrante, e um pulso de aço que agisse.

ROMARIO MARTINS. — *Historia do Paraná.*

Primeiros povoadores.

O Brasil em seus principios foi povoado por particulares, que receberam alli terras em doação da corôa por premio de seus serviços, e não por castigo; e até ha exemplos, em tempos mais modernos, de condecorarem com honras os colonos, que para lá iam. Os habitantes de Masagão, quando a côrte de Portugal julgou conveniente abandonar esta praça, foram mandados para a capitania do Pará, e em compensação dos seus estabelecimentos, que deixavam, se lhes fez entre outras a mercê de lhes dar a todos o fôro de fidalgo.

A colonia do Sacramento no Rio da Prata foi estabelecida pelo brigadeiro José da Silva Paes, que teve ordem para levar da provincia de *Tras-os-Montes* os habitantes, que o quizessem seguir, com instrucções positivas de não admittir senão

familias e pessoas de conhecida probidade; ainda mesmo dos lavradores. E se algumas vezes os réos sahiam sentenciados a degredo para o Brasil, isso era em crimes leves, como seriam degradados para *Castro-marim*, ou outro logar dentro no mesmo reino de Portugal.

HIPPOLYTO JOSEPH DA COSTA PEREIRA. — *Correio Brasiliense.*

Fundação da cidade do Rio de Janeiro.

No dia 20 de janeiro de 1567, em que a Igreja catholica celebrava o nome do martyr S. Sebastião, e a nação portugueza festejava o do seu joven rei, successor de D. João III, assaltaram-se primeiramente as edificações, casernas e fórtes que os Francezes haviam já construido na praia, onde deságua o riacho do Cattete, e que é denominada actualmente do Flamengo.

Cantaram os Portuguezes victoria e investiram logo depois contra a ilha fronteira, approximando seus navios, lanchas e canôas ao fórte ali levantado pelos Francezes. Dura e pertinaz foi então a lucta, que terminou já adiantada a noite, abandonando os Francezes suas posses, suas armas e artilharia, e refugiando-se na ilha do Paranapacuy, onde, com os Tamoyos, seus alliados, resolveram acastellar-se.

Perseverou Mem de Sá na perseguição dos inimigos, bem que fortemente entrincheirados e decididos ao combate.

Não lhe foi menos prospera a sorte, após peleja sangrenta, conseguiram igualmente desalojal-os de Paranapacuy e expurgar a ilha de Francezes e Tamoyos.

Salvaram-se os Francezes em alguns dos seus navios, que ancoravam no porto, enfiaram a barra, evadiram-se para Cabo-Frio e ahi tentaram firmar-se. Pediram e obtiveram pazes os Tamoyos, compromettendo-se a não lançar mão das armas contra os Portuguezes.

Custou, todavia, a victoria muito caro.

Estacio de Sá, o fundador da primeira povoação do Rio de Janeiro, no sitio da Praia Vermelha, e que portanto tempo se sustentára galharda e honrosamente contra mais numerosos inimigos, recebeu no assalto da ilha uma frexada de Tamoyo, hervada de peçonha, que, deteriorando-lhe o sangue, levou-o á sepultura, sem que se pudesse atalhar o mal com antidoto conhecido. Nobre victima sacrificada á edificação da Capital brasileira!

Considerando o paiz pacificado, traçou Mem de Sá o plano da nova povoação e cidade, cuja construcção fôra-lhe de Lisboa recommendada, e que seu sobrinho começára na Praia Vermelha.

Conhecia-se a localidade pelo nome de Rio de Janeiro, por haver sido pelos Portuguezes vista no mez de Janeiro e parecer-lhe a enseada antes um caudaloso rio que um golfo formado pelo oceano. Não lhe convindo a localidade escolhida por Estacio de Sá ao lado do Pão de Assucar, preferiu-lhe Mem de Sá a riba da bahia, mais no interior, onde actualmente se eleva o outeiro chamado do Castello, do lado abrigado de ventos tempestuosos,

e que se estende por entre planicies coroadas de pequenos morros, e tratou afincadamente de formar a nova povoação.

Desbravaram-se os terrenos, e desde a ponta onde assenta actualmente o Arsenal de Guerra alinharam-se, abriram-se ruas, construiram-se quarteis e casas, levantaram-se trincheiras de defensa, e guarneceram-se as praias denominadas actualmente de D. Manuel. Tomou a nova cidade o titulo de S. Sebastião para guardar a memoria do monarcha reinante e do santo do calendario, que inspirára os Portuguezes e os auxiliára, segundo acreditavam, nos assaltos contra os Francezes.

Concedeu Mem de Sá aos jesuitas o morro então chamado de S. Januario e hoje do Castello, para fundações de seu collegio. José Anchieta collocou-se á frente de obreiros; e cuidou immediatamente de estabelecer a morada dos padres, e no sopé do outeiro uma casa de Misericordia para hospital de doentes pobres e necessitados de soccorros. Fixou-se a extensão de terrenos para patrimonio da municipalidade. Pagaram-se os serviços do valoroso Ararigboya com uma sesmaria, do lado opposto da bahia, a qual tomou o nome de S. Lourenço, e onde elle e os seus gentios lançaram os alicerces de suas aldeias.

J. M. Pereira da Silva. — *Quadros da Historia Colonial do Brasil.*

D. João VI e seu Governo.

Verdade é que D. João VI era D. João VI, — um dos mais notaveis e esclarecidos servidores que ainda teve o Brasil. No dia em que se escrever a verdadeira historia patria, — imparcial e documentada, — D. João VI será collocado entre os nossos maiores benemeritos. Os tres imperadores do Brasil (D. João VI usou desse titulo, em virtude do tratado de 1825) foram todos soberanos de alto merito, de raras e preciosas qualidades.

A vinda da côrte portugueza para o Rio de Janeiro consttiuiu acto de habil e elevada politica; desfechou fundo golpe nos planos napoleonicos; conservou a soberania e a integridade de Portugal. D. João VI evitou assim as humilhações que o rei da Prussia, o rei da Hespanha, o imperador da Austria, o proprio papa soffreram de Napoleão. Dizia este em Santa Helena de D. João VI: foi o unico que me enganou!

Oito dias após haver arribado a Bahia, — ouvindo os conselhos de José da Silva Lisboa, a quem sobremaneira distingue e galardoa, acaba elle com o regimen colonial, declara a independencia do Brasil, que a tanto equivaleu a abertura dos portos ao commercio e a navegação do mundo: desde então não mais dependemos da metropole.

Quão fecundos, prosperos, gloriosos os 13 annos passados por D. João nas nossas plagas! A ninguem perseguiu, a ninguem conculcou...

Datam de então todos os nossos progressos!

Criaram-se as secretarias de Estado, com praxes até agora seguidas. Fundaram-se o Supremo Conselho Militar, o Archivo Publico, o Arsenal de Marinha, o Arsenal de Guerra, a Academia de Marinha, o Hospital Militar, a Fabrica de Polvora, o Instituto Vaccinico, a Escola de Medicina, o Laboratorio Chimico, o Observatorio Astronomico, o Museu, o Jardim Botanico, o Banco do Brasil (o primeiro na monarchia portugueza), a Fabrica de Ferro de Ipanema, a Bibliotheca Nacional, oriunda de uma livraria particular da corôa, franqueiada á população por el-Rei. Estabeleceu-se uma Escola de Agricultura e Botanica no Rio, bem como uma aula de commercio na Bahia e outra em Pernambuco. Fomentou-se o commercio, animou-se a industria, emancipada de antigas peias, protegeu-se a lavoura, desenvolveu-se a navegação, publicou-se a primeira *Gazeta* no Brasil, formando-se a imprensa nacional. Mandou-se levantar a carta hydrographica das costas brazileiras, explorar os rios, as minas, o sertão; promoveu-se a immigração; cathechisou-se o gentio; favoreceu-se a arte. D. João VI acoroçoou os trabalhos de Varnaghen, Helberg, Feldner; foi amigo de José Mauricio Nunes Garcia, o genial musico negro; chamou Lebrèton, Taunay, Debret, Tradier, Grandjean, artistas com que constituiu a Academia de Bellas Artes. Realisou importantes obras materiaes, educou dezenas de estudantes pobres, patrocinou os orphãos e os desvalidos. Sob o seu governo, percorreram o Brasil viajantes como o principe Maximiliano de Neuwied, Saint-Hilaire, Echweger,

Spix, Martius. Foi o primeiro a reconhecer a independencia do Chile e de Buenos Aires.

Declarando guerra á França, invade a Guyana Franceza, destroça as forças que a defendem, aprisiona o governador, toma Cayenna, em cuja posse esteve de 1809 a 1817.

Da mesma fórma que no norte, triumpha galhardamente no sul, derrotando Artigas, occupando duas vezes Montevideo, determinando a encorporação do Uruguay ao Brasil, sob o nome de Estado Cisplatino.

Todos estes serviços sobreleva-os o de haver cimentado a unidade do Brasil, centralisando a autoridade fragmentada nas capitanias, organisando communicações entre estas, abrindo estradas do littoral para o interior, fazendo da nossa Patria um todo homogeneo e compacto, uma grande nação, cujos vinculos D. Pedro I e D. Pedro II consolidaram.

AFFONSO CELSO.

Beneficios da guerra hollandeza.

A guerra estranha produziu resultados beneficos. O perigo commum fez approximar mais do escravo o senhor, e o soldado europeu do brasileiro, ou do indio amigo. Com as honras e condecorações concedidas, mediante o beneplacito da curia romana, ao Camarão e a Henrique Dias, libertos, aquelle da barbaria, este da escravidão, se honraram todos os indios e todos os africanos, na idéa de que certo desfavor, em que se julga-

vam, não provinha de suas côres, mas sim da falta de meritos para serem melhor attendidos. Por outro lado tambem o perigo commum augmentou muito a tolerancia dos povos de umas capitanias para as outras, e estabeleceu maior fraternidade, de modo que quasi se póde assegurar que d'esta guerra data o espirito publico mais generalisado por todo o Brasil. Pelo que respeita á tolerancia religiosa, cumpre dizer que desde a invasão hollandeza era muito menor, como succede sempre que a antiga religão é posta em contacto com outra nova, sobretudo trazida por conquistadores. O vicio de certa indifferença religiosa converteu-se em fanatismo contra os protestantes e judeus. Infelizmente, porém, a civilisação humana assemelha-se em tudo ao homem: nasce chorando, e chorando e soffrendo passa grande parte da infancia até que se educa e se robustece. Se, pois, nos conformamos com esta lei indeclinavel, reconheceremos que o Brasil pagava então grande parte do seu tributo... E não ha duvida que, passados esses choros e esses soffrimentos, se apresentou mais crescido e mais respeitavel, havendo para isso concorrido poderosamente os grandes e continuados reforços de colonos activos e vigorosos de varios terços ou regimentos que vieram da Europa, e cujos individuos pela maior parte ficaram no Brasil, o que perfez um numero superior aos dos mortos nos campos de batalha. Por outro lado, o genio do padre Vieira, desenvolvido já no meio dos embates d'esta guerra, recomendára á Europa o Brasil, apresentando-se até na Hollanda feito officiosamente agente diplomatico; e os hollandezes leva-

vam aos mares do norte da Europa os nossos productos, e os faziam ahi conhecidos e desejados. O assucar, a aguardente de canna, até a tapioca, deveram ao consumo por elles promovido os augmentos de seu fabrico no Brasil. Muitos dos nossos productos naturaes foram descriptos, e as suas virtudes medicas apregoadas na Europa, graças especialmente ás paginas de Piso e de Marckgraff.

V. de Porto Seguro.

O padre Antonio Vieira e a escravidão dos indios.

Entre os diversos casos que se offereceram, foi o de um filho vendido por seu pai. Assim o disse o comprador, e assim o confessou o moço. O padre vigario e os tres frades votaram pelo captiveiro, pois não havia cousa mais certa e averiguada, diziam elles, que poderem os pais vender seus filhos. Como combateu Antonio Vieira este attentado contra as leis mais obvias e sagradas do sangue e da natureza? Allegou que, supposto poderem os pais vender os filhos, só lhes era licito fazerem-n'o em caso de extrema necessidade; e n'estes indios, não se provando o contrario não se podia presumir semelhante necessidade, pois esta ou é de honra, e entre elles não a ha; ou é do vestido, e elles andam nús; ou é de sustento, e elles nunca padecem fome, pois se alimentam das frutas e da caça, que o matto lhes offerece espontaneo e sem trabalho: por onde a occasião da venda só podia vir

da cobiça do pai ou de violenoia de quem lhe tomou o filho. De resto as leis de Sua Magestade não apontavam o direito do pai como causa legitima do captiveiro. Como quer que fosse, porém, venceu a maioria, e o mancebo foi declarado escravo.

Como muitos dos indios eram já passados ao Maranhão, foi necessario formar n'esta capitania outro juizo, no qual, em vez do ouvidor e do vigario do Pará, tomaram parte o ouvidor-general e vigario-geral do Estado. Ambos estes inclinaram-se para o lado de Antonio Vieira e do governador; e como os tres frades se vissem supplantados, recusaram assignar as novas sentenças!

Conclue Vieira todas as suas observações, notando que o juizo e voto dos padres eram suspeitos e nullos, porque elles, como senhores de escravos, eram responsaveis á evicção.

O que está, porém, mais que muito evidente, é que nunca em questão tão grandiosa, e onde iam compromettidos os direitos sagrados da religião e da humanidade, se produziram pró e contra rações e argumentos mais miseraveis. Já o leitor terá notado tambem que pelo só facto de fazer o padre Antonio Viera concessões em uma materia que as não admittia, pois o principio da liberdade é absoluto e com elle se não póde nem deve transigir, o temos arguido de sacrificar elle mesmo a causa dos indios. Mas, pois que elle, ainda que embaraçado em um systema erroneo e vicioso, no que havia mais culpa do entendimento que da vontade, era não obstante o campeão estrenuo e infatigavel dos pobres indios, talvez se diga que o havemos tratado com demasiado rigor, quando os

seus erros eram dignos de mais indulgencia e os seus serviços de muito maior reconhecimento. O leitor, porém, ha de necessariamente convir em que não temos praticado mais do que actos de simples justiça, se vier a conhecer que este famoso jesuita, arredada a concurrencia dos moradores e das outras ordens religiosas, procedia á feição de todos os mais, buscando indios ao sertão, movendo-lhes guerras encarniçadas, aprisionando-os, repartindo-os e vendendo-os como escravos. Foi elle tambem quem planeou seriamente a introducção da escravatura africana, para que, satisfeitas por este meio as necessidades dos colonos, pudesse a companhia, mais desimpedida de estorvos, exercitar uma jurisdicção illimitada e exclusiva sobre os indios. Havemos de vêr tambem que no exame dos captiveiros os padres de Santo Ignacio se portaram ainda com mais escandalo, se era possivel, do que os seus collegas das outras ordens.

JOÃO FRANCISCO LISBOA.

Una noite historica.

(DO ALTO DE UMA JANELLA NO LARGO DO PAÇO).

As tres horas da madrugada do domingo, emquanto a cidade dormia, tranquillisada pela vigilancia tremenda do Governo Provisorio, foi o largo do Paço theatro de uma scena extraordinaria, presenciada por poucos, tão grandiosa no seu sentido e tão pungente, quanto foi simples e reve.

Obedecendo á dolorosa imposição das circumstancias, que forçavam um procedimento energico para com os membros da dynastia dos principes do ex-imperio, o governo teve necessidade de isolar o paço da cidade, vedando qualquer communicação do seu interior com a vida da capital. A' todas as portas do edificio principal, na manhã do sabbado e ás portas das outras habitações dependentes, ligadas pelos passadiços, foram postadas sentinellas de infantaria e numerosos carabineiros montados. O saguão transformou-se em verdadeira praça de armas.

Muitos personagens eminentes do imperio e diversas familias, ligadas por approximação de affecto á familia imperial, apresentaram-se a falar ao Imperador e aos seus augustos parentes, retrocedendo com o desgosto de uma tentativa perdida.

A proporção que passavam as horas, foi se tornando mais rigorosa a guarda das immediações do palacio. As sentinellas foram reforçadas por uma linha de bayonetas, que a pequenos intervallos estendeu-se pelo passeio, em todo o perimetro da imperial residencia, transformada em prisão do Estado.

Novas determinações, annunciadas por ajudantes de ordens que chegavam frequentemente do quartel general, desenvolviam ainda mais as manobras da guarnição do edificio.

Depois que anoiteceu, foi fechado o transito pelas ruas que o rodeiam. As onze horas, havia sentinellas até o meio da grande área comprehendida entre o portico do palacio e o cáes. Por todas as immediações vagueavam soldados de caval-

laria, empunhando clavinotes de coronha pousada ao joelho.

Adiantava-se a noite, adiantavam-se gradualmente para o mar os cordões de sentinellas.

Um boato official, inspirado pela conviniencia do interesse publico, espalhára a noticia de que o Sr. D. Pedro de Alcantara (que se sabia dever embarcar para Europa em consequencia da revolução do dia 15). Só iria para bordo no domingo de manhã. A policia excepcional do Largo do Paço, porém, durante a noite de sabbado, deu a certeza de que o embarque se faria muito antes da hora do propalado consta.

Demorados por esta suspeita, muitos curiosos estacionavam pelas vizinhanças do Mercado, das pontes das barcas, na rua Fresca, na rua da Misericordia, na esquina da rua Primeiro de Março.

De 1 hora da madrugada em diante, as patrulhas de cavallaria começáram a dispersar os ajuntamentos.

Para os ultimos passageiros das barcas Ferry não havia mais caminho, do lado do Mercado, se não beirando rentinho ao cáes. Depois da ultima barca, o transito foi absolutamente impedido. Tambem os mais renitentes curiosos tornáram-se muito raros, mesmo nas proximidades do largo sitiado.

Um grande socego, com uma nota accentuada de panico, reinava neste ponto da cidade. Para mais carregar a physionomia do momento, circulavam nessa hora as noticias de um conflicto entre marinheiros e praças do exercito, havendo troca de tiros. Apezar da brandura de modos com que os militares convidavam as pessoas do povo

a se retirarem, apezar da completa abstenção de actos de violencia que tem caracterisado o systema policial, energico, mas extraordinariamente prudente do Governo Provisorio, sentia-se alli como que uma atmosphera de vago terror, como se a calada da noite, a escuridão do logar, a amplitude insondavel da praça evacuada, respirassem á presença de uma realidade formidavel. Sentia-se todo aquelle immenso ermo occupado pela vontade poderosa da revolução. Em cima, o céo tristissimo, povoado de nuvens crespas, muito densas, que um luar fraco bordava de transparecias pallidas.

De vez em quando, das prespectivas de sombra, sahia um rumor de vozes abafadas, logo feitas silencio; de vez em quando, um rumor secco de bainhas de folha contra esporas e um estrepido de patas de cavallo, escarvando o calçamento, batendo a passos regulares, espalhando-se em cstalado galope. Em geral, silencio de morte.

Entre as poucas pessoas que, illudindo o consentimento da policia, tinham conseguido occultar-se em diversos sitios de observação, murmurava-se que não devia tardar o embarque do ex-imperador. Duas horas da madrugada, entretando, tinham marcado os relogios das torres, e nada de novo, dos lados do paço, viera agitar o solemne socego do largo.

Pouco antes dessa hora, houvera um grande movimento do lado do mar. Dahi soára repentinamente um grito de alarma.

A noticia divulgada, de assaltos provaveis de gente da armada contra a tropa, assaltos que serião razoavelmente favorecidos pelo negrume

da noite, que subia do mar sobre o cáes como uma muralha preta, furada apenas pela linha de pontos lucidos da illuminação de Nictheroy, dava para impressionar de susto um grito perdido da sentinella. Houve um tropel de cavallos, e logo uma, duas, outra, outra, muitas detonaçoes de espingarda, em desordenado tiroteio.

Nada havia de grave. Um individuo, que tentara embarcar-se contra a vontade da ronda, fôra preso: escapando ás mãos da patrulha de infantaria que o prendêra, tinha-se lançado ao mar para fugir nadando. Alguns soldados atiraram a esmo para assusta-lo, emquanto outros tomavam um bote, com o qual pegáram de novo o evadido. Logo em seguida foi visto o preso passar, á luz dos lampeões, empurrado por guardas.

Houve quem suppuzesse, que os tiros foram um signal. Com effeito, tal qual se assim fosse, ouvio-se, pouco depois, no meio das trevas da Bahia, o rebate chocalhado da helice de uma lancha a vapor. Uma pequena luz vermelha estrellou-se no escuro, diante do cáes, e, ao fim de poucos momentos, ao lado do molhe de embarque do Pharoux, vinha cessar o barulho da helice, com duas pancadas de um tympano de bordo e a passagem de uma rapida sombra fluctuante sobre a sombra inquieta das aguas.

— E' a lancha do imperador! pensaram os que viam, com a oppressão natural que devia provocar aquelle annuncio da imminencia de um grande momento.

Bastante tempo se passou depois deste incidente, antes que de novo fosse alterada a monotonia do socego da noite. A suspeita de que aca-

bava de atracar a embarcação que devia receber o monarcha deposto, a anciedade de perceber o movimento significativo, no portão do paço, prolongou indefinidamente a duração desta espectativa. O profundo silencio do logar paraceu fazer-se maior, nessa occasião, como se a noite comprehendesse que se ia, alli mesmo, em poucos momentos, estrangular a ultima hora de um reinado. A tranquillidade que havia era lugubre. Ouvia-se com certo estremecimento o barulho do morder dos freios dos corceis da cavallaria em recantos afastados. Frouxamente clareados pela illuminação urbana, as casas ao redor do largo, os edificios publicos pareciam adormecidos. Nenhuma luz nas janellas, a não ser nos ultimos andares de uma casa de saude.

Apezar disso, que se acreditaria indicar a completa ausencia de espectadores para a scena que se ia passar, algumas janellas abertas appareciam como retabulos negros, nas mais altas sacadas, e percibia-se uma agitação facil de reconhecer nos peitoris escuros ..

Pobre D. Pedro! Em hemenagem á severidade da determinação do governo revolucionario, ninguem queria *ter sido* testemunha da mysteriosa eliminação de um soberano.

A's tres horas da madrugada, menos alguns minutos, entrou pela praça um rumor de carruagem. Para as bandas do paço houve um ruidoso tumulto de armas e cavallos. As patrulhas que passeavam de ronda retiraram-se todas a occuparas entradas do largo, pelo meio do qual, através das arvores, illuminando sinistramente a solidão, perfilavam-se os postes melancolicos dos lampeões de gaz.

Appareceu, então, o prestito dos exilados.

Nada mais triste. Um coche negro, puxado a passo por dous cavallos, que se adiantavam de cabeça baixa, como se dormissem andando. A' frente, duas senhoras de negro a pé, cobertas de véos, como a buscar caminho para o triste vehiculo. Fechando a marcha, um grupo de cavalleiros, que a prespectiva nocturna detalhava em negro perfil. Divisavam-se vagamente, sobre o grupo, os penachos vermelhos das barretinas de cavallaria.

O vagaroso comboio atravessou em linha recta, do paço, em direcção ao molhe do caés Pharoux. Ao approximar-se do cáes apresentaram-se alguns militares a cavallo, que formàram em caminho.

— E' aqui o embarque ? perguntou timidamente uma das senhoras de preto aos militares. O cavalleiro, que parecia um official, respondeu com um gesto largo de bràço e uma attenciosa inclinação do corpo.

Por meio dos lampeões que ladeiam a entrada do molhe, passaram as senhoras. Seguio-as o coche fechado.

Quasi na extremidade do molhe, o carro parou e o Sr. D. Pedro de Alcantara apeiou-se — um vulto indistincto, entre outros vultos distantes — para pisar pela ultima vez a terra da patria.

Do posto de observação em que nos achávamos, com a difficuldade, ainda mais, da noite escura, não pudemos distinguir a scena do embarque.

Foi rapido, entretanto. Dentro de poucos minutos, ouvia-se um ligeiro apito, echoava no mar o rumor igual da hélice da lancha, reapparecia o clarão da illuminação interior do barco ; e, sem

que se pu lesse distinguir nem um só dos passageiros, a toda a força de vapor, o ruido da hélice e o clarão vermelho afastavam-se da terra.

. . . . . .

RAUL POMPÉA. — *Revista Sul-Americana*.

DRAMAS E COMEDIAS

DRAMAS E COMEDIAS

Comedia.

JUIZ, ESCRIVÃO E LAVRADORES

Entram todos os lavradores vestidos como roceiros; uns de jaqueta de chita, chapéo de palha, calças brancas, de ganga, de tamancos, e descalços; outros calçam as meias e os sapatos quando entram, etc. Thomaz traz um leitão debaixo do braço.

JUIZ. — Está aberta a audiencia. Os seus requerimentos?

Ignacio José, Francisco Antonio, Manoel André e Sampaio entregam os seus requerimentos.

JUIZ. — Sr. Escrivão faça o favor de ler.

ESCRIVÃO, *lendo*. — « Diz Ignacio José, natural desta freguezia, e casado com Josefa Joaquina, sua mulher, na face da igreja, que precisa que V. S. mande a Gregorio degradado para fóra da terra, pois teve o atrevimento de dar uma embigada em sua mulher, na encruzilhada do Páo-Grande, que quasi a fez abortar, da qual embigada fez cahir a dita sua mulher de pernas para o ar. Portanto pede

a V. S. mande o dito Gregorio degrado para Angola. — E. R. M. »

Juiz. — É verdade, Sr. Gregorio, que o senhor deu uma embigada na senhora?

Gregorio. — E' mentira, Sr. juiz de paz; eu não dou embigadas em bruxas.

Josefa. — Bruxa é a marrafona de tua mulher, mal creado! Já não se lembra que me deu uma embigada, e que me deixou uma marca roxa na barriga? Si o senhor quer ver posso mostrar.

Juiz. — Nada, nada, não é preciso; eu o creio.

Josefa. — Sr. juiz, não é a primeira embigada que este homem me dá, eu é que não tenho querido contar a meu marido.

Juiz. — Está bom, senhora, socegue. Sr. Ignacio José, deixe-se destas asneiras; dar embigadas não é crime classificado no codigo. Sr. Gregorio, faça o favor de não dar mais embigadas na senhora, quando não, arrumo-lhe com a lei ás costas, e metto-o na cadêa. Queiram-se retirar.

Ignacio José, *para Gregorio.* — Lá fóra me pagarás.

Juiz. — Estão conciliados! (*Ignacio José, Gregorio e Josefa saem.*) Sr. escrivão, leia outro requerimento.

Escrivão, *lendo.* — « O abaixo-assignado vem dar os parabens a V. S. por ter entrado com saúde no novo anno financeiro. Eu, Illm. Sr. juiz de paz, sou senhor de um sitio que está na beira do rio, aonde dá muito boas bananas e laranjas, e como vem de encaixe, peço a V. S. o favor de acceitar um cestinho das mesmas, que eu mandarei hoje á tarde; mas, como ia dizendo, o dito sitio foi comprado com o dinheiro que minha mulher ganhou

nas costuras, e outras cousas mais; e, vae sinão quando, um meu vizinho, homem da raça de Judas, diz que metade do sitio é delle. E então que lhe parece, Sr. Juiz, não é desaforo? mas, como ia dizendo, peço a V. S. para vir assitir á marcação do sitio. Manoel André. — E. R. M. »

JUIZ. — Não posso deferir por estar muito atravancado com um roçado; portanto requeira ao supplente que é o meu compadre Pantaleão.

MANOEL ANDRÉ. — Mas, Sr. juiz, elle tambem está occupado com uma plantação.

JUIZ. — Você replica? Olhe que o mando para a cadêa.

MANOEL ANDRÉ. — V. S. não póde prender-me á tôa; a constituição não manda.

JUIZ. — A constituição! está bem! Eu, o juiz de paz, hei por bem derogar a constituição!... Sr. escrivão, tome termo que a constituição está derogada, e mande-me prender este homem.

MANOEL ANDRÉ. — Isto é uma injustiça.

JUIZ. — Ainda fala?... Suspendo-lhe as garantias...

MANOEL ANDRÉ. — É desaforo...

JUIZ, *levantando-se*. — Brejeiro... (*Manoel André corre, e o juiz vae atraz.*) Péga... péga... Lá se foi, que o leve o diabo. (*Assenta-se.*) Vamos ás outras partes.

ESCRIVÃO, *lendo*. — « Diz João de Sampaio que, sendo elle senhor absoluto de um leitão que teve a porca mais velha da casa, aconteceu que o dito acima referido leitão furasse a cerca do Sr. Thomaz pela parte de traz, e, com a sem-ceremonia que tem todo o porco, forçasse a horta do mesmo senhor. Vou a respeito, de dizer, Sr. juiz, que o leitão

carece agora advertir, não tem culpa, porque nunca vi um porco pensar como um cão, que é outra qualidade de alimaria, e que pensa ás vezes como um homem. Para que V. S. não pense que minto, lhe conto uma historia. A minha cadella Troia, aquella mesma que escapou de morder a V. S. naquella noite, depois que lhe dei uma tunda, nunca mais comeu na cuia com os pequenos; mas vou a respeito de dizer que o Sr. Thomaz não tem razão em querer ficar com o leitão, só porque comeu tres ou quatro cabeças de nabo. Assim, peço a V. S. que mande entregar-me o leitão. — E. R. M. »

JUIZ. — E' verdade, Sr. Thomaz, o que diz o Sr. Sampaio?

THOMAZ. — É verdade que o leitão era delle, porém agora é meu.

SAMPAIO. — Mas si era meu, e o senhor nem m'o comprou, nem eu lh'o dei, como póde ser seu?

THOMAZ. — É meu, tenho dito.

SAMPAIO. — Pois não é, não, senhor. (*Agarram ambos no leitão e puxam cada um para seu lado.*)

JUIZ, *levantando-se.* — Larguem o pobre animal, não o matem.

THOMAZ. — Deixe-me, senhor.

JUIZ. — Sr. escrivão, chame o meirinho. (*Os dois apartam-se.*) Espere, Sr. escrivão, não é preciso. (*Assenta-se.*) Meus senhores, só vejo um modo de conciliar esta contenda, que é darem os senhores este leitão de presente a alguma pessoa. Não digo com isto que m'o dêm.

THOMAZ. — Lembra V. S. bem. Peço licença a V. S. para lhe offerecer.

JUIZ. — Muito obrigado. É o senhor um homem

de bem, que não gosta de demandas. E que diz o Sr. Sampaio?

SAMPAIO. — Vou a respeito de dizer que si V. S. acceita, fico contente.

JUIZ. — Muito obrigado, muito obrigado. Faça o favor de deixar vêr. Oh! homem! está gordo! tem toucinho de quatro dedos! Com effeito! Ora, Sr. Thomaz, eu que gósto tanto de porco com ervilhas...

THOMAZ. — Si V. S. quer posso lhe mandar algumas.

JUIZ. — Faz-me muito favor. Tome o leitão, e bote no chiqueiro quando passar. Sabe onde é?

THOMAZ, *tomando o leitão.* — Sim, senhor.

JUIZ. — Podem-se retirar, estão conciliados.

SAMPAIO. — Tenho ainda um requerimento que fazer.

JUIZ. — Então qual é?

SAMPAIO. — Desejava que V. S. mandasse citar a assembléa provincial.

JUIZ. — Oh! homem! citar a assembléa provincial! e para que?

SAMPAIO. — Para mandar fazer cercado de espinhos em todas as hortas.

JUIZ. — Isso é impossivel! a assembléa provincial não póde occupar-se com estas insignificancias.

THOMAZ. — Insignificancia! bem, mas os votos que V. S. me pediu para aquelles sujeitos não erão insignificancia. Então me prometteu mundos e fundos.

JUIZ. — Está bom, veremos o que poderei fazer. Queiram retirar-se. Estão conciliados; tenho mais que fazer. (*Saem os dois.*) Sr. escrivão faça o favor

de... (*Levanta-se apressado, e, chegando á porta, grita para fóra.*) O Sr. Thomas? Não se esqueça de deixar o leitão no chiqueiro.

THOMAZ, *ao longe.* — Sim, senhor.

JUIZ, *assentando-se.* — Era muito capaz de se esquecer. Vamos, Sr. escrivão, leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO, *lendo.* — « Diz Francisco Antonio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo elle casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma egoa. Ora, acontecendo ter a egoa de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é delle, só porque o dito filho da egoa de minha mulher sahiu malhado como o seu cavallo. Ora, como os filhos pertencem ás mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho, que é meu; peço a V. S. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da egoa que é de minha mulher. »

JUIZ. — É verdade que o senhor tem o filho da egoa preso?

JOSÉ DA SILVA. — É verdade; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavallo.

JUIZ. — Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ DA SILVA. — Mas, Sr. juiz...

JUIZ. — Nem mas, nem meio mas; entregue o filho, sinão cadêa.

JOSÉ DA SILVA.--Eu vou queixar-me ao presidente.

JUIZ. — Pois vá, que eu tomarei a appellação.

JOSÉ DA SILVA. — E eu embargo.

JUIZ. — Embargue ou não embargue, embargue com trezentos mil diabos, que eu não concederei revista no auto de processo.

José da Silva. — Eu lhe mostrarei, deixe estar.

Juiz. — Sr. escrivão, não dê amnistia a este rebelde, e mande-o agarrar para soldado.

José da Silva, *com humildade*. — V. S. não se arrenegue. Eu entregarei o pequira.

Juiz. — Pois bem, retirem-se; estão conciliados. (*Saem os dois.*) Não ha mais ninguem? Bom! Está fechada a sessão. Hoje cançaram-me.

Manoel João, *dentro*. — Dá licença?

Juiz. — Quem é? Póde entrar.

Martins Penna. — *O Juiz de paz da Roça, scena XI.*

Drama.

ANASTACIO, LEONINA, MAURICIO E HORTENSIA

Mauricio. — Leonina... *(Vendo Anastacio.)* Oh!... mano Anastacio!... *(Abraça-o.)*

Hortensia. — Meu mano! *(Abraça-o por sua vez.)*

Anastacio. — Sim! elle mesmo! depois de dezoito annos de ausencia!... elle mesmo!

Mauricio. — Que prazer! que felicidade!...

Leonina. — Pois é meu tio?... é o meu padrinho?...

Hortensia. — Sim, minha filha, é o teu padrinho.

Anastacio, *chorando*. — Conheceram-me logo.

amam-me ainda... não se esqueceram do velho rabugento... mas... parece-me que estou chorando... isto é uma vergonha na minha idade... Mauricio, mana, outro abraço para esconder estas duas goteiras de casa velha!... *(Abraçam-se.)*

LEONINA. — E eu então, meu padrinho?...

ANASTACIO. — An ! já, minha cabecinha de vento?... não te disse que havias de dar-me um abraço e um beijo? *(Abraça-a e beija-a na fronte.)* Pois toma dous e tres de cada especie, e estes pódes receber e pagar com juros sem dar satisfação á lingua do mundo.

MAURICIO. — Quando chegaste, Anastacio?

ANASTACIO. Agora mesmo ; apeéi-me á porta de tua casa.

HORTENSIA. — Mas porque gritavas com tanto desespero, Leonina?

LEONINA. — Ora... eu não conhecia meu padrinho, e vendo-o correr atraz de mim para me abraçar... *(Sentam-se.)*

ANASTACIO. — Não foi isso, mentirosa! deves dizer sempre toda a verdade a teus páes : mana, fui eu que, conforme o meu costume, ralhei como um frade velho. Leonina, tenho mais vinte annos do que teu pae, e portanto acho-me com direito de avô. Meus paes desejaram que eu fosse padre, e deram-me uma educação severa e estudos variados e sérios ; circumstancias que agora não vêm ao caso, affastaram-me das ordens sacras ; fiquei porém com as menores, e, sem ser padre, gosto de pregar os meus sermões ; dispõe-te pois a aturar-me, que tens muito que ouvir e eu muito que ralhar.

LEONINA, *á parte*. — Peór está essa ! mas o meu

recurso é simples : para um velho que ralha, uma moça que ri.

MAURICIO. — Sim, ralhe muito com ella e para isso não nos deixe mais nunca.

ANASTACIO. — Mais nunca?... havia de ser bonito! e quem me tomaria conta das fazendas em Minas?... cheguei ha pouco e sinto que já estou pelos cabellos : a vida da cidade é só para gente vadia.

HORTENSIA. — Um homem solteiro, quando chega a sua idade e é bastante rico, tem o direito de descansar e gozar.

ANASTACIO. — Não ; o homem ocioso é sempre um peso para a sociedade. O trabalho é uma lei de Deus que se deve cumprir até a morte : sou rico ; nunca porém serei vadio, nem perdulario *(Olhando.)* Mas pelo que vejo, tu andas pelas grimpas, Mauricio? aposto que tens os teus vinte contos de renda annual?... não?... ah! já sei, tens tirado a sorte grande cinco ou seis vezes.

LEONINA. — Qual! todos os bilhetes, que papae compra, sahem brancos.

ANASTACIO. — Então, accumulas alguns sete empregos para receber os vencimentoś de todos elles, sem cumprir as obrigações de nenhum : acertei! a nação é quem paga o pato, e, coitadinha! não se queixa, porque já está acostumada. A quanto chegam os teus ordenados?

MAURICIO. — Tenho só um, Anastacio, e esse e mais alguns achegos dão-me por anno cerca de cinco contos de réis.

ANASTACIO. — Ao menos esta casa é propriedade tua...

MAURICIO. — Infelizmente não ; e as casas estão

por um preço fabuloso : pago de aluguel por esta dous contos de réis.

ANASTACIO. — E com os tres contos que restam dos cinco que ganhas, vestes com o luxo que vejo a tua familia, pagas criados francezes que olham com desprezo para quem traz botas á mineira, e tens salas como esta, marmores, ricas mobilias, e esta grandeza toda?... Mauricio!...

HORTENSIA. — Que quer dizer, meu mano?

ANASTACIO. — Eu não quero dizer nada : o adagio antigo é que diz uma cousa muito feia, porém muito verdadeira.

LEONINA. — Ora pois, meu padrinho ha pouco ralhava commigo, e agora já está ralhando com meu pae. *(Levanta-se e senta-se ao pé do padrinho.)*

ANASTACIO. — E que tem você que ver com isto?... destas despezas loucas e superiores aos recursos de quem as faz, transpira uma prova de demencia ou de immoralidade. Quem despende mais do que ganha, ou cahe na miseria ou no crime... quem... tá... tá... tá... que tenho eu de metter-me com a vida alheia?... Mauricio, como está Felisberto?...

MAURICIO, *confuso*. — Felisberto...

HORTENSIA, *confusa*. — Felisberto...

ANASTACIO. — Sim... Felisberto, vocês hesitam? acaso terá morrido?

LEONINA. — Minha mãe, quem é esse Felisberto?...

ANASTACIO. — Quem é esse?... é teu tio, o irmão de teu pae, o cunhado de tua mãe, é meu irmão; um homem honrado e laborioso, e um mestre arceneiro da primeira ordem.

LEONINA. — Marceneiro! pois isto é verdade, minha mãe? *(Vai sentar-se ao fundo muito triste.)*

HORTENSIA, *á parte*. — Antes nunca tivesse voltado á côrte este velho doudo.

MAURICIO, *levanta-se*. — Meu mano... a alta sociedade que frequentámos... as nobres relações que temos... certo pundonor... os prejuizos talvez... têm feito com que... apezar nosso...

ANASTACIO. — Tu gaguejas?... estás engasgado com alguma indignidade?

MAURICIO. — Não... nós estimámos sempre muito a Felisberto; mas um simples marceneiro... podia ser encontrado aqui por fidalgos, titulares, grandes personagens emfim, que nos honram com a sua amizade; e por isso... e por um vexame muito natural...

ANASTACIO. — Fechaste a porta a nosso irmão?... Que miseria!... como deve estar corrompida esta sociedade em que ha quem se lembre de quebrar os sagrados laços do sangue e de voltar o rosto a um irmão, só porque elle é um simples artifice! Que sociedade é esta tão estupida, que não sabe repellir dê seu seio esses Cains da vaidade, como Deus repelliu o Caim da inveja! Caim da inveja!... *(A Mauricio e batendo com o pé no chão.)* Caim!... Caim!...

MAURICIO. — Anastacio!...

ANASTACIO. — Fidalgo improvisado! o teu castigo é a voz da verdade que sôa em tua consciencia; e onde quer que vás, onde quer que estejas, eu, eu, que não renego nem o meu passado, nem os meus parentes; eu, emquanto vivo fôr, bradarei aos teus ouvidos: lembra-te, meu fidalgo, que nosso pae foi um *nobre* ferreiro, que durante ses-

senta annos se chamuscou na forja e bateu na bigorna! teve por titulo de nobreza a sua immaculada probidade, e por gloria o seu trabalho e a educação da virtude que soube dar a seus filhos; foi deveras um nobre ferreiro, e é pena sómente que deixasse um filho doudo!

MAURICIO. — Oh! é muito!

HORTENCIA. — Meu mano, as cousas aqui na côrte não se passam como lá na roça; aqui ha certas prevenções... certas considerações...

ANASTACIO. — Engana-se, minha senhora: lá na roça, como aqui na côrte, os tolos de ambos os sexos abundam do mesmo modo.

HORTENSIA. — Senhor... é quasi um insulto!

ANASTACIO. — Tire-lhe o quasi e seja um insulto completo; desagrado-lhes, não é assim? pois fiquem-se com a sua fidalguia, que eu vou direito para a casa do marceneiro. *(Indo-se.)*

HORTENSIA. — Não... não... é impossivel que briguemos: não ha de deixar-nos assim.

ANASTACIO. — Nesse caso terão de ouvir-me, e aturar-me.

HORTENSIA. — Diga o que quizer, já lhe conhecemos o genio; mas não nos faça injustiças: temos uma filha que desejamos casar bem; e é provavel que si se viesse a saber que é sobrinha de um marceneiro, não pudessemos arranjar-lhe um noivo de familia nobre.

ANASTACIO. — E a honra que ennobrece o homem; e eu juro que não ha homem mais honrado do que meu irmão marceneiro: póde bem sentar-se a par do melhor dos seus barões.

HORTENSIA. — E si o barão fugisse do seu lado?

ANASTACIO. — Provavelmente o faria envergo-

nhado, por dever-lhe ainda a mobilia da sala.

MAURICIO, *á parte*. — E elle tem razão... eu sou um miseravel.

LEONINA, *á parte*. — Marceneiro!... estou definitivamente desacreditada!...

HORTENSIA. — Deixe estar, mano, que havemos de fazel-o chegar á razão. No dia dos annos de Leonina vamos dar um baile, e por signal que será de mascaras, para aproveitarmos a coincidencia da segunda-feira do Carnaval; hoje mesmo receberemos visitas, e o mano ha de ufanar-se de ver a brilhante sociedade com que nos achamos relacionados.

ANASTACIO. — Sim, hei de pôr-me nas pontinhas: jurarei que sou bisneto do imperador da China, e que portanto somos parentes do sol e da lua; creio que vocês por ora se contentam com estas alturas. Ah Gil Braz de Santilhana!... mas... que idéa!... não a devo perder... meus fidalgos, até logo! vou ver o nosso... o meu irmão marceneiro; contem porém commigo, que ainda hoje hei de fazer brilhaturas!... *(Vai-se.)*

MAURICIO, *seguindo-o até a porta*. — Anastacio!...

LEONINA, *á parte*. — Marceneiro!...

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. — *Luxo e Vaidade*, acto 1.º, scena IV.

Drama.

DR. LIMA, ELISA, PEIXOTO, JORGE, GOMES E JOANNA (*ao fundo.*)

JORGE. — Cale-se.

GOMES. — Este miseravel aqui!

PEIXOTO. — A minha escrava!

DR. LIMA. — Desgraçado!

JORGE. — Doutor...

DR. LIMA. — Tu vendeste tua mãe!... (*Joanna foge.*)

JORGE. — Minha mãe!... Ah!

DR. LIMA. — Tua mãe, sim!... Digo-o alto, porque te sei bastante nobre para não renegares aquella que te deu o ser (*pequena pausa.*)

PEIXOTO. — Em todo caso... Eu não perco o meu dinheiro...

DR. LIMA. — Quanto se lhe deve?

PEIXOTO. — Seiscentos mil réis! (*Jorge atira o dinheiro.*)

DR. LIMA. — Dê-me esse papel!

JORGE. — Oh! Não o rasgue, doutor!

DR. LIMA. — Para que conservar esse testemunho?

JORGE. — Para esprobar-lhe o que me obrigou a fazer! Porque foi ella... quem tratou com esse homem!...

PEIXOTO. — Lá isso é verdade!

JORGE. — A carta, rasgou-a!

DR. LIMA. — Amor de mãe!...

JORGE. — Ah! meu pae! Meu pae!... Como deves soffrer neste momento!

DR. LIMA. — Elle não teve tempo de declarar... A morte foi repentina.

JORGE. — E ter vivido vinte annos com ella, recebendo todos os dias, a todo o instante, as effusões desse amor sublime!... E não advinhar!... Não presentir!... Perdão, minha mãe!... Onde está ella? (*sahe.*)

SCENA XII

DR. LIMA, GOMES, ELISA, PEIXOTO E VICENTE

VICENTE (*a Peixoto*). — Alto lá! camarada! (*segura-o pela golla.*)

PEIXOTO. — Isto são modos!

VICENTE. — Bom dia, Sr. doutor e companhia.

DR. LIMA. — Adeus!

PEIXOTO. — Largue-me, senhor!

VICENTE. — Está seguro! Deixe-se de partes!

PEIXOTO. — Com que direito me priva de sahir?

VICENTE. — Já lhe digo: (*Lê*) « Mandado de prisão passado a requerimento do Dr. promotor... »

PEIXOTO. — Eu preso!... Porque?

VICENTE. — Por causa de certas letras...

PEIXOTO. — E' falso!

VICENTE. — São falsas mesmo as taes letras!...

PEIXOTO. — Sr. Vicente...

VICENTE. — Romão, meu caro senhor Romão... Tenha bondade de seguir-me!

GOMES. — Deus é justo! (*Elisa entra rapidamente na alcova.*)

SCENA XIII

Dr. LIMA, GOMES e JORGE

Jorge. — Viu-a, doutor?... Não a encontrei!... Procurei tudo!

Dr. Lima. — Socegue, Jorge! Deve ter sahido... Ella nada sabe ainda! Seja prudente... Não lhe annuncie de repente!... O choque póde ser terrivel!...

Jorge. — Não me sei conter!... Quero abraçal-a! Minha mãe!... Que prazer supremo que eu sinto em pronunciar este nome!... Parece-me que o aprendi ha pouco!

Gomes. — Sr. Jorge...

Jorge. — Ah! desculpe... Esqueci-me que estava aqui!... O que acabo de saber...

Gomes. — Penalisa-me bastante, creia...

Jorge. — Como, senhor Gomes?

Gomes. — Sinto muito, porém... O Sr. comprehende a minha posição... As considerações sociaes ..

Jorge. — Acabe, senhor!

Gomes. — Esse casamento não é mais possivel!

Jorge. — Ah!

Dr. Lima. — Por que razão, Sr. Gomes?

Jorge. — Porque não reneguei minha mãe!

Gomes. — Sr. Jorge, eu o estimo... porém...

Jorge. — Tem razão, Sr. Gomes!... O Sr. me julga indigno de pertencer a sua familia, porque eu sou filho daquella que se vendeu para salvar essa honra mesma, em nome da qual me repelle!

GOMES. — Que diz, senhor?...

ELISA (*fóra*). — Jorge!... Sua mãe!...

JORGE. — Elisa!... Aonde! .. (*entra na alcova.*)

GOMES. — Nas minhas circumstancias, que faria, Sr. doutor?

DR. LIMA. — Não ha considerações nem prejuizos, Sr., que me obriguem a commetter uma ingratidão!

SCENA XIV

DR. LIMA, GOMES, JORGE, JOANNA

JORGE. — Doutor, accuda!... Depressa!

DR. LIMA. — O que?

ELISA. — Este vidro!...

GOMES. — Envenenada!...

JOANNA. — Um ataque!...

DR. LIMA. — Que fizeste, Joanna?

JORGE. — E' o mesmo veneno que ella lhe arrancou dos labios, Sr. Gomes!

JOANNA. — Meu... Sr. doutor!

JORGE. — Salve-a, meu amigo!...

DR. LIMA. — Só Deus!... A sciencia nada póde!

JORGE. — Minha mãe!...

JOANNA. — Não!... Eu não sou sua mãe, nhonhô! O que elle disse, Sr. doutor, não é verdade... Elle não sabe!...

DR. LIMA. — Joanna!...

JOANNA. — Não é verdade, não!... Pois já se viu isso? Eu ser mãe de um moço como nhonhô!... Eu, uma escrava! Não vê, nhonhô, que elle se engana?

JORGE. — Perdôa-me, minha mãe, não te haver conhecido!

JOANNA. — Sr. doutor quer dizer que eu fui ama de nhonhô!... Que nhonhô era meu... meu... de leite... só... só... de leite!...

JORGE. — Chama-me teu filho!... Eu te supplico!...

JOANNA. — Mas não é!... não!... Eu juro!...

DR. LIMA. — Joanna, Deus nos ouve!

JOANNA. — Por Deus mesmo! Elle sabe por que digo isto!... Por Deus mesmo... juro... que... Ah!...

JORGE. — Morta!...

ELISA. — Minha bôa Joanna!...

JOANNA. — Escute, iaiá Elisa... E' a ultima cousa que lhe peço... Iaiá ha de fazer meu nhonhô muito feliz!... Me promette?... Queira a elle tanto bem como Joanna queria... Mas, nem iaiá, nem ninguem póde... não!...

JORGE. — Minha mãe!... Porque foges de teu filho, apenas elle te conhece?

JOANNA. — Adeus, meu nhonhô!... Lembre-se ás vezes de Joanna... Sim!... Ella vae rezar no céu por seu nhonhô... Mas antes eu queria pedir...

JORGE. — O que, mãe? Pede-me!...

JOANNA. — Nhonhô não se zanga?

JORGE. — Eu sou teu filho!... Dize!... Uma vez ao menos... esse nome!

JOANNA. — Ah!... Não!... Não posso!...

JORGE. — Fala! Fala!...

JOANNA. — E' um atrevimento!... Mas eu queria antes de morrer, beijar sua... sua testa, meu nhonhô!

JORGE. — Mãe!...

JOANNA. — Ah!... Joanna morre feliz!

JORGE. — Abandonando seu filho.

JOANNA. — Nhonhô!... Elle se enganou! Eu sou... Eu não sou tua mãe, não... Meu filho. (*Morre.*)

JORGE (*de joelhos*). — Minha mãe!.

ELISA. — E minha, Jorge!...

GOMES. — Ella abençôe tão santa união!...

DR. LIMA. — E me perdôe o mal que lhe fiz.

JOSÉ DE ALENCAR. — *Mãe, acto 4º, scena XI.*

Comedia.

BONIFACIO, *tendo na mão um grande papel;* JOÃO FERNANDES, MANOEL, GONÇALVES, ATANASIO, DINIZ, BAPTISTA, HENRIQUE, GERMANO, ANNA, FAUSTINA, *e* FELICIA, *ás janellas do sobrado; outras Senhoras ás janellas das diversas casas; povo na praça destacando-se em dous grupos.*

JOÃO FERNANDES. — Silencio! pouca bulha! vai ser lido o edital: Snr. escrivão, ande, leia em voz alta e bem espevitada.

BONIFACIO, *lendo de cima de um banco.* — A hersica junta encarregada pelo povo deste curato da obra da torre da igreja, tendo concluido a subscripção patriotica para o fim declarado, em sessão solemne hoje celebrada, decretou e manda que se cumpra tão inteiramente como nella se contém, a seguinte lei: « ART. 1.º Fica creada uma torre para a igreja deste curato, por quanto é uma vergonha

que o sino esteja mettido em uma gaiola de páo. — ART. 2.° Abre-se um concurso, para o logar de engenheiro da torre, debaixo das seguintes condições. — PARAG. 1.° A obra começará antes do dia da cerração da velha e ficará prompta para a alleluia do anno que vem. — PARAG. 2.° O engenheiro ha de ser inglez de nação e ter vindo para o Brasil já barbado. — PARAG. 3.° Não havendo no curato quem saiba a lingua ingleza, exige-se que o engenheiro se faça entender ainda que seja em portuguez estrangeirado. — PARAG. 4.° Serão juizes do concurso o juiz de paz em exercicio, o subdelegado, os inspectores de quarteirão e os membros da Junta. — ART. 3.° São revogadas todas as leis em contrário. E para que chegue ao conheciminto de todos serão este edital e copias delle afixados na porta da igreja, e nas paredes dos pouzos das estradas mais concorridas. Curato da Serra das Batatas, 4 de janeiro de 1852. Assignados os heroicos snres. capitão de ordenanças João Fernandes, juiz de paz e presidente da Junta na falta do Rm.° Vigario que está com maleitas, e do padre coadjutor que caiu do cavallo á semana passada : Atanasio Mendes, subdelegado ; Manoel Gonçalves, Diniz Antonio Luiz, e Baptista Fagundes, membros da junta. E eu abaixo assignado que escrevi, Bonifacio Maria Pinto, escrivão do juiz de paz e da subdelegacia ; agente do correio do curato ; alferes da guarda nacional ; curador de muitos menores ; procurador perpetuo de cinco irmandades ; com casa de hotel, e de seccos e molhados, ferragens, e botica homœopathica, etc. etc., Bonifacio Maria Pinto. — Está conforme. (*Desce do banco no meio* de *applausos.*)

VOZES.—Viva a heroica Junta!.. viva!.. viva!..

GERMANO, *vindo á frente.* — Peço a palavra!

JOÃO FERNANDES. — Ahi vem este maldito procurador metter embargos! a tal gente da chicana é capaz de se levantar até contra o padre nosso!..

MANOEL GONÇALVES. — Homem, ella ha de ter sempre o seu respeito pelo menos *ao venha nós.*

GERMANO. — Nessa cousa que os snres. chamam lei, exige-se que o engenheiro seja inglez, e tal disposição me parece um insulto dos architectos nacionaes, e uma injustiça aos das outras nações.

ATANASIO. — E que temos nós com architectos?... não precisamos de architectos para nossa torre: queremos um engenheiro, um engenheiro, ouviu?!...

VOZES. — Apoiado! apoiado!

BAPTISTA, *a Atanasio.* — Veja... veja... a gente do Manoel Gonçalves, e do malvado Diniz não deu apoiados á V. S.!!!

ATANASIO, *a Baptista.* — São uns bregeiros, compadre: não se lembram da guerra que nos fizerão na ultima eleição?...

GERMANO, *rindo-se.* — Tem razão, tem razão; fóra com os architectos; mas porque não querem os snres. um engenheiro nacional?...

MANOEL GONÇALVES. — E' boa!... porque todos elles juntos não valem o dedo mendinho de um engenheiro inglez; porque... sim, porque tambem um sino de Braga é por força melhor do que todas as campainhas rachadas que se possam fundir na ponta d'Arêa lá na provincia do Rio de Janeiro... e tenho dito!... (*olhando desapontado*) e tenho dito!... (*A Diniz.*) Olhe, snr. Diniz, não me deram nem um apoiado!...

DINIZ. — Apoiadissimo!... (*A Manoel Gonçalves.*) São as cabalas do tratante do Baptista!...

GERMANO. — Tambem tem razão!... não temos na patria cousa alguma que preste; mas que predilecção é essa pelos inglezes?... pois se um francez...

ATANASIO. — Francez! o anno passado um ourives francez empurrou-me uma corrente de papagaio, jurando que era um cordão de ouro da California!...

GERMANO. — Portanto, nada de engenheiro francez; mas se um italiano...

JOÃO FERNANDES. — Abrenúncio!... nunca me ha de esquecer que um mascate italiano vendeu a minha mana um corte de alpaca avariada por seda do grande tom. (*Para o sobrado.*) Não foi assim, sinh' Anninha?...

ANNA. — Tal e qual: o mascate era falso como Judas Iscariote.

JOÃO FERNANDES. — Está na lei, ha de se cumprir. Queremos um engenheiro inglez para fazer a torre, e tambem para concertar o alambique da minha engenhoca, que se desarranjou o anno passado. Snr. escrivão, ande...

HENRIQUE. — Um momento: perderei palavras, mas cumprirei o meu dever. Estás fazendo loucuras! eu já vos disse que o presidente da provincia vai contemplar-me no numero dos engenheiros della, e encarregar-me da direcção das obras da nossa igreja, e em tal caso...

MANOEL GONÇALVES. — Homem, você é eleitor influente de alguma freguezia?..

HENRIQUE. — Não; e que tem isso?...

MANOEL GONÇALVES. — Pois, se não é influencia

eleitoral, como diabo quer que o presidente faça caso de você?...

ATANASIO. — Olhem quem quer fazer a torre! está doudo!... fóra!

VOZES. — Fóra! fóra!... ah! ah! ah!

HENRIQUE. — Quero, sim! nasci neste logar; deve, portanto, ser-me grato prestar-lhe os meus serviços como engenheiro que sou. Em uma palavra, snres. a obra que com razão desejais, ha de ser executada e sel-o-ha por mim a despeito da vossa anglomania.

FAUSTINA, *a Anna.* — Titia, como o sur. Henrique fala bem, e com tanta graça!...

ANNA. — Desde pequenino foi sempre assim cheio de phosphoros.

JOÃO FERNANDES. — Tem paciencia, meu Henrique, nós não podemos resistir aos impetos do nosso patriotismo. Snr. Bonifacio, cumpra a lei e viva a torre!... (*Bonifacio vai pregar o edital: enthusiasmo geral.*)

TODOS. — Viva! viva!... (*João Fernandes canta: segue o côro, e ao som delle retiram-se todos.*)

JOÃO FERNANDES

A nossa torre famosa
Ha de tão alta subir
Como o foguete que vai
Entre as nuvens se sumir.

Ha de ser tal maravilha,
Que para gloria mais certa,
O sino da Candelaria
Ficará de bocca aberta.

TODOS

Que gloria p' ra nossa terra,
Que gloria p' ra nós tambem,
Quando os sinos repicarem
Pela alleluia que vem!...

(*Vão-se todos.*)

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. — *A Torre em Concurso, acto 1.º, scena I.*

Drama.

O CONDE FABIO, ROMEU, MARCOS E A CONDESSA EMA

O CONDE FABIO, *vestindo de preto, trazendo Romeu tambem de lucto, pela mão.* — E' a hora em que sómente velam os esposos...

MARCOS, *recuando até esconder-se atraz do mausoléo da cruz.* — O conde Fabio!...

A CONDESSA. — Meu filho!

O CONDE FABIO. — Filho! para aqueceres alguem que ainda sente mais frio do que nós... Approxima-te, Romeu... toca esta pedra... vê que lençol tão gelado, que leito tão escuro... lá dentro trévas, trévas sómente... e nem uma caricia, nem um halito de amigo... nada! a solidão... a solidão, que parece outro tumulo, que encerra este...

Oh! quem sabe se o morto não soffre? Quem sabe se, á meia noite, quando a geada cahe na sepultura, a pobre moça que viveu num tecto de

mornos arminhos não acorda, procurando embalde agazalhar-se com a mortalha molhada?... quem sabe quanto craneo se debate então pelos angulos sombrios da lousa?... (*Chorando.*) Oh! filho, filho!... Ainda hontem ella vivia bella, santa e mimosa da felicidade... A's vezes eu pensava que os tapetes macios eram ainda asperos para ella, que o setim era tosco para calçar-lhe o pésinho de criança... que a propria gaze fazia dorida a sua pelle divina... e hoje! hoje!

Romeu. — Hoje, meu pae, vestiram-me de preto sem eu querer... Não é tão feia esta côr? porque me obrigam a isto?

O Conde Fabio. — Porque? porque ficas assim mais bonita com os teus cabellos louros; porque deve ser já uma prece ver uma creança de lucto... a innocencia coberta da desgraça... o anjinho ferido no coração...

Romeu. — Eu nunca o vi assim, meu pae!... Está chorando... mas nunca meu pae chorou!...

O Conde Fabio. — Cala-te, Romeu, não vês que eu não choro... Mas, conversemos, meu filho. Dize-me, tu não tens tido muitas saudades de tua mãe?

Romeu. — Oh! Muitas, e onde está ella, que eu não vejo desde o baile? Ella estava tão pallida no terraço, quando o Dr. Marcos deu-lhe uma bebida...

Marcos e a Condessa. — Meu Deus! (*Contra-scena por detraz do tumulo da D.*)

Fabio. — Uma bebida?... Sim!... E' tão natural num baile... quando o seio se abraza naquella atmosphera de fogo e de perfumes... (*Pausa.*)

Romeu. — Meu pae! Onde está minha mãe?... está muito longe?

O Conde Fabio. — Muito longe... sim... muito longe... porque entre ella e nós, está o infinito... porque ella está tão longe, como o céo da terra... Ai! por mais que solucemos, ella não ouvirá nossa voz... por mais que caminhemos, não chegaremos a seu pouso... por mais que a procuremos... nunca mais tornaremos a vêl-a... nunca mais, entendes bem isto, meu filho?... nunca mais...

Romeu. — Então, meu pae... nós vamos ficar sósinhos?

O Conde Fabio. — Sós, meu filho, sós...

Romeu. — E nunca mais minha mãe me beijará?...

Fabio. — Nunca.

Romeu. — E quem tocará á noite no piano aquella musica tão bonita, que me fazia adormecer?

Fabio. — Ninguem! Ninguem! filho... Não mais passeios alegres no campo, não mais bailes explendidos, não mais alegria... A manhã nos achará solitarios na casa triste e abandonada; a noite nos encontrará no salão deserto e escuro... Ella foi-se... a nossa alegria, a nossa felicidade... Minha mulher... tua mãe... Romeu!...

. . . . . .

Castro Alves. — *D. Juan ou a prole dos Saturnos, acto 2º, scena III.*

Comedia.

LIMOEIRO E XICO BENTO

Limoeiro. — Então o que diz do nosso doutor?

Xico Bento. — Não é mau, é um desageitado.

LIMOEIRO. — Desageitado! E' um rapaz de muito talento!

XICO BENTO. — E diga-me cá uma coisa: a respeito de politica, quaes são as idéas delle?

LIMOEIRO. — Tocou o tenente-coronel justamente no ponto que eu queria ferir.

XICO BENTO. — *Omnibus tulit punctos, quis miscuit util et dolcet.*

LIMOEIRO *(gritando)*. — Olá de dentro? Tragam duas cadeiras. O negocio é importante, devemos discutir com toda a calma.

XICO BENTO. — Estou ás suas ordens. (*Entra um negro e põe as duas cadeiras em scena.*) Tem a palavra o supplicante. *(Sentam-se.)*

LIMOEIRO. — Tenente-coronel, cartas na mesa e jogo franco. E' preciso arrumar o rapaz; e não ha negocio, neste paiz, como a politica. Pela politica cheguei a major e commendador, e o meu amigo a tenente-coronel e a inspector da instrucção publica cá da freguezia.

XICO BENTO. — Pela politica, não, porque estava o partido contrario no poder; foi pelos meus merecimentos.

LIMOEIRO. — Seja como fôr, o facto é que, apezar de estar o meu partido de cima, o tenente-coronel é e será sempre a primeira influencia do logar. Mas vamos ao caso. Como sabe, tenho algumas patacas, não tanto quanto se diz...

XICO BENTO. — Oxalá que eu tivesse só a metade do que possue o major.

LIMOEIRO. — Ouro é o que ouro vale. Se a sorte não o presenteou com uma grande fortuna, temlhe dado, todavia, honras, considerações e amigos. Eu represento o dinheiro; o tenente-coronel a

influencia. O meu partido está escangalhado, e é preciso olhar seriamente para o futuro de Henrique, antes que a reforma eleitoral nos venha por ahi.

XICO BENTO. — Quer então que ..

LIMOEIRO. — Que o tome sob a sua protecção quanto antes, apresentando-o seu candidato do peito nas proximas eleições.

XICO BENTO. — *Essis modus in rebus.*

LIMOEIRO. — Deixemo-nos de latinorios. O rapaz é meu herdeiro universal, casa com a sua menina, e assim conciliam-se as coisas da melhor maneira possivel.

XICO BENTO (*com a'egria concentrada*). — Confesso ao major que nunca pensei em tal; uma vez, porém, que este negocio lhe apraz...

LIMOEIRO. — E' um negocio, diz muito bem; porque, no fim de contas, estes casamentos por amor dão sempre em agua de barrella. O tenente-coronel comprehende... Eu sou liberal... o meu amigo conservador...

XICO BENTO. — Já atinei! Já atinei! quando o partido conservador estiver no poder...

LIMOEIRO. — Temos o governo em casa. E quando o partido liberal subir...

XICO BENTO. — Não nos sahiu o governo de casa.

LIMOEIRO (*batendo na coxa de Xico Bento*). — Maganão.

XICO BENTO (*batendo-lhe no hombro*). — Vivorio! E si se formar um terceiro partido?... Sim, porque devemos prevenir todas as hypotheses...

LIMOEIRO. — Ora, ora... Então o rapaz é algum bobo?! Encaixa-se no terceiro partido, e ainda continuaremos com o governo em casa. O tenente-

coronel já não foi progressista, no tempo da Liga?

XICO BENTO. — Nunca. Sempre protestei contra aquelle estado de coisas; ajudei o governo, é verdade, mas no mesmo caso está tambem o major, que foi feito commendador naquella occasião.

LIMOEIRO. — E' verdade, não nego; mudei de idéas por altas conveniencias sociaes. Olhe, meu amigo, si o virar casaca fôsse crime, as cadeias do Brasil seriam pequenas para conter os innumeros criminosos, que por ahi andam.

XICO BENTO. — Vejo que o major é homem de vistas largas.

LIMOEIRO. — E eu vejo que o tenente-coronel não me fica atraz.

XICO BENTO. — Então casemos os pequenos...

LIMOEIRO. — Casam-se os nossos interesses...

XICO BENTO. — Et cætera e tal...

LIMOEIRO. — Pontinhos... (*Vendo Henrique*). Ahi vem o rapaz, deixe-me só com elle.

XICO BENTO. — *Fiam voluntatis tue*. Vou mudar estas botas. (*Sae*).

LIMOEIRO E HENRIQUE

HENRIQUE. — Como se está bem aqui! Disse um escriptor que a vida da roça arredonda a barriga e estreita o cerebro. Que amargo epigramma contra esta natureza grandiosa! Eu sinto-me aqui poeta.

LIMOEIRO. — Toma tenencia, rapaz. Isto de poesia não dá para o prato, e é preciso que te occupes com alguma coisa seria.

HENRIQUE. — Veja, meu tio, como está aquelle

horizonte; o sol deita-se em brilhantes coxins de ouro e purpura, e a viração, embalsamada pelo perfume das flôres, convida a alma aos mais poeticos sonhos de amor.

LIMOEIRO. — Está bom, está bom. Esquece estes sonhos d'amor, que, no fim de contas, são sempre sonhos, e vamos tratar da realidade. Vira-te para cá. Deixa o sol, que tens muito tempo para ver, e responde-me ao que te vou perguntar.

HENRIQUE. — Estou ás suas ordens.

LIMOEIRO. — Que carreira pretendes seguir?

HENRIQUE. — Tenho muitas diante de mim... A magistratura...

LIMOEIRO. — Pódes limpar as mãos á parede.

HENRIQUE. — A advocacia, a diplomacia, a carreira administrativa...

LIMOEIRO. — E esqueceste a principal, aquella que póde elevar-te as mais altas posições em um abrir e fechar de olhos.

HENRIQUE. — O jornalismo?

LIMOEIRO. — A politica, rapaz, a politica! Olha, para ser juiz municipal, é preciso um anno de pratica; para seres juiz de direito, tens de fazer um quatriennio; andarás a correr montes e valles por todo este Brasil, sujeito aos caprichos de quanto potentado e mandão ha por ahi, e sempre com a sella na barriga! Quando chegares a desembargador, estarás velho, pobre, cheio de achaques, e sem esperança de subir ao Supremo Tribunal de Justiça. Considera agora a politica. Para deputado não é preciso ter pratica de coisa alguma. Começas logo legislando para o juiz municipal, para o juiz de direito, para o desembargador, para o ministro do Supremo Tribunal de Justiça, para mim, que

ou quasi teu pae, para o Brasil inteiro, em ssumma.

HENRIQUE. — Mas para isso é preciso...

LIMOEIRO. — Não é preciso coisa alguma. Desejo sómente que me digas quaes são as tuas opiniões politicas.

HENRIQUE. — Foi coisa em que nunca pensei.

LIMOEIRO. — Pois olha, és mais politico do que eu pensava. E' preciso, porém, que adoptes um partido, seja elle qual for. Escolhe.

HENRIQUE. — Neste caso, serei do partido de meu tio.

LIMOEIRO. — E porque não serás conservador?

HENRIQUE. — Não se me dá de sêl-o, se fôr de seu agrado.

LIMOEIRO. — Bravo! Pois fica sabendo que serás ambas as coisas.

HENRIQUE. — Mas isto é uma indignidade!

LIMOEIRO. — Indignidade é ser uma coisa só!

FRANÇA JUNIOR. — *Como se fazia um deputado, scenas VI e VII.*

ELOQUENCIA

PARLAMENTAR E ACADEMICA

ELOQUENCIA PARLAMENTAR
E ACADEMICA

Ao gabinete de 5 de Janeiro.

Vou terminar, Sr. presidente ; mas antes, quero dirigir um appello aos nobres ministros. E' a invocação do patriotismo aos depositarios do poder publico.

Se podem elles dar corpo a todas as suas reminiscencias ; se é possivel resuscitar o que lá se foi, erguendo-se aos olhos do governo ; se cada um dos ministros póde ainda ouvir uma voz mysteriosa, que lhe recorde o cumprimento de sagrados deveres ; imagino que desfila pela frente da bancada ministerial mais de um vulto fantastico, a reavivar-lhes honrosas lembranças de outro tempo, que lhes fala ao ouvido, cada um por sua vez.

Ao nobre presidente do conselho dirige-se o primeiro : — Aqui estou eu ; sou o passado com toda a sua herança ; carrego sessenta e oito annos de serviços feitos á patria ; defendi e amei a liberdade do meu paiz, amei-o loucamente na mocidade, subi pelos degráos da constituição, quero respeital-a ; pois bem, não me arranqueis a memoria, para que eu possa ao menos ter ainda saudades !

Ao nobre ministro da guerra : — Eu sou a gloria, venho do Paraguay ; pousei um instante no campo de batalha de 24 de maio ; atravessei os banhados ; dormi na barranca em que primeiro cravastes a vossa gloriosa lança ; sentei-me sonhando ao vosso lado sobre os muros de Humaytá ; inda hoje julguei descobrir-vos por entre os nevoeiros que desciam do cabeço dos montes, e ouvir a vossa voz nas ventanias que atravessavam o rio ; já não achei flôres na solidão da morte para tecer-vos uma corôa ; trago-vos um rosario de lagrimas ; guardai-o para enfeitar a vossa espada ; porém olhai : — a banda que vos cinge não é cadeia de escravos, é flammula de homens livres.

Ao nobre ministro da fazenda : — Eu sou a tribuna, ou antes o povo. Foi nos meus braços, pelos vossos proprios esforços, que subistes ás altas posições do Estado. Ministro, deputado, senador, eu ainda quero ter mãos para bater-vos palmas ruidosas, ainda quero saudar-vos no caminho triumphal. Mas lembrai-vos : a purpura do poder não tem mais preço do que os gloriosos padrões da vossa vida ; não me roubeis o direito de acompanhar-vos, repetindo o que já deveis ter lido : o reconhecimento é a memoria do coração !

Ao nobre ministro da justiça : — Eu sou a democracia ; no tempo em que, trabalhador pertinaz e talentoso, vos occultaveis no modesto gabinete de advogado, eu estava comvosco ; quando infatigavelmente defendieis na imprensa os altos principios de liberdade, eu era ainda a inseparavel companheira do jornalista. Fostes para as alturas, e eu fiquei. Não vos accuso ; não vos fiz um crime da ascensão ao poder : toda a idéa, antes de

ser acção, é um apostolado, e neste paiz ha logar para todos! Pois bem, deixai tambem logar para mim!

Ao nobre ministro do imperio : — Eu sou a imprensa; combatêmos juntos; segui vossos passos; cobri de flôres vosso caminho; solicita ajudei-vos em vosso vôo rapido do meu berço ás alturas do ministerio. Pois bem, guardai as vossas idéas, porque eu guardo o vosso programma. Se as esquecesseis, a quem poderia restituir o legado que me deixastes?

Ao nobre ministro da marinha : — Depois da patria, eu sou quasi vossa segunda mãe; criei-vos em meus peitos, embalei-vos em meus braços; eu sou a heroina herculea de seios titanicos, essa que trazia do exilio as sombras dos desterrados para coroal-as de luz : os arminhos da fortuna não valem as verdes relvas onde brincastes criança. Lá vos espero de mãos postas para curvar-me em nome da patria; lá, de joelhos, onde tantos bravos morreram, não me esqueçais : eu sou a Bahia!

Senhores, reuni todas as recordações que vos são caras. E' a soberania nacional que vos supplica; é a democracia que se dirige a uma camara de liberaes. O amor da liberdade deve ser, na phrase biblica, invencivel como é a morte; deve, como o apostolo, ter a sêde do infinito; deve ser grande como o universo que o contêm. Em nosso paiz, na pedra isolada do valle, na arvore gigante da montanha, no pincaro agreste da serrania, na terra, no céo e nas aguas, pór toda a parte, Deus estampou o verbo eterno da liberdade creadora na face da natureza, antes de graval-o na consciencia do homem!

Em nome da monarchia constitucional representativa; em nome da camara que vos apoia, e que sem duvida aceitará contente o vosso projecto modificado, senhores ministros, eu vôl-o peço: não arredeis do throno a confiança da nação; honrai as esperanças do povo, libertando a acção da constituinte.

José Bonifacio.

Psychologia do jogo.

Mas ha uma calamidade peior do que a loteria e a bolsa. Estas derivam, mas no segundo gráu, de uma enfermidade humana, cuja descendencia immediata é infinitamente mais reprovada e desastrosa. De todas as desgraças que penetram no homem pela algibeira, e arruinam o caracter pela fortuna, a mais grave é, sem duvida nenhuma, essa: o jogo, o jogo na sua expressão mãe, o jogo na sua accepção usual, o jogo propriamente dito; em uma palavra: o jogo: os naipes, os dados, a mesa verde.

Permanente como as grandes endemias que devastam a humanidade, universal como o vicio, furtivo como o crime, solapado no seu contagio como as invasões purulentas, corruptor de todos os estimulos moraes como o alcool, elle zomba da decencia, das leis e da policia, abarca no dominio das suas emanações a sociedade inteira, nivela sob a sua deprimente igualdade todas as classes, mergulha na sua promiscuidade indifferente até os mais baixos volutabros do lixo so-

cial, alcança no requinte das suas seducções as alturas mais aristocraticas da intelligencia, da riqueza, da autoridade ; inutilisa genios ; degrada principes ; emmudece oradores ; atira á lucta politica almas azedadas pelo calistismo habitual das paradas infelizes, á familia corações degenerados pelo contacto quotidiano de todas as impurezas, á concurrencia do trabalho diurno os naufragos das noites tempestuosas do azar ; e não raro a violencia das indignações furiosas, que veem estuar no recinto dos parlamentos, é apenas a resaca das agitações e dos destroços das longas madrugadas do cassino.

O Sr. Moraes Barros. — Quadro horroroso e verdadeiro.

O Sr. Ruy Barbosa. — Quantos destinos não se contam por ahi, dominados exclusivamente na sua irremediavel esterilidade pela acção desse fadario maligno ! Quantas vidas, que a natureza dotara de prendas excellentes para a felicidade propria e o bem dos seus semelhantes, não se consomem, graças á tyrania dessa paixão absorvente, no descontentamento na revolta, na inveja, na malevolencia habitual ! Quantos phenomenos inexplicaveis de reacção, de colera, de odio ao que existe, de despeito contra o que dura, de guerra ao que se eleva, de irreconciliabilidade com o que não se abaixa, não tem a sua origem nos contra-tempos e amarguras dessas existencias aberradas, que, sacudidas continuamente pelas emoções do inesperado, se alimentam das suas surpresas, se estiolam com as suas decepções, e, vendo a felicidade repartir-se ás cegas pela superficie do taboleiro verde, acabam por suppor que a

sorte de todos, neste mundo, se distribue com a mesma casualidade, com a mesma desproporção, com a mesma injustiça, acabam por ver no merecimento, na esforço, na economia, na perseverança, cousas ficticias, estranhas, ou hostis, acabam por confundir o sudario divino dos martyres do trabalho com a pobreza exprobatoria em que a ociosidade amortalha os desclassificados de todas as profissões!

Esse mal, que muitas vezes não se separa do lupanar senão pelo tabique divisorio entre a sala e a alcova; essa fatalidade, que rouba ao estudo tantos talentos, á industria tantas forças, á probidade tantos caracteres, ao dever domestico tantas virtudes, á patria tantos heroismos, reina sob a sua manifestação completa em esconderijos, onde a palavra se abastarda no calão, onde a personalidade humana se despe do seu pudor, onde a embriaguez da cobiça delira cynica e obscena, onde os maridos blasphemam pragas improferiveis contra a sua honra conjugal, onde em uma communhão odiosa se contraem amisades inverosimeis, onde o menos que se gasta, é o equilibrio da alma, o menos que se arruina, é o ideal, o menos que se dissipa, é o tempo, estofo precioso de todas as obras primas, de todas as acções grandes.

Innumeravel é o numero de creaturas, que a tentação, o exemplo, o instincto, o habito, o acaso, a miseria levam a passar por esses logares, cuja clientela vae periodicamente fazer-se apodrecer alli, por goso, por necessidade, por avidez, e na corrupção de cujos mysterios cada iniciado se affaz a ir deixando ficar aos poucos a energia, a fé, o

juizo, a nobreza, a honra, a temperança, a caridade, a flôr de todos os affectos, cujo perfume embalsama e preserva o caracter.

Aquelles, que, por uma reacção do horror no fundo da consciencia logram salvar-se em tempo desses tremedaes, poderiam escrever a historia da natureza humana vista sob aspectos innominaveis. Outros, porém, presas da vasa, que nunca mais os larga, rolam e immergem nella de decadencia em decadencia, cada vez mais saturados, cada vez mais infelizes, cada vez mais afundidos no infortunio, até que a piedade infinita do termo de todas as cousas lhe recolha ao seio do eterno esquecimento os restos inuteis de um destino sem epitaphio.

Eis o jogo, o grande putrefactor. Diathese cancerosa das raças anemizadas pela sensualidade e pela preguiça, elle entorpece, calleja e desviriliza os povos, nas fibras de cujo organismo insinuou o seu germen proliferante e inextirpavel.

Os desvarios do encilhamento dão e passam como rapidos temporaes. São irregularidades violentas das épocas de prosperidade e esperança. Só o jogo não conhece remittencias : com a mesma continuidade, com que devora as noites do homem occupado e os dias do ocioso, os milhões do opulento e as migalhas do operario, tripudia uniformemente sobre as sociedades nas quadras de fecundidade e de penuria, de abastança e de fome, de alegria e de luto. E' a lepra do vivo e o verme do cadaver.

RUY BARBOSA. — *Sessão do Senado, de 13 de outubro de 1896.*

Sobre a questão financeira.

Amazonia vastisssima e opulenta, caudal immensa, que mitigas o amargor das salsas aguas oceanicas, tu és a redempção dos captivos pela generosa adhesão á terra da luz, foste o asylo contra a perseguição aos militares que batalhavam pelo ideial republicano, foste a resistencia ao golpe de estado de 3 de novembro, — tu te chamas Lauro Sodré!

Vozes: — Muito bem!

O Sr. Barbosa Lima — Tu és, ó modesto e glorioso Maranhão, a patria do heroe que primeiro se insurgia contra a prepotencia cupida do alienigena voraz — tu te chamas Manoel Beckman!

— Vós não carregareis esse ataúde sinistro em que vae amortalhado o credito nacional! E mais — formareis, cerrando fileiras em torno do estadista emerito, o herdeiro glorioso de Floriano! Terra de luz! Ceará invicto, que deste durante o periodo marasmatico da monarchia o bello exemplo do quanto póde contra o officialismo retrogrado a iniciativa patriotica do cidadão — accendendo ousado as almenaras que illuminaram a noite caliginosa da escravidão e resolvendo generosamente o secular problema pelo meio que immortalizou a Villa da Redempção — bem aventurado Ceará, tu não farás parte da lugubre comitiva que leva a enterrar-se o credito nacional e antes serás denodado legionario ao lado do continuador de Floriano!

Meu doce e amado Pernambuco, nucleo que

foste para as aspirações republicanas de tuas irmãs, em constante confraternização com os heroicos Rio Grande e Parahyba, — ninho de patriotas a cujo fervoroso amor pela Republica devemos as paginas mais bellas da nossa historia, lições sublimes entre os melhores ensinamentos moraes e as fecundas conquistas da humanidade; scenario fulgentissimo das pugnas homericas em que os nossos maiores repelliram as investidas da incompleta emancipação que é o negativismo critico do calvinismo e mantiveram para a nossa raça os beneficios da fé catholica; tu, que foste em 1817 o nucleo de batalhadores pela independencia e pela Republica, e que foste com a confederação do Equador o protesto vivaz e eloquente contra o despotismo; abençoado torrão para o qual primeiro nasce o sol na livre America (*muito bem*), tu não consentirás que os teus herculeos hombros verguem ao peso nefando desse miserrimo esquife em que vae amortalhado o credito da Republica. E mais — serás legião que prestará mão forte ao continuador do Marechal de Ferro.

— Patria de Floriano e Deodoro!

Nenhuma imagem ha que valha aos teus olhos pela evocação desses nomes dilectos; elles te ensinaram o teu dever e tu Alagôas, estarás sem hesitações ao lado do herdeiro dessas gloriosas tradições de sacrificios pela Republica.

. . . . . .

— Domingos José Martins, o patriota que do Espirito Santo levou a Pernambuco a sua energica e intelligente collaboração no movimento republicano de 1817, o heroico companheiro de Theotonio, do Leão Coroado, do padre João Ribeiro

Pessoa, ensinará á patria que tanto amou, qual o posto que as suas tradições lhe assignalam.

— Do Rio de Janeiro recordarei que — é a patria augusta do mestre immortal que fez da sua cathedra o pulpito altissimo donde irradiou a mais santa de todas as doutrinas, que disciplinou corações, que orientou intelligencias, que afervorou actividades ; patria de Benjamin Constant, berço do apostolo incansavel que foi Silva Jardim — não, tu não irás nesse cortejo sinistro que são os funeraes do credito da Republica — porque estarás ao lado do patriota que lembrará Benjamin e Floriano.

E esta formidavel metropole, em cujo seio duas poderosas correntes de opinião teem existido a se contrariarem-uma, o do cosmopolitismo dissolvente, sem amor da patria nem fé republicana, a pedir inspirações ao mercantilismo cupido e immoral ; outra, a da mocidade que tem feito dos ideaes republicanos o seu evangelho, pelo qual ha já padecido martyrios ; dahi sahiram os apostolos da Boa Nova que ouviram abnegados o *euntes docete omnes gentes*, que foi a propaganda da Republica atravez da patria brasileira. Lembras, oh formidavel cidade, em cujo seio mais se afervora a elaboração do novo credo ; lembras o abnegado, o generoso, o ardente paladino cujo amor pela Republica adquiriu intensidade tamanha e tal susceptibilidade melindrosa que não lhe valeu a fé vivaz nos incommutaveis destinos gloriosos da filha dilecta de sua alma apaixonada e sossobrou por entre as apprehensões melancolicas que lhe pungiram o coração presago — este foi Aristides Lobo! (*Muito bem.*)

Aqui a mocidade será invencivel batalhador que erguerá bem alto o nome do estadista predestinado!

S. Paulo faz-me volver á Bahia para lembrar o quanto estão indissoluvelmente ligados pelas tradições de benemerencia patriotica synthetizadas na admiravel lição que á ingratidão prepotente do primeiro Pedro deu a terra de Moema, elegendo, no exilio, a José Bonifacio, o patriarcha venerado da nossa independencia politica.

Em S. Paulo surgiu esse admiravel typo de estadista, cujo relativismo scientifico, cuja capacidade philosophica, fizeram-n'o comprehender a possibilidade de manter-se atravéz das difficuldades transitorias emanadas do throno, a mais sadia orientação republicana de que é, entre outros, bellissimo exemplo o projecto de José Bonifacio para libertação dos africanos e seus descendentes. (*Muito bem.*)

S. Paulo é um ninho de republicanos em tal numero e com taes serviços á causa do bem commum que difficil seria evocal-os um a um — basta lembrar Luiz Gama e Libero Badaró, que não consentiram que S. Paulo deserte o posto que essas tradições gloriosas lhe indicam, que deixe de cerrar fileiras em torno do estadista, unico capaz de proseguir na obra patriotica do Marechal Floriano.

Altiva Minas! Patria lendaria do immortal Tiradentes, o generoso martyr da Inconfidencia, o abnegado alferes que com os capitães Domingos Theotonio e Barros Lima, em Pernambuco demonstra que as classes armadas no Brasil teem sempre posto as suas energias ao serviço das libe-

dades publicas, jamais consentindo que o militarismo nada mais fosse do que um phantasma de impossivel realização; por essa legenda immorredoura que illumina a nossa historia colonial pela constancia intemorata com que tanta vez ha batalhado em prol das mais nobres causas liberaes, pelos ensinamentos dos seus homens-publicos, tão desinteressados quanto clarividentes, e que synthetizarei no nome benemerito de Theophilo Ottoni, Minas não regateiará o seu inestimavel apoio ao continuador do Marechal inolvidavel, á cuja energia assombrosa devem os mineiros, como devem os paulistas, não terem visto os lutuosos horrores inenarraveis da guerra civil a despovoar-lhes o lar e desbaratar-lhes a fortuna.

Goyaz, — evocas o nome humilde mas benemerito do joven official, ardoroso patriota, que nos poucos annos que viveu, ceifados ainda em flôr, consagrou-se enthusiasta á propaganda indefesa da Republica, fundando clubs e agitando a opinião — Floriano Florambel dirá a sua amada Villa-Boa que a Republica só se salvará apoiada ao braço forte do vigoroso estadista que será o continuador de Floriano Peixoto.

O vasto e longinquo Matto Grosso soube já em um momento decisivo na historia das nossas conquistas liberaes doar generosamente á eloqueneia de Paranhos a curul de onde o seu genio infatigavel pulverizou a colligação impatriotica dos retrogados, alcançando a formosa victoria que foi a liberdade dos nascituros, para a raça injustamente escravizada.

Não, a lucidez de espirito intelligentemente embedido dos ensinamentos da sciencia, os im-

pulsos nobres do patriotismo de que seus filhos tantas provas teem dado, asseguram que a Republica, que alli encontrou apostolos eloquentes, convictos batalhadores da estatura de Murtinho, terá tambem a seu lado Matto Grosso a esforçar-se pela victoria do unico estadista capaz de receber dignamente o legado precioso de Floriano! (*Apoiados; muito bem.*)

Chego, emfim, sehores, á Jerusalem dos eleitos! Foi longa a jornada; melhor, porque chego para genuflectir deante da imagem que evóco daquella porção do territorio nacional que aninha hoje o melhor das mais caras das nossas esperanças de patriotas. Chego á terra gloriosissima dos *Farrapos*, dos *Gueux*, das cochilhas, cuja memoria abençoada com o nome benemerito de Bento Gonçalves se casa no nosso espirito á dos farroupilhas batavos de Marnix de Saint Aldegonde, tão legaes e valorosos paladinos da liberdade religiosa estes quanto intemeratos e constantes heróes e servidores da liberdade politica aquelles — os intrepidos gaúchos da Republica de Piratinim.

Tu resumes, oh! Rio Grande, as nobres aspirações de tuas irmãs, para as quaes tens sido guia e pharol luminosissimo: ao teu lado tem batalhado, banhando-se na mesma luz, o Paraná e Santa Catharina, tanta vez fustigados pelo vendaval dos reaccionarios, mas sempre victoriosos e benemeritos nos fastos republicanos.

Não! Eu não irei acordar os heróes que repouzam no sólo sagrado da Patria que immortalizaram; não os evocarei das cochilas onde mantiveram constantemente desfraldada ao sopro da liberdade a bandeira da Republica.

Não direi que seja precisos chamal-os á postos para que a sua presença avivente uma fé que desfallece : tu, oh ! Rio Grande, não careces de incitamentos : tens sempre presente, inextinguivel e inesquecido, o culto santo do teu passado gloriosissimo.

Nem um dia quebraste e continuidade das tuas tradições admiraveis : os teus filhos teem constamente praticado as lições que são o legado dos teus heróes republicanos.

Republicanos de coração, devotados á Republica pela convicção cimentada nos ensinamentos da historia, vós tendes sido, oh ! riograndenses, republicanos pelos actos constantes e habitualmente caracteristicos da superioridade desse regimen politico.

A pratica das virtudes civicas, o culto amoroso par esse passado de glorias, dizem-nos bem qual será o teu futuro, o abençoado porvir em que os teus filhos bemdirão a tua obra secular. (*Muito bem. Bravos.*)

Oh ! Rio Grande ! os meus votos de republicano, de patriota e de moço resumem-se nesta enthusiastica apostrophe : — dilata as tuas fronteiras republicanas até que abracem esta vasta e querida Patria Brazileira — e que do teu seio possa surgir o joven e intemerato estadista que ha de salvar a Republica !

BARBOSA LIMA. — *Discurso pronunciado na sessão de 18 de agosto de 1891*

A Mendicidade.

Discurso lido por occasião da inauguração do Asylo de Mendigos de Juiz de Fóra, em 1895, representando o Exmo. Snr. Bispo de Camaco.

Senhores. — A luz artificial de que nos servimos nos usos da vida não é mais que pallida semelhança dessa que se desprende do astro soberano e envolve nos seus reflexos magnificos o orbe inteiro. Da mesma sorte neste momento, a minha palavra não póde ser mais que um écho enfraquecido dessa que, si possivel, hoje refulgeria aqui entre tantos esplendores, como a benção de Deus trazida a este monumento pelo proprio que Elle collocou entre os sóes rutilantes da sua Igreja.

Quer me parecer, entretanto, que aquelle athleta da Fé, o general sagrado em cuja farda episcopal scintillam já os emblemas do triumpho nas batalhas da Caridade, não teria hoje, contemplando este trophéo da Esmola, outra idéa a preoccuparlhe o espirito, outro raciocinio a illuminar-lhe a intelligencia que a idéa que se me desperta e o raciocinio que se me offerece.

Como foi fecundo e prolifico o paradoxo christão!

Quando o mundo — mais absorvido pelo egoismo, a ambição e o exclusivismo do bem-estar; quando as nações — mais opprimidas pelo despotismo politico, os homens mais divididos por odios, as classes populares mais escravisadas, as almas

mais corrompidas por paixões e vicios; quando uma grande parte da terra — só occupada nos negocios de Roma, cuja omnipotencia material era o sonho do grande imperio; quando todo brilho, todo esplendor, todo arrojo da intelligencia humana — applicada na Grecia a desfigurar a razão do homem e destruir a verdade tradicional; quando, emfim, as sedições sempre estereis e inefficazes de uma nação vencida — não permittindo á Judéa o heroismo de uma verdadeira batalha pela patria e a liberdade : foi justamente que elle repercutiu no mundo, o paradoxo christão, proclamando o direito da consciencia, a inviolabilidade da alma, a autonomia dos povos, o devotamento dos corações, a renunciação das riquezas, o encanto da pobreza, o amor da miseria, o apostolado das desgraças physicas!

O apostolado das desgraças physicas! Quem o gerou senão o paradoxo christão?

Quem, senão elle, transfigurou o mendigo, bordou os seus farrapos, divinisou os seus soffrimentos, fez da gangrena uma belleza, da lepra uma formosura, das feridas attractivos para a caridade?!

Mas onde a razão de umá tão original fecundidade? O paradoxo christão sahiu do berço mesmo de Jesus; os labios do menino-Deus, logo nos primeiros vagidos que o frio, a fadiga, as lagrimas e a pobreza do presepio o fizeram exalar, foram o seu autor.

Entre os amores do homem-Deus, uns que se podem chamar — o seu amor de familia, porque se referem aos entes que se lhe prendem por um parentesco divino ou humano : o amor de seu

eterno Pae, amor de sua Mãe Immaculada, amor de seus irmãos — os homens, amor de sua esposa — a Igreja; outros que se podem chamar — o seu amor de condescendencia, porque se referem a todas as miserias que provocaram sua sympathia: miserias physicas, ou miserias moraes; entre os amores do homem-Deus, o da mendicidade não foi a menor novidade que elle trouxe ao mundo.

O paganismo olhava a pobreza como um vicio, a enfermidade corporea como uma aberração da natureza mais digna de horror que de compaixão, os indigentes como menos uteis que os animaes, mendicidade como digna de ser supprimida, não pela caridade, mas pelo exterminio.

Jesus Christo transfigurou-a, desde seu berço; e dir-se-ia que todas as circumstancias da santa infancia foram adrede preparadas para fazel-a amar.

De Nazareth á Bethlém, de Bethlém ao Egypto atravez do deserto, do Egypto á Nazareth, de Nazareth á Judéa, onde o divino Infante passou tres dias mendigando, a biographia de Jesus é a apotheose da mendicidade. A humanidade tinha-lhe horror; mas o paradoxo do menino-Deus repercutiu no mundo: e a formosura da pobreza fascinou as almas; a paixão da miseria enfeitiçou os corações; o mendigo disputou aos fidalgos o amor das princezas; a mendicidade disputou ás damas a juventude dos sanctos; Elisabeth da Hungria beijou as feridas de um leproso: Francisco d'Assis casa-se com a pobreza.

O paradoxo do menino-Deus repercutiu no mundo: e o hospital fez ciumes ao palacio: filhas de reis trocam suas purpuras por aventaes; o salão

invejou a enfermaria; mil donzellas trocam pelo serviço dos pobres a inutilidade dos bailes; a caridade venceu a carne, a ambição e a gloria; mancebos opulentos, cheios de vida e esperança, trocam a riqueza, o ardor dos sentidos, a esperança do porvir pelo apostolado da doença e da morte.

O paradoxo do menino-Deus repercutiu no mundo: e o lazareto, o hospital, o orphanato, o asylo, os edificios de Beneficencia, as ordens e os institutos consagrados á miseria — todos os prodigios da esmola cobriram a superficie do globo.

O amigo do escravo, o amigo do louco, o amigo do orpham, o amigo do leproso, a irmã da pobreza e da dôr — todos os apostolos da caridade glorificaram o paradoxo do Mestre; e na sua longa serie se destaca hoje o nome do padre João Emilio Ferreira da Silva.

Os olhos, é certo, não veem neste monumento senão as pedras carregadas pelo operario, juxtapostas pela arte, symetrisadas pela architectura. O coração, porém, vê melhor: vê um rochedo vivo, batido pelas ondas da Duvida, açoutado pelos ventos da Contrariedade; mas erguendo, emfim, do mar acalmado o cimo donde escorre o suor do benemerito, que o imaginou na dôr da caridade e o construiu nas lagrimas do apostolado.

Salve! rochedo vivo; tu não foste o naufragio do batalhador! Has de ser, sim, sepultura de muitas dôres humanas. As ondas que te bateram, conduziram-no mais longe; os ventos que te açoutaram, levaram aos pés de Deus a supplica dos infelizes.

Salve! rochedo vivo! o oceano gemeu; a tempestade bramiu; mas hoje, o dia do triumpho e da

gloria, tu te mostras fóra das nuvens, e eu gravo no teu granito — O Louvor do Bispo, a Gratidão dos Miseraveis, o Applauso da humanidade!

Senhores.

Está inaugurado o Asylo de Mendigos da cidade de Juiz de Fóra.

PADRE JULIO MARIA. — *Sete Discursos.*

Evolução histologica.

No amanhecer do seculo perpassou pelas possessões da medicina a mysteriosa corrente de um profundissimo abalo; não era já a muralha sagrada das tradições que desabava sob o camartello vandalico dos demolidores, desconjunctando os escombros paleontologicos das doutrinas abandonadas; nem a fanfarra petroleira da anarchia scientifica, tocando a avançar pelas veredas do incognoscivel: uma nova elaboração mental ia trabalhar os fundamentos da medicina; cavara-se um dos veios mais auriferos da arte de curar; e a biologia ostentava-se emancipada do dogmatismo especulativo em que se exhauriram os esforços de muitas gerações, desde a dominação do physiologismo de Galeno até o iatro-mechanismo da escola cartesiana e os dias de mais bella florescencia do animismo de Stahl e Barthez.

Instauratio facienda est ab imis fundamentis.

E' que sobre as ruinas de todos esses systemas liquidados pela critica, alteava-se como uma torre de bronze a obra estupenda de Bichat!

Mas rodaram os annos, e a creação do genio,

proclamada embora por ardentes corypheus, mal deixava presentir a extensão do horizonte que ainda lhe restava percorrer, e carecia já aggremiar novos elementos hauridos ás sciencias da mesma estirpe philosophica, capazes de a engrandecer e reflorir. Foi nesta grave situação, affrontado por tão decisiva conjunctura, que appareceu um continuador para a obra genial: chamou-se Carlos Robin.

Quando em 1862 instituiu-se na Faculdade de medicina de Paris a cadeira de histologia, era inquestionavelmente Robin o medico francez no qual devia recahir a investidura de mestre; e assim aconteceu: a sua nomeação foi uma necessidade. Addicto ao trato incessante do microscopio, lançou a pedra fundamental da escola histologica franceza.

Systematico até á immobilidade absoluta dos principios, que acatava como dogmas; patriota em demasia para acceitar o cosmopolitismo da sciencia que transcende em fecundas migrações as balisas de todos os povos — que todos levam o tributo dos seus esforços ao logradouro espiritual do genero humano — recusava addir ao espolio doutrinal qualquer idéa que não fôsse contrasteada pelo sello antigo do espirito francez. Dahi o seu immobilismo, a fidelidade intemerata ás suas opiniões por espaço de quarenta annos, desde os seus primeiros trabalhos relativamente ás cellulas dos ganglios nervosos e suas connexões com os tubos da mesma natureza até os seus recentes artigos no *Diccionario de Déchambre*. A corrente dos factos estrugia-lhe derredor das doutrinas obsoletas, aluia-lhes os alicerces, e com certesa ha

muito tel-as-hia levanda de roldão, se lhes não antemurassem os flancos os broqueis inviolaveis de imperterrito paladino.

No meio desse confuso movimento, em que era licito discernir a tumultuaria fermentação das aspirações modernas trasbordando em uma prodigiosa inundação de idéas sob a influição desse espirito de progresso que todas as sciencias vivifica em immortal inflorescencia, a escola Robinista, resistindo capitular ante a quasi unanimidade da opinião contemporanea, tinha entretanto de ceder o passo á escola allemã, lentamente trasladada para o Collegio de França pelo genio de Ranvier, que então collaborava nos estudos de Claudio Bernard — o mais avultado espirito da hodierna sciencia experimental, o homem a quem um physiologista celebre, com justiça, cognominou Magendie aperfeiçoado e Bacon modernisado.

O conflicto foi tenacissimo e tremendo: de um lado, Carlos Robin, exaltado ao galarim do pontificado scientifico, arvorando o estandarte do seu doutrinarismo nas ameias do ensino official, propugnava como ponto de fé que nos animaes as cellulas embryonarias se liquefazem, originando-se por genese diversos tecidos; *scilicet:* em uma atmosphera de elementos anatomicos em via de renovação molecular surdem individualidades organicas, que affectam desde a sua apparição fórma e volume determinados; esta configuração primitiva e immediata effectua-se a favor das actividades chimicas de um blastema. Todavia os productos do organismo em que se pronunciam com menos exuberancia os caracteres da animalidade, taes como a epiderme e o crystallino, desenvolvem-

se por metamorphose directa das cellulas preexistentes, consoante o mechanismo geral da organisação phytologica. Desde os primordios da constituição do embryão positiva-se a existencia da geração espontanea de particulas organisadas ; é o que se verifica, segundo opina Robin, por occasião de apresentarem-se os elementos anatomicos, revestindo aliás uma individuação morphica definida, e que são destituidos de quaesquer liames genealogicos directos com as cellulas, em volta das quaes se complasmam. A noção de blastema é correlata á de genese normal e accidental das unidades organicas.

Com referencia á *irritabilidade* como propriedade elementar do protoplasma, pensa o sabio histologista francez que a escola allemã esposa, no que se applica a interpretações physiologicas e pathologicas, as ousadias geniaes de Broussais, admittindo como elle que a irritabilidade é apanagio fundamental de todos os tecidos, e trifurca-se de accôrdo com a sua caracterisação biologica em *funccional*, *nutritiva* e *formadora*.

Em completa antinomia com este modo de vêr terminantemente conceitúa que o estudo das sciencias demonstra que todos os corpos subsistem na posse plena das suas propriedades, acima das quaes não póde pairar nenhuma outra qualidade mais geral e commum a todos elles.

Por outro lado, uma voz autorisada levantava-se na Universidade de Berlim, e, troante de convicção, proclamava em nome de uma vasta documentação microscopica, que, nas condições hygidas ou morbidas, quer os organismos completos quer os simples elementos histologicos não podem

ser engendrados por creação nova; a geração equivoca deve ser abandonada em ambos os casos; toda cellula indica figuração anterior de uma outra cellula, e não é jamais o artefacto de um blastema amorpho. A escola do illustre Robin, festejada outr'ora por uma veneração que raiava em fanatismo, começava a desmedrar pela deserção dos seus asseclas; e emquanto a escola allemã triangulava o perimetro enorme dos seus progressos, Virchow estratificava novos alicerces á pathologia cellular, e escrevia nas paginas do seus livros immortaes o evangelho do solidismo moderno.

Tambem justo foi que após as alternativas de uma pugna gigantea a victoria não ficasse mais longamente indecisa. E Carlos Robin, preferindo morrer amortalhado na sua fé, foi o contemporaneo da sua propria derrota, o superstite impenitente das suas glorias nunca desluzidas.

Para os interesses da sua celebridade devêra ter morrido ha mais de vinte annos... Se a vida é uma interinidade na vastidão intermina do tempo, não é sempre grande ventura transmontar as barreiras da longevidade; maior e mais rara fortuna é muitas vezes o morrer opportunamente. Sobre as existencias vencedoras, como a sua o foi, depositarias das aspirações e influencias historicas de uma epocha, a morte é impotente até para apagar-lhes as proprias fórmas materiaes e contingentes. Foi para esses vultos privilegiados que um grande orador sagrado deixou cahir do alto do pulpito a sua phrase de bronze: « A morte cerrou-lhes as palpebras, collou-lhes os labios, gelou-lhes o sangue, inteiriçou-lhes os membros, paralysou-lhes o cerebro, immobillisou-lhes o coração; mas se, invo-

cadas nesse afflictivo lance, a estatuaria e a pintura lhes tomaram conta do semblante, póde bradar e memoria humana : Corpo que fôste a lampada de uma brilhante luz e o envolucro de um fulgidissimo espirito, nem tu acabarás de todo. » E lá ficam as fórmas do seu corpo na perpetuidade das telas e na eternidade do marmore.

E como para celebrar o reinado dos antigos monarchas egypcios, excavava-se desde o dia da sua ascenção ao throno o subterraneo que lhes havia recatar a mumia, e erguia-se a pyramide destinada a relembrar-lhes o extincto poderio ; assim áquelles que fizeram da sua funcção social uma licção de heroismo e um exemplo de dignidade, ainda em vida, já a justiça da historia, que é uma força da Providencia, rasga o hypogeu que lhes ha de receber as cinzas e alça o monolitho que conterá esculpido o brazão da sua memoria.

FRANCISCO DE CASTRO. — *Discurso historico dos academicos fallecidos de 1885-1886.*

Discurso.

Por occasião das missas que mandaram celebrar os Srs. commandante das armas, chefe da repartição de saude, e officiaes de ambas as repartições, pela alma do bravo coronel Martinho Baptista Ferreira Tamarindo.

Nunca uma voz é fraca quando interpreta os sentimentos de um grande numero de corações. Um valente chefe, obedecendo á ordem do rei

supremo, desarmou sua tenda dos arraiaes da vida, e acampou-se na eternidade. Seus soldados e seus camaradas contemplam em profunda magoa a sepultura onde o viram desapparecer para sempre; e eu, o menor de entre elles (que importa?) sou aqui o orgão de seus sentimentos, a palavra de seus corações. Com elles venho pagar um tributo de gratidão devido a tão nobres cinzas, commemorando em um rapido esbôço os gloriosos feitos da grande alma que outr'óra as animou, em quanto melhor penna não escreve com elles uma das mais brilhantes paginas da historia do nosso paiz.

Martinho Baptista Ferreira Tamarindo nasceu na provincia da Bahia, de paes honestos, ainda que não abastados. Os brazões da fidalguia não lhe enfeitáram o berço. A Providencia concedeu-lhe o privilegio de fundar a sua nobreza, em vez de recebel-a, como uma esmola, dos pergaminhos de seus antepassados. A sua fé de officio é a sua carta genealogica.

Dotado de uma alma cheia de enthusiasmo pela gloria, de ardor para os combates, de prudencia e energia para mandar, de subordinação para obedecer, de severidade para punir, de magnanimidade para perdoar, de actividade para o trabalho, e de resignação para o infortunio, Tamarindo sentiu-se soldado, antes de o ser, e abraçou a carreira das armas com a mais decedida vocação.

Os grandes sentimentos são sementes que precisam terreno e estações proprias para vingar e florescer. Era-lhe propicia, felizmente, a época em que jurou bandeiras o nosso soldado. Havia grandes brios, grandes idéas, e grandes dedicações. O espirito nacional era uma immensa orches-

tra, afinada e prompta, para responder com um hymno de enthusiasmo ao grito do Ypiranga.

Tamarindo ouviu esse grito; e, em quanto a geração remida agradecia, de joelhos, ao Supremo libertador a sua liberdade, Tamarindo a defendia no seu sólo, comprando-lhe o terreno a palmos de ferro, marcados com seu proprio sangue.

A victoria conferiu-lhe a medalha da Independencia, premio e ao mesmo tempo prophecia da dignidade inseparavel a todas as suas condecorações.

Nunca voltou o rosto á peleja, e, desde que jurou bandeiras, até a sua morte, não houve uma só guerra no Imperio em que não luzisse a sua espada.

Optimo soldado de guerra, não desmerecia na paz. Se bem sabia obedecer, mandava melhor; tanto que o batalhão do seu commando é apontado no exercito como um modelo de subordinação, de valor e de disciplina.

A dignitaria da ordem da Rosa, o officialato do Cruzeiro, os habitos de Aviz e de Christo, as medalhas da Independencia, das campanhas de Uruguay e de Buenos-Ayres, escreviam-lhe no peito a sua historia militar.

Vestido, as condecorações diziam-lhe os feitos; despido, onze honrosas cicatrizes.

Grande era, sem duvida, a alma daquelle bom soldado; mas, desgraçadamente, as grandes almas gastam bem cêdo os corpos. Eram para matar, quarenta annos de actividade, em serviço tão penoso. O lidador cansou, cahiu, morreu!

Que foi?

A vaidade da sciencia tenta sempre explicar a

verdadeira causa da morte; mas, só Deus a conhece a fundo. Sob um semblante risonho e nedio, disfarça-se muitas vezes um golpe mortal, que tanto mais punge, quanto mais é concentrado. O organismo não parece resentir-se delle, nem em sua fórma, nem em sua estructura; mas, vai morrendo aos poucos, porque a vida aos poucos lhe vai faltando. Não ha uma doença manifesta, ha uma enfermidade d'alma, uma especie de morte lenta, que muitas vezes não tarda a sorprender o pratico no vago de suas scientificas concepções.

Em um tão longo tirocinio de uma vida tão laboriosa e tão cheia de contrariedades, quantos golpes não teria elle supportado desses que a arte não cura?

Mas, para que nos demorarmos com semelhantes reflexões?

A realidade está ali.

O corpo do coronel Tamarindo não passa de um cadaver; o guerreiro não é mais que uma idéa.

A sua farda transformou-se em uma mortalha; suas condecorações, seus paramentos militares são os adornos de uma tumba, e a sua espada, suspensa no cabide d'armas, debalde oscilla incessantemente a procura da mão vigorosa que tantas glorias lhe conferiu.

Cumpriu-se a inevitavel sentença.

Pela primeira vez o soldado vestiu-se para descansar; e sahiu desarmado, porque não ia combater.

O silencio é o pranto dos bravos. Os soldados afincados nas fileiras contemplam mudos o cadaver de seu chefe; e, pela primeira vez, a manobra

foi tardia, porque lhe não escutáram a voz. Rufam os tambores, e os instrumentos choram um funeral.

Porém um grito mais doloroso que todos aquelles sons vem desconcertar as harmonias da dôr! E' o grito da viuvez consternada; é a supplica desesperada da esposa, a cujos braços arrancáram o cadaver do esposo para entregar á sepultura.

Seu tormento é sem nome; porém, não é menor o seu motivo.

Que muito é que o chore a esposa que nelle perdeu a melhor parte de sua existencia; que muito é que lamentem a sua perda seus soldados e seus camaradas, quando deve o paiz inteiro uma saudade á sua memoria?

Tamarindo era o chefe pai, era o camarada irmão.

Como tal, o pranteam quantos o conhecêram; omo tal o pranteamos nós, medicos soldados, sempre queridos, sempre honrados e sempre distinctos por elle.

Deus de misericordia, eu reconheço, que perante a tua justiça não se apresenta um só espirito sem mancha. Por melhor que fosse o nosso morto camarada, era filho de Adão, não podia ser impeccavel; mas elle offereceu o seu sangue pela liberdade de dous povos, sacrificio sem duvida sublime aos olhos de teu filho, o Christo libertador. Embainha, pois, a espada de tua justiça; derrete-lhe os grilhões da culpa com um olhar de tua misericordia; abre-lhe as portas da cidade eterna que esta é a unica esperança que em tão dura ausencia póde servir de linitivo a nossa saudade.

LAURINDO RABELLO.

Unidade litteraria.

A principal questão ao fundar-se uma Academia de Lettras brasileira é se vamos tender á unidade litteraria com Portugal. Julguei sempre esteril a tentativa de crearmos uma litteratura sobre as tradições de raças que não tiveram nenhuma; sempre pensei que a litteratura brasileira tinha que sair principalmente do nosso fundo europeu.

Julgo outra utopia pensarmos em que nos havemos de dessenvolver litterariamente no mesmo sentido que Portugal ou conjunctamente com elle em tudo que não depende do genio da lingua. O facto é que, falando a mesma lingua, Portugal e Brasil tem de futuro destinos litterarios tão profundamente divididos como são os seus destinos nacionaes. Querer á unidade em taes condições seria um esforço perdido. Portugal, de certo, nunca tomaria nada essencial ao Brasil, e a verdade é que elle tem muito pouco, de primeira mão, que lhe queiramos tomar. Uns e outros nos fornecemos de idéas de estylo, de erudição e pontos de vista, nos fabricantes de Paris, Londres ou Berlim... A raça portugueza, entretanto, como raça pura, tem maior resistencia e guarda assim melhor o seu idioma; para essa uniformidade de lingua escripta devemos tender. Devemos oppôr um embaraço á deformação que é mais rapida entre nós; devemos reconhecer que elles são os donos das fontes, que as nossas empobrecem mais depressa e que é preciso renoval-as indo a elles. A lingua é um ins-

trumento de idéas que póde e deve ter uma fixidez relativa; nesse ponto tudo devemos empenhar para secundar o esforço e acompanhar os trabalhos dos que se consagrarem em Portugal á pureza do nosso idioma, a conservar as formas genuinas, caracteristicas, lapidarias, da sua grande época... Nesse sentido nunca virá o dia em que Herculano ou Garrett e os seus successores deixem de ter toda a vassalagem brasileira. A lingua ha de ficar perpetuamente pro-indiviso entre nós; a litteratura, essa, tem que seguir lentamente a evolução diversa dos dois paizes, dos dois hemispherios. A formação da Academia de Lettras é a affirmação de que litteraria, como politicamente, somos uma nação que tem o seu destino, seu caracter distincto, e só póde ser dirigida por si mesma, desenvolvendo sua originalidade com os recursos proprios, só querendo, só aspirando a gloria que lhe possa vir de seu genio.

JOAQUIM NABUCO. — *Discurso inaugural da Academia Brasileira de Lettras.*

O amor da patria.

Não ha povos nem homens perfeitos, assim como não ha nem houve democracias que não pagassem o doloroso tributo das convulsões consecutivas á implantação de regimens novos. E aqui, atravez desta convulsão e no meio de taes angustias, ha o sentimento nacional que se não apagou, ha um instincto de honestidade popular que se revolta contra o abuso.

O povo estigmatiza os embusteiros politicos, o povo condemna os processos da violencia e da fraude, o povo applaude a ordem, a economia, a moralidade administrativa, a conciliação e o direito : o povo é grande e generoso, e isso basta para garantir a conquista do ideal.

Eia, pois, Patria querida ! tu que de Roruima ao Chuy ouviste o appello de alguns brasileiros para levar a termo este commettimento glorioso, amparado sim pelos nobres poderes publicos, mas devido sobretudo á iniciativa particular dos cidadãos ; — Patria estremecida, acceita esta offerenda de teus filhos e dos amigos do Brasil que, em abençoado amplexo, entenderam necessario e justo celebrar o teu grande anniversario.

E' tua a solennidade, e só tua ! Morrem a teus pés sacrosanctos as luctas e ambições dilacerantes dos grupos partidarios, as desaffeições particulares, preconceitos frivolos de côr e de raça, desaccordos de crença, todas as maguas e todas as sombras ; a teus pés, manietada a discordia, amordaçada a ira, um só sentimento abala todas as almas e inflamma todos os corações : é o amor.

E á chamma deslumbrante deste bemdicto incendio nada resiste : o amor atirou os martyres aos circos de Nero ou ás fogueiras de Diocleciano ; o amor divinizou o heróe das Thermopylas, o grande Regulo, a fraca donzella de Orleans, Martim Moniz á porta do castello de Lisbôa, Pedro Affonso, Greenhalgh e Marcilio Dias — os tres gigantes da *Parnahyba ;* o amor produziu os *Lusiadas*, — a joia immortal do genio portuguez.

E' deste sancto amor que nascem todas as grandes obras que honram a humanidade : delle

nasceu o enthusiasmo com que a Associação do 4.º Centenario, secundada pelos benemeritos de todo o paiz, vem hoje, Patria querida, trazer-te a primicia dos hymnos e saudações com que ha de ser celebrada a tua grande festa secular de 1900.

Salve, Brasil! »

BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO. — *O Centenario do Brasil.*

Idéa do direito.

(COLLAÇÃO DE GRÁU NA FACULDADE DO RECIFE)

Nos dias que atravessamos, a esta hora do nosso desenvolvimento, quem, como vós, Srs. doutores, mesmo á custa de trabalho e sacrificio, é graduado em sciencias juridicas e sociaes, vê-se assaltado, como Dante em frente da loba, por uma questão sombria e importuna,

E' a seguinte : existe realmente, temos nós realmente um grupo de sciencias de tal natureza? Em face do avanço immenso, que levam todos os outros ramos de conhecimentos humanos, não sôa como uma ironia falar de uma sciencia juridica, falar de uma sciencia social, quando nem uma nem outra estão no caso de satisfazer as exigencias de um verdadeiro systema scientifico? A questão é séria, Srs. doutores, e tão séria, que a mesma consciencia, a mais lucida consciencia do proprio merecimento, deixa-se absorver e apagar pelo sentimento da dubiedade do titulo que se recebe.

Não ha negal-o, isto é um facto incontestavel.

Mas onde buscar a causa desse facto? Qual o motivo da estreiteza e acanhamento de vistas que ainda se nota na intuição do direito, no modo de comprehendel-o e apreciar-o? Qual a razão, em summa, porque a sciencia do direito corre o risco de ser classificada no meio dos expedientes grosseiros, de tornar-se uma sciencia puramente nominal, que póde dar o pão, porém não dá honra a ninguem ou, como diz H. Post, uma irmã da theologia, que se limita a folhear o *Corpus juris*, como esta folhea a *biblia?* Existe ao certo uma razão; esta razão vem de mais alto. Nós vamos vel-a.

Ha no espirito scientifico, Srs. doutores, uma tendencia irresistivel para despir os phenomenos, o que vale dizer, para despir o mundo inteiro, que é um grande phenomeno collectivo, daquella roupagem poetica, em que a imaginação costuma involvel-os.

Assim ao antigo grego que ouvia gemer a dryade dos bosques, quando uma arvore tombava, a natureza devia mostrar-se incomparavelmente mais cheia de poesia do que ao homem de hoje, que trata de cultivar e conservar as florestas, segundo as leis da economia florestal e os principios da dendrologia.

E ainda que se possa lastimar, a muitos respeitos, a *despoetisação* dos phenomenos naturaes, por meio da sciencia, comtudo não se deve esquecer que o dominio do homem sobre a mesma natureza só se tem reforçado e engrandecido na proporção, em que elle tambem tem cessado de olhar para ella com os olhos de poeta.

Bem póde muitas vezes o indagador sentir até confranger-se-lhe o coração, quando se vê obrigado a destruir bellas illusões e contribuir com as suas ruinas para uma mais clara intuição do mundo.

Neste trabalho elle póde até chegar ao ponto de arrepender-se da sua tarefa, quando applica os seus processos ao mais soberbo e grandioso espectaculo que a natureza desenrola aos nossos olhos, o espectaculo do céo da noite carregado de estrellas scintillantes, pois que a sciencia não tem medo de roubar ao proprio céo a sua poesia e reduzir a pasmosa belleza do universo á cega mechanica das forças naturaes.

Mas não é licito reagir contra essa tendencia, que é caracteristica do espirito scientifico, em cuja frente caminham a devastação e a morte.

Aqui está, Srs. doutores, o segredo do facto que lastimamos.

Quando o homem da sciencia actual cessou de afagar mais de uma illusão de antigos tempos; quando o homem da sciencia actual cessou de olhar, com os olhos de poeta para muita cousa do céo, e para muita cousa da terra; quando elle já não se demora nem mesmo, por exemplo, em contemplar a belleza da lua, diante da qual, com seus fulgores e seus desmaios, sente-se tentado a dizer : deixa-te de *coquettices*, eu te conheço, *carcassa*, e aos requebros e langores da estrella matutina, é bem capaz de redarguir sizudo : nem tanto, como pareces, pois que ficas preta, pequenina, insignificante, passando pelo disco do sol ; em uma palavra, quando o homem da sciencia actual só pisa em terreno

firme, e todavia póde viver, como diz Tyndall, no meio de idéas, em presença das quaes desapparece a phantasia de Milton, o homem do direito, o homem da sciencia juridica parece que não sabe disso...

Tudo quebrou o primitivo involucro poetico; só o direito não quer sahir da sua casca mythologica.

A despeito de todas as conquistas da observação, a despeito de todos os desmentidos, que a esperiencia tem dado a velhas hypotheses e conjecturas phantasticas, para a sciencia juridica é como se nada existisse.

A concepção do direito, como entidade metaphysica, *sub specie æterni*, anterior e superior á formação das sociedades, contemporanea, portanto, dos *mammouths* e *megatherios*, quando aliás a verdade é que elle não vem de tão longe, e que a historia do fogo, a historia dos vasos culinarios, a historia da ceramica em geral, é muito mais antiga do que a historia do direito; essa concepção retrograda, que não pertence ao nosso tempo, continua a entorpecer-nos e esterilisar-nos.

Ahi está, Srs. doutores, o segredo do descredito em que cahiu a sciencia que cultivamos.

E' preciso levar a convicção ao animo dos opiniaticos.

Não se crava o ferro no amago do madeiro com uma só pancada de martello.

E' mister bater, bater cem vezes, e cem vezes repetir: o direito não é um filho do céo, é simplesmente um phenomeno historico, um producto cultural da humanidade. *Serpens nisi serpentem comederit, non fit draco*, a serpe que não devora a

serpe, não se faz dragão; a força que não vence a força, não se faz direito; o direito é a força que matou a propria força.

Eu bem sei, Srs. doutores, quanto esta doutrina fere ouvidos pouco habituados a uma tal ordem de idéas.

Mas o que difficulta a sua comprehensão, é justamente a mesma circumstancia que torna difficil, *exempli gratia*, comprehender o pensamento como attributo material como funcção do cerebro. Quando se fala em materia, em vez de se pensar nas suas mais altas phenomenisações, em vez de se pensar, por exemplo, na materia de que o sol é feito, na materia de que é feito um lindo cravo, um rubro e fresco labio feminino, pensa-se ao contrario... num pedaço de pedra bruta, ou mesmo na lama que se tem debaixo dos pés; e realmente não é possivel que a intelligencia resida em semilhantes cousas...

Da mesma fórma quando se fala em *força*, em vez de se pensar no conceito capital de todas as sciencias, na idéa *genetrix* de toda a philosophia, pensa-se... numa *força de policia*, ás ordens de um delegado, cercando igrejas para fazer eleições; e então... quem póde admittir que o direito seja isso?... Ora!... E' preciso que nos elevemos um pouco mais acima.

Assim como, de todos os modos possiveis de abreviar o caminho entre dous pontos dados, a linha recta é o melhor; assim como, de todos os modos imaginaveis de um corpo girar em torno de outro corpo, o circulo é o mais regular; assim tambem, de todos os modos possiveis de coexistencia umana, o direito é o melhor modo.

Tal é a concepção que está de accôrdo com a intuição monistica do mundo. Perante a consciencia moderna, o direito é o *modus vivendi*, é a pacificação do antagonismo das forças sociaes, da mesma fórma que, perante o telescopio moderno, os systemas planetarios são tratados de paz entre as estrellas.

Srs. doutores, na concisa e bella carta em resposta a que lhe dirigira o corpo docente desta Faculdade, o professor Holtzendorff nos disse que, se bem comprehendeu o seu amigo Bluntschli, este tivera em mente alguma cousa que elle podia designar pelo nome de *Cosmos* do direito e da moral.

Magnifica expressão!

Ha realmente um *Cosmos* de direito; mas este, não menos do que o *Cosmos* physico, é um producto da lei do *fieri*, da lei do desenvolvimento continuo; e assim como no mundo material é presumivel que exista apenas uma pequena parte, em que a materia já chegou ao seu estado de equilibrio, assim tambem no *Cosmos* do direito só ha uma parte diminuta, em que as forças se acham equilibradas, e não têm mais necessidade de lutar.

Olhada por este lado, apreciada deste ponto de vista, a sciencia do direito remoça e torna-se digna da nossas mediatções.

Nem estas idéas são de todo estranhas.

A concepção monistica do direito já existia esboçada no pensamento de Vico.

Não é que eu opine com o *chauvinista* italiano, professor Bertrando Spaventa, para quem Vico é *il vero precursore di tutta l'Allemagna*, mesmo

porque poderia succeder que os allemães me provassem que tres quartos da riqueza de Vico provieram de Leibnitz; mas é certo que no autor da *scienza nuova*, que aliás já em muitos pontos se tornou *scienza vecchia,* houve como que uma prefiguração do jurista moderno, do jurista, como elle deve ser, indagador e philosopho, capaz de utilisar-se de tudo que serve a sua causa, desde as observações astronomicas de um barão du Prel, até as minudencias naturalisticas de um Charles Darwin.

E' sobre isto, Srs. doutores, que ouso de preferencia chamar a vossa attenção.

Convençamo-nos da necessidade de tomar outros caminhos. Para isso é mister *estudar*, como para isso é mister *ensinar*... Novo systema de estudos, novo systema de ensino.

Ernesto Renan disse uma vez que, pelos vicios do ensino superior, a França corria o perigo de tornar-se um *povo de redactores*, e quasi ao mesmo tempo Mark Pattison, chefe do partido reformista de Oxford, lastimava por sua vez que as Universidades da Inglaterra parecessem só querer produzir *escriptores de artigos de fundo.*

Pois bem; é bom que confessemos: pelo systema que nos rege, nós não corremos risco, nem de uma nem de outra cousa, porém de cousa peior: é de tornarmo-nos um povo de *advogados*, um povo de *chicanistas*, de *fazedores de petição*, sem criterio, sem sciencia, sem ideal, pois que nos cabe em maior escala o que Rocco de Zerbi disse da sua Italia: *L'idalismo non ha presa in questo paese di avvocati.*

E' aqui, Srs. doutores, não posso obstar a inva

são da reminiscencia do seguinte *passus* historico.

Era no anno de 1559. Occupava a cadeira pontifical o terrivel velho, como diz um chronista da época, — *tutto nervo con poca carne*, o celebre e genial Paulo IV. No dia 1º de janeiro, tivera lugar em Roma, na casa de Andréa Lanfranchi, secretario do duque de Pagliano, uma esplendida ceia, em que tomaram parte, alem de outras notabilidades do tempo, o Cardeal Innocenzo del Monte, que fôra criado de Julio III, e o Cardeal Carlo Caraffa, sobrinho do pontifice.

Este ultimo commensal, que se apresentara á ceia, cingido de espada, vestido de cavalleiro, travara ahi mesmo uma luta sangrenta, por motivos de ciume, provocado pela bella romana, madonna Martuccia, com o fidalgo napolitano Marcello Capece. O facto causara escandalo, e tinha chegado até os ouvidos do papa. Cinco dias depois, Paulo IV appareceu na sessão da inquisição, ainda mais terrivel que de costume, e em longo, tempestuoso discurso, profligou os abusos da igreja, mas sem pronunciar o nome de seu sobrinho!

Ao Cardeal del Monte elle ameaçou de arrancar-lhe o barrete vermelho, e concluio bradando uma e mais vezes, perante a Assembléa attonita e silenciosa : reforma! reforma!... Santo Padre, respondeu-lhe afouta e allusivamente o Cardeal Pacheco, reforma, sim, mas a reforma deve começar por nós mesmos.

E' assim, Srs. doutores!... E' assim que quando ouço repetir, como se repete a cada instante, que o ensino academico está de todo transviado, por

que de todo tambem está perdida a faculdade de estudar, e que portanto é urgente, é urgentissima uma reforma radical, eu me lembro do Cardeal Pacheco, e tenho vontade de responder com elle : reforma, sim, Santo Padre, mas nós somos os primeiros á tratar de reformar-nos ; somos os primeiros que devemos munir-nos de abnegação e de coragem, tanto quanto havemos mister de coragem e abnegação para despirmo-nos das nossas bécas, mofadas de theorias caducas, e tomarmos trajo novo. Releva dizer á sciencia velha : retirate ; e á sciencia nova : entra, moça. Darwinista ou kackeliana, pouco nos importa, o que queremos é a verdade. As Faculdades não são sómente estabelecimentos de instrucção, mas ainda e principalmente, como diz Henrique von Sybel, verdadeiros laboratorios, officinas de sciencia. E' preciso tambem pensar por nossa conta. Eis ahi tudo.

Agora vós, Srs. doutores, ao concluir, aceitai um conselho de amigo. Não adormeçais sobre os louros, mas trabalhai, continuai a trabalhar, e trabalhar sómente na direcção do futuro.

TOBIAS BARRETO. — *Discursos.*

PHILOSOPHIA

PHILOSOPHIA

Os systemas em Philosophia.

Nada mais vulgar, tratando-se de philosophia, do que a impertinente pergunta : — *a que systema se pertence ?* — Mas isto tem uma explicação.

As sciencias, antes de se constituirem, atravessaram phases preparatorias, em que predominaram, na falta de dados e doutrinas positivas e experimentaes, as opiniões singulares, o modo de vêr subjectivo de cada autor.

Dahi os systemas.

As sciencias particulares acham-se hoje em dia livres de semelhante rheuma, que até agora, para os espiritos superficiaes ou caprichosos, conserva-se enraizada no corpo da philosophia.

E, comtudo, vai nisto um grosso engano ; toma-se o que foi pelo que é, perdura-se em conservar um vicio metaphysico que não tem mais razão de ser.

Comprehende-se facilmente, por exemplo, que a astronomia quando era a astrologia, e a chimi quando era a alchimia, fossem o campo predil

dos debates contradictorios, das questões sem termo, e dessem pasto ás fantasiosas combinações dialecticas dos espiritos irrequietos.

Assim tambem era a philosophia, quando o seu ideal consistia em afastar-se do curso das verdades ensinadas pela experiencia — para atirar-se extatica á busca das *essencias*, dos *enigmas* irresoluveis.

Agora, porém, que, desde Kant, não deve passar de uma synthese de todas as sciencias particulares, incumbida, na opinião mais sensata, de preparar a intuição geral do universo, ella não ha de ter systemas; porque nas sciencias, que lhe servem de apoio, não os ha.

Existem, sim, verdades para explicar, factos obscuros para resolver; mas não ha opiniões fantasiosas e subjectivas; existem ordem e concatenação de doutrinas, e não *theorias* individuaes.

Pretender encerrar o universo no ambito asphyxiante de meia duzia de fórmulas, ás mais das vezes filhas de uma imaginação desregrada e de um criterio myope, é por certo ainda mais extravagante do que querer encerrar uma vasta acção dramatica entre as quatro paredes de um theatrinho de taboas, como o desejo buffonico do Director no *Faust*.

SYLVIO ROMÉRO.

A psychologia como sciencia de observação.

O defeito capital da psychologia, como sciencia observação, é a falta absoluta de dados para se rem exactas e profundas previsões. O mundo

physico, em seu vasto e intrincado arranjo, póde sempre causar admiração ainda mesmo aos espiritos mais cultos; porém não causa espanto. A idéa da *ordem*, que é um producto ulterior da intelligencia, faz succeder ao primitivo abalo, suscitado pela natureza, o sentimento da harmonia e da razão das cousas. Entretanto, essa idéa não tem tido a mesma força no mundo moral. O espectaculo dos homens, dando a vêr, por palavras ou acções, algum novo recanto do seu coração, todos os dias nos assombra. Irrecusavel signal de inteira ignorancia, quanto á ordem que reina e ás leis que se executam nos dominios do espirito. Neste meio o que tem feito a illusoria sciencia? Apenas consagrar um sem numero de erros, e autorisar, em seu nome, os mais agros rigores, as violações mais crueis. Nós vemos diariamente a sociedade, baseada em um supposto conhecimento do homem, arrogar-se o poder de surprendêl-o no retiro de sua consciencia, afim de assistir a todas as evoluções genesiacas do crime. E' dest'arte que o direito penal decompõe o acto criminoso em elementos successivos, partindo da intenção. Manejando os chamados principios psychologicos, julga ter penetrado na essencia da criminalidade. Innumeras são talvez as victimas cahidas sob tão fatua pretenção dos legisladores e philosophos. Se ha uma razão para explicar porque os calculos humanos tanto falham, no que interessa ás relações sociaes, é que as almas nunca chegam a conhecer-se mutuamente, e a psychologia não descobre uma só das leis que determinam a formação do individuo. Não canso de repetil-o: a sciencia do *eu* implica contradicção. Abstrahido da pessoa e do caracte

que a constitue, o *eu* — é cousa nenhuma, nada significa. Mas onde estão as inducções scientificas, feitas de modo que possam garantir nossos juizos sobre a marcha normal da personalidade alheia? Eu disse alheia, e pudera tambem dizer propria. Todos sabemos, por experiencia, que, as mais das vezes, o que nos desarranja e nos perturba, no curso ordinario da vida, é a ignorancia de nós mesmos, da força de nossas paixões ou da fraqueza de nossa vontade. Não sei qual seja o psychologo capaz de medir com o olhar da reflexão toda a extensão do seu sêr. Não sei quem foi que desceu ao fundo do abysmo, e voltou trazendo na boca a palavra do enigma. E já lá vão centenas sobre centenas de annos depois que a sciencia da alma trata de constituir-se e organisar-se! Não obstante, é ainda hoje sufficiente para fornecer ao homem uma noção, menos ambigua. Taes são por certo as minhas convicções, que me parecem baseadas nos factos. Com tudo isso, é aqui o momento de advertir que não regeito absolutamente os trabalhos de observação subjectiva. Julgo applicavel á psychologia o que disse da economia politica um jurista francez: elle não é uma sciencia, mas apenas um estudo; e eu accrescentaria: — um entretenimento. Não contesto se possa adquirir, por este meio, noções mais claras do papel e do jogo mutuo de nossas faculdades. Esse *exame de consciencia*, a que se entregam os psychologos professos, sem ser de utilidade geral, encerra talvez algumas vantagens pessoaes. Pelo menos o habito da reflexão é um obstaculo sério [illegible] impetos apaixonados. Os mysticos servem de [illegible]plo. Não se leva a reflectir continuamente

sobre a alma e sua natureza, sem acabar por cahir-se em uma especie de indolencia e torpor, que neutralisa as suggestões sensiveis. Eu duvido que um pensador, ao geito de Jouffroy, tenha tempo e disposição para engolfar-se em qualquer doce corrente do mundo visivel. Sem ironia, apresso-me em declaral-o : o espectaculo de um homem que empallidece de viver sempre atufado no antro escuro de seu proprio pensamento, respirando apenas por minutos o grande ar da vida commum, tem de certo alguma cousa de tocante. Não é uma vocação, que me pareça invejavel: é um nobre esforço, que se póde admirar, juntando á admiração sincera pena de não vel-o empregado em materia de mór proveito.

TOBIAS BARRETO.

Trecho de psychologia das plantas.

As lianas e todas as trepadeiras se enroscam como serpentes aos colmos e aos troncos das arvores, prendendo as garras de suas gavinhas ás rugosidades que encontram e, muitas vezes, vão, atirando-se de arvore em arvore, formar essas maravilhosas pontes enrediças, de cipó, estendidas sobre as torrentes espumantes e rugidoras. E' que avançam lutando pela vida, em busca do espaço e em busca da nutrição. E não sobem tambem pelo dorso dos cedros e dos ipês, sómente para beberem, avidas, gulosas, a luz do sol que lhes dá a chlorophylla?

Quem viaja, atravez de campos e mattas, p

noites claras de luar, comprehende que não é uma expressão despida de senso essa de que a rhetorica vulgar tanto abusou, em certa epoca, e que ainda repetimos hoje por ser uma traducção de factos reaes — *a natureza inteira dorme*. Não são sómente algumas flôres que retrahem as petalas, fechando, para o somno da noite, a setinosa corolla, onde se encerram, como numa caçoila, as essencias puras de que só a natureza sabe o segredo. As arvores mesmas, deixam pender em abandono as frondes, como nós os membros entorpecidos pelo orgasmo somnifero.

É verdade que algumas flôres, e das mais perfumosas, se desatam justamente depois que a noite lhes traz sombra e frescor. Mas essas bellas e fragrantes noctivagas são como as nossas artistas e *cocottes* que, nos palcos ou nas orgias, trocam o dia pela noite. Umas têm o tecido das petalas tão delicado e são tão nevadas que o sol as crestaria num dia, com suas brutalidades de luz; por isso ellas abrem-se á noite, quando as moitas são negras e ellas põem nodoas de alvura na tristeza das sombras.

A vergonhosa timidez da sensitiva, a mimosa pudica, é muito conhecida. Mas os nossos sertanejos encontram não sei que razão para desconfiarem da innocencia da planta arisca, e chamam-na pelo nome de *malicia*. Notaram, por certo, que havia um que de dengosa momice feminil nesse retrahimento da interessante mimosea.

Não podemos, á vista destes factos, recusar uma alma ás plantas, sem intelligencia talvez, mas onde a emotivade e a volicionalidade se manifestam clara e communicativamente.

Pelo colorido energico ou delicado, pelo aroma subtil ou activo das flôres que se embalam ao sopro da viração, como estrellas moveis scintillando no verde tapiz dos prados ou no escuro mando dos bosques, podemos determinar-lhes o caracter.

CLOVIS BEVILAQUA.

O evolucionismo e o positivismo.

Alem de uma politica é, o positivismo tambem possue uma economia social como possue uma esthetica e uma religião.

Ninguem ignora que até hoje o viver economico dos povos tem escapado á influencia da justiça, não havendo a igualdade politica trazido a igualdade de condições de existencia ou, pelo menos, a igualdade de meios na luta pela vida, de maneira que a sociedade offerece dupla face, uma politica, sendo submettidas todas as suas relações ás leis da justiça, outra economica, escapando todos os seus phenomenos aos principios do direito.

Tambem é sabido que a evolução social opera-se no sentido do advento de um direito economico, ou melhor, de uma economia juridica, que transformará as sociedades em Estados, em que não se terá mais que assistir ao grande combate do homem contra os azares da fortuna.

E' uma questão esta que já vai deixando as regiões da utopia para assentar sobre o terreno da pratica.

Quem desconhece que o socialismo, de simples questão economica que era, passou a ser problema politico, que hoje constitue a preoccupação dos estadistas mais eminentes?

Ahi está o exemplo dos Estados Unidos, onde, além da creação de um ministerio do trabalho (*Labor Department*) a sorte do operario é assumpto obrigado de quasi todos os relatorios das principaes autoridades publicas.

A organização do trabalho sob o ponto de vista politico é a grande questão, que está a agitar o mundo civilisado, e nos Estados Unidos a fundação das *Labor Unions*, fundidas mais tarde na *Federation of Labor*, dá a entender que na America do Norte não está muito longe a epoca em que serão regulados juridicamente os phenomenos economicos.

Mas o que tem feito o positivismo para a solução do mais interessante problema deste fim de seculo, para a orgnização juridica das relações entre a intelligencia, o trabalho e o capital?

« No fundo, escreve Sylvio Roméro, elle (o positivismo) não faz mais do que plagiar a velha intuição da igreja sobre o papel de ricos e pobres na sociedade, intuição ainda hoje recommendada no programma do socialismo christão, tanto protestante como catholico. »

Aqui o autor da *Doutrina contra Doutrina* deu a verdadeira nota: seita positivista e internacional negra vêem pelo mesmo prisma. Na organização economica da sociedade a doutrina dos positivistas é a mesma dos theologos protestantes e catholicos. Uns e outros se propõem a estabelecer o equilibrio economico pela acção devotada do sacerdocio·

Para ambos os credos só o pastor póde reconciliar ricos e pobres, prégando a harmonia que deve existir entre o capital e o salario.

A differença entre os dous partidos está em que os padres catholicos e protestantes procuram melhorar a sorte de proletario por meio de reformas praticas, ao passo que os positivistas acceitando como um phenomeno fatal, necessario, conforme as leis sociaes a distancia que separa o rico do pobre, appellam exclusivamente para « *a força moral da virtude e para o prestigio intellectual da sciencia e da poesia* ».

O que, portanto, os preoccupa não é a miseria do maior numero, mas tão sómente a hostilidade entre o patriciado e o proletariado. Fazer desapparecer este sentimento de rivalidade pela « *efficacia dos instinctos altruistas* é o meio que se lhes afigura de plantar a harmonia entre o capital e o trabalho.

« Respeitando o poder e a riqueza nas mãos de quem os possuir, elle (o sacerdocio scientifico e esthetico) fará com que o proletariado concentre a sua attenção no modo por que o capital é empregado, sem perder-se em discussões inuteis sobre a origem da propriedade actual. *Moralisando o trabalhador pelo exemplo e cultivando-lhe a intelligencia com pleno desinteresse* ; *amando a pobreza e confiando exclusivamente na força moral da virtude e no prestigio intellectual da sciencia e da poesia,* elle acabará por inspirar ás massas a confiança *na efficacia dos instinctos altruistas.*

« Os ricos serão então obedecidos sem inveja e venerados como os depositarios de um capital que não póde ser conservado e desenvolvido para o

bem commum sem a concentração e a apropriação pessoal. E os pobres terão no salario, não a paga de um serviço, porém *os meios gratuitamente fornecidos a cada um pela humanidade, para o desempenho de deveres que são a fonte perenne da felicidade.* »

Como se vê, é com palavriado desta ordem, sem nexo, sem sentido, que os positivistas se mettem a resolver problemas politico-sociaes.

A questão, porém, não é combater pela palavra de um *sacerdocio scientifico e esthetico* os sentimentos de hostilidade entre ricos e pobres, e sim regular juridicamente as relações existentes entre a intelligencia, o capital e o trabalho.

Com relação aos operarios do pensamento, especialmente aos inventores, cumpre notar que já existe alguma cousa sob o ponto de vista juridico.

Perseguidos a principio a ponto de certo imperador romano mandar cortar a cabeça de um fabricante, que lhe tinha apresentado um copo inquebravel, os inventores gozam hoje de protecção, por parte das leis sociaes, com as patentes de invenção.

Em seu bello trabalho — *A protecção da intelgencia*, Caër mostra como a situação precaria do inventor passou por uma longa evolução antes de chegar-se á concepção de um direito autoral.

Quanto ao proletariado em geral, além de disposições formaes na legislação civil, consagrando direito ao trabalho e á assistencia por parte do Estado, como servirá de testemunho o codigo civil prussiano, succede que preoccupa hoje a attenção dos mais elevados espiritos a reforma de educação

social no sentido de fazel-a *substancial* e não puramente *formal*, de tornal-a mais um *exercicio*, do que uma *noção*, de organizal-a de modo a fornecer não sómente *methodos de pensar*, mas tambem *processos de agir*.

E' preciso completar a disciplina do pensamento com a disciplina da acção.

ARTHUR ORLANDO.

O espirito novo em philosophia.

Já não é mais licito em nossos dias falar de uma sciencia da natureza e de uma sciencia do homem, como de cousas antitheticas. Semelhante antinomia foi um dos grandes embaraços ao espirito scientifico dos velhos tempos. A intuição evolucionista de nossa epoca atravessou esta barreira e arredou este empecilho. O homem é apenas um phenomeno no immenso mundo dos phenomenos; a sociedade um grande facto observavel no meio de milhares de outros factos tambem observaveis. A velha dicotomia indicada remonta aos afastados tempos da philosophia grega, mas não ás primeiras phases do pensar hellenico. O primeiro surto da philosophia daquelle povo rarissimo, como está demonstrado irrefutavelmente por Eduardo Zeller, na sua obra fundamental, foi num sentido geral e naturalistico. Começaram os Jonicos e depois os Pythagoricos, os Eleatas, os Atomistas, pela tendencia universalista e monistica, isto é, procuraram, nos seus primeiros ensaios de explição do universo, estabelecer a possibilidade de encor

trar-se uma fórmula generica e unitaria de todo elle. Dahi a investigação de um principio gerador dos phenomenos. A agua, o fogo o ar, o numero, o ser unico, o atomo... foram chamados, cada um por sua vez, para desempenhar a funcção de explicador monistico de tudo. É a tendencia architectonica do pensamento. Mas a primitiva philosophia grega, balda de uma larga base de factos scientificos provados, que lhe servissem de apoio, fez a sua bancarota.

As primeiras manifestações do monismo cahiram em descredito. Vieram os scepticos e começaram a notar as falhas das grandes construcções philosophicas; os sophistas, degenerescencia dos scepticos, proseguiram na mesma senda e accumularam de destroços a arena da razão.

Veiu depois Socrates, que foi apenas um sophista de genio, e inverteu o problema. Não era uma explicação geral do universo que a philosophia devia procurar: seu papel, seu fim era determinar o valor das *idéas*, as bases do *conhecimento*. Começava a phase interior e critica do pensar especulativo. A uma analyse das idéas e do conhecimento se reduz o que ha de capital e significativo nas doutrinas de Socrates, Platão, Aristoteles, e, mais tarde, nas dos escolasticos. Mas, como não era possivel desdenhar do mundo exterior, o gerador dos phenomenos, que ahi estavam a impôr-se como os seus enigmas, procurava-se alliar ao principio interior alguma cousa desse estranho macrocosmo externo, e assim se viu, desde Socrates e Platão, fundar-se o *dualismo*. Monismo e dualismo são, pois, duas velhas doutrinas que travaram suas lutas ha muito mais de dous mille-

nios. Desde então datam tambem as duas velhas tendencias, que deixamos assignaladas e que denominamos — a tendencia architectonica ou constructora e a tendencia critica ou analytica, predominando ora uma, ora outra.

Nos tempos modernos nota-se o mesmo espectaculo da philosophia antiga. As grandes construcções systematicas reapparecem em Descartes, Spinosa e Leibnitz; o espirito de critica percuciente e acurado resurge em Locke, em Hume e Kant; a aspiração architectonica mostra-se de novo em Ficthe, Scelling, Hegel e Schopenhauer.

Só mais tarde, com a doutrina da evolução, estabelece-se definitivamente a unidade de todo o universo, do pensamento e do mundo exterior, a equipolencia gradativa, uniforme, do *objectivo* e do *subjectivo*, e as duas tendencias, que pareciam antitheticas, se vão a fundir. O naturalismo critico, ou agnosticismo evolucionista, ou evolucionismo integral de Spencer, em suas linhas geraes, quaesquer que possam ainda ser suas lacunas, é a philosophia onde aquelle grande *desideratum* se acha em grande parte realisado.

Quando, pois, se fala hoje em sciencias do homem e sciencias da natureza, não é mais no antigo significado antinomico. E apenas no sentido de duas espheras diversas de phenomenos, que, tendo muitos pontos de contacto, são igualmente consideraveis e capazes de estudo; é apenas por commodidade de methodo e individuação de assumptos.

Sylvio Roméro.

Caracter geral da philosophia.

O caracter essencial da philosophia, o que a distingue de todos os outrous conhecimentos, é a — universalidade.

Abrangendo o mundo em todos os seus aspectos, sem se preoccupar especialmente com as accidentalidades ephemeras e com as peculiaridades dos seres, ella não tem um objecto seu, mas encara os phenomenos estudados pelas sciencias de um modo proprio, original, estabelecendo a ligação entre elles e fazendo surgir a concatenação harmonica do cosmos.

Poderei com exemplos tornar mais lucido este modo de ver. As sciencias nos dão o conceito do espaço, do tempo, da materia, do movimento, da força, nos convencem de que a materia é indestructivel, o movimento continuo, a força persistente, transformando-se em equivalente, quando parece que se extingue, que o movimento se dirige pelo caminho do menor esforço, não em marcha rectilinea e com um impulso igual, mas por linhas flexuosas e ondulações rythmicas; nos ensinam ainda mais que é do conjuncto desses elementos que surge a evolução, que marcha do geral e homogeneo para o particular e heterogeneo, conforme a lei do polymorphismo, por uma differenciação seguida de uma integração, ou, em outros termos, por uma dissolução seguida de uma involução.

Todos estes principios e muitos outros, que for-

mam a trama do pensamento moderno, a philosophia os haure nas sciencias particulares, das quaes elles são, a um tempo, os ultimos resultados e os fundamentos. Mas como nenhuma dellas os póde generalisar ao conjuncto cosmico, em virtude da restricção de seu campo de observação, é a philosophia que vem operar a unificação destes resultados parciaes, depurando, numa synthese superior, a totalidade do saber. Antes de aproveitados pela philosophia, esses principios accentuavam a grande variedade dos grupos de phenomenos, em frente a qual o espirito se sente oppresso e impotente. E necessario que uma disciplina universal os abranja a todos, para poder coordenal-os logicamente em um só todo vivo e harmonico. Esta disciplina é a philosophia.

Entretanto a philosophia não é um simples reflexo passivo das sciencias. Além de que encara os phenomenos por um aspecto novo — o da sua colligação universal, ella, depois de constituida, impulsiona as sciencias particulares, indica-lhes o verdadeiro methodo, e, por assim dizer, prevê muitas vezes as conclusões a que ellas hão de chegar.

Este caracter de universalidade da philosophia tem sido, mais ou menos resolutamente affirmado por todos os grandes philosophos. O *synoptikos dialetikos* de Platão, corresponde, como lembrou Marselli, á generalisação ultima de Spencer. A escala do saber, como a comprenhendeu Comenius é a seriação hierarchica do saber que serve de base á philosophia. Rogerio Bacon entendia a *metaphisica como uma sorte de philosophia das sciencias.* Wundt affirmava, não ha muito, que ou a philo-

sophia se tornava uma doutrina geral de sciencia ou tinha de desapparecer. Podemos dizer desassombradamente que os bons philosophos antigos, excepção de Socrates, os estoicos e Epicuro (não todos os epicuristas), comprehenderam a philosophia como abrangendo a totalidade dos conhecimentos geraes.

CLOVIS BEVILAQUA.

A sciencia e a arte.

A reacção da philosophia contra a fé inoculou o espirito scientifico na litteratura.

A' proporção que o dogma foi cedendo terreno á razão, a litteratura foi acompanhando a corrente philosophica.

O romantismo não é senão a fórma correspondente ao racionalismo, e o naturalismo a feição correlativa ao scientificismo.

Foi o desenvolvimento das sciencias naturaes que arvorou o naturalismo em theoria esthetica.

Flaubert considera *Mme Bovary* uma lição de pathologia ; os irmãos Goncourt dizem fazer clinica em seus escriptos; Zola escreve o *Romance Experimental;* e o proprio Daudet, apezar do seu fino tacto artistico, não se exime de pretenções scientificas.

Se mais tarde, é verdade, não se faz mais physiologia, nem anatomia, nem pathologia, nem por isso a observação introspectitiva deixa de ser o principal elemento da arte.

O romance não é mais um laboratorio, um necroterio ou um hospital; porém passa a ser considerado um tratado de psychologia.

O que preoccupa o artista é descobrir em vez de crear. A obra de arte é ainda um producto menos da inspiração de que da analyse.

Note-se que falando em inspiração não tenho em vista as creações chimericas da fantasia; a inspiração a que me refiro é a imagem anticipada da evolução hyper-organica.

A propria sciencia, porém, encarregou-se de mostrar a falsidade da concepção naturalistica na litteratura.

Nós não conhecemos a natureza tal como ella realmente póde existir, mas sómente como ella existe em relação a nós.

E o que é posto fóra de duvida nas seguintes palavras, que copiamos mais ou menos textualmente de Clémence Royer:

« Na realidade, o que sabemos das qualidades intrinsecas das cousas ou das relações que ellas têm entre si, que não esteja sob a estreita dependencia da relação dessas cousas para comnosco?

Assim, tomemos para exemplo um objecto vermelho e investiguemos se elle é realmente vermelho.

A sciencia ahi está para responder, apoiando-se sobre a experiencia e a observação dos factos que corpo algum é vermelho senão para nós ou para qualquer outro animal que possua um sentido visual organizado como o nosso; a sciencia ahi está para responder què o vermelho não é, como todas as outras côres, senão um certo movimento vibratorio das moleculas da superficie ou da atmosphera etherea, de que se suppõem cercados os objectos.

Sabemos que os raios que nos dão a sensação do vermelho têm uma extensão de onda mais con-

sideravel e uma rapidez vibratoria menor do que os raios que nos dão a sensação da côr violeta.

O daltonismo nos offerece exemplo de orgãos visuaes de tal sorte organizados que aquelles que os possuem vêm vermelho o que os outros vêm vermelho. »

Du Bois Reymond não é menos explicito quando escreve :

« Todas as qualidades que attribuimos á materia vêm dos sentidos. A palavra de Moysés — a luz fez-se — é um erro physiologico. A luz não faz sua apparição senão no dia em que o primeiro ponto visual vermelho de um infusorio fez pela primeira vez a distincção do claro e do escuro. Mudo, sombrio em si, sem nenhuma das propriedades que deve ao intermedio do organismo do subjeito, tal é o mundo como as investigações objectivas da intuição mecanica nos revelaram. Em logar do som, da luz, a sciencia não conhece senão as vibrações de uma materia primitiva, despida de toda a propriedade que ora pesa, ora escapa a todo o peso. »

Herbert Spencer diz : « O conceito que formamos da materia, não é senão o symbolo de alguma fórma de um poder de nós absoluta e eternamente desconhecido, e um symbolo que não podemos suppor semelhante á realidade sem cahirmos em contradicção. »

Stuart Mill considera a materia apenas como « uma possibilidade permanente de sensação », e para Lange « a experiencia não é uma porta aberta, pela qual os objectos exteriores taes como são, possam introduzir-se em nós, mas um pro-

cessus, graças ao qual se produz em nós a apparição das cousas. »

« Assim, continúa o autor da *Historia do Materialismo*, quando um verme, um escaravelho, um homem encara uma arvore, ha quatro arvores? Ha quatro representações de uma arvore, provavelmente muito differentes umas das outras; mas ellas referem-se a um só e mesmo objecto, que cada ser tomado á parte não póde saber como é conformado em si, porque não conhece senão a representação individual que delle tem. »

Todas estas citações, fornecidas em sua maioria por Gabriel Sarrazin, mostram a illusão dos theoricos e praticos do naturalismo na litteratura, quando em suas producções pretendem dar-nos a realidade das cousas com a pintura do phenomeno, com a representação do objecto exterior.

Mas ainda mesmo que na arte fosse possivel fazer a equação pessoal para apresentar a natureza em sua objectividade núa, despida de toda a roupagem subjectiva, ha uma consideração que não deixa a menor duvida sobre o absurdo da pretenção scientificista do naturalismo na litteratura.

O que fazem os litteratos naturalistas? Estudam o phenomenismo physico o psychologico. Bem: mas com que fim?

O sabio tem em vista, com a analyse e observação dos factos, a descoberta de alguma lei, que é o que constitue propriamente a sciencia. O que visa, porém, o litterato naturalista? O abstracto? Não, porque a arte, qualquer que seja a sua manifestação, não passa de um processo de concretisação.

A sciencia eleva á categoria de lei o que abstrae, a arte corporifica o que é ideal.

A sciencia e a arte seguem caminhos oppostos : aquella parte do concreto para o abstracto, esta reveste de fórma sensivel a natureza intima.

O sabio observa a natureza para descobrir leis, e assim procedendo, tem cumprido a sua tarefa; mas o litterato, descrevendo factos sem outro esultado que a representação concreta dos phenomenos, terá feito sciencia?

« Não dando logar em suas obras senão as realidades visiveis, nota Gustavo Lasson, elles (os romancistas naturalistas) crêm fazer uma obra verdadeira; não percebem que este materialismo os deixa ainda mais longe da verdadeira sciencia do que da grande arte, e que a sua imaginação não se apodera na natureza senão daquillo de que a sciencia procura desfazer-se como não sendo materia de sciencia. »

Eu tenho diante dos olhos *La Débâcle*. E' representação pavorosa da guerra com todos os horrores do bombardeio, da fuzilaria, da fome, da peste, da ferocidade. São pernas e braços fracturados, joelhos e cotovellos desconjuntados, craneos esmigalhados, ventres abertos, entranhas arrancadas, borbotões de sangue, gemidos, contracções, todo um cahos de soffrimento humano; porém, por mais exacta e rigorosa que seja a descripção daquellas imponentes scenas de terror e agonia, em que aproveitam á sciencia aquellas seiscentas e tantas paginas de um relevo e colorido prodigiosos?

E' uma *historia tão experimental* aquella como a viagem da *Terra á lua*, de Julio Verne.

ARTHUR ORLANDO.

O que é o caracter.

Assim como em philosophia natural, o que se chama um *typo*, marca o ponto culminante do desenvolvimento morphologico da especie, da mesma fórma em philosophia social, o que se chama um *caracter*, marca o ponto culminante do desenvolvimento historico de um povo... Mas o que é ser um caracter? Digamol-o em poucas palavras :

Que um mesmo homem, nos diversos dominios de sua actividade, produza muita cousa significativa, não é um phenomeno surprehendente, pelo contrario, á vista da riqueza da natureza humana, é um facto comprehensivel e facilmente explicavel, pela variedade dos dotes naturaes. Numa só pesssoa assentam, como se ella para isso nascesse, diversas fórmas da vida, do mesmo modo que no actor uma multidão de papeis. Todo homem possue em sua phantasia um Proteu interior, que se transforma a cada passo, que a cada passo toma feições differentes. Esta é a lei commum. Mas tambem contra esta lei de mutabilidade indefinida, contra esta capacidade de transformação, este talento diplomatico da natureza humana, ha espiritos que reagem, não sei se por um privilegio especial, ou por esforço proprio, e tomando nas mãos, por assim dizer, todos os raios esparsos da actividade sem destino, os concentram em um só ponto, e os dirigem a um só fim. São espiritos que se restringem, naturezas que se simplific-

e de uma simplicidade, que até ás vezes nos parece uniformidade monotona. Mas uma tal uniformidade é potente e grandiosa; em semelhantes naturezas toda a riqueza espiritual se converte na firmeza e energia de *uma convicção*. São espiritos, em summa, para quem toda a philosophia humana é philosophia da vontade; — para elles a vida da alma não começa por um acto de pensar, mas por um acto de querer, — e em cada um de seus actos elles parecem dizer: — o que eu não sou por mim mesmo, eu não o sou; — eu sou sómente aquillo que pratico; — dest'arte para elles até a propria liberdade não é tanto um estado natural, um dom do céo, um presente dos deuses, como antes e sobretudo um resultado do trabalho, um producto, uma obra, uma conquista do homem. Eis ahi o que é o caracter, — esse grande fecundador das capacidades humanas, alguma cousa de semelhante áquelle fiel servo da parabola de Jesus, que faz render os talentos, que lhe foram confiados; — o caracter, que é uma força, que é a fonte de toda a honradez, e com a honradez, a sinceridade e com a sinceridade até a aptitude do martyrio, a disposição ao sacrificio.

TOBIAS BARRETO.

A historia.

« Si todos os homens soubessem escrever *memorias*, e quizessem sinceramente escrevel-as, a historia do mundo, como hoje se faz, nos appareceria então como o que realmente é; uma universal mystificação. »

Eu mesmo.

Ha nos homens uma viciosa inclinação para mal

julgar do presente, que acham sempre mau em comparação com o passado. E' uma illusão nascida de que o presente é julgado pela nossa propria experiencia e o passado pelo testemunho da historia, que é uma grande hypocrita.

Pura illusão de perspectiva. Passado e presente equivalem-se, porque são apenas momentos differentes em que se exteriora a intenção de um ser igual em todos os tempos, o homem.

O presente, apanhado em flagrante, pela nossa observação, não tem meios para compôr-se e enfeitar-se com as apparencias da moralidade, da virtude e do heroismo.

A historia, que photographa o passado, nol-o transmitte alindado, sem as rugas da sua fealdade moral, sem os estygmas que os vicios gravam na fronte dos seus escravos.

Ella só narra actos, não prescruta intenções. E' por isso que nos logra, quando julga os homens pelo seu exterior.

As *memorias* nos dariam a *historia dos motivos;* então, sim, poderiamos penetrar na consciencia dos que representam um papel no drama do mundo, e teriamos elementos seguros para ajuizarmos do merito moral de cada individuo.

Teriamos então de cobrir de execrações muitos caracterês que a religião canonisou ou que a posteridade sagrou heróes.

A face da sociedade seria outra, si a propria sociedade não se dissolvesse horrorisada de si.

A organisação social que se substituiu á forma de convivencia gregaria dos primeiros esboços da nossa especie bem póde merecer a severa apreciação do philosopho que a qualificou como « a subs-

tituição do direito do mais astucioso ao direito do mais forte ».

Toda a mechanica social está nesta formula : enganar os outros e trabalhar para não ser enganado pelos outros.

A mais exacta personificação da sociedade é a hedionda figura de Felippe II, o demonio do meio-dia, *sempre com o punhal ao pé do sorriso.*

O mais prudente é adoptar-se a maxima de Schopenhauer : — « encurtarmos o circulo de acção, de visão e de contacto. »

Si ha felicidade no mundo, ella depende da observancia dessa regra.

A abnegação, o patriotismo, a caridade, o heroismo, e outras grandes palavras sonoras com que os homens baptisavam as suas virtudes, são apenas phenomenos esporadicos, si não são puros sons, bolhas de sabão, imponderaveis e vazias.

GUMERSINDO BESSA.

Apreciação positiva da familia.

Para formar uma opinião inabalavel acerca da Familia e seu destino, cumpre antes de tudo reconhecer que todos os actos humanos resultam do concurso da *fatalidade* com a *vontade.* Ha sempre um certo numero de condições que não escolhemos e nem poderiamos recuzar, ás quaes temos de sujeitar-nos de bom ou máu grado. Outras condições existem, porém, que são filhas de nossos desejos, esclarecidos pela nossa intelli-

gencia, e cumpridos pela nossa actividade: são essas as condições voluntarias. Quer se trate de um plano industrial, quer se trate de um projecto politico, ou de uma resolução moral, é sempre facil assignalar essas duas especies de condições. Assim, em uma machina, é força aceitar com a maxima submissão as leis da mathematica, da astronomia, da physica, da chimica, e nós podemos acrecentar da biologia, da sociologia e da moral. Com effeito, é preciso contar com a organização animal do homem que a tem de utilizar, com o seu estado de civilisação, e com o seu gráu de capacidade moral, intellectual e pratica. Mas ao lado de todas essas circunstancias que são fataes, existem outras que só são determinadas pelo nosso arbitrio: cada fabricante procede ahi como lhe apraz.

Nos factos politicos e moraes nota-se o mesmo. Por exemplo, não ha poder de estadista capaz de mudar a lingua de um povo, a sua constituição biologica, as suas convicções e sentimentos, o seu caracter, etc. Assim tambem, cada individuo sente a sua vida circumscrita por uma serie de factores inflexiveis : as suas dimensões, a sua saude, os seus sentidos, a sua força moral, o gráu de sua intelligencia, a energia de sua actividade, a civilisação em que tem de viver, etc.

Isto posto, toda a sabedoria da humaninade tem consistido em examinar quaes são as condições fataes de sua existencia, afim não só de melhor submetter-se a ellas como tambem de melhor aproveitar a sua actividade. Note-se mesmo que nem sempre se acreditou na existencia dessas condições fataes ou *leis naturaes*. Por muito tempo

se pensou que tudo se dava em virtude da vontade de algum ente: os fetichistas suppunham que tudo quanto nos cerca tinha os mesmos instinctos que o homem, e os theologistas imaginavam que todos os seres obedeciam a agentes extra-mundanos, os deuzes, genios, anjos e outros. Foi gradualmente que as leis naturaes se desvendáram, a começar pelas mathematicas, depois as astronomicas, as phisicas, etc. Até Augusto Comte não se conheciam leis naturaes, nem nos phenomenos politicos, nem nos phenomenos moraes. Eis porque ainda hoje a maioria conjectura que os povos e os homens são susceptiveis de todas as transformações desde que Deus queira, o mesmo a soberania popular, ou a alma.

Seja como fôr, é incontestavel que os que estiverem nos casos de meditar as obras de Augusto Comte e as estudarem se hão de convencer de que a sociedade e o homem são regidos pelas leis naturaes que elle descobriu. São só tambem os que estão habilitados a estudar a astronomia e de facto a estudam que se podem convencer que as leis de Kepler ou Newton regem os phenomenos celestes. Os mais terão de aceitar por fé esses resultados da sciencia, como até hoje tem acontecido. Com uma differença, porém, que é mais facil sentir a realidade das leis sociologicas e moraes, uma vez formuladas, porque versam sobre o assumpto das meditações de todos, e sobre o qual os dados empiricos communs são mais numerosos.

Para bem comprehender essas leis, importa distinguil-as em duas categorias: umas exprimem as condições que se verificam em qualquer tempo, são as *leis estaticas*, e definem a *existencia* ou a

ordem; outras explicam as variações que o tempo acarreta, são as *leis dinamicas*, e caracterizam o *progresso* ou o *aperfeiçoamento*. Assim, por exemplo, considerando um animal, descobre-se que ha um certo numero de condições que são communs a todas as phases de sua existencia *(leis estaticas)*. Comparando-se depois os animaes da mesma especie, reconhece-se que todos passam pelas mesmas transformações e na mesma ordem, desde a geração até a morte *(leis dinamicas)*.

Nas sociedades dá-se a mesma cousa: qualquer que seja o gráu de civilisação, na mais obscura cabilda fetichista, como na mais brilhante nação occidental, encontram-se por toda a parte os mesmos elementos constitutivos. E, investigando as transformações sociaes, descobre-se que ellas seguiram uma norma invariavel, cuja extrema applicação estamos presenciando.

R. Teixeira Mendes. — *Exame da questão do divorcio.*

O direito e a moral

A moral é o fim da philosophia, do mesmo modo que o direito é o fim da politica.

Este principio, objecto das considerações até aqui feitas, não sómente serve para mostrar a intima dependencia em que está a moral com a philosophia, como ao mesmo tempo dá uma idéa precisa da verdadeira distinção, entretanto, não é bastante conhecida, nem todos a percebem com clareza, e publicistas ha aliás notaveis que ainda

laboram sobre este ponto na mais deploravel confusão. Tudo, porém, póde ser reduzido a mui poucas proposições. O direito e a moral confundem-se num ponto: ambos tem por fim regular a conducta do homem; o direito obrigando aos tribunaes e á lei, producto da politica; a moral sujeitando-o aos preceitos moraes, producto da philosophia. Mas distinguem-se nisto: o direito parte da sociedade, a moral parte do individuo; o direito é a acção exercida pela sociedade sobre o individuo; a moral é a acção exercida pelo o individuo sobre si mesmo; o direito encontra sua sancção nos tribunaes que representam a consciencia do Estado; a moral tem a sua sancção na consciencia individual que é a essencia da natureza.

Ha de um lado o poder publico, o parlamento, o governo, em uma palavra, as corporações politicas e nisto consiste a ordem juridica; ha, de outro lado, o livro, a propaganda, o ensino, além das corporações philanthropicas e dáquellas que fazem da educação e do ensino o principio e essencia da virtude; e nisto consiste a ordem moral. De uma e outra cousa nasce a lei: da ordem politica, a lei juridica; da ordem philosophica ou mais precisamente, da ordem religiosa, a lei moral. E digo ordem religiosa porque em verdade philosophia, educação e ensino, como philanthropia e caridade, tudo isto é religião.

Mas a lei moral e a lei juridica, se bem que exerçam sua acção conjunctamente, todavia não se confundem. O homem, como membro da nação deve obediencia ao governo e ás leis, procedendo sempre de conformidade com a ordem juridica

creada pelo politico e sanccionada pelo Estado que, se elle por ventura se torna rebelde, o contem por meio da força. Tal é o dominio do direito. O homem, como parte da humanidade, deve, só por força das imposições da consciencia, obedecer aos preceitos moraes creados pela philosophia e julgados na historia que é o tribunal universal. Eis o dominio da moral.

Não se segue, porém, d'aqui que haja entre o direito e a moral, relações de opposição ou antagonismo. Ao contrario é preciso que haja entre uma e outra cousa perfeita conformidade. Mas claramente ainda: o direito é a propia lei moral, com essa differença, que no direito a lei moral é assegurada coactivamente pelo poder publico. Assim a moral é o todo de que o direito é apenas uma parte, nem outra cousa póde ser imaginada, sendo que o direito, nascendo da politica que é uma concepção da sociedade, não póde estar subordinado á moral, originada da philosophia que é uma concepção do mundo. O direito é apenas aquella parte das leis moraes de que o poder publico constitue a ordem juridica, reduzindo-as a leis escriptas. Em outros termos: é a lei moral, que constitue a atmosphera em que gira o direito, do mesmo modo que, como veremos depois, é a religião que constitue a atmosphera em que gira a moral. Esta materia precisava talvez de muitos esclarecimentos, pois trata-se de idéas pouco conhecidas e que podem parecer á primeira vista extremamente obscuras. Mas eu tenho necessidade de passar adiante. Mais tarde voltarei a estas mesmas questões. Por emquanto o que importa conhecer é a dependencia em que está a moral

para com a philosophia. Esta dependencia significa apenas que a questão moral só póde ser estudada em face das verdades geraes proclamadas pela investigação philosophica. Parte-se do conhecimento do mundo para o conhecimento do homem, e é só depois de tornar-se conhecida a marcha geral do universo que se póde estabelecer preceitos e regras para a conducta moral.

FARIAS BRITO. — *Finalidade do mundo.*

CRITICA LITTERARIA

E ARTISTICA

CRITICA LITTERARIA
E ARTISTICA

Artistas do passado.

A' excepção de alguns trabalhos de pintores portuguezes vindos da metropole, como fosse o tecto da igreja do convento dos franciscanos da Bahia e alguns outros, em meiado do seculo passado foi o famoso pintor e litterato mineiro José Joaquim da Rocha o fundador de uma escola na Bahia, onde deixou discipulos e importantes trabalhos, como fossem as cupulas das igrejas da Conceição da Praia, dos extinctos Agostinhos, de Nossa Senhora da Palma, e os seus primorosos paineis, a de S. Pedro-Velho, a do Rosario da Baixa dos Sapateiros e seus paineis, a da ordem terceira de S. Domingos e paineis da sacristia, e outros não menos apreciaveis.

Antonio Pinto e Antonio Dias, mineiros, bem que alguma cousa inferiores a Rocha na correcção da figura humana, na roupagem e colorido, bem que preferisse os planos architectonicos em exacto e bello effeito, primárão em diversas obras, como fossem as cupulas ou tectos das igrejas do SS. Sacramento da rua do Passo, de Nossa Senhora da

Ajuda, da de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, de Nossa Senhora da Saude e Gloria. Estes dous mestres mineiros falleceram em Sergipe em avançada idade.

Entre os discipulos do illustre mestre José Joaquim da Rocha sobresahiram Lopes, Marques, Nunes da Motta, Verissimo, Souza Coutinho, José Theophilo de Jesus e Antonio Joaquim Franco Vellasco.

Verissimo, o decano dos pintores, fez, em estylo semelhante ao de Rocha, o tecto da igreja das religiosas da Lapa. Teve por discipulo a Lourenço Machado, que pintou o tecto da igreja de Nossa Senhora do Rosario de João Pereira.

Souza Coutinho, antigo mestre da ribeira (arsenal de marinha), entre outros trabalhos, pintou o bello panno da bocca do theatro de S. João, para inauguração, no governo do conde dos Arcos, representando a collossal, correcta figura da America Brasileira. Hoje, pela incuria de nada conservar-se do passado, não existe esta pintura, bem como não existe a bella, elegantissima e colossal figura de Mercurio, com a muito applaudida inscripção — *ridendo castigat mores* — do sublime pincel de Theophilo de Jesus.

A maior gloria do mestre José Joaquim da Rocha transluziu em seus dous discipulos Theophilo de Jesus e Franco Vellasco. Theophilo foi aperfeiçoar-se em Lisboa, e estudou com proficiencia; e de volta pintou na Bahia as cupulas das igrejas dos Terceiros do Carmo, igreja do Recolhimento do Senhor dos Perdões e Boa-Sentença, da igreja do mosteiro de S. Bento, da igreja do Barroquinha, ...re estuque, a igreja de S. Joaquim, com tres

notaveis paineis, a igreja matriz da cidade de Itaparica, a igreja de Nossa Senhora do Pilar, quadros e paineis dos quatro evangelistas; pintou mais as igrejas do Senhor do Bomfim e toda a galeria da vida do Redemptor, a da ordem terceira de S. Francisco. Theophilo de Jesus era um pintor tão notavel, que o primeiro Imperador, quando em 1826 esteve na Bahia, o desejou conhecer; porém, como era homem muito recolhido, não fez valer o seu merecimento, e, vivendo na obscuridade, falleceu a 19 de julho de 1847, quasi na miseria.

Bento José Rufino Capinan e Joaquim Tourinho, de quem fui amigo, eram artistas de grande merecimento, e deixáram excellentes trabalhos. Franco Vellasco era tão distincto, que foi o primeiro professor nacional da cadeira publica de desenho na Bahia.

Além de outros artistas de merecimento ainda existe o discipulo de Theophilo de Jesus e notavel miniaturista Olympio Pereira da Motta, que retratou seu mestre, cujo retrato me foi por elle offerecido, e que o conservo em grande estimação e apreço.

A esculptura primou no Brasil; e na Bahia o celebre Chagas (homem de côr escura, conhecido por *cabra*) conquistou solida reputação nos trabalhos que fez na igreja dos terceiros do Carmo, notando-se o bello grupo das Dôres, S. João e a Magdalena. A imagem da Santissima Virgem é de uma sublime expressão de dôr profunda! São tão formosas e perfeitas as imagens feitas por Chagas, que parecem inimitaveis, como a do Menino-Deus da Senhora do Carmo.

Corre uma tradicção na Bahia: que o menino natural, do qual tomára Chagas as confrontações, fallecera no dia da benção daquella imagem, a cujo successo os poetas do tempo fizeram versos.

A imagem do Bom-Jesus da Redempção é obra sua; a do Menino-Jesus de S. Benedicto da igreja de Sant'Anna do Sacramento é uma maravilha da arte. Chagas foi chefe de uma escola de esculptura.

José de Abreu, de Sant'Amaro, foi admiravel tambem em esculptura. Felix Pereira e seu discipulo Manoel Ignacio da Costa foram tão notaveis esculptores, que, para testemunhar os seus trabalhos, basta vêr-se a inimitavel imagem de S. Pedro de Alcantara do convento de S. Francisco da Bahia.

Além destes tivemos Bento Sabino dos Reis e Feliciano de Aguiar. Bento Sabino é autor das imagens de S. Gonçalo Garcia, de uma expressão singular. Ultimamente falleceram na Bahia os celebres Bayões, pai e filho.

Dr. Mello Moraes. — *O que fomos e o que somos.*

A vida nacional nas comedias de Martins Penna.

A lição que as comedias de Penna nos dão da sociedade brasileira não é muito lisonjeira para esta.

Muitos dos vicios, sinão todos, que é moda hoje os *laudatores temporis acti* assacar aos contem-

poraneos, já então nos deprimiam em larga escala.

O nosso comediographo é a documentação viva dos primeiros cincoenta annos deste seculo no Brasil. Em tal sentido leva decidida vantagem a todos os escriptores de seu tempo, nomeadamente aos autores dramaticos. Estes, entre nós, se podem dividir em tres grupos, que correspondem a tres phases diversas do theatro e da vida nacional. O primeiro é o dos espiritos enthusiastas que pretenderam no decennio de 1838 a 1848 crear neste paiz a litteratura da scena. O mais notavel delles foi incontestavelmente o illustre autor dos *Irmãos das Almas*, com seus dramas e comedias, especialmente com as ultimas. Domingos de Magalhães foi o segundo em importancia, seguindo-se Gonçalves Dias, que deu ao theatro tres ou quatro dramas e Araujo Porto-Alegre, que escreveu algumas comedias. Igual a todos elles foi certamente L. A. Burgain, francez de origem e brasileiro na acção e nos feitos. A esta phase pertenceu Noberto e Silva que produziu tragedias, dramas e comedias, tudo de valor muito negativo. O segundo grupo formou-se daquelles moços generosos, pleiade de homens de talento que de 1856 a 1863 ou 64 procuraram reerguer o theatro no Brasil, levantando-o do abatimento em que tinha caido. Manoel de Macedo que, aliás, vinha da época antecedente, Agrario de Menezes, este na Bahia, José de Alencar, Pinheiro Guimarães, Achilles Varejão, Castro Lopes, Constantino Gomes de Souza, Augusto de Castro foram entre elles os mais notaveis. A terceira e ultima phalange é a dos trabalhadores contemporaneos, a datar d

annos proximos a 1870 até aos nossos dias. Que o saibamos, os mais illustres então têm sido França Junior, já hoje morto e que vinha do periodo anterior, e os dois irmãos Arthur e Aluizio Azevedo. Outros ha agora ahi que se têm mettido a escrever para o theatro; mas são tão inferiormente nullos, que ficaria para sempre maculada a penna de escriptor serio que delles se occupasse.

Martins Penna, tendo nascido em 1815, teve sete annos de vida no regimen colonial, o que importa dizer que na imaginação infantil, ainda que um tanto apagadas, deviam-lhe ter ficado algumas scenas do tempo do rei velho, que foi amigo do Brasil; tinha dezeseis annos, quando se deu o movimento de 7 de abril, que arredou do paiz o primeiro imperador e iniciou a Regencia, o que quer significar que se lhe formou a intelligencia nesse agitado periodo em que os Andradas, Pedro I, Cayrú, Clemente Pereira, Januario, Ledo, Villela Barbosa foram as primeiras figuras, e os caprichos da Domitilla constituiram o escandalo do dia, ao lado dos soffrimentos da primeira imperatriz; tinha vinte e cinco annos, quando se operou a revolução parlamentar da maioridade, o que equivale a affirmar que acompanhou de perto os acontecimentos da phase tormentosa da Regencia, que teve por protogonistas Feijó, Evaristo, Vergueiro, Olinda, Bernardo de Vasconcellos, com o terrivel cortejo das setembrizadas, abriladas, sabinadas em côro com *Cabanos*, *Balaios*, *Farrapos* e outras galhardias do genero, que sombrearam sinistramente os annaes do tempo. Veiu a fallecer em 1848, o que vale explicar que assistiu ao periodo de lutas do segundo reinado em plena

maturidade de intelligencia. E é por isso que a vida burgueza particularmente dos vinte annos, que vão de 1828 a 1848, acha-se esteriotypada em seu theatro com uma intensidade que nenhum outro lhe poderia dar. Magalhães, Gonçalves Dias, Porto-Alegre não tinham espirito observador, e malbarataram o melhor do tempo em que o poderiam formar, divagando na Europa, exactamente por aquelles annos da Regencia, que foram de crise séria nos modernos destinos do Brasil. Penna aqui se deixou ficar, e só foi ali, por assim dizer, para morrer. Sua intelligencia formou-se, acrysolou-se cá dentro, sem ter ensejo de dissolver-se nesse cosmopolitismo incongruente e enfermiço, que corrompe quasi sempre o espirito dos brasileiros, que vão esquecer no velho mundo o pouco que sabem de sua terra.

Perderia seu tempo quem quizesse conhecer a sociedade brasileira pelo theatro de Magalhães, Dias, Porto-Alegre ou Norberto e Silva *Olgiato*, *Leonor de Mendonça, Clytemnestra* são obras estrangeiras pelo assumpto e pelo estylo. E' preciso chegar a Macedo, a Agrario, a Alencar, a França Junior para se encontrar de novo o filão que tinha sido descoberto pelo autor do *Noviço*.

Temos indizivel desprazer em nunca haver lido ou visto representar as suas perdidas composições theatraes. Mina prodigiosa de documentações do viver brasileiro devem ser ellas e fazemos aqui um voto para que se não inutilize esse thesouro. As nove que conhecemos parece que foram escriptas hontem ; pois fundamentalmente os vicios nacionaes são ainda os mesmos na distancia de mais de cincoenta annos.—Sylvio Roméro.—*Martins Pe*[illegible]

Os decadentes.

Abstraindo-se tudo quanto foi dito da sensibilidade dos decadentes e da sua inercia de volição, a mesma degenerescencia encontraremos no dominio puramente intellectual desses artistas. Elles fazem questão de não serem entendidos no sentido vulgar da expressão; adoptam o symbolo, uma linguagem nova e abstrusa, que é tudo, menos um instrumento leal de communicação. Stéphane Mallarmé, um dos pontifices entre elles, diz e desta vez claramente: « *Nommer un objet, c'est supprimer les trois quarts de la puissance du poème, qui est faite du bonheur de deviner peu à peu.* » — Mas nem todos estão de accordo com essa definição, si é que ella não apresenta sinão um aspecto da coisa. Para Charles Morice, o symbolo deve suggestionar « a lembrança de coisas que o leitor não viu »; para Regnier a arte é de pura cabàla e prestimania. Vamos dar, mas renunciando á interpretação, um dos sonetos mais caracteristicos de Stéphane Mallarmé:

Le silence déjà funèbre d'une moire
Dispose plus qu'un pli sur le mobilier
Que doit un tassement du principal pilier
Précipiter avec le manque de mémoire.
Notre si vieil ébat triomphal du grimoire,
Hiéroglyphes dont s'exalte le millier
A propager de l'aile un frisson familier,
Enfouissez-le moi plutôt dans une armoire.
Du souriant fracas originel haï
Entre elles de clartés maîtresses a jailli
Jusque vers un parvis né pour le simulacre.
Trompettes tout haut d'or pâmé sur des vélins,
Le dieu Richard Wagner irradiant un sacre
Mal tu par l'encre même en sanglots sybillins.

Ha diversas tentativas de explicação deste soneto — mas são tão obscuras como a poesia original. Imagine-se que a ideia capital deste symbolo consiste em mostrar que o *mobilier* do theatro vetusto que os novos deviam transportar ao palacio da nova poesia foi usurpado por um divino ladrão, Ricardo Wagner!

Aos espiritos perturbados pelo desequilibrio psychico repugna a linguagem clara. Elles preferem, ao certo, os modos de dizer indecisos e vagos que são precisamente os que melhor representam a flutuação morbida e instavel das idéas. Não ha aqui novos horisontes, nem se abre nenhum caminho novo á intelligencia. O symbolo é o symptoma de todo esse quadro nosologico que com os nomes de abolia, echolalia, e outros que taes, é o fructo de certas decadencias engendradas pelo excesso da cultura e pela vida das grandes cidades. Perde-se a visão do colorido das coisas; a verdade, como a luz, torna-se calor e inesprimivel:

Car nous voulons la Nuance encor
Pas la couleur, rien que la nuance!

O critico, cujas opiniões vamos transcrevendo, não conclue sem um certo sentimento de benevolencia. Elle vê em tudo isso o egoismo, o erotismo, o mysticismo, a perversão do senso moral e esthetico. O Parnaso de hoje parece-lhe antes uma enfermaria, si não um hospicio. Não dirá esses poetas o são, mas têm um pouco o ar de doidos.

João Ribeiro. — *Revista Brasileira.*

Alberto de Oliveira.

As *Poesias* do Sr. Alberto de Oliveira não reunem apenas os seus versos já publicados, mas dous novos poemas *Por amor de uma lagrima* e *Livro de Emma.*

E' o Sr. Alberto de Oliveira que, penso eu, reune, em mais alta e perfeita consonancia, o que de melhor no parnasianismo havia. Já disse que o nosso parnasianismo não póde, nem podia, ser o que quereriam fazer do parnasianismo francez, os seus primeiros corypheus, interpretando o genio e a esthetica de Leconte de Lisle. Só o mesmo Leconte, Sully-Prudhomme em alguns dos seus poemas, e Heredia em muitos dos seus, conseguiram realisar o pensamento do poeta dos *Poemas Barbaros.*

François Coppée introduziu logo nelle o seu sentimentalismo facil e a sua emoção banal, tudo muito bem disfarçado por uma rara superioridade de forma. Mas certamente pela perfeição severa da sua, pela frieza e quasi impassibilidade do seu estro, pela relativa impersonalidade dos seus motivos, pelo resguardo da sua emoção, pela sobriedade das suas manifestações sentimentaes, é o Sr. Alberto de Oliveira talvez o melhor exemplar entre nós das tendencias estheticas, de que em França foram aquelles poetas os representantes mais eminentes.

Mas o é com o seu temperamento proprio que é

realmente, si não julgo mal, o que se revela nos seus poemas. E mais o é como a nossa tradição lyrica e a nossa indole nacional consentiam que fosse, temperando de sensibilidade o seu estro, mas de uma sensibilidade reservada e reprimida, sem enthusiasmo nem expansões demasiadas.

Os seus themas, principalmente nas *Meridionaes* e nos *Sonetos e Poemas*, são-lhe exteriores, elle quasi não nos diz de si e da sua vida sentimental.

Nos *Versos e Rimas*, já sacrifica mais a esta vida, mas sem de longe siquer se approximar dos romanticos; si ha nas suas effusões alguma nota ardente, é ainda assim rapida, fugaz, reservada, soltada como que a medo. O mesmo se póde dizer do *Livro de Emma* e da outra inedita do volume. E ha desde *Versos e Rimas* progresso no poeta, desligamento da escola da qual quasi só conserva o apparelho necessario á perfeição da sua arte e o que condiz á sua propria natureza de artista e de poeta.

O Sr. Alberto de Oliveira ainda sacrificou muito, mais do que convinha a um poeta do seu valor, ao soneto descriptivo, aos quadrinhos em verso, admiraveis como factura, mas de valor secundario como poesia. Para levantal-os, até esta, fôra preciso pôr-lhes uma idéa, uma sensação poetica. E' o que nem sempre lhe aconteceu. Compare o Sr. Alberto de Oliveira a sua *Cleopatra* com a de Heredia e reconhecerá a differença; a sua é uma simples mancha como se diz em linguagem de *atelier*, embora linda, a do poéta dos *Trophéos* é todo um quadro exprimindo uma situação psychologica e uma situação historica, resumidas no

verso que pinta Marco Antonio vendo nos olhos de *Cleopatra* :

Toute une mer immense où fuyaient des galères.

O Sr. Alberto de Oliveira é, entretanto, dos poetas da sua pleiade o que menos sacrifica aquella fórma e os seus sonetos procuram exprimir mais do que pintar. A sua lingua poetica não tem talvez bastante colorido, mas reune pouco vulgares qualidades de correcção, de abundancia, de força e platicidade. Ha linhas esculpturaes nos seus versos. Sob o aspecto do pensamento e da emoção, o *Livro de Emma* revela um progresso grande, e a mesma fórma ganhau nelle em largueza, variedade (já sensivel aliás em *Versos e Rimas*) e naturalidade.

Absolutamente senhor della, ella pea-lhe menos a idéa, e presta-se, sem esforço evidente, á exacta expressão do pensamento poetico. E' trabalhada, percebe-se, mas de um trabalho que revela a mão perita de um mestre. E sobretudo é distincta, como distincto é o estro do poeta.

Eu apenas quizera, para poder estimal-o sem reserva, vel-o mais perto da natureza e da vida, mais comprehensivo, e não sei se não diga tambem mais sincero.

Ao ponto em que chegou, o Sr. Alberto de Oliveira escapa já — e é um bom signal de merito, — ás classificações escolasticas.

Elle vale por si mesmo e por sua obra.

Moço como é, póde ainda dar muito de si, e espero que o progresso manifestado no *Livro de Emma* se complete por uma fórma mais humana

e mais larga, de todo livre de uns restos de preoccupações de escola.

José Verissimo. — *Estudos de Litteratura Brasileira.*

Tres poemas symphonicos.

A *Parisina* origina-se do episodio historico a que Lord Byron emprestou a poesia da sua imaginação. A concepção do maestro Miguez aproveitou desse episodio as situações de intensa paixão, os lances dramaticos commoventes, e tratou-os na sua partitura com a mais alta expressão emotiva, interpretando a creação byroniana com uma ideal comprehensão do seu caracter. De principio a fim predominam nesse poema a magia de uns rhythmos baloiçantes, o enlevo de harmonias insinuantes, a doçura de melodias ternas, amorosas, e por vezes o canto largo da paixão no seu paroxismo ; a composição se desenvolve em nuanças, sem choques, notavel pela sua riqueza melodica, idealizando com a poderosa dynamica da arte os sentimentos que vincularam no amor os dois amantes infelizes.

O *Prometheu* é o poema em que o maestro Miguez canta na linguagem dos sons os soffrimentos do grande Titan da theogonia hellenica, como os descreveu Eschylo. Pagina admiravel, de grandeza epica, o *Prometheu* desde a phrase inicial, no modo dorico, cantada unisonamente nas cordas, revela uma inspiração elevada e uma comprehensão

prodigiosa do acontecimento mythologico, que encontra naquella obra sua glorificação. E aquella phrase primeira, ouvida sem atavios, sem ornatos, sem as vestes da harmonização, é a mesma do final magestoso e solemne, que termina o poema num deslumbramento de sonoridade potente e altamente emocional.

O *Ave, Libertas!* é uma epopéa da liberdade, onde a inspiração corre abundante, irradiando explendores naquellas phrases vibrantes, impetuosas e triumphaes e naquelle estylo grandiloquente de um rhythmo solemne e altivo.

RODRIGUES BARBOSA. — *Revista Brasileira*

Os nossos prosadores.

Os homens que a nosso ver têm até hoje manejado melhor a linguagem escripta no Brasil são estes :

Mont'Alverne, Salles Torres Homem, Justiniano da Rocha, Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, José de Alencar, Quintino Bocayuva, Machado de Assis, Tobias Barreto, Ruy Barbosa, Ferreira de Araujo, Joaquim Nabuco, Carlos de Laet, José do Patrocinio, Raul Pompéa e Coelho Netto. São os nomes dos dezeseis laureados do estylo em nossa terra. Como se está a ver, estão ahi por ordem chronologica e enchem o nosso seculo, a começar em frei Francisco de Mont'Alverne, o mais fraco em fulgores de fórma, até Coelho Netto, o mais maginoso de todos, passando pelo rutilante espi-

rito de Ruy Barbosa, o mais aprimorado em arte entre seus pares, e que seria o nosso primeiro escriptor, si tivesse mais philosophia e mais critica.

Cada um delles tem uma nota especial e typica.

Mont'Alverne, certa fluidez sonora, como especialmente está para sentir-se no celebre *Sermão de S. Pedro de Alcantara* e no *prefacio das Obras Oratorias*. Torres Homem, o movimento do periodo, que é correntio e cantante.

Justiniano da Rocha, a placidez, alliada á variedade das tinctas, á adaptação e maleabilidade aos assumptos. Gonçalves Dias, a vernaculidade, alliada á mais completa simplicidade.

Francisco Lisboa, alguma cousa que lembra Alexandre Herculano pelo brilho sóbrio e seguro.

Quintino Bocayuva, nos bons tempos em que elle illuminava as paginas dos artigos de fundo, a desenvoltura, a amplitude dos periodos, contidos sempre num desenho firme e bem contornado. Machado de Assis, a correcção, o gosto discreto e puro, sem audacias, sem grandes vibrações, porém sereno, doce, communicativo. José de Alencar, a riqueza das tinctas, a variedade dos epithetos, o gracioso das imagens, a caricia dos tons, que lembram a musica, velada e embriagante das confabulações femeninas. Ferreira de Araujo, a trama delicada, tecida de bom senso e *humour* innocente. Tobias, o calor, a vida, a eloquencia vibrante.

Ruy Barbosa, este tem tantas qualidades, que só se poderia definir, dizendo que é, como Victor Hugo em França, o primeiro talento verbal d

nossa raça. Sua prosa tem todas as modulações, todos os tons, todos os aspectos, conforme o assumpto e o sentimento da occasião.

Joaquim Nabuco, a arte do periodo sonoroso, realçado de vez em quando por certos dictos que gravam.

Carlos de Laet, o sabor classico dado a provar de mixtura com a ironia moderna, acerada, implacavel. Raul Pompéa, o brilho, o scintillar das phrases. José do Patrocinio, a vibração das palavras, a eloquencia dos reptos.

Coelho Netto, o vocabulario variado, ao serviço de uma imaginação arisca e turbulenta, dando-nos paginas descriptivas, valorosas, potentes.

Taes os reis da palavra escripta no Brasil.

SYLVIO ROMÉRO. — *Livro do Centenario.*

O indianismo de Machado de Assis.

E' uma sorpreza a terceira collecção de versos do Sr. Machado de Assis, *Americanas*, de 1875. Era uma volta á poesia « americana », preconisada por Garrett e Herculano, praticada por Gonçalves Dias com superioridade jamais igualada, e, na poesia, não fôra a excepção de Varella, com o seu *Evangelho nas Selvas*, poder-se-hia dizer desapparecida. Era uma renovação do indianismo, de toda já então esquecido e abandonado dos poetas nacionaes. Dos treze poemas que a constituiam na edição original, sete cantavam cousas da America, especialmente do Brazil indigena, lendas, tradições, crendices bebidas nas informações dos viajantes e chronistas e poetisadas.

Voltando a um thema abandonado e que parecia esgotado — e, penso eu, não o está ainda, e um poeta de engenho o poderia por ventura renovar com distincção — o Sr. Machado de Assis não atrasava, nem era anachronico. Um dos signaes do Sr. Machado de Assis como escriptor é não ser um imitador, um seguidor, um homem de escola ou de partido litterario. Sob este aspecto, ninguem entre nós mais independente, mais isento do que elle. Não ha nelle nenhum espirito de seita ou de proselytismo. Litterariamente, elle escapa a todas as classificações, o que é uma fórma da personalidade e da originalidade. Como poeta, elle não foi propriamente romantico, nem propriamente parnasiano, nem propriamente naturalista, e foi simultaneamente tudo isto junto. A cada tendencia artistica, a cada fórma esthetica, colheu discretamente das flôres de belleza que produzirão a que se casava com o seu temperamento, usoulhe sobriamente o perfume, obtendo da sua mistura um novo aroma, delicado e modesto. Nem podia o Sr. Machado de Assis ser um indianista no sentido em que o forão Gonçalves Dias, Magalhães, Alencar. O que caracterisa o indianismo do periodo romantico é ser intencional, apontando evidentemente á elevação do selvagem Brasileiro. Ha nelle um pensamento de nacionalismo. Não creio que a mesma inspiração fosse a das *Americanas*. O poeta não vê nas cousas da vida dos incolas americanos senão alguns themas aptos á idealisação poetica. Assim elle não porá em verso os themas geraes irá buscar de preferencia nos chronistas e viajantes themas particulares, casos concretos, para poetisa-los. Tambem o seu modo de considera-los

é outro que o daquelles, de puro artista desinteressado. Se não iguala jamais a Gonçalves Dias, porque não possue na sua lyra a corda épica, póde ser que alguma vez o exceda no que é a transformação do thema selvagem, da representação poetica, em symbolo, como nessa admiravel *Ultima Jornada*, soberbo trecho de alevantada poesia. Aos poemas propriamente indianos das *Americanas* falta o calor da inspiração nativa, que fez de *Y-yu-ca-pirama* um dos mais bellos de nossa lingua. Falta-lhes ainda a grande, a profunda sympathia do cantor dos *Tymbiras* pelo seu assumpto, essa correspondencia moral entre o autor e o seu thema, condição do perfeito em arte. Ha na mesma pureza da lingua e da fórma nesses poemas alguma cousa de rigido, de secco, de incommunicativo. Não corro nelles o ar e a luz do nosso céo, o acre aroma, nem a bruteza das nossas matas. Alguns lucrarião em serem encurtados. Mas que bello é o canto. *A Gonçalves Dias*, excepcionalmente commovido e eloquente.

J. Verissimo. — *Revista Litteraria.*

Poesia e sciencia.

Foi com o desenvolvimento das sciencias physicas e naturaes no seculo XVIII que alguns espiritos superficiaes, acreditando que o cerebro humano havia tocado ao estado definitivo da sciencia, affirmaram ingenuamente que a poesia não era mais possivel senão sob a condição de tornar-se scientifica, o que envolve um duplo erro

relativamente a desenvolução espiritual da humanidade e á propria natureza da poesia.

O espirito humano tem oscillado constantemente entre a espontaneidade e a reflexão, entre a hypothese e o facto verificado pelos mais rigorosos processos logicos, entre a sciencia com os seus variados processos de observação e de experimentação e a metaphysica com todas as suas hypotheses cosmogonicas theologicas.

Em todos os tempos tem havido espiritos visionarios e espiritos scientificos : os primeiros mais ou menos poetas, os segundos mais ou menos sabios ; uns olhando constantemente para o céu, como Platão, outros apontando sempre para a terra, como Aristoteles.

Pensamos com Sainte-Beuve que, chegando a uma certa idade, a um certo gráo de complicação, a sciencia escapa ao poeta ; que o estylo dos Laplace, dos Cuvier, dos Humboldt é o unico que convem á exposição de um judicioso systhema (1).

E' isto mesmo : a linguagem do verso não se presta a exprimir as relações abstractas dos phenomenos ; a sciencia tem a sua linguagem apropriada, que é a formula exacta, rigorosa, mathematica.

Mas do embate das theorias modernas não surgirá uma poesia nova ? O actual movimento scientifico, lançando os mais vivos clarões sobre a historia do céu, da terra e da humanidade, não inspirará um grande poema scientifico ?

Primeiramente, convem notar que o que vibra a organisação do poeta é menos a sciencia em si do que os seus resultados. Não são tanto as desco-

(1) *Chateaubriand e seu grupo litterario sob o Imperio.*

bertas scientificas como os melhoramentos que ellas trazem nas condições da vida social, que enchem de enthusiasmo a alma do poeta.

Em segundo logar, a emoção produzida pela sciencia, os tormentos ou alegrias do sabio deante da duvida ou certeza scientifica, serão sempre menos vivos e duradouros do que, por exemplo, as impressões agradaveis ou dolorosas do poeta geradas por uns bellos olhos. Emquanto a emoção poetica deve ser profunda e duradoura, a alegria da descoberta, affirma Claudio Bernard, é curta e passageira.

Além disso, a dôr ou alegria produzida pelo drama intimo da vida intellectual é de uma natureza tão especial que não é dado sentil-a senão a um pequeno numero de naturezas artisticas.

Mas quando mesmo d'entre todos os sentimentos o do verdadeiro não fosse o que dá em menor escala o prazer do bello; quando mesmo uma descoberta scientifica não causasse sempre menos emoção do que uma grande acção humana ou um sublime espectaculo da natureza, ainda assim o enthusiasmo que inflamma um sabio por occasião de uma descoberta, não justifica a pretenção de uma poesia scientifica, da mesma maneira que a admiração produzida por uma bella acção não desculparia uma poesia exclusivamente moralistica, do mesmo modo que o prazer que sentimos deante de uma bonita paizagem não é razão para poesia unicamente descriptiva.

Além do sentimento do bello intellectual, possuimos ainda o do bello moral e real, e nenhuma razão ha para negar que cada um delles possa tornar-se objecto de poesia sempre que reunir as

condições necessarias para isto, sempre que fôr tão intensa e despertar imagens tão vivas que por sua expressão possa produzir nos extranhos a mesma emoção que no autor.

Toda a vacillação neste thema desapparecerá desde que se indicarem os elementos essenciaes da poesia e mostrar-se o logar que ella occupa actualmente na litteratura.

Consideramos como elementos condicionaes da poesia o sentimento, a imaginação e a expressão.

Destas tres condições a mais desenvolvida actualmente é a expressão. Todos os poetas modernos sabem fazer o seu officio, todos elles conhecem os segredos da palavra, de maneira que a arte parece sobrepujar a inspiração.

A preponderancia de algum destes elementos explica a existencia de tantos poetas incompletos, decorados, entretanto, com pomposos nomes, segundo a rhetorica da epocha.

Nos *satanicos* predomina o sentimento e, mais ainda, o sentimento do mal estar. A sua esthetica é uma especie de metaphysica do soffrimento.

Nos *parnasianos* ha muita imaginação ; sabem pintar bellissimos quadros; mas o sentimento não vindo animar os bem cadenciados metros e as artificiosas rimas, os seus versos produzem o mesmo effeito que um *bouquet* de flôres artificiaes.

O que caracterisa os *scientificistas*, é simplesmente um certo dilettantismo dos methodos scientificos ; e dizemos dilettantismo, porque a sciencia por occupação despoetisa o homem.

ARTHUR ORLANDO. — *Philocritica.*

A questão da murça.

Gregorio de Mattos era orgulhoso, e tinha principalmente em grande conta o seu talento poetico. A esse orgulho, muito natural em quem tantos gabos merecera dos melhores poetas de Portugal, accrescia um profundo desprezo dos meios praticos de ganhar a vida. O poeta tinha horror ao dinheiro, achava asqueroso todo homem rico e, como a maior parte dos ingenuos, era por esse lado incorruptivel.

A primeira parte da sua vida na Bahia póde-se formular no seguinte : — a luta ingloria e desastrada da virtude feroz de um genio satyrico contra o conluio da bandalheira social, politica e domestica; ingloria porque o poeta não tinha noção das proporções do mundo no qual vivia; desastrada porque, virtuoso no que tocava a dinheiro, mostrava-se sceptico quanto ao resto e muito cheio de lacuas no moral.

Que podia, com effeito, esse moralista truncado obter dos habitantes de sua terra, quando essa terra andava repleta de reinóes jubilados, e de todos os pontos do horisonte soprava aquelle bafo pestilento e depravado, que levou o excelso padre Antonio Vieira, apezar do seu caracter de ministro da religião, a aconselhar o rei de Portugal a compra das consciencias nos negocios de Pernambuco?

Desembarcando na Bahia, na fórma já alludida, os primeiros tempos foram de festas. Vinha para

ser aproveitado, e de facto, logo depois, elle, que fôra padre para os agrados da chegada, como se diz ainda hoje nos Estados do Norte, provido na dignidade de thesoureiro-mór da Sé da Bahia, recebeu de D. Gaspar Barata de Mendonça, primeiro arcebispo do Brasil, o cargo de vigario geral, de modo que em 1681 o vemos entrar no exercicio de ordens menores. Foi o primeiro caiporismo e a origem do primeiro odio do desastrado poeta.

Entendia Mattos que o habito não fazia o monge, e, toda vez que se retirava das suas obrigações ecclesiasticas, punha a batina ao canto da sacristia e, tomando os trajos seculares, empunhava o latego da satyra. Diz o licenciado Rebello que « esse capricho principiou a arrufal-o com os governadores do arcebispado », e dahi nasceu a questão que o expelliu daquelle importante cargo.

Outrosim, os historiadores dão a entender que o poeta alienara o amor da clerezia bahiana, de uns, pela inveja que causavam seus talentos, de outros, por hypocritas, tementes dos seus versos venenosos. Nada d'isto, porém, parece razoavel á vista dos informes do tempo. E' verdade que os conegos da Sé armaram-lhe o queixó em que o atrabiliario vigario geral devia se estrepar. — " Veste a batina, ou deixa o cargo! " Eis o ultimatum. Gregorio de Mattos sacudiu a albarda e respondeu com um redondo Não. Os conegos conspiraram e taes golpes em segredo lhe desfecharam, que por fim lhe despiram a murça capitular, depois de sentença do arcebispo dom frei João da Madre Deus, successor do que lh'a vestira. Todavia, é forçoso admittir que o poeta deixou a

prebenda antes por ser desarrazoado do que por força das circumstancias, porquanto o dito arcebispo fez piedosamente tudo que estava a seu alcance para evitar essa catastrophe, exhortando o poeta a que tomasse ordens sacras; mas Gregorio de Mattos seguiu o seu fadario. Continuar um satyro a usar a murça seria coisa nunca vista. O pretexto lhe pareceu motivo de maior incompatibilidade, e as contumelias dos conegos, juntas á mansuetude do prelado, o irritaram ainda mais, provocando a tremenda descompostura á Sé da Bahia que os leitores já conhecem. « Presepe de bestas » (1) era na sua conta a illustre congregação. O biographo chama a isto valentia, horror á hypocrisia, e louva a virtude do poeta. Eu direi antes que o satyrico, mostrando ser louco ou imprudente, levava demasiado gosto em brandir « a foice de Saturno, amolada nas esquinas de eternidade ».

Araripe Junior — Gregorio de Mattos.

(1) A nossa Sé da Bahia,
Com ser um mappa de festas,
E' um presepe de bestas,
Se não for estrebaria:
Varias bestas cada dia
Vejo que o sino congrega:
Caveira mula gallega,
Deão burrinha bastarda,
Pereira mula de albarda,
Que tudo da Sé carrega.

GREGORIO DE MATTOS.

Moniz Barreto e Bocage.

Partindo das relações de semelhança do idioma, da raça, dos costumes, da feição litteraria, caracteristica da época, em dous paizes tão separados pelo oceano e ainda hoje tão proximos pelos vinculos do sangue, da religião, do commercio, do systema politico e da dynastia reinante, se cotejarmos o poeta brasileiro com o seu congenere em Portugal, o celeberrimo Bocage, rival de José Agostinho, *Elmano* da Arcadia, retratado por si mesmo, descripto por seus comtemporaneos e submettido ao magistral escalpello da critica do Rebello da Silva, Lopes de Mendonça e José Castilho, veremos o seguinte :

Moniz Barreto não era physicamente desajudado pela natureza, isto é, não tinha olhos azues em carão moreno e tristonho, estatura meã com pés e nariz gigantescos, compleição doentia, cabello desgrenhado, voz rouquenha e temperamento

> Incapaz de existir n'um só terreno,
> Mais propenso ao furor do que á ternura.

O Bocage americano era bastante alto, esbelto, robusto, de temperamento sanguineo-nervoso, de cutis fina e clara, de fronte amplissima, emmoldurada por basto cabello á escovinha, de olhos castanhos semi-abertos quasi sempre, mas significativos de indole mansa e fidedigna, a reflectir-se em physionomia de continuo prazenteira.

Quando disposto a recitar, passado o indispensavel periodo de incubação, durante o qual, sorvida uma pitada de rapé, lhe eram indifferentes o silencio ou o bulicio dos circumstantes, a inercia ou o movimento do proprio corpo, o inspirado Bahiano, batendo palmas para chamar a attenção e assumindo a attitude magestosa de quem sabe imperar nas almas, desferia o pensamento na voz possante, sonorosa e firme, com a dicção irreprehensivel de esmerado ledor academico ou provecto artista dramatico.

Quando, porém, mais incandescente o estro no delirio do improviso, não lhe tremia a voz, não se lhe descompunha o semblante, com os olhos a faiscarem, com a fronte alagada em suor, com a boca espumante; não gesticulava como um possesso ou louco, a bater na testa, a beliscar os peitos, a esfregar a cabeça, para excitação da idéa; não victoriava com o proprio louvor os melhores lances da fantasia na gymnastica litteraria. Tal era o vezo de Elmano, ebrio de orgulho, apaixonado de suas proprias imagens, a exclamar: « Esta é minha! Isto não morre! Que trecho sublime! E magnifico, mas ahi vai melhor! »

Moniz Barreto poetava de outro modo, serenamente, decentemente, como o general que entra em fogo com todos os distinctivos e sem perder o sangue frio; incapaz de esquecer a delicadeza para com as damas ou recuar de perigos perante adversarios temiveis.

Influido pelo acompanhamento de emulos e discipulos, na aventurosa ascensão ao Parnaso, fortalecia de elogios os menos timidos, simulava-se 'igado á espera dos mais morosos e, depois que

transpunha os maiores obstaculos, agradecia o bom exito aos companheiros de viagem, quando, pelo contrario, era elle o contagioso estimulo de toda a exaltação poetica.

Por mais que se prolongasse a tensão do pensamento naquelle cerebro, a influencia do espirito sobre a materia fazia-se perceber apenas por ligeira transpiração, que aljofarava a fronte do repentista.

Este, depois, recahindo no mundo prosaico e revelando novos elementos de força ou motivos de hesitação, confessava, com a maior franqueza, os embaraços e incentivos que se lhe depararam na amplidão do mote, na pequenez do metro, na magnitude do assumpto, na subtileza e no duplo sentido do conceito, na abundancia dos termos, na carestia da rima, na excellencia de productos similares e notorios, na opportunidade de responder a offensas, no almejo de captar adhesões, no alienamento de amarguras domesticas, e na inesperada apparição da luz ambulante, da esplendidez do verdadeiro, do bello em fórma de mulher.

Quanto ao dom de reproduzir integralmente, passados trinta ou quarenta annos, o que se formara num minuto, a memoria do ancião, promptissima e tenaz, desmentia o facto patente na ordem natural das cousas é tão explicavel pela observação psychologia, isto é, que as faculdades e as funcções se gastam com o decurso do tempo.

Recolhido o poeta em seu lar ou aviventando os lares alheios, bastava dizer-lhe um amigo: « Moniz, repete aquelle soneto, glosado ao verso *Ferros, escravidão, ludibrio e morte.* » Não se fazia esperar a recitação da peça inteiriça, improvisada

com outras, em honra ao 2 de Julho, no theatrinho do Maciel, em 1835.

Rozendo Moniz. — *Moniz Barreto o repentista.*

Phase romantica.

O romantismo, como já ficou dito, foi nos povos europeus, um accordar de tradições, um abrolhar do sentimento nacional, pela comprehensão de suas origens no periodo medieval, esse immenso laboratorio d'onde sahiram as linguas e as nacionalidades modernas.

O Brasil não teve edade média, diremos, si nos ativermos ao facto material das datas, si considerarmos, simplesmente perante a chronologia, a era que na historia tomou esta designação. Mas colloquemo-nos em um ponto de vista superior. A edade média foi uma transformação social em que a filiação historica não se quebrou, mas perturbou-se com a invasão dos barbaros. Esse acontecimento veiu, por um momento sopitar a reconstrucção que se operava ao lado da destruição do imperio romano, subindo gradualmente á medida que a organisação romana se decompunha. O principal trabalho da edade média foi a reparação da desordem trazida á evolução pelos barbaros, a preparação da edade moderna pela transformação do escravo em servo e do servo em povo, a creação das linguas européas pela corrupção do latim, pelo novo modo de poetar dos trovadores, e, acima de tudo, a constituição das nacionalidades produzidas pelo amalgama de elementos etherogeneos (1).

(1) Littré. — *Les barbares et le moyen âge.* — passin.

Aqui a invasão veiu de povos mais civilisados sobre povos menos civilisados. Desse facto resultou um phenomeno de regressão identico ao que soffrera a civilisação geral do occidente. Depois ainda nos veiu um poderoso factor de nosso rebaixamento social. Foi o negro.

O trabalho de unificação desses elementos, pesado e longo, é o que devemos chamar a nossa edade média.

Foi para ahi que se voltou o espirito brasileiro quando quiz encontrar os élos de sua tradição historica.

Mas como obrar para seguir o movimento geral? Para onde dirigir as forças sentimentaes e imaginativas.

O portuguez não nos despertava sympathias porque ainda nos olhava com certa sobranceria humorada de dono destituido, e nunca o nosso povo conseguiu deixar de consideral-o sem a sua qualidade odiosa de invasor, de intruso. O negro foi sempre a raça degenerada. O orgulho estupido e perverso da raça dominadora, ingrata ao mourejar ininterrupto do negro que lhe creára o bem estar, a riqueza e o ocio, de mais a mais lhe calcava o pezo da oppressão esmagadora, numa expansão de brutal egoismo, vilificando-o, esterilisando-o, aniquillando-o.

Voltou-se então a imaginação para o indio cuja exiguidade intellectiva, rebaixada condição e abjectos costumes não se viam e até se ignoravam. Ainda a sciencia não tinha trazido, a este paiz, a verdadeira idéa do que fosse um povo selvagem. Apenas envolta nas confusas e seductoras nevoas da lenda, lhe chegava, atravez das chronicas dos

jesuitas, a historia das perseguições movidas pelos colonos contra os miseros indios aprezados, e a crua desesperança que obrigava os poucos escapos a fugirem deante da pata do cavallo de Atila e a embrenharem-se no adyto das florestas sombrias e impenetraveis.

Accrescentae a isso o prestigio que derrama o tempo, o passado irrevocavel e comprehendereis a exaltação romantica do indianismo.

Quem estudar a litteratura brasileira ha de notar, com F. Wolf, que, no começo de XVIII seculo, repontam os primeiros rebentos do que elle chama, com todo o fundamento, *um factor poderoso no desenvolvimento da litteratura brasileira:* — o interesse pelas particularidades da natureza indigena. Então ainda não era isso uma transudação do sentir intimo do povo, mas uma simples côr local sem graves pretenções. Depois as forças se foram accumulando, a intenção se foi accentuando, até rebentar a esplendida eclosão do indianismo. Como não descobrir, nesse facto altamente significativo, um indicio da reação do meio cosmico sobre o novo brasileiro, um germinar da consciencia nacional estremunhada pelo sangue selvagem?

Desse ponto devemos partir para descobrir a filiação historica do nativismo brasileiro que, na sua combinação com o romantismo, produziu o mais alevantado esforço de originalidade de que até hoje foi capaz a nossa esthetica — o indianismo; porque não só elle foi uma originalidade nossa, como tambem datam delle todas as outras que foram tentadas por nossos poetas e romancistas.

E' assim, parece-me, que deve ser compreh endida essa escola sem grande afinidade com Fenimore Cooper e tão distanciada do que escreveu Chateaubriand, deslumbrado por uma natureza virgem e grandiosa.

Foi o estremunhar do sentimento nacional, da consciencia brasileira manifestando-se de um modo indisciplinado, porém natural, filho das condições sociologicas, da mentalidade brasileira de então, penso. Foi o primeiro passo da esthetica brasileira procurando o seu typo especial e proprio.

Não importa que se tivesse transviado.

Foi o estudo da historia que, trazendo á baila emoções novas e verdadeiras, deu origem á escola litteraria a que foi dado o nome de romantica. Será preciso dizer que o Brasil ainda não teve quem lhe escrevesse a historia? Dahi o ser natural o desvio da esthetica brasileira.

A rehabilitação posthuma do selvagem foi, em conclusão, um esforço impotente originado por uma comprehensão má do nacionalismo em litteratura, concedo. Significou um emprehendimento bom em seu intuito — a emancipação do espirito-nacional, — que se esgarrou em sua execução pelo desconhecimento de nossas origens ethnicas.

Não vemos que mereça os baldões que se lhe têm assacado (1).

(1) Neste ponto acho-me em desaccordo com os criticos para quem a formula do *indianismo* foi considerada não só estreita, como a do *sertanejismo* e do *matutismo*, mas ainda ridicula (entre outros, Arthur Orlando, *Philocritica*, pag. 83). Vejo as cousas por outra fórma. G. Dias nem Alencar jamais pensáram em fazer do indianismo a litteratura brasileira; apenas viram que havia nesse facto um

Gonçalves Dias, em cujos versos ha bellezas que to lo seria escurecer, o doce e ameno poeta que o conego Pinheiro chama « fino e delicado colorista », fez sua reputação com as poesias americanas. Ellas estão entre as creações desse poeta que não se atuféram no esquecimento. Si hoje ninguem lê a *Confederação dos Tamoyos* de Magalhães, si já quasi esquecemos que um dia Alencar escreveu um romance com o nome de *Ubirajára*, certo ninguem deslembrará o *Guarany* e a *Iracema*.

Não haverá ahi uma prova irrefragavel de que o indianismo traduziu um sentimento de que se achava possuido o nosso povo? E não bastará isso para salval-o dos exorcismos da critica?

Antes de completamente consolidados e unificados os elementos constitutivos do caracter nacional, o indianismo era a unica originalidade possivel ao sentimento brasileiro, era o unico contingente proprio, seu, com que podia concorrer para o alargamento da orbita da poesia.

Assim considerado elle é natural. Cumpriu sua missão historica e afinal quando lhe faltou o terreno foi relegado do romance e da poesia sem dôr e sem pezar.

Passadá a effervescencia indianista, reconhecido máo o caminho que levava a arte, os nossos melhores talentos abandonáram a rota batida e

rico minério que era nosso e que merecia ser cultivado. Si essa idéa ás vezes, obscureceu-se no enthusiasmo da propaganda, hoje póde ser perfeitamente restabelecida. Principalmente Alencar não se esqueceu de contemplar o elemento negro (*Mãe*, *Demonio familiar*), nem o elemento mestiço (*Sertanejo*) nem o elemento portuguez á par do indio, e do mestiço *Guarany*, *Minas de Prata*, *Garatujà*), etc. Não houve obsessão nem exclusivismo, é claro.

empenháram-se em novas tentativas para descobrir o veio do nosso romance genuinamente nacional.

O caracter do brasileiro ainda não estava como ainda não está definitivamente constituido. Vê-se, pois, que embaraços e difficuldades tinham de superar os artistas nacionaes antes que encontrassem o typo a ser traduzido. Dahi a evocação das tradições populares mais recentes, como o *Cabelleira*, etc.; dahi a idéalisação mais que muito romantisada do habitante a meio barbaro do interior de nossas provincias, como no *Sertanejo*, *Gaúcho*, etc.; dahi o desenho dessa vida artificial e futil da côrte, como na maior parte dos romances de Macedo e em alguns de Alencar e Machado de Assis.

E' nesse pé que ainda está hoje o nosso romance. Está procurando sua nota original. Nesse caminho, o primeiro passo dado foi o indianismo. Merece, por isso, maior acatamento embora esteja reconhecido como tentativa falha.

Continuaram esse movimento os que, como Bernardo Guimarães e Tavora, tentaram comprehender outras manifestações da vida mental e emocional do povo.

Na poesia, Mello Moraes Filho é o representante dessa corrente.

O romance naturalista e a poesia parnasiana nos guiam para outro norte, mas, naturalista ou parnasiano, o artista ha de sempre dar ás suas producções o cunho de seu meio e de sua raça.

CLOVIS BEVILAQUA. — *Epochas e Individualidades.*

O futuro da poesia.

Parece que se póde substentar que ella não é, a bem dizer, uma arte autonoma, uma arte especial. O verso e a prosa tendem ao mesmo effeito: lidam com a mesma materia prima, a palavra. Não ha assumpto tratado em verso, que não caiba bem em prosa e, se o contrario não se dá, prova precisamente que a prosa é mais ductil, mais rica, mais propria a assimilar e transmittir todas as noções, todas as emoções. Hoje não ha mais palavras só nobres e palavras plebéas, as primeiras só usadas em verso e as outras só em prosa; os poetas fogem de utilisar nas suas composições aquellas figuras antiquadas de rhetorica, que estropiavam os termos sempre que a rima ou a medida o exigiam. Toda a differença de vocabulario desappareceu. Que ficou? Ficou, por ora, o rythmo, a cadencia. O verso só se justifica pelo que tem de musical. Mas a musica vai caminhando cada vez mais para o abandono dos rythmos monotonos, fortes, accentuados. Para perceber o compasso de uma musica selvagem, não é precisa a menor finura: elle se impõe, martella-nos os ouvidos com a sua accentuação forte. As composições para dansa guardam ainda esse caracter. Para, entretanto, apreciar a harmonia das musicas modernas, pede-se uma certa educação. O rythmo é vario, caprichoso, requer, para ser sentido, uma attenção especial.

Essa evolução se está dando no verso. Ninguem

hoje adopta mais as fórmas de metrificação em que os accentos tonicos estão distribuidos, de espaço a espaço, com um rigor mathematico, fazendo a voz pesar sobre elles monotonamente. Os poetas sentem a necessidade de achar rythmos novos.

Quando usam ainda, por pura tradição, as fórmas correntes, fazem com que a phrase lhes desloque a cadencia : o substantivo, posto justamente na rima, vai buscar o adjectivo na linha immediata e impede a voz de parar ahi.

A todo momento, de estrophe para estrophe, se estabelecem passagens rapidas. O esforço supremo da metrificação dos maiores poetas de nossos dias, aqui, como nas outras litteraturas, é em nossos dias de uma variedade permanente de rythmos. Mas, ao passo que isso se dá, a prosa se mostra tambem capaz de todas as inflexões musicaes.

E se o que busca o verso, identificado com a prosa pelo uso do mesmo vocabulario, pelo banimento completo das velhas figuras poeticas, é o alternar constante de rythmos — elle tende a desapparecer, fundindo-se precisamente na prosa, que é capaz de todas as variedades.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE. — *Discurso.*

Nevrose e poesia.

A peior das coisas que possa succeder a um homem, diz o Padre H. M., é certamente a de ser tratado de louco. A esse juizo, ainda que severo em demasia, não póde escapar a maioria dos re-

presentantes do Parnaso contemporaneo. Embalde a Academia propõe seus louros e premios ; da multidão que acorre a disputal-os apenas se distingue um ou outro talento que emerge da mediocridade ou do logar commum dessa poesia satanica e inintelligivel, que não é dado praticar sinão aos iniciados na cabala.

O vicio fundamental da sua esthetica parece-nos residir em um estado morbido complexo que se caracteriza pelo desequilibrio mental. No organismo, a educação e a funcção physica devem ser harmoniosas e regradas. Desde que ha uma hypertrophia, ha de outra parte uma insufficiencia e a inteireza composita do homem esvaece-se.

Em primeiro logar esses poetas soffrem de uma hypertrophia do eu, são devorados por um subjectivismo excessivo e malsão que não lhes dá tempo de regularizar suas impressões. Um delles dirá e eis todo o seu methodo : « Neste momento eu ignoro as escolas, as tendencias, as condições que ajoujam o meu pensamento »... Outro, não terá a recordação gloriosa de Marathona ou de Phidias sinão atravez de uma paizagem sem pitoresco, alumiada de luar fosco e de bicos de gaz da illuminação. E' o exemplo de Verlaine, aliás em versos de verdadeira belleza.

João Ribeiro. — *Revista Brasileira.*

O mestre Valentim.

O sympathico e popular Valentim da Fonseca e Silva, conhecido por *mestre Valentim*, foi um dos esculptores de grande facilidade, o segundo

esculptor brasileiro, segundo o Sr. M. de Araujo Porto Alegre. Dotado de grande vivacidade e intelligencia não vulgar, foi levado por seu pai para Portugal para educal-o e voltou logo para o Brasil ainda em tenra idade. Pobre, dedicou-se á arte toreutica, e tantos progressos fez que era procurado por todos os artistas do Rio de Janeiro, mórmente os ourives e lavrantes, que corriam a elle para obterem desenhos e moldes de banquetas, ciriaes, lampadas, custodias, frontaes, salvas, reliquias e tudo que demandasse luxo e bom gosto. Talvez fosse Valentim uma das causas mais poderosas que nos motivaram aquella barbara carta régia de 38 de agosto de 1766, que mandou fechar todas as lojas de ourives, sequestrar todos os instrumentos de arte, recrutar todos os officiaes solteiros, prohibir o officio no Rio de Janeiro, e castigar com as penas de moedeiros falsos, porquanto é sabido e foi sempre constante que semelhante carta régia fôra lançada em favor de alguns ourives de Portugal, a quem os nossos tiravam o ganho, o que é claro á vista da perfeição das obras de prata e ouro daquelle tempo e das lampadas e mais objectos que se vêm em S. Bento, Carmo, Santa Rita, modelados e inventados por Valentim (1).

Fôra elle quem primeiro no Brasil empregou o esmalte ao metal, empregando pela primeira vez em um dos modelos dos apparelhos de porcellana feitos com o caolim da ilha do Governador a pedido de João Manso, denominado o *chimico* (2).

(1) M. de Araujo Porto Alegre — Loco cito.
(2) L. Gonzaga Duque Estrada — Loco cito.

O sempre lembrado vice-rei D. Luiz de Vasconcellos deu-lhe constantes provas de amizade e apreço; por esse magnanimo vice-rei foi convidado para apresentar desenhos para ornamentação do Passeio Publico, que no seu vice-reinado fôra creado. Aceitando o honroso encargo, com o celebre Xavier das Conchas, apresentou os bellos riscos de toda a obra architectonica daquelle Passeio.

As estatuas de Apollo e Mercurio, os dous pavilhões do antigo terraço, o grupo dos jacarés, que ainda hoje são admirados, o lindo coqueiro de ferro pintado ao natural, da sua cascata, os diversos passaros pousados sobre pedras a despejarem agua pelos bicos; e, sobretudo, o celebre menino que vôa sustentando um kagado e que vomita agua em um barril de granito, tendo a divisa: *Sou util ainda brincando;* são trabalhos desse eminente artista, que tanto abrilhantou o governo do referido vice-rei (1).

Infelizmente não existem mais naquelle terraço os seus bellos trabalhos de conchas, pennas e escamas. Ainda são producções suas: O chafariz da rua das Marrecas, com as estatuas de Echo e Narciso, infelizmente demolido, victima, como o menino do Passeio Publico, da barbara picareta.

ANTONIO DA CUNHA BARBOSA. — *Estudos historicos.*

(1) Dr. Moreria Azevedo — Valentim da Fonseca e Silva, *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 1869, pag. 235, 2ª parte.

Parallelo da mythologia hellenica e da Religião dos romanos.

A Mythologia Grega recebida na Italia, encontrou ahi tradições e crenças religiosas peculiares ás raças ou povos primitivos da peninsula.

Dahi a differença que em alguns pontos se caracterisa entre as Divindades Hellenicas e as Divindades Italicas.

« As crenças populares da Grecia e da Italia, diz Mommsen, repousam sobre um fundo commum de noções hauridas na ordem physica, e transformadas em allegorias e em symbolos, havendo assim grande analogia entre o Pantheon Grego e o Romano.

» As creações dos Gregos, oriundas de suas crenças religiosas, eram tão vivas, que elles viram logo nellas todo o esplendor e todo o poder das forças naturaes ; e na opulencia de sua imaginação, revestiram-nas de todos os attributos da belleza. O sentimento religioso dos Italiotas não foi menos intenso, mas seguiu direcção diversa : adstrictos á *Idéa*, elles não a deixam obscurecer-se sob a fórma exterior. Quando o Grego sacrifica, tem os olhos voltados para o Céo ; o Romano, no mesmo acto, vela a cabeça : um, contempla em quanto ora, o outro, pensa.

» No seio da natureza, o Romano vê sempre o *universal* e o *immaterial*. Jupiter e Juno tornam-se o ideal do homem e da mulher ; a Dea Dia ou Ceres, representa a força productiva, Minerva o poder da memoria.

» Ao espirito do Romano só falam a abstracção e suas formulas. No Grego, pelo contrario, tudo é concreto, tudo se corporifica.

» Na Grecia *a pessoa* dos Deoses, sua representação plastica é tudo: em Roma, só predomina a *idéa* da Divindade. O mesmo vocabulo latino Religio (vinculo pelo qual nos prendemos perpetuamente á lei moral), representa uma denominação e uma idéa que nada tem de commum com a lingua e com o pensamento dos Hellenos.

» No *Latium* as virtudes poderosas da vida publica e privada são *a prudencia, a riqueza, a força*: o Grego, porém, colloca acima de tudo a supremacia e o culto do bello.

» Assim, os dous povos que por sua alta mentalidade prepararam para a humanidade a culminancia da civilisação, tiveram, sim, origens communs, mas seguiram caminhos diversos.

» Os Hellenos tivèram sobre os seus rivaes a vantagem da intelligencia mais comprehensiva e de um clarão mais luminoso: mas o sentimento profundo do universal no particular, a abnegação e o sacrificio pessoal, a crença severa e firme nos Deoses do paiz, esses são o patrimonio e a riqueza da nação italica. »

Assim, apezar de se haverem fundido em uma só a Mythologia Hellenica e a Religião dos Romanos, pela mesma indole e pelo papel historico tão diverso dos dous povos, operou-se a differenciação entre as Divindades Gregas e as Divindades Italicas.

Transferidos para o *Latium*, os Deoses do Olympo e todo o seu brilhante cortejo receberam nova denominação ; e seu culto, bem como as

concepções que lhes são relativas, vieram a variar consideravelmente.

FRANCISCO IGNACIO MARCONDES HOMEM DE MELLO. — *Mythologia.*

Elyseu Visconti.

Elyseu Visconti não está nesta numerosa classe de copistas mais ou menos habeis. A sua composição, em que ha clarões de originalidade, phosphorecencias de inspiração, obedece a um sabio conjuntamento de qualidades desenvolvidas a poder de perseverança e á força de um talento que nunca se deslumbrou com os faceis louvores da multidão.

Calmo e modestissimo, laborioso e absorvido por seu sonho — o luar fascinante do almejo realizado em que os superiores cravam o olhar febril toda sua obra, desde a primicial, té a de agora, respeita a uma orientação que, se apparentemente falha na unidade por ser variada, sobresae num relevo indelevel pelo que contém de sincero na emoção reverberada, de serio no trabalho harmonizador da composição e de firme no esforço para uma factura simples, exacta e perfeita. O que, ao principio, foi uma prova do excesso voluntivo, de dedicação ao estudo, terminou por ser um culto, o fanatismo dum possuido que ha de, naturalmente, levantar despeitos aos incapazes da vontade e excitar sarcasmos á maleabilidade dos fracos.

Tomarei, por desencargo de asserção, duas obras oppostas, ambas de grande merecimento

ambas resultantes d'emoções diversas: *Pedr'alvares Cabral guiado pela Providencia* e a *Dansa das Oreadas*.

Na primeira foi a concepção moderna, foram as indefinidas tendencias estheticas de um tempo agitado, anciante e indeterminado nas suas aspirações, que presidiram a creação do motivo e a sua execução. O artista comprehendeu que tratar de assumpto lavrado, já longamente debastado por grande numero de interpretadores, o obrigava a uma concepção original: synthetizou-o, pois, numa fórma allegorica. Ainda, por esse modo, seria preciso desviar-se das demasias dos *bellos effeitos* sem significação, dos recursos do chic que prejudicam a seriedade idealisadora, e limitou-se, exclusivamente, á allegoria, na sua verdadeira expressão. A figura eminente, Pedr'alvares Cabral, é representada, no seu typo tradicional e nas suas vestes da época, mas em o quanto do homem se fez necessario á glorificação — a sua cabeça, em que reside a intelligencia, e o seu peito, séde convencionada para os sentimentos affectivos, em que, nesse heroico mareante o amor da patria se reanimava a cada latejar do coração. Em seguida as cabeças do historiador Vaz de Caminha, do religioso frei Henrique e, num plano inferior, o do piloto da náo. Um anjo, semivelado nampla gaze luminosa, corpo envolvido pela luz annunciadora do Nascente, acompanha o navegador luzitano que governa o timão. Dos dedos desse Enviado recebe o aventureiro capitão a idéa inspiradora que o leva, pelo isolamento dos mares, a procurar paragem ignorada com desprezo da retorna veleira em busca da frota dispersa... E vai confiado no Destino,

e vai conduzido pelo estranho nunca dantes sulcado por naves d'Occidente, illuminado pelo *flammejante facho* da sorte benigna que o immortalizou na historia das navegações e das conquistas.

O artista concebeu o assumpto duma maneira original, abandonando formulas que a usança tornou indefectivas. E', conseguintemente, uma creação sua, originalmente sua, executada e pintada sem convenções, e onde a coherencia do trabalho compositor está revelada pela concatenação de todos os detalhes, desde a côr bonançosa da solidão oceanica 'té a meia vestidura flammante do Anjo, desde o tom claro, de manhã surgida, que envolve o quadro, 'té a revoada, em debuxo de visão, de pombos brancos que passam, pelo primeiro plano, numa fileira festiva de prenuncios de paz e de promessas, como a exegese dum symbolo.

Na *Dansa das Oreadas* o processo é diverso porque a emoção lhe veiu da poesia commovedora dum tempo extincto; elle a recebeu duma leitura, transportando-se a uma éra longinqua. Em *Pedr'alvares* foi o pensamento que originou a imagem, nas *Oreadas* foi a evocação que esboçou o assumpto.

GONZAGA DUQUE. — *Elyseu Visconti.*

A Lei da Razão no Theatro.

Ha um theatro contemporaneo, o francez, que possue alguma cousa de que o novo drama necessita, mas que ou por vicio inveterado ou por he-

rança em todos os theatros latinos, não poderá nunca attingir ás condições precisas de uma obra dramatica digna dos nossos tempos. Na Hespanha e na Italia D. José Echegaray e Giuseppe Giacosa têm ensaiado genialmente os processos psycho-naturalistas, á luz da rampa, mas infelizmente os seus dramas ainda não ultrapassaram os limites de seus territorios. Nas obras de Sardou, Dumas Filho, Augier, vê-se, não merece duvida, a palpitante vida actual em scena. Os successos com que Sardou enreda seus argumentos, são uma imitação exacta da fórma que os successos analogos seguem na realidade. Entretanto esta semelhança é sómente no superficial, a verdade destas ficções dramaticas não está senão na apparencia, e faltalhes ainda muito para que o interesse, que só póde gerar ante a contemplação da vida humana representada, se produza no publico, cançado já do primoroso jogo do palco, donde só se offerece ao espectador uma convencional travação de successos, que por artistica combinação de fingidas casualidades, produz em breve quadro uma acção representativa de muito mais vida e realidade do que a que lhe caberia naturalmente em tão estreitos limites de espaço e tempo, se tudo isso ultrapassasse o mundo real.

Se isto se nota em o theatro de Sardou, que, no consoante á verosimilhança do movimento, da pshychologia scenica, das fórmas de acção e, quiçá, o que mais se aproxima ás exigencias da realidade, que diremos dos demais autores que, dando uma importancia exclusiva ou predominante, aos distinctos elementos do drama, ora ao caracter, ora á licção moral, ora á these philoso-

phica ou juridica, pouco se esmeram no inventar a trama de sua fantasia, e ainda menos em dar-lhe a vida, a fórma dramatica? Alex. Dumas Filho, por exemplo, é hoje o grande mestre de quantos entendem que o theatro póde ser escola de philosophias transcendentes, palanque democratico, como o A'gora ou o Forum, de questões de direito civil como o divorcio, e economia politica como as theorias socialistas. Para o illustre descendente do romancista das *Memorias de um medico*, o argumento é um méro pretexto para a these que se propõe discutir. Qualquer occasião, qualquer hora, qualquer logar é-lhe sufficiente para pôr os seus personagens em movimento, discorrendo larga e proficientemente sobre o assumpto da dissertação. Dumas Filho estuda a sociedade por todos os seus representantes; crianças, velhos, mendigos, mulheres, comicos e banqueiros, fidalgos e burguezes, todos têm, nos seus dramas, o que dizer da sociedade. E se elle usa dessa *maniére* é porque esta fórma de concepção constitue a sua originalidade, a sua faculdade *maitresse*, a sua esthetica e não como um méro recurso para « produzir effeito e dourar a pillula que o publico ha de engulir calado, sem tugir nem mugir », conforme dissera E. Zola em seu livro *Nos auteurs dramatiques*.

Achamos demasiado forte esta censura do constructor dos *Rougon Macquart*, porquanto apezar dos trabalhos de Dumas Filho serem menos *reaes* que os de Sardou e de Escribe, visto que nelles o convencional entra por demais em scena, comtudo o artificio da acção é mais transparente. E tudo isso faz com que, ante obras de tal genero, o pu

blico se acredite em frente de um mundo que não é o seu, que tem leis especiaes de tempo, espaço e combinação de successos, leis que é preciso conhecer de antemão, para não se pasmar diante de taes prodigios imaginativos e de personagens ficticios, puramente ideaes.

Emilio Augier, menos brilhante que Dumas Filho, menos habil que Sardou para imitar estes na movimentação e *localisação* da scena com a naturalidade que os distingue, é-lhes sem embargo superior como autor dramatico de seu tempo, visto que é mais humano e menos fantasista. Seus trabalhos hão conquistado em toda a linha applausos unanimes, visto que satisfazem ás exigencias desse publico de ha muito cançado do convencionalismo. Póde-se mesmo dizer que seu theatro é, em conjuncto, melhor, emquanto tendencia a cumprir essa revolução necessaria nos palcos, se estes conservarem o direito de attrahir a attenção do publico. E' que no theatro de Augier existem, tal como são, as paixões e todos os vicios e erros de logica. Nos seus dramas mesclam-se virtude e vicio, força e debilidade, em fim pintam-se ao vivo, os homens em sua natural construcção de carne, nervo e osso...

ADHERBAL DE CARVALHO. — *Esboços litterarios.*

A Poesia e o seu futuro.

Espiritos arrogantes prenunciam como uma das missões do seculo actual a morte da poesia.

Ha n'alma humana, dizem algures, duas facul-

dades dominantes — a imaginação e o raciocinio ; e, como faculdades antagonicas, á medida que uma cresce e se desenvolve, a outra recua e dilue-se. « Si assim succede, como ensina a psychologia, si o raciocinio, á medida que se desenvolve atrophia a imaginação, e, si a poesia é filha dilecta da imaginação, é consequencia logica que os progressos da sciencia restringem o campo do idéal, diminuem-lhe a esphera de acção. »... « A morte da poesia é, por consequencia, uma questão de tempo, e, si hoje ainda ha raros poetas, é por causa desta lei da natureza que faz um orgão sobreviver por algum tempo á funcção a que serviu. »

Eis em palavras repassadas de arrogancia e requintado pessimismo uma prophecia que, si se realisasse, teriamos nós, habitantes deste planeta, de levar uma existencia toda engolphada no torvelinho das paixões, dos odios e soffrimentos, privados das consolações basalmicas do amor, sem que ao menos nos abrigasse o manto sacro dos sentimentos generosos.

A vida encerrar-se-ia entre os sentimentos de uma animalidade bestial e as asperezas das especulações scientificas.

Aquelles que, porém, tão negro futuro auguram á poesia, deixam vêr ao mais leve golpe de observação a inconsistencia de suas affirmações, pela ausencia absoluta de bases scientificas. Effectivamente, a primeira vista parece que realmente ha no fundo dessa argumentação alguma cousa de verdadeiro, alguma cousa de firme e acceitavel. E, de facto, si n'alma humana só existem as duas faculdades alludidas ; si a intelligencia se

desenvolvendo atrophia a imaginação, somos levados a suppôr, e sem receio de contestação, que, na hypothese daquella apresentar um quasi perfeito gráo de desenvolvimento, a imaginação attingirá ao estado de um quasi desapparecimento. Dessa supposição não sahiremos cerceados pela força da logica. Ella ahi nos prende, forçanos a admittir semelhante absurdo, si não buscarmos a refutação disso no terreno claro, no campo vasto e verdadeiro da sciencia.

Levados por uma falsa concepção e illudidos pelas doutrinas metaphysico-psychologicas, é que elles proclamam com segurança o desapparecimento da poesia, firmando-se no predominio das funcções intellectuaes sobre as faculdades affectivas.

Quando no dominio das sciencias biologicas se formulou a theoria da natureza moral e intellectual do homem, vindo a anatomia mostrar, mediante processos experimentaes, que o cerebro não é um todo indivisivel, séde unica das manifestações intellectuaes, ficando positivamente estabelecido que a massa encephalica não passa de uma reunião de orgãos diversos, ou de um apparelho excito-motor, ficando igualmente determinadas a natureza e disposição dos seus elementos constitutivos; quando ainda a physiologia mencionou as respectivas funcções dos differentes orgãos cellulares, diluiram-se as doutrinas até então em voga da psychologia metaphysica, nova orientação tomaram as sciencias que directamente se occupam da natureza humana, deixando de ser licita a supposição de que haja predominio da intelligencia sobre o sentimento.

O espirito, escreve um philosopho, tornou-se o assumpto quasi exclusivo de suas especulações, e as diversas faculdades affectivas foram por isso, ou inteiramente abandonadas, ou então subordinadas á intelligencia, quando uma tal concepção representa precisamente o inverso da realidade não só em relação aos animaes, como tambem em relação ao homem; porquanto, a experiencia quotidiana nos mostra da maneira a mais inequivoca que as affeições, as inclinações, as paixões constituem os principaes moveis da vida humana; e longe de resultar da intelligencia, seu impulso espontaneo e independente é, ao contrario, indispensavel ao primeiro despertar e ao desenvolvimento continuo das diversas faculdades intellectuaes, apontando-lhes um fio permanente, sem o qual da indecisão necessaria de sua direcção geral, ellas permaneceriam essencialmente adormecidas na maior parte dos homens.

Si não é licito suppôr pelas investigações anatomo-physiologicas que não se dá na natureza humana o predominio das forças da intelligencia sobre as do sentimento, tambem não será permittido dizer que, consoante um maior ou menor gráo de cultura, o raciocinio prepondera sobre a imaginação, nem tambem será licito admittir a confusão do sentimento com a idéa, porque o sentimento é a genese unica das idéas, ao passo que estas são um resultado daquelle — *Pensa-se porque se sente*, já o affirmou alguem. Correspondendo á sciencia a primeira destas faculdades e a imaginação á arte, que outra cousa não traduz sinão as effusões do sentimento em face das cousas da vida em geral, é claro o erro daquelles que dão esta

como deixando evolar de si os ultimos alentos de vida.

Além de tudo, a despeito mesmo dos dados fornecidos pelas sciencias biologicas, que indirectamente associam a poesia á natureza do homem, numa das suas multiplas manifestações de sentimentos, a arte contém uma certa categoria de phenomenos culturaes, independentes de outra qualquer ordem de factos da actividade humana. Acontece assim que jamais poderá ser ella confundida por outra qualquer especie de conhecimentos, quer se chame religião ou sciencia, moral ou direito. Cada qual apresenta um ponto de partida differente, um fim diverso, evoluindo por phases perfeitamente distinctas.

Ainda mais. Si a poesia tende a eliminar-se pela maior cultura do raciocinio, e si essa proposição tem a força indestructivel das affirmações scientificas, somos levados a acreditar que jamais existiram espiritos que reunissem aquellas duas qualidades, suppostas incompativeis, isto é, de serem ao mesmo tempo poetas e scientistas. Ser artista traz a eliminação de outro qualquer attributo. O poeta não póde ser philosopho, não póde ser homem de sciencia, porque o que predomina em si é a imaginação, cuja existencia importa numa diminuição proporcional do raciocinio.

Semelhante opinião é da ordem das que basta enunciar para refutar, sem ser mister relembrar nomes de eminentes artistas que ao mesmo tempo que crystalisaram em obras immortaes as suas producções, formulavam leis da mais rigorosa precição scientifica. Não se encontra um só traço que denuncie a insociação dos sentimentos com os

pensamentos. O artista possuidor da mais poderosa imaginação póde pensar, do mesmo modo que o scientista pensando póde imaginar. E é justamente o concurso ou, melhor direi, a equivalencia dessas duas ordens de factos psychicos, que têm produzido essas obras primas que se hão immortalisado na memoria da historia, como monumentos impereciveis. Emquanto na alma humana pulsarem as effusões do sentimento em presença da realidade dos factos e das cousas ou numa suave idealisação, a arte ha de viver. E a sua vida alenta a poesia que, como retractação sublime da imaginação, tendo na dextra a fagulha do amor, cantará eternamente as effusões do coração.

LAUDELINO FREIRE. — *Escriptos diversos.*

Da perpetuidade na arte.

A estatua desapparece diante do monumento, e a figura perde-se nas allegorias referentes ao facto ou factos sociaes que se tem em vista commemorar. Si é esta realmente a directriz do novo rumo que toma a arte, unico que póde salval-a da reproducção sem vida da esculptura antiga, bem triste figura faria em cima do seu pedestal aquelle conselheiro Pacheco de que nos fala Fradique Mendes, mettido na sua hedionda sobrecasaca, e sem um acto qualquer, além dos seus apoiados, que mereça as honras de uma allegoria.

Todas estas considerações mostram claramente como devemos ser reservados quando se trata de

immortalizar pelo bronze a memoria dos homens illustres, sem que nos deixemos levar por enthusiasmos de momento, sem que nos impressionemos por sympathias meramente pessoaes. Para podermos com segurança elevar uma estatua a um homem illustre é preciso affirmarmos que a sua gloria ultrapassará os lindes da actualidade, e que elle será conhecido dos vindouros mesmo sem a estatua. Quem de nós tomará tão grave responsabilidade?

Até agora todas as nossas estatuas representam homens verdadeiramente illustres, e cuja vida correspondeu a factos sociaes de repercussão no futuro. Emquanto é tempo, é preciso què os poderes competentes intervenham no caso para que se não quebre tão sadia tradição. E já que não temos lei alguma sobre o assumpto, conviria estabelecer um praso, 15 annos por exemplo, depois da morte, afim de se poderem levantar estatuas. Assim se deixará tempo ao amadurecimento da idéa, ter-se-á o recúo necessario para decidir si o personagem merecia ou não a gloria, e estabelecendo uma média commum a todos se evitará ferir susceptibilidades... posthumas.

Para comprehender, em materia de monumentos, o quanto é arriscado fazer as coisas de affogadilho, basta lembrar que apenas ha sete annos lançou-se no largo da Lapa a primeira pedra da estatua de Monroe, a qual felizmente não passou disso. Os jacobinos de então lêm hoje com avidez a 2ª edicção da *Illusão Americana*, do saudoso Eduardo Prado, cuja primeira tiragem era naquelle tempo sequestrada pela policia.

E demais as estatuas são sempre promovidas

por commissões particulares, que, si até agora tem sido bem escolhidas como provam os resultados obtidos, bem podem para o futuro não o ser. Em uma terra onde o gosto artistico é tão variavel, que tem chegado a *acafelar* de branco, fingindo marmore, estatuas de marmore e a substituir pelas figuras actuaes as aguias do Palacio do Cattete, é muito possivel que tenhamos algum dia de ver nas nossas praças algum disforme aleijão.

Não que eu nutra a superstição do gosto artistico official, pois basta conversar com qualquer dos nossos artistas para saber quanto elle vale. Mas em todo o caso uma commissão só tem que dar satisfação aos seus subscriptores, ao passo que a municipalidade, intervindo directamente no assumpto, com a permissão, com a fiscalização, e principalmente com a limitação do praso, sem offender de modo algum a iniciativa particular, assume maior responsabilidade perante a opinião publica, e ao menos acoberta a geração actual do severo juizo da posteridade.

Souza Bandeira. — *Correio da Manhã.*

Noções historicas da lingua.

As linguas, no sentir do illustrado Sr. Theophilo Braga, são os orgaõs da independencia dos povos, porquanto formam os reservatorios em que se depositam as tradições de um povo ou raça.

A historia de uma lingua é, por assim dizer, a historia do povo a que essa lingua serve instru-

mento para a expressão immediata e consciente do pensamento.

« Assim explicar o problema da formação das linguas romanas é, segundo o Sr. Theophilo Braga, explicar conjuctamente o genio das raças que transparecem em cada litteratura. »

A historia da lingua portugueza é a historia das suas transformações e vicissitudes, necessarias ao seu desenvolvimento organico, provocado por phenomenos e causas mesologicas, postas em acção por elementos puramente ethnicos e de ordem social.

A solução do problema historico da lingua portugueza e das linguas congeneres occupou amplamente a attenção dos sabios antigos, sempre desvairados por falsas concepções relativas á evolução da lingua, por quanto não se fundavam sobre factos internos e organicos e não pediam á historia os esclarecimentos necessarios.

O cardeal Saraiva, Antonio Ribeiro dos Santos e outros por extenso tempo attribuiram ao celtico a origem e filiação directa da lingua.

Alexandre Herculano, Soromenho e muitos outros auctores, posto que não elucidassem satisfactoriamente a formação historica da lingua, combateram a erronea hypothese de que o portuguez se tivesse derivado do celtico.

Segundo os dados que nos fornece a archeologia prehistorica, a hypothese do celticismo parece confirmada, por quanto muitos seculos antes da vulgarização do latino com a conquista romana, raças de origem celtica se haviam já estabelecido na peninsula iberica.

Os Celtas foram, pois, os habitantes primitivos

da peninsula, povos sobre cuja origem, diz o Sr. Theophilo Braga, se têm tecido as mais phantasticas theorias para explicar o seu apparecimento.

Ha certos nomes de logares, pertencentes á peninsula que, segundo as analyses glottologicas, são de origem celtica, prova directa de que os Celtas occuparam essas regiões, segundo nos diz a archeologia.

Os Celtas eram povos que, pelas correntes de migrações indogermanicas, se haviam estabelecido na Europa occidental nas regiões sitas entre o Rheno, o Mediterraneo, os Pyreneos e os Alpes.

Antes das tribus celticas occuparem o territorio peninsular, suppõe-se que parte do territorio já se achava occupada por um povo, sobre cuja origem a archeologia não conseguiu ainda lançar luzes positivas.

Esses povos eram os Iberos que segundo attestam muitos historiadores e archeologos, eram os mesmos Celtas estabelecidos, em epochas prehistoricas, a quem do Ebro.

Os Celtas não conheciam legislação propriamente dita, sobre que se constituissem as bases da nacionalidade e os direitos de cidadão ; accommodavam-se, segundo attestam historiadores authenticos, a todas as condições do meio e receberam por isso facilmente as invasões de outras tribus, attrahidas pelas riquezas do solo iberico.

Os Phenicios, dados naturalmente á navegação e dotados de instinctos bellicosos, foram os primeiros a invadir a peninsula onde contrahiram relações directas com os naturaes e conseguiram fundar as cidades de *Cordova*, *Malaga* e *Gades*.

Mais tarde arruinarem-se ; decahiram as colo-

nias phenicias e, constantemente perseguidas pelos incolas, invocaram o socorro dos Chartaginezes que, sob o pretexto de auxilial-as, lançaram mão da opportunidade; vieram explorar a peninsula e estabelecendo-se nas proximidades do Ebro, travaram luctas continuadas com os indigenas.

Segundo a maior parte dos historiadores, em epochas posteriores ao estabelecimento das colonias phenicias, estabeleceram-se na peninsula iberica povos de origem libyca ou berberica cujos vestigios se attestam nos nomes de povos terminados pelo suffixo *tane*, como — Lusitanos, Mauritanos Turdetanos.

Esses suffixos caracterizam nomes de povos e, segundo as investigações de eruditos philologos, representam o suffixo *tah* dos dialectos berbericos ou libycos, transmittidos aos povos habitantes da peninsula.

Tractando das raças que se estabel[illegible]am em tempos anteriores á romanização ou latinização dos povos da Iberia, não devemos omittir as raças helenicas ou gregas que, segundo Herodoto, fundaram na peninsula as colonias de *Sagunto*, *Rhoda*, *Emporia* e outras.

Adolpho Coelho, baseando-se sobre a auctoridade de Herodoto e de outros historiadores antigos, diz:

« Os chronologos vacillam entre 700 e 900 annos antes da era christã na determinação da epocha em que os phoceos, os descobridores gregos da Iberia, fizeram a sua viagem de explo ração. »

As colonias gregas, cujo commercio com os ha-

bitantes da Hespanha se interrompeu com a viagem dos phoceos, até a dos jonios, 644 antes de Christo, traziam os poderosos elementos de civilização; transmitiram aos naturaes o alphabeto phenicio graphicamente modificado nessa mesma epocha historica, alphabeto cuja origem primitiva data das inscripções cuneiformes do Egypto.

Depois dos Chartaginezes, as colonias gregas, os Libyos e outros povos estabelecidos na peninsula, vieram os Romanos que, conquistando o territorio, o dividiram em duas provincias distinctas: uma situada ao sudoeste denominada Lusitania; outra ao Oriente, denominada Tarragonense.

O estabelecimento definitivo do dominio romano data do anno 211, epocha em que Publio Scipião viera reconquistar o terreno, anteriormente perdido por seu irmão Gneu Scipião, em combate contra as tropas de Annibal que se havia apoderado da cidade de Sagunto.

Assenhoreados da peninsula, os Romanos se viram forçados a obrigar os Chartaginezes a não transporem o Ebro e luctaram por algum tempo contra a acção dos naturaes e de algumas raças que se estabeleceram na peninsula, attrahidas pelas riquezas do solo e as vantagens do commercio.

Vencidos esses povos, os Romanos permaneceram em paz até a invasão dos Barbaros e a queda definitiva do Imperio romano.

Graças ao dominio romano, tornou-se o latim a lingua dos povos estabelecidos na peninsula onde ao lado do latim, se notavam tres dialectos dominantes — o *celtibero*, o *turdetano* e o *bastulo*, falados pelas raças anteriores á conquista romana.

O latim estendeu-se, pois, por toda a peninsula, por quanto era a lingua das altas classes sociaes, e nelle estavam redigidas as leis, os contractos, as relações politicas e alem disso era a lingua da Egreja, de sorte que constituia uma distincção para aquelles que a falavam.

« Tendo-se tornado a lingua da Egreja, perpetuou-se o latim através dá edade media e se constituiu a lingua da liturgia romana. »

Deste modo, pois, os naturaes se familiarizaram com a lingua e a litteratura latina e operou-se a romanização ou latinização dos povos peninsulares.

Quintiliano, Cicero e outros escriptores da epocha classica achavam numerosas faltas por provincianismos no latim de certos escriptores da peninsula, aliás instruidos, como Lucano, Porcio Latro, Marcial, Seneca e outros.

Enfraquecidos os laços politicos, decahidos os Romanos do seu dominio e grandeza por erros politicos, não tardou operar-se a queda do Imperio Romano, a invasão dos Barbaros, dos Alanos, dos Vandalos e Suevos que dividiram conjunctamente o paiz entre si.

Estes povos não dominaram porém por muito tempo por causa das dissensões politicas e das guerras continuadas travadas directamente com os Visigodos.

Estes transpuzeram os montes Pyreneos; expulsaram os Vandalos para Africa; aniquilaram a maior parte dos Alanos que, vendo-se inteiramente perseguidos e destruidos, se alliaram com os Suevos.

Estes não duraram muito, porque sustentaram

guerras renhidas tanto com os propios Visigodos como com as forças romanas existentes na peninsula.

Os Barbaros, pois, depois de repetidas luctas, assenhorearam-se do dominio romano e no anno de 476 Odoacro subiu ao throno de Roma e assim se estabeleceu a dynastica visigotia.

Impellidos pela indeclinavel necessidade de se communicar com as populações romanas conquistadas e submissas ao seu jugo e regimem politico, os Barbaros adoptaram a lingua latina, posto que esta fosse a dos povos conquistados.

Na conquista de um povo sobre outro, os vencidos são obrigados a adoptar a lingua dos vencedores; mas causas de ordem sociologica levaram os Barbaros a adoptarem a lingua dos vencidos.

« As causas deste phenomeno estão sobretudo 1) em que a população romana era em maior numero que a barbara; 2) em que o latim era a lingua da Egreja e da lei; 3) em que os Romanos eram superiores pela cultura aos Barbaros, apezar da decadencia d'aquelles e que se julgavam taes. »

Deste modo se tornou o latim a lingua geral e os dialectos barbaros regionaes, posto continuassem a ser falados, não exerceram influencia directa sobre o latim cujo emprego se estendia a todos as necessidades sociaes.

As classes ou hordas barbaras conservaram por algum tempo a sua lingua, necessaria ao exercicio do arianismo, á invocação dos seus mythos odinicos e das divindades que lhes povoavam os templos.

Dahi se conclue que, posto aos Barbaros desconhecida não fosse a lingua latina, ainda não se havia operado a fusão definitiva dos dous povos, por isso que a lingua germanica era ainda o vehiculo das tradicões religiosas, isto é, era a lingua da liturgia germanica.

Mais tarde, porém, os progressos realizados pelo christianismo e seus triumphos sobre a religião aryana predispuzeram o rei Recaredo a abraçar a religião christã e comsigo numerosos Barbaros seus vassallos.

Este facto historico, de ordem puramente philologica, pois assignala o periodo do triompho definitivo do latim sobre os dialectos germanicos, se deu no anno de 586 da era christã.

Aos Barbaros succederam os Arabes quc em 711 foram por Julião, conde bysantino, introduzidos na Hespanha, onde se estabeleceram com tanta facilidade que, passados tres annos, o seu dominio e ascendencia politica e governamental eram reconhecidos pelos povos da peninsula.

A maior parte dos christãos, que se misturaram socialmente com as tribus arabes, tomavam-lhes os costumes, as instituições e se tornaram, por assim dizer, arabes sociologicamente falando, tanto que por esse facto se chamavam *mosarabes*.

A lingua latina desta vez triumphou sobre os dialectos dos Arabes, por que estes permittiam aos povos conquistados a instituição de suas leis, usos, costumes, e mais do que tudo o *uso da lingua latina*.

A lingua arabica, pois, não poude exercer ascendente sobre o latim, por quanto este continuava a ser falado pelos povos conquistados e

alem disso os Arabes eram inteiramente irreconciliaveis com as instituições, os costumes e linguas dos christãos, seus tributarios.

Este facto social está em relação com o caracter e genero de vida, inteiramente patriarchal, de que gozavam os Arabes, não se relacionando intimamente com outros generos de povos.

Alem disso, differenças profundas separavam os dialectos arabicos dos dialectos latinos, de sorte que a fusão dos dous povos se tornava um facto de realização difficil.

Assim pois o latim popular se estendeu de mais a mais e acabou por abafar os dialectos barbaros.

Durante o dominio dos Germanos e dos Arabes, o latim litterario já havia desapparecido ; apenas o latim popular poude resistir a todos esses acontecimentos.

Do latim barbaro, pois, organicamente modificado, se originou a lingua portugueza que, sob sua fórma escripta, data do seculo XII, periodo em que se mostram os primeiros documentos.

A lingua portugueza começou a se constituir no seculo XII e terminou a sua evolução nos fins do seculo XIV.

Nesta epocha, periodo historico de gestação da lingua, se mostram os mais notaveis phenomenos gothicos, dignos de observação e analyse, segundo os processos fundamentaes da chresthomatia historica.

Os mais antigos documentos desta epocha são uma *notiça particular* attribuida ao reinado de D. Sancho I e uma *noticia de partilhas* do anno 1192, o livro dos *testamentos* de Lorvão, o Livro *Guimarães*, o de *Mumadona*, o livro

Preto de *Coimbra* e muitos outros documentos.

Nesta epocha a lingua offerecia relações analogicas com a hespanhola e comprehendia a Galliza, como testemunha Nunes de Leão na *Origem* da Lingua portugueza.

Assim o desenvolvimento historico da lingua se póde mais ou menos estudar e analysar circumstanciadamente, tomando-se por base as transformações mais importantes e os phenomenos mais geraes que, lavrando organicamente sobre um systema de fórmas de egual estructura, communicam á lingua em um periodo dado um caracter inteiramente novo e differente.

Destas transformações « serve-se a glottica para caracterizar os differentes periodos do desenvolvimento de uma lingua ».

A evolução historica de uma lingua é um phenomeno glottico que se não póde apreciar e elucidar sinão analysando e comparando as diversas fórmas vocabulares dos documentos que, expostos chronologicamente segundo as condições historicas, determinadas pela philologia, nos revelam as elaborações organicas das fórmas lexicas por leis phoneticas puramente fataes e exteriores.

Assim pois a analyse historica dos documentos desde o seculo XII até os fins do seculo XIV nos registra os factos glotticos mais importantes sobre que se basea a historia da lingua portugueza, segundo as phases 'organicas do seu desenvolvimento natural.

Muitos factos glotticos se poderiam invocar para caracterizar o primeiro periodo da lingua e apreciar-lhe o estado anterior á disciplina

grammatical, nascida da observação dos classicos.

Assim o primeiro periodo é meramente vacillante, porquanto se notam incertezas e indecisões tanto lexicas como syntacticas.

Os fins do seculo xv e todo o seculo xvi assignalam a epocha da florescencia historica da lingua que, tendo-se subordinado aos moldes e ás condições do classicismo, reconstituo-se aos typos latinos tanto nas fórmas vocabulares como na syntaxe.

Antes do seculo xv a disciplina grammatical não se achava constituida, por isso que primeiro se manifesta com Fernão de Oliveira que no anno 1536 publicou a sua primeira grammatica em que manifestou consideravel erudição na materia.

Depois de Fernão de Oliveira, quatro annos depois, em 1540 João de Barros dá á publicidade a segunda grammatica portugueza, obra inferior á de Fernão de Oliveira segundo razões criteriosas adduzidas por Theophilo Braga.

Mais tarde em 1606 appareceu a *Origem da lingua portugueza*, publicada por Duarte Nunes de Leão, obra que, na respeitada opinião de Adolpho Coelho é superior a muitos trabalhos que se têm escripto até a introducção do methodo scientifico, iniciado em Allemanha, segundo os trabalhos de Frederico Diez.

São estes, pois, os tres trabalhos por que começou a disciplina grammatical da lingua portugueza que, por assim dizer, não possuia litteratura, porquanto as producções se escreviam em hespanhol ou latim.

Assim o phenomeno das fórmas [populare

elaboradas pela lingua, introduziram as fórmas latinas correspondentes, soffrendo apenas ligeiras modificações phoneticas segundo as leis prosodicas da lingua.

O seculo XVI é, pois, a epocha das grandes individualidades classicas em cujo numero excede Camões que tendo publicado os *Lusiadas*, mostrou que a lingua portugueza se prestava ás mais delicadas concepções.

Depois de Camões, Gil Vicente e outros escriptores, appareceram muitos outros cujo nome necessario não é mencionar, por isso que teriamos de avolumar o nosso trabalho com materia que mais diz respeito á litteratura.

« Assim o seculo XVI é o periodo da maior actividade da lingua e da litteratura ; a lingua fixa-se por meio da constituição das suas leis grammaticaes. »

O seculo XVI assignala, pois, o periodo classico da lingua que, achando-se já constituida por diversas influencias, goza então da mais extensa litteratura, pois abraça o maior numero de producções litterarias de fundo classico.

Alem dos dous grandes periodos historicos relativos ao desenvolvimento organico da lingua, a historia desta, segundo a auctoridade de Adolpho Coelho, se póde dividir em dous periodos distinctos : — o periodo de *syncretismo* e o periodo de *disciplina grammatical*.

Segundo as doutrinas criteriosamente sustentadas por Adolpho Coelho e outros philologos, o periodo de syncretismo se caracteriza pelo emprego concurrente de duas ou mais construcções que, posto que sejam semanticamente similares,

se differenciam organica e estructuralmente.

Assim ao lado das fórmas lexicas — *fructo*, *piedade*, *soes*, *cypreste*, *enteado*, *lanterna*, *deão* e outras, occorriam as fórmas *fruto*, *piadade*, *sodes*, *acypreste*, *anteado*, *alanterna*, *adayão*, fórmas concurrentes ás vezes no mesmo escriptor ou em diversos escriptores.

Factos mais ou menos equivalentes devidos á acção do syncretismo se manifestam na syntaxe, porquanto occorrem dous ou mais typos syntacticos que, posto que sejam d'egual funcção logica e significativa, se acham differenciados organica e estructuralmente.

A lingua portugueza se formou definitivamente no seculo XVI, depois de haver passado por numerosas vicissitudes, devidas á influencia de diversas ordens.

MAXIMINO MACIEL. — *Philologia Portugueza.*

FIM

INDICE

PREFACIO I

QUADROS E DESCRIPÇÕES

A festa de N. S. dos Remedios 1
O pampa 5
A derrubada 9
Inundação 15
Visita de Escobar . . . 20
Um typo nacional . . . 23
O delirio 25
Partidas de ciganos . . 33
Um jornalista 40
Matthosinos 41
A chicara de café . . . 42
A rua do Ouvidor . . . 44
Exames de preparatorios 47
O Gaúcho 49
A doente 54
O Centenario 57
A vida catharinense . . 59
A tempestade 60
Mãe tapuia 65
A farinhada 69
Sobre as ondas 72
Embarque de recrutas . 73
Maria Sem Tempo . . . 76
O tisico 78
O furto de diamantes . 82
Superstições caipiras . 86
Ah! como é triste a velhice 91
S. João do Ouro Fino . 93
A primeira communhão 97
O pantano 98
O que elles disseram . . 102
Vendida 108
A Velha Bahia 115
O Mascara 120
Descripção e sorpreza . 125

NARRAÇÕES

O pacto 133
O Vidigal 135
A dansa dos ossos . . 140
Velhos sem dono . . . 145
Em palestra 149
Attracção do mundo . . 151
A vindicta 153
Cabeça e coração . . . 155
O Zambi 157
O assassino 159
Aquelle mulatinho . . 161
Um noivo 164
O Brazil 166
As mãos . . . . . 1[illegible]

QUESTÕES SOCIAES E CARACTERES

Administração e riqueza. 177
Thomas Carlyle . . . 180
A nossa Constituição.. 184
Tobias Barreto 186
O jornalismo brazileiro 188
Fr. Camillo de Monteserrate. 192
Moniz Barreto 195
Laurindo Rabello. . . 197
Sobre o ensino obrigatorio 199
Os Salesianos. 200
Saldanha Marinho . . 202
Crise politica. 205
O pessimismo nas escolas.. 208
A autocracia de Rosas. 210
Unidade da Magistratura. 211
A festa do trabalho. . 214
Diversidades dos municipios 218
Fallecimento de Canning. — Sua individualidade.. 219
A questão territorial.. 222
Logar da politica no quadro da sciencia social. 226
O nosso americanismo 230

HISTORIA PATRIA

Descobrimento do Brasil. 235
Degradados-colonos. . 237
A Independencia . . . 239
Progresso de Coritiba. 241
A execução de Tiradentes.. 243
A hora no Rio de Janeiro.. 244
Modalidades de littoral.. 248
O evolucionismo historico 250
O mais antigo livreiro. 251
A debandada. 253
O padre Roma 256
A freguezia do Engenho Novo 263
Consequencias do 7 de Abril.. 264
Fortificações em Paranaguá. 269
Primeiros povoadores. 272
Fundação da cidade do Rio de Janeiro. . . . 273
D. João VI e seu Governo. 276
Beneficios da guerra hollandeza. 278
O padre Antonio Vieira e a escravidão dos indios. 280
Uma noite historica. . 282

DRAMAS E COMEDIAS

O Juiz de paz da Roça (comedia) 293
Luxo e vaidade (drama) 299
Mãe (drama) 306
A Torre em concurso (comedia). 311
D. Juan ou a prole dos Saturnos (drama) . 316
Como se fazia um deputado (comedia) . . 318

ELOQUENCIA PARLAMENTAR E ACADEMICA

Ao gabinete de 5 de Janeiro . . . .
Psychologia do jogo. . ...
Sobre a questão financeira. . . . .
A Mendicidade . . . .
Sobre a evolução histologica. 345
Discurso 350
Sobre unidade litteraria. 355
O amor da patria. . . 356
Idéa do Direito. . . . 358

PHILOSOPHIA

Os systemas em philosophia . . . .
A psychologia como sciencia de observação. . . . .
Trecho de psychologia das plantas. . . . .
O evolucionismo e o positivismo. . . . .
O espirito novo em philosophia. 379
Caracter geral da philosophia. 382
A sciencia e a arte . . 384
O que é o caracter . . 389
A historia 390
A apreciação positiva da familia 392
O direito e a moral. . 39[illegible]

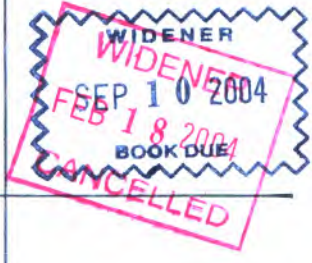
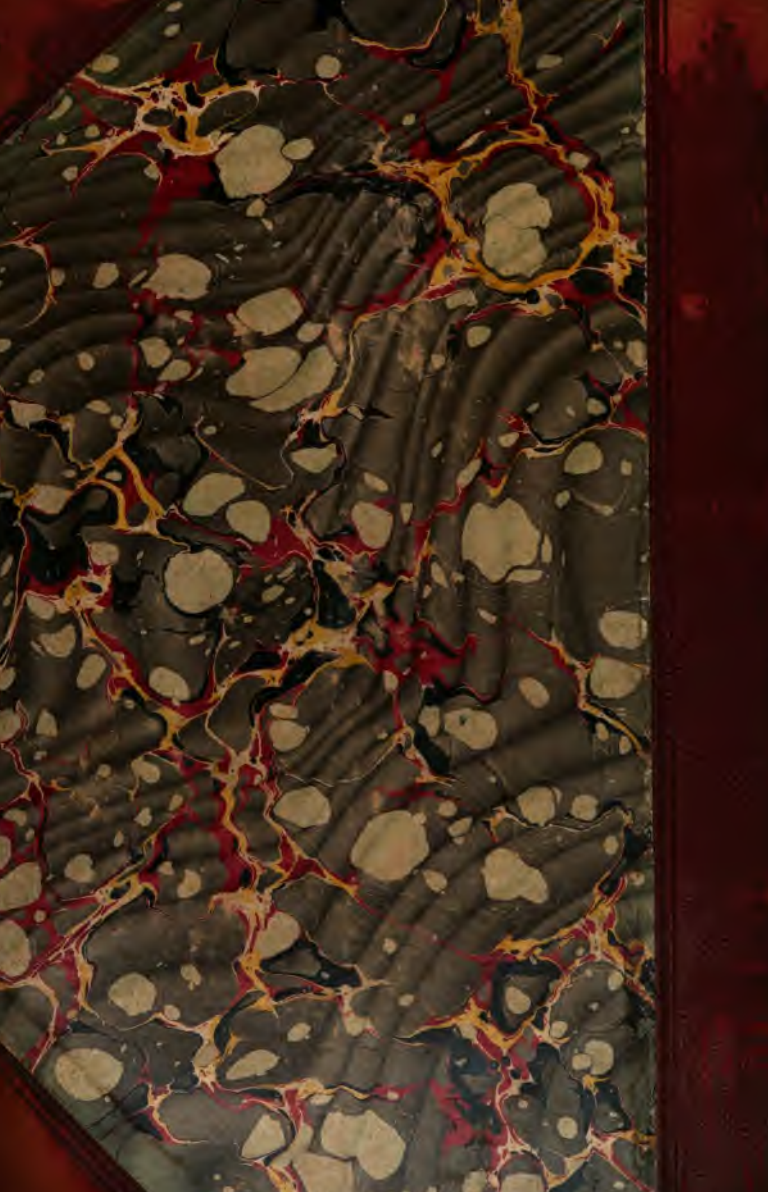
CRITICA LITTERARIA E ARTISTICA

Artistas do passado. . 400
A vida nacional nas comedias de Martins Penna. 404
Os decadentes 408
Alberto de Oliveira . . 410
Tres poemas symphonicos. 413
Os nossos prosadores . 414
O indianismo de Machado de Assis. . . 416
Poesia e sciencia . . . 418
A questão da murça. . 422
Moniz Barreto e Bocage 425
Phase romantica . . . 428
O futuro da poesia . . 434
Nevrose e poesia . . . 435
O mestre Valentim . . 436
Parallelo da mythologia hellenica e da religião dos romanos . 439
Elyseu Visconti. . . . 441
A lei da Razão no Theatro. 443
A poesia e o seu futuro. 446
Da perpetuidade na arte 451
Noções historicas da lingua. 453

The borrower must return this item on or before the last date stamped below. If another user places a recall for this item, the borrower will be notified of the need for an earlier return.

Non-receipt of overdue notices does ***not*** *exempt the borrower from overdue fines.*

Harvard College Widener Library
Cambridge, MA 02138 617-495-2413



Please handle with care.
Thank you for helping to preserve library collections at Harvard.